

KARIN SLAUGHTER

SABES
QUEM
É?

HarperCollins
Thriller



KARIN SLAUGHTER

SABES
QUEM
É?

Créditos

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.

Núñez de Balboa, 56

28001 Madrid

Sabes quem é?

Título original: Pieces of Her

© 2018, Karin Slaughter

© 2018, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.

Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Tradutor: Ana Filipa Velosa

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: CalderonStudio

Imagem da capa: Shutterstock

1ª edição: Outubro 2018

ISBN: 978-84-9139-286-6

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Dedicatòria](#)

[Cita](#)

[Prólogo](#)

[20 de agosto de 2018](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[26 de julho de 1986](#)

[Capítulo 7](#)

[21 de agosto de 2018](#)

[Capítulo 8](#)

[31 de julho de 1986 \(cinco dias após o tiroteio de Oslo\)](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[23 de agosto de 2018](#)

[Capítulo 11](#)

[31 de julho de 1986](#)

[Capítulo 12](#)

[26 de agosto de 2018](#)

[Capítulo 13](#)

[2 de agosto de 1986](#)

[Capítulo 14](#)

[26 de agosto de 2018](#)

[Capítulo 15](#)

[Um mês depois](#)

[Epílogo](#)

Agradecimentos

Para os meus amigos do GPP

*Não sou Ninguém! Quem és tu?
Não és Ninguém — Tu também?
Então já somos um par!
Nada digas! Podem espalhar!*

*Mas que horror ser Alguém!
Uma Rã que o dia todo —
Coaxa em público o seu nome
Para quem mais a admira: o Lodo.*

Emily Dickinson

Prólogo

Durantes anos a fio, mesmo quando ainda o amava, parte dela odiava-o da forma infantil em que se odeia o que é impossível de controlar. Ele era teimoso, estúpido, e bonito, o que o escudava da carrada de erros que cometia continuamente — repetidamente os mesmos velhos erros; para quê tentar novos quando os velhos lhe serviam às mil maravilhas?

Também era charmoso. Era esse o problema. Enfeitiçava-a. Enfurecia-a. E então tornava a enfeitiçá-la ao ponto de ela não saber se ele era a serpente ou se era ela a serpente e ele o encantador.

Ele oscilava entre o charme e a fúria, magoava as pessoas, e encontrava coisas novas que lhe interessavam mais, deixando as coisas velhas despedaçadas à sua passagem.

Subitamente, o seu charme deixou de funcionar, qual elétrico descarrilado, ou comboio sem maquinista. Os erros já não tinham perdão e, um dia, deixou de se fazer vista grossa ao segundo velho erro, e o terceiro velho erro teve consequências terríveis que culminaram no roubo de uma vida, no ditar de uma sentença de morte, quase até na perda de outra vida, a dela.

Como é que era capaz de ainda amar alguém que tentara destruí-la?

Enquanto estava com ele, e esteve definitivamente com ele durante a sua longa queda em desgraça, encolerizavam-se contra o sistema. As residências assistidas. Os serviços de emergência. O manicómio. O hospital psiquiátrico. A imundície. O pessoal que negligenciava os pacientes. Os auxiliares que apertavam demais as camisas-de-força. Os enfermeiros que faziam vista grossa. Os médicos que distribuíam os comprimidos. A urina no chão. As fezes nas paredes. Os internos, os colegas prisioneiros, que insultavam, desejavam, batiam, mordiam.

O que mais o excitava não era a injustiça, mas sim a primeira centelha da

raiva. A novidade de uma causa nova. A oportunidade de aniquilar. O jogo perigoso. O perigo da violência. A promessa da fama. Os seus nomes nas luzes da ribalta. As suas causas justas na boca de crianças em idade escolar a quem são ensinadas lições de mudança quais ladainhas:

A penny, a nickel, a dime, a quarter, a dollar bill^[1]...

O que ela escondia, o seu único pecado inconfessável, era que fora ela que tinha ateadado aquela primeira fagulha.

Sempre acreditara convicta e fervorosamente que a única forma de mudar o mundo passava pela sua destruição.

^[1] Nomes das moedas americanas que os alunos aprendiam numa canção «*The Coin Song*» (um centavo; cinco centavos; dez centavos; vinte e cinco centavos; um dólar). (N.T.)

20 DE AGOSTO DE 2018

1

— Andrea — disse a sua mãe. E então, em resposta a um pedido repetido cerca de mil vezes —, Andy.

— Mãe...

— Deixa-me falar, querida. — Laura fez uma pausa. — Por favor.

Andy assentiu, preparando-se para um sermão há muito esperado. Oficialmente, fazia trinta e um anos nesse dia e a sua vida estava estagnada. Tinha de começar a tomar decisões em vez de permitir que a própria vida tomasse decisões por si.

— A culpa é minha... — disse Laura.

Andy sentiu os lábios gretados separarem-se de surpresa.

— Culpa de quê?

— De estares aqui. Presa aqui...

Andy esticou os braços, indicando o restaurante.

— No Rise-n-Dine?

Os olhos da sua mãe percorreram a distância entre o cocuruto de Andy e as suas mãos, que pousou nervosamente na mesa. O cabelo castanho e sujo estava apanhado num rabo-de-cavalo desleixado. Círculos escuros ensombravam os seus olhos cansados. As unhas roídas até ao sabugo. Os ossos dos pulsos assemelhavam-se a mastros de navios. A sua pele, normalmente pálida, adquirira a lividez da água de cozer salsichas.

A lista de defeitos nem sequer incluía a sua indumentária de trabalho. A farda azul-escura envolvia Andy qual saco de papel. A insígnia prateada bordada no bolso do peito era rígida, a palmeira do logótipo de Belle Isle rodeada pelas palavras DEPARTAMENTO POLICIAL DE ATENDIMENTO AO CIDADÃO. Como uma agente da polícia, mas sem chegar a sê-lo. Como uma adulta, mas nem por isso. Andy passava cinco noites por semana sentada numa sala

escura e húmida, com outras quatro mulheres, a atender chamadas de emergência para o 911, a conferir números de matrícula e cartas de condução e a numerar cada caso. Por volta das seis da manhã, regressava a casa da mãe e passava a maior parte das horas diurnas a dormir.

— Nunca devia ter deixado que voltasses para cá — disse Laura.

Andy apertava os lábios e olhava fixamente para os últimos bocadinhos amarelos de ovo no prato.

— Minha linda menina. — Laura pegou-lhe na mão por cima da mesa, esperando que ela olhasse para cima. — Desviei-te da tua vida. Estava assustada e fui egoísta. — As lágrimas marejavam os olhos da mãe. — Não devia ter precisado tanto de ti. Não devia ter pedido tanto...

Andy abanou a cabeça e voltou a pousar os olhos no prato.

— Minha querida...

Andy continuou a abanar a cabeça porque a alternativa era falar e, se falasse, teria de dizer a verdade.

A sua mãe não lhe tinha pedido nada.

Há três anos, ia Andy a caminho do quarto andar de um prédio rasca e sem elevador no Lower East Side, a tremer só de pensar em passar mais uma noite na espelunca de duas assoalhadas que dividia com mais três raparigas com as quais não simpatizava especialmente (eram todas mais novas, mais bonitas e mais bem-sucedidas), quando Laura lhe ligou.

— Cancro da mama — disse Laura, sem sussurros nem rodeios; pelo contrário, foi direta ao assunto com a sua calma habitual. — Grau três. O cirurgião vai extirpar o tumor e fazer uma biópsia aos nódulos linfáticos.

Laura continuou a falar, a descrever o que se avizinhava com um grau de especificidade científico e desapegado que atordoou Andy, cujas competências de processamento da linguagem se esfumaram temporariamente. Tinha ouvido a palavra mama mais do que cancro e pensou de imediato no peito generoso da mãe. Aconchegado debaixo do seu fato de banho modesto na praia. A espreitar pelo decote do seu vestido de corte império na festa temática dos dezasseis anos de Andy, alusiva às personagens de *Orgulho e Preconceito*. Preso sob as copas acolchoadas e aros aguçados do seu sutiã *LadyComfort* enquanto se sentava no sofá do escritório e trabalhava com os seus pacientes de terapia da fala.

Laura Oliver não era uma brasa, mas sempre fora aquilo que os homens designavam de muito bem feita. Ou talvez fossem as mulheres a dizê-lo,

provavelmente no século passado. Laura não era dada a maquilhagens exageradas e pérolas, mas nunca saía de casa sem ter o cabelo curto e grisalho bem arranjado, as calças de linho impecavelmente engomadas, a roupa interior limpa e sem elásticos frouxos.

Na maioria dos dias, Andy mal conseguia sair do apartamento. Estava constantemente a voltar atrás devido a sucessivos esquecimentos tais como o telemóvel ou o crachá de identificação do trabalho ou até os ténis, como aconteceu uma vez, pois saiu do prédio em chinelos de quarto.

Cada vez que pessoas de Nova Iorque perguntavam a Andy como era a sua mãe, ela pensava sempre numa coisa que Laura tinha dito acerca da própria mãe: *Ela sabia sempre onde estavam todas as tampas dos seus tupperwares.*

Andy nem se dava ao trabalho de fechar um saco de plástico *Ziploc*.

Ao telefone, a mil e trezentos quilómetros de distância, a respiração entrecortada de Laura era o único sinal aparente de dificuldade.

— Andrea?

Os ouvidos de Andy, nos quais fervilhavam os sons de Nova Iorque, focaram-se na voz da mãe.

Cancro.

Andy tentou gemer, mas foi incapaz de produzir o som. Estava em choque. Tinha medo. Sentia um terror desenfreado porque o mundo tinha parado de girar e tudo, os falhanços, as desilusões, o horror da vida de Andy em Nova Iorque nos últimos seis anos, tudo isso regrediu como o retrocesso da onda de um tsunami. Coisas que nunca deveriam ter sido destapadas eram agora visíveis a céu aberto.

A sua mãe tinha cancro.

Podia estar a morrer.

Podia morrer.

Laura disse:

— Então, há a quimio, para todos os efeitos muito difícil — prosseguiu Laura, habituada a preencher os longos silêncios de Andy; há muito tempo que aprendera que confrontá-la com eles tinha mais probabilidade de acabar em discussão do que de retomar uma conversa civilizada. — Depois tomo um comprimido por dia e é isso. A taxa de sobrevivência de cinco anos é de mais de setenta por cento, por isso não há motivo para grandes preocupações, o que interessa é passar por isto e ultrapassá-lo. — Fez uma pausa para respirar ou, quem sabe, esperançosa de que Andy estivesse pronta para falar. — É

facilmente tratável, querida. Não quero que te preocupes. Fica onde estás; não há nada que possas fazer.

Ouviu-se uma buzina e Andy olhou para cima. Parecia uma estátua a meio de uma passadeira. Fez um esforço para se mexer. O telemóvel abrasava-lhe a orelha. Já passava da meia-noite. O suor escorria-lhe pelas costas e pingava-lhe das axilas qual manteiga derretida. Chegavam-lhe os risos gravados de uma série televisiva, o chocalhar de garrafas, e um grito penetrante de ajuda vindo de um anónimo, as melodias que aprendera a sintonizar no seu primeiro mês de vida na cidade.

Demasiado silêncio na sua extremidade do telefone. Por fim, a sua mãe incitou-a:

— Andrea?

Andy abriu a boca sem pensar nas palavras que iam sair por ela.

— Querida? — disse a mãe, ainda paciente, ainda generosamente *simpática* dessa maneira própria da mãe para com toda a gente que conhecia. — Consigo ouvir o barulho da rua, senão ia pensar que a chamada tinha caído. — Nova pausa. — Andrea, preciso mesmo que percebas o que te estou a dizer. É importante...

A sua boca permanecia aberta. O cheiro a esgoto característico do seu bairro tinha ficado colado ao fundo das suas narinas qual bocado de esparguete espapaçado pendurado num armário de cozinha. Outro carro buzinou. Mais uma mulher proferiu um grito de ajuda. Outro novelo de transpiração escorreu pelas costas de Andy, acumulando-se no cóis das cuecas. O elástico estava rasgado no sítio onde o polegar se enfiava para as puxar para baixo.

Ainda agora Andy era incapaz de se lembrar de como tinha conseguido sair de semelhante estado de apatia, mas lembrava-se das palavras que por fim tinha dito à mãe:

— Vou voltar para casa...

Os seis anos passados na cidade não se traduziam num grande espólio. Andy demitiu-se dos três trabalhos a tempo parcial por escrito. Ofereceu o seu passe de metro a uma sem-abrigo que primeiro lhe agradeceu para logo a seguir lhe gritar que era uma puta de merda. Só as coisas absolutamente imprescindíveis foram enfiadas na mala de Andy: as *t-shirts* favoritas, as calças de ganga ruças, vários livros que tinham sobrevivido não só à viagem de Belle Isle, mas a cinco mudanças diferentes para apartamentos

progressivamente mais rascas. Andy não ia precisar das luvas ou do casaco de inverno acolchoado ou dos protetores para as orelhas lá na terra. Nem sequer se deu ao trabalho de lavar os lençóis ou sequer de os tirar do velho sofá *Chesterfield* que lhe fazia as vezes de cama. Partiu do Aeroporto de LaGuardia ao raiar do dia, menos de seis horas depois do telefonema da mãe. Num abrir e fechar de olhos, a vida de Andy em Nova Iorque tinha acabado. A única lembrança da sua presença que Andy deixou às três colegas de casa mais novas e bem-sucedidas foi meio hambúrguer de peixe no frigorífico e a sua parte da renda do mês seguinte.

Isso fora há três anos, quase metade do tempo que tinha vivido na cidade grande. Embora Andy não quisesse, em momentos de fraqueza seguia as vidas das antigas colegas de casa no Facebook. Eram a sua bitola, a sua bengala. Uma tinha chegado a quadro médio num blogue de moda. Outra tinha aberto a sua própria empresa de ténis feitos à medida. A terceira tinha morrido por consumo excessivo de cocaína no iate de um ricalhaço e, mesmo assim, nalgumas noites em que Andy estava a atender chamadas e a pessoa no outro lado da linha era uma miúda de doze anos que pensava ser muito engraçado ligar para o 911 e fingir que estava a ser violada, ela não conseguia evitar pensar que continuava a ser a menos bem-sucedida de todas.

Um iate, por amor de Deus.

Um *iate*.

— Querida? — A mãe batia na mesa para chamar a sua atenção. A multidão do almoço tinha-se diluído. O homem sentado em frente lançou-lhe um olhar enraivecido por cima do jornal. — Onde é que estás?

Andy estendeu de novo os braços, apontando para o restaurante, mas o gesto foi forçado. Elas sabiam exatamente onde é que estava: a menos de oito quilómetros do ponto de partida.

Andy tinha ido para Nova Iorque com a ideia de encontrar uma forma de brilhar e acabou por emitir a mesma luz do que uma velha lanterna abandonada numa gaveta de cozinha. Ela nunca quisera ser atriz ou modelo ou qualquer outro dos *clichés* habituais. O estrelato nunca fora o seu sonho. Bastava-lhe estar na órbita das estrelas: a assistente pessoal, a que vai buscar os cafés, a que arranja os adereços, a pintora de cenários, a *community manager*, o pessoal de apoio que tornava possível a vida das estrelas. Queria ofuscar-se com o brilho. Estar no meio de tudo. Conhecer pessoas. Ter contactos.

O seu professor na Escola de Arte e *Design* de Savannah parecia um bom contacto. A sua paixão pelas artes tinha-o maravilhado, ou pelo menos assim o afirmara. Que eles estivessem na cama quando ele dissera tal coisa só ganhara importância para Andy *a posteriori*. Quando ela pôs fim ao caso amoroso, o homem encarou a sua conversa fiada sobre querer centrar-se na sua carreira como uma ameaça. Antes de Andy perceber o que se estava a passar, antes de ela poder explicar ao professor que não estava a tentar tirar proveito da sua indelicadeza para progredir na carreira, ele puxou uns cordelinhos para lhe conseguir um trabalho como assistente do assistente do cenógrafo num espetáculo *off-Broadway*.

Off-Broadway!

Mesmo ao fundo da rua da *Broadway*!

Andy estava a dois semestres de distância de obter o seu diploma de técnica de artes cénicas. Fizera as malas e mal olhara para trás enquanto rumava ao aeroporto.

Dois meses mais tarde, o espetáculo tinha acabado com críticas esmagadoramente negativas.

Todos os membros da equipa tinham arranjado rapidamente diversas ocupações, como integrantes de outras peças, exceto Andy, que se instalou numa autêntica vida de Nova Iorque. Foi empregada de mesa, passeadora de cães, pintora de letreiros, cobradora telefónica de dívidas, estafeta, controladora de *faxes*, fazedora de sandes, alimentadora não-sindicalizada de papel de fotocopiadora e, por fim, a fracassada que deixou um hambúrguer de peixe meio comido no frigorífico e um mês de renda na bancada e fugiu para o cu de Judas, na Geórgia, ou como raio se chamava o sítio de onde era natural.

A única coisa que levou consigo para casa foi um pinga de dignidade que estava prestes a perder com a sua mãe.

Levantou o olhar dos ovos.

— Mãe... — disse, e teve de pigarrear antes de confessar —, és uma querida por dizeres isso, mas a culpa não é tua. É verdade que quis vir para casa para te ver. Mas se fiquei cá foi por outros motivos.

Laura franziu a testa.

— Que motivos? Adoravas Nova Iorque.

Odiava Nova Iorque.

— A vida corria-te às mil maravilhas por lá.

Estava de rastos.

— E aquele rapaz com quem andavas estava apanhadinho por ti.

E por todas as outras vaginas do prédio.

— Tinhas um monte de amigos.

Não tinha voltado a saber deles desde que saíra de lá.

— Enfim — suspirou Laura.

A lista de conquistas tinha sido breve, mas não inquisitiva. Como de costume, era um livro aberto para a mãe.

— Querida, tu sempre quiseste ser diferente. Especial. Estou-me a referir a alguém com um dom, com um talento pouco comum. E é óbvio que és especial para o teu pai e para mim.

Andy sentiu-se tentada a revirar os olhos.

— Obrigada.

— *Tens* talento. És inteligente. Mais do que inteligente. És *esperta*.

Andy esfregou a cara com as mãos como quem quer fugir daquela conversa. Sabia que tinha talento e que era inteligente. O problema era que em Nova Iorque toda a gente era assim. Até o empregado de balcão da mercearia era mais engraçado, mais rápido e mais esperto do que ela.

Laura insistiu:

— Ser normal não tem nada de mal. Há pessoas normais que têm uma vida muito gratificante. Eu, por exemplo. Não é uma traição gozar a vida.

— Tenho trinta e um anos — afirmou Andy —, há cerca de três anos que não ando com ninguém, devo sessenta e três mil dólares do empréstimo universitário que pedi para estudar um curso que não acabei e vivo num estúdio por cima da garagem da minha mãe. — Tentou respirar, mas o ar passava com dificuldade pelas suas narinas. Verbalizar aquela longa lista oprimia-lhe o peito como um espartilho apertado. — A questão não é o que mais posso eu fazer. É o que mais posso eu lixar.

— Não lixaste nada.

— Mãe...

— Acostumaste-te a sentir-te deprimida. Acostumamo-nos a tudo, especialmente às coisas más. Mas agora já só podes ir para cima. Do chão já não podes passar.

— Já ouviste falar das caves?

— As caves também têm chão.

— Isso é o solo.

- Mas o *solo* é outra forma de dizer *chão*.
- O solo mais parece sete palmos abaixo da terra.
- Porque é que tens sempre de ser tão mórbida?

Andy sentiu que uma raiva súbita lhe afiava a língua como uma navalha. Engoliu a raiva. Como já não podia discutir com a mãe sobre o horário de chegar a casa, a maquilhagem, ou as calças de ganga justas, agora os assuntos de discussão eram outros: o chão das caves; a posição correta para desenrolar o rolo de papel higiénico; se os garfos se colocavam com os dentes para cima ou para baixo na máquina de lavar louça; se os carrinhos do supermercado se chamavam carrinhos ou cestos; e se Laura pronunciava mal o nome do gato quando lhe chamava Mister Perkins em vez de Mister Purrkins, o seu nome verdadeiro.

— No outro dia estava com um paciente e aconteceu uma coisa estranhíssima — disse Laura.

A mudança de assunto com *suspense* incluído era uma forma habitual de atingir uma trégua.

— Estranhíssima — repetiu Laura com ênfase, lançando o isco.

Andy hesitou. Depois indicou-lhe com um gesto que continuasse.

— Tinha uma afasia de Broca, uma paralisia do lado direito.

Laura era terapeuta da fala e trabalhava numa urbanização para idosos reformados situada no litoral. A maior parte dos seus pacientes já tinha sofrido algum tipo de AVC.

— Era informático antes da reforma, mas isso não importa.

— O que é que aconteceu de tão estranho? — perguntou Andy, cumprindo o seu papel.

A sua mãe sorriu.

— Estava a falar-me do casamento do neto e eu não entendia o que me tentava dizer, mas achei que dizia *sapatos de camurça azuis*. E de repente veio-me uma imagem à cabeça, uma espécie de lembrança da época em que o Elvis morreu.

— O Elvis Presley?

Laura assentiu.

— Foi em setenta e sete, de modo que eu devia ter uns catorze anos, era mais fã do Rod Stewart do que do Elvis. Mas a questão é que na nossa paróquia havia umas senhoras muito conservadoras, com o cabelo todo ripado, mas quando o Elvis morreu ficaram lavadas em lágrimas.

Andy sorriu como se sorri quando se sabe que há alguma coisa que se te escapa.

Laura retribuiu-lhe um sorriso idêntico. Sequelas neurológicas da quimioterapia, apesar de já ter acabado o tratamento há muito tempo. Tinha-se esquecido do motivo pelo qual lhe contava aquilo.

— É só uma coisa engraçada que me veio à cabeça.

— Calculo que essas senhoras de cabelo ripado fossem um bocado hipócritas — disse Andy, numa tentativa de lhe estimular a memória. — Porque o Elvis era muito *sexy*, não era?

— Tanto faz. — Laura deu-lhe umas palmadinhas na mão. — Estou-te muito agradecida. O apoio que me deste enquanto estive doente. O facto de ainda estarmos tão unidas. Aprecio isso; é um presente. — Começou a tremer-lhe a voz. — Mas já estou melhor. E quero que vivas a tua vida. Quero que sejas feliz ou pelo menos que estejas em paz contigo mesma. E acho que aqui não vais conseguir, meu amor. Adorava poder facilitar-te a vida, mas sei que não ia servir de nada. Tens de te desenvencilhar sozinha.

Andy olhou para o teto. Passeou o olhar pelo centro comercial vazio. Por fim voltou a olhar para a mãe.

Laura tinha lágrimas nos olhos. Abanou a cabeça, maravilhada.

— És fantástica, sabias?

Andy riu sem vontade.

— És fantástica porque não há ninguém como tu, és única. — A mãe levou a mão ao coração. — Tens talento e és linda, e vais encontrar o teu caminho, meu amor, e vai ser o caminho correto, aconteça o que acontecer, por ter sido definido por ti.

Andy sentiu um nó na garganta e os olhos chorosos. À sua volta instalara-se o silêncio. Ouvia o som do próprio sangue a latejar nas veias.

— Bom... — Laura riu-se, outra tática habitual para desanuviar um momento emotivo. — O Gordon é da opinião que te devia dar um prazo para saíres de casa.

Gordon. O seu pai. Advogado especialista em direito sucessório. Toda a sua vida se pautava por prazos e datas limite.

— Mas não te penso dar um prazo, nem um ultimato.

Gordon também adorava ultimatoss.

— O que quero dizer é que se esta for a tua vida — acrescentou a mãe apontando para a sua farda pseudopolicial, pseudoadulto —, então abraça-a.

Aceita-a. E, se quiseses fazer outra coisa — disse, apertando-lhe a mão —, faz. Ainda és jovem. Não tens empréstimo de casa, nem sequer tens um carro para pagar. Tens saúde. És inteligente. És livre para fazeres o que te apetecer.

— Não, tenho de pagar o empréstimo dos estudos.

— Andrea — disse Laura —, não quero ser agoirenta, mas se continuas a deixar-te levar por essa apatia, dentro de pouco tempo tens quarenta anos e vais perceber que estás muito cansada de viver dentro de uma roda.

— Quarenta — repetiu Andy, uma idade que lhe parecia menos decrepita à medida que se aproximava dela.

— O teu pai dir-te-ia...

— É pegar ou largar!

Gordon estava sempre a dizer-lhe para se mexer, para fazer *alguma coisa* na vida, o que quer que fosse. Durante muito tempo, ela tinha-o culpado pela própria letargia. Quando os pais são pessoas enérgicas, trabalhadoras e seguras de si próprias, a indolência é uma forma de rebeldia, não é? Optar teimosamente pelo caminho fácil, porque o contrário é tão árduo, custa tanto...

— Doutora Oliver? — disse uma senhora sem perceber que estava a interromper um momento de intimidade entre mãe e filha. — Sou a Betsy Barnard. A doutora atendeu o meu pai no ano passado. Era só para lhe agradecer, o seu trabalho foi milagroso.

Laura levantou-se para lhe apertar a mão.

— É muito amável da sua parte, mas o mérito é todo do seu pai.

Adotando o *Modo Curativo Doutora Oliver* (como Andy dizia para com os seus botões), começou a fazer-lhe uma série de perguntas ambíguas a respeito do pai. Era notório que não se lembrava dele, mas o seu esforço para que não se notasse foi tão eficaz que a mulher nem deu por isso.

— Esta é minha filha, a Andrea — disse apontando para Andy.

Betsy inclinou a cabeça com um interesse fugaz. A atenção que Laura lhe prestava fazia-a resplandecer de satisfação. Toda a gente adorava a sua mãe, independentemente do papel que adotasse: terapeuta, amiga, empresária, doente de cancro, mãe. Possuía uma espécie de bondade incansável que, graças a uma inteligência rápida e ocasionalmente mordaz, jamais era pegajosa.

De vez em quando, normalmente depois de ter tomado uns copos, Andy era capaz de exhibir essas mesmas qualidades perante desconhecidos, mas

assim que começavam a conhecê-la melhor, era raro que ficassem por perto. Talvez fosse esse o segredo de Laura. A sua mãe tinha dezenas, até centenas de amigos, mas ninguém conhecia todas as suas facetas, todos os fragmentos que a compunham.

— Ah! — exclamou de repente Betsy, quase aos gritos. — Eu também lhe quero apresentar a minha filha. De certeza que o Frank lhe falou dela.

— Claro que sim.

Andy vislumbrou um laivo de alívio no rosto da mãe: com efeito, tinha-se esquecido do nome do homem. Piscou um olho a Andy, voltando momentaneamente ao *Modo Mãe*.

— Shelly! — Betsy fez sinais frenéticos à sua filha. — Vem cá conhecer a mulher que salvou a vida do teu avozinho.

Uma rapariga loura, muito bonita, aproximou-se com relutância. Puxava pelas mangas compridas da camisola vermelha da Universidade da Geórgia, envergonhada. O buldogue branco do peitilho também vestia uma *t-shirt* vermelha. O seu embaraço era palpável: ainda estava nessa fase da vida em que não queria saber da mãe para nada, a não ser que precisasse de dinheiro ou de colo. Andy lembrava-se bem dessa sensação de puxa e estica. Na maioria dos dias, não lhe parecia tão longínqua como gostaria. Era bem sabido que uma mãe é a única pessoa do mundo que pode dizer «O teu cabelo está tão bonito», mas que a filha entenda: «Está sempre horroroso, menos neste instante fugaz».

— Shelly, esta é a doutora Oliver. — Betsy Barnard agarrou-lhe o braço num gesto possessivo. — A Shelly vai para a universidade este outono. Não é verdade, meu tesouro?

— Eu também andei na Universidade da Geórgia — comentou Laura. — Claro que naquela época ainda tirávamos apontamentos em lousas de pedra.

A humilhação de Shelly aumentou ainda mais quando a sua mãe riu a bandeiras despregadas daquela piada sem graça. Laura tentou desanuviar o ambiente perguntando-lhe educadamente pelos seus estudos, sonhos e aspirações, o tipo de perguntas que os jovens encaram como um ataque pessoal mas que, ao crescerem, compreendem que são as únicas que os adultos são capazes de formular.

Andy olhou para a chávena de café meio cheia. Sentia um cansaço avassalador. Era incapaz de se acostumar ao turno da noite. Só conseguia aguentar à base de sestas, razão pela qual lhe faltava tempo para ir às

compras e acabava por roubar papel higiénico e manteiga de amendoim da despensa da sua mãe. De certeza que fora por isso que Laura tinha feito questão de festejarem os seus anos com um almoço e não com um pequeno-almoço que lhe teria permitido regressar à sua gruta por cima da garagem e adormecer em frente da televisão.

Acabou o resto de café, estava tão frio que lhe arranhou a garganta qual gelo picado. Procurou a empregada com o olhar. A rapariga estava a mastigar pastilha, com as costas tortas e o nariz colado ao telemóvel.

Andy reprimiu uma onda de indignação ao levantar-se da mesa. Quanto mais velha ia ficando, mais lhe custava resistir ao impulso de se converter na sua mãe. No entanto, pensando bem, Laura sempre lhe dera bons conselhos: endireita-te ou vão-te doer as costas quando tiveres trinta anos; usa bons sapatos e cultiva os bons hábitos, ou vais pagar as consequências quando tiveres trinta anos.

Já tinha trinta e um. E estava a pagar por tantas coisas que praticamente se encontrava na ruína.

— És polícia? — Por fim, a empregada tinha descolado os olhos do telefone.

— Licenciada em cenografia.

A rapariga franziu o nariz.

— Não sei o que é isso.

— Já somos duas.

Serviu-se de mais café. A empregada continuava a olhá-la de esguelha. Talvez fosse por causa da farda pseudopolicial. Tinha ar de quem tinha um bocado de *ecstasy*, ou pelo menos um saquinho de erva na mala. Andy também desconfiava da farda. Gordon tinha-lhe arranjado o trabalho, decerto na esperança de que a dada altura se juntasse às forças de segurança. Ao princípio tinha rejeitado a ideia porque tinha a convicção de que os polícias eram más pessoas. Depois conheceu vários e percebeu que eram, em geral, pessoas decentes que se esforçavam por levar a cabo um trabalho nojento. Mais tarde, quando já estava há um ano a atender o telefone, tinha começado a odiar o mundo porque dois terços dos telefonemas eram de idiotas que não entendiam o que era uma emergência.

Laura continuava a falar com Betsy e Shelly Barnard. Andy tinha assistido a cenas idênticas muitas outras vezes. Elas não sabiam como acabar a conversa com elegância e Laura era demasiado educada para se desfazer

delas. Em vez de voltar para a mesa, Andy chegou-se à vidraça do restaurante, situado num lugar privilegiado dentro do centro comercial de Belle Isle, numa esquina do rés-do-chão. Para lá do passeio marginal, o oceano Atlântico agitava-se na iminência de um temporal. As pessoas passeavam os cães ou andavam de bicicleta pela faixa de areia dura e lisa.

Belle Isle não era nem bela nem propriamente uma ilha. Era, essencialmente, uma península artificial criada quando o corpo de engenheiros do exército dragou o porto de Savannah nos anos oitenta. Estava previsto que a nova massa de terra ficasse desabitada, que fosse uma barreira natural contra os furacões, mas o Estado viu na marginal uma possibilidade de encher os cofres e, passados cinco anos, mais de metade da superfície estava coberta de betão: casas de praia, apartamentos, urbanizações, centros comerciais... O resto eram campos de ténis e campos de golfe. Inúmeros reformados oriundos do norte do país passavam o dia a jogar ao sol, bebiam *Martini* ao entardecer e ligavam para o 911 de cada vez que os vizinhos punham os caixotes do lixo na rua antes do previsto.

— Meu Deus — sussurrou alguém em tom baixo e mesquinho, mas com uma pitada de surpresa.

O ambiente tinha mudado. Era a única forma de descrevê-lo. Andy sentiu que a penugem da nuca se arrepiava. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. As suas narinas alargaram-se. Ficou com a boca seca e lágrimas nos olhos.

Ouviu-se um barulho parecido ao de um frasco a abrir-se inesperadamente. Andy virou-se.

A asa da chávena de café escorregou-lhe dos dedos. Seguiu a queda com os olhos. Cacos de louça branca fizeram ricochete nos mosaicos brancos.

Um segundo antes tinha-se instalado um silêncio surpreendente, mas agora, de repente, era o caos. Gritos. Prantos. Gente que corria, que se agachava, que tapava a cabeça com as mãos.

Balas.

Pum, pum.

Shelly Barnard estava estendida no chão. De costas. Com os braços abertos. As pernas dobradas. Os olhos arregalados. Tinha a camisola vermelha molhada, colada ao peito. Sangrava pelo nariz. Andy viu como o fio vermelho lhe escorria pela face e se introduzia na orelha.

Usava uns brincos minúsculos com forma de buldogue.

— Não! — gritou Betsy Barnard. — N...!

Pum.

Andy viu uma golfada de sangue a sair da sua nuca.

Pum.

O crânio de Betsy rebentou de repente como um saco de plástico.

Caiu de lado. Para cima da filha. Para cima da sua filha morta.

Morta.

— Mãe — sussurrou Andy, mas Laura já estava ali.

Corria para ela com os braços abertos e os joelhos fletidos. Tinha a boca aberta. Os olhos dilatados pelo medo. A cara salpicada de pintas que mais pareciam sardas vermelhas.

Andy bateu com a parte de trás da cabeça contra o vidro quando a mãe se atirou a ela e a deitou ao chão. Sentiu o bafo de ar expelido por Laura ao ficar sem ar. Sentiu a vista nublada. Ouviu o som de alguma coisa que se fendia. Olhou para cima. O vidro tinha começado a estilhaçar-se.

— Por favor! — gritou Laura. Tinha dado meia-volta, estava de joelhos; depois levantou-se. — Por favor, pare!

Andy pestanejou. Esfregou os olhos com os punhos. Uma espécie de gravilha raspou-lhe as pálpebras. Era terra? Vidro? Sangue?

— Por favor! — gritou Laura.

Andy voltou a pestanejar, uma vez.

E depois outra.

Um homem tinha uma pistola apontada ao peito da sua mãe. Não era uma arma policial, mas sim uma dessas com cilindro como as do Antigo Oeste. A roupa condizia com a arma: calças de ganga pretas, camisa preta com botões de madrepérola, colete de cabedal preto e chapéu preto de cobói. Cinto à altura das ancas: um coldre para a arma, uma longa bainha de pele para a faca de mato.

Bonito.

Tinha a cara firme, jovem. Era da idade de Shelly, talvez um pouco mais velho.

Mas Shelly estava morta. Já não iria para a universidade. A sua mãe não voltaria a embarcá-la, porque também ela tinha morrido.

E agora o sujeito que as tinha matado a ambas apontava para o peito de Laura.

Andy ergueu-se.

Laura só tinha um seio, o esquerdo. O cirurgião tinha-lhe extirpado o

direito e ela não quisera reconstruí-lo porque não suportava a ideia de voltar a ir ao médico e passar por outra operação. E agora, o homem que estava em frente de si, um assassino, ia enfiar-lhe um balázio.

— Mm... — A palavra ficou engasgada na garganta de Andy. Só conseguiu pensá-la:

Mãe.

— Calma. — A voz de Laura era serena, controlada. Tinha as mãos estendidas como se pudesse deter as balas com elas. — Já te podes ir embora — disse ao desconhecido.

— Vão-se foder! — Os seus olhos pousaram em Andy. — Onde é que está a tua arma, sua porca de merda?

Andy sentiu que todo o corpo se contraía e encolhia até formar uma bola.

— Não tem arma — respondeu Laura com voz ainda firme. — É administrativa na esquadra. Não é polícia.

— Levanta-te! — gritou a Andy. — Estou a ver o teu distintivo, sua porca! Faz o teu trabalho!

— Não é um distintivo — disse Laura. — É uma insígnia. Não percas a calma. — Ela afagou-lhe as mãos como quando, de pequena, a aconchegava à noite na cama. — Andy, ouve-me.

— Ouçam-me mas é a *mim*, suas cabras! — O rapaz cuspiu saliva ao falar. Brandiu a pistola no ar. — Levanta-te, porca. Tu és a próxima.

— Não. — Laura pôs-se no meio. — A próxima sou eu.

Os olhos dele voltaram a reparar nela.

— Dispara — ordenou Laura com inquestionável firmeza. — Quero que me dê um tiro.

O desconcerto rompeu a máscara de fúria do seu rosto. Aquilo não entrava nos seus planos. As pessoas deviam estar aterrorizadas, não serem voluntárias.

— Dispara — repetiu Laura.

Ele olhou para Andy por cima do ombro da sua mãe; depois desviou o olhar.

— Fá-lo — insistiu Laura. — Só tens mais uma bala. Sabes disso. Essa pistola só tem seis balas. — Levantou as mãos mostrando quatro dedos da mão esquerda e um da direita. — Por isso ainda não apertaste o gatilho. Porque só te resta uma bala.

— E o que é que tu sabes...?

— Só mais uma. — Laura moveu o polegar indicando a sexta bala. — Quando me disparares, a minha filha vai sair daqui a correr. Não vais, Andy?

O quê?

— Andy — repetiu a sua mãe —, quero que corras, querida.

O quê?

— Ele não tem tempo de voltar a carregar, não te vai fazer mal.

— Foda-se! — gritou o rapaz, tentando reavivar a sua fúria. — Calem-se! Calem-se as duas!

— Andy. — Laura deu um passo para o pistoleiro. Coxeava. O sangue jorrava de um farrapo das suas calças de linho. Sobressaía algo branco, como um osso. — Ouve bem, minha linda.

— Já te disse para não te mexeres!

— Vai pela porta da cozinha — continuou Laura com voz firme. — Há uma saída lá por trás.

O quê?

— Quieta aí, vaca. As duas.

— Tens de confiar em mim — disse Laura. — Ele não consegue carregar a tempo.

Mãe.

— Levanta-te. — Laura deu outro passo em frente. — Já disse para te levatares.

Não, mãe.

— Andrea Eloise — insistiu com a sua voz de Mãe, não com a voz de Mamã —, levanta-te. E é já!

O corpo de Andy pôs-se automaticamente em andamento. Apoiou o pé esquerdo, levantou o calcanhar direito, tocou no chão com os dedos: uma atleta na linha de partida.

— Quieta!

O rapaz apontou-lhe com a arma, mas Laura deslocou-se seguindo a sua trajetória. Ele moveu de novo a pistola e Laura seguiu-a, escudando Andy com o seu corpo. Protegendo-a da última bala da pistola.

— Dispara! — ordenou. — Força!

— Vai à merda!

Andy ouviu um *estalo*.

O gatilho a deslocar-se para trás? O percutor a embater na bala?

Fechou os olhos com força, levantou as mãos para tapar a cabeça.

Mas não sentiu nada.

Nem um disparo. Nem um grito de dor.

Nem o barulho da sua mãe a desabar, morta.

Chão. Solo. Sete palmos abaixo da terra.

Encolheu-se ao mesmo tempo em que olhava para cima.

O rapaz tinha aberto a bainha da sua faca.

Estava a desembainhá-la muito devagar.

Lâmina de quinze centímetros. Com serrilha num lado. Afiada no outro.

Enfiou a pistola no coldre e empunhou a faca com a mão dominante. Não a segurava com a ponta para cima como uma faca de mesa, mas sim para baixo como quem se prepara para apunhalar alguém.

— O que é que vais fazer com isso? — perguntou Laura.

Não respondeu. Demonstrou-lho.

Deu dois passos em frente.

Levantou a faca em arco e baixou-a bruscamente, no sentido do coração da sua mãe.

Andy ficou paralisada: tinha tanto medo, estava em tal estado de choque que ficou sem reação; não conseguia fazer nada salvo assistir à morte da mãe.

Laura levantou a mão como se pudesse deter o avanço da faca. A lâmina penetrou no centro da sua palma. Mas em vez de desabar ou gritar, Laura fechou os dedos em torno do cabo da faca.

Não houve combate. O assassino estava demasiado espantado.

Laura arrancou-lhe a faca enquanto a longa lâmina ainda atravessava a sua mão.

O rapaz recuou, cambaleante.

Olhou para a faca que sobressaía da mão de Laura.

Um segundo.

Dois segundos.

Três.

Pareceu lembrar-se da pistola que trazia à cintura. Baixou a mão direita. Pegou na coronha. O cano prateado cintilou. Mexeu a mão esquerda para empunhar a arma com as duas mãos e dispôs-se a disparar a última bala, direta ao coração da sua mãe.

Sem fazer barulho nenhum, Laura deslocou o braço espetando-lhe a faca num dos lados do pescoço.

Crunch, como um talhante a cortar um naco de carne.

O som ecoou pelos cantos da sala.

O homem emitiu um grito abafado, a boca aberta como um peixe. Abriu os olhos de par em par.

As costas da mão de Laura continuavam pespegadas ao seu pescoço, presas entre a lâmina e o cabo da faca.

Andy viu que os seus dedos se mexiam.

Ouviu-se um clique. A pistola oscilou quando o rapaz a tentou levantar.

Laura falou, antes rosnou.

Ele continuava a erguer a pistola. A tentar apontar.

Laura atravessou-lhe a garganta com a faca de lado a lado.

Sangue, tendão, cartilagem.

Sem os salpicos de antes. O sangue brotou inesperadamente da garganta como de uma comporta aberta.

A sua camisa preta ficou ainda mais preta. Os botões de madrepérola adquiriram diferentes tonalidades de cor-de-rosa.

A pistola caiu primeiro.

Depois os joelhos embateram no chão. A seguir, o peito. E por último a cabeça.

Andy viu-lhe os olhos enquanto desabava.

Morreu antes mesmo de chegar ao chão.

2

Quando estava no nono ano, Andy apaixonou-se por um rapaz chamado Cletus Laraby cuja alcunha era *Cleet*. Tinha o cabelo castanho e escorrido, sabia tocar guitarra e era o mais sabichão da turma em química. Por isso, Andy tentou aprender a tocar guitarra e fingiu que também se interessava por química.

E foi assim que acabou por participar na feira de ciências da escola: como *Cleet* se tinha inscrito, ela também se inscrevera.

Não tinha trocado uma única palavra com ele em toda a sua vida.

Ninguém questionou se seria prudente que uma rapariga do clube de teatro que passava a ciências com extrema dificuldade tivesse acesso a nitrato de amónio e ignições mas, pensando bem, a professora Finney devia ter ficado tão contente por Andy se interessar por outra coisa que não fossem as artes cénicas que decidiu ignorar essa questão.

O pai de Andy também ficou entusiasmado com a notícia. Levou-a à biblioteca, onde consultaram livros sobre engenharia e desenho aeroespacial. Preencheu um impresso para a tornar sócia da loja de modelismo da terra e, ao jantar, lia-lhe folhetos da Associação Americana de Engenharia Espacial.

Sempre que Andy dormia na sua casa, Gordon dava forma às asas e nariz do foguetão, com uma lixadora, na garagem, enquanto ela desenhava a fuselagem, sentada no banco de trabalho.

Sabia que *Cleet* gostava dos Goo Dolls porque tinha um autocolante do grupo na mochila, e ao princípio lembrou-se de dar ao foguetão a forma do telescópio *steampunk* que aparecia no vídeo de «*Iris*»; depois, pensou em acrescentar-lhe asas porque «*Iris*» era um tema do filme *Cidade dos Anjos*; mais tarde decidiu pôr a cara de Nicolas Cage a um lado da fuselagem, de perfil, porque era o anjo do filme, e finalmente optou por desenhar Meg Ryan

porque afinal de contas estava a fazer tudo aquilo por *Cleet*, e era provável que ele tivesse mais interesse em Meg Ryan do que em Nicolas Cage.

Uma semana antes da feira teve de entregar todos os apontamentos e fotografias à professora Finney para demonstrar que tinha feito o trabalho sozinha. Estava a deixar as duvidosas provas na mesa da professora quando *Cleet* Laraby entrou. Teve de juntar as mãos para não lhe tremereem quando *Cleet* parou para espreitar as suas fotografias.

— A Meg Ryan — disse. — É fixe. Vais mandá-la pelos ares, hã?

Andy sentiu que uma rajada de vento frio lhe cortava os lábios.

— A minha namorada adora esse filme tão estúpido. O dos anjos. — *Cleet* mostrou-lhe o autocolante da sua mochila. — Escreveram essa merda de música para a banda sonora, minha. Por isso é que ando com isto aqui, para me lembrar de nunca vender a minha arte como esses mariconços.

Andy não se mexeu. Não conseguia falar.

Namorada. Estúpido. Merda. Minha. Mariconços.

Saiu da sala da professora Finney sem os apontamentos nem os livros; nem sequer levou a mala. Atravessou o bar e saiu pela porta de emergência que estava sempre encostada para que as auxiliares da cantina fossem fumar um cigarro atrás dos contentores do lixo.

Gordon vivia a pouco mais de três quilómetros da escola. Era junho. Na Geórgia. No litoral. Quando chegou a casa do seu pai, Andy tinha a pele queimada pelo sol e estava empapada em lágrimas e suor. Apanhou o foguetão de Meg Ryan e os dois protótipos de Nicolas Cage e deitou-os para o caixote do lixo da rua. Depois ensopou-os em líquido inflamável. E lançou um fósforo para o caixote. Quando voltou a si, estava deitada de barriga para cima no caminho da entrada e um vizinho estava a regá-la com uma mangueira.

A labareda chameçou-lhe as sobrancelhas, as pestanas, a franja e os pelos do nariz. O estrondo da explosão foi tão forte que começou a sangrar dos ouvidos. O vizinho desatou aos gritos. A sua mulher, que era enfermeira, aproximou-se e tentou dizer-lhe alguma coisa, mas ela só ouvia um som agudo, como quando a professora do coro soprava uma única nota na sua gaita.

Iiiiiiiiiiii...

Esteve quatro dias inteiros a ouvir *O Som* e nada mais que *O Som*.

Quando acordava. Quando tentava adormecer. Quando tomava banho.

Quando ia à cozinha. Quando se sentava em frente da televisão. Quando lia as notas que a mãe e o pai rabiscavam furiosamente num quadro branco.

Não sabemos o que se passa.

Provavelmente é temporário.

Não chores.

Iiiiiiiiiiii...

Fora há quase vinte anos. Desde então, Andy mal tinha pensado na explosão, até agora, e só porque *O Som* estava de volta. Quando voltou, ou quando ela teve consciência do seu regresso, estava de pé no restaurante ao lado da mãe, que se tinha sentado numa cadeira. Havia três pessoas mortas no chão. No solo. O assassino, com a sua camisa preta ainda mais preta. Shelly Barnard, com a sua *t-shirt* vermelha ainda mais vermelha. E Betsy Barnard, com a metade inferior da cara dependurada de farrapos de músculos e tendões.

Andy desviou o olhar dos cadáveres. Havia gente parada no exterior do restaurante. Compradores com sacos da *Abercrombie* e da *Juicy*, com cafés e batidos do *Starbucks*. Alguns estavam a chorar. Outros estavam a tirar fotografias.

Andy sentiu que lhe apertavam o braço. Laura esforçava-se para desviar a cadeira do olhar dos curiosos. Para Andy cada movimento parecia entrecortado, tinha a sensação de estar a ver um filme em câmara lenta. As mãos de Laura tremeram ao tentar vendar a perna ferida com uma toalha de mesa. Aquela coisa branca que sobressaía não era um osso, mas sim um caco de porcelana. Laura era destra, mas a faca espetada na mão esquerda impossibilitava-a de vendar a perna. Dirigia-se a Andy, decerto para lhe pedir ajuda, mas Andy só ouvia *O Som*.

— Andy — disse Laura.

Iiiiiiiiiiiiiiii...

— Andrea.

Olhou para a boca da mãe perguntando-se se a tinha ouvido ou se tinha lido o seu nome nos lábios de Laura; era tão familiar que o seu cérebro o tinha processado como um som e não como uma imagem.

— Andy — repetiu Laura. — Ajuda-me.

Aquilo sim, conseguiu ouvir: uma súplica surda, como se a mãe lhe estivesse a falar através de um canudo muito comprido.

— Andy.

Laura pegou-lhe nas mãos. Tinha-se inclinado na cadeira, era evidente que estava a sofrer. Andy ajoelhou-se. Começou a atar a toalha.

Ata-a bem forte.

Era o que teria dito a alguém que a tivesse contactado, aflito, para a linha de emergência: *Não se preocupe se a magoar. Ate o pano com toda a força possível para estancar a hemorragia.*

As coisas mudavam quando eram as próprias mãos a terem de atar o pano. Quando a dor se espelhava na cara da própria mãe.

— Andy. — Laura esperou até ela olhar para cima.

Custava-lhe focar o olhar. Queria prestar atenção. Tinha de ser.

A sua mãe agarrou-lhe o queixo e abanou-a com vigor para a tirar do seu torpor.

— Não fales com a polícia — disse. — Não assines nenhuma declaração. Diz-lhes que não te lembras de nada.

O quê?

— Promete — insistiu Laura. — Não fales com a polícia.

Quatro horas mais tarde, Andy ainda não tinha falado com a polícia, sobretudo porque a polícia não tinha falado com ela. Nem no restaurante nem na ambulância, nem agora.

Estava à espera à porta do bloco operatório fechado enquanto os médicos operavam Laura. Tinha-se deixado cair numa dura cadeira de plástico. Tinha recusado deitar-se, tinha recusado a cama que a enfermeira lhe ofereceu, porque ela estava bem. Quem eles tinham de socorrer era Laura. E Shelly. E a mãe de Shelly, de cujo nome não se lembrava.

Afinal quem era a senhora Barnard, a não ser uma mãe para a sua filha?

Encostou-se à cadeira. Teve de se virar de determinada maneira para que a contusão que tinha na cabeça não lhe doesse. A vidraça que dava para a marginal. Lembrava-se como a sua mãe se tinha lançado sobre ela para a deitar ao chão. A pancada na parte de trás do crânio quando a sua cabeça chocou contra a vidraça. O vidro estilhaçado. A velocidade com que Laura, a gatinhar, se prestara a levantar-se. A sua atitude, a firmeza da sua voz.

A sua forma de levantar os dedos (quatro da mão esquerda, um da direita) ao explicar ao assassino que só lhe restava uma bala das seis com que tinha iniciado o tiroteio.

Esfregou a cara com as mãos. Não olhou para o relógio de parede porque, se cedesse à tentação de olhar para ele de cada vez que sentia esse impulso, as

horas pareceriam eternas. Passou a língua pelos molares chumbados. Há já tempo que lhe tinham trocado os chumbos dos dentes por outros de resina branca, mas ainda se lembrava de como *O Som* os fazia vibrar dentro dos molares. Dentro do maxilar. Até ao interior do crânio. Um barulho ameaçador que lhe fazia sentir que o seu cérebro estava prestes a rebentar.

Iiiiiiiiiiii...

Fechou os olhos com força. Imediatamente, as imagens começaram a suceder-se umas às outras como as apresentações de *slides* que o pai fazia com as fotografias das férias.

Laura a levantar a mão.

A enorme lâmina da faca a afundar-se na palma da sua mão.

A sua mãe a arrancar a faca da mão do assassino.

A espetar-lha no pescoço à traição.

O sangue.

Tanto sangue.

Jonah Helsinger. Era o nome do assassino. Andy sabia-o, embora não soubesse exatamente porquê. Tinha-o ouvido na rádio enquanto ia na ambulância com a mãe? Tinham-no dito no telejornal enquanto estava na sala de espera das urgências? Tinha-o ouvido da boca da enfermeira que a tinha acompanhado ao bloco operatório?

Jonah Helsinger, tinha cochichado alguém, como se cochicha que alguém tem cancro. *O assassino chamava-se Jonah Helsinger*.

— Minha senhora? — Uma agente da polícia de Savannah dirigia-se a ela.

— Eu não... — Tentou recordar o que a sua mãe lhe pedira para dizer. — Não me lembro de nada.

— Minha senhora — repetiu a agente, o que era estranho porque era mais velha do que ela. — Desculpe incomodar, mas está aqui um senhor. Diz que é seu pai, mas...

Andy olhou para o corredor.

Gordon estava perto dos elevadores.

Sem dar por isso, levantou-se e desatou a correr para ele. Gordon veio ao seu encontro e apertou-a entre os braços com tanta força que Andy lhe sentiu o coração a bater no peito. Afundou a cara contra a sua camisa branca engomada. Vinha do trabalho, vestido, como de costume, com um fato de três peças. Ainda trazia os óculos de ler apoiados na cabeça e a caneta *Montblanc* enfiada no bolso da camisa. Andy sentiu o metal frio na dobra da orelha.

Andy tinha ido cedendo ao nervosismo aos poucos desde o começo do tiroteio, mas nos braços do pai, sentindo-se por fim a salvo, perdeu por completo o pouco controlo que lhe restava. Começou a chorar tão violentamente que mal se sustinha em pé. Gordon quase a arrastou para umas cadeiras encostadas à parede. Apertava-a com tanta força que Andy tinha de inspirar repetidamente para respirar.

— O pai está aqui — dizia-lhe Gordon repetidamente. — O pai está aqui, minha querida. Estou aqui.

— Pai — afirmou ela com um soluço.

— Tem calma. — Gordon acariciou-lhe o cabelo retirando-lho da cara. — Já estás a salvo. Estão todos a salvo.

Andy continuou a chorar. Chorou tanto que começou a sentir-se envergonhada, como se fosse excessivo. Laura estava viva. Tinha sido horrível, mas Laura ia ficar bem. E ela também. *Tinha* de ficar bem.

— Tem calma — murmurou o seu pai. — Desabafa tudo.

Andy fungou tentando conter as lágrimas. Tentou recuperar a compostura. E tentou novamente. Mas de cada vez que achava que ia conseguir, lembrava-se de mais um pormenor (o barulho do primeiro tiro, como um frasco a abrir-se; o golpe seco quando a faca rasgou a carne e o osso da mãe) e desatava a chorar outra vez.

— Tem calma — repetiu Gordon enquanto lhe acariciava pacientemente a cabeça. — Já passou, querida.

Andy limpou o nariz. Respirou de forma irregular. O seu pai endireitou-se um pouco sem deixar de abraçá-la e pegou num lenço.

Andy limpou as lágrimas, assou o nariz.

— Desculpa.

— Não tens de pedir desculpa. — Gordon afastou-lhe o cabelo dos olhos. — Tens alguma ferida?

Ela negou com a cabeça. Voltou a assoar-se até ficar com os ouvidos destapados.

O *Som* tinha cessado.

Fechou os olhos de alívio.

— Melhor? — perguntou Gordon. Andy sentia o calor da sua mão nas costas; voltava a ter um porto de abrigo. — Estás bem?

Abriu os olhos. Continuava com os nervos à flor da pele, mas devia contar ao pai o ocorrido.

— A mãe... tinha a faca, e esse tipo, ela ma...

— Chiu — sussurrou ele tapando-lhe os lábios com os dedos. — A mãe está bem. Está tudo bem.

— Mas...

O seu pai voltou a pôr-lhe um dedo sobre os lábios para que permanecesse em silêncio.

— Já falei com o médico. A mãe está no recobro. Salvaram-lhe a mão. E a perna. Está tudo bem. — Levantou uma sobrancelha e inclinou ligeiramente a cabeça para a direita, indicando a agente da polícia.

Estava a falar ao telefone, mas era notório que estava a ouvi-los.

— De certeza que te sentes bem? — perguntou-lhe o pai. — Foste examinada por um médico?

Andy fez um gesto afirmativo.

— Estás cansada, querida. Passaste a noite toda a trabalhar. E presenciaste uma coisa horrível. A tua vida correu perigo. E a da tua mãe também. É lógico que estejas em choque. Tens de descansar, dar tempo à tua memória para se recompor — disse Gordon em tom comedido. Andy compreendeu que lhe estava a dar indicações. — Sim?

Ela assentiu porque ele assentia. Porque é que o pai lhe indicava o que devia dizer? Tinha falado com Laura? Será que a sua mãe estava em apuros?

Tinha matado um homem. Claro que estava em apuros.

— Minha senhora — disse a agente da polícia —, podia dar-me os seus dados? Nome completo, morada, data de nascimento, essas coisas.

— Dou-lhos eu, agente. — Gordon aguardou que a mulher pegasse na caneta e no bloco; depois, procedeu a dar-lhe a informação pedida.

Andy aninhou-se debaixo do seu braço protetor. Engoliu em seco com tanta força que fez uns barulhos com a garganta.

Viu-se obrigada então a contemplar a situação como um ser humano imerso no mundo e não como uma espetadora aterrorizada.

Não se tratava de um ajuste de contas entre dois narcotraficantes em plena rua, nem de um marido agressor que tivesse ultrapassado todos os limites. Um rapaz branco tinha matado a tiro duas mulheres brancas e tinha morrido vítima de outra mulher branca num dos centros comerciais mais luxuosos do Estado.

Decerto mais unidades móveis de Atlanta e Charleston viriam cobrir a notícia. Interviriam advogados em nome das famílias, das vítimas, da

gerência do centro comercial, da câmara, do condado, e quiçá até das autoridades federais. Os diferentes corpos policiais viriam em tropel: o de Belle Isle, o de Savannah, o do condado de Chatham e a Agência de Investigação da Geórgia. Declarações das testemunhas. Medicina legal. Registo fotográfico. Autópsias. Recolha de provas.

O trabalho de Andy consistia parcialmente em atribuir um número de expediente a delitos muito menos graves do que aquele, e seguia com frequência a progressão do caso ao longo dos meses, ou mesmo dos anos, que demorava a chegar a julgamento. Melhor do que ninguém, ela devia saber que os atos da sua mãe seriam examinados meticulosamente por todas as instâncias do sistema penal de justiça.

Quase de propósito, ouviu-se de repente o toque do elevador. A agente da polícia endireitou o coldre de pele que trazia na anca, produzindo um guincho suave. Abriam-se as portas. Um homem e uma mulher com fatos amarrotados saíram do elevador. Ambos tinham cara de cansaço. Ele era careca, anafado, e tinha o nariz pelado pelo sol. Ela era mais ou menos da altura de Andy mas dez anos mais velha, no mínimo, tinha a pele cor de azeitona e o cabelo escuro.

Andy fez tenção de se levantar, mas Gordon impediu-a.

— Senhora Oliver. — A mulher mostrou o seu distintivo a Andy. — Sargento-detetive Lisa Palazzolo. Este é o detetive Brant Wilkes. Pertencemos ao Departamento de Polícia de Savannah. Estamos a ajudar a polícia local de Belle Isle com a investigação. — Voltou a guardar a identificação no bolso do casaco. — Temos de falar consigo sobre o que aconteceu esta manhã.

Andy abriu a boca, mas já se tinha esquecido das instruções da sua mãe e do que Gordon lhe tinha insinuado antes: por conseguinte optou por fechar a boca e olhar com expressão vazia para a pessoa que a interrogava.

— Este não é o melhor momento, detetives — interveio Gordon. — A minha filha está em estado de choque. Ainda não está preparada para declarar.

Wilkes bufou, contrariado.

— O senhor é o pai?

Andy só se lembrava de que Gordon era preto e ela branca quando alguém lho recordava.

— Sim, detetive. Sou o pai dela — afirmou Gordon com impaciência.

Estava acostumado àquilo. Durante anos tinha tido de sossegar professores desconfiados, empregados receosos e seguranças abertamente racistas. — Sou o Gordon Oliver, ex-marido da Laura. E pai adotivo da Andrea.

Wilkes torceu a boca enquanto matutava na resposta de Gordon.

— Lamentamos muito o ocorrido, senhor Oliver — disse Palazzolo —, mas precisamos de fazer umas perguntas à Andrea.

— Como já lhes disse — replicou Gordon —, neste momento ela ainda não está preparada para falar dos factos. — Cruzou as pernas calmamente, como se tudo aquilo fosse uma simples formalidade. — A Andrea trabalha como operadora telefónica na polícia, como sem dúvida devem ter deduzido pela farda. Ontem estive no turno da noite. Está exausta. E presenciou uma tragédia horrível. Não está em condições de prestar um depoimento.

— Com efeito, *foi* uma tragédia horrível — corroborou Palazzolo. — Morreram três pessoas.

— E a minha filha podia ter sido a quarta. — Gordon manteve o braço sobre os ombros de Andy num gesto protetor. — Teremos o maior prazer em passar pela esquadra amanhã.

— Estamos a investigar um homicídio.

— Mas o suspeito está morto — Gordon recordou à detetive. — Não há pressa, detetive. Mais um dia não vai fazer diferença.

Wilkes bufou de novo.

— Quantos anos tem?

Andy compreendeu que se dirigia a ela.

— Trinta e um — respondeu Gordon. — Faz anos hoje.

Andy lembrou-se de repente da mensagem de voz que o seu pai lhe tinha enviado de manhã, uma versão desafinada do *Parabéns a você* na sua profunda voz de barítono.

— Já é bem crescidinha para que o *paizinho* fale por ela — comentou Wilkes.

Palazzolo arregalou os olhos, mas disse:

— Senhora Oliver, para nós seria importante que nos ajudasse a esclarecer a sequência dos acontecimentos. É a única testemunha que ainda não prestou depoimento.

Andy sabia que isso não era verdade, porque Laura ainda estava sob os efeitos da anestesia.

— Detetives — disse Gordon —, se...

— Ora bolas, é o pai ou o advogado? — perguntou Wilkes com aspereza.
— Porque podemos afastá-lo do...

Gordon levantou-se. Era pelo menos trinta centímetros mais alto do que Wilkes.

— Por acaso também sou advogado, senhor Wilkes, e posso instruí-lo a respeito do direito constitucional da minha filha a negar-se a ser interrogada, ou então apresentar uma queixa formal aos seus superiores.

Andy observou que os olhos do detetive se moviam de um lado para o outro. Parecia morrer de vontade de pôr Gordon no lugar.

— Brant, vai dar uma volta — disse Palazzolo.

Wilkes não se mexeu.

— Vai lá, Brant. Vou ter contigo ao café. Vai comer qualquer coisa.

O detetive olhou para Gordon como um *pitbull* sem castrar. Depois afastou-se enfurecido.

— Senhor Oliver — disse Palazzolo —, sei que a sua filha passou um mau bocado hoje mas, embora Savannah não seja precisamente um mar de rosas, também não estamos acostumados a homicídios triplos. Precisamos do depoimento da sua filha. Temos de saber o que se passou.

— Homicídio duplo — frisou Gordon.

— Pois. — Palazzolo hesitou um momento antes de continuar: — Importa-se se nos sentamos? — Dedicou um sorriso tranquilizador a Andy. — Eu também trabalho à noite. Estou há dezoito horas a pé e por enquanto não vejo possibilidade de me poder deitar. — Puxou uma cadeira antes de Gordon se conseguir opor. — Olhem, vou dizer-lhes o que sei e depois, se a Andrea se sentir com força, pode contar-me o que ela sabe. Ou não. Em todo o caso, assim fica a saber a nossa versão. — Indicou as outras cadeiras. — É um bom acordo, senhor Oliver. Espero que o aceite.

Andy olhou para o pai. Homicídio triplo? Duas pessoas feridas? Porque é que tinha a sensação de que a detetive não contabilizava Laura entre os feridos?

— Senhor Oliver? — Palazzolo deu umas palmadinhas nas costas da cadeira, mas não se sentou. — O que é que me diz?

Gordon olhou para Andy.

Ela tinha visto aquele olhar muitas outras vezes: *Lembra-te do que te disse.*

Andy assentiu em silêncio. Era muito boa a manter a boca fechada.

— Ótimo. — Palazzolo sentou-se com um suspiro.

Gordon ocupou o lugar situado em frente da detetive.

— Está bem. — Palazzolo puxou do caderno, mas não da caneta. Passou umas páginas. — O atirador chamava-se Jonah Lee Helsinger. Dezoito anos. Estava no último ano do secundário. Pré-inscrito na Universidade do Estado da Flórida. A rapariga era Shelly Anne Barnard. Estava no restaurante com a sua mãe, Elizabeth Leona Barnard, Betsy. O Jonah Lee Helsinger é, ou era, o ex-namorado da Shelly. O seu pai afirma que a Shelly acabou com ele há duas semanas. Queria deixá-lo antes de começar a universidade no mês que vem. O Helsinger não lidou bem com a rejeição.

Gordon pigarreou.

— Isso é como quem diz.

A detetive assentiu, ignorando o sarcasmo.

— Lamentavelmente, as autoridades têm tido de investigar muitos casos parecidos ao longo dos anos. Sabemos que as matanças indiscriminadas não costumam ser produto de um ataque momentâneo. São operações bem planeadas e executadas que normalmente se vão desenvolvendo aos poucos na cabeça do assassino até que alguma coisa, um facto concreto, como uma rutura sentimental ou uma mudança de circunstâncias vitais, como entrar para a universidade, as provoca. A primeira vítima é em geral uma mulher chegada, daí que tenha sido um alívio descobrir que a mãe do Helsinger estava fora da cidade esta manhã. Uma viagem de trabalho a Charleston. Mas pela indumentária escolhida pelo Helsinger, um chapéu preto, um colete e um coldre que comprou na Amazon há seis meses, sabemos que já andava há um tempo a maquinar o ataque. O detonante produziu-se quando a Shelly o deixou, mas a ideia, o plano, andava há meses a formar-se na sua cabeça.

Matanças indiscriminadas.

Aquelas duas palavras ecoavam dentro da cabeça de Andy.

— Todas as vítimas são mulheres? — perguntou Gordon.

— Havia um homem sentado no restaurante. Os estilhaços de bala feriram-lhe um olho. Ainda não sabemos se o vai perder. Refiro-me ao olho. — Palazzolo retomou a questão de Jonah Helsinger. — Outra coisa que sabemos a respeito dos assassinos que cometem matanças indiscriminadas é que tendem a colocar artefactos explosivos nos seus domicílios para incrementar o número de vítimas. Daí que tenhamos enviado a brigada de explosivos para revistar o quarto do Helsinger antes de lá entrarmos. Tinha uma bomba caseira ligada ao puxador da porta. O detonador estava defeituoso. O mais

certo é tê-lo arranjado na Internet. Graças a Deus, não houve nenhuma explosão.

Andy abriu a boca para poder respirar. Tinha estado cara a cara com o rapaz. Por um triz não tinha matado Laura. Por um triz não a tinha matado a ela. Assassinou outras pessoas. Tentou mandá-las pelos ares.

Certamente tinha andado na escola secundária de Belle Isle, a mesma de Andy.

— Helsinger — disse Gordon. — O apelido é-me familiar.

— Sim, a família é muito conhecida no condado de Bibb. Em todo o...

— Muito conhecida — repetiu Gordon num tom que Andy não conseguiu decifrar.

Palazzolo, em troca, pareceu entender o que o seu pai queria dizer. Olhou-o fixamente um instante antes de acrescentar:

— Em todo o caso, o Jonah Helsinger deixou alguns cadernos escolares em cima da cama. A maioria cheios de desenhos. Imagens macabras, perturbadoras. Tinha mais quatro armas, uma *AR-15* e uma caçadeira, de maneira que se optou por usar o revólver e a faca não foi por acaso. Julgamos conhecer o motivo. No computador portátil dele, encontrámos uma pasta intitulada *Plano Morte* que continha dois ficheiros de texto e um PDF.

Andy sentiu que um calafrio lhe percorria o corpo. Na noite anterior, enquanto ela se preparava para a noite de trabalho, Jonah Helsinger estava provavelmente deitado na cama, a mentalizar-se para cometer uma matança.

— O PDF era a planta do restaurante — prosseguiu a detetive —, ao estilo da que podia ser esboçada por um arquiteto. Um dos documentos era um horário, uma lista: levanto-me a tal hora, tomo duche a tal outra, agora limpo a pistola, agora ponho gasolina no carro. O outro ficheiro era uma espécie de diário no qual o Helsinger referia como ia proceder e porquê. — Palazzolo deu uma olhadela ao caderno. — Os objetivos principais eram a Shelly e a mãe. Pelos vistos iam ao Rise-n-Dine uma vez por semana. A Shelly publicava-o no Facebook, punha fotografias da comida no Snapchat e essas coisas. O senhor Barnard disse-nos que almoçam juntas às segundas-feiras, durante todo o verão, até as aulas começarem.

— *Almoçavam* — murmurou Gordon. Agora, tudo na vida daquelas mulheres era passado.

— *Almoçavam*, sim — disse Palazzolo. — O Helsinger pensava matá-las a ambas. Culpava a mãe pela rutura. No diário afirma que foi culpa da Betsy,

que estava sempre a pressionar a Shelly e blá, blá, blá. Disparates vários. Mas, enfim, tanto faz, porque todos sabemos que o Jonah Helsinger é o culpado, certo?

— Efetivamente — afirmou Gordon com firmeza.

Palazzolo voltou a olhá-lo enfaticamente antes de regressar às suas notas.

— O plano era o seguinte: após matar a Betsy e a Shelly, faria reféns as pessoas que estivessem no restaurante. Tinha uma hora apontada, uma e dezasseis. Não é a hora concreta na qual se produziram os factos, mas uma indicação aproximada. — Olhou para Andy e depois para Gordon. — Ora bem, nós achamos que ele fez um ensaio. Na semana passada, mais ou menos à mesma hora do tiroteio, alguém atirou uma pedra para a vidraça do restaurante que dá para o passeio marginal e partiu-a. Estamos à espera do relatório do serviço de segurança. O incidente foi classificado como um caso de vandalismo. O primeiro guarda do centro comercial demorou aproximadamente um minuto e dezasseis segundos a chegar ao restaurante.

Esses guardas não eram os seguranças típicos, mas sim antigos polícia contratados pelo centro comercial para protegerem as lojas de luxo. Andy tinha visto com frequência as pistolas que usavam, mas nunca pensara demasiado no assunto.

— Segundo o esquema do Helsinger — continuou Palazzolo —, tinha previsto matar pelo menos uma testemunha para que a polícia soubesse que não estava a brincar. Depois deixar-se-ia abater. Deve ter pensado que as suas previsões se aceleravam ao ver a sua farda e concluir que pertencia à polícia — acrescentou a detetive dirigindo-se a Andy. — Deduzimos das declarações das outras testemunhas presenciais que queria que lhe disparasse. Pretendia suicidar-se utilizando a polícia.

Só que Andy não era polícia.

Levanta-te! Faz o teu trabalho!

Fora o que Helsinger lhe tinha gritado.

Depois, a sua mãe tinha dito: *Dispara*.

— É um mau tipo. *Era* um mau tipo, o tal do Helsinger. — Palazzolo continuava a olhá-la fixamente. — Está tudo nas suas notas. Tinha planeado tudo minuciosamente. Sabia que ia matar pessoas. E esperava que o número de vítimas aumentasse quando alguém abrisse a porta do quarto dele. Encheu o artefacto caseiro com parafusos e pregos. Se o cabo não estivesse ligado ao puxador, teria mandado a casa toda pelos ares, mais quem quer que lá

estivesse dentro. Teríamos encontrado pregos espetados em sabe Deus quem ou o quê a dois quarteirões de distância.

Andy quis anuir, mas sentia-se paralisada. Pregos e parafusos pelos ares. O que podia levar alguém a fabricar uma bomba caseira e a enchê-la de projéteis na esperança de matar ou mutilar outras pessoas?

— Teve muita sorte — disse-lhe Palazzolo. — Se a sua mãe não tivesse lá estado, tê-la-ia matado. Era mesmo um mau tipo.

Andy notou que a detetive a estava a observar, mas manteve os olhos pousados no chão.

Um mau tipo.

Palazzolo continuava a repetir aquela expressão como se lhe parecesse bem que Helsinger tivesse morrido. Como se fosse merecido. Como se o que Laura tinha feito fosse totalmente justificado porque Jonah Lee Helsinger era *um mau tipo*.

Andy trabalhava numa esquadra. A maioria das pessoas que morria assassinada entrava dentro dessa categoria, no entanto nunca tinha ouvido nenhum detetive insistir no facto de a vítima ser um mau tipo.

Palazzolo tinha-se virado para Gordon.

— Senhor Oliver — disse —, a sua esposa frequentou algum tipo de treino militar?

Gordon não respondeu.

— Os seus antecedentes são muito normais — prosseguiu Palazzolo, e voltou a folhear o caderno. — Nasceu em Providence, Rhode Island. Estudou na Universidade de Rhode Island e fez o mestrado e o doutoramento na Universidade da Geórgia. Vive em Belle Isle há vinte e oito anos. Tem a casa paga, os meus parabéns por isso. Podia vendê-la por uma boa maquia, mas onde é que estaria melhor do que aqui? Um único casamento e um divórcio. Nenhuma dívida importante. Paga sempre as contas a tempo. Nunca saiu do país. Há três anos pagou uma multa pela Internet. Deve ter sido das primeiras pessoas a comprar casa aqui. — A detetive olhou para Andy. — Foi criada aqui em Belle Isle, não foi?

Andy ficou especada a olhar para ela. Tinha um sinal perto da orelha, mesmo abaixo do maxilar.

— Andou na escola aqui e depois estudou na Escola de Arte e Design de Savannah?

Na realidade, tinha passado os dois primeiros anos de vida em Athens

enquanto Laura acabava o doutoramento, mas a única coisa que recordava da Universidade da Geórgia era de ter medo do periquito dos vizinhos.

— Senhora Oliver — repetiu Palazzolo num tom tenso. Evidentemente, estava acostumada a que respondessem às suas perguntas. — A sua mãe alguma vez teve aulas de defesa pessoal?

Andy observou o sinal do qual saíam uns pelinhos curtos.

— Ioga? Pilates? *Tai chi*? — Palazzolo esperou. E continuou a esperar.

Depois fechou o caderno. Guardou-o no bolso. Rebuscou no outro bolso e tirou o telefone. Tocou no ecrã.

— Vou mostrar-lhes isto porque já apareceu nas notícias. — Passou um dedo pelo ecrã. — Um dos clientes do restaurante pensou que era mais importante gravar o que estava a acontecer do que chamar o 911 ou fugir.

Deu a volta ao telefone. A imagem estava em pausa. Jonah Helsinger aparecia de pé à entrada do restaurante. Um caixote do lixo tapava-lhe a parte inferior do corpo. Por trás dele, o centro comercial parecia deserto. Pelo ângulo, Andy percebeu que não tinha sido a empregada do fundo a gravar o vídeo. Perguntou-se se teria sido o homem do jornal. O telefone estava inclinado mesmo por cima do saleiro e do pimenteiro, como se o seu dono tivesse tentado ocultar que estava a gravar aquele rapaz tão esquisito, vestido como o mau da fita de um filme de John Wayne.

O chapéu era ridículo, isso era indiscutível. Ficava-lhe grande, era muito rígido por cima e a curvatura da aba dava-lhe um aspeto quase cómico.

Talvez ela também o tivesse gravado.

— São imagens muito duras — comentou Palazzolo. — Nas notícias estão a atenuá-las. Parece-lhe bem vê-las? — perguntou a Gordon, porque obviamente Andy já tinha visto.

Gordon acariciou o bigode com o indicador e o polegar enquanto ponderava. Andy sabia que ele conseguia aguentar. O que se estava a perguntar era se queria realmente vê-las.

Finalmente tomou uma decisão.

— Sim.

Palazzolo passou o dedo pelo telefone e tocou no ecrã.

Inicialmente, Andy perguntou-se se a imagem tinha ficado congelada porque Jonah Helsinger não se mexia. Durante uns segundos ficou ali parado, atrás do caixote do lixo, a olhar inexpressivamente para o interior do restaurante, com o seu chapéu de cobói enfiado na testa suada.

Duas senhoras, clientes do centro comercial, passaram atrás dele. Uma delas reparou na indumentária do rapaz, deu uma cotovelada à sua acompanhante e riram-se ambas.

Como música de fundo, ouvia-se «*Dress You Up*» de Madonna.

Alguém tossiu. Aquele som leve pareceu ecoar nos ouvidos de Andy, e perguntou-se se tinha ouvido algum desses barulhos no restaurante, enquanto dizia à empregada que tinha estudado cenografia ou olhava através da vidraça para as ondas que rebentavam ao longe.

No vídeo, Helsinger movia a cabeça da direita para a esquerda como se percorresse o local com o olhar. Andy sabia que não havia muito que ver. O restaurante estava meio vazio. Restavam apenas alguns clientes que tomavam um último café ou um chá antes de irem à sua vida, jogar golfe ou dormir, no caso de Andy.

Helsinger afastou-se do caixote do lixo.

Meu Deus, disse uma voz masculina.

Andy lembrava-se daquela voz, do tom baixo e mesquinho, do ar de surpresa.

Helsinger levantou a pistola. Um tufo de fumo saiu do cano. Um estrondo.

Shelly recebeu um disparo na parte de trás da cabeça. Caiu ao chão como uma boneca de papel.

Betsy Barnard começou a gritar.

A segunda bala não acertou nela, mas um forte grito anunciou que tinha atingido outra pessoa.

A terceira bala seguiu-se quase de imediato à segunda.

Uma chávena estoirou em mil pedaços sobre a mesa. Os fragmentos voaram pelo ar.

Laura estava de costas para o pistoleiro quando um daqueles fragmentos se incrustou na sua perna. O semblante da sua mãe não acusou o impacto. Desatou a correr, mas não para fugir. Estava mais perto da entrada do restaurante do que do fundo. Poderia ter-se escondido debaixo de uma mesa. Poderia ter escapado.

E, no entanto correu para Andy.

Andy viu-se de pé, de costas para a vidraça. A chávena de café caiu-lhe da mão. A louça escaqueirou-se. Ao fundo, Betsy Barnard estava a ser assassinada. A quarta bala foi disparada para a sua boca. A quinta, no crânio. Caiu em cima da filha.

Nesse instante, Laura lançou-se sobre Andy atirando-a ao chão.

Um instante de quietude. Depois, Laura levantou-se de um salto.

Movia as mãos para baixo, dando palmadinhas como quando Andy era pequena e lhe aconchegava a roupa na cama. O homem de preto, Jonah Lee Helsinger, tinha a arma apontada ao peito de Laura. Andy viu-se a si mesma ao longe. Aninhada em posição fetal. Atrás dela, o vidro ia-se rachando e caindo aos pedaços.

Sentada na cadeira, ao lado de Gordon, levou a mão ao cabelo. Tirou um pedaço de vidro do cabelo emaranhado.

Quando voltou a olhar para o telefone da detetive Palazzolo, o ângulo tinha mudado. A imagem, gravada a partir da retaguarda do pistoleiro, tremia. A pessoa que tinha feito a gravação estava estendida no chão, por trás de uma mesa virada. Desse ângulo, Andy tinha uma perspectiva completamente diferente. Em vez de se situar em frente do atirador, agora estava atrás dele. Em vez de ver as costas da sua mãe, via-lhe a cara. Levantou seis dedos das mãos para indicar o número total de balas. Moveu o polegar para demonstrar a Helsinger que já só lhe restava um projétil.

Dispara.

Fora isso que Laura tinha dito àquele rapaz que já tinha matado duas pessoas: *dispara*. Tinha-o dito várias vezes. Aquela palavra ressoava na cabeça de Andy como um eco de cada vez que a mãe a repetia no vídeo.

Dispara, quero que me dê um tiro, dispara, quando me disparares, a minha filha vai sair daqui a correr...

Ao começar o tiroteio, todos os presentes tinham desatado a gritar, tinham tentado pôr-se a salvo ou tinham fugido, ou as três coisas ao mesmo tempo.

Laura, pelo contrário, tinha começado a contar as balas.

— O que é que se passa? — murmurou Gordon. — O que é que ele está a fazer?

Clac.

No ecrã, Helsinger desembainhou alguma coisa do cinto.

— É uma faca — disse Gordon. — Achei que tinha usado uma pistola.

Helsinger enfiou a pistola no coldre. Empunhava a faca com a lâmina virada para baixo para fazer todo o mal possível.

Andy quis fechar os olhos, mas o impulso de voltar a ver tudo foi igualmente forte. Queria ver a cara da sua mãe nesse instante, no momento em que Helsinger brandia a faca. Laura tinha uma expressão quase plácida,

como se dentro dela se tivesse premido um interruptor e algo se tivesse desligado.

A faca ergueu-se no ar.

Gordon conteve a respiração.

A faca desceu.

Laura levantou a mão esquerda. A lâmina afundou-se no meio da palma da sua mão. Os seus dedos fecharam-se em torno do cabo. Arrancou a faca das garras de Helsinger e, com ela ainda espetada na mão, virou a lâmina e espetou-a num dos lados do pescoço.

Um golpe surdo.

Helsinger abriu os olhos de par em par.

A mão esquerda de Laura ficou pespegada ao lado esquerdo do seu pescoço como um bilhete espetado num painel de cortiça.

Houve uma breve pausa, pouco mais do que uma fração de segundo.

A boca de Laura mexeu-se. Uma palavra ou duas, quase sem abrir os lábios.

Depois passou o braço direito por baixo do esquerdo, ainda preso.

Apoiou a parte inferior da mão direita sob o ombro direito de Helsinger.

Empurrou o seu ombro.

Com a mão esquerda, de esticção, arrancou a faca da sua garganta.

Sangue.

Em toda a parte.

Gordon estava boquiaberto.

Andy sentiu que a sua língua se tornava de algodão.

Empurrar com a mão direita, puxar com a esquerda.

A julgar pelas imagens, Laura parecia ter extraído premeditadamente a faca da garganta de Helsinger.

Não só o tinha matado.

Tinha-o *assassinado*.

— É... — Gordon também viu. — É...

Levou a mão à boca.

No vídeo, Helsinger desabava. Primeiro, os seus joelhos tocavam o chão. Depois o peito. Por fim, a cara.

Andy viu-se ao fundo. O branco dos seus olhos formava quase um círculo perfeito.

Em primeiro plano, o semblante de Laura conservava uma expressão

serena. Olhava para a faca que lhe atravessava a mão de um lado ao outro e virava a mão para a examinar — primeiro a palma, depois as costas — como se só ali tivesse uma pua espetada.

Palazzolo decidiu parar o vídeo nesse ponto.

Esperou um instante. Depois perguntou:

— Querem vê-lo outra vez?

Gordon teve tanta dificuldade a engolir em seco que Andy viu como se a sua maçã-de-adão se mexia.

— Senhor Oliver?

Ele negou com a cabeça, olhou para o fundo do corredor.

Palazzolo bloqueou o ecrã. Guardou o telefone no bolso. Sem Andy dar por isso, tinha chegado a sua cadeira a ela, afastando-se de Gordon. Inclinou-se para a frente e apoiou as mãos nas pernas. Entre os seus joelhos e os de Andy só havia uns centímetros.

— É realmente horrendo — disse. — Deve ser muito duro voltar a vê-lo.

Gordon abanou a cabeça, pensando que continuava a falar com ele.

— Esteja à vontade, senhora Oliver, o tempo que precisar — acrescentou Palazzolo. — Sei que é complicado. Não é verdade? — Voltava a dirigir-se a ela, chegando-se tanto que Andy começou a sentir-se incomodada.

Empurrar com uma mão, puxar com a outra.

Empurrar o ombro de Helsing. Atravessar-lhe o pescoço com a faca.

A expressão serena da sua mãe.

Vou dizer-lhes o que sei e depois, se a Andrea se sentir com força, pode contar-me o que ela sabe.

Provavelmente a detetive não lhes tinha dito nem mostrado nada que não tivesse aparecido já nas notícias. E estava a assediar Andy sem que parecesse que a assediava, invadindo o seu espaço pessoal. Andy sabia que era uma técnica de interrogatório porque tinha lido alguns manuais de formação policial nos tempos mortos do trabalho. Como, por exemplo, as *Notas em torno do interrogatório policial: declarações de testemunhas, interrogatório de testemunhas hostis e confissões*, de Horton.

Tinha de incomodar o sujeito sem que este se apercebesse do motivo da sua incomodidade.

E se Palazzolo estava a tentar fazê-la sentir-se incomodada era porque aquilo era um interrogatório, não um mero depoimento.

— Teve sorte de a sua mãe lá estar para a salvar — comentou a detetive.

— Certas pessoas considerá-la-iam uma ação heroica.

Certas pessoas.

— O que é que a sua mãe disse ao Jonah antes de ele morrer? — perguntou Palazzolo.

Andy viu estreitar-se a distância que as separava. Os cinco centímetros do princípio converteram-se em dois.

— Senhora Oliver?

Laura parecia tão calma... Era esse o problema. Tinha-se mostrado excessivamente serena e metódica em todo o momento, sobretudo ao levantar a mão direita e apoiá-la junto do ombro direito de Jonah.

Para empurrar com uma mão e puxar com a outra.

Sem temer pela própria vida.

Deliberadamente.

— Senhora Oliver, o que é que a sua mãe disse? — insistiu Palazzolo.

A pergunta implícita da detetive encheu o pequeno e desconfortável espaço que as separava: se Laura estava tão calma, se tinha sido tão metódica, por que razão não tinha utilizado a mão livre para tirar a pistola a Helsinger?

— Andrea? — Palazzolo apoiou os cotovelos nos joelhos. Andy percebeu o cheiro a café no seu hálito. — Sei que é um momento difícil, mas podemos esclarecer tudo rapidamente se me disser o que é que a sua mãe disse antes de o Helsinger morrer. — Esperou um instante. — O telefone não apanhou. Calculo que possamos mandar o vídeo para o laboratório, mas seria mais simples se mo dissesse...

— O pai — interrompeu-a Gordon. — Devíamos rezar pelo pai.

Palazzolo não o encarou, mas Andy sim. Gordon não era muito dado a rezar.

— Nem posso imaginar... — disse, e calou-se. — Nem posso imaginar o que é perder a família assim. — Estalou os dedos ao dizer isto, mas bem perto da própria cara, como quem tenta acordar do transe em que o vídeo o mergulhara. — Ainda bem que a tua mãe estava lá para te proteger, Andrea... A ti, e a ela própria.

Andy assentiu em silêncio. Por uma vez, estava uns passos à frente do seu pai.

Palazzolo por fim recostou-se na cadeira.

— Olhem — disse —, sei que acham que não estou do vosso lado, mas garanto-lhes que aqui não há lados. O Jonah Helsinger era um mau tipo.

Tinha um plano. Queria matar gente, e foi exatamente isso que fez. O senhor tem razão, senhor Oliver. A sua mulher e a sua filha podiam ter sido a terceira e a quarta vítimas. Mas eu sou polícia e o meu dever é apurar o que aconteceu esta tarde naquele restaurante. Só procuro a verdade.

— Detetive Palazzolo — afirmou Gordon, que por fim parecia ter recuperado o domínio de si próprio —, andamos os dois nisto há tempo suficiente para sabermos que a verdade está sujeita a interpretação.

— Com efeito, senhor Oliver. Tem toda a razão. — Olhou para Andy. — Sabe que mais? Acabo de perceber que ainda não proferiu nem uma única palavra em todo este tempo. — Pousou a mão no joelho de Andy num gesto de afeto quase fraternal. — Não tem mal, minha querida. Não tenha medo. Pode falar comigo.

Andy manteve o olhar fixo no sinal da detetive. Custava-lhe demasiado olhá-la nos olhos. Não tinha medo. Estava confusa.

Será que Jonah Helsinger ainda representava uma ameaça no momento em que Laura o tinha matado? Porque não era crime matar alguém se essa pessoa representasse um perigo para a vida da vítima mas, não sendo assim, era impossível alegar que tivesse sido em legítima defesa.

Era simplesmente um homicídio.

Tentou relembrar o ocorrido nessa manhã, preencher as lacunas deixadas pelo vídeo. Será que Laura poderia ter deixado a faca espetada no pescoço de Jonah Helsinger, ter-lhe tirado a pistola e depois...? *O quê?*

Teria chegado a polícia. O serviço de emergência teria enviado uma ambulância e não um juiz de instrução, porque a verdade era que, inclusive com a faca a sobressair de um lado do pescoço como se fosse uma espécie de Herman Monster, Jonah Helsinger ainda permanecia vivo. Não tinha cuspidido sangue, nem o tinha expulsado pelo nariz. Ainda conseguia mexer os braços e as pernas, o que significava que provavelmente tinha a carótida e a jugular intactas. Ou seja, que tinha possibilidades de sobreviver até ao instante em que Laura acabou com a sua vida.

O que teria acontecido a seguir?

O pessoal da ambulância tê-lo-ia estabilizado e levado para o hospital e os cirurgiões poderiam ter-lhe extraído a faca do pescoço em segurança. Pelo contrário, nada disso tinha acontecido porque Laura tinha apoiado a mão direita junto do seu ombro direito e tinha dado cabo dele.

— Senhora Oliver — disse Palazzolo —, o seu silêncio parece-me deveras

preocupante. Se nada a impede, porque é que não fala comigo?

Andy obrigou-se a olhá-la nos olhos. Tinha de dizer alguma coisa. *Asseverar que a sua mãe não tinha tido escolha. A minha mãe agiu em legítima defesa. A detetive não estava lá, eu sim, e estou disposta a jurar em cima de uma pilha de bíblias e diante de um júri que a minha mãe não teve outro remédio a não ser matar o Jonah Helsinger.*

— Laura? — disse Gordon.

Andy olhou-o, alheando-se por fim do turbilhão criado por Palazzolo. Estava convencida de que, quando revisse a sua mãe, Laura estaria prostrada de novo numa cama de hospital. E no entanto ali estava ela, sentada numa cadeira de rodas.

— Estou bem — disse apesar de ter a cara franzida pela dor.

Vestia uma bata branca e tinha um braço vendado, pegado à cintura por uma ligadura com velcro. Tinha os dedos imobilizados por uma espécie de luva de motoqueiro sem dedos.

— Tenho de mudar de roupa e depois estou pronta para ir para casa.

Gordon abriu a boca para responder, mas Laura impediu-lho:

— Por favor — suplicou. — Já disse à doutora que vou assinar a alta voluntária. Está a tratar da papelada. Podes trazer o carro? — Pareceu irritada, sobretudo ao ver que Gordon não reagia de imediato. — Gordon, por favor, podes trazer o carro?

— Doutora Oliver — disse Palazzolo —, a sua cirurgiaã disse-me que ia ficar internada esta noite, no mínimo.

Laura não lhe perguntou quem era nem porque é que tinha falado com a cirurgiaã.

— Gordon, quero ir para casa.

— Minha senhora — insistiu Palazzolo —, sou a detetive Lisa Palazzolo, do departamento de...

— Não quero falar consigo. — Olhou para Gordon. — Quero ir para casa.

— Minha senhora...

— Tem falta de ouvido? — replicou Laura. — Este homem é advogado. Pode explicar-lhe quais são os meus direitos se não os conhece.

Palazzolo franziu a testa.

— Sim, já passámos por isso, mas permita-me esclarecer uma coisa para que conste em ata. Está a negar-se a ser interrogada?

— Por enquanto — interveio Gordon, porque nada o fazia apoiar Laura

mais rotundamente do que vê-la ser desafiada por uma desconhecida. — O meu escritório entrará em contacto consigo para marcar uma reunião.

— Poderia detê-la como testemunha ocular.

— Efetivamente, poderia — reconheceu Gordon —, mas ela também poderia ficar internada por ordem médica e nesse caso a detetive também não poderia fazer o interrogatório.

— Acabo de acordar da anestesia — explicou Laura num tom mais conciliador —, não estou em condições de...

— Está a piorar as coisas, percebe isso, não percebe? — Palazzolo tinha abandonado a pose prestável, a pretensão de que estavam todos na mesma equipa. Estava visivelmente chateada. — Os únicos que se calam são aqueles que têm alguma coisa para ocultar.

— O meu escritório entrará em contacto consigo quando a doutora Oliver estiver em condições de falar — afirmou Gordon.

A detetive apertou os dentes e a articulação do seu maxilar sobressaiu qual parafuso a um lado da cara. Inclinou brevemente a cabeça em jeito de despedida, o casaco a esvoaçar à medida que se dirigia para os elevadores.

— Devias ficar no hospital — disse Gordon a Laura. — Aqui não vais ser incomodada. Peço uma ordem judicial para não se aproximarem de ti...

— Para casa — insistiu Laura. — Ou no teu carro, ou chamo um táxi.

Gordon lançou um olhar suplicante ao auxiliar que empurrava a cadeira de rodas.

O auxiliar encolheu os ombros.

— A senhora tem razão, mano. Assim que assinar esses papéis, não a podemos reter aqui se ela não quiser.

Gordon ajoelhou-se aos pés da cadeira.

— Querida, não acho que...

— Andrea. — Laura apertou-lhe a mão com tanta força que lhe deslocou os ossos. — Não quero ficar aqui. Não quero passar outra noite no hospital. Tu compreendes, não compreendes?

Andy assentiu, porque pelo menos isso era compreensível. Laura tinha passado quase um ano num corrupio para o hospital devido às complicações da operação: dois surtos de pneumonia e uma infeção de *clostridium difficile* tão persistente que estivera prestes a provocar-lhe a falência renal.

— Pai, ela quer ir para casa — disse.

Gordon murmurou algo baixinho. Levantou-se. Enfiou a mão no bolso. As

suas chaves tilintaram.

— Tens a certeza? — Abanou a cabeça visto que Laura não era muito dada a fazer afirmações das quais não estivesse absolutamente certa. — Vai-te vestir. Assina os documentos. Eu estou lá fora.

Ao vê-lo afastar-se, Andy sentiu-se embargada pelo peso na consciência por ter cedido às exigências da mãe em detrimento dos desejos do pai.

— Obrigada. — Laura largou-lhe a mão e disse ao auxiliar: — Podia dar-me uma *t-shirt* ou alguma coisa para vestir?

O homem assentiu fazendo uma pequena reverência e saiu.

— Andrea — disse Laura baixinho —, disseste alguma coisa à detetive?

Andy fez um gesto negativo com a cabeça.

— Vi-te falar com ela quando vinha pelo corredor.

O tom áspero da sua mãe surpreendeu-a.

— Eu não falei... Fez-me perguntas, mas não lhe disse nada. Não abri a boca — acrescentou.

— Muito bem. — A sua mãe tentou mudar de posição mas fez uma careta de dor. — Aquilo de que estivemos a falar antes, no restaurante... Quero que te vás embora. Esta mesma noite. Tens de ir.

O quê?

— Bem sei que te disse que não te ia dar nenhum ultimato, mas estou a fazê-lo, e tem de ser já. — Laura tentou novamente mudar de posição. — És uma mulher adulta, Andrea. Tens de começar a agir como tal. Quero que procures um apartamento e que saias de casa. Ainda hoje.

Andy sentiu um baque no estômago.

— O teu pai concorda comigo — continuou Laura como se esse fosse o argumento decisivo. — Quero que saias de casa. Da garagem. Vai-te embora, está bem? Não podes lá dormir esta noite.

— Mãe...

Laura assobiou ao expelir ar entre os dentes enquanto tentava encontrar uma posição mais confortável.

— Andrea, por favor, não discutas. Esta noite preciso de estar sozinha. E amanhã e... Tens de ir. Tomei conta de ti durante trinta e um anos. Ganhei o direito de estar sozinha.

— Mas... — afirmou Andy sem saber qual era o *mas*.

Mas morreram pessoas.

Mas podias ter morrido.

Mas mataste alguém quando não tinhas de matar.

Pois não?

— Já está decidido — insistiu Laura. — Vai lá abaixo e vê se o teu pai sabe qual é a entrada correta.

Não era a primeira vez que Gordon as ia buscar ao hospital.

— Mãe...

— Andrea! Não podes fazer o que te digo por uma vez na vida?

Andy sentiu o impulso de tapar os ouvidos. A sua mãe jamais se mostrara tão fria. De repente, tinha-se aberto entre elas um abismo gélido e imenso.

Laura tinha os dentes apertados.

— Vai lá.

Andy deu meia-volta e afastou-se da mãe. As lágrimas escorriam-lhe pela cara. Tinha ouvido o mesmo tom cortante na voz da mãe duas vezes nesse dia, e em ambas as ocasiões o seu corpo tinha reagido antes de a sua mente se bloquear.

Não viu Gordon, mas Palazzolo estava à espera do elevador. A detetive abriu a boca para dizer alguma coisa. Andy continuou a andar e foi pelas escadas, tropeçando nos degraus. Sentia-se dormente. A cabeça andava às voltas. As lágrimas caíam como gotas de chuva.

Sair de casa? Nessa mesma noite?

Tipo agora? Tipo para sempre?

Mordeu o lábio para parar de chorar. Tinha de se dominar pelo menos até ter encontrado o pai. Gordon remediará aquilo. Saberá o que fazer. Terá um plano. Poderá explicar-lhe que demónio tinha acontecido à sua mãe, aquela mulher carinhosa e afável.

Acelerou o passo e desatou a correr escadas abaixo. O peso que lhe oprimia o peito pareceu diminuir ligeiramente. Tinha de haver um motivo para que Laura agisse assim. O stresse. A anestesia. A pena. O medo. A dor. Qualquer uma dessas coisas traz à tona o pior de uma pessoa. Todas juntas podiam causar a loucura.

Nem mais.

Laura só precisava de tempo.

Sentiu que começava a respirar com mais calma. Contornou a esquina do patamar seguinte. A sua mão suada escorregou pelo corrimão. Calcou de lado um degrau, escorregou e deu por si estatelada de costas no chão.

Bolas!

Apoiou a cabeça entre as mãos. Algo húmido, demasiado espesso para ser suor, corria-lhe pelos dedos.

Bolas!

Tinha um nó do dedo a sangrar. Chupou-o. Sentiu as mãos a tremer. O cérebro rodopiava. Alguma coisa esquisita se estava a passar com o seu ritmo cardíaco.

Lá em cima uma porta abriu-se e voltou a fechar-se. Depois ouviram-se passos amortecidos na escada.

Tentou mexer o tornozelo. Curiosamente, estava bem. Tinha torcido o joelho, mas não tinha nenhuma entorse nem nenhum osso partido. Levantou-se, disposta a continuar a descer, mas sentiu uma náusea.

Acima dela, os passos continuavam a aproximar-se.

Vomitou num lugar público já era suficientemente grave. Ter testemunhas era o cúmulo. Tinha de encontrar uma casa de banho. Ao chegar ao patamar seguinte, abriu a porta com um empurrão e correu pelo corredor até encontrar as casas de banho.

Teve de se despachar para chegar a tempo à sanita. Abriu a boca e esperou pelo vômito, mas agora que estava ali, agachada à frente da sanita, só lhe saiu bílis.

Despejou o máximo que conseguiu antes de puxar o autoclismo. Depois baixou a tampa e sentou-se. Com as costas da mão limpou a boca. O suor escorria-lhe pelo pescoço. Respirava como se tivesse corrido uma maratona.

— Andrea?

Bolas!

As suas pernas vergaram-se como um estore e os calcanhares recuaram para o pé da sanita como se encolher-se a pudesse tornar invisível.

— Andrea?

Os grossos sapatos policiais de Palazzolo repicaram nos mosaicos. A detetive parou à porta do cubículo fechado.

Andy cravou o olhar na porta. Uma torneira pingava. Contou seis gotas até que...

— Andrea, sei que está aí dentro.

O ridículo da situação fê-la arregalar os olhos.

— Depreendo que não goste de falar — continuou Palazzolo. — De modo que talvez me possa ouvir.

Andy esperou.

— A sua mãe pode vir a ter muitos problemas. — A detetive esperou um instante. — Ou não.

Sentiu um sobressalto quando ouviu a palavra *não*.

— O que ela fez... Eu entendo. Estava a proteger a filha. Eu também tenho um filho. E faria qualquer coisa por ele. É o meu menino.

Andy mordeu o lábio.

— Eu posso ajudar-vos. Ajudar-vos a solucionar este imbróglio.

Andy esperou de novo.

— Vou deixar o meu cartão aqui, na bancada.

Continuou à espera.

— Pode ligar-me quando quiser, de dia ou de noite, e juntas podemos decidir o que tem de dizer para resolver este problema. — Fez uma pausa. — Estou a oferecer-me para ajudar a sua mãe, Andrea. É o único que quero: ajudar.

Andy arregalou outra vez os olhos. Há muito tempo que sabia que uma das desvantagens do silêncio prolongado era que as pessoas nos viam como simplórios ou diretamente como idiotas.

— É assim, se quer mesmo ajudar a sua mãe — prosseguiu a detetive —, a primeira coisa que tem de fazer é dizer-me a verdade. Sobre o que se passou.

Andy quase se desatou a rir.

— Esse tem de ser o ponto de partida. Combinado? — Outra pausa eloquente. — Combinado?

Combinado.

— O cartão fica aqui na bancada, minha querida. De dia ou de noite.

Escutou o pingar da torneira.

Uma gota... Duas gotas... Três... Quatro... Cinco... Seis...

— Pode fazer algum gesto para que saiba que me ouviu? Puxar o autoclismo, por exemplo?

Andy levantou o dedo médio para a porta fechada da casa de banho.

— Muito bem — acrescentou Palazzolo. — Enfim, vou assumir que me ouviu. Mas, insisto, quanto antes melhor, está bem? Não queremos ter de levar a sua mãe à força para a esquadra, para a interrogar oficialmente e tudo o mais. Sobretudo tendo em conta que está ferida. Está bem?

De repente teve uma visão onde se viu a si própria a levantar-se da sanita, abrir a porta ao pontapé e mandar a detetive à merda.

Mas reparou que a porta se abria para dentro, não para fora, de modo que

não a podia abrir ao pontapé. Por conseguinte, esperou que a detetive se fosse embora, sentada na sanita com a cabeça entre os joelhos e abraçada às pernas.

3

Teve de esperar tanto que os seus joelhos rangeram quando, por fim, se endireitou e se conseguiu levantar. Os tendões dos seus joelhos tilintaram como as cordas de um cavaquinho. Abriu a porta. Aproximou-se do lavatório. Enquanto lavava a cara com água fria, ignorou o cartão da detetive, com o seu escudo dourado e reluzente. Os nós dos dedos voltaram a sangrar. Envolveu o dedo com um toalhete de papel e abriu a porta da casa de banho com cautela.

Deu uma vista de olhos ao corredor. Não havia rasto de Palazzolo. Dispôs-se a sair, mas no último momento pegou no cartão que a detetive tinha deixado na bancada. Podia dá-lo ao seu pai. Contar-lhe-ia o que tinha acontecido. Pressupunha-se que os polícias não interrogavam uma pessoa que tivesse advogado. Qualquer pessoa que visse *Lei & Ordem* sabia disso.

Havia muita gente à espera do elevador. Nem sinal da detetive Palazzolo, mas mesmo assim Andy optou de novo pelas escadas. Desta vez desceu com cuidado para não tropeçar. O nó dos dedos parou de sangrar. Atirou o toalhete de papel para um caixote do lixo no fim das escadas. Na sala de espera, o ar cheirava a produtos químicos e a vômito. Esperou que o cheiro a vômito não viesse dela. Olhou para a sua camisa para verificar.

— Meu Deus — murmurou alguém. — Meu Deus do céu.

A televisão.

Andy compreendeu de repente, e foi como levasse um murro na cara.

Todos os presentes na sala de espera, umas vinte pessoas, no mínimo, estavam a ver o vídeo do restaurante na CNN.

— Caramba! — exclamou outra pessoa.

Na televisão, Laura mostrava cinco dedos e um polegar, indicando seis balas.

Helsing er estava em frente dela. Chapéu de cobói. Colete de pele. A arma ainda em riste.

Na parte inferior do ecrã apareceu um letreiro que advertia os espetadores de que as imagens que estavam prestes a ver podiam ferir a sua sensibilidade.

— O que é que ele está a fazer? — perguntou uma mulher.

Helsing er estava a tirar a faca da bainha presa ao cinto.

— O que...?

— Merda!

Todos emudeceram ao ver o que acontecia a seguir.

Ouviram-se exclamações de surpresa, um grito abafado, como se estivessem no cinema e não na sala de espera de um hospital.

Andy estava tão pasmada como todos eles. Quanto mais via aquelas imagens, mais fácil lhe era encarar o episódio como algo alheio a si. Quem era a mulher que aparecia no ecrã? Em que se tinha convertido Laura enquanto Andy permanecia aninhada ao pé de uma janela partida?

— É como uma avó ninja — brincou alguém.

— Ou como o Rambo, mas em versão avó.

Ouviram-se risos constrangidos.

Andy não conseguia continuar a ouvir aquilo. Não podia continuar ali, naquela sala, naquele hospital, no meio daquele tumulto de emoções, sabendo que o elo que sempre a tinha unido à sua mãe se tinha quebrado.

Ao virar-se, esbarrou em cheio contra um homem que estava colado a ela.

— Desculpe — disse ele, levando a mão ao boné de basebol decorado com o emblema de Alabama.

Andy não estava com disposição para formalidades. Afastou-se para a esquerda ao mesmo tempo que ele se deslocava para a direita. Ela deu um passo à direita e voltou a acontecer a mesma coisa.

Ele começou a rir-se.

Ela olhou para ele com desagrado.

— Peço-lhe desculpa. — Alabama tirou o boné e fez-lhe uma reverência indicando-lhe que podia passar.

Andy avançou tão depressa que as portas de correr não tiveram tempo de se abrir totalmente. Aborrecida, deu uma palmada na estrutura.

— Um mau dia? — Alabama tinha-a seguido até ao exterior. Mantinha uma distância prudente, mas ainda assim Andy sentiu-se pressionada. — Está tudo bem?

Voltou a olhar para ele com dureza. Será que não tinha visto o que acabavam de emitir na televisão? Não percebia que ela era a incapaz cuja mãe tinha enfrentado um assassino implacável, tornando-a por sua vez numa assassina?

— Aconteceu alguma coisa, agente? — Alabama continuava a sorrir-lhe.

Andy olhou para a sua farda policial. Tinha costurado uma absurda insígnia prateada, como um emblema das escuteiras, só que menos significativa porque, pelo menos, as escuteiras tiveram de fazer alguma coisa para serem merecedoras daqueles autocolantes. A única coisa que ela fazia era atender o telefone e dar instruções a pessoas aterrorizadas para que fizessem respiração boca-a-boca ou desligassem o motor do carro após um acidente.

Jonah Lee Helsinger também achara que era polícia.

Tinha pensado que ela o ia matar. Assassiná-lo a sangue frio.

Olhou para as mãos. Não paravam de tremer. Ia começar a chorar outra vez. Porque é que não parava de chorar?

— Tome. — Alabama ofereceu-lhe um lenço de pano.

Ela olhou para o lenço branco e dobrado. Achava que Gordon era o único homem que continuava a usar lenços de pano.

— Só tento socorrer uma senhora — acrescentou ele com um sorriso, ainda a segurar o lenço.

Andy não o aceitou. Pela primeira vez reparou nele. Era alto e atlético, e devia rondar os quarenta anos. Vestia calças de ganga e ténis. Trazia o colarinho da camisa branca desapertado e as mangas cuidadosamente arregaçadas. Parecia ter-se esquecido de fazer a barba naquela manhã. Ou talvez não fosse um descuido.

De repente, teve uma ideia tão surpreendente que balbuciou:

— É jornalista?

Ele riu-se e abanou a cabeça.

— Não, eu ganho a vida honradamente.

— É polícia? — perguntou. — Detetive? — Como ele não respondeu de imediato, acrescentou: — Por favor, deixe-me em paz.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição.

— Ei, tenha calma! Só pretendia falar um pouco.

Mas Andy não queria falar. Procurou com o olhar o *BMW* branco de Gordon.

Onde é que estava o seu pai?

Pegou no seu telemóvel. No ecrã tinha vários avisos de mensagens de texto e chamadas não atendidas. *Mindy Logan. Sarah Ives. Alice Blaedel. Danny Kwon.* Nas últimas horas, os poucos amigos que tinha feito na escola — uns cromos colegas de música, coro e teatro — tinham-se lembrado, repentinamente, do seu número de telefone.

Ignorou os avisos, procurou o seu pai na sua lista de contactos e escreveu-lhe: *Despacha-te.*

Alabama parecia ter compreendido, por fim, que não lhe apetecia falar. Voltou a guardar o lenço no bolso das calças, aproximou-se de um banco e sentou-se. Pegou no telemóvel e os seus polegares começaram a mexer no ecrã.

Andy olhou para trás, era estranho que Laura demorasse tanto. Depois percorreu a zona de estacionamento com o olhar, de novo à procura de Gordon. Certamente, o seu pai estaria a tirar o carro do parque de estacionamento, no qual investiria no mínimo vinte minutos, porque a senhora que atendia achava-se na obrigação de falar com cada uma das pessoas que lhe entregavam um *ticket* de saída.

Só lhe restava sentar-se à espera num banco afastado do de Alabama. Sentia todos os músculos do corpo como borrachas que deram o máximo de si. Doía-lhe a cabeça. Tinha ardor no estômago. Deu uma olhadela ao telemóvel para ver se Gordon tinha respondido, mas o seu pai jamais olhava para o telemóvel enquanto conduzia, porque era perigoso.

Abriram-se as portas de correr. Andy sentiu alívio, seguido de um intenso nervosismo, ao ver a sua mãe. O auxiliar empurrou a cadeira de rodas até à beira do passeio. Laura vestia uma *t-shirt* cor-de-rosa do Centro Médico Belle Isle que lhe ficava muito grande. Era evidente que tinha dores. Tinha a cara da cor do papel do caderno. Com a mão boa, agarrava-se com força ao braço da cadeira.

— Não te deram nada? — perguntou Andy.

Laura não respondeu.

— O efeito da medicação que lhe deram no bloco operatório está a passar — disse o auxiliar. — A doutora ofereceu-se para passar uma receita, mas ela não quis.

— Mãe... — Andy não soube o que dizer. Laura nem sequer olhava para ela. — Mãe.

— Estou bem — insistiu Laura apesar de ranger os dentes. — Tem um cigarro? — perguntou ao auxiliar.

— Tu não fumas — disse Andy enquanto a sua mãe aceitava um *Marlboro* do maço que o auxiliar tirara do bolso da camisa.

O homem protegeu com a mão ao dar-lhe lume.

Andy afastou-se do fumo.

Laura pareceu não notar. Aspirou profundamente e começou a tossir, exalando uma fumaçada esbranquiçada. Segurava o cigarro de forma esquisita, entalado entre o polegar e o indicador como uma viciada.

— Estou bem — repetiu baixinho e com voz rouca. — Só preciso que me deixem um pouco em paz.

Andy respeitou-a. Afastou-se para sair do pé da sua mãe. Olhou para o parque de estacionamento, desejando que Gordon se despachasse. Chorou de novo, mas desta vez em silêncio. Não sabia o que fazer. Tudo aquilo lhe parecia absurdo.

— Em casa do teu pai há caixas — comentou Laura.

Os lábios de Andy tremeram. Quis ficar em silêncio, mas não conseguiu. Precisava de respostas.

— O que é que eu fiz de mal?

— Nada. — Laura continuou a fumar. — Mas não posso continuar a proteger-te. Tens de aprender a defender-te sozinha.

— Indo viver com o meu pai? — Precisava de dar sentido àquilo tudo. A sua mãe agia sempre de maneira lógica. — Mãe, por favor...

Laura deu uma última passa no cigarro e passou-o ao auxiliar para que o apagasse. Disse a Andy:

— Vai buscar o que precisares para esta noite. O teu pai não vai permitir que fiques em casa dele indefinidamente. Tens de fazer um orçamento. Ver o que podes pagar. Podias ir para Atlanta, ou mesmo voltar para Nova Iorque. — Levantou o olhar para Andy. — Tens de ir, Andrea. Neste momento quero estar sozinha. Ganhei esse direito.

— Eu não tenho... — As palavras emaranharam-se na sua boca. — Eu nunca...

— Basta — disse Laura. Nunca lhe tinha falado assim. Como se a odiasse. — Para de uma vez.

Porquê?

— Finalmente — murmurou a sua mãe quando o *BMW* de Gordon parou

suavemente junto da rampa.

— Ajude-me a levantar-me. — Laura estendeu a mão para o auxiliar, mas o tipo com o boné de Alabama apareceu, de repente, ao seu lado.

— Tenho todo o prazer em ajudá-la, minha senhora — disse.

Se não estivesse tão atenta, Andy não teria percebido a expressão que crispou um instante o rosto da sua mãe. Pânico? Medo? Repulsa?

— Upa — disse ele.

— Obrigada. — Laura permitiu que a ajudasse a levantar-se.

Gordon contornou o carro e abriu a porta.

— Eu agora trato dela — disse a Alabama.

— Não faz mal, matulão — respondeu o outro sem largar Laura. Conduziu-a até ao banco da frente e com muito cuidado ajudou-a a subir as pernas quando ela se virou para olhar para a frente. — Fique bem — disse.

— Obrigado — respondeu Gordon.

— Foi um prazer. — Alabama estendeu-lhe a mão. — Lamento que a sua mulher e a sua filha se tenham visto envolvidas numa situação destas.

— Eh... sim. — Gordon era demasiado educado para lhe explicar que ele e Laura eram divorciados, ou para se negar a apertar-lhe a mão. — Obrigado.

Andy subiu para a parte de trás do carro e o desconhecido cumprimentou-a levando de novo a mão ao boné. Depois fechou a porta antes que Andy lhe pudesse dar com ela no nariz.

Gordon sentou-se ao volante. Cheirou o ar com evidente desagrado.

— Fumaste?

— Gordon, limita-te a conduzir.

Ele esperou em vão que ela olhasse para ele. Arrancou. Afastou-se da entrada do hospital, deixou para trás o parque de estacionamento e um momento depois desviou-se para a berma e parou o carro. Virou-se para Laura. Abriu a boca. Mas não disse nada.

— Não — disse ela. — Aqui não. Agora não.

Gordon abanou a cabeça lentamente.

— A Andy não precisa de ouvir isto.

Ele não pareceu importar-se com isso.

— O pai do rapaz era o Bobby Helsinger. Sabias?

Laura franziu os lábios. Andy compreendeu que, efetivamente, sabia.

— Era o xerife do condado de Bibb — explicou Gordon —, até que um ladrão de bancos lhe rebentou a cabeça com uma espingarda. Isso foi há seis

meses, mais ou menos, na mesma época em que, segundo diz a detetive, o Jonah começou a colecionar armas.

O colete e o coldre de atirador.

Palazzolo tinha-lhes dito que Jonah comprara aquilo na Amazon há seis meses.

— Procurei o obituário no telemóvel — prosseguiu o seu pai. — O Jonah tem três tios que são polícias, e dois primos no exército. A mãe trabalhava no escritório do procurador distrital de Beaufort até que montou o seu próprio escritório. Essa família é praticamente da realeza policial. — Esperou que Laura dissesse alguma coisa. — Ouviste? Entendes o que te estou a dizer?

Laura respirou fundo antes de responder.

— A realeza da sua família não invalida o facto de ter assassinado duas pessoas.

— Não é só o facto de as ter assassinado. Tinha-o planeado. Sabia perfeitamente o que fazia. Tinha planos e... — Gordon abanou a cabeça como se lhe custasse acreditar que Laura era tão idiota. — Achas que a família vai reconhecer que o menino deles era um sádico e um assassino, ou que vão alegar que tinha problemas mentais porque o seu pai, que era o seu herói, foi morto por um ladrão de bancos e que tudo isto foi só um pedido de ajuda?

— Podem dizer o que quiserem.

— Bolas! É a primeira coisa sensata que te ouvi dizer este tempo todo — replicou Gordon. — Os Helsingers vão dizer *exatamente* o que quiserem, que o pobre menino estava desfeito de dor pela morte do pai e merecia ir para a prisão pelo que fez, mas não que o assassinassem com fúria.

— Isso não é...

— Vão deitar-te mais abaixo a ti do que a ele, Laura. Fizeste um favor a esse rapaz. O que vai estar em jogo agora é o que *tu fizeste*, não o que ele fez.

Laura ficou em silêncio.

Andy parou de respirar.

— Sabes que há um vídeo? — perguntou Gordon.

Laura não respondeu, embora devesse ter visto a televisão ao atravessar a sala de espera.

— A detetive mostrou-no-lo. — Gordon teve de fazer uma pausa para engolir em seco. — A expressão da tua cara ao matá-lo, Laura. A calma. A serenidade. Como achas que se vai interpretar comparada com a imagem de

um adolescente perturbado órfão de pai?

Laura virou a cabeça e olhou pela janela.

— Sabes o que é que a detetive perguntava sem parar?

— Esses porcos fazem sempre um monte de perguntas.

— Caramba, Laura, deixa-te de parvoíces. O que é que lhe disseste antes de o matar? — Gordon esperou, mas ela não disse nada. — O que é que disseste ao Helsinger?

Laura continuou a olhar pela janela do carro.

— Seja o que for que lhe tenhas dito, é esse o cerne da questão. A diferença entre um possível homicídio justificado e a pena de morte.

Andy sentiu que o seu coração parava.

— Laura? — Gordon deu uma palmada no volante. — Maldita seja, responde! Responde ou...

— Não sou parva, Gordon — replicou ela num tom tão frio que queimava.

— Porque é que achas que me recusei a falar? Porque é que achas que disse à Andrea para não abrir a boca?

— Queres que a tua filha minta a uma detetive da polícia? Que cometa perjúrio perante um tribunal?

— Quero que faça o que faz sempre e que mantenha a boca fechada — respondeu com a voz pausada mas com uma ira tão palpável que a Andy lhe pareceu que o ar vibrava.

Por que razão é que a sua mãe não dizia a Gordon que estava enganado? Que não tivera escolha? Que o fizera para a salvar a ela? Que fora em legítima defesa? Que estava horrorizada com o que fizera? Que entrara em pânico, ou que reagira impulsivamente, ou que estava aterrorizada e lamentava, que sentia de todo o coração ter matado aquele rapaz desvairado?

Levou a mão ao bolso. O cartão da detetive ainda conservava a humidade da bancada da casa de banho.

A Palazzolo voltou a falar comigo. Queria que te incriminasse. Deu-me o seu cartão.

— Laura, isto é muito sério, mortalmente sério — disse Gordon.

A sua mãe soltou um riso forçado.

— Que interessante essa tua forma de o expressares.

— Os polícias cobrem as costas uns aos outros. Sabes disso, não sabes? São corporativos, aconteça o que acontecer. Essa coisa da irmandade policial

não é uma lenda urbana das que se ouvem na televisão. — Gordon estava tão aborrecido que lhe tremia a voz. — O apelido desse rapaz vai tornar este assunto numa cruzada.

Laura respirou fundo e exalou lentamente.

— Só... só preciso de um minuto, Gordon, está bem? Preciso de estar um bocado sozinha para refletir.

— Aquilo de que que precisas é de um especialista em direito penal que pense por ti.

— Para de dizer o que tenho de fazer! — gritou enfurecida, e tapou os olhos com a mão. — Pressionar-me alguma vez serviu de alguma coisa? Diz lá. — Mas não esperou pela resposta. Virou-se para Gordon e gritou: — Foi por isso te deixei! Tive de me afastar de ti, tirar-te da minha vida porque não fazes ideia de quem sou. Nunca fizeste e nunca farás.

Cada palavra foi como uma bofetada.

— Meu Deus. — Laura agarrou-se à alça que havia sobre a porta e tentou mudar de posição para aliviar a sua perna ferida. — Podes arrancar de uma vez?

Andy achou que o seu pai ia dizer-lhe que por ele podia voltar para casa a pé, mas Gordon não fez tal coisa. Olhou em frente, meteu a mudança e olhou um momento para trás antes de pisar no acelerador.

O carro arrancou com uma sacudidela.

Sem saber porquê, Andy deu por si a olhar pelo vidro de trás.

Alabama continuava de pé à entrada do hospital. Tocou no boné de novo.

A expressão da cara da sua mãe. Pânico? Medo? Repulsa?

Aconteceu alguma coisa, agente?

Alabama não se mexeu quando Gordon virou à esquerda para sair do hospital. Ainda continuava ali, seguindo o seu avanço com o olhar, quando seguiram para a rua.

Andy esteve a observá-lo até não passar de uma figura desfocada ao longe.

Lamento que a sua mulher e a sua filha se tenham visto envolvidas numa situação destas.

Como é que sabia que Gordon era seu pai?

Andy ficou no duche até a água quente acabar. Dentro da sua cabeça amontoavam-se ideias distorcidas, como um enxame de mosquitos. Não

podia pestanejar sem se lembrar de um pequeno detalhe do restaurante, do vídeo, do interrogatório da detetive, do carro.

Tudo aquilo era absurdo. A sua mãe era uma terapeuta da fala de cinquenta e cinco anos. Jogava *bridge*, pelo amor de Deus, não matava pessoas, nem fumava, nem chamava porcos aos polícias.

Enquanto secava o cabelo, evitou olhar para o espelho. Sentia a pele áspera como lixa. Tinha minúsculos fragmentos de vidro espetados no couro cabeludo. Os seus lábios gretados tinham começado a sangrar pelas comissuras. Ainda tinha os nervos à flor da pele. Ou, pelo menos, era o que pensava, que eram os nervos. Talvez fosse a falta de sono que a enervava tanto, ou a ausência de adrenalina, ou o desespero que sentia de cada vez que recordava as últimas palavras que a sua mãe lhe tinha dirigido antes de entrar em casa.

Não vou mudar de ideias. Tens de te ir embora ainda esta noite.

Tinha o coração tão dolorido que o toque de uma pena poderia tê-lo cortado.

Remexeu na pilha de roupa limpa e encontrou uns calções de correr um pouco amarrotados e uma camisa azul-escura do trabalho. Vestiu-se depressa, aproximando-se da janela enquanto apertava a camisa. A garagem era um pouco afastada da casa. Aquele apartamento era o seu refúgio. Paredes cinzentas. Tapetes cinzentos. Persianas opacas. O teto esconso seguindo as águas do telhado, as duas pequenas mansardas que o tornavam habitável.

Situou-se perto da janela estreita e contemplou a casa da sua mãe. Embora dali não ouvisse os seus pais discutirem, sabia o que se estava a passar com a mesma certeza visceral com que uma pessoa sabe que apanhou uma intoxicação alimentar. Tinha uma sensação sufocante e nauseante, a intuição de que alguma coisa estava profundamente errada.

A pena de morte.

Onde é que a sua mãe aprendera a pegar assim numa faca? Laura não passara pelo exército. Que ela soubesse, nem sequer tivera aulas de defesa pessoal.

A sua mãe passara a maior parte dos últimos três anos a tentar não morrer de cancro, ou a suportar as horríveis agruras, com frequência humilhantes, decorrentes do tratamento. Não tivera muito tempo para aprender a combater corpo a corpo. Ainda a surpreendia que tivesse conseguido levantar o braço tão rapidamente. Normalmente, custava-lhe levantar um saco de compras, até

com a mão boa. O cancro da mama tinha-se espalhado pela parede torácica. O cirurgião tivera de remover parte do músculo peitoral.

Adrenalina.

Talvez fosse essa a resposta. Corriam todo o tipo de histórias a respeito de mães que eram capazes de levantar um carro para libertar o seu bebé preso ou levar a cabo outras façanhas igualmente espantosas a fim de proteger a sua prole. Sem dúvida, não era algo quotidiano, mas acontecia.

No entanto, isso não explicava o olhar de Laura ao afundar a faca. Um olhar inexpressivo. Quase indiferente. Nada agoniada ou temerosa. Como se estivesse sentada à secretária a rever o historial de um paciente.

Andy estremeceu.

Um trovão ressoou ao longe. O sol ainda demoraria uma hora a pôr-se, mas as nuvens densas e negras auguravam chuva. Ouvia o fragor das ondas a rebentarem na praia. As gaivotas debatiam os seus planos para o jantar. Observou o *bungalow* limpo da sua mãe. Quase todas as luzes estavam acesas. Gordon passeava-se de um lado para o outro para lá da janela da cozinha. A sua mãe estava sentada à mesa, mas Andy só distinguia a sua mão, a que não estava pendurada ao peito, apoiada sobre um móvel. De vez em quando, batia com os dedos, mas de resto permanecia imóvel.

Andy viu que Gordon fazia um gesto brusco com as mãos e se dirigia à porta da cozinha.

Receu para as sombras da divisão. Ouvia uma porta. Arriscou-se a olhar de novo pela janela.

Gordon desceu os degraus da entrada. O sensor de movimento acendeu as luzes. Olhou para elas protegendo-se com a mão. Mas, em vez de se encaminhar para o seu apartamento, parou no degrau de baixo e sentou-se. Apoiou a testa nas mãos.

Andy pensou ao princípio que estava a chorar, mas depois percebeu que certamente tentava recuperar a compostura para que não o visse ainda mais preocupado do que antes.

Antes, só o tinha visto chorar uma vez, só uma. Foi no princípio do divórcio. Não desabafou e começou a chorar, nem nada parecido. Fez algo muito pior. As lágrimas escorriam-lhe pela cara, uma atrás da outra em longas correntes, como a condensação num copo. Fungava pelo nariz, limpava os olhos com as costas da mão. Uma manhã fora trabalhar achando que, após catorze anos de casados, o seu casamento era sólido e antes da hora

de almoço tinham-lhe servido os papéis do divórcio.

Não entendo, dizia a Andy entre soluços. *Não entendo nada*.

Andy não se lembrava do homem que era o seu pai verdadeiro, e até pensar nele nesses termos, como o seu *pai verdadeiro*, lhe parecia uma traição a Gordon. *Dador de esperma* parecia-lhe excessivamente feminista. E não porque ela não o fosse, mas sim porque não queria pertencer a esse tipo de feministas que os homens odeiam.

O seu *pai biológico* — uma expressão que lhe soava estranha mas cujo uso lhe parecia lógico, dado que os filhos adotivos diziam mãe biológica — era um optometrista que Laura conheceu num *resort* da cadeia Sandals. O que também era estranho, porque a sua mãe detestava viajar. Andy tinha a impressão de que se conheceram nas Bahamas, mas há tanto tempo que lhe tinham contado aquela história que não recordava os pormenores com clareza.

Sabia, em todo o caso, que os seus pais biológicos não se tinham casado. Que ela nasceu durante o primeiro ano de relação. E que o seu pai biológico, Jerry Randall, tinha morrido num acidente de carro quando voltava para casa, em Chicago, tendo ela dezoito meses.

Os seus avós paternos, Laverne e Phil Randall, ainda eram vivos. Os pais de Laura, pelo contrário, morreram antes de ela nascer. Havia em algum lado uma velha fotografia em que aparecia com uns dois anos de idade, sentada em equilíbrio entre os joelhos de ambos. Por trás deles, na parede revestida de madeira, via-se um quadro com uma paisagem costeira. O sofá estava visivelmente desgastado. Pareciam boas pessoas e talvez o fossem, mas tinham-se desentendido por completo da sua mãe e dela desde o instante em que Gordon entrara nas suas vidas.

E logo Gordon. Um membro da república universitária Phi Beta Sigma que se tinha licenciado em Direito em Georgetown, enquanto trabalhava como coordenador de voluntariado na Habitat for Humanity. Um homem que jogava golfe, que amava música clássica, que era o presidente da associação local de prova de vinhos e tinha escolhido como vocação um dos ramos mais enfadonhos do direito: ajudar os ricos a administrar o seu dinheiro depois de mortos.

O facto de os seus avós biológicos se terem negado a manter qualquer contacto com o homem mais bondoso e formal que se possa imaginar pelo mero facto de ser preto bastava para que ficasse contente por não ter qualquer

contacto com eles.

A porta da cozinha abriu-se. Andy viu Gordon levantar-se. O seu movimento voltou a acender as luzes. Laura deu-lhe um prato de comida. Ele disse alguma coisa que Andy não conseguiu ouvir. Laura respondeu fechando a porta.

Pela janela da cozinha, viu a sua mãe regressar à mesa agarrando-se à bancada, à ombreira da porta e às costas da cadeira, a qualquer coisa que estivesse à mão para aliviar o peso sobre a sua perna ferida.

Ela poderia tê-la ajudado. Poderia ter estado ali a preparar-lhe uma infusão ou a ajudá-la a arranjar-se para tirar de cima de si o cheiro a hospital, como tinha feito tantas vezes.

Ganhei o direito de estar sozinha.

De repente, reparou na televisão que havia junto à cama. Era um aparelho pequeno que antes tinha ocupado um recanto da bancada da cozinha da sua mãe. Tinha-a ligado por costume ao entrar pela porta. Não tinha volume. A CNN estava a emitir outra vez o vídeo do restaurante.

Fechou os olhos, sabedora do que mostrava.

Respirou fundo.

Expirou.

O ar condicionado zumbia-lhe nos ouvidos. A ventoinha de teto balbuciava por cima da sua cabeça. Sentiu que o ar frio lhe atingia o pescoço e a cara. Estava tão cansada... O seu cérebro estava cheio de berlindes que rodavam muito lentamente. Queria dormir, mas sabia que não podia ser ali. Nessa noite teria de ficar em casa de Gordon e depois, de manhã cedo, o seu pai pedir-lhe-ia que traçasse algum plano de ação. Gordon precisava sempre um plano.

Abriu-se e fechou-se a porta de um carro. Compreendeu que era o do seu pai porque todas as mansões da rua da sua mãe, tão imensas que tapavam literalmente o sol, ficavam desertas durante o calor do verão.

Primeiro, ouviu um barulho de passos no caminho e a seguir o andar pesado de Gordon na escada metálica do apartamento.

Tirou um saco de lixo da gaveta. Supunha-se que estava a arrumar as suas coisas. Abriu a gaveta de cima da cómoda e meteu atrapalhadamente a sua roupa interior no saco.

— Andrea? — Gordon bateu à porta e abriu-a.

Passeou o olhar pelo quarto. Era difícil saber se alguém tinha entrado para

roubar ou se um tornado tinha passado por ali. O chão estava coberto de roupa suja. Os sapatos amontoavam-se sobre uma caixa plana que continha duas sapateiras do Ikea por montar. A porta da casa de banho estava aberta e as cuecas sujas do período de há uma semana estavam penduradas no toalheiro, ressequidas.

— Toma. — Gordon ofereceu-lhe o prato que Laura lhe tinha dado. Uma sandes de manteiga de amendoim, batatas fritas de pacote e um pepino. — A tua mãe pediu-me para ver se comias alguma coisa.

E o que é que disse mais?

— Pedi-lhe uma garrafa de vinho, mas deu-me isto. — Meteu a mão no bolso do casaco e tirou uma garrafa pequena de *Knob Creek*. — Sabias que a tua mãe tinha *bourbon* em casa?

Andy sabia da reserva secreta da sua mãe desde os catorze anos.

— Enfim, pensei que isto nos podia ajudar a acalmar um pouco os nervos. Animar-nos um pouco. — Tirou o selo da garrafa. — Que possibilidades há de teres algum copo limpo no meio desta desarrumação?

Andy pousou o prato no chão. Procurou às apalpadelas debaixo do sofá e encontrou uma embalagem de copos de plástico sem abrir.

Gordon franziu a testa.

— Melhor isso do que beber da garrafa como dois mendigos... digo eu.

O que é que a mãe te disse?

Ele serviu dois dedos de *bourbon* num copo.

— Come alguma coisa antes de dares um gole. Tens o estômago vazio e estás cansada.

Andy, a de Belle Isle, não bebia álcool desde o seu regresso a casa. Não sabia se queria quebrar isso. Ainda assim, pegou no copo e sentou-se com as pernas cruzadas no chão para que o seu pai ocupasse a cadeira.

Gordon cheirou a cadeira.

— Agora tens um cão?

Andy sorveu um gole de *bourbon*. O licor de cinquenta graus fez com que os seus olhos lacrimejassem.

— Deveríamos brindar ao teu aniversário — disse o seu pai.

Ela apertou os lábios.

Ele levantou o copo.

— À minha linda filha.

Andy também levantou o copo. Bebeu outro gole.

Gordon não provou o *bourbon*. Examinou de novo o bolso do seu casaco e tirou um envelope branco.

— Trouxe-te isto. Lamento não ter tido tempo de embrulhar num papel bonito.

Andy pegou no envelope. Já sabia o que o envelope continha. Gordon comprava-lhe sempre cartões-presente porque sabia de que lojas é que ela gostava, mas ignorava o que gostava de comprar nelas. Esvaziou o envelope no chão. Dois cartões de gasolina da bomba que havia naquela mesma rua, no valor de vinte e cinco dólares cada um. Dois cartões do iTunes de mais vinte e cinco dólares. Dois cartões Target com outro tanto. E um de cinquenta dólares para comprar material artístico na Dick Blick. Pegou na folhinha de papel que os acompanhava. O seu pai tinha impresso um cupão da Subway: uma sandes grátis ao comprar outra do mesmo preço ou inferior.

— Sei que gostas de sandes — disse. — Pensei que podíamos ir juntos. A não ser que queiras ir com outra pessoa.

— É estupendo, pai, obrigada.

Gordon balançou o copo do *bourbon*, mas continuou sem beber.

— Devias comer.

Andy deu uma trinca na sandes. Olhou para o pai. Estava a acariciar outra vez o bigode, acariciava-o como costumava fazer ao lombo do Mister Purrkins.

— Não faço ideia do que se passa na cabeça da tua mãe — comentou.

O maxilar de Andy rangeu ruidosamente ao mastigar, como se estivesse a comer cartolina com cola.

— Pediu-me para te dizer que vai liquidar os teus empréstimos dos estudos — acrescentou o seu pai.

Ela quase se engasgou.

— A minha resposta também foi essa.

Os seus empréstimos universitários eram um motivo de conflito com Gordon. Tinha-se oferecido para refinanciar a dívida para a livrar da prestação mensal de oitocentos dólares mas, por razões que só ela conhecia, Andy deixou passar o prazo que o seu pai lhe deu para reunir a documentação.

— A tua mãe quer que voltes para Nova Iorque — continuou ele. — Para realizares os teus sonhos. Disse que te ajuda com a mudança. Economicamente, quero dizer. De repente, ficou muito desprendida do

dinheiro.

Servindo-se da língua, Andy tirou a manteiga de amendoim que lhe tinha ficado colada ao céu da boca.

— Esta noite podes dormir em minha casa. Amanhã logo pensamos em alguma coisa. Num plano. Eu... não quero que voltes para Nova Iorque, meu amor. Nunca me pareceu que fosses feliz lá. Tenho a sensação de que uma parte de ti ficou lá. Que a cidade roubou um pedaço da sua essência.

Andy engoliu de forma audível.

— Quando voltaste, trataste muito bem da tua mãe. Estupendamente. Mas se calhar foi pedir-te demasiado. Se calhar eu devia ter ajudado mais ou... Não sei. Assumiste um peso enorme. Demasiada pressão. Demasiado stresse. — A sua voz soava compungida, como se fosse culpa dele que Laura tivesse tido cancro. — A mãe tem razão: tens de retomar a tua vida. Ter uma carreira e, quem sabe, ter uma família um dia. — Levantou a mão para impedir que o interrompesse. — Sim, já sei que me estou a adiantar demasiado, mas seja qual for o problema, não acho que voltar para Nova Iorque vá resolver coisa nenhuma.

Virou a cabeça para a televisão. Alguma coisa lhe tinha chamado a atenção.

— É da... da escola secundária. O que é que está...?

Filhos da puta.

A CNN qualificava Alice Blaedel, uma colega de Andy da escola, como uma *amiga íntima da família*.

Andy procurou o comando e aumentou o volume.

— ...era uma mãe muito porreira — estava Alice a dizer ao jornalista, embora não falasse com Andy há mais de uma década. — Podíamos contar-lhe os nossos problemas, e ela nunca, sei lá... era como se nunca te julgasse, ‘tás a ver? — Encolhia os ombros a cada duas palavras, como se estivesse a receber descargas elétricas. — Sei lá, é bué estranho vê-la no vídeo porque pensas, caramba, é a senhora Oliver, mas, na realidade, é como no *Kill Bill*, que a mãe é supernormal à frente da filha e depois é uma máquina de matar.

Andy ainda tinha a boca pastosa por causa da manteiga de amendoim, mas conseguiu dizer com esforço:

— Uma máquina de matar?

Gordon arrancou-lhe o comando das mãos. Tirou o volume e ficou a olhar para Alice Blaedel, que continuava a mexer a boca embora não soubesse de

absolutamente nada.

Andy deitou mais *bourbon* no copo vazio. Alice não quisera ir ver *Kill Bill* porque dizia que era uma estupidez, e agora utilizava-o como referência cultural.

— Tenho a certeza de que se vai arrepender de ter dito isto — prognosticou Gordon.

Como se arrependeu de ter dormido com o Adam Humphrey porque lhe pegou verrugas genitais.

O seu pai tentou outra vez:

— Não sabia que tinhas retomado a tua relação com ela.

— Não retomei. É uma cabra que só pensa em si própria.

Bebeu o *bourbon* de um gole. Tossiu ao sentir a garganta subitamente queimada, mas serviu-se de mais.

— Talvez devas...

— Levantam carros — disse Andy, embora não fosse exatamente o que queria dizer. — As mães, quero dizer. Pela adrenalina, quando veem os filhos presos. — Levantando as mãos, imitou o gesto de levantar um carro virado.

Gordon acariciou o bigode.

— Estava tão calma... — acrescentou ela. — No restaurante.

O seu pai recostou-se na cadeira.

— As pessoas gritavam — prosseguiu Andy. — Foi horrível. Eu não o vi disparar. Não vi o primeiro. O segundo sim, esse eu vi. — Esfregou o maxilar com a mão. — Sabes aquilo que as pessoas dizem nos filmes: *Vou rebentar-te os miolos*? Pois é assim, tal e qual. Literalmente.

Gordon cruzou os braços.

— A mãe veio a correr para mim. — Viu como acontecia tudo de novo dentro da sua cabeça. Os salpicos vermelhos de sangue na cara de Laura. Os seus braços que se esticavam para ela para a derrubar. — Parecia assustada, pai. Aconteceram muitas coisas, mas só a vi assustada naquele momento.

Ele aguardou.

— Tu viste o vídeo. Viste o que fiz. O que não fiz. Estava aterrorizada. Paralisada. É por isso...? — Teve de se esforçar para dar voz ao seu medo. — Por isso é que a mãe está aborrecida comigo? Porque fui uma cobarde?

— Claro que não. — Gordon abanou a cabeça com veemência. — Numa situação como aquela, não há cobardes.

Andy perguntou-se se tinha razão e, sobretudo, se a sua mãe estaria de

acordo com ele.

— Andrea...

— A mãe matou-o — afirmou, e ao dizê-lo sentiu no estômago uma brasa de carvão incandescente. — Poderia ter-lhe tirado a arma da mão. Teve tempo de fazê-lo, de baixar o braço, mas não o fez, pelo contrário, levantou-o e...

Gordon deixou-a falar.

— Quero dizer que... Teve mesmo tempo? Há que depreender que era capaz de tomar decisões racionais? — perguntou retoricamente, sem esperar resposta. — No vídeo parece muito calma. Muito serena, tu próprio o disseste. Ou pode ser que estejamos enganados os dois, porque na realidade não tinha nenhuma expressão. Nada, pois não? Tu viste a cara dela. A naturalidade.

Ele assentiu com um gesto, mas deixou-a continuar.

— Quando aconteceu, não o vi de frente. Quero dizer que estava atrás dela, entendes? No momento em que aconteceu. E depois vi o vídeo gravado de frente e... parecia muito diferente.

Tentou que o seu cérebro baralhado não perdesse o fio à meada e comeu duas batatas fritas, na esperança de que o amido absorvesse o álcool.

— Lembro-me de ter visto a faca espetada no pescoço do Jonah — disse — e que ele levantou a pistola. Lembro-me de ter pensado claramente que ele podia disparar. Atingir-me a mim. Não é preciso muita força para apertar um gatilho, pois não?

Gordon assentiu em silêncio.

— Mas de frente... Vemos a cara da mãe e questionamos se fez o correto. Se chegou a pensar que podia tirar-lhe a pistola e decidiu que não o ia fazer. Que ia matar aquele tipo. E não por medo ou por instinto de sobrevivência, mas... premeditadamente. Como uma máquina de matar. — Custou-lhe a crer que tivesse empregado aquela expressão odiosa para descrever a sua mãe, a mesma que Alice Blaedel tinha usado. — Não entendo, pai. Porque é que a mãe não queria falar com a polícia? Porque é que não lhes disse que foi em legítima defesa?

Porque é que está a deixar que toda a gente ache que cometeu um assassinato premeditadamente?

— Não entendo — repetiu. — Não entendo nada.

Gordon voltou a acariciar o bigode. Estava a tornar-se num tique nervoso.

Ao princípio não respondeu. Estava acostumado a ponderar as suas palavras cuidadosamente. Nesse momento, tudo parecia perigoso. Nenhum dos dois queria dizer algo irreparável.

A tua mãe é uma assassina. Sim, teve hipótese de decidir. E decidi matar aquele rapaz.

Por fim, disse:

— Não faço ideia de como é que a tua mãe pôde fazer o que fez. O que é que lhe passou pela cabeça. As decisões que tomou. Porque se comportou assim com a polícia. — Encolheu os ombros levantando as mãos. — Podíamos aventurar que a sua negação em falar disso, a sua ira, se devem ao stress pós-traumático, ou pode ser que o sucedido tenha evocado alguma coisa que aconteceu com ela em criança e da qual não sabemos nada. Nunca gostou do passado.

Parou de novo para ordenar os seus pensamentos.

— O que disse no carro... é verdade. Não a conheço. Não consigo compreender os seus motivos. Sei que te defendeu instintivamente, claro. E fico muito contente por ela ter feito isso. Estou-lhe muito agradecido. Mas *a forma* como o fez...

Deixou que o seu olhar se desviasse de novo para a televisão. Mais bustos falantes. Alguém que assinalava uma planta do centro comercial de Belle Isle enquanto explicava a rota que Jonah Helsingher tinha seguido para chegar ao restaurante.

— Não sei, Andrea — acrescentou. — Não sei.

Andy tinha acabado o seu *bourbon*. Serviu-se de outro debaixo do olhar vigilante do seu pai.

— É muito álcool tendo o estômago vazio — comentou ele.

Andy meteu o resto da sandes na boca e, enquanto mastigava num só lado da boca, perguntou:

— Conhecias aquele tipo do hospital?

— Que tipo?

— O do boné de Alabama, o que ajudou a mãe a entrar no carro.

Gordon fez um gesto negativo.

— Porquê?

— Deu-me a impressão de que a mãe o conhecia. Ou tinha medo, não sei. Ou... — Interrompeu-se para engolir. — Ele sabia que tu eras o meu pai, e a maioria das pessoas nem sequer pensa nisso.

Gordon acariciou as pontas do bigode, enquanto se esforçava visivelmente por relembrar a conversa.

— A tua mãe conhece muita gente nesta zona. Tem muitos amigos. Que a vão ajudar, espero eu.

— Legalmente, queres dizer?

Ele não respondeu.

— Liguei a um advogado especialista em direito penal com o qual já tenho trabalhado outras vezes. É muito agressivo, mas isso é justamente o que convém à tua mãe neste momento.

Andy bebeu um gole de *bourbon*. Gordon tinha razão: estava a fazer efeito. Notou que as suas pálpebras se queriam fechar.

— Quando conheci a tua mãe — prosseguiu ele —, pensei que era um quebra-cabeças. Um *puzzle* fascinante, complexo e belíssimo. Depois percebi que era indiferente quão próximo estivesse dela ou a combinação que experimentasse: nunca se abriria realmente para mim. — Bebeu, por fim, um gole de *bourbon*, mas, em vez de engolir de uma vez como ela tinha feito, deixou que deslizasse suavemente pela sua garganta. — Falei demasiado — disse. — Desculpa, querida. Foi um dia angustiante e não fiz grande coisa para aliviar a situação. — Apontou para uma caixa cheia de material artístico. — Imagino que queiras levar isto, esta noite.

— Venho buscá-la amanhã.

Gordon olhou-a surpreendido. Quando era criança, ficava louca se não tinha os seus materiais de desenho à mão.

— Estou tão cansada que só quero dormir — afirmou Andy, mas preferiu não lhe dizer que não pegava num lápis, nem usava um bloco de desenho desde o seu primeiro ano em Nova Iorque. — Pai, achas que devia falar com ela? Não me refiro a perguntar se posso ficar, mas sim a perguntar-lhe porquê.

— Não me sinto capacitado para te dar um conselho.

O que certamente significava que não devia falar com Laura.

Gordon pareceu perceber a sua tristeza. Inclinou-se para a frente e pôs-lhe as mãos sobre os ombros.

— Querida — disse —, tudo se vai resolver. Falemos do teu futuro no final do mês, sim? Assim tens onze dias para traçares um plano.

Andy mordiscou o lábio. O seu pai formularia um plano. Ela, pelo contrário, faria como se tivesse muito tempo para pensar e depois, ao décimo

dia, entraria em pânico.

— Para esta noite, vamos levar a escova de dentes, o pente e o que for imprescindível — acrescentou ele —, e amanhã vimos buscar o resto. E também vamos buscar o teu carro. Porque imagino que continua no centro comercial, não é?

Ela assentiu em silêncio. Tinha-se esquecido por completo do carro. O *Honda* da sua mãe também estava lá. Certamente, o reboque tê-los-ia levado, ou teriam as rodas bloqueadas.

Gordon levantou-se. Fechou a caixa do material de desenho e pô-la no chão, onde não estorvasse.

— Acho que a tua mãe só precisa de passar um tempo sozinha. Dantes costumava fazer umas excursões de carro, lembras-te?

Andy lembrava-se.

Aos fins de semana, ela e Gordon faziam algum projeto juntos, ou Gordon fazia o projeto e Andy ficava por ali perto a ler um livro, e Laura aparecia, de repente, com as chaves na mão e anunciava que ia passar o dia fora.

Com frequência, quando voltava, trazia chocolates para Andy ou uma boa garrafa de vinho para Gordon. Uma vez, trouxe uma esfera de vidro do Museu Tubman de Macon, que ficava a duas horas e meia de caminho. Sempre que lhe perguntavam onde tinha ido e porquê, respondia: *Bom, já sabem, só precisava de estar noutro lugar que não aqui.*

Andy percorreu com o olhar o quarto abarrotado e em desordem. De repente, já não lhe parecia um refúgio, mas sim uma pocilga.

Antes que o seu pai se adiantasse, disse:

— Devíamos ir andando.

— Sim. Mas vou deixar isto no alpendre da tua mãe. — Guardou a garrafa de *bourbon* no bolso. Depois titubeou e acrescentou: — Já sabes que comigo podes sempre falar, querida. Mas oxalá não tivesses de estar com um grão na asa para o fazeres.

— Um grão na asa. — Aquela expressão tão tola fê-la rir, porque a alternativa era chorar, e estava farta de chorar. — Pai, acho que... acho que eu também quero estar sozinha.

— OKKK — respondeu ele alongando a palavra.

— Não me refiro a que queira estar sempre sozinha. Mas parece-me que me ia saber bem dar um passeio até tua casa. — Depois teria de tomar outro duche, mas a ideia de se sentir envolvida por aquela escuridão húmida e

sufocante tinha algo de atraente. — Importas-te?

— Claro que não. Direi ao Mister Purrkins que te vá aquecendo a cama. — Gordon beijou-a na cabeça e pegou no saco do lixo que ela tinha enchido de roupa interior. — Não demores muito. Segundo a aplicação do meu telemóvel, dentro de meia hora vai começar a chover.

— Não demoro — prometeu ela.

Ele abriu a porta mas não se foi embora.

— O ano que vem vai ser melhor, Andrea. O tempo põe tudo no lugar. Superaremos o que aconteceu hoje. A mãe voltará a ser a de sempre. E tu voltarás a valer-te por ti própria. A tua vida recuperará o seu curso.

Andy levantou os dedos cruzados.

— Tudo se vai resolver — insistiu ele. — Dou-te a minha palavra.

Saiu fechando a porta nas suas costas e Andy ouviu os seus passos pesados na escada metálica.

Não acreditava nele.

Mudou de posição na cama. Afastou alguma coisa da cara. Pensou, ainda ensonada, que era Mister Purrkins, mas o seu cérebro consciente percebeu que aquela coisa era demasiado maleável para ser o roliço gato tricolor de Gordon. E não podia estar em casa do seu pai porque não se lembrava de lá ter chegado.

Ergueu-se bruscamente e voltou a cair para trás, zozna.

Um ronco involuntário saiu da sua boca. Pressionou os olhos com os dedos. Não sabia se ainda estava ébria pelo *bourbon* ou se aquilo se podia considerar uma verdadeira ressaca, mas desde o tiroteio doía-lhe tanto a cabeça que era como se um urso lhe estivesse a roer o crânio com os dentes.

O tiroteio...

Agora tinha um nome, um *depois* que separava drasticamente a sua vida do *antes*.

Deixou cair a mão. Pestanejou, tentando que os seus olhos se habituassem à escuridão. A luz ténue de uma televisão com o volume apagado. O balbuciar de uma ventoinha de teto. Estava ainda no seu apartamento, esparramada sobre o monte de roupa limpa que tinha sempre no sofá. A última coisa de que se lembrava era de estar à procura de um par de meias limpo.

A chuva apedrejava o telhado. Lá fora, para lá das pequenas janelas esconsas, um relâmpago zigzagueou.

Merda.

Tinha-se demorado após prometer ao seu pai que não o faria e agora só podia fazer uma de duas coisas: ou suplicar-lhe que a fosse buscar ou ir a pé debaixo do aguaceiro.

Voltou a erguer-se com muito cuidado. A televisão chamou a sua atenção.

A CNN estava a mostrar uma fotografia de Laura, de há dois anos. A cabeça calva coberta por um lenço cor-de-rosa. Um sorriso cansado. A marcha de consciencialização contra o cancro da mama, em Charleston. Tinham-na cortado a ela da fotografia, mas a sua mão ainda era visível sobre o ombro de Laura. Alguém — um amigo, talvez, ou quem sabe um estranho — tinha apanhado aquela lembrança íntima e inofensiva para lhe tirar partido, para que o seu nome aparecesse na legenda da fotografia.

A um lado do ecrã apareciam alguns dados básicos sobre Laura, uma espécie de currículo abreviado:

- 55 anos. Divorciada.
- Uma filha adulta.
- Terapeuta da fala.
- Sem formação militar.

A imagem mudou. Começaram a emitir de novo o vídeo do restaurante com a indicação costumeira de que as imagens podiam ferir a sensibilidade do espetador.

Vão deitar-te mais abaixo a ti do que a ele, Laura. O que vai estar em jogo agora é o que tu fizeste, não o que ele fez.

Não aguentava vê-lo outra vez, na verdade nem precisava, pois de cada vez que pestanejava voltava a ver tudo dentro da sua cabeça, ao vivo. Levantou-se a cambalear. Encontrou o telemóvel na casa de banho. Era uma e dezoito da madrugada. Tinha dormido mais de seis horas. Gordon não lhe tinha escrito, o que era um milagre. Se calhar estava tão arrasado como ela. Ou se calhar pensava que se tinha reconciliado com a mãe.

Quem lhe dera.

Tocou no ícone da mensagem de texto e escolheu PAI. Ficou com os olhos embaciados. A luz do ecrã era como uma lâmina de barbear. O seu cérebro ainda vibrava dentro do crânio. Enviou rapidamente uma desculpa para o caso de o pai acordar, ver a sua cama vazia e assustar-se: *Adormeci, chego daqui a nada, não te preocupes, tenho guarda-chuva.*

A história do guarda-chuva era mentira. E também que fosse chegar em seguida. E que não tivesse de se preocupar: podia muito bem ser fulminada por um raio.

De facto, tendo em conta como o dia tinha decorrido, a probabilidade de acabar eletrocutada parecia-lhe muito elevada.

Olhou pela janela. A casa da sua mãe estava às escuras, salvo pela luz do

escritório. Era muito improvável que Laura estivesse a trabalhar. Em virtude das suas diversas doenças, dormia com frequência no cadeirão reclinável da sala de estar. Talvez tivesse deixado a luz acesa sem querer e não se sentisse com vontade de coxear pelo corredor para a apagar.

Andy afastou-se da janela. A televisão voltou a atraí-la como um íman. Laura a espetar a faca no pescoço de Jonah Helsinger num movimento certo.

Zás.

Tinha de sair dali.

Havia um candeeiro de pé ao lado do cadeirão, mas a lâmpada estava fundida há várias semanas. A luz do teto brilharia como um farol a meio da noite. Usou a lanterna do telemóvel para procurar uns ténis velhos que não se importava de estragar com a chuva e um poncho impermeável que tinha comprado num supermercado porque lhe parecia algo muito adulto a ter em caso de emergência.

Era precisamente por isso que o tinha deixado no porta-luvas do carro. Para quê sair em plena chuva, a não ser que fosse surpreendida por um aguaceiro sem guarda-chuva no carro?

Um relâmpago alumiou todos os recantos do quarto.

Merda.

Tirou um saco do lixo da caixa. Claro que não tinha tesoura. Usando os dentes, rasgou-o até abrir um buraco do tamanho aproximado da sua cabeça. Levantou o telefone para dar uma vista de olhos à sua obra.

O ecrã cintilou e apagou-se.

A última coisa que viu foram as palavras BATERIA FRACA.

Encontrou o carregador numa tomada. O cabo estava no carro. E o carro estava a três quilómetros dali, estacionado em frente da loja masculina Zegna.

A não ser, claro, que tivesse sido levado pelo reboque.

— Ora bolas! — exclamou com veemência.

Meteu a cabeça pelo buraco do saco de plástico e saiu. A chuva começou a escorrer pelas suas costas. Poucos segundos depois tinha a roupa ensopada e o impermeável improvisado estava colado ao corpo como película aderente.

Continuou a andar.

A chuva tinha intensificado o calor da véspera. Sentiu agulhas quentes a chicotear-lhe a cara ao chegar à estrada. Naquela parte da cidade não havia luz. As pessoas compravam casas em Belle Isle porque ansiavam

experimentar a vida numa autêntica terriola da costa sulista, antiquada e *démodé*. Isto tendo em tendo em conta que a mansão mais barata da zona da praia custava mais de dois milhões de dólares.

Há quase trinta anos, Laura pagara 118 000 dólares pelo seu *bungalow* perto da praia. A loja mais próxima era o Piggly Wiggly da periferia de Savannah. Na bomba de gasolina vendia-se isco vivo e pés de porco em salmoura em grandes frascos de vidro, ao lado da caixa registadora. Agora, o *bungalow* de Laura era um dos seis originais que restavam em Belle Isle. O terreno valia literalmente vinte vezes mais do que a casa.

Um raio desceu dos céus. Andy levantou os braços como se o pudesse parar. A chuva intensificara-se. Não se via para além de um metro e meio à frente do nariz. Parou no meio da estrada. O clarão de outro relâmpago entrecortou momentaneamente a chuva. Não sabia se dar meia-volta e esperar que o temporal amainasse ou continuar a dirigir-se para a casa do seu pai.

Em todo o caso, ficar especada na rua era o pior que podia fazer.

Subiu para o passeio saltando o lancil. Ouviu com satisfação o chapinhar dos ténis. Chapinhou outra vez. Desatou a andar ao longo do passeio. Logo depois, começou a correr suavemente. Seguidamente acelerou o passo. Mais depressa, cada vez mais depressa.

Correr era a única coisa que sentia que fazia bem. Era duro pôr constantemente um pé à frente do outro. Suar. Ter o coração acelerado. Sentir o latejar do sangue nos ouvidos. Muita gente não conseguia, nem queria fazê-lo, e menos ainda em pleno estio, quando as autoridades sanitárias avisavam para as pessoas não saírem à rua porque podiam literalmente morrer de calor.

Ouvia as pancadas rítmicas dos ténis por cima da chuva ensurdecadora. Desviou-se da estrada que conduzia a casa de Gordon: ainda não queria parar. A marginal ficava a trinta metros de distância. A praia, um pouco mais além. Começaram a arder-lhe os olhos pelo salitre que impregnava o ar. Não ouvia as ondas, mas de algum modo assumiu a sua velocidade, a tenacidade implacável com que rebentavam, sempre para a frente, apesar da força com que a gravidade as puxava em sentido contrário.

Virou à esquerda para a marginal e, depois de uma deselegante batalha entre o vento e o saco do lixo, conseguiu arrancar o plástico e deitá-lo para o contentor da reciclagem mais próximo. Os seus sapatos retumbavam nas tábuas de madeira. A chuva quente abria-lhe os poros da pele, furava-os. Não tinha meias. O sapato magoava-a e tinha uma bolha no calcanhar. Tinha os

calções pesados e tesos. A *t-shirt* colada ao corpo. O cabelo parecia resina. Aspirou uma grande golfada de ar húmido e começou a tossir.

O jato de sangue a sair da boca de Betsy Barnard.

Shelly já morta no chão.

Laura com a faca na mão.

Zás.

A cara da sua mãe.

A sua cara.

Sacudiu a cabeça salpicando água como um cão ao sair do mar. As unhas espetavam-se nas palmas das mãos. Afrouxou as mãos, abriu os punhos que apertava com força. Afastou o cabelo dos olhos. Imaginou que os seus pensamentos retrocediam como a maré baixa. Encheu os pulmões de ar. Correu mais depressa. As suas pernas moviam-se ritmicamente, os seus músculos e os seus tendões trabalhavam em unísono para mantê-la erguida durante aquela corrida que não era, na realidade, mais do que uma série de quedas controladas.

Dentro da sua cabeça algo se acendeu. Nunca tinha atingido a *euforia da corrida*, nem sequer no passado, quando tentava marcar um horário para correr e cumpri-lo. Chegava a um ponto em que o corpo já não lhe doía tanto para querer parar, mas o seu cérebro estava sempre tão concentrado nessa dor que mantinha os seus pensamentos a flutuar sobre a superfície em vez de se sumir na escuridão.

Pé esquerdo. Pé direito.

Inspira. Expira.

Esquerda. Direita. Esquerda.

Respira.

A tensão foi abandonando paulatinamente os seus ombros. O maxilar relaxou. A dor de cabeça provocada pelo roer do urso passou a um mordisco mais tolerável. Os seus pensamentos começaram a divagar. Ouvia a chuva, via cair as gotas à frente da cara. O que sentiria ao abrir a sua caixa de material de desenho? Ao pegar no lápis e no bloco para desenhar, por exemplo, os saltos dos seus ténis arruinados ao pisar uma poça? Visualizou linhas, luzes e sombras, o impacto dos ténis dentro do charco, a tensão do atacante espelhada a meio de um passo.

Laura tinha estado à beira da morte durante o tratamento para o cancro, e não só pela mistura tóxica de fármacos, mas sim por outros problemas

associados ao tratamento. Infecções. *C. difficile*. Pneumonia. Pneumonia dupla. Infecções de estafilococos. Pneumotórax.

Agora podiam acrescentar Jonah Helsinger à lista. A detetive Palazzolo. Gordon, que queria expulsar da sua vida. E a sua única filha, da qual precisava de se distanciar.

Iam sobreviver à frieza de Laura do mesmo modo que tinham sobrevivido ao seu cancro.

Gordon tinha razão: o tempo punha tudo no lugar. Andy estava habituada a esperar: a esperar que aparecesse o cirurgião, que examinassem as radiografias, que cultivassem as amostras das biópsias, pela quimioterapia e pelos antibióticos e pelos analgésicos e pelos antieméticos e pelos lençóis limpos e que mudassem as almofadas e, por fim, felizmente, pelo sorriso cauteloso da doutora quando lhes disse que a tomografia tinha dado negativa.

Agora, a única coisa que tinha de fazer era esperar que a sua mãe voltasse a ser a de sempre. Laura lutaria com determinação para sair do lugar escuro em que se tinha metido, até que passado um tempo, dentro de um mês ou de seis, ou para o próximo aniversário de Andy, pudesse olhar para trás e ver o ocorrido no dia anterior como através de um telescópio e não de uma lente de aumento.

A passarela da marginal acabou antes do previsto. De um salto, voltou à estrada de sentido único que circundava as mansões costeiras. O asfalto pareceu-lhe sólido, compacto sob os seus pés. Por trás das casas gigantescas o rugido do mar dissipava-se. Naquela faixa de praia, a costa curvava-se seguindo a ponta da ilha. O *bungalow* da sua mãe ficava a quase um quilómetro de distância. Mas Andy não tinha intenção de voltar. Fez tenção de dar meia-volta e então lembrou-se de uma coisa.

A sua bicicleta.

Via a bicicleta pendurada no teto de cada vez que entrava na garagem. Chegaria muito antes a casa de Gordon sobre duas rodas. E, tendo em conta o temporal, parecia boa ideia interpor um par de pneus entre ela e o alcatrão.

Diminuiu a velocidade até deixar de correr, mas continuou a avançar com passo vigoroso. A chuva começou a amainar. Gotas grossas estatelavam-se sobre a sua cabeça, espicaçavam-lhe a pele. Afrouxou o passo ao ver o ténue resplendor do escritório de Laura. A casa distava ainda uns cinquenta metros, mas naquela época do ano as mansões da vizinhança permaneciam desertas. Belle Isle era, acima de tudo, uma cidade de reformados, um porto de abrigo

para pessoas do Norte durante os duros meses invernais. Os restantes vizinhos também fugiram do calor de agosto.

Enquanto seguia pelo caminho da entrada, deu uma vista de olhos à janela do escritório da sua mãe. Parecia vazio. Entrou para a garagem pela porta lateral. O vidro da porta fez barulho ao fechá-la. O espaço diáfano da garagem amplificou o rumor da chuva. Pegou no comando que abria a porta da garagem para acender a luz, mas parou no último instante: a luz só se acendia quando a porta subia, e o estrondo que fazia bem podia acordar um morto. Por sorte, o resplendor do escritório penetrava pelo vidro da porta lateral. Tinha a luz suficiente para se desvencilhar caso forçasse um pouco a vista.

Avançou para o fundo, deixando à sua passagem um vestígio de pocinhas de chuva semelhante ao rasto deixado por Pigpen[2]. A bicicleta estava pendurada ao contrário em dois ganchos que Gordon tinha aparafusado ao teto. Ficou com câibras nos ombros quando tentou desenganchar as rodas da *Schwinn*. Tentou uma, duas vezes. Depois, a bicicleta desceu e ela quase caiu de costas ao tentar dar a volta antes de se estatelar contra o chão.

Era precisamente por isso que não queria pendurar a puta bicicleta do teto, teria querido dizer ao pai, embora jamais o fizesse.

Um dos pedais fez-lhe um raspão na canela. Não a preocupou o facto de a ferida sangrar um pouco. Inspeccionou os pneus temendo que a borracha tivesse ressequido até apodrecer, mas eram tão novos que ainda conservavam os pequenos alvéolos que sobressaíam dos lados. Adivinhou nisso o dedo do seu pai. Durante o verão, Gordon tinha insistido várias vezes para retomarem os passeios de bicicleta dos fins de semana. Era típico dele garantir que tudo estivesse em ordem, para o caso de Andy dizer que sim.

Começou a levantar a perna, mas deteve-se. Ouviu por cima de si uma espécie de barulho metálico. Inclinou a cabeça como um *retriever*. Só distinguiu o barulho de fundo da chuva. Estava a tentar lembrar-se de alguma anedota macabra quando voltou a ouvir o barulho. Aguçou o ouvido, mas só se ouvia o sussurro constante da chuva ao cair.

Genial. Era uma grande cobarde. Literalmente nem sabia quando se proteger da chuva e, ainda por cima, estava paranoica.

Abanou a cabeça. Tinha de se despachar. Sentou-se sobre o selim e agarrou-se ao guiador.

Ficou com o coração nas mãos.

Um homem.

Estava parado ao outro lado da porta. Era branco. De olhos pequenos e brilhantes. Tinha o capuz escuro da camisola colado à cara.

Andy ficou paralisada.

O homem apoiou as mãos no vidro.

Devia gritar. Devia ficar calada. Devia procurar uma arma. Devia retroceder, recuar com a bicicleta. Esconder-se entre as sombras.

O homem inclinou-se para a frente, esquadrinhando o interior da garagem. Olhou a esquerda e para a direita e depois em frente.

Andy deu um salto, contraiu os ombros como se pudesse encolher-se até desaparecer.

O homem estava a olhá-la fixamente.

Conteve a respiração. Esperou, a tremer. Consequia vê-la, tinha a certeza de que conseguia vê-la.

Muito lentamente, o homem virou a cabeça e voltou a olhar para a direita e para a esquerda. Lançou um último olhar a Andy e depois desapareceu.

Ela abriu a boca. Inspirou uma pitada de ar. Inclinou-se sobre o guidador da bicicleta e tentou não vomitar.

O homem do hospital, o do boné de Alabama. Tê-las-ia seguido até ali? Teria estado à espreita até estar convencido de que o caminho estava livre?

Não. Alabama era alto e magro. O *Encapuzado*, o homem da porta da garagem, era forte e musculado, mais ou menos da estatura de Andy mas três vezes mais largo.

Aquele era o barulho que tinha feito ao descer pela escada metálica.

Tinha subido para verificar que o apartamento estava vazio.

Depois tinha espreitado para a garagem para conferir que ali também não havia ninguém.

E agora certamente fazia tenção de entrar em casa da sua mãe.

Andy apalpou freneticamente os bolsos, mas nesse mesmo instante lembrou-se de que o seu telefone estava lá em cima, onde o tinha deixado sem bateria. Laura tinha desativado a linha fixa no ano anterior. E provavelmente as mansões de ambos os lados da rua também não tinham telefone. Demoraria dez minutos no mínimo a chegar a casa de Gordon de bicicleta, e então já a sua mãe podia estar...

Sentiu outra vez o coração nas mãos.

Precisava de aliviar a bexiga. Sentia pontadas no estômago. Apeou-se com

muito cuidado da bicicleta. Apoiou-a contra a parede. O som da chuva era agora um tamborilar constante. A única coisa que ouvia por cima do seu *chuá-chuá-chuá* era o bater dos seus próprios dentes.

Obrigou-se a chegar-se à porta. Esticou o braço, tocou no puxador. Tinha os dedos frios. O *Encapuzado* estaria à espera no outro lado, colado à parede da garagem, de pau ou de pistola em punho, ou só com aquelas mãos gigantescas, capazes de estrangular por si sós?

Notou um travo a vômito na boca. A água parecia ter gelado sobre a sua pele. Pensou que o homem teria querido chegar à praia por um atalho, mas ninguém o fazia por ali. E muito menos com chuva. E trovada.

Abriu a porta. Agachou-se e deu uma vista de olhos ao caminho. A luz do escritório de Laura continuava acesa. Não viu ninguém: nem sombras, nem projetores acesos por culpa de um tropeção, nem um homem com camisola e capuz à espera com uma faca perto da garagem ou a espreitar pelas janelas da casa.

A sua mãe sabia defender-se. Tinha-se defendido bem. Mas tinha usado as duas mãos. Agora tinha um braço ao peito e uma perna ferida, e era quase incapaz de atravessar a cozinha sem ter de se agarrar à bancada.

Fechou a porta da garagem sem fazer barulho. Apoiou as mãos no vidro, como o *Encapuzado* tinha feito. Esquadrinhou a escuridão. Novamente não viu nada: nem a sua bicicleta, nem as estantes cheias de água e comida para casos de emergência.

O alívio foi moderado porque, ao afastar-se da garagem, o *Encapuzado* não tinha continuado a descer pelo caminho, mas tinha-se dirigido para a casa.

Andy passou os dedos pela testa. Debaixo de tanta chuva, estava a suar. Talvez aquele tipo não tivesse entrado no *bungalow*. Por que motivo ia um ladrão escolher precisamente a casa mais pequena da rua, uma das mais pequenas de toda a povoação? Os casarões dos arredores estavam repletos de aparelhos eletrónicos de última geração. Todas as sextas-feiras à noite, o número da polícia recebia pelo menos um telefonema de um vizinho que tinha chegado de Atlanta com a ideia de passar um fim de semana sossegado e tinha descoberto que lhe tinham roubado todos os televisores da casa.

O *Encapuzado* tinha subido ao seu apartamento. Tinha-se assomado à garagem.

Não tinha levado nada. Estava à procura de alguma coisa.

Ou de alguém.

Andy avançou por um dos lados da casa. O sensor de movimento não funcionava. As luzes teriam de se ter acendido. Notou um rugido de vidros debaixo dos ténis. Lâmpadas escaqueiradas? O sensor de movimento partido? Pondo-se em pontas dos pés, olhou pela janela da cozinha. À direita, a porta do escritório estava ligeiramente entreaberta. A fresta estreita projetava um triângulo de luz branca sobre o chão da cozinha.

Aguardou, esperando ver algum movimento, alguma sombra. Recuou. Os degraus do alpendre ficavam à sua esquerda. Podia entrar na cozinha. Acender a luz. Surpreender o *Encapuzado*, fazer com que se virasse e lhe disparasse ou a apunhalasse como Jonah Helsingier tinha tentado fazer.

Tinha de haver alguma relação entre ambos os factos. Era a única coisa que fazia sentido. Aquilo era Belle Isle, não Atlantic City. Ali era estranho que um tipo com capuz entrasse num *bungalow* com o intuito de roubar em pleno aguaceiro.

Dirigiu-se à parte de trás da casa. A forte brisa do mar fê-la estremecer. Abriu cuidadosamente a porta do alpendre envidraçado. O chiar das dobradiças foi abafado pela chuva. Encontrou a chave no prato do vaso de amores-perfeitos.

As duas portas de vidro davam para o quarto da sua mãe. Andy levou de novo as mãos ao vidro, em forma de concha, para tentar ver. Ao contrário do que tinha acontecido na garagem, distinguiu com clareza todos os recantos do quarto. A luzinha noturna da casa de banho estava acesa. A cama de Laura estava feita. Havia um livro sobre a mesa de cabeceira. O quarto estava vazio.

Colou a orelha ao vidro. Fechando os olhos, tentou concentrar todos os seus sentidos em captar qualquer barulho procedente da casa: o repicar de uns passos sobre o soalho, a voz da sua mãe a pedir socorro, vidros partidos, um confronto.

Mas só ouviu o barulho das cadeiras de baloiço a oscilar empurradas pelo vento.

Durante o fim de semana, tinha-se sentado com a sua mãe no alpendre para contemplarem o amanhecer.

— Andrea Eloise... — A sua mãe tinha sorrido enquanto bebia uma chávena de chá. — Sabias que quando nasceste eu queria chamar-te Heloise, mas a enfermeira entendeu mal e escreveu *Eloise*, e o teu pai achou tão bonito que não tive coragem para lhe dizer que estava mal escrito?

Sim, Andy sabia. Tinha ouvido aquela mesma história muitas outras vezes.

Todos os anos, mais ou menos por ocasião do seu aniversário, a mãe aproveitava qualquer desculpa para lhe contar como tinha perdido o agá do seu nome.

Aguçou o ouvido mais uns segundos, a orelha colada ao vidro. Depois, obrigou-se a mexer-se. Os seus dedos estavam tão dormentes que lhe custou enfiar a chave na fechadura. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Estava muito assustada. Nunca tinha sentido um terror como aquele, nem sequer no restaurante, porque durante o tiroteio não tinha tido tempo para pensar. Tinha reagido sem tecer quaisquer considerações sobre os seus atos. Mas agora tinha tempo suficiente para ponderar, e todos os cenários possíveis que lhe passavam pela cabeça em turbilhão eram aterradores.

O *Encapuzado* podia ferir a sua mãe... outra vez. Podia estar dentro de casa, à sua espera. Podia estar a assassinar Laura nesse preciso instante. Podia violá-la a ela. Podia matar Andy diante da sua mãe. Podia violá-las a ambas e obrigá-las a olhar, ou matá-las e depois violá-las ou...

Quase lhe cederam as pernas quando entrou no quarto. Fechou a porta, fazendo uma careta ao ouvir o barulho da fechadura. A água de chuva formou um charco sobre a alcatifa. Tirou os ténis. Puxou para trás o cabelo ensopado.

Prestou atenção.

Ouvia-se um som, uma espécie de murmúrio, no outro lado da casa.

Uma conversa. Nem gritos, nem ameaças, nem telefonemas de socorro. Recordou-lhe as vozes dos seus pais quando era pequena e os ouvia falar estando deitada na cama.

No próximo fim de semana a Diana Krall dá um concerto no Fox.

Oh, Gordon, sabes bem que o jazz me dá cabo dos nervos.

Sentiu que pestanejava compulsivamente, como se fosse desmaiar. Estava tudo a tremer. O batimento do coração retumbava-lhe na cabeça como o barulho de centenas de bolas de basquetebol a saltar num estádio coberto. Teve de apoiar a mão na parte de trás da coxa e exercer pressão para se obrigar a avançar.

Basicamente a casa era um quadrado com um corredor em forma de ferradura. O escritório de Laura ocupava o lugar da antiga sala de jantar, em frente da cozinha. Andy avançou pelo corredor. Deixou para trás o seu antigo quarto, convertido em quarto de hóspedes, sem prestar atenção às fotos familiares e aos desenhos escolares pendurados nas paredes.

— ...fazer nada — ouviu a sua mãe dizer numa voz firme e clara.

Deteve-se na sala de estar. Só o *hall* a separava do escritório de Laura. As portas de correr estavam abertas de par em par. Andy conhecia aquela divisão tão bem como o seu apartamento; sabia onde estava cada coisa: o sofá, o cadeirão, a mesa baixa de vidro com um pote de flores secas, a secretária, a cadeira de trabalho, a estante, o armário arquivador, uma reprodução d’*O Nascimento de Vénus* pendurada na parede ao lado de duas páginas emolduradas tiradas de um manual intitulado *Anatomia e Fisiologia Aplicadas à Fonoaudiologia...*

Uma fotografia sua, numa moldura, sobre a secretária. Um mata-borrão de pele verde-claro. Uma única caneta. Um computador portátil.

— E então? — perguntou Laura.

A sua mãe estava sentada no sofá. Andy só lhe via parte do queixo, a ponta do nariz, as pernas descruzadas e as mãos: uma apoiada na coxa; outra, ao peito. Tinha a cara ligeiramente virada para cima enquanto olhava para a pessoa que ocupava o cadeirão de couro.

O Encapuzado.

Tinha as calças de ganga ensopadas. Um charco formava-se aos seus pés, sobre o tapete.

— Vejamos que alternativas temos — disse com uma voz tão profunda que Andy sentiu que as suas palavras lhe ecoavam dentro do peito. — Podia falar com a Paula Koontz.

Laura ficou calada. Depois respondeu:

— Ouvi dizer que está em Seattle.

— Em Austin. — Ele aguardou um momento. — Mas boa tentativa.

Fez-se um longo silêncio.

— Fazendo-me mal a mim não vais conseguir o que pretendes — disse Laura a seguir.

— Não te vou fazer mal. Só te quero pregar um susto de morte.

A forma como o disse — com convicção, quase com alegria — provocou nela outro pestanejar compulsivo.

— Não me digas — replicou a sua mãe com um riso forçado. — Achas que me consegues assustar?

— Isso depende de quanto gostares da tua filha.

De repente, Andy encontrou-se no meio do seu antigo quarto. Os dentes a bater. Os olhos a chorar. Não se lembrava de como ali tinha chegado. O ar saía-lhe dos pulmões com um gemido. O coração tinha deixado de bater, ou

se calhar batia tão depressa que já não o sentia.

O telemóvel da sua mãe devia estar na cozinha. Deixava-o sempre a carregar à noite.

Sai da casa. Vai a correr pedir ajuda. Não te ponhas em perigo.

Tinha as pernas a tremer quando desatou a andar pelo corredor para o fundo da casa. Estendeu involuntariamente a mão para se agarrar à ombreira da porta do quarto da sua mãe, mas obrigou-se a avançar até à cozinha.

O telefone de Laura estava no extremo da bancada, na parte que ficava mais próxima do escritório, onde a porta entreaberta projetava um triângulo de luz.

Tinham parado de falar. Porque é que se tinham calado?

Depende de quanto gostares da tua filha.

Virou-se, temendo ver o homem do capuz, mas só viu a porta aberta do quarto de Laura.

Podia fugir, alegando que a sua mãe ia querer que o fizesse, que se pusesse a salvo, que se afastasse dali. Era o que lhe tinha pedido no restaurante. O que certamente queria agora.

Regressou à cozinha. Sentia-se dentro e fora do seu corpo ao mesmo tempo. Viu-se a caminhar para o telefone, no final da bancada. As plantas dos pés colavam-se aos mosaicos frios. Havia água no chão, certamente do *Encapuzado*, perto da entrada lateral. Andy fixou o olhar no telemóvel da sua mãe. Apertou os dentes para impedir que batessem. Se o *Encapuzado* continuava sentado no cadeirão, o único que o separava dela era uma fina porta de madeira e noventa centímetros de distância. Esticou o braço para o telefone. Extraiu com muito cuidado o cabo do carregador. Recuou lentamente para as sombras.

A voz do *Encapuzado* ressoou na cozinha.

— Diz-me cá uma coisa — disse. — Alguma vez sonhaste que estás a ser enterrada viva? — Esperou. — Que te estás a asfixiar?

Andy notava a boca seca. A pneumonia. O pneumotórax. Aquela horrível pieira no peito. A tentativa desesperada para respirar. A sua mãe tinha terror de se asfixiar. O medo de morrer asfixiada pelo líquido dos seus pulmões obcecava-a a tal ponto que os médicos lhe davam *Valium* para dormir.

— Vou fazer o seguinte — disse o *Encapuzado* —, vou meter-te a cabeça neste saco vinte segundos. Vais sentir que estás a morrer, mas não vais morrer. Ainda — acrescentou.

Tremiam-lhe os dedos quando premiu o botão de início do telefone da sua mãe. O telemóvel tinha as impressões digitais de ambas gravadas. O ecrã devia desbloquear-se ao tocar o botão, mas nada aconteceu.

— É como a tortura do afogamento, mas a seco — disse o *Encapuzado*. — Muito eficaz.

— Por favor... — afirmou Laura com uma voz abafada. — Isso não é necessário.

Andy esfregou o dedo contra a parede, tentando secá-lo.

— Basta! — gritou a sua mãe tão alto que quase deixou cair o telefone. — Ouve. Só um instante. Ouve lá!

Voltou a premir o botão de início.

— Estou a ouvir — disse o *Encapuzado*.

O ecrã desbloqueou-se.

— Isso não é necessário. Podemos encontrar uma solução. Tenho dinheiro.

— O que quero de ti não é dinheiro.

— Nunca vais conseguir. Isso que procuras. Nunca to...

— É o que vamos ver.

Andy tocou no ícone de mensagem. Há seis meses que a possibilidade de enviar mensagens de texto para o 911 tinha sido instalada. A alerta aparecia a cintilar na parte de cima dos seus monitores.

— Vinte segundos — disse o homem. — Queres que vá contando?

Os dedos de Andy voaram freneticamente sobre o teclado: *419 Seaborne Avenue homem armado perigo iminente p.f. depressa*.

— A rua está deserta — acrescentou o *Encapuzado*. — Podes gritar tanto quanto quiseres.

Andy premiu a tecla que enviava a mensagem.

— Basta. — Laura elevou a voz, aterrorizada. — Por favor. — Tinha começado a chorar. Os seus soluços eram abafados, como se tivesse a boca tapada. — Por favor — suplicou. — Por favor, Deus meu...

Silêncio.

Andy aguçou o ouvido.

Nada.

Nem um grito, nem um gemido, nem sequer uma súplica.

O silêncio era ensurdecador.

— Um — disse o *Encapuzado*. — Dois. — Fez uma pausa. — Três.

Pum. O grosso tampo de vidro da mesa baixa. A sua mãe estava

obviamente a espernear. O barulho surdo de algo embateu contra a alcatifa. A mãe só tinha uma mão livre. Mal podia levantar um saco de compras.

— Quatro — continuou o *Encapuzado*. — Tenta não te mijares.

Andy abriu a boca de par em par, como se pudesse respirar pela sua mãe.

— Cinco. — Evidentemente, o *Encapuzado* estava a gozar o pratinho. — Seis. Já estamos quase a meio.

Andy ouviu um apito agudo, desesperado, o mesmo barulho que a sua mãe emitia no hospital quando a pneumonia lhe produziu o colapso de um pulmão.

Agarrou o primeiro objeto pesado que encontrou. A frigideira de ferro fundido chiou quando a levantou do fogão. Já não tinha hipótese de surpreender o *Encapuzado*, não havia volta atrás. Abriu a porta ao pontapé. O homem estava de pé debruçado sobre Laura, a segurá-la pelo pescoço. Estava a asfixiá-la. Com os dedos, fechava o saco de plástico transparente que envolvia a cabeça da sua mãe.

O *Encapuzado* virou-se, sobressaltado.

Andy brandiu a frigideira como se fosse um taco de basebol.

Nos desenhos animados, a base da frigideira batia na cabeça do coioote como o badalo de um sino, deixando-o azamboado.

Na vida real, Andy tinha a frigideira de lado e o ferro fundido atingiu o crânio do homem com um rugido estrondoso e nauseante.

Não como o badalar de um sino, mas sim como o barulho do ramo de uma árvore a desprender-se do tronco.

A vibração foi tão forte que Andy não conseguiu continuar a segurar no cabo.

A frigideira caiu ao chão de forma aparatosa.

Ao princípio, o *Encapuzado* não reagiu. Não caiu. Não se encolerizou. Não retribuiu a agressão. Limitou-se a olhar para ela, visivelmente desconcertado.

Ela também o encarou.

O sangue inundou lentamente a esclerótica do seu olho esquerdo, difundindo-se como fumo pelos capilares e descrevendo círculos ao redor da córnea. Mexeu os lábios sem emitir nenhum som. Não lhe tremia a mão quando a levou à cabeça. A têmpora amolgada formava um ângulo agudo, que combinava na perfeição com a lateral da frigideira. Olhou para os dedos.

Não tinha sangue.

Andy levou a mão à garganta. Tinha a sensação de ter engolido vidro.

O *Encapuzado* estava bem? Não estava ferido? Podia magoá-las? Asfixiar a sua mãe? Violá-las? Matá-las a ambas?

Uma espécie de gorgolejo saiu da sua garganta. Escancarou a boca. Os seus olhos começaram a entortar para dentro. Dobrou os joelhos e procurou cadeira às apalpadelas, tentando sentar-se, mas falhou e caiu no chão.

Andy recuou com um salto como se receasse escaldar-se.

O homem tinha caído de lado, com as pernas dobradas e agarrado à barriga com as duas mãos.

Ela não lhe tirava os olhos de cima. Aguardou, a tremer, aterrorizada.

— Andrea... — disse Laura.

O seu coração estremecia como uma vela. Tinha os músculos petrificados. Estava especada no lugar, imóvel como uma estátua.

— Andrea! — gritou Laura.

Saiu do seu estupor com um sobressalto. Pestanejou. Olhou para a sua mãe.

Laura estava a tentar erguer-se no sofá. Tinha a parte branca dos olhos salpicada de derrames, os lábios azuis, as faces sulcadas por vasos sanguíneos rebentados. O saco de plástico continuava atado à volta do seu pescoço. Hematomas profundos manchavam-lhe a pele. Tinha furado o saco com os dedos, do mesmo modo que Andy tinha rasgado outro para fazer um poncho.

— Depressa! — incitou-a Laura com a voz rouca. — Vê se ainda está a respirar.

Andy esforçou-se por focar a vista. Sentia-se zozza. Ouviu um apito ao tentar encher os pulmões de ar. Estava a começar a hiperventilar.

— Andrea — repetiu a sua mãe —, ele tem a minha pistola no cós do calças. Dá-ma cá, antes que volte a si.

O quê?

— Andrea, acorda! — Laura deslizou do sofá, deixando-se cair no chão. A perna estava a sangrar outra vez. Apoiada no braço bom, arrastou-se pela alcatifa. — Temos de lhe tirar a pistola antes que volte a si.

O *Encapuzado* mexeu as mãos.

— Mãe! — Andy caiu para trás e chocou com a parede. — Mãe!

— Calma — disse Laura —, está...

O homem sacudiu-se violentamente, virando o cadeirão de couro. Começou a mexer as mãos em círculos. Depois, os círculos converteram-se em tremores que se espalharam pelos ombros e pela cabeça. Pelo tronco e

pelas pernas. Segundos depois todo ele era uma convulsão, sacudido por um verdadeiro ataque.

Andy ouviu um gemido que saía da sua boca. Estava a agonizar. Ia morrer.

— Andrea — disse Laura com voz serena, comedida —, vai à cozinha.

— Mãe! — Soluçou ela.

As costas do homem arquearam-se até formarem um semicírculo. Os seus pés agitaram-se no ar.

O que é que tinha feito? O que é que tinha feito?

— Andrea, vai à cozinha — repetiu a sua mãe.

O *Encapuzado* começou a respirar com barulhos guturais. Andy tapou os ouvidos, mas nada podia bloquear aquele som. Viu horrorizada como os seus dedos se crispavam. Como espumava da boca. Como os seus olhos rodopiavam, tresloucados.

— Vai à...

— Está a morrer! — Soluçou Andy.

A agonia intensificou-se. Os seus olhos estavam tão metidos para dentro que parecia ter as órbitas cheias de algodão. Uma mancha de urina espalhava-se a partir da braguilha das suas calças. Um dos seus sapatos saiu disparado. As suas mãos arranhavam o ar.

— Faz alguma coisa! — gritou Andy. — Mãe!

Laura agarrou na frigideira. Levantou-a acima da cabeça do homem.

— Não!

Andy atravessou a sala e arrancou-lhe a frigideira das mãos. Laura agarrou-se à sua cintura com o braço antes que se pudesse afastar. Puxou-a para si, levou a boca ao seu ouvido.

— Não olhes, querida. Não olhes.

— O que é que eu fiz? — gemeu Andy. — O que é que eu fiz?

— Salvaste-me — respondeu. — Salvaste-me.

— Tenho... tenho... — gaguejou. — Mãe, está... Não pos... não pos...

— Não olhes. — Laura tentou tapar-lhe os olhos, mas Andy afastou-lhe a mão.

Fez-se um silêncio absoluto.

Até a chuva parou de fustigar a janela.

O *Encapuzado* estava imóvel. Tinha os músculos da cara relaxados. Um dos seus olhos olhava fixamente para o teto. O outro apontava para a janela. As suas pupilas eram como moedas pretas, opacas.

Andy sentiu que o coração lhe latejava na garganta.

A camisola do homem tinha subido e por cima do elástico branco dos seus *boxers* avistava-se uma tatuagem: um golfinho sorridente a navegar as ondas. Em baixo, numa letra floreada, lia-se um nome: *Maria*.

— Está...? — Andy calou-se. — Mãe, está...?

Laura não vacilou.

— Está morto, sim.

— Mat... mat... mat... — balbuciou. — Mat... mat...

— Andy — disse Laura num tom diferente —, isto que estou a ouvir são sirenes? — Virou-se para olhar pela janela. — Ligaste para a polícia?

Andy tinha o olhar fixo na tatuagem. Maria seria a sua namorada? A mulher? Tinha matado o pai de alguém?

— Andy? — Laura arrastou-se pela alcatifa e enfiou a mão debaixo do sofá. Andava à procura de alguma coisa. — Depressa, meu amor. Tira-lhe a carteira das calças.

Andy olhou para a sua mãe.

— Tira-lhe a carteira, vá lá.

Não se mexeu.

— Então olha para baixo do sofá. Vem cá. Bora lá! — Laura estalou os dedos. — Andy, vem cá. Faz o que te digo.

Andy gatinhou para o sofá sem saber o que devia fazer.

— O canto do fundo — disse-lhe Laura. — Dentro do forro, em cima da mola. Enfia a mão. Há um *nécessaire*.

Andy apoiou-se no cotovelo para escarafunchar as entranhas do sofá. Encontrou um *nécessaire* de vinil preto com fecho dourado. Estava cheio, pesava.

Como é que isto chegou aqui?

— Ouve. — Laura tinha na mão na carteira do homem. Tirou o dinheiro. — Leva isto. Tudo. A oeste da Geórgia há uma povoação chamada Carrollton; fica no limite do Estado. Estás a ouvir?

Andy tinha aberto o *nécessaire*. Dentro havia um telemóvel *flip* com um cabo de carregador, um calhamaço de notas de vinte dólares e um cartão-chave branco, sem inscrições, como os que se usam nos hotéis.

— Andy. — Laura pegou na fotografia emoldurada que estava em cima da secretária. — Tens de ir às arrecadações Get-Em-Go. Não te vais esquecer? G-e-t-e-m-g-o.

O quê?

— Leva a carteira dele e atira-a ao mar.

Andy olhou para a carteira de pele que a sua mãe tinha deixado no chão. A carta de condução via-se através da capa de plástico. Tinha os olhos tão inchados de chorar que não distinguiu o que dizia.

— Não uses os cartões, está bem? — prosseguiu Laura. — Usa só o dinheiro. Fecha os olhos.

Partiu a moldura da fotografia estatelando-a contra a aresta da secretária. O vidro partiu-se. Tirou a fotografia. Dentro dela havia uma chave pequena, parecida à chave de um cadeado. — Vais precisar disto, sim? Andy, estás a ouvir? Toma isto. Toma.

Andy pegou na chave. Deixou-a cair no *nécessaire* aberto.

— E isto também. — Laura enfiou a carteira no *nécessaire* juntamente com o dinheiro. — Arrecadação vinte do um. É só disto que precisas de te lembrar: vinte do um. Get-Em-Go, em Carrollton. — Revistou os bolsos do morto, encontrou as chaves do seu carro. — São de um *Ford*. Com certeza que está estacionado no beco, no fim da Beachview. Toma.

Andy pegou nas chaves sem saber o que fazia.

— Arrecadação vinte do um. Lá dentro há um carro. Leva-o e deixa o *Ford*. Desliga os cabos da bateria. É importantíssimo, Andy. Tens de deixar o GPS sem eletricidade. Vais-te lembrar, querida? Desliga os cabos da bateria. O pai ensinou-te como é a bateria. Lembras-te?

Assentiu lentamente. Lembrava-se de Gordon a ensinar-lhe as partes de um carro.

— O número da arrecadação é o da data dos teus anos. Vinte do um. Di-lo.

— Vinte do um — repetiu Andy fazendo um esforço.

— As sirenes estão mais perto. Tens de ir — disse Laura. — Preciso que te vás embora. Já.

Andy estava paralisada. Tudo aquilo era demasiado para ela. Atordoava-a.

— Meu amor — disse a sua mãe agarrando-lhe o queixo —, ouve. Preciso que te vás embora. Já. Sai por trás. Procura o *Ford* desse homem. Se não o encontrares, leva o carro do pai. Eu explico-lhe depois. Preciso que vás para Noroeste. Está bem? — Agarrou-se ao ombro de Andy esforçando-se para se levantar. — Andy, por favor, estás a ouvir?

— Noroeste — bichanou ela.

— Tenta chegar primeiro a Macon, depois compra um mapa, um mapa a

sério, de papel, e procura Carrollton. As arrecadações ficam perto do Walmart. — Laura puxou Andy pelo braço. — Tens de deixar aqui o teu telefone. Não leves nada. — Sacudiu-a de novo. — Ouve. Não liguês ao teu pai. Não o obrigues a mentir por ti.

— A mentir por...?

— Vão prender-me por isto. — Pôs-lhe um dedo nos lábios para a fazer calar quando Andy tentou protestar. — Tem calma, minha linda. Não me vai acontecer nada. Mas tu tens de ir. Não digas ao pai onde estás, entendido? Se entrares em contacto com ele, eles vão saber. O telefone dele vai estar sob escuta e vão-te encontrar. Telefonemas, *e-mails*, tudo. Não entres em contacto com ele. Comigo também não. Não liguês aos teus amigos nem a ninguém com quem tenhas tido relação anteriormente, está bem? Entendeste? Estás a ouvir o que te estou a dizer?

Andy assentiu porque era o que Laura queria.

— Depois de passares por Carrollton, segue para Noroeste. — Laura conduziu-a pela cozinha enlaçando-a com força pela cintura. — Vai para longe, para Idaho, por exemplo. Quando for seguro, ligo-te para o telefone que há na mala.

Seguro?

— És muito forte, Andrea. Mais forte do que julgas. — Laura respirava com dificuldade. Era evidente que se esforçava para não chorar. — Eu ligo-te para esse telefone. Não voltes para casa até teres notícias minhas, está bem? Responde só à minha voz, à minha voz de verdade, quando te disser estas mesmas palavras: *Já podes voltar para casa*. Entendido? Andy?

As sirenes estavam mais perto. Agora Andy também as conseguia ouvir. Três carros-patrolha, no mínimo. Havia um morto na casa. Ela tinha-o matado. Tinha assassinado um homem e a polícia estava prestes a chegar.

— Andrea?

— Entendido — respondeu com um fio de voz. — Entendido.

— Get-Em-Go, vinte do um, entendido?

Andy assentiu em silêncio.

— Sai por trás. Despacha-te. — Laura tentou empurrá-la para a porta.

— Mãe, és... és uma espia? — Não se podia ir embora sem saber.

— Uma quê? — Laura pareceu assombrada.

— Ou uma assassina, ou uma agente do governo, ou...?

— Não, Andy, não — respondeu a mãe como quem se vai desatar a rir. —

Sou a tua mãe. A tua mãe, é a única coisa que sou. — Acariciou-lhe a cara. — Estou muito orgulhosa de ti, meu anjo. Estes últimos trinta e um anos foram um presente. Se estou viva é por tua causa. Sem ti não teria sobrevivido. Entendes? És o meu coração. Cada gota de sangue do meu corpo.

As sirenes estavam cada vez mais perto. Talvez a duas ruas dali.

— Tenho tanta pena. — A sua mãe não pôde continuar a conter as lágrimas. No dia anterior tinha matado um homem. Tinham-na apunhalado e espancado, quase conseguiram asfixiá-la. Tinha afastado de si a sua família e não tinha derramado uma única lágrima até esse instante. — Meu anjo. Desculpa, por favor. Tudo o que fiz foi por ti, minha Andrea Heloise. Tudo.

As sirenes tinham chegado, estavam à porta da casa. As rodas guincharam sobre o pavimento.

— Corre — suplicou Laura. — Andy, por favor, minha querida, por favor... corre!

[2] Personagem da série *Peanuts*, amigo de Charlie Brown e Snoopy, sempre muito sujo. (N.T.)

5

A areia molhada enfiava-se dentro dos ténis enquanto corria pela praia. Levava o *nécessaire* apertado contra o peito e segurava o fecho com os dedos porque não se tinha atrevido a perder tempo a corrê-lo. Não havia luar, nem luz procedente das casas vizinhas, nada exceto a neblina que se lhe colava à cara e o barulho das sirenes na sua retaguarda.

Olhou para trás. O brilho dos focos embatia nas paredes da casa da sua mãe. Os gritos chegavam até à praia.

— Desocupado à esquerda!

— Desocupado atrás!

Às vezes, quando atendia uma chamada de emergência e permanecia uns minutos ao telefone, ouvia as vozes de fundo dos polícias a gritar essas mesmas palavras.

Já pode desligar, dizia à pessoa que tinha efetuado o telefonema. *A polícia ocupar-se-á de si.*

Laura não diria nada à polícia. Certamente estaria sentada à mesa da cozinha, com a boca firmemente fechada, quando a encontrassem. Após aquilo, a detetive Palazzolo não queria chegar a nenhum acordo. Laura seria presa. Iria para a cadeia. Seria presente a tribunal. Seria condenada à prisão.

Andy acelerou o passo como se assim pudesse afastar aquela ideia, a imagem da sua mãe atrás das grades. Mordeu o lábio até sentir o sabor metálico do sangue. A areia húmida tinha-se convertido em betão dentro dos seus sapatos. Porém, havia uma espécie de retribuição do carma naquele mal-estar.

O *Encapuzado* estava morto. Ela tinha-o matado. Tinha assassinado um homem. Era uma assassina.

Sacudiu a cabeça com tanta força que o pescoço deu um estalo. Tentou orientar-se. A Avenida Seaborne continuava por uns quinhentos metros, até desembocar em Beachview. Se passasse o desvio, encontrar-se-ia numa zona mais povoada da ilha, onde qualquer um podia olhar pela janela e chamar a polícia.

Tentou contar os seus passos. Percorreu duzentos metros, depois trezentos, e por fim virou à esquerda afastando-se do oceano. Todas as mansões tinham cercas para impedir a passagem de estranhos que podiam entrar por engano, procedentes da praia. O regulamento municipal proibia construir grades permanentes em frente das dunas, e as pessoas tinham erigido cercas frágeis, feitas com ripas de madeira com arame farpado por cima, em jeito de medida dissuasora. Embora só algumas tivessem alarme, todas possuíam um letreiro onde se avisava de que o alarme dispararia caso se abrisse a porta.

Andy parou em frente do primeiro portão com que se deparou. Passou a mão por ambos os seus lados. Roçou com os dedos uma caixinha de plástico da qual saía um cabo.

Alarme.

Correu até ao seguinte portão e fez o mesmo.

Alarme.

Blasfemou baixinho, consciente de que o modo mais rápido de chegar à rua era trepar pelas dunas. Empurrou o painel de madeira com o pé, cuidadosamente. O cabo cedeu. Alguma corrente invisível se soltou da areia e o portão desceu o suficiente para que pudesse passar por cima. Levantou a perna com cuidado para não prender os calções no arame farpado. Atravessou o terreno empinado espezinhando ervas daninhas. Envergonhava-se de estar a causar tantos estragos. Quando chegou a um caminho de pedra, estava a coxear.

Apoiou a mão na parede e parou para recuperar o fôlego. Tinha a garganta tão seca que teve um ataque de tosse. Tapou a boca, à espera que parasse. Os olhos lagrimejavam. Doíam-lhe os pulmões. Quando por fim a tosse passou, baixou a mão. Deu um passo e pareceu-lhe que pisava vidros. A terra dos seus ténis parecia areia de gato com grumos. Tirou-os e tentou sacudi-los. O tecido sintético tinha-se convertido num ralador de queijo. Ainda assim, tentou calçar-se de novo. Mas magoavam-na demasiado. Os pés tinham começado a sangrar.

Subiu descalça pelo caminho. Pensou em todas as pistas que a detetive

Palazzolo encontraria quando chegasse ao *bungalow*: a cara de Laura, sobretudo os seus olhos raiados de sangue, evidenciando ainda sintomas de asfixia; o saco de plástico à volta do seu pescoço, com as impressões digitais do morto; o cadáver estendido no escritório, ao lado da mesa virada; o crânio amolgado por um lado; as calças sujas de urina; a espuma seca nos lábios; os olhos apontados para duas direções diferentes; o sangue da perna de Laura que manchava a alcatifa; as suas próprias impressões digitais no cabo da frigideira.

E, no caminho que conduzia à casa, os vidros partidos dos focos do jardim. A fechadura da porta da cozinha, certamente forçada. As poças nos mosaicos da cozinha, mostrando o caminho que o *Encapuzado* tinha seguido. E a água que indicava o caminho que ela tinha percorrido do quarto ao corredor e de lá ao quarto de hóspedes, à sala de estar e de volta outra vez.

Na praia, as suas pegadas impressas na areia molhada. A destruição deixada pelo seu avanço pelas dunas. O seu sangue, o seu ADN, no caminho de pedra onde se encontrava.

Apertou os dentes e gemeu com os olhos postos no céu. Tinha o pescoço contraído pelo esforço. Inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos, vencida pelo horror dos seus próprios atos. Tudo aquilo estava errado. Nada fazia sentido.

O que devia fazer?

O que *podia* fazer?

Precisava de falar com o seu pai.

Desatou a andar para a estrada. Iria a casa de Gordon. Perguntar-lhe-ia o que fazer. Ele ajudá-la-ia a decidir o que era melhor.

Deteve-se.

Sabia perfeitamente o que o seu pai faria. Deixaria que Laura arcasse com todas as culpas. Não permitiria que ela se entregasse. Não arriscaria que fosse enviada para a prisão até ao fim dos seus dias.

Para além disso, Palazzolo descobriria as suas impressões digitais molhadas em casa de Laura, as suas pegadas na areia, o seu ADN entre as mansões da praia, e denunciaria Gordon por mentir a um agente da polícia e prestar auxílio a uma homicida.

O seu pai podia ir parar à prisão. Podia perder a sua licença para exercer advocacia.

Não o obrigues a mentir por ti.

Lembrou-se dos olhos chorosos da sua mãe, da sua insistência em que fizera tudo por ela. Tinha de acreditar que Laura lhe estava a pedir que fizesse o correto. Continuou a avançar. Laura tinha deduzido que o *Ford* daquele homem estaria estacionado no beco de Beachview Drive. Também tinha insistido para se despachar, e Andy desatou a correr de novo, com os ténis numa mão e o *nécessaire* na outra.

Estava a dobrar a esquina quando uma luz intensa lhe deu na cara. Agachada, recuou para o caminho de pedra. Inicialmente pensou que eram os faróis de um carro-patrulha. Depois arriscou-se a dar uma vista de olhos e compreendeu que tinha acionado sem querer o sensor de movimento do jardim.

Correu pelo caminho. Ao chegar à rua, tentou manter-se no centro, longe dos sensores de movimento das casas. Não olhou para trás, mas distinguiu de esguelha o eixo giratório das luzes vermelhas e azuis. Ao que parecia, todos os carros da polícia de Belle Isle tinham acudido ao aviso. Certamente só dispunha de uns minutos, talvez de uns segundos, antes de a pessoa responsável dar ordens para revistarem a zona.

Chegou ao extremo da rua de sentido único. Beachview Drive ia dar à Seaborne Avenue. No outro lado da rua havia um pequeno passadiço que servia de acesso à praia para veículos de emergência. Laura achava que o carro do morto podia estar lá.

Mas não havia nenhum *Ford* à vista.

Merda.

Uns faróis aproximavam-se vindos de Beachview. Frenética, correu para a esquerda e depois para a direita, voltou atrás e escondeu-se atrás de uma palmeira instantes antes de um *Suburban* preto passar. Deduziu que era um carro da polícia devido à antena gigantesca que tinha no para-choques.

Observou Beachview Drive. Havia um caminho por alcatroar mais ou menos a meio da rua. A entrada estava coberta por arbustos e mais ervas. Um dos seis *bungalows* originais que restavam em Belle Isle era propriedade dos Hazelton, um casal da Pensilvânia que já não parava por ali há dois anos.

Podia esconder-se na sua casa, tentar decidir o que fazer a seguir.

Espreitou pela Seaborne Avenue para confirmar que não vinha nenhum carro. Observou Beachview para ver se havia alguma luz. Depois correu rua acima, embatendo no alcatrão com os pés descalços, até chegar ao longo caminho de terra que conduzia à casa dos Hazelton.

Havia algo de estranho.

As ervas estavam esmagadas.

Um carro tinha entrado pelo caminho há pouco.

Circundou os arbustos e, em vez de avançar pelo caminho, entrou no jardim. Sangrava tanto dos pés que a areia formava uma segunda pele colada às suas plantas. Prosseguiu, agachada. Dentro da casa não havia luz. De repente percebeu que, até certo ponto, via na escuridão. Era mais tarde — ou mais cedo — do que julgava. Não estava propriamente a amanhecer, mas recordava que havia uma explicação científica a respeito de como os raios de luz se refletiam na superfície do oceano, iluminando a praia antes do nascer do sol.

Aquele fenómeno físico permitiu-lhe distinguir a carrinha *Ford* estacionada no caminho. As rodas maiores do que o normal. Para-choques pretos. Vidros fumados. Matrícula da Flórida.

Havia outra carrinha estacionada ao seu lado, mais pequena, uma *Chevy* branca, vulgar, com uns dez anos de antiguidade. Tinha matrícula da Carolina do Sul, o que não era estranho tão perto de Charleston. Mas, que ela soubesse, os Hazelton continuavam a residir na Pensilvânia.

Aproximou-se com cautela da *Chevy* e espreitou para o interior. As janelas estavam abertas. Viu a chave na ignição. Do porta-chaves pendia uma grande pata de coelho, um amuleto da sorte. O retrovisor estava enfeitado com um par de dados de peluche. Ignorava se a carrinha pertencia aos Hazelton, mas não estranhou que as chaves estivessem lá dentro. E os dados e o porta-chaves com a pata de coelho podiam ser do seu neto.

Considerou as alternativas.

A *Chevy* não tinha GPS. Ninguém denunciaria o seu roubo. Devia levá-la? Deixar ali o carro do morto?

Deixou a sua mãe pensar por ela. Laura tinha-lhe dito para levar o carro do morto, e era isso que ia fazer.

Aproximou-se precavidamente do *Ford*. Os vidros fumados estavam completamente fechados. As portas trancadas. Procurou as chaves do *Encapuzado* no *nécessaire*. No porta-chaves só havia um abridor e a chave do *Ford*. Não havia nenhuma chave de casa, mas talvez estivessem dentro da carrinha.

Em vez de premir o comando, usou a chave para abrir a porta. No interior cheirava a um perfume almiscarado misturado com couro. Lançou o

nécessaire para o lugar do morto e, agarrando-se às laterais da cabine, tomou balanço e sentou-se ao volante.

Fechou a porta, produzindo um barulho seco e surdo.

Meteu a chave na ignição. Virou-a lentamente, como se a carrinha fosse explodir ou autodestruir-se caso cometesse um erro. O motor emitiu um ronronar profundo. Apoiou a mão na alavanca das mudanças e então deteve-se. Algo não estava bem.

O tabliê deveria ter-se iluminado, mas não se iluminou. Apalpou-o, mas o ecrã estava tapado com cartão ou algo do género. Olhou para cima. A luz do teto também não estava acesa.

Imaginou o *Encapuzado* sentado na carrinha, a ocultar todas as luzes e a estacionar na casa dos Hazelton.

E então lembrou-se da luz do escritório da sua mãe, a única luz que Laura tinha deixado acesa. Tinha deduzido que a sua mãe se tinha esquecido de a apagar, mas talvez Laura não tivesse adormecido no cadeirão reclinável. Talvez estivesse sentada no sofá do escritório, a aguardar que alguém como o *Encapuzado* aparecesse.

Tem a minha pistola no cós das calças.

Não *uma* pistola, mas sim *a minha* pistola.

Sentiu a boca seca.

Desde quando é que a sua mãe tinha uma pistola?

Ouviu uma sirene atrás de si. Agachou-se, mas o carro-patrulha não se desviou ao chegar ao caminho. Passou ao largo. Andy começou a acionar em círculo a alavanca das mudanças, afastou lentamente o pé do travão e foi testando cada posição até dar com a marcha-atrás.

Recuou pelo caminho às cegas; os vidros fumados diminuía-lhe a visibilidade. Os ramos das árvores e os matagais espinhosos arranharam a carrinha. Atingiu Beachview Drive e as rodas embateram no duro lancil do passeio.

Voltou a acionar a alavanca das mudanças até que meteu a primeira. Os faróis da frente estavam apagados. Na penumbra anterior ao nascer do sol, não tinha forma de encontrar o dispositivo que os acendia. Agarrou o volante fortemente, com as duas mãos. Tinha os ombros encolhidos, colados às orelhas. Tinha a impressão de estar prestes a cair por um precipício.

Deixou a rua de Gordon para trás. Ao fundo da rua viam-se as luzes cintilantes de um carro da polícia. Acelerou antes de a verem. E então

percebeu que não a podiam ver porque tinha todas as luzes apagadas, não só as interiores mas também os faróis da frente. Olhou pelo retrovisor ao mesmo tempo em que pisava o travão. As luzes traseiras também não se acendiam.

Aquilo não lhe agradava.

Era lógico camuflar-se, tapar todas as luzes quando se ia cometer um crime mas, quando se abandonava o lugar do crime e a estrada estava cheia de polícias, conduzir sem luzes equivalia a ter a palavra CULPADA escrito na testa.

Havia uma única ponte para entrar e sair de Belle Isle. A polícia de Savannah estaria a entrar por um lado da ponte enquanto, no sentido contrário, iluminada pelo sol que se refletia na água, ela estaria a tentar sair à socapa.

Parou no primeiro estacionamento que encontrou; casualmente, o do centro comercial de Belle Isle. Saiu de forma precipitada e contornou a parte de trás da carrinha. Uma grossa fita adesiva preta cobria as luzes traseiras. Ao pegá-lhe num canto, descobriu que não era fita, mas sim uma placa magnética. O outro farol estava tapado da mesma maneira.

Os cantos eram arredondados. As duas placas eram do tamanho certo para tapar tanto as luzes dos travões como os faróis traseiros.

A mente de Andy carecia da capacidade necessária para inferir a importância desse facto. Atirou os ímanes para a caixa aberta da carrinha e voltou a sentar-se ao volante. Tirou o cartão que cobria o tabliê. Tal como as placas magnéticas, tinha sido milimetricamente cortado. Os comandos do rádio e os botões luminosos do tabliê também estavam tapados com cartão preto.

Encontrou o dispositivo que acionava os faróis da frente. Afastou-se do centro comercial. Ao chegar à ponte, sentia a um lado do pescoço o latejar do seu coração. Conteve a respiração. Atravessou a ponte. Não havia mais carros na estrada, nem no desvio.

Enquanto acelerava rumo à autoestrada, vislumbrou três carros da polícia de Savannah que se dirigiam para a ponte com as sirenes ligadas.

Respirou por fim.

Na estrada havia um letreiro:

MACON 273

ATLANTA 399.

Deu uma olhadela ao indicador da gasolina. O depósito estava cheio. Ia

tentar fazer a viagem de mais de quatro horas até Atlanta sem parar e depois ia comprar um mapa na primeira bomba de gasolina que encontrasse. Ignorava a que distância dali ficava Carrollton, nem como ia encontrar as arrecadações Get-Em-Go, perto do Walmart.

O número da arrecadação é o da data dos teus anos. Vinte do um. Di-lo.

— Vinte do um — disse em voz alta, desconcertada de repente.

Tinha feito anos no dia anterior, vinte de agosto.

Por que motivo dizia Laura que tinha nascido em janeiro?

6

Conduziu para cima e para baixo pela que parecia ser a via principal de Carrollton. Não tivera dificuldade em encontrar o armazém Walmart mas, pelo contrário, as arrecadações Get-Em-Go não tinham um enorme letreiro luminoso visível de a autoestrada.

O desvio até Atlanta fora maçador e, o que era pior ainda, desnecessário. Estivera tentada a usar o sistema de navegação da carrinha, mas finalmente tinha optado por seguir as instruções de Laura. Ao entrar em Atlanta, tinha comprado um mapa da Geórgia. O trajeto entre Belle Isle e Carrollton deveria ter durado quatro horas e meia, mas, como tinha atravessado Atlanta em plena hora de ponta, quando por fim chegou ao Walmart de Carrollton tinham decorrido seis horas. As pálpebras pesavam-lhe tanto que tivera de fazer uma sesta de duas horas no parque de estacionamento.

Como é que as pessoas encontravam os lugares antes de terem Internet?

As listas telefónicas eram a solução mais óbvia, mas não havia nenhuma cabine telefónica à vista. Já tinha pedido indicações a um segurança do Walmart, e parecia-lhe muito arriscado voltar a perguntar. Alguém podia suspeitar dela. Ou chamar a polícia. Não tinha a carta de condução, nem os papéis do seguro. O cabelo empapado pela chuva tinha secado formando um emaranhado de caracóis. Conduzia uma carrinha roubada com uma matrícula da Flórida e vestia-se como uma adolescente que acordara na cama errada durante as férias da Páscoa.

Tinha tanta pressa para chegar a Carrollton que nem se questionara sobre as razões da mãe para a mandar ali. O que havia dentro da arrecadação? Porque é que Laura guardava em segredo a chave, um telemóvel e dinheiro em numerário, e o que encontraria quando por fim desse com o Get-Em-Go?

Depois de hora e meia à procura, aquelas perguntas pareciam inúteis.

Carrollton não era uma aldeia, mas também não era uma metrópole movimentada. Dissera a si própria que o melhor seria dar umas voltas pela localidade até encontrar o seu destino, mas agora preocupava-a não dar com ele.

A biblioteca.

A ideia bateu-lhe como um martelo. Passara em frente do edifício cinco vezes no mínimo e só agora caíra em si. Nas bibliotecas havia computadores e, sobretudo, acesso livre à Internet. Pelo menos, poderia localizar o Get-Em-Go.

Bruscamente, deu meia-volta e dirigiu-se para o portão de entrada para a biblioteca. As grandes rodas tremeram quando atravessou a rua. Havia muitos lugares vagos e optou por estacionar ao fundo. Só havia mais dois carros estacionados, dois calhambeques velhos. Deduziu que eram do pessoal da biblioteca. Era um edifício pequeno, do tamanho aproximado do *bungalow* de Laura. A placa que havia junto à porta informava que abria às nove.

Faltavam oito minutos.

Observou o edifício arredondado, as arestas nítidas do tijolo vermelho, os poros granulosos do cimento. Tinha a vista estranhamente aguçada. Continuava a sentir a boca seca, mas as mãos tinham parado de tremer e já não tinha a sensação de que o seu coração ia explodir. O stresse e o cansaço dos dias anteriores tinham chegado ao seu auge mais ou menos quando estava à altura de Macon. Agora sentia-se anestesiada, como se nada lhe pudesse fazer moça.

Não sentia remorsos.

Nem sequer quando pensava nos últimos e horríveis segundos de vida do *Encapuzado* conseguia sentir um ápice de compaixão pelo sujeito que tinha torturado a sua mãe.

Aquela falta de remorsos, no entanto, fazia-a sentir-se culpada.

Lembrou-se de que, anos antes, uma das suas amigas da universidade tinha afirmado que qualquer pessoa era capaz de cometer um assassinato. Naquela altura, incomodara-a aquela generalização porque, se toda a gente era capaz de matar um semelhante, não existiria a violação, por exemplo. Era o tipo de elucubração absurda que surgia nas festas da faculdade: E se tivesses de te defender? Conseguirias matar alguém? Serias capaz de fazê-lo? Os rapazes respondiam sempre que sim porque estavam programados para dizer que sim a tudo. As raparigas respondiam com menos veemência, talvez porque

estatisticamente era bem mais provável que sofressem uma agressão sexual. Quando chegava a vez de ela responder — o que invariavelmente sucedia — respondia sempre em jeito de brincadeira que faria precisamente o que tinha feito no restaurante: enroscar-se e esperar pela morte.

Na cozinha da sua mãe, no entanto, não se tinha acobardado. Talvez a coisa mudasse quando quem corria perigo era um ser amado. Ou talvez fosse genético.

O suicídio era coisa de família. Passar-se-ia o mesmo com a capacidade de matar um semelhante?

O que queria mesmo saber era que cara tinha feito. Naquele instante, ao abrir ao pontapé a porta do escritório, frigideira em punho, não pensara em nada: nem uma só ideia lhe passara cabeça. Uma espécie de barulho branco saturava o seu cérebro. Entre a sua cabeça e o seu corpo havia uma completa desunião. Não tinha parado para pensar na sua própria segurança. Nem na da sua mãe. Limitara-se a agir.

Uma máquina de matar.

O *Encapuzado* tinha nome. Andy vira a sua carta de condução antes de atirar a carteira ao mar.

Samuel Godfrey Beckett, nascido a 10 de outubro de 1981, morador de Neptune Beach, na Flórida.

O facto de se chamar Samuel Beckett tinha-a desconcertado, porque graças a esse nome a existência do *Encapuzado* ganhara forma para além do escritório de Laura. Aquele indivíduo tivera uma mãe ou um pai apreciadores da poesia vanguardista irlandesa. Por algum motivo, mais do que a tatuagem de *Maria*, era isso que tornava a sua existência mais realista. Imaginava a mãe sentada no alpendre, a contemplar o amanhecer e a perguntar ao filho *Sabes porque é que te dei esse nome?*, tal como Laura lhe contava a ela a história de como o seu segundo nome tinha perdido o agá.

Afastou aquela imagem de si.

Tinha de se lembrar que Samuel Godfrey Beckett era, nas palavras da detetive Palazzolo, um *mau tipo*. Certamente aquele Samuel — ou Sam, ou Sammy — fizera muitas maldades ao longo da vida. Uma pessoa não tapava todas as luzes do seu carro por simples capricho. Essas coisas faziam-se com um propósito, com intenção criminosa e premeditação.

E, com certeza, havia alguém disposto a pagar pelos seus serviços.

Nove em ponto. Uma bibliotecária abriu a porta e, num gesto de mão,

indicou-lhe que podia entrar.

Andy devolveu-lhe o cumprimento e esperou que entrasse para tirar o *nécessaire* preto de debaixo do banco. Abriu o fecho dourado. Deu uma olhadela ao *flip phone* para se assegurar de que tinha bateria. Não havia chamadas não atendidas. Fechou o telemóvel e guardou-o no *nécessaire* juntamente com o cartão de plástico, a chave do cadeado e o grosso maço de notas de vinte dólares.

Tinha contado o dinheiro ao chegar a Atlanta. Só dispunha de 1061 dólares para ir gastando até o telefone tocar e a sua mãe lhe anunciar que podia voltar para casa.

Assustou-a a ideia de ter de definir um orçamento. Um orçamento ao estilo de Gordon, não ao estilo de Andy, que consistia em rezar para que o dinheiro surgisse do nada. Não tinha forma de ganhar mais dinheiro. Não podia arranjar um emprego sem utilizar o seu número da segurança social, e de qualquer modo não sabia quanto tempo precisaria de trabalhar. E, para além disso, não sabia que tipo de trabalho podia encontrar num lugar como Idaho.

Após passares por Carrollton, segue para noroeste... Vai para longe, para Idaho, por exemplo.

De onde demónios tirara a sua mãe aquela ideia? Andy só estivera na Geórgia, em Nova Iorque, na Flórida e nas Carolinas. Não sabia nada sobre Idaho, para além de que provavelmente havia muita neve e uma quantidade imensa de batatas.

Mil e sessenta e um dólares.

Combustível, comida, quartos de hotel.

Fechou o *nécessaire*. Saiu da carrinha e puxou a *t-shirt* para baixo, mas era tão curta que se sentia ridícula com ela. O ar salgado tinha-lhe deixado os calções tesos. Doíam-lhe tanto os pés que coxeava. Tinha na barriga da perna esquerda um corte que não se lembrava de ter feito. Precisava de um duche. Precisava de pensos rápidos, de outros sapatos, de umas calças, de *t-shirts*, de roupa interior... Aqueles mil dólares só iam durar uns dias.

Tentou fazer contas de cabeça enquanto caminhava para a biblioteca. Sabia por uma das suas ex-companheiras de apartamento que Nova Iorque e Los Angeles distavam quase cinco mil quilómetros. Idaho ficava na parte esquerda dos Estados Unidos, acima (a geografia nunca fora o seu forte). A Noroeste, disso não tinha dúvida.

Calculou que demoraria, mais ou menos, o mesmo a chegar de carro de

Geórgia a Idaho do que de Nova Iorque à Califórnia. De Belle Isle a Macon eram perto de trezentos quilómetros que tinha demorado umas duas horas e meia a percorrer, de maneira que tinha pela frente uns doze dias de condução. Onze noites em motéis miseráveis, ao qual tinha de somar três refeições por dia, combustível para chegar até lá e as provisões necessárias para o trajeto.

Abanou a cabeça. Era mesmo possível demorar doze dias a chegar a Idaho?

A matemática também não era o seu forte.

— Bom dia — disse a bibliotecária. — Há café acabado de fazer naquele canto.

— Obrigada — murmurou, e sentiu-se culpada porque afinal de contas não era moradora da terra, não tributava ali e, tecnicamente, não tinha o direito de usar todas aquelas coisas grátis.

Ainda assim, serviu-se de uma chávena de café e sentou-se em frente de um computador.

O brilho do ecrã surtiu sobre ela um curioso efeito pacificador. Tinha passado toda a noite sem o seu telemóvel e sem o seu iPad. Só se tinha apercebido do tempo que perdia a ouvir o Spotify ou a ver o Instagram e o Snapchat, a ler blogues e a tentar adivinhar que casa seria a sua se fosse para Hogwarts, quando lhe tinham faltado os meios para o fazer.

Fixou o olhar no monitor. Deu um gole no café. Pensou em escrever um *e-mail* ao seu pai. Ou em ligar-lhe. Ou em mandar-lhe uma carta.

Se contactares com ele, eles vão saber. O telefone dele vai estar sob escuta e vão-te encontrar.

Pousou a chávena sobre a mesa. Escreveu no navegador *Get-Em-Go Carrollton GA* e clicou no mapa.

Esteve quase a desatar a rir à gargalhada.

As arrecadações ficavam atrás da biblioteca, a pouco mais de cem metros. Sabia-o porque entre ambos os edifícios só se interpunha o campo de futebol da escola. Poderia ter ido a pé. Consultou o horário de abertura no *site*. O cartaz da parte de cima informava de que podia aceder às arrecadações a qualquer hora do dia ou da noite, mas que o escritório só abria das dez da manhã às seis da tarde.

Olhou para o relógio. Dispunha de cinquenta minutos.

Abriu o MapQuest e procurou as indicações para chegar de carro da Geórgia a Idaho. Três mil e setecentos quilómetros. Trinta horas de trajeto,

não doze dias. Por isso, tinha chumbado a álgebra. Deu ordem para IMPRIMIR antes de o seu cérebro a advertir para não o fazer. Carregou em CANCELAR. A biblioteca cobrava dez centavos por página, mas o problema não era o dinheiro. Teria de se aproximar do balcão e pedir as folhas impressas, e a bibliotecária ia ver que se dirigia a Idaho.

O que significava que se outra pessoa — um sujeito como o *Encapuzado*, por exemplo, com placas magnéticas nas luzes de trás e cartão no tabliê do carro — perguntasse à bibliotecária para onde se dirigia, a bibliotecária sabê-lo-ia.

O telefone dele vai estar sob escuta e vão-te encontrar. Telefonemas, e-mails, tudo.

Ouviu em silêncio a advertência da sua mãe. Evidentemente, Laura referia-se às pessoas que tinham contratado Samuel Godfrey Beckett, mais conhecido por *Encapuzado*. Mas *eles* tinham-no contratado exatamente para quê? Beckett dissera à sua mãe que não a ia matar. Pelo menos, para já. Tinha dito que lhe ia pregar um susto de morte asfixiando-a com o saco de plástico. Os conhecimentos sobre tortura que Andy tinha procediam na sua maioria do Netflix: quem não é um torturador sádico ao estilo de *Saw*, é um torturador do tipo *Jack Reacher*, ou seja, procura informação.

Mas que informação podia ter uma terapeuta da fala divorciada de cinquenta e cinco anos para que valesse a pena pagar a um assassino para a torturar?

E, sobretudo, em que período da sua vida Laura tinha adquirido essa informação tão cobiçada?

Tudo o que a detetive Palazzolo tinha dito a respeito do passado da sua mãe — que tinha nascido em Rhode Island, que tinha estudado na Universidade da Geórgia e que, posteriormente, tinha comprado a casa de Belle Isle — coincidia com o que ela já sabia. Não havia nada de inexplicável no passado de Laura. Nunca viajara para o estrangeiro. E também nunca ia de férias, porque afinal de contas já vivia na praia.

Por conseguinte, o que é que Laura sabia para estarem dispostos a torturá-la para descobrir?

E o que era assim tão importante para a sua mãe estar disposta a aguentar a tortura, em vez de o revelar?

Suspirou suavemente. Podia passar o resto da vida às voltas com aquela situação sem chegar a conclusão nenhuma.

Encontrou lápis e folhas em branco junto do computador. Pegou em várias folhas e começou a copiar as indicações para chegar a Idaho: 75S a 84E, depois 80E, NE2E, 1-29-S, I70E...

Olhou para a confusão de números e letras. Teria de comprar outro mapa. Pararia para descansar no limite entre Geórgia e Alabama. Primeiro, iria à arrecadação, trocaria a carrinha pelo carro que, segundo Laura lhe tinha dito, estava lá dentro, e dirigir-se-ia para noroeste.

Voltou a suspirar.

Estava a dar muitas coisas por garantidas, ao confiar em excesso na palavra da sua mãe. Claro que, se tivesse seguido o seu próprio instinto, agora estaria na morgue a chorar sobre o ombro de Gordon enquanto o seu pai tratava dos preparativos para o funeral de Laura Oliver.

Voltou a pousar os dedos no teclado. Olhou para trás. As bibliotecárias tinham desaparecido. Decerto teriam ido arrumar livros devolvidos ou treinar como mandar calar as pessoas.

Carregou em PREFERÊNCIAS, para configurar o Google. Pôs-se a navegar de forma anónima para ocultar o seu histórico. Provavelmente, deveria tê-lo feito desde o princípio. Ou quiçá estivesse a exagerar. Ou talvez devesse deixar de se fustigar por se comportar como uma paranoica e aceitar que tinha excelentes motivos para estar assim.

A primeira página que abriu foi a da *Belle Isle Review*.

A capa era dedicada a Laura Oliver, terapeuta da fala e máquina de matar local. Não a chamavam *máquina de matar* expressamente, mas citavam Alice Blaedel no primeiro parágrafo, o que ia dar ao mesmo.

Olhou para o artigo. Não mencionava nenhum homem vestido com uma camisola com capuz que tivesse sido encontrado morto com indícios de ter sido atingido na cabeça com uma frigideira. Nem sequer referia o roubo da carrinha preta. Passou aos restantes artigos e leu-os por alto.

Nada.

Recostou-se na cadeira, perplexa.

Por trás dela, a porta abriu-se. Um idoso entrou arrastando os pés e foi direito à cafeteira ao mesmo tempo que lançava um discurso retórico político.

Andy ignorava a quem se dirigia, mas fez ouvidos moucos e abriu a página da CNN. O caso sobre a *Máquina de Matar* encabeçava a capa. Gordon tinha razão em muitas coisas, mas Andy sabia que não acharia graça ter acertado quanto ao cariz que tomariam as notícias sobre o caso. O patetismo da vida

de Jonah Lee Helsinger aparecia recalcado no segundo parágrafo:

Há seis meses, o pai de Helsinger, xerife, veterano de guerra e herói local, morreu tragicamente num confronto com um delinquente armado. Os investigadores acham que foi mais ou menos nessa época que Helsinger começou a ter intenções homicidas.

Deu uma vista de olhos à Foxnews.com, ao *Savannah Reporter* e ao *The Atlanta Journal-Constitution*.

Todas as informações se centravam em Laura Oliver e no que tinha feito no Rise-n-Dine. Não mencionava Samuel Godfrey Beckett, nem nenhum desconhecido vestido com uma camisola com capuz que tivesse sido assassinado.

Laura tinha conseguido ocultar o corpo? Parecia impossível. Calculou que a sua mãe se podia ter negado a abrir a porta, mas a mensagem de texto que tinha mandado ao 911 do telemóvel da sua mãe constituía provavelmente motivo suficiente para que a polícia irrompesse pela casa. E, mesmo que Laura tivesse conseguido livrar-se da polícia de Belle Isle, o ocupante daquele *Suburban* preto não teria aceitado um não como resposta.

Bateu com o dedo sobre o rato enquanto tentava pôr as suas ideias em ordem.

Alguém com muitos contactos estava a manter a história em sigilo.

Mas *quem* eram essas pessoas?

As mesmas que tinham enviado o *Encapuzado*? As mesmas que Laura temia que seguissem a sua filha?

Sentiu que o seu coração dava um salto violento. Metade do corpo policial de Belle Isle fora ao *bungalow* de Laura. Decididamente Palazzolo, e porventura até a Agência de Investigação da Geórgia. O que significava que *essas pessoas* exerciam algum tipo de influência sobre o governador, quem sabe se até sobre as autoridades federais.

Olhou para trás.

O idoso estava debruçado no balcão, a tentar iniciar uma discussão política com a bibliotecária.

Olhou de novo para as horas no monitor, viu como os segundos se convertiam em minutos.

O número da arrecadação é o da data dos teus anos. Vinte do um.

Pousou a chávena de café sobre a mesa. Digitou 20 de janeiro de 1987.

20 de janeiro de 1987, terça-feira. Os nascidos nesse dia são do signo de Capricórnio. Ronald Reagan era presidente dos Estados Unidos. Na rádio ouvia-se «Walk Like an Egyptian», de The Bangles. O filme Estado Crítico, protagonizado por Richard Pryor, era o número um nas bilheteiras dos cinemas. O romance Tempestade Vermelha, de Tom Clancy, estava no número um da lista de best-sellers do New York Times.

Contou nove meses para trás e escreveu na pesquisa *notícias abril 1986*. Em vez de um eixo cronológico com os acontecimentos mais destacados desse mês, encontrou um panorama geral do ano.

Os EUA bombardeiam a Líbia. Escândalo Irão-Contras. Desastre nuclear de Chernobil. Perestroika. Cometa Halley. Explosão do Challenger. Assassinato do primeiro-ministro sueco. Assassinato no G-FAB de Oslo. Sequestro do voo 73 da Pan-Am. Explosão de um avião da TWA quando sobrevoava a Grécia. Embargos comerciais. Tiroteio mortal em Miami entre agentes do FBI e ladrões de banco. Começa o espetáculo de Oprah Winfrey. 38 401 casos de sida no mundo.

Olhou fixamente para aquelas linhas, das quais só algumas palavras lhe eram familiares. Podia passar o dia inteiro a seguir o rasto dos acontecimentos, mas para dizer a verdade não sabia de que andava à procura, de maneira que era impossível que o encontrasse.

Paula Koontz.

Aquele nome estava há várias horas na sua cabeça. Nunca ouvira a sua mãe mencionar a tal Paula. E, que ela soubesse, todas as suas amigas viviam em Belle Isle. Laura nunca falava com outras amigas ao telefone. Nem sequer tinha Facebook porque, segundo dizia, não tinha ninguém em Rhode Island com quem quisesse manter o contacto.

Podia falar com a Paula Koontz. Ouvi dizer que está em Seattle.

Em Austin. Mas boa tentativa.

A sua mãe tentara enganar o *Encapuzado*. Ou se calhar estava a pô-lo à prova. Mas com que fim?

Procurou Paula Koontz Austin Texas.

Não encontrou nenhuma informação sobre ela em Austin, mas parecia que Paula Koontz era um nome bastante comum no nordeste, pelo menos no setor imobiliário.

— Koontz — sussurrou, mas o apelido não lhe soou bem. Tinha pensado em Dean Koontz ao ouvir o *Encapuzado* pronunciá-lo alongando a última sílaba: *koontza*.

Experimentou procurar *koontze*, *koontzee*, *khoontzah*...

Será que quis dizer *koontah*?, perguntou-lhe o Google.

Carregou nas várias sugestões de pesquisa. Nada, mas o Google deu-lhe *khoontey* como alternativa. Continuou a clicar nas alternativas sugeridas. Depois de várias tentativas infrutíferas, chegou a um diretório da Universidade do Texas em Austin.

Paula Kunde dava aulas de *Introdução à poesia feminina e ao pensamento feminista irlandês* às segundas, quartas e sextas-feiras. Era a coordenadora do Departamento de Estudos sobre as Mulheres. O seu livro *A Nossa Senhora e a Madonna: «Like a Virgin» de Jesus Cristo a Ronald Reagan* estava disponível em edição de bolso na IndieBound.

Ampliou a fotografia, tirada de perfil, num ângulo pouco favorecedor. Era, para além disso, a preto e branco. Era impossível calcular que idade tinha Paula porque, evidentemente, tinha-se exposto muito ao sol. Tinha a cara maltratada e seca. Era, no mínimo, da idade de Laura, mas não se parecia com as amigas da sua mãe, que nunca saíam de casa sem a sua roupa da *Eileen Fisher* e o seu protetor solar.

Paula Kunde era basicamente uma *hippie* cansada. Tinha o cabelo entre o louro e o cinzento, com uma madeixa escura na franja que parecia pintada. A sua camisa, ou vestido, ou o que quer que envergasse, tinha um estampado tipicamente índio americano.

A sua cara encovada recordava-lhe a sua mãe durante a quimioterapia.

Deu uma vista de olhos ao seu currículo. Publicações na *Feminist Theory and Exposition* e várias conferências destacadas em simpósios feministas. Estudara na Universidade de Berkeley e tirara um mestrado em Stanford; daí o seu aspeto *hippie*. Posteriormente, tinha-se doutorado numa universidade pública do oeste do Connecticut, o que era chocante tendo em conta que Bryn Mawr ou Vassar se adaptavam melhor à sua área de estudo, sobretudo depois de ter passado por Stanford, cujos cursos de pós-graduação eram para os estudos inacabados de Andy o que os diamantes eram para o cocó de cão.

Mas, sobretudo, não havia nada no currículo de Paula Kunde que indicasse que, nalgum momento, o seu percurso se pudesse ter cruzado com o de Laura. Não havia, no seu entender, nenhum ponto de coincidência entre a teoria feminista e a terapia da fala. E a sua mãe tinha mais tendência para gozar com uma velha *hippie* do que para se tornar sua amiga. Logo, porque tinha reconhecido de imediato o nome daquela mulher quando estava a ser torturada?

— Olá, querida. — A bibliotecária sorriu-lhe. — Desculpe, mas tenho de lhe pedir que não tome café quando usa o computador. — Indicou com a cabeça o idoso, que olhava para ela com fúria por cima de um copo de café fumegante. — As normas têm de ser aplicadas a todos.

— Desculpe — afirmou Andy, que tinha tendência para pedir desculpa por tudo. — De qualquer modo já estava de saída.

— Não precisa de... — respondeu a bibliotecária, mas Andy já se tinha levantado.

— Desculpe — repetiu.

Guardou no bolso as indicações que tinha tirado sobre como chegar a Idaho e esboçou um sorriso ao idoso ao sair, mas ele não correspondeu ao seu gesto.

Lá fora, a intensa luz do sol fez os seus olhos lacrimejarem. Tinha de arranjar uns óculos de sol ou ficaria cega. O melhor seria ir ao Walmart. Para além disso, também tinha de comprar algumas coisas básicas como roupa interior, umas calças e outra *t-shirt*, e talvez um casaco para o caso de estar frio em Idaho naquela época do ano.

De repente, parou. Tremeram-lhe as pernas.

Havia alguém a olhar para o interior da carrinha. Não a deitar uma vista de olhos ao passar, mas sim com as mãos apoiadas no vidro como tinha feito o *Encapuzado* ao olhar pela porta da garagem umas horas antes. Era um homem com um boné azul, umas calças de ganga e uma *t-shirt* branca. A pala do boné deixava a sua cara nas sombras.

Sentiu que um grito ficava preso na sua garganta. O coração martelava-lhe nas costas quando começou a recuar, o que era uma estupidez porque aquele tipo podia virar-se a qualquer momento e vê-la. Mas não o fez: não se virou nem a seguiu quando Andy dobrou rapidamente o canto do edifício com a garganta oprimida por um grito que não podia proferir.

Fugiu às cegas, tentando freneticamente lembrar-se da imagem do Google

Earth: a escola atrás da biblioteca e o edifício arredondado das arrecadações com as suas filas de cubículos de metal. O alívio que sentiu ao ver a rua que circundava o campo de futebol só se viu mitigado pelo temor de que a estivessem a seguir. A cada passo que dava tentava não sucumbir à paranoia. O tipo do boné não a tinha visto. Se calhar não importava que a tivesse visto. A carrinha preta era muito bonita, talvez só estivesse a dar uma vista de olhos porque queria comprar uma. Ou roubá-la, quem sabe. Ou então talvez andasse à procura dela, de Andy.

Achas que me consegues assustar?

Isso depende de quanto gostares da tua filha.

O escritório do Get-Em-Go estava às escuras. O letreiro da porta dizia FECHADO. Uma cerca de arame ainda mais alta do que a da escola rodeava os armazéns. Eram estruturas baixas, térreas, com portas metálicas tipo persiana, saídas do filme *Mad Max*. Uma grade atravessava o acesso para veículos. À altura da janela de um carro havia uma espécie de painel sem números, só um quadrado de plástico preto e uma luz vermelha.

Abriu o fecho do *nécessaire*. Encontrou o cartão branco sem qualquer inscrição. Aproximou-o do quadrado preto. A luz vermelha ficou verde. A grade rangeu ao deslocar-se sobre as suas calhas de borracha.

Andy fechou os olhos. Tentou acalmar-se. Tinha o direito de estar ali. Tinha um cartão. Um número de arrecadação. Uma chave.

Contudo, tremiam-lhe as pernas quando entrou no recinto. Dentro da arrecadação encontraria respostas. Descobriria algo a respeito da sua mãe. Algo que talvez não quisesse saber. E que Laura também não quisera que soubesse até agora, até ao instante em que *eles* tinham ido atrás dela.

Limpou o suor da nuca. Olhou para trás para ter a certeza de que não estava a ser seguida. Não tinha forma de saber se estava ou não a salvo. O recinto era enorme. Contou pelo menos dez edifícios, todos eles de cerca de quinze metros de comprimento, com os cadeados como dentes sujos. Foi lendo as indicações até encontrar a nave certa. Percorreu o corredor e parou diante da arrecadação número vinte e um .

A sua data de aniversário.

Não a que tinha conhecido sempre, mas a que segundo Laura era a autêntica.

— Meu Deus — sussurrou.

Já não sabia o que era real e o que não.

O cadeado parecia novo, ou pelo menos não estava enferrujado, como os outros. Pegou no *nécessaire* e tirou a chave minúscula. Não conseguiu controlar o tremor das suas mãos quando abriu o cadeado.

A primeira coisa que a chamou atenção foi o cheiro: limpo, quase asséptico. Dava a impressão de que o betão do chão tinha sido colocado na semana anterior. Não havia teias de aranha nos cantos. Nem arranhões, nem impressões de mãos nas paredes. O fundo da arrecadação estava repleto de estantes de contraplacado vazias. Uma pequena secretária metálica com um candeeiro estava enfiada num recanto. E, estacionada no meio da arrecadação, uma carrinha azul-escura.

Procurou o interruptor da luz. Desceu o portão metálico nas suas costas. O calor começou a tornar-se sufocante de imediato, mas pensou no homem que estava na carrinha — não na sua carrinha, mas na do morto — e disse a si própria que não tinha alternativa.

A primeira coisa que inspecionou foi o carro. Era tão quadrado que mais parecia o veículo de Fred Flintstone. A pintura estava impecável. Os pneus pareciam novinhos em folha. No para-brisas, um autocolante informava de que o óleo tinha sido mudado há quatro meses. Tal como no resto da arrecadação, não havia pó, nem sujidade. O carro poderia ter estado exposto num concessionário.

Olhou pela janela do condutor, que estava aberta. Tinha coisas giratórias, manivelas que tinha de acionar para subir e descer as janelas. Os assentos eram de vinil azul-escuro, corridos, sem consola central. O rádio tinha botões brancos e grossos. Tinha grandes rodas prateadas e comandos deslizantes. A alavanca das mudanças era no volante. O tabliê tinha autocolantes nas partes planas que imitavam madeira. O conta-quilómetros marcava 35 701 quilómetros.

Andy não reconheceu o logótipo do volante, um pentágono com uma estrela lá dentro, mas na parte de fora do carro havia umas letras metálicas em relevo que diziam *Reliant K Front Wheel Drive*.

Contornou o carro e enfiou o braço pela janela para abrir o porta-luvas. Recuou, espantada. Do porta-luvas caiu uma pistola, um revólver muito parecido com o que Jonah Helsinger tinha usado para apontar ao peito de Laura. Tinha de um dos lados marcas de arranhões: o número de série fora raspado. Andy olhou com receio para a arma com um aspeto ameaçador que descansava no chão do carro, aguardando, como se de repente se pudesse

mexer.

Mas não se mexeu.

Andy encontrou o manual do condutor.

Um *Plymouth Reliant SE Wagon* de 1989.

Foi virando as páginas. O desenho gráfico era antigo. Era evidente que as ilustrações tinham sido colocadas à mão. Um carro de vinte e nove anos de antiguidade quase sem quilometragem. Dois anos mais novo do que ela. Guardado num lugar do qual não sabia nada, numa povoação da qual nunca tinha ouvido falar até a sua mãe lhe ter ordenado que se dirigisse para lá.

Tinha tantas perguntas...

Fez tenção de se aproximar da parte de trás do carro mas parou. Deu meia-volta e situou-se junto ao portão da arrecadação. Aguçou o ouvido para verificar que não havia nenhum carro por perto, nem nenhum homem do lado de lá do portão. Cedendo à sua paranoia, agachou-se e espreitou pela fenda do portão.

Nada.

Levantou-se e limpou as mãos aos calções. Continuou a contornar a carrinha e deu uma vista de olhos à matrícula.

Canadá. O desenho da placa era tão quadrado como o do próprio carro. Azul sobre branco, com uma coroa entre as letras e os algarismos e a legenda *Aberto a Todos* na parte de baixo. O autocolante de emissões indicava *18 DEIC*, o que significava que a matrícula estava em vigor.

Devido ao seu trabalho, Andy sabia que o NCIC, o Centro Nacional de Informação contra o Crime, cooperava ativamente com as autoridades canadianas. Mas o importante era que o sistema só servia para detetar veículos roubados. Se a polícia mandasse parar aquele carro, só poderia comprovar que o nome do proprietário que figurava no registo coincidia com a identidade do condutor.

Ou seja, que a sua mãe tinha mantido um carro em segredo, escondido aos olhos do mundo e indetetável, durante vinte e nove anos.

E que o escondera também dela.

Abriu o porta-bagagem. As molas não fizeram barulho nenhum. Retirou a chapa de vinil desdobrável que tapava a mala. Um saco-cama azul-escuro, uma almofada, uma geleira portátil vazia, uma lata de salsichas, uma embalagem de garrafas de água mineral, um saco de praia branco cheio de livros de bolso, pilhas, uma lanterna e um estojo de primeiros socorros.

Em baixo havia uma mala azul *Samsonite*, cara. De pele sintética, com fechos dourados. Do tamanho de bagagem de mão. Não das de rodas, mas de alça. Tinha dois compartimentos, um superior e outro inferior. Abriu primeiro o de cima. Encontrou de tudo: calças, cuecas de seda brancas, sutiãs a condizer, meias, camisas brancas com cavaleiros de corrida bordados no peito, tudo aquilo em dose tripla, para além de um casaco castanho da *Members Only*.

Nenhuma daquelas peças lhe pareceu própria da sua mãe. Mas talvez fosse esse o seu propósito. Tirou os calções e vestiu umas cuecas. Preferia algodão, mas qualquer coisa era preferível àqueles calções. As calças ficavam-lhe largas na cintura, mas teria de se conformar. Tirou as notas do *nécessaire* e guardou-as no bolso de trás. Tirou a *t-shirt* mas não o sutiã, porque Laura usava dois tamanhos acima. Pelo menos, antes.

Daí que deduzisse que a mãe tinha feito aquela mala antes de lhe diagnosticarem o cancro há três anos.

Deu a volta à mala. Abriu o fecho do outro lado.

Ora bolas!

Maços de notas. De notas de vinte dólares, cada maço rodeado por uma tira de papel lilás onde se lia 2000\$. O desenho das notas parecia antigo, antes de se acrescentarem os elementos de segurança novos. Contou os maços. Dez em comprimento, três em largura, quatro em profundidade.

Duzentos e quarenta mil dólares.

Correu o fecho, colocou de novo a chapa de vinil que tapava o porta-bagagem e fechou-o.

Apoiou-se no carro um momento, aturdida. Valia a pena perguntar-se de onde é que a sua mãe tinha tirado tanto dinheiro? Era mais proveitoso perguntar-se quantos unicórnios restavam na floresta.

As estantes atrás do carro estavam vazias, a não ser por duas garrafas de lixívia, um escovilhão e um monte de panos brancos bem dobrados. No canto havia uma vassoura e uma esfregona viradas ao contrário. Passou a mão pelas estantes de contraplacado. Não havia pó. A sua mãe, que não era uma maníaca da limpeza, limpara aquele lugar de cima a baixo.

Porquê?

Sentou-se à secretária. Ligou o candeeiro. Inspeccionou as gavetas. Uma caixa de canetas. Dois lápis. Um bloco de papel pautado. Um portfólio de pele. As chaves do *Plymouth*. A gaveta do arquivo estava cheia de pastas

penduradas vazias. Afastou-as, remexeu no fundo e encontrou uma pequena caixa de sapatos com a tampa colada com fita adesiva.

Pô-la sobre a secretária.

Abriu os portfólios. Havia dois separadores. Um continha o registo automóvel de um *Plymouth Reliant* azul de 1989 inscrito na província canadiana de Ontário, em nome de Daniela Barbara Cooper. A data de registo coincidia com o seu aniversário, ou pelo menos com o que ela acreditara ser o seu aniversário até há muito pouco tempo: 20 de agosto, só que de 1989, dois anos depois do seu nascimento. Os recibos de renovação anual da matrícula estavam presos com um clipe ao canto. A data que constava do último era de 12 de maio de 2017.

No ano anterior.

Não tinha um calendário à mão para confirmar, mas aquela data devia coincidir aproximadamente com o Dia da Mãe. Tentou lembrar-se. Fora buscar a sua mãe ao aeroporto antes de levá-la a almoçar? Ou isso fora no ano anterior? Laura não costumava sair de Belle Isle, mas pelo menos uma vez por ano assistia a algum congresso sobre terapia da fala. Era assim desde que ela era criança e nunca se informara sobre aqueles congressos, porque é que haveria de o fazer?

Não obstante, sabia que aquela peregrinação anual era importantíssima para a sua mãe. Inclusive quando estava mal por causa das sequelas da quimioterapia tinha pedido a Andy que a levasse ao Aeroporto de Savannah para poder assistir a um simpósio em Houston.

Fora mesmo a Houston? Ou escapara até Austin para fazer uma visita à sua velha amiga a professora Paula Kunde?

Andy ignorava onde a sua mãe fora depois de a deixar no aeroporto.

Revistou o outro separador dos portfólios. Dois cartões plastificados. O primeiro, azul-claro, era a renovação de uma carta de condução alargada de Ontário, Canadá.

Alargada queria dizer que podia ser utilizada para atravessar a fronteira americana por terra e por mar. Ou seja, que o seu titular não podia apanhar sem mais nem menos um avião para voar para o Canadá, mas pelo contrário poderia atravessar a fronteira de carro.

A fotografia mostrava Laura antes de o cancro fazer desaparecer a sua cara redonda. A carta expirava em 2024. A sua mãe aparecia com o mesmo nome que na documentação do *Reliant*: Daniela Barbara Cooper, nascida a 15 de

dezembro de 1964, o que era inexato, porque Laura nascera a 9 de abril de 1963. Mas o que é que isso importava? Afinal de contas, também não residia no apartamento 20 do número 2 de Adelaide Street West, em Toronto, Ontário.

D. B. Cooper.

Andy perguntou-se se aquele nome seria uma brincadeira, mas, tendo em conta onde se encontrava, talvez não assim fosse tão disparatado questionar se Laura seria o famoso sequestrador que saltou de um avião carregado com centenas de milhares de dólares e do qual nunca mais se soube.

Mas não: Cooper era um homem e, nos anos setenta, Laura era ainda uma adolescente.

Foi em setenta e sete, de modo que eu devia ter uns catorze anos, era mais fã do Rod Stewart do que do Elvis.

Pegou no outro cartão. Também fora expedido em Ontário, em nome de Daniela Cooper e com a mesma data de nascimento, mas neste dizia HEALTH - SANTÉ. Na escola estudara espanhol, de modo que não fazia ideia do que significava *santé*, mas perguntou-se por que demónios a sua mãe não recorrera ao serviço de saúde público canadiano em vez de gastar a maior parte das suas poupanças a pagar o seu tratamento contra o cancro nos Estados Unidos.

O que a fez pensar na caixa de sapatos. Selada com fita adesiva e escondida na gaveta de uma secretária, dentro de um armazém secreto fechado hermeticamente. O logótipo de fora era o de *Thom McAn*. Era demasiado pequena para conter sapatos de adulto. Quando ela era pequena, a sua mãe levava-a sempre ao centro comercial de Charleston para comprar sapatos antes de as aulas começarem.

O que quer que fosse que contivesse pesava pouco, mas Andy tinha a sensação de que se tratava de uma bomba. Ou talvez fosse uma caixa de Pandora que guardava dentro de si todos os males do mundo de Laura. Conhecia o resto do mito: sabia que, uma vez destapado o mal, a única coisa que restava era a esperança, mas duvidava muito seriamente de que o conteúdo daquela caixa pudesse brindar-lhe alguma esperança.

Tirou a fita adesiva. A cola tinha-se pulverizado quase por completo. Não lhe custou levantar a tampa.

Fotografias. Não muitas, algumas a preto e branco, outras a cores.

Umas quantas *Polaroids* presas com um elástico velho. Escolheu essas,

primeiro, porque nunca vira a sua mãe tão jovem.

O elástico desfez-se nas suas mãos.

Laura devia ter pouco mais de vinte anos quando aquelas fotografias foram tiradas. Nos anos oitenta, estava no seu apogeu, a julgar pela sombra de olhos azul, o batom cor-de-rosa e o *blush* que se estendia pela sua cara como duas asas de pássaro. O seu cabelo, castanho-escuro natural, era de um louro chamativo, e ostentava uma intensa permanente. Uns chumaços gigantescos sobressaíam da sua camisola branca de manga curta. Parecia prestes a proclamar aos quatro ventos quem disparou a JR Ewing.

Se Andy não chegou a sorrir foi porque a fotografia deixava claro que alguém tinha esmurrado repetidamente a cara da sua mãe.

Laura tinha o nariz torto e o olho esquerdo tão inchado que mal o conseguia abrir. Viam-se hematomas profundos à volta do seu pescoço. Olhava para a câmara com firmeza, inexpressivamente. Parecia estar noutro lado, bem longe dali, enquanto registavam as suas feridas.

Andy conhecia aquele olhar.

Passou à *Polaroid* seguinte. A camisola branca, levantada, deixava ver os hematomas do abdómen de Laura. A imagem seguinte mostrava uma facada na parte interna da coxa.

Vira aquela cicatriz horrível uma vez, quando a sua mãe estava no hospital. Media uns oito centímetros de comprimento e era cor-de-rosa e enrugada, apesar do tempo decorrido. Andy tinha abafado um gemido de surpresa ao vê-la.

Patinagem no gelo, disse-lhe a sua mãe revirando os olhos como se aquelas três palavras explicassem tudo.

Andy apanhou o molho de fotografias seguinte, chocantes também, mas por serem tão diferentes das anteriores. Não se tratava de *Polaroids*, mas de fotografias normais onde se via uma menina de pouca idade vestida com roupa de inverno cor-de-rosa. A data estampada nas costas rezava *4 de janeiro de 1989*. As instantâneas mostravam a menina a brincar na neve, a lançar bolas, a fazer anjos e um boneco que depois destruía noutra fotografia. Às vezes, via-se um adulto na foto: uma mão que espreitava, ou uma perna que sobressaía debaixo de um casaco grosso de lã.

Andy reconheceu a menina: era ela. Os seus olhos sempre foram amendoados, um traço que tinha herdado da sua mãe.

Segundo a data nas costas, tinha quase dois anos quando tiraram aquelas

fotografias. Mais ou menos na mesma época em que a sua mãe e ela viviam no *campus* da Universidade da Geórgia, enquanto Laura acabava o doutoramento.

Mas em Athens não nevava daquela forma, e em Belle Isle muito menos. Não se lembrava de ter feito uma viagem ao Norte em criança, e a sua mãe não lhe falara de nenhuma. De facto, quando contou a Laura que queria ir viver para Nova Iorque, a primeira coisa que a sua mãe lhe disse foi *Ai, querida, nunca estiveste tão longe de casa.*

As últimas duas fotografias que havia na caixa estavam unidas por um clipe.

Phil e Laverne Randall, os seus avós biológicos por parte de pai, apareciam sentados num sofá. Por trás deles, na parede forrada de madeira, estava pendurado um quadro de uma praia. Havia algo na expressão das suas caras, na sua postura, inclusive no candeeiro de pé que assomava por trás do sofá, que lhe era muito familiar.

Tirou o clipe para ver a fotografia seguinte.

As mesmas pessoas, as mesmas caras, as mesmas poses, as mesmas sombras, só que desta vez ela aparecia sentada sobre o regaço dos Randall, apoiada em equilíbrio entre os joelhos de ambos. Tinha cerca de seis meses de idade.

Traçou com o dedo a sua silhueta rechonchuda de bebé.

No colégio tinha aprendido a usar o Photoshop, entre outras coisas para sobrepor imagens. Tinha-se esquecido de que, antes de existirem os computadores, as pessoas tinham de alterar as fotografias à mão. Pegava-se numa navalha com precisão, recortava-se cuidadosamente uma figura fotografada, aplicava-se cola no verso e colava-se o recorte em cima de outra imagem.

Depois, conforme com o resultado, fotografavam-se as imagens sobrepostas. Mas o resultado nem sempre era bom. As sombras não coincidiam. As posturas eram pouco naturais. E o procedimento requeria um cuidado extremo.

Daí que a destreza da sua mãe fosse ainda mais impressionante.

Durante os seus anos de adolescência, tinha olhado com frequência com saudade para aquela foto dos seus avós paternos. Normalmente quando estava aborrecida com Laura ou, pior ainda, com Gordon. Às vezes, observava o semblante dos Randall tentando descobrir por que motivo os seus

preconceitos e a sua intolerância importavam mais do que manter o contacto com a única filha do seu filho falecido.

Nunca reparara atentamente na parte da foto onde ela aparecia. E era uma pena porque, se o tivesse feito, teria percebido que na realidade não estava sentada sobre os joelhos dos Randall.

Estava mais a levitar.

Nunca falava dos Randall — aqueles racistas — com a sua mãe porque era um tema difícil, como também não falava com ela dos seus avós maternos, Anne e Bob Mitchell, falecidos antes de ela nascer. Também nunca lhe perguntava por Jerry Randall, o seu pai, que morrera num acidente de carro muito antes de ela conseguir ter alguma lembrança sua. Nunca visitara o seu túmulo em Chicago. Nem o dele, nem o de ninguém.

Podíamos combinar encontrar-nos em Providence, disse a Laura no primeiro ano que passou em Nova Iorque. *Assim podes mostrar-me onde cresceste.*

Ufa, querida, suspirou ela. *Ninguém quer ir a Rhode Island. Para além disso, já passou tanto tempo que não sei se me lembraria.*

Em casa, tinham todo o tipo de fotografias. Fotografias em abundância. Excursões ao campo, férias na Disney World, piqueniques na praia, os primeiros dias do colégio... A sua mãe aparecia sozinha em muito poucas delas, porque detestava que a fotografassem. De facto, não tinha nenhuma anterior ao nascimento de Andy. E de Jerry Randall só conservava uma fotografia, a mesma que Andy tinha encontrado no arquivo do obituário do *Chicago Sun Times*, procurando na Internet.

Jerome Phillip Randall, 28 anos. Optometrista e apaixonado seguidor dos Bears. Deixou uma filha, Andrea, e os seus pais, Phillip e Laverne.

Tinha visto, para além disso, outros documentos: a certidão de nascimento do seu pai e a sua certidão de óbito, ambas expedidas no condado de Cook, Illinois. Os diversos diplomas de Laura, a sua certidão de nascimento de Rhode Island, o seu cartão da segurança social, a sua carta de condução. A anotação do nascimento de Andrea Eloise Mitchell no registo civil com data de 20 de agosto de 1987. As escrituras da casa de Belle Isle. Boletins de vacinas. Certidão de casamento. Sentença de divórcio. Papéis do carro. Apólices de seguros. Extratos bancários. Recibos de cartões de crédito.

A carta de condução de Daniela Barbara Cooper. Os documentos do carro registado em Ontário. O cartão de saúde. O *Plymouth* com uma pistola no porta-luvas e provisões em dinheiro na mala, guardada num armazém numa localidade anónima.

O *nécessaire* escondido dentro do sofá do escritório de Laura. A chave do cadeado colada por trás da sua fotografia emoldurada.

Tudo o que fiz foi por ti, minha Andrea Heloise. Tudo.

Colocou as *Polaroids* da sua mãe em cima da secretária. A facada na perna. O olho pisado. O pescoço roxo. As contusões no abdómen. O nariz partido.

Fragmentos de uma mulher que nunca conhecera.

26 DE JULHO DE 1986

*Tentaram enterrar-nos.
Mal sabiam que éramos sementes.*

Provérbio mexicano

Os filhos de Martin Queller eram os típicos meninos mimados norte-americanos. Demasiado dinheiro. Demasiada formação. Demasiadas viagens. Demasiado tudo, até ao ponto de a abundância os ter deixado vazios.

Para Laura Juneau era-lhe especialmente penoso observar a rapariga. O olhar furtivo com que percorria a sala. O seu olhar nervoso ao mexer os dedos, como se flutuassem sobre teclas invisíveis. As suas ânsias de contacto que faziam lembrar um polvo a estender às cegas os seus tentáculos à procura de alimento.

Quanto ao rapaz... Enfim, tinha encanto, e a um homem encantador perdoavam-se-lhe muitas coisas.

— Desculpe, minha senhora. — O *politi* era alto e magro. A espingarda que trazia pendurada ao pescoço lembrou-lhe o brinquedo preferido do seu filho mais novo. — Extraviou o seu crachá da conferência?

Laura dedicou-lhe um olhar compungido ao apoiar-se na sua bengala.

— Pensei passar pela mesa de registo antes da hora da minha mesa-redonda.

— Quer que a acompanhe?

Não teve outro remédio a não ser segui-lo. As medidas de segurança extraordinárias não eram inesperadas, nem gratuitas. Havia piquetes de manifestantes à frente do palácio de congressos de Oslo: a mistura habitual de anarquistas, antifascistas, cabeças rapadas e desordeiros, para além de alguns imigrantes paquistaneses enfurecidos com a política de imigração adotada recentemente pelo governo norueguês. A agitação abria caminho no seio do país, onde o julgamento efetuado no ano anterior contra Arne Treholt continuava a levantar questões. O ex-político do Partido Trabalhista fora condenado a vinte e um anos de prisão por alta traição. Havia quem julgasse

que os russos tinham outros espiões instalados dentro do governo norueguês, mas eram ainda mais numerosos aqueles que temiam que o KGB se estivesse a estender como uma Hidra pelo resto de Escandinávia.

O *politi* olhou para trás para se assegurar de que Laura o seguia. A bengala era um estorvo, mas Laura tinha quarenta e três anos, não noventa e três. Ainda assim, o polícia abriu um caminho para a deixar passar entre a multidão de homens maduros e aborrecidos, vestidos com fatos de corte quadrado. Todos eles munidos de crachás que os identificavam pelo nome, nacionalidade e área de trabalho. Estavam presentes, por um lado, os cérebros das grandes universidades — MIT, Harvard, Princeton, Cal Tech, Stanford —, para além dos suspeitos do costume: Exxon, Tenneco, Eastman Kodak, Raytheon, DuPont e, em deferência para com Lee Iaccoca, o orador responsável pelo discurso de abertura, uma vasta representação de executivos da Chrysler Motor Company.

A mesa de registo situava-se por baixo de um grande cartaz no qual se lia BEM-VINDOS AO CONGRESSO G-FAB. A mensagem de boas-vindas, como tudo relativo ao *Global Finance and Business Consortium*, estava escrita em inglês, francês, alemão e, por respeito ao país anfitrião, em norueguês.

— Obrigada — disse Laura ao agente, mas o homem não se afastou. Laura sorriu à mulher sentada à mesa e pronunciou a mentira que tão bem tinha ensaiado: — Sou a doutora Alex Maplecroft, da Universidade da Califórnia em Berkeley.

A mulher folheou um catálogo com cartões e tirou as credenciais necessárias. Laura experimentou um alívio momentâneo ao achar que ia limitar-se a entregar-lhe o crachá de identificação, mas a mulher disse:

— Os seus documentos, por favor, minha senhora.

Apoiou a bengala na mesa. Abriu o fecho da mala. Procurou a carteira tentando que os dedos não lhe tremessem.

Também tinha ensaiado aquilo, não formalmente, mas sim com a imaginação: tinha-se visto a percorrer o caminho até à mesa de registo, a tirar a carteira e a mostrar os documentos falsos que a identificavam como Alexandra Maplecroft, catedrática de Economia.

Desculpe, mas poderia apressar-se? A minha mesa-redonda começa dentro de uns minutos.

— Minha senhora. — A mulher atrás da mesa não a olhou nos olhos, olhou

para o seu cabelo. — Teria a bondade de tirar o cartão da carteira?

Outra medida de segurança que não tinha previsto. Notou de novo que lhe tremiam as mãos enquanto tratava de tirar o cartão da divisória de plástico. Segundo o falsificador de Toronto, a identificação era perfeita. Claro que aquele homem tinha vocação de vigarista. E se a rapariga encontrasse um defeito? E se tivesse uma fotografia da verdadeira Alex Maplecroft? O *politi* levá-la-ia algemada para a esquadra? Os derradeiros seis meses de planificação minuciosa iriam por água abaixo por culpa de um simples cartão de plástico?

— Doutora Maplecroft!

Viraram-se todos em uníssono para ver de quem eram aquelas vozes.

— Andrew, anda cá conhecer a doutora Maplecroft!

Laura sempre soubera que Nicholas Harp era tão bonito que cortava a respiração. De facto, a mulher sentada à mesa conteve bruscamente a respiração ao vê-lo aproximar-se.

— Doutora Maplecroft, que maravilha voltar a vê-la! — Nick agarrou a mão de Laura entre as suas e apertou-a. A piscadela de olhos que lhe dedicou tinha por objetivo acalmá-la, mas Laura já não teria sossego dali para a frente. — Fui a um dos seus seminários em Berkeley. *Desigualdades raciais e de género nas economias ocidentais*. Não acredito que ainda me lembro do título.

— Sim. — Laura ficava sempre surpreendida com a desenvoltura com que Nick mentia. — É um prazer voltar a vê-lo, senhor...

— Harp. Nicholas Harp. Andrew!

Fez sinal a outro jovem, também bonito mas menos, vestido com umas calças de sarja e um polo azul-claro. Jovens esses que seriam os futuros líderes da indústria. O cabelo ligeiramente oxigenado pelo sol. A pele saudavelmente bronzeada. O colarinho do polo subido. Sem meias por baixo dos *mocassins* envernizados.

— Despacha-te, Andy — disse Nick. — A doutora Maplecroft não tem o dia todo.

Andrew Queller parecia confuso. Laura não ficou surpreendida. O plano era não chamar a atenção, manterem-se afastados uns dos outros. Andrew deu uma vista de olhos à rapariga atrás da mesa e pareceu compreender por que Nick se tinha arriscado a pôr em perigo o seu disfarce.

— Doutora Maplecroft, se não estou em erro, participa na mesa-redonda

com o meu pai, às duas. *Consequências sociopolíticas da Correção de Queller*.

— Sim, exato. — Laura tentou imprimir naturalidade à sua voz. — És o Andrew, o filho do meio do Martin?

— Esse mesmo. — Sorriu à rapariga. — Há algum problema, menina?

A segurança em si próprio que irradiava era contagiante. A rapariga entregou o crachá de identificação da doutora Alex Maplecroft e assim, sem mais demoras, Laura ficou legitimada.

— Obrigado — disse Nick à rapariga, que lhe dedicou um sorriso radiante.

— Sim, obrigada. — Com mãos bem mais firmes, Laura prendeu o crachá na lapela do seu casaco azul-escuro.

— Minha senhora — disse o *politi* ao despedir-se.

Laura pegou na sua bengala. Queria afastar-se da mesa.

— Não tão depressa, doutora Maplecroft. — Nick, sempre tão pantomineiro, bateu palmas. — Podemos convidá-la para uma bebida?

— É muito cedo — afirmou ela, embora de facto lhe tivesse sabido bem tomar alguma coisa para acalmar os nervos. — Não sei bem que horas são...

— Quase uma — informou Andrew enquanto limpava o nariz, já vermelho, com um lenço de pano. — Desculpe, constipei-me no avião.

Ela sorriu, tentando apagar a tristeza do seu sorriso. Desde o princípio que desejara tratá-lo como uma mãe.

— Fazia-te bem uma sopa.

— Sim, pois fazia. — Voltou a guardar o lenço no bolso. — Então, vemo-nos dentro de uma hora? A mesa-redonda é no salão Raufoss. Disseram ao meu pai para chegar com dez minutos de antecedência.

— Talvez deseje refrescar-se um pouco antes. — Nick indicou com a cabeça a casa de banho das senhoras. O engano produzia nele uma espécie de embriaguez. — Surpreende-me que se tenham dado ao trabalho de abrir, doutora Maplecroft. Todas as senhoras foram às compras ao centro de Storo. Pelos vistos, é a única conferencista feminina do congresso.

— Nick — advertiu-o Andrew —, «entre o talento e a idiotice há uma linha muito fina».

— Ufa, rapaz, quando comesas com as citações dos *Spinal Tap* percebo que estás na hora de ir andando. — Nick lançou outra piscadela de olho a Laura e deixou que Andrew o levasse dali.

O fluxo de senhores de fato agitou-se quando aqueles dois potros jovens,

repletos de vida e possibilidades, se juntaram ao seu curso.

Laura franziu os lábios e inspirou suavemente. Fingiu que rebuscava dentro da sua mala enquanto tentava recuperar a compostura.

Como lhe acontecia com frequência quando estava na companhia de Nick e Andrew, lembrou-se do seu filho mais velho. David Juneau tinha dezasseis anos no dia em que foi assassinado. A penugem do seu maxilar começava a assemelhar-se a barba, e o seu pai tinha-lhe ensinado em frente do espelho da casa de banho quanta espuma devia usar para fazer a barba e como passar a lâmina pela cara e pelo pescoço. Laura ainda se lembrava daquela manhã fria de outono, a sua última manhã, de como o sol acariciava com os dedos a penugem do queixo de David, enquanto ela lhe servia sumo de laranja num copo.

— Doutora Maplecroft? — perguntou uma voz vacilante, arredondando as vogais à maneira escandinava. — Doutora Alex Maplecroft?

Laura procurou furtivamente Nick com o olhar, ansiosa de que a salvasse de novo.

— É a doutora Maplecroft? — O escandinavo estava convencido de ter dado com a pessoa correta. Não havia nada mais convincente do que um crachá plastificado num congresso. — Sou o professor Jacob Brundstad, *Norges Handelshøyskole*. Queria falar consigo sobre...

— Muito prazer em conhecê-lo, professor Brundstad. — Laura apertou-lhe firmemente a mão. — Importa-se de que falemos depois da mesa-redonda? Falta menos de uma hora e queria ordenar as minhas notas. Espero que entenda.

O professor Brundstad era demasiado educado para a contrariar.

— Naturalmente.

— Será um prazer.

Fincou a bengala no chão ao dar meia-volta e misturou-se com a multidão de homens de cabelo grisalho que seguravam cachimbos, cigarros, pastas e papéis enrolados. Não tinha dúvida de que a olhavam com curiosidade. Avançou com a cabeça bem erguida. Tinha estudado a doutora Alex Maplecroft o suficiente para saber que a arrogância daquela mulher era lendária. Tinha-a visto do fundo de salas abarrotadas a humilhar alunos hesitantes em público; tinha-a ouvido magoar os seus colegas por não irem ao cerne da questão com a rapidez que ela julgava conveniente.

Ou talvez não fosse arrogância, mas sim um muro que Maplecroft tinha

construído à sua volta para se defender dos olhares de homens irados. Nick estava certo ao dizer que a afamada catedrática de Economia era a única mulher convidada a participar no congresso como conferencista. Os olhares de censura (*O que é que aquela empregada faz sem farda? Porque é que não nos esvazia os cinzeiros?*) estavam duplamente garantidos.

Laura hesitou. Ia em direção ao nada: uma parede branca com um cartaz publicitário dos voos especiais da Eastern Airlines. Submetida àquele escrutínio devastador, não se sentiu tentada a recuar. Virou bruscamente à direita e deu com a porta de vidro do bar.

Por sorte, encontrou-a aberta.

Uma detestável nuvem de fumo misturada com *bourbon* da melhor qualidade envolvia o bar. Havia uma pista de dança com soalho de madeira e uma bola de discoteca apagada. Os assentos eram tão baixos que estavam quase a rasar o chão. Espelhos escuros pendiam do teto. O seu relógio tinha ainda a hora de Toronto, mas deduziu pelo facto de a sala estar deserta que ainda era cedo para beber álcool.

Depois daquele dia, a reputação da doutora Maplecroft seria a menor das suas preocupações.

Ouviu o barulho de notas do piano ao sentar-se ao fundo do balcão. Apoiou a bengala na parede. A mão estava bastante firme quando tirou o maço de *Marlboro* da mala. Havia uma caixa de fósforos dentro do cinzeiro de vidro. A faísca da nicotina a atear-se acalmou os seus nervos.

O *barman* atravessou a porta dupla. Era um homem baixo e atarracado, com um rijo avental branco enrolado à volta da cintura.

— Minha senhora?

— Um gim tónico — disse baixinho, porque as notas discordantes do piano se tinham tornado numa melodia que lhe era familiar. Não era Rossini; nem sequer Edvard Grieg — tendo em conta onde estavam —, mas sim uma melodia lenta que foi ganhando força até se tornar reconhecível.

Sorriu ao exalar uma nuvem de fumo. Tinha ouvido aquela canção na rádio. A-ha, o grupo norueguês daquele vídeo tão engraçado de desenhos animados. «*Take on me*» ou «*Take me on*», ou alguma variante dessas mesmas palavras, repetida *ad nauseam*, sobre o som incansável de um teclado elétrico.

Quando a sua filha Lila era ainda viva, do seu gira-discos e do seu *walkman* — e até da sua boca quando estava no duche — saía continuamente,

a todo o volume, aquele mesmo *pop* eletrónico e meloso. Cada trajeto de carro, por mais curto que fosse, começava com a sua filha a girar o botão do rádio para sintonizar a sua emissora preferida. Laura não mordida a língua ao explicar os motivos de aquelas tolas canções lhe darem cabo dos nervos. Os Beatles. Os Stones. James Brown. Stevie Wonder. Esses *é que* eram artistas.

Nunca se tinha sentido tão velha como quando Lila a fez ver um vídeo de Madonna na MTV. O único comentário semipositivo que conseguiu fazer foi: *Que atrevimento, trazer a roupa interior por fora.*

Tirou um pacote de lenços de papel da mala e limpou os olhos.

— Minha senhora — disse o *barman* em tom de desculpa enquanto colocava suavemente o seu copo sobre um guardanapo de coquetel.

— Importa-se que lhe faça companhia?

Laura ficou atónita quando Jane Queller apareceu de repente ao seu lado. A irmã de Andrew era uma perfeita desconhecida e devia continuar a sê-lo. Esforçou-se por disfarçar o facto de a ter reconhecido. Só a tinha visto em fotografias ou bem ao longe. De perto, aparentava menos do que os vinte e três anos que tinha. A sua voz também era mais grave do que Laura tinha imaginado.

— Por favor, desculpe interromper — acrescentou Jane. Tinha-a visto chorar. — Estava ali sentada, a perguntar-me se era demasiado cedo para beber um copo sozinha.

Laura recuperou-se rapidamente.

— Com efeito, acho que é. Porque é que não me acompanha?

Jane hesitou.

— Tem a certeza?

— Faço questão.

A jovem sentou-se e indicou com um gesto ao *barman* que lhe servisse o mesmo.

— Sou a Jane Queller. Pareceu-me vê-la a falar com o meu irmão Andrew.

— Alex Maplecroft — afirmou Laura, e pela primeira vez desde que tinha começado aquele assunto lamentou ter de mentir. — Participo numa mesa-redonda com o seu pai dentro de... — Deu uma vista de olhos ao relógio da parede. — Quarenta e cinco minutos.

Jane esforçou-se desajeitadamente por dissimular a sua surpresa. Os seus olhos, como acontecia com frequência, dirigiram-se às raízes do cabelo de Laura.

— A sua fotografia não estava no programa do congresso.

— Não sou muito apologista de fotografias.

Tinha ouvido Alex Maplecroft proferir aquelas mesmas palavras numa conferência em São Francisco. A eminente economista estava convencida de que, para que o seu trabalho fosse levado a sério, só podia fazer duas coisas: abreviar o seu primeiro nome e esconder o facto de ser mulher.

— O meu pai conhece-a pessoalmente? — perguntou Jane.

Laura estranhou a sua forma de se expressar: não tinha perguntado se conhecia pessoalmente Martin Queller, mas sim se Martin Queller a conhecia a ela.

— Não, que eu me lembre não.

— Então acho que por uma vez vou gostar de assistir a uma mesa-redonda do velhote. — Jane pegou no seu copo assim que o *barman* o pousou no balcão. — Aposto que conhece a sua reputação.

— Conheço, sim. — Levantou o seu copo num brinde. — Algum conselho?

A jovem franziu o nariz pensativamente.

— Não ouça as primeiras cinco palavras que lhe disser, porque nenhuma delas a vai fazer sentir-se bem consigo própria.

— É uma norma geral?

— Está gravado no brasão da família.

— Antes ou depois do *Arbeit macht frei*?

Jane engasgou-se ao rir, salpicando gim tónico sobre o balcão. Utilizou o guardanapo para limpar o que tinha derramado. Os seus dedos longos e elegantes pareciam incompatíveis com a tarefa.

— Posso fumar um?

Referia-se aos cigarros. Laura passou-lhe o maço, mas avisou:

— Vão matá-la.

— Sim, é o que diz o doutor Koop. — Jane segurou o cigarro nos lábios e abriu a caixa de fósforos, mas acabou por espalhá-los pelo balcão. — Meus Deus! Desculpe. — Apanhou os fósforos como uma menina envergonhada. — A desastrada ataca de novo — disse com uma deixa que parecia recorrente.

Laura não tinha qualquer dúvida de que Martin Queller tinha encontrado formas únicas e certeiras de inculcar aos seus filhos que nunca seriam perfeitos.

— Minha senhora... — O *barman* aproximou-se para lhe dar lume.

— Obrigada.

Em vez de se proteger com as mãos, Jane inclinou-se para o lume do fósforo. Deu uma passa profunda, fechando os olhos como um gato ao sol. Ao descobrir que Laura estava a observá-la, soltou o fumo com uma gargalhada.

— Desculpe, estou há três meses na Europa e adoro fumar tabaco americano.

— Achava que todos os jovens expatriados gostavam de fumar *Gauloises* e discutir sobre Camus e a tragédia da condição humana.

— Oxalá. — Jane expulsou a tossir outra nuvem de fumo escura.

Uma súbita emoção maternal embargou Laura. Teve vontade de lhe tirar o cigarro, mas sabia que seria um gesto inútil. Quando ela tinha a idade de Jane, estava ansiosa de que os anos passassem a toda a velocidade, de entrar com passo decidido na idade adulta, de se tornar independente, de ser alguém. Não acalentava ainda o desejo de afastar o tempo como quem afasta um lenço de seda húmido da cara. Ignorava ainda que algum dia lhe doeriam as costas ao subir as escadas; que ficaria com a barriga flácida depois de dar à luz; que um tumor canceroso deformaria a sua coluna vertebral.

— Contrarie-o. — Jane segurava o cigarro entre o polegar e o indicador, tal como o seu irmão. — É o conselho que lhe posso dar sobre o meu pai. Não suporta ser contrariado.

— Foi assim que cimentei a minha reputação, à base de contrariar.

— Pois espero que esteja pronta para a batalha. — Apontou para a multidão barulhenta reunida para lá da porta do bar. — Quem é que esteve no fosso dos leões, Jonas ou Daniel?

— O Jonas esteve no ventre de uma baleia. O dos leões é o Daniel.

— Sim, claro. Deus enviou um anjo para lhes fechar a boca.

— O seu pai é assim tão temível?

Laura compreendeu demasiado tarde que era uma pergunta absurda. Os três filhos de Martin Queller tinham encontrado uma maneira de viverem à sombra do seu pai, cada um ao seu estilo.

— Não tenho dúvidas de que conseguirá enfrentar o Todo-poderoso Martin. Se a convidaram para o congresso não foi por acaso. Mas lembre-se de que, quando fica obcecado com uma coisa, não há nada que o faça mudar de ideias. Tudo ou nada, é o lema dos Queller.

Não parecia esperar resposta. Os seus olhos dirigiam-se continuamente para o espelho atrás do balcão, examinando a sala vazia. Era como um pequeno animal à espreita, sempre à procura de qualquer coisa — o que quer que fosse — que a fizesse sentir-se completa.

— É a filha mais nova do Martin? — perguntou Laura.

— Sim, a seguir é o Andrew e depois o nosso irmão mais velho, o Jasper. Estava na Força Aérea, mas renunciou à glória para se juntar ao negócio familiar.

— A assessoria financeira?

— Meu Deus, não! A parte lucrativa do negócio. Estamos orgulhosíssimos dele.

Laura ignorou o seu sarcasmo. Conhecia em pormenor a trajetória de Jasper Queller.

— O que é que estava a tocar ao piano há pouco?

Jane revirou os olhos numa careta dirigida contra si própria.

— Grieg parecia-me demasiado aforístico.

— Vi-a tocar uma vez.

Aquele ataque de sinceridade trouxe-lhe uma imagem à cabeça: *Jinx* Queller sentada ao piano, deixando voar as suas mãos sobre o teclado perante um público extasiado. Tentar enquadrar a imagem daquela intérprete notavelmente segura de si própria com a da rapariga nervosa sentada ao seu lado — as unhas roídas até ao sabugo, os olhares furtivos ao espelho — era uma tarefa quase impossível.

— Já não lhe chamam *Jinx*? — perguntou.

Outra careta autodepreciativa.

— É uma cruz que arrasto desde criança.

Laura sabia por Andrew que Jane detestava aquele diminutivo carinhoso. Sentia-se culpada por saber tantas coisas a respeito daquela jovem que ignorava tudo sobre ela, mas o jogo era assim.

— Jane fica-lhe melhor, julgo eu.

— Eu também acho.

Sacudiu, em silêncio, a cinza do cigarro. Era óbvio que a incomodava que Laura a tivesse visto atuar. Se fosse um desenho, o seu corpo teria estado rodeado de riscas indicadoras de nervosismo.

— Onde é que me viu tocar? — perguntou, por fim.

— No Hollywood Bowl.

— No ano passado?

— Em oitenta e quatro — respondeu Laura tentando despojar o seu tom de melancolia.

O concerto fora uma surpresa de última hora do seu marido. Jantaram no seu restaurante italiano preferido. Ela bebeu demasiado *chianti*. Recordava como se tinha encostado ao marido, enquanto iam para o parque de estacionamento. A sensação da sua mão sobre a cintura. O cheiro da sua colónia.

— Isso fez parte do festival de *jazz*, antes dos Jogos Olímpicos — disse Jane. — Toquei com a Richie Reedie Orchestra. Fizemos uma homenagem a Harry James e... — Revirou os olhos ao lembrar-se. — Perdi o compasso enquanto tocávamos «*Two o'clock jump*». Ainda bem que as trompas entraram antes.

Laura não tinha reparado em nenhum erro; recordava, pelo contrário, que o público estava de pé ao acabar aquele tema.

— Só recorda as suas atuações pelos erros?

Jane negou com a cabeça, mas a sua história não acabava ali. Jane Queller fora uma pianista de primeira classe. Tinha sacrificado a sua juventude no altar da música. Tinha abandonado a clássica pelo *jazz* e, posteriormente, o *jazz* pelo trabalho de estúdio e, entretanto, tinha atuado em alguns dos teatros e auditórios mais famosos do mundo.

Depois, de repente, deixara tudo.

— Li o seu artigo sobre a tributação punitiva. — Fez um sinal com o queixo ao *barman*, pedindo-lhe em silêncio outro copo. — Para o caso de se estar a perguntar porquê, o meu pai espera que nos mantenhamos informados da sua vida profissional, mesmo a dez mil quilómetros de distância.

— Que edificante.

— Alarmante, mais do que edificante, diria eu. Enfia os recortes de imprensa nas cartas da minha mãe para poupar em selos. *Querida filha, este fim de semana estivemos a jantar com os Flannigan: Por favor prepara-te para responderes a diversas perguntas relativas ao artigo anexo sobre as variáveis macroeconómicas da Nicarágua.*

Jane observou como caía o gim da garrafa. O *barman* foi mais generoso com ela do que com Laura, mas acontecia sempre isso com as mulheres jovens e bonitas.

— O seu texto sobre o uso da política financeira como uma arma contra as

minorias fez-me pensar no governo de um modo completamente diferente. Embora, segundo o meu pai, com esse tipo de engenharia social o mundo caísse a pique.

— Só no caso de homens como ele.

— Cuidado — afirmou Jane, muito séria. — O meu pai não gosta nada que o contradigam. E menos ainda vindo de mulheres. — Olhou-a nos olhos. — Sobretudo, mulheres com um aspeto como o seu.

Laura lembrou-se de algo que a sua mãe lhe tinha dito há muito tempo. *Os homens nunca têm de se sentir desconfortáveis quando estão rodeados de mulheres. As mulheres têm de se sentir constantemente desconfortáveis quando estão com homens.*

Jane riu-se com relutância ao apagar o cigarro no cinzeiro.

Laura pediu com um sinal outro gim tónico, apesar de o primeiro lhe ter dado azia. Precisava de parar com aquele tremor de mãos, precisava que o seu coração deixasse de tremer como um coelho assustado.

Segundo o relógio, só tinha trinta minutos para se preparar.

Nunca gostara de falar em público, nem sequer nas melhores circunstâncias. Era uma espetadora nata, preferia misturar-se com a multidão. Depois do discurso de abertura de Iacocca, esperava-se que a mesa-redonda presidida por Queller fosse o evento mais concorrido do congresso. Os lugares esgotaram no dia seguinte a terem sido postos à venda. Ela e Queller iam estar acompanhados por outros dois especialistas, um analista alemão da Rand Corporation e um executivo belga da Royal Dutch Shell, mas o foco de atenção dos oitocentos espetadores seriam, sem dúvida, os dois americanos.

Até ela tinha de admitir que a trajetória profissional de Martin Queller era capaz, por si só, de atrair uma multidão: ex-presidente dos Serviços de Saúde Queller, catedrático emérito da Escola Queller de Economia de Long Beach, ex-conselheiro do governador da Califórnia, atual membro do Conselho sobre o Desenvolvimento Económico da Casa Branca, candidato predileto para substituir James Baker como Secretário do Tesouro e, acima de tudo, principal artífice da chamada *Correção de Queller*.

Fora a Correção que os juntara ali. Embora Alex Maplecroft se tenha distinguido primeiro em Harvard e mais tarde em Stanford e Berkeley, certamente teria continuado a viver na obscuridade académica se não fosse pelos seus textos e publicações, em que conseguira algo que nenhum homem se atrevera até então: questionar com veemência não só os princípios éticos

da Correção de Queller, mas os do próprio Martin Queller.

Tendo em conta o estatuto de Martin entre a elite económica e empresarial, equivalia a afixar as *Noventa e cinco Teses* nas portas da igreja.

Laura incluía-se entre os mais fervorosos entusiastas de Maplecroft.

Explicada em poucas palavras, a Correção de Queller postulava que a expansão económica se baseava historicamente em minorias indesejáveis ou numa uma classe trabalhadora imigrante que era mantida na linha graças à intervenção de fatores de índole ultranacionalista e xenófoba.

O progresso de muitos recaindo sobre as costas do *outro*.

Os imigrantes irlandeses a erguerem pontes e arranha-céus em Nova Iorque. Os operários chineses a construírem o caminho de ferro transcontinental. Os trabalhadores italianos a manterem em funcionamento a indústria têxtil. E, como contraponto xenófobo, as Leis da Imigração. Que proibiam a entrada de irlandeses, de negros, de cães. A Lei de Quota de Imigração de Emergência. A Lei de Alfabetização. O caso Dred Scott vs. Sandford. A Lei de Exclusão de Imigrantes Chineses. As leis de Jim Crow. O caso Plessy vs. Ferguson. O Programa *Bracero*. O sufrágio submetido a encargos segregacionistas. A Operação Costas Molhadas, etc.

A teoria de Martin estava bem documentada. Inclusive podia considerar-se uma recapitulação de dados, mais do que uma verdadeira teoria. O problema — pelo menos segundo Alex Maplecroft — era que a Correção de Queller estava a ser utilizada não como ferramenta de análise para descrever um fenómeno histórico, mas como justificação para adotar determinadas medidas socioeconómicas. Era como dizer *a história repete-se*, mas sem a ironia com que se costumava empregar essa expressão.

Entre os exemplos mais recentes deste uso da Correção de Queller contava-se o corte de fundos na luta contra a sida a fim de reduzir a população de homossexuais; o endurecimento das sentenças contra drogados afro-americanos, bem como das medidas punitivas contra pessoas com antecedentes criminais; a obrigatoriedade da prisão perpétua para delinquentes reincidentes e a privatização com fins lucrativos tanto de prisões como de centros de saúde mental.

Num artigo de opinião publicado no *Los Angeles Times*, Alex Maplecroft tinha brincado com os fundamentos ideológicos da Correção de Queller com esta frase incendiária: *Perguntamo-nos se Hermann Göring chegou mesmo a engolir a famosa cápsula de cianeto*.

— Doutora — disse Jane tirando-a da sua introversão —, importa-se...?

A rapariga queria outro cigarro. Laura tirou dois do maço.

Desta vez, o *barman* deu lume a ambas.

Laura conteve o fumo, enquanto observava Jane através do espelho.

— Porque é que deixou de atuar? — perguntou.

Ao princípio, a jovem não respondeu. Deviam ter-lhe feito aquela mesma pergunta dezenas de vezes. Talvez se estivesse a preparar para lhe dar a mesma resposta ensaiada, mas no último momento, ao virar-se para ela, algo mudou na sua expressão.

— Sabe quantas pianistas famosas há?

Laura não era nenhuma melómana (o apreciador de música era o seu marido), mas julgava lembrar-se de algumas coisas.

— Há uma brasileira, a Maria Arruda ou...

— Martha Argerich. É argentina, mas tudo bem... — Jane sorriu bem-disposta. — Diga outra.

Laura encolheu os ombros. Tecnicamente, não tinha dito nenhuma.

— Estava nos bastidores, no Carnegie — prosseguiu Jane —, e ao olhar à minha volta percebi que eu era a única mulher que ali estava. Não era a primeira vez que acontecia, claro, já tinha acontecido muitas vezes, mas foi a primeira vez em que reparei nisso. E que aquela gente reparou em *mim*. — Sacudiu a cinza do seu cigarro fazendo-o girar pelo rebordo do cinzeiro. — E, para além disso, mais ou menos nessa altura o meu maestro deixou-me. — O súbito aparecimento das lágrimas nos cantos dos seus olhos indicava que aquela perda ainda a magoava. — Estudei com o Pechenikov desde os oito anos e, de repente, disse-me que já não podia ensinar-me mais nada, que me tinha levado até onde podia chegar.

Laura sentiu a necessidade de perguntar:

— Não pode procurar outro maestro?

— Ninguém me aceita. — Exalou o fumo do cigarro. — O Pechenikov era o melhor, de modo que recorri ao seguinte da lista. E depois ao seguinte. Continuei a descer e, quando cheguei ao nível dos maestros de bandas de escola, percebi que todos usavam a mesma linguagem, como um código. — Aguentou o olhar de Laura com uma expressão eloquente. — Quando diziam *não tenho tempo para aceitar mais alunos*, o que queriam dizer na realidade era *não vou a desperdiçar o meu talento e o meu esforço com uma parvinha que deixará tudo pendurado assim que se apaixonar*.

— Ah... — disse Laura, à falta de uma resposta melhor.

— Calculo que de certo modo assim seja mais fácil. Antes dedicava três ou quatro horas por dia a ensaiar, todos os dias. A música clássica é tão exata... Há que tocar cada nota tal e qual como está escrita. A dinâmica importa quase mais do que o toque. No *jazz*, pode-se conferir uma expressão melódica à peça. E no *rock*... Conhece os The Doors?

Laura teve de fazer um esforço para não perder o fio à meada.

— O Jim Morrison?

Jane começou a tamborilar com os dedos sobre o balcão. Ao princípio, Laura só ouviu um bater frenético. Depois, no entanto...

— «*Love me two times*» — disse a rir, divertida pelo elegante truque de Jane.

— Manzarek tocava as duas coisas ao mesmo tempo, o teclado e a parte do baixo — explicou Jane. — É alucinante como fazia aquilo, como se cada mão fosse completamente independente da outra. Uma personalidade fraturada, mas as pessoas não reparam nesses aspetos técnicos. Simplesmente, gostam da forma como soa. — Continuou a tocar a canção com os dedos enquanto falava. — Se não posso tocar música que as pessoas valorizem, ao menos quero tocar música de que as pessoas gostem.

— Isso parece-me muito bem. — Laura deixou que o barulho continuasse a soar um momento no meio do silêncio antes de perguntar: — Disse que está há três meses na Europa?

— Em Berlim. — Jane pousou as mãos em repouso, por fim. — Estive a substituir uma pianista no Hansa Tonstudio.

Laura abanou a cabeça. Nunca ouvira falar daquele lugar.

— É um estúdio de gravação que fica ao pé do Muro. Há uma sala, a Meistersaal, com uma acústica belíssima para todo o tipo de música: clássica, de estúdio, *pop*, *rock*... O Bowie gravou lá. Iggy Pop, Depeche Mode...

— Parece que conheceu muita gente famosa.

— Não é isso. A minha parte já está feita quando eles chegam para gravar. Isso é o melhor de tudo. Sou só eu e a minha música, isoladas. Ninguém sabe quem está por trás do teclado. Ninguém se importa se é um homem ou uma mulher, ou um caniche. Só querem sentir a música, é disso que eu gosto: sentir onde vai a nota. — Um fulgor de emoção realçou a sua beleza natural. — Quem realmente ama a música, toca para si próprio.

Laura deu por si a assentir. Carecia de referências musicais, mas entendia

que a paixão pura por algo não só podia dar forças, mas sim impelir a seguir em frente.

— Está a renunciar a muitas coisas — disse, ainda assim.

— Sim? — perguntou Jane com uma curiosidade aparentemente sincera. — Como posso renunciar a algo que na realidade nunca tive devido ao que tenho entre as pernas? — Soltou um riso amargo. — Ou, melhor, não ao que tenho entre as pernas, mas sim ao que de lá poderia sair no futuro.

— Os homens podem sempre reinventar-se — comentou Laura. — As mulheres, pelo contrário, quando são mães, são-no para sempre.

— Isso não é muito feminista da sua parte, doutora Maplecroft.

— Não, mas a Jane entende porque é um camaleão, como eu. Se não pode tocar a música que as pessoas valorizam, toca a música que elas adoram.

Laura esperava que um dia isso mudasse. Claro que também esperava, cada manhã ao acordar, ouvir a horrível música de Lila na rádio, ver Peter a percorrer a sala de estar à procura dos seus sapatos, ou encontrar David a cochichar ao telefone, porque não queria que a sua mãe soubesse que andava com uma rapariga.

— Devia ir andando. — Jane apontou para o relógio.

Os quarenta e cinco minutos praticamente tinham chegado ao fim.

Laura queria continuar à conversa, mas sabia que não tinha escolha. Procurou a sua carteira na mala.

— Pago eu — ofereceu Jane.

— Não posso...

— Não se preocupe, é por conta da família Queller.

— Está bem — anuiu Laura.

Levantou-se do banco fazendo uma careta de dor ao apoiar a perna no chão. A sua bengala estava onde a tinha deixado. Agarrou o punho de prata, olhou para Jane e perguntou-se se seria a última pessoa com quem teria uma conversa normal. Se finalmente fosse assim, ficava feliz por ter sido com ela.

— Foi um prazer falar consigo — disse.

— Igualmente. Vou estar na primeira fila, se precisar de ver uma cara amiga — acrescentou a jovem.

Laura sentiu uma enorme tristeza ao ouvi-la. Esticou o braço e, coisa rara nela, cobriu a mão de Jane com a sua. Ao sentir a frescura da sua pele, perguntou-se há quanto tempo não procurava consolo no contacto com outro ser humano.

— É uma pessoa maravilhosa — balbuciou.

— Oh... — disse Jane, corando.

— Não digo isto porque tem talento e beleza, embora tenha ambas as coisas, claro. Digo-o porque é única, porque não há ninguém como a Jane. — Eram as palavras que queria poder dizer à sua filha. — Tudo em si é maravilhoso.

Jane ficou ainda mais corada, enquanto procurava uma resposta trocista. Mas Laura não a deixou arruinar aquele instante recorrendo ao sarcasmo.

— Não — disse. — Encontrará o seu caminho, Jane, e será o caminho correto, aconteça o que acontecer, por ter sido definido por si. — Apertou uma última vez a sua mão. — Este é o meu conselho.

Sentiu que Jane a seguia com o olhar enquanto atravessava lentamente o bar. Tinha passado demasiado tempo sentada. Tinha o pé dormente. A bala alojada nas suas costas parecia respirar como um ser vivo. Amaldiçoou o pedaço de metal não maior do que a unha do seu dedo mindinho alojada perigosamente perto da sua medula óssea.

Só desta vez, pela última vez, ansiou mexer-se depressa, recuperar parte da sua agilidade perdida e levar a cabo a sua missão antes que Jane pudesse sentar-se na primeira fila.

Os poderosos tinham abandonado o *hall*, mas o fumo dos seus cigarros e dos seus cachimbos continuava presente. Laura empurrou a porta da casa de banho das senhoras.

Vazia, tal e qual como Nick tinha previsto.

Dirigiu-se ao último cubículo. Abriu a porta e fechou-a. Lutou com a fechadura. O trinco não encaixava. Bateu duas vezes fazendo-o ranger e por fim conseguiu que se mantivesse fechado.

Uma tontura súbita apoderou-se dela. Apoiou as mãos nas paredes. Aguardou uns segundos para recuperar o equilíbrio. Fora um erro beber dois copos, a acrescer ao *jet lag*, mas naquele dia, mais do que em qualquer outro, podia perdoar-se por cometer um erro nefasto.

A sanita era antiga e o autoclismo estava junto à parede, muito acima. Esticou o braço para apalpar por trás dele. O seu coração acelerou enquanto procurava às apalpadelas. Primeiro sentiu a fita adesiva. A sua angústia atenuou-se apenas ligeiramente ao deslizar os dedos para cima, até tocar no saco de papel.

Abriu-se a porta.

— *Hej-hej!* — disse um homem.

Laura ficou paralisada, o seu coração parou de bater.

— Olá? — O homem parecia arrastar algo muito pesado pelo chão. — Serviço de limpeza! Está aí alguém? Olá?

— Um momento — respondeu Laura com a voz abafada.

— Serviço de limpeza! — repetiu o homem.

— *Nej* — afirmou ela levantando a voz. — Ocupado!

O homem deixou escapar um suspiro de contrariedade.

Laura esperou.

Outro suspiro.

Mais um segundo.

Por fim, o homem voltou a tirar da casa de banho o que tinha arrastado para o seu interior e fechou com tanta força que o fraco trinco do cubículo de Laura saiu e a sua porta se abriu com um rangido.

Laura sentiu que o trinco se cravava nos seus rins como um dedo.

Uma gargalhada fez-lhe cócegas na garganta, estranhamente. Consequia imaginar o aspeto que tinha ali de pé, com a saia subida, uma perna para cada lado da sanita e a mão metida por trás do autoclismo.

A única coisa que faltava era o barulho de um comboio a passar e Michael Corleone.

Tirou o saco de papel. Guardou-o na mala. Aproximou-se do lavatório. Deu uma vista de olhos ao seu cabelo e ao seu batom no espelho. Observou a sua imagem enquanto lavava as mãos trémulas.

A sombra de olhos era chocante nela. Na sua vida normal nunca se maquilhava. Claro que na sua vida normal costumava andar com o cabelo apanhado e vestir-se com umas calças de ganga e uma camisa do seu marido, e calçar um par de ténis que — normalmente — o seu filho deixava junto à porta.

Normalmente, costumava andar com uma câmara pendurada ao pescoço.

Normalmente, andava sempre a correr de um lado para o outro, a tentar conseguir sessões de fotos, ou a fazê-las, ou a planejar recitais e ensaios e aulas e treinos e refeições, e a tentar encontrar tempo para cozinhar, tempo para ler, tempo para amar.

Mas o normal tinha deixado de sê-lo.

Secou as mãos com um toalhete de papel. Retocou o batom. Viu os seus dentes brancos ao espelho.

O encarregado da limpeza estava à espera à porta da casa de banho. Fumava apoiado contra um enorme balde do lixo rodeado de frascos de produtos de limpeza.

Laura reprimiu o impulso de se desculpar. Deu uma vista de olhos ao saco de papel que levava dentro da mala. Fechou o fecho. A tontura voltou a assolá-la, mas conseguiu controlá-la. Continuava a ter o estômago às voltas, mas em relação a isso não havia nada a fazer. O seu coração era um metrónomo encaixado na garganta. Sentia como o sangue palpitava nas suas veias. O seu olhar focou-se até se tornar fino como um alfinete.

— Doutora Maplecroft? — Uma jovem nervosa, vestida com um vestido às flores, apareceu de repente ao seu lado. — Acompanhe-me, por favor. A sua mesa-redonda está prestes a começar.

Tentou seguir o passo enérgico, quase apavorado, da rapariga. Estavam a meio do corredor quando notou que começava a faltar-lhe o ar. Abrandou o passo e deixou que a sua mão descansasse mais tempo sobre a bengala. Tinha de conservar a calma. O que estava prestes a fazer não podia ser feito com precipitação.

— Minha senhora — disse-lhe a rapariga num tom suplicante, indicando-lhe para se despachar.

— Não vão começar sem mim — afirmou ela apesar de não estar totalmente certa de que Martin Queller fosse esperar por ela, tendo em conta a sua reputação.

Tirou o pacote de lenços da mala. Enxugou o suor da testa.

Uma porta abriu-se inesperadamente.

— Menina — disse Martin Queller estalando os dedos como se chamasse um cão —, onde é que está o Maplecroft? — Olhou para Laura. — Café, dois torrões de açúcar.

— Doutor... — disse a rapariga.

— Café — repetiu Martin, visivelmente incomodado. — Está surda?

— Eu sou a doutora Maplecroft.

Queller olhou-a com pasmo. Duas vezes.

— *Alex* Maplecroft?

— Alexandra. — Estendeu-lhe a mão. — Muito prazer em conhecê-lo pessoalmente.

Um grupo de colegas tinha-se juntado atrás dele. Martin não teve outro remédio senão apertar-lhe a mão. Os seus olhos, como costumava acontecer,

dirigiram-se de imediato ao cabelo de Laura. Era o que a denunciava. O seu tom de pele era claro, quase tão branco como o da sua mãe, mas tinha o cabelo aos caracóis característico dos negros; nisso tinha saído ao seu pai.

— Agora entendo — comentou ele. — Deixou as suas experiências pessoais salpicarem as suas investigações.

Laura olhou para a mão branquíssima que estava a apertar.

— A cor é sempre um tema interessante, Martin.

— Doutor Queller — disse ele.

— Sim, ouvi falar de si quando estava em Harvard. — Laura virou-se para o homem situado à direita de Martin; o alemão, a julgar por seu severo fato cinzento e o seu fino casaco azul-escuro. — Doutor Richter?

— Friedrich, por favor. É um prazer — afirmou Richter sem se incomodar em dissimular um sorriso, e fez aproximar-se o outro homem, de cabelo grisalho mas vestido com um moderno casaco verde azulado. — Permita-me apresentar-lhe o nosso colega da mesa-redonda, *Herr* doutor Maes.

— Muito prazer. — Laura apertou a mão do belga e, ignorando o evidente desprezo de Martin, virou-se para a jovem. — Já podemos começar?

— Claro, minha senhora.

A rapariga conduziu-os até à entrada do palco do salão de atos.

Tinham começado as apresentações. As luzes laterais estavam apagadas. A rapariga utilizou uma lanterna para lhes mostrar o caminho. Laura ouviu um murmúrio de vozes masculinas procedente do público. Outro homem, o apresentador, estava a falar ao microfone. Falava francês, demasiado rápido para que Laura entendesse. Ficou contente quando passou a falar inglês.

— E agora, acabaram-se as conversas. Sem mais demoras, dêmos as boas-vindas aos nossos quatro oradores.

O aplauso fez tremer o chão debaixo dos seus pés. Sentiu um formigueiro no estômago. Oitocentas pessoas. Tinham-se apagado as luzes da sala. Para além do pano, conseguia ver o lado direito do auditório. O público, composto na sua maioria por homens, tinha-se posto em pé e aplaudia, esperando que o espetáculo comesse.

— Doutora? — murmurou Friedrich Richter.

Os seus colegas estavam a aguardar para deixá-la passar. Até Martin Queller era suficientemente educado para não passar à frente de uma mulher. Aquele era o momento pelo qual Laura estava à espera. O que a tinha impelido a sair da sua cama de hospital, o que a tinha levado a submeter-se a

tratamento intensivo, o que a tinha levado a apanhar quatro aviões para chegar até ali.

E, no entanto, ficou paralisada, momentaneamente absorta no que estava prestes a fazer.

— Por amor de Deus. — Martin impacientou-se de imediato e saiu para o palco.

O público rugiu ao vê-lo aparecer. Deu saltos. Cumprimentou com a mão. Levantou os punhos.

Friedrich e Maes executaram uma pantomima ao estilo do Bucha e Estica, disputando entre si a honra de deixar passar Laura.

Tinha de ir para o palco. Tinha de fazer aquilo.

Já.

O ar tornou-se opressivo, agonizante, quando saiu para o palco. Apesar da salva palmas e dos assobios, ouviu claramente o bater da sua bengala sobre o soalho. Sentiu que encolhia os ombros. Que baixava a cabeça. O impulso de se encolher, de se tornar pequena, era avassalador.

Olhou para cima.

Mais focos. Uma nuvem de fumo pairava entre as vigas.

Virou-se para o público, não para ver as pessoas mas para procurar Jane. Estava na primeira fila, como tinha prometido. Andrew estava sentado à sua esquerda e Nick à sua direita, mas foi nela que Laura reparou. Partilharam um sorriso cúmplice antes de ela se virar para o palco.

Para poder terminar aquilo, tinha de começar.

Os microfones apontavam como fuzis para as quatro cadeiras separadas por mesinhas suplementares. Laura, que não sabia o lugar que cada um devia ocupar, parou na primeira cadeira. O lábio superior tinha começado a suar. As ásperas luzes dos focos atingiram-na como raios *laser*. Percebeu demasiado tarde que era precisamente aquilo que deveria ter ensaiado. A cadeira era um típico produto de *design* escandinavo: bonita, mas demasiado baixa e com pouco encosto. E o que ainda era pior, parecia giratória.

— Doutora?

Maes agarrou as costas da cadeira contígua oferecendo-lhe o lugar. Por conseguinte, ela ficava no meio. Ao deixar-se cair na cadeira baixa, sentiu que os músculos das suas costas e as suas pernas se encolhiam dolorosamente.

— Parece-lhe bem? — Maes ofereceu-se para apoiar a sua bengala no

chão.

— Sim. — Laura agarrou com força na sua mala sobre o colo. — Obrigada.

O belga ocupou a cadeira à sua esquerda. Friedrich avançou até ao extremo da fila, deixando vazia a cadeira situada junto a Laura.

Ela olhou para lá dos pontiagudos microfones, para a multidão. Os aplausos iam diminuindo. O público começava a ocupar os seus lugares.

Mas Martin Queller não estava disposto a permitir que se acomodasse ainda. Permanecia de pé, cumprimentando com a mão no ar. Uma má escolha tendo em conta a citação de Maplecroft sobre Göring. Tal como a pequena reverência que fez antes de ocupar o seu lugar no centro do palco.

O público começou a acalmar-se. Extinguiram-se os últimos aplausos. Apagaram-se as luzes do corredor de cadeiras e acenderam-se os focos do palco.

Laura pestanejou, deslumbrada por um instante. Esperou o inevitável: que Martin Queller ajustasse o microfone a seu gosto e começasse o seu discurso.

— Em nome dos meus colegas desta noite — disse —, queria agradecer à assistência. Espero sinceramente que tenhamos um debate enérgico mas civilizado e, sobretudo, que o referido debate cumpra as expectativas. — Olhou para a esquerda e para a direita enquanto tirava do bolso do peitoral um maço de pequenos cartões. — Começaremos pelo que o camarada secretário-geral Gorbatchov denominou a «Era da Estagnação».

Ouviram-se risos entre o público.

— Doutor Maes, esta é para si.

Era preciso reconhecer que Martin Queller era um homem capaz de subjugar um auditório. Estava claramente a encenar um espetáculo, a contornar, em tom de brincadeira, o tema de debate que tinha juntado ali todos os presentes. Possivelmente, durante a sua juventude, tinham-no considerado atraente, ao estilo daqueles homens aborrecidos a quem o dinheiro confere um súbito interesse. Os anos tinham-no tratado bem. Laura sabia que tinha sessenta e três, embora o seu cabelo escuro tivesse poucos laivos de grisalho. O seu nariz aquilino sobressaía menos do que nas fotografias oficiais, provavelmente escolhidas pela sua capacidade para infundir respeito, mais do que admiração física. As pessoas confundem com frequência a personalidade com o caráter.

— E que me diz de Chernenko, *Herr* Richter? — A sua voz retumbou na

sala sem ajuda do microfone. — Parece-lhe provável que conclua as indiscutivelmente modestas reformas de Andropov?

— Bem — começou Friedrich —, como dizem os russos, *quando o dinheiro fala, a verdade cala-se*.

Ouviram-se de novo risos isolados.

Laura remexeu-se na cadeira tentando aliviar a dor que se ia estendendo pela sua perna. O seu nervo ciático vibrava como as cordas de uma harpa. Em vez de ouvir a densa e documentada resposta de Friedrich, focou o olhar a um lado do auditório. Havia um mastro de metal com vários focos colocados, e um homem de pé sobre uma plataforma elevada, com uma câmara de vídeo ao ombro. Estava a virar a objetiva. Possivelmente, a luz tinha perturbado o autofoco.

Laura olhou para a própria mão. Tinha passado tantos anos a ajustar a objetiva da sua Hasselblad que ainda tinha calos no polegar e noutros dois dedos.

Um mês antes de morrer, Lila, a sua filha, disse-lhe que queria aprender fotografia, mas que não queria que fosse ela a ensinar-lhe. Aquilo magoou-a. Afinal de contas, era uma fotógrafa profissional. Depois, no entanto, uma amiga recordou-lhe que as adolescentes não queriam voltar a aprender com as suas mães até ao momento de terem filhos, e Laura decidiu ter paciência e deixar o tempo passar.

E então o tempo esgotou-se.

Tudo por culpa de Martin Queller.

— ...a justaposição de políticas sociais e económicas — estava Martin a dizer. — Por conseguinte, doutora Maplecroft, embora talvez lhe desagrade o que a doutora denomina por *o sopro tradicionalista* da Correção de Queller, a minha intenção era unicamente dar um nome a um fenómeno sustentado pela estatística.

Laura viu como se inchava o seu peito quando respirou para continuar e aproveitou aquele momento para intervir.

— Pergunto-me, doutor Queller, se tem consciência de que os seus princípios políticos têm repercussões concretas no mundo real.

— Não são princípios políticos, minha querida senhora. São teorias relativas ao que você própria descreve como *moralidade tribal*.

— Mas doutor...

— Se as minhas conclusões lhe parecem cruéis, dir-lhe-ei que a estatística

é, efetivamente, uma amante cruel — prosseguiu Queller, visivelmente satisfeito com a volta que dera à sua frase; uma volta que, por outro lado, aparecia com frequência nos seus ensaios e nas suas colunas de opinião. — Interpretar os dados recorrendo às emoções ou à histeria é cair em cheio no ridículo. Seria, para o caso, como pedir a um porteiro para explicar como a erupção do vulcão Beerenberg influenciará o clima da ilha de Guam — concluiu, muito orgulhoso.

Laura ansiou conseguir apagar da sua cara aquele sorriso convencido.

— Afirmo que as suas teorias não são princípios políticos, mas, de facto, as suas teorias económicas têm influenciado decisivamente a tomada de decisões políticas.

— Sinto-me lisonjeado — afirmou ele num tom que dava a entender que os elogios se obtêm de forma natural.

— O seu trabalho influenciou a Lei Lanterman-Petris-Short de 1967.

Martin franziu a testa, estranhando o comentário, mas olhou para o público e explicou:

— Em deferência para com o público europeu, teria de explicar que a Lei de Direitos do Paciente marcou um antes e um depois na legislação do Estado da Califórnia. Entre outras coisas, contribuiu para pôr fim a uma prática habitual que consistia em enclausurar as pessoas em instituições psiquiátricas contra a sua vontade.

— Não é verdade que essa lei se traduziu também num corte drástico do financiamento público dos hospitais para doentes mentais?

O sorriso que Martin Queller esboçou proclamava que sabia para onde aquilo conduzia.

— Os cortes foram temporários. O então governador, Reagan, restabeleceu o financiamento público desses centros no ano seguinte.

— No mesmo grau do que antes?

— Passou a vida à frente de um quadro, Maplecroft. No mundo real, as coisas são diferentes. A viragem das políticas institucionais é como o rumo de um navio de guerra. Precisa de muito espaço para ser corrigido.

— Há quem chame isso de erros, não de correções. — Laura levantou a mão para travar a réplica de Queller. — Outra dessas supostas *correções* aconteceu no ano seguinte, quando se multiplicou por dois o número de pessoas que sofre de doenças mentais que passaram à disposição do sistema judicial e que a partir de então ficaram presas no seu mecanismo.

— Bom...

— Na Califórnia, o excesso de pessoas nos centros penitenciários tem dado lugar ao surgimento de grupos violentos, o que por sua vez se traduziu no reingresso na prisão de milhares de ex-presidiários e tem contribuído para o desenvolvimento de uma autêntica epidemia de sida. — Laura virou-se para o público. — Churchill afirmou que *quem não aprende com o passado está sujeito a repeti-lo*. O meu colega, pelo contrário, parece afirmar que *reincidir no nosso passado é o único modo de nos mantermos no poder*.

— Doentes! — exclamou Queller com tal impulso que a sua voz retumbou na parede do fundo.

Seguiu-se um silêncio.

— Sim? — perguntou Laura.

Martin Queller alisou a gravata.

— Doutora — disse fazendo um esforço evidente para se controlar —, essa lei de que fala denominou-se, muito acertadamente, Lei dos Direitos do Paciente. Quem saiu dos centros psiquiátricos estatais foi para lares, ou, melhor, passou a receber tratamento ambulatorio a fim de se tornar membro útil da nossa sociedade.

— Estavam em situação de ser úteis?

— Claro que sim. Esse é o problema dos socialistas: acham que o trabalho do Estado consiste em levar ao colo os indivíduos desde que estes nascem até morrerem. São precisamente argumentos enganosos como esse que têm convertido metade dos Estados Unidos num estado de bem-estar. — Inclinou-se para a frente para se dirigir à audiência. — Eu, como a maioria dos americanos, acho que cada indivíduo merece ter a oportunidade de caminhar pelo seu próprio pé. É o que se chama o sonho americano, um sonho ao qual tem acesso aquele que estiver disposto a esforçar-se e a trabalhar.

Laura assinalou a sua bengala.

— E se alguém não puder *caminhar pelo seu próprio pé*?

— Pelo amor de Deus, minha senhora. É uma forma de falar. — Virou-se de novo para o público. — O sistema de lares permite...

— Que lares? Aqueles que os Serviços de Saúde Queller gerem?

Aquilo pareceu desnorteá-lo, embora apenas momentaneamente.

— A empresa é privada, mas está constituída como um fundo de investimento. Eu não posso influenciar as decisões que tomam.

— Ignora que mais de trinta por cento dos lucros anuais da Serviços de

Saúde Queller procede da gestão de lares para doentes mentais? — Laura levantou as mãos e encolheu os ombros. — Que extraordinária coincidência que a sua posição como assessor económico do Estado lhe tenha permitido defender que os fundos públicos se desviem para o setor da previdência privada, do qual procede grande parte da sua fortuna familiar!

Martin suspirou e abanou teatralmente a cabeça.

— A sua empresa está prestes a estar cotada em bolsa, não está? Entraram investidores de muito alto nível para garantir que os seus valores se mantivessem elevados no momento de sair para a praça pública. — Esse era o cerne da questão, a razão pela qual não voltara atrás. — A sua fortuna familiar aumentará consideravelmente quando o modelo Queller se estender ao resto dos Estados Unidos. Estou enganada?

Martin suspirou outra vez, voltou a abanar a cabeça. Olhou para a multidão como se pretendesse que ficassem do seu lado.

— Tenho a sensação de que sequestrou esta mesa-redonda para servir os seus próprios fins, doutora Maplecroft. O que eu disser não tem qualquer importância. Já tem um julgamento formado. Sou um homem diabólico. O capitalismo é um sistema perverso. Estaríamos todos muito melhor a apanhar flores e a fazer grinaldas para o cabelo.

Laura pronunciou naquele instante as palavras pelas quais mentira, pelas quais roubara, sequestrara e, por último, percorrera quase dez mil quilómetros para enfrentar Martin Queller.

— Robert David Juneau — disse.

Ele ficou surpreendido de novo, reergueu-se naquele instante e voltou a dirigir-se à audiência.

— Para os que não leem a imprensa do norte da Califórnia, Robert David Juneau era um operário da construção preto que...

— Engenheiro — disse Laura.

Queller olhou para ela, atónito por se ter atrevido a corrigi-lo.

— O Juneau era engenheiro — acrescentou ela. — Estudou em Caltech. Não era pedreiro, embora fosse preto, se é isso que quer mostrar.

Ele começou a mexer o dedo, apontando para ela.

— Permita-me lembrá-la que é você quem se empenha em trazer constantemente à tona o assunto da raça.

— Robert Juneau — prosseguiu Laura — ficou ferido quando estava a visitar uma obra no centro de São Francisco. — Olhou para o público e

tentou que não lhe tremesse a voz ao acrescentar: — Um dos pedreiros cometeu um erro. São coisas que acontecem. Mas Juneau estava no lugar errado no momento errado. Uma viga de ferro bateu-lhe na cabeça, aqui. — Assinalou o crânio e, por um momento, pareceu-lhe sentir nos dedos o tato rugoso da cicatriz de Robert. — O seu cérebro começou a inflamar e, durante a operação a que foi submetido para aliviar o edema cerebral, sofreu uma série de derrames. Os médicos não estavam certos de que fosse recuperar, mas conseguiu caminhar de novo, falar e reconhecer os seus filhos e a sua mulher.

— Sim — disse Martin. — Não é preciso exagerar, nem generalizar nesta história. Sofreu danos graves no lóbulo frontal. A sua personalidade ficou irreversivelmente alterada por causa do acidente. Há quem denomina isso de *síndrome de Jekyll e Hyde*. Juneau era um pai de família competente antes do acidente. Depois, tornou-se violento.

O tom displicente das suas palavras repugnou Laura.

— Gosta de desenhar linhas retas sobre um mundo torcido, não é verdade? — perguntou, e por fim deixou que o seu olhar pousasse em Jane, na primeira fila. Falou para ela porque queria que soubesse a verdade. — O Robert Juneau era um bom homem antes da lesão cerebral. Lutou pelo seu país no Vietname. Licenciou-se na universidade depois de abandonar o exército. Pagava os seus impostos. Poupou, comprou uma casa, pagava as suas faturas, cuidava da sua família, empenhou-se em concretizar o Sonho Americano e... — Ao chegar aqui teve de fazer uma pausa para engolir saliva. — E quando não se conseguiu valer sozinho, quando chegou o momento de o seu país cuidar dele — disse virando-se para Martin —, homens como o senhor disseram-lhe que não.

Queller deixou escapar um suspiro de incómodo.

— É uma história trágica, Maplecroft, mas quem vai pagar os cuidados médicos constantes, vinte e quatro horas por dia? Para isso são necessários três médicos em turnos rotativos, pelo menos cinco enfermeiras e auxiliares, instalações, infraestruturas, seguros sociais, administrativos, porteiros, pessoal de cafetaria, lavandaria e limpeza, e tudo isso multiplicado pelos muitos doentes mentais graves que há nos Estados Unidos. Quer pagar oitenta por cento dos seus rendimentos em impostos como fazem as pessoas aqui, no nosso país anfitrião? Se a resposta é sim, é só mudar-se. Caso contrário, então diga-me de onde tiramos o dinheiro?

— Somos o país mais rico do...

— Porque não desperdiçamos.

— De si! — gritou ela.

O silêncio absoluto que caiu sobre o público estendeu-se também ao palco.

— Que tal tirarmos o dinheiro de si? — acrescentou Laura.

Martin Queller respondeu com um ronco desdenhoso.

— O Robert Juneau foi expulso de seis lares geridos pelos Serviços de Saúde Queller. Cada vez que voltava, inventavam uma nova desculpa para se livrar dele.

— Eu não tenho nada que ver com...

— Sabe quanto custa enterrar três filhos?

Ainda via os seus meninos naquele duro dia de outono. David a sussurrar com uma rapariga ao telefone. Lila no primeiro andar, a ouvir rádio enquanto se vestia para ir às aulas. E Peter a correr pela sala de estar à procura dos seus sapatos.

Bang.

Um só disparo na cabeça acabou com a vida do seu filho mais novo.

Bang, bang.

Duas balas rasgaram o peito de David.

Bang, bang.

Lila escorregou quando corria pelas escadas abaixo. As duas balas atravessaram-lhe a cabeça. Uma delas saiu-lhe pelo pé depois de lhe atravessar o corpo.

Um pedaço da outra ainda estava alojada na coluna vertebral de Laura.

Bateu com a cabeça na lareira ao cair ao chão. O revólver tinha seis balas. Robert tinha-o trazido da guerra do Vietname, onde cumpriu serviço a escavar túneis.

A última coisa que Laura viu naquele dia foi o seu marido a pôr o cano da arma debaixo do queixo e a apertar o gatilho.

— Quanto acha que custam esses funerais? — perguntou a Martin Queller.

— Os caixões, a roupa, os sapatos... Porque é preciso calçar sapatos. Há que pagar os lenços de papel, as parcelas do cemitério, as lápides, o aluguer dos carros fúnebres, os responsáveis de transportarem o caixão e um sacerdote para que abençoe um rapaz de dezasseis anos, uma jovenzinha de catorze e um menino de cinco, todos eles mortos.

Sabia que era a única pessoa capaz de responder àquela pergunta em toda a

sala, porque ela própria tinha passado o cheque.

— Quanto valiam as suas vidas, Martin? Eram mais rentáveis para a sociedade do que o custo de manter um homem doente hospitalizado? A morte dessas três crianças não foi mais do que uma repugnante *correção*?

Martin parecia ter ficado sem palavras.

— E então? — perguntou Laura, e esperou pela sua resposta.

Toda a gente esperava.

— Esse homem serviu no exército — disse Martin. — O Hospital de Veteranos...

— O Hospital de Veteranos tinha pacientes a mais e orçamento a menos — replicou ela. — O Robert esteve um ano em lista de espera. Não havia qualquer hospital psiquiátrico estatal ao qual recorrer porque o financiamento público esgotara-se. No hospital normal era proibida a entrada. Já tinha agredido uma enfermeira e ferido um enfermeiro. Sabiam que era violento, mas ainda assim mudaram-no para um lar porque não havia lugar para ele em lado nenhum. Para uma casa gerida pelos Serviços de Saúde Queller — concluiu.

— Você — disse Martin, o célebre pensador, ao dar-se conta por fim de quem era. — Você não é a Alex Maplecroft.

— Não. — Meteu a mão na sua mala. Tocou no saco de papel.

Bombas de tinta.

Era isso que se supunha que tinha dentro da mala.

Na Califórnia, tinham-se lembrado unanimemente de usar aquelas bombas de tinta vermelha, cujo envoltório, muito plano e fino, se notava menos do que um *pager*. Os bancos costumavam escondê-las dentro de sacos de notas; desse modo, os ladrões ficavam marcados com tinta permanente quando se dispunham a contar o seu dinheiro.

O plano consistia em humilhar Martin Queller aos olhos do mundo inteiro, em manchá-lo com o sangue das suas vítimas.

Mas Laura não acreditava em provérbios desde que os seus filhos morreram às mãos do seu progenitor.

Respirou fundo. Procurou de novo Jane com o olhar.

A rapariga estava a chorar. Mexeu a cabeça e articulou em silêncio, movendo os lábios, as palavras que o seu pai jamais diria: *Lamento*.

Laura sorriu. Confiava que Jane recordaria o que lhe tinha dito no bar. Era estupenda. Encontraria o seu próprio caminho.

O resto aconteceu muito depressa, quiçá porque tinha visto desenvolver-se aquela cena infinitas vezes na sua imaginação. Ou seja, quando não estava a tentar evocar as lembranças dos seus filhos: o cheiro dos pezinhos de David quando era um bebé, o assobio suave que Peter deixava escapar entre os lábios quando pintava com os seus lápis de cor, a testa franzida de Lila quando pensava como enquadrar uma fotografia. Inclusive Robert povoava, às vezes, os seus pensamentos. O homem que tinha dançado ao som do piano de *Jinx Queller* no Hollywood Bowl, antes do acidente. O paciente que desejava com toda a sua alma ficar bem. O interno agressivo do hospital. O problemático expulso de tantos lares. O indigente detido uma e outra vez por furto, por agressão, por embriaguez, por mendicidade agressiva, por escândalo público, por vadiagem, por tendências suicidas, por proferir ameaças terroristas, por ameaçar causar danos físicos a outras pessoas.

Em certo sentido, teve sorte, disse o seu oncologista a Laura depois do tiroteio. *Se a bala tivesse entrado pelas costas três centímetros mais abaixo, o exame não teria detetado o tumor.*

Meteu a mão no saco de papel.

Tinha compreendido, só precisava de tirar o saco de trás do autoclismo da casa de banho, o que segurava não era um pacote de bombas de tinta, mas sim algo melhor.

Um revólver de seis balas, igual ao que o seu marido usara.

Primeiro, disparou a Martin Queller na cabeça.

Depois, apoiou o cano da pistola debaixo do seu queixo e matou-se.

21 DE AGOSTO DE 2018

Andy sentia-se anestesiada, enquanto atravessava Alabama ao volante de um *Reliant K* que a sua mãe guardara em segredo, carregado com dinheiro de procedência desconhecida, para um destino que Laura parecia ter tirado do nada. Ou talvez não. Talvez a sua mãe soubesse perfeitamente o que estava a fazer. Afinal de contas, ninguém guardava numa arrecadação tudo aquilo de que precisava para começar uma vida nova se não tivesse muitas coisas que esconder.

Os documentos falsos. A arma com o número de série apagado. As fotografias dela na neve que ela não se lembrava de ter visto, a dar a mão a uma pessoa da qual não se lembrava.

As Polaroids.

Tinha-as enfiado no saco de praia no porta-bagagem do carro. Poderia ter passado o dia a olhar para elas, a tentar deduzir que horrores sofrera a jovem das fotografias. Socos. Pontapés. Mordidelas. Porque era isso que o rasgão que tinha na perna parecia, uma mordidela, como se um animal lhe tivesse arrancado um bocado de carne.

Aquela jovem era a sua mãe.

Quem é que fizera aquelas coisas horríveis a Laura? E se eram as mesmas pessoas que tinham mandado o *Encapuzado*? E se fossem as mesmas que a andavam a seguir a ela?

Não se estava a esforçar muito para as despistar. Já tinha chegado a Birmingham quando reparou que não tinha desligado os cabos da bateria da carrinha. Laura frisara bem que se devia certificar de que o GPS não estava a funcionar. O GPS funcionava sem o motor estar ligado? A ligação a um satélite parecia uma função própria do computador de bordo, para o qual o computador tinha de estar ligado, logo, o carro também.

Não era?

O sistema de detecção *LoJack* tinha uma bateria própria. Andy sabia-o pelos registos de roubos de veículos que passavam pelas suas mãos no trabalho. Sabia também que os *Ford* tinham um sistema *Sync*, mas para usar o serviço de localização instantânea tinha de se registar e não lhe parecia que um tipo que se dava ao trabalho de tapar todas as luzes do carro estivesse disposto a renunciar ao anonimato só para poder usar os comandos de voz a fim de localizar o restaurante mexicano que ficava mais perto.

Não era?

O que aconteceria se localizassem a carrinha? Tentou imaginar o curso da investigação, tal como fizera enquanto fugia de casa da sua mãe.

Em primeiro lugar, a polícia teria de identificar o *Encapuzado*, ou seja, Samuel Godfrey Beckett. Tendo em conta o seu carácter, era mais que provável que tivesse antecedentes criminais, de maneira que bastaria uma impressão digital para saber o seu nome. Mal soubessem quem era, procurariam a documentação de registo da carrinha e emitiriam um mandado de captura, o que criaria um alerta que apareceria nos ecrãs de todos os carros-patrulha da área metropolitana.

Isto se as coisas se passassem como estava previsto. Porque havia centenas de mandados de captura no ativo, e até os mais urgentes escapavam a muitos agentes da polícia que tinham milhares de coisas para fazer durante os seus turnos de trabalho, como por exemplo tentar que não lhes dessem um tiro. Parar para ler um alerta não era, frequentemente, uma das suas prioridades.

O que não significava necessariamente que pudesse não ter cuidado. Se a polícia não localizasse a carrinha, os bibliotecários, ou muito provavelmente aquele idoso resmungão que falava sobre política, denunciariam a presença de um veículo abandonado. Iriam à polícia, um agente verificaria a matrícula e o número do *chassis*, veria que tinha um mandado de captura, avisaria Savannah e, finalmente, os agentes da polícia científica encontrariam os seus sapatos e a sua camisa do trabalho, bem como as suas impressões digitais e o seu ADN no interior do veículo.

Sentiu o estômago oprimido.

A presença das suas impressões na frigideira podia explicar-se facilmente — era frequente fazer ovos em casa da mãe —, mas roubar a carrinha do morto e atravessar a fronteira de vários Estados considerar-se-iam circunstâncias agravantes, o que significava que, se Palazzolo a acusasse de

homicídio, o procurador pediria a pena de morte.

A pena de morte.

Abriu a boca para respirar quando uma tontura se apoderou dela. Tremiam-lhe outra vez as mãos. Lágrimas grossas escorriam-lhe pela cara. As árvores ficaram desfocadas para lá das janelas do carro. Tinha de se entregar. Não devia fugir. Tinha deixado a sua mãe na mão. Era indiferente que ela própria lhe tivesse dito para se ir embora. Devia ter ficado. Pelo menos, assim não teria estado tão sozinha.

Deixou escapar um soluço.

— Controla-te — ordenou. — Já chega.

Agarrou o volante com força. Pestanejou para dissipar as lágrimas. Laura tinha-lhe dito para ir para Idaho. Tinha de lá chegar. Uma vez em Idaho, assim que atravessasse a fronteira do Estado, poderia ir-se abaixo e passar os dias a chorar até que o telefone tocasse e Laura lhe dissesse que podia voltar para casa. Seguir as ordens da sua mãe era o único modo de sair daquele imbróglio.

Laura também lhe tinha dito para desligar a bateria da carrinha.

— Ora bolas! — murmurou e a seguir, como um eco da voz de Gordon, ouviu-se a dizer: — O que está feito, feito está.

A inevitabilidade daquela afirmação aliviou a angústia que lhe oprimia o peito. E, para além disso, era verdade: o facto de a polícia encontrar ou não a carrinha *Ford*, e o que fizesse posteriormente com ela, eram coisas que escapavam por completo ao seu controlo.

O que realmente a devia preocupar era em que momento exato tinha ativado a navegação anónima do Google na biblioteca. Porque assim que a polícia localizasse a carrinha falaria com os bibliotecários e estes dir-lhe-iam que tinha usado o computador. E embora tivesse a certeza de que os bibliotecários resistiriam (eram, em geral, defensores acérrimos da Primeira Emenda), a polícia demoraria mais ou menos uma hora a conseguir uma ordem judicial para inspecionar o computador, e um informático levaria, aproximadamente, cinco segundos a encontrar o histórico.

Tinha a certeza de que ativara a navegação anónima antes de procurar o nome de Paula Kunde, de Austin, Texas, mas já estava ativada quando procurou como chegar a Idaho?

Não se lembrava.

Segundo aspeto preocupante: e se não fosse a polícia a interrogar os

bibliotecários? E se essas pessoas aparentemente oniscientes que a sua mãe temia mandassem alguém procurar a carrinha do *Encapuzado*, e essa pessoa ou pessoas falassem com os bibliotecários e fossem *elas* a revistar o computador?

Limpou o nariz com a manga e reduziu a velocidade porque, se passasse dos noventa por hora, o *Reliant* começava a fazer barulho como um pacote de guloseimas para gatos.

Tinha posto outras pessoas em perigo de morte ao abandonar a carrinha? Tinha-se posto em perigo a si própria ao procurar a melhor rota para chegar a Idaho? Fez outra tentativa de evocar mentalmente o sucedido nessa manhã. Tinha entrado na biblioteca. Tinha-se servido de café. Tinha-se sentado à frente do computador. Tinha visto em primeiro lugar o jornal de Belle Isle. Ou não? E depois tinha ativado a navegação anónima.

Estava a confiar demasiado na navegação anónima do Google. Parecia muito improvável que algo tão normal pudesse enganar um agente da polícia científica especializado em informática. Certamente, deveria ter eliminado os dados de navegação e os *cookies* como aprendeu a fazer depois de, uma vez, o seu pai ter visto por acaso o monte de cenas eróticas da *Outlander* que vira no seu portátil.

Voltou a limpar o nariz. Tinha as faces a arder. Viu um sinal.

FLORENCE, 8 KM.

Calculou que ia na direção correta, ou seja, algures no canto superior esquerdo do Alabama. Não parara para comprar outro mapa para procurar o caminho até Idaho. Ao sair das arrecadações, o seu único objetivo fora afastar-se o mais possível de Carrollton. Tinha as indicações que escrevera na biblioteca, mas estava-se a guiar principalmente pelo verso do mapa da Geórgia, onde apareciam anúncios de outros mapas. Tinha uma pequena amostra de um intitulado *Estados Unidos da América Continental*, disponível por 5,99 dólares mais despesas de envio. Crescera a consultar mapas parecidos, razão pela qual tinha já mais de vinte anos quando por fim compreendeu como era possível que o Canadá e o Estado de Nova Iorque tivessem em comum as cataratas do Niágara.

O seu plano era o seguinte: passava Alabama, atravessaria um canto do Tennessee, outro do Arkansas, outro do Missouri e um pedaço do Kansas, viraria à esquerda ao chegar a Nebraska, atravessaria Wyoming e depois, se não conseguisse chegar a Idaho de uma vez, daria um tiro em si própria.

Inclinou-se para a frente e apoiou o queixo no volante trémulo. A sua coluna lombar estava feita num oito. As árvores voltaram a ficar esbatidas. Já não chorava, mas estava exausta. As suas pálpebras começavam a fechar-se. Sentia-as pesadas como um fardo.

Obrigou-se a sentar-se direita. Carregou nos grossos botões brancos do rádio. Virou o comando para um lado e para o outro. Só encontrou sermões, noticiários agrícolas e música *country*, embora não da boa, mas sim daquela que dava vontade de enfiar um lápis no ouvido.

Abriu a boca e gritou com todas as suas forças.

Sentiu-se bem, mas não podia passar o resto da vida a gritar.

Em algum momento, teria de dormir. A viagem de cinco horas e meia desde Belle Isle já fora suficientemente extenuante; e ainda era preciso acrescentar as quatro horas e meia de condução desde Carrollton devido ao trânsito, que parecia encontrar inevitavelmente fosse pelo caminho que fosse. Eram quase três da tarde. Salvo as duas horas que dormira no seu apartamento e a sesta no parque de estacionamento do Walmart, podia dizer-se que não dormia desde que se levantou para ir trabalhar há dois dias. Durante esse tempo, tinha sobrevivido a um tiroteio, tinha visto como a sua mãe era ferida, tinha passado uma espera angustiosa às portas do bloco operatório, tinha sido interrogada pela polícia e tinha matado um homem, de modo que ninguém podia estranhar que, dadas as circunstâncias, tivesse vontade de vomitar, de gritar e de chorar, tudo ao mesmo tempo.

Isso para não mencionar a sua bexiga que era como um saco de água quente que trazia dentro do corpo. Só tinha parado uma vez desde que saíra da arrecadação, na beira da estrada. Abrira as duas portas de um dos lados do carro e, escondida entre elas, esperara que o trânsito passasse. Depois, agachara-se para fazer chichi na erva porque a aterrorizava a ideia de se afastar do *Reliant*.

Duzentos e quarenta mil dólares.

Não podia deixar aquele dinheiro no carro enquanto entrava a correr num Burger King, e levar a mala lá para dentro seria como levar um letreiro de néon a dizer *rouba-me*. Que demónios fazia Laura com tanto dinheiro? Quanto tempo teria demorado a poupar uma verba daquelas?

Dedicava-se a assaltar bancos?

Não era uma pergunta assim tão descabelada. Isso explicaria a existência do dinheiro, o documento canadiano em nome de D. B. Cooper, quiçá até a

pistola no porta-luvas.

Sentiu o coração aos saltos ao pensar na pistola.

O problema era que os ladrões de bancos raramente ficavam impunes. Assaltar um banco implicava um risco enorme e as suas compensações eram muito baixas, porque o FBI se encarregava de todas as investigações relacionadas com fundos garantidos pelas autoridades federais. Julgava que a origem dessa lei tinha algo a ver com Bonnie e Clyde ou com John Dillinger, ou talvez fosse simplesmente uma forma de o governo federal se assegurar de que as pessoas soubessem que o seu dinheiro estava a salvo.

E, francamente, não imaginava a sua mãe com uma máscara a assaltar um banco.

Claro que, antes do tiroteio no restaurante, também não a imaginava a esfaquear um rapaz no pescoço.

De facto, não imaginava a sua mãe, sempre tão sensata e prudente, a fazer muitas das loucuras que tinha visto Laura fazer naquelas últimas trinta e seis horas. O *nécessaire* escondido, a chave escondida atrás da fotografia, a arrecadação, a caixa de sapatos *Thom McAn*.

O que a fez pensar de novo na sua fotografia em criança na neve.

Eis a pergunta crucial: Laura sequestrara-a quando era bebé? Viu-a sozinha num carrinho de compras ou num parque infantil e decidiu levá-la para casa?

Deu uma vista de olhos ao retrovisor e ao ver a forma dos seus olhos, tão parecida com a dos olhos de Laura, não teve dúvidas de que era sua mãe.

As *Polaroids* mostravam Laura magoada e com o lábio aberto. Havia a possibilidade de Jerry Randall ser um canalha. Talvez, em 1989, maltratasse Laura e ela, desesperada, tivesse fugido levando consigo a filha pequena. Talvez andasse à procura delas desde então.

O que parecia um filme de Julia Roberts. Ou de Jennifer Lopez. Ou de Kathy Bates. Ou de Ashley Judd, Keri Russell, Ellen Page...

Andy suspirou.

Havia um monte de filmes a respeito de mulheres que se fartavam de que os homens lhes batessem.

Mas as *Polaroids* demonstravam que a sua mãe fora gravemente agredida, de modo que a sua suposição talvez não fosse assim tão descabida.

Deu por si a abanar a cabeça.

Laura não dissera que *ele* a podia encontrar. Falara no plural: *eles*.

No cinema, esse *eles* costumava referir-se a empresas malvadas,

presidentes corruptos ou multimilionários sedentos de poder com um capital ilimitado à sua disposição. Tentou imaginar cada um desses cenários, situando a sua mãe no centro de uma vasta conspiração. E, em seguida, chegou à conclusão de que devia deixar de usar o Netflix como referência em matéria criminal.

Estava prestes a chegar à saída de Florence. Não podia voltar a urinar na beira da estrada. Não almoçara porque não suportava a ideia de voltar a comer um hambúrguer dentro do carro. A parte do seu cérebro que ainda era capaz de pensar dizia-lhe que não podia fazer a viagem até Idaho de uma vez, trinta horas seguidas sem dormir. Em algum momento, teria de parar num hotel.

E, de passagem, decidir o que fazer com o dinheiro.

Sem dar pelo que fazia, pôs o intermitente e seguiu pela saída de Florence. Há tantas horas que funcionava com a adrenalina que já quase não tinha forças para se mexer. Passada a saída viu cartazes que indicavam seis hotéis diferentes. Virou à direita no semáforo porque era o mais simples. Parou no primeiro motel porque foi o primeiro que encontrou. Preocupar-se com a higiene e a segurança de um estabelecimento como aquele eram luxos do passado.

Ainda assim, o seu coração acelerou quando saiu do *Reliant*. O motel, um atarracado edifício de betão de dois andares, com uma longa varanda cujo corrimão ornamentado percorria por completo o andar de cima, era típico dos anos setenta. Tinha estacionado de marcha-atrás, deixando o carro atravessado para não perder de vista a parte de trás. Agarrou com força o *nécessaire* quando entrou no *hall*. Deu uma vista de olhos ao telemóvel. Laura não tinha ligado. De tanto olhar para o ecrã, já gastara metade da bateria.

A rececionista era uma senhora de idade com o cabelo encaracolado e volumoso. Sorriu a Andy. Ela olhou para trás para dar uma vista de olhos ao carro. O *hall* estava rodeado de grandes janelas. O *Reliant* continuava no seu lugar, intacto. Não sabia se parecia suspeita a olhar de um lado para o outro, mas também não se importava, naquele momento só se queria deitar.

— Olá — disse a rececionista. — Temos quartos no andar de cima se quiser um.

Andy sentiu que os seus últimos vestígios de lucidez começavam a dissipar-se. Ouviu o que a mulher disse, mas não foi capaz de entender.

— A não ser que prefira no rés-do-chão — acrescentou a rececionista, indecisa.

Andy sentia-se incapaz de tomar uma decisão.

— Hã... — Tinha a garganta tão seca que mal conseguia falar. — Está bem.

A mulher tirou uma chave de um gancho da parede.

— Quarenta dólares por duas horas — disse. — Sessenta por toda a noite.

Andy procurou no *nécessaire*. Tirou várias notas de vinte.

— Toda a noite, então. — A rececionista devolveu-lhe uma nota e deu-lhe o livro de registo. — Nome completo, a matrícula, a marca e o modelo do carro. — Olhou para o carro por cima do ombro de Andy. — Meu Deus, há séculos que não via um desses. No Canadá continuam a fabricá-los, não é? O seu parece novinho em folha.

Andy anotou os dados do carro. Teve de olhar três vezes para a matrícula para a anotar na ordem correta.

— Está bem, querida?

Sentiu um cheiro a batatas fritas e o estômago rugiu-lhe. Havia um restaurante contíguo ao hotel. Bancos de vinil vermelho e superfícies cromadas em abundância. A sua barriga voltou a dar horas.

O que era mais importante, comer ou dormir?

— Querida?

Andy virou-se para ela. Era óbvio que tinha de dizer alguma coisa.

A rececionista inclinou-se sobre o balcão.

— Está tudo bem, coração?

Fez um esforço para engolir em seco. Não podia agir de maneira estranha num momento assim. Convinha não chamar a atenção.

— Obrigada — balbuciou. — Estou cansada, mais nada. Venho de... — Tentou pensar num lugar que fosse longe de Belle Isle, e finalmente acrescentou: — Conduzi o dia todo. Vou visitar os meus pais. A I... Iowa.

A mulher riu-se.

— Ui, pois acho que se enganou em mais novecentos quilómetros, no mínimo.

Merda.

Tentou outra vez.

— O carro é da minha avó. — Espremeu o cérebro à procura de uma mentira convincente. — Quero dizer que estava na praia. Em Alabama. Na

costa do golfo. Numa aldeia chamada Mystic Falls.

Meu Deus, estava a falar à toa. Mystic Falls aparecia em *Diários do Vampiro*.

— A minha avó não consegue estar parada — acrescentou. — Sabe como é, uma dessas pessoas que...

— Sei o que é não conseguir estar parada. — Deu uma vista de olhos ao nome que Andy escrevera no livro de registo. — Daniela Cooper. Que bonito.

Andy olhou-a sem pestanejar. Porque é que tinha escrito aquele nome?

— Querida, talvez deva descansar um bocado. — Empurrou a chave sobre o balcão. — Primeiro andar, ao canto. Acho que aí vai estar mais à vontade.

— Obrigada — conseguiu balbuciar Andy.

Estava outra vez à beira do pranto quando voltou a sentar-se ao volante do *Reliant*. O restaurante ficava tão perto... Devia comprar alguma coisa para comer. Doía-lhe tanto o estômago que já não sabia se tinha fome ou se estava a ficar doente.

Voltou a descer. Segurando o *nécessaire* com as duas mãos, percorreu os vinte passos que a separavam do restaurante. O sol dava-lhe em cheio na cabeça. O calor fazia-a suar. Parou à porta. Lançou um olhar ao carro. Devia tirar a mala? Pareceria esquisito tirá-la? Podia levá-la primeiro para o seu quarto, mas como a ia deixar ali quando...?

O restaurante estava vazio quando entrou. Só lá estava a empregada, a ler um jornal ao balcão. Andy entrou primeiro na casa de banho das senhoras: a sua bexiga não lhe deixou escolha. Tinha tanta pressa que não lavou as mãos. O carro continuava no mesmo sítio quando saiu da casa de banho. Não havia nenhum homem de boné azul e calças de ganga a olhar pelas janelas. Ninguém estava a correr com uma mala *Samsonite* de 1989 na mão.

Ocupou um lugar perto do vidro que dava para o parque de estacionamento e colocou o *nécessaire* entre as pernas. A ementa era enorme e havia de tudo, de *tacos* a frango frito. Via as palavras, mas estava demasiado cansada para as entender. Impossível tomar uma decisão. Podia pedir ao acaso, mas só conseguiria chamar ainda mais a atenção. Devia ir-se embora, procurar outro motel onde não se comportasse como uma idiota. Ou podia simplesmente apoiar a cabeça nas mãos e ficar ali uns minutos, a saborear o ar condicionado, enquanto tentava pôr as ideias em ordem.

— Querida?

Andy levantou a cabeça da mesa, desorientada.

— Está estafada, não está? — disse a rececionista do motel. — Coitadinha. Disse-lhes para a deixarem dormir.

Sentiu um nó no estômago. Voltara a adormecer. Em público, outra vez. Baixou o olhar. O *nécessaire* continuava entre as suas pernas. Havia saliva na mesa. Limpou-a com um guardanapo e secou a boca com a mão. Tudo parecia vibrar à sua volta. Tinha a sensação de que lhe estavam a triturar o cérebro num liquidificador.

— Querida — disse a mulher —, acho que devia ir já para o quarto. Aqui começa a haver confusão.

O restaurante estava vazio quando entrou. Agora, pelo contrário, estava a encher.

— Desculpe — disse.

— Está tudo bem. — Deu-lhe umas palmadinhas no ombro. — Pedi à Darla para lhe preparar alguma coisa para comer. Prefere comer aqui ou levar para o quarto?

Andy olhou-a com estupefação.

— Leve para o quarto — instou a rececionista. — Dessa forma pode voltar a dormir assim que acabar.

Andy assentiu em silêncio, agradecida por alguém lhe dizer o que tinha de fazer.

Então lembrou-se do dinheiro.

Esticou o pescoço para olhar para o carro. O *Reliant* azul continuava estacionado em frente da entrada do motel. Será que alguém tinha aberto o porta-bagagem? Será que a mala continuava no seu lugar?

— O seu carro está perfeitamente. — A mulher passou-lhe uma caixa de esferovite. — Pegue na sua comida. O seu quarto é o último do andar de cima. Não gosto de pôr raparigas jovens no rés-do-chão. As velhas como eu podem gostar que um desconhecido lhes bata à porta, mas a menina... — Deixou escapar um riso gutural. — Fique descansada, que vai estar lindamente.

Andy pegou na caixa, que pesava como um bloco de cimento, e pôs o *nécessaire* em cima. Tinha as pernas a tremer quando se levantou. A sua barriga continuava a fazer barulho. Ignorou as pessoas que olhavam para ela com curiosidade e dirigiu-se ao parque de estacionamento. Custou-lhe meter a chave para abrir a mala. Foi incapaz de decidir o que levar para o quarto, de

maneira que pendurou a mala ao ombro, pôs o saco-cama debaixo do braço, agarrou a alça da mala e, carregada como uma mula, segurou em equilíbrio a precária torre que a caixa de comida e o *nécessaire* formavam.

Conseguiu chegar ao patamar das escadas sem ter de reposicionar a sua carga. Sentia os ombros flácidos. Ou ainda estava estafada ou tinha perdido toda a massa muscular por passar quase dez horas sentada no carro.

Foi olhando para os números dos quartos enquanto percorria o longo corredor do andar de cima. Em frente de algumas portas havia grelhadores da marca japonesa Hibachi escurecidos, latas de cerveja vazias e caixas gordurosas de piza. Cheirava fortemente a fumo. Aquilo lembrou-lhe da sua mãe a pedir um cigarro ao auxiliar à porta do hospital.

De repente, sentiu falta do tempo em que a sua maior preocupação era que a sua mãe segurasse um cigarro entre o indicador e o polegar como uma drogada.

Abriu-se uma porta atrás dela. Uma mão deixou cair uma caixa de piza vazia sobre o chão de betão do corredor. A porta fechou-se com estrondo.

Andy tentou acalmar-se. Respirou fundo e expirou. Reposicionou o saco-cama que levava debaixo do braço. Evocando o espírito do seu pai, tentou fazer uma lista de coisas que não podia continuar a fazer. Uma era parar de sobressaltar-se sempre que ouvia um barulho. Segundo, parar de adormecer em lugares públicos (estava visto que era bem mais fácil de dizer do que de fazer). Três, decidir o que fazer com o dinheiro. Quatro, localizar outra biblioteca para ler o *Belle Isle Review*. Cinco, parar de se portar de maneira estranha porque, se por acaso a polícia estivesse a segui-la, qualquer possível testemunha pensaria de imediato nela.

E então conseguiriam o nome de Daniela Cooper e os dados do carro, e tudo teria acabado.

Deu uma vista de olhos à estrada. Havia um bar do outro lado da rua, com letreiros de néon nas janelas. O parque de estacionamento estava repleto de carrinhas. Ouviu o ténue barulho da música *honky-tonk*. Naquele momento, tinha tanta vontade de beber um copo que o seu corpo se inclinou para o bar como uma planta à procura de sol.

Pousou a mala no chão e abriu a porta do quarto. Era o tipo de motel sórdido que Laura costumava reservar para as férias, quando ela era pequena. A janela dava para o parque de estacionamento. O ar condicionado emitia um barulho suave. Havia duas camas médias cobertas com colchas de aspeto

pegajoso e uma mesa de plástico com duas cadeiras. Sentiu alívio ao deixar a pesada caixa de comida sobre a mesa. Na cómoda havia lugar para a mala. Colocou-a lá em cima. Largou a carteira, o *nécessaire* e o saco-cama sobre a cama. Desceu a persiana e correu totalmente a fina cortina opaca. Ou, pelo menos, tentou. O varão da cortina acabava um par de centímetros antes da janela, e a luz entrava pela nesga.

Na parede havia uma televisão de ecrã de plasma, cujos cabos estavam pendurados como brincos. Por puro costume, procurou o comando e ligou o aparelho.

A CNN. O homem do tempo estava em frente de um mapa. Andy nunca ficara tão contente ao ver um alerta de furacões.

Tirou o volume. Sentou-se à mesa. Abriu a caixa de esferovite.

Frango frito, puré de batata, feijão verde e um *muffin* de milho. Deveria ter sentido nojo, mas o seu estômago entoou uma aleluia.

Não tinha talheres, mas era um dilema que não lhe era alheio. Usou a perna de frango para comer o puré de batata, depois comeu o frango e a seguir comeu o feijão verde com os dedos e usou o *muffin* como esponja para comer os pedaços de pele de frango e o molho do feijão verde que ainda restavam. Só ao fechar a caixa vazia viu como as suas mãos estavam sujas. Tinha-as lavado pela última vez no duche do seu apartamento, e a coisa mais limpa em que tocara desde então fora, provavelmente, a secretária da arrecadação secreta de Laura.

Olhou para a televisão e viu como, quase de propósito, a previsão do tempo tinha dado lugar a uma notícia sobre a sua mãe. Uma imagem fixa do vídeo do restaurante mostrava Laura a levantar as mãos para contar as balas à frente de Jonah Helsinger.

Que forma tão estranha de o fazer: quatro dedos com a mão esquerda e um com a direita. Porque é que não mostrara uma só mão: cinco dedos para cinco balas?

De repente, no ecrã apareceu uma fotografia. O seu coração saltou ao ver Laura. A sua mãe usava o vestido que levava sempre às festas: um vestido preto simples e um lenço de seda às cores. Andy ajoelhou-se em frente da televisão para observar os detalhes. Laura tinha um lado do peito plano e o cabelo curto. Por trás dela via-se uma estrela acesa, um enfeite de uma árvore de Natal. A mão pousada sobre a sua cintura devia ser a de Gordon, embora ele não aparecesse no ecrã. Certamente, era uma fotografia da festa de Natal

do escritório do ano anterior. Laura nunca perdia aquelas festas, nem sequer quando ela e Gordon andavam às turras. Sorria para a câmara com uma expressão ligeiramente reticente que Andy denominava como o seu Modo Esposa de Gordon.

Voltou a aumentar o volume.

— ...no caso improvável de que isso aconteça. Ashleigh?

Perdera a notícia. A câmara deu lugar a Ashleigh Banfield, que disse:

— Obrigado, Chandra. Temos notícias sobre um tiroteio ocorrido no condado de Green, Oregon.

Tirou de novo o volume. Sentou-se à beira da cama. Viu que a cara de Ashleigh Banfield ocupava um dos lados do ecrã, ao lado de uma imagem de uma casa em ruínas rodeada por uma equipa das forças especiais da polícia. A legenda dizia: *Um homem mata a sua mãe e os seus dois filhos, retém a sua esposa ferida como refém e exige piza e cerveja.*

Outro tiroteio.

Andy foi mudando de canais. Queria rever a foto de Laura, ou um vislumbre da mão de Gordon. MSNBC. Fox. Canais de notícias locais. Todos eles mostravam o cerco ao vivo àquele tipo que queria piza após assassinar quase toda a sua família.

Aquilo era bom ou mau? Não o assassinato, claro, mas sim o facto de os canais de televisão cobrirem a notícia ao vivo. Significava que se tinham esquecido de Laura? Que tinham encontrado outra «máquina de matar» a quem prestar atenção?

Começou a abanar a cabeça inclusive antes de formular a pergunta óbvia: porque é que nenhum daqueles canais informava que fora encontrado o cadáver de Samuel Godfrey Beckett no *bungalow* de praia de Laura Oliver? Era uma notícia bombástica. A vítima morrera de uma pancada de frigideira, provavelmente desferida por uma mulher que umas horas antes matara o filho de um polícia.

E, no entanto, nos comentários que desfilavam na parte debaixo do ecrã só apareciam os títulos do costume: outro senador que era demitido — provavelmente devido a um escândalo de abusos sexuais —, outro pistoleiro abatido pela polícia, outra subida das taxas de juro e do custo dos serviços de saúde, outra queda da bolsa.

Mas nada a respeito do *Encapuzado*.

Franziu o sobrolho. Tudo aquilo era ilógico. Teria Laura arranjado alguma

maneira de impedir que a polícia entrasse em casa? Mas poderia tê-lo feito? A mensagem que ela tinha enviado para o 911 era justificção suficiente, aos olhos da lei, para que a polícia deitasse a porta abaixo. Porque é que não havia uma manchete que indicava que *Máquina de Matar ataca de novo*? Inclusive tendo em conta o cerco policial ao assassino de Oregon, a última imagem de Laura que deveria aparecer nas notícias seria a sua fotografia policial ou, pior ainda, a gravação da sua entrada na prisão algemada, não uma foto de uma festa de Natal.

Tantas perguntas perturbavam-na.

Deixou-se cair de costas na cama. Fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, não entrava luz pela fresta da cortina corrida. Olhou para o relógio: eram nove e meia da noite.

Deveria voltar ao sono, mas os seus olhos recusavam fechar-se. Olhou fixamente para as manchas castanhas no teto falso barato. O que é que a sua mãe estaria a fazer? Estaria em casa? Ou a falar com Gordon na prisão, separados por um grosso painel de vidro? Virou a cabeça para olhar para a televisão. Apesar das horas que tinham decorrido, continuavam a informar sobre o cerco policial em Oregon. Apurou o olfato. A colcha cheirava como se se tivesse deitado um urso nela. Cheirou as axilas.

Puf!

O urso era ela.

Verificou a fechadura da porta. Correu o trinco e encaixou uma cadeira debaixo da maçaneta. Ainda assim, alguém podia entrar pela janela, que era de bom tamanho mas, se alguém se desse a esse trabalho, estaria perdida de qualquer forma. Tirou as calças, a *t-shirt* e as cuecas. O sutiã dava nojo, e os aros tinham-lhe esfolado a pele debaixo das axilas. Colocou-o no lavatório e abriu a torneira de água fria.

O sabonete do motel era do tamanho de uma pedrinha e cheirava aos últimos despojos de um ramo de flores moribundo. Meteu-se no duche e, entre o sabonete e o champô, a pequena casa de banho adquiriu o cheiro de um bar de alterne. Pelo menos, Andy achava que era assim que cheirava um bar de alterne.

Fechou a torneira do duche. Limpou-se com a toalha do motel, que tinha a espessura e a textura de uma folha de papel. O sabonete desfez-se entre as suas mãos ao esfregar o sutiã. Ao voltar ao quarto, aplicou o malcheiroso creme corporal do motel. Limpou as mãos à toalha para tirar o creme e depois

voltou a lavá-las para tirar a penugem da toalha.

Estendeu o saco-cama sobre a cama. Abriu o fecho lateral. Era grosso, recheado com uma espécie de espuma sintética e coberto por uma capa de *nylon* impermeável. O forro interior era de flanela. Em Belle Isle não seria preciso um saco como aquele, de maneira que, afinal de contas, talvez a sua mãe não tivesse descartado Idaho.

Abriu a mala e tirou a fila de cima dos maços de notas de vinte dólares. Dez em comprimento e três em largura por dois mil dólares em cada fila dava... montes de dinheiro, demasiado para ser escondido dentro de um saco-cama.

Colocou os maços em fila sobre o fundo do saco. Alisou o *nylon* e subiu o fecho. Começou a enrolar o saco a partir dos pés, mas o dinheiro amontoou-se. Respirou fundo. Voltou a desenrolar o saco. Enfiou a mão lá dentro e deslocou os maços para o centro. Enrolou o saco com muito cuidado começando por cima, prendeu-o com uma tira de velcro e retirou-se para contemplar a sua obra.

Parecia um saco-cama.

Avaliou o peso. Pesava mais do que um saco normal, mas não tanto para levar alguém a suspeitar de que continha uma pequena fortuna.

Virou-se para a mala. Restava um terço do dinheiro. Os maus dos filmes acabavam sempre por esconder o dinheiro no cacifo de alguma estação de comboios. Mas duvidava que houvesse uma estação de comboios em Florence, Alabama.

O melhor seria dividi-lo. Certamente deveria esconder uma parte no carro. Dentro da roda sobresselente, debaixo do porta-bagagem, haveria espaço suficiente. Desse modo, se por algum motivo tivesse de se separar do saco-cama, poderia meter-se no carro num abrir e fechar de olhos sabendo que dispunha de dinheiro. Por essa mesma razão, teria de guardar parte do dinheiro na carteira. Só que a sua carteira ficara no apartamento.

Procurou o bloco de papel do motel. Escreveu *carteira* na folha de cima, e a seguir *sabonete, creme, sutiã*.

Esvaziou inesperadamente o saco branco da praia. Uma lanterna. Pilhas. Três romances de bolso por ler de há aproximadamente mil anos. Havia pensos rápidos no *kit* de primeiros socorros. Pôs um no arranhão da canela que, lembrou-se de repente, fizera com o pedal da bicicleta. Limpou as bolhas com uns toalhetes ensopados em álcool. Mas precisaria de mais do que

pensos rápidos para poder voltar a enfiar os pés nuns sapatos, que não fossem umas *Crocs*. Um corte que tinha num dos lados do pé estava com mau aspeto. Pôs outro penso rápido e esperou que não piorasse.

Ao ver um rolo de ligaduras teve uma ideia. Podia pôr parte do dinheiro à volta da cintura e vendá-lo com a ligadura. Seria incómodo para conduzir, mas não era má ideia levar consigo algum dinheiro.

Ou era? Lembrou-se de uma notícia que ouvira na rádio a respeito de polícias de zonas rurais que paravam as pessoas e lhes confiscavam o dinheiro. Apreensão indevida. E a matrícula canadiana convertia-a num alvo perfeito.

Abriu o fecho do *nécessaire*. Abriu o telemóvel. Nenhuma chamada não atendida.

Tirou a carteira de plástico preta com a carta de condução de Daniela Cooper. Trouxera consigo os documentos canadianos, o cartão de saúde e os papéis do carro ao sair da arrecadação. Observou a fotografia da sua mãe. Sempre pareceram mãe e filha. Até os desconhecidos corroboravam. Os seus olhos denunciavam-nas, mas, para além disso, tinham a cara em forma de coração e o cabelo do mesmo tom castanho. Tinha-se esquecido de que antes a sua mãe costumava ter o cabelo mais escuro. Após a quimioterapia, tinha-lhe crescido de um branco sumptuoso. Agora usava-o curto, muito elegante, mas na foto da carta de condução o cabelo chegava-lhe até aos ombros. Andy também o usava comprido, mas sempre apanhado numa trança porque era demasiado preguiçosa para o arranjar.

Olhou-se ao espelho que havia em frente da cama. Estava abatida. Tinha umas olheiras profundas. A Andy do espelho aparentava mais de trinta e um anos, disso não tinha dúvida, mas será que podia passar pela mulher da fotografia? Levantou a carta de condução. Percorreu-a com o olhar. Alisou o cabelo molhado. Baixou a franja. Desse modo, aparentava ter mais vinte e quatro anos do que tinha ou ao contrário?

Só havia um modo de verificar.

Enxaguou o sutiã no lavatório. O sabonete do motel tinha-o impregnado de um cheiro rançoso como o do ânus de Miss Havisham, a personagem de Dickens, mas sempre estava um pouco melhor. Ao esfregá-lo com a toalha para o secar, ficou cheio de fiapos brancos. Secou-o com o secador até ficar só ligeiramente húmido. Depois secou o cabelo dando-lhe mais volume do que de costume, pô-lo para a frente e penteou-o imitando o estilo de Laura na

fotografia da carta de condução. Vestiu outras calças e outro polo branco. Fez uma careta de dor ao voltar a calçar as *Crocs*. Precisava de meias e de uns sapatos a sério. E de fazer uma lista para não se esquecer de nada.

Pegou num maço de notas de vinte, dividiu-o em dois e meteu metade em cada bolso de trás. As calças eram antigas, de uma época em que os fabricantes incluíam bolsos funcionais nos modelos de mulher. Ainda assim, as notas avultavam como telemóveis grandes. Guardou um dos maços no bolso da frente. Olhou-se ao espelho. Assim estava melhor.

Pegou em vários maços e escondeu-os entre o colchão e o estrado. Envolheu outros tantos na toalha húmida e colocou-a esmeradamente sobre o chão da casa de banho. Pôs os restantes ao fundo do saco de praia e colocou em cima os livros, o *kit* de primeiros socorros e o *nécessaire*.

Feito isto, só restava uma fila de notas no fundo da mala. Dez em largura e três em comprimento vezes duas mil era... um monte de dinheiro para guardar numa mala. Não teve outro remédio a não ser fechá-la e deixá-la à vista. Com um pouco de sorte, se alguém entrasse no quarto ficaria tão contente ao descobrir o dinheiro na *Samsonite* que não procuraria o resto.

Pendurou a carteira ao ombro e saiu do quarto. O ar da noite bateu-lhe na cara como a baforada de calor súbita de um forno ao abrir. Percorreu o parque de estacionamento com o olhar enquanto descia as escadas. Havia várias furgonetas, uma carrinha vermelha com um autocolante de Trump de um lado e uma bandeira confederada do outro, e um *Mustang* dos anos noventa com o para-choques da frente preso com fita adesiva.

O restaurante estava fechado. As luzes do escritório do motel continuavam acesas. Calculou que fossem quase dez da noite. O homem que atendia ao balcão estava absorto no seu telemóvel.

Sentou-se ao volante do *Reliant* e levou o carro até ao extremo do parque de estacionamento. O edifício tinha luzes de emergência, mas várias lâmpadas estavam fundidas. Aproximou-se do porta-bagagem do carro e abriu-o. Depois de verificar que ninguém estava a olhar, levantou o fundo da mala.

Meu Deus.

Mais dinheiro, centenas de dólares distribuídos à volta do pneu sobresselente.

Voltou a colocar rapidamente o tapete da mala. Fechou a porta e apoiou a mão na traseira do carro. O coração batia-lhe a mil à hora debaixo das

costelas.

Devia estar contente por a sua mãe ter dividido o dinheiro tal como ela tinha pensado fazer, ou assustar-se com o facto de Laura, com precauções infinitas, ter escondido mais de meio milhão de dólares na mala de um carro não rastreável?

Perguntou-se então onde encaixava ela no plano de fuga de Laura, porque tudo o que tinha descoberto até ao momento indicava que os seus preparativos estavam pensados para uma só pessoa.

Por conseguinte, não lhe restou outro remédio senão perguntar-se qual daquelas duas mulheres era mesmo a sua mãe: a que lhe tinha dito para a deixar em paz, ou a que tinha afirmado que tudo quanto tinha feito na sua vida o fizera por ela.

— Muito bem — murmurou baixinho, consciente de que, embora tivesse feito por fim essa pergunta, estava disposta a não voltar a pensar no assunto.

A nova Andy — a que fazia cálculos, planeava itinerários de viagem, ponderava as consequências dos seus atos e resolvia os problemas de dinheiro — estava a deitar por água abaixo a antiga Andy, que precisava com urgência de um copo.

Com o saco de praia ao ombro, atravessou a rua e dirigiu-se ao bar que havia em frente do motel. No parque de estacionamento havia uma dúzia de carrinhas, todas elas com letreiros de lado: Canalizador Joe, Serralheiro Bubba, Cortador de relva Knepper. Deu uma vista de olhos a este último, que ao que parece pertencia a um jardineiro. O logótipo — um gafanhoto com bigode que segurava uma tesoura de podar — proclamava *Mantemos o seu jardim em forma*.

Todos os ocupantes de local levantaram o olhar quando atravessou a porta. Tentou aparentar normalidade, mas era difícil tendo em conta que não havia mais mulheres na sala. Num recanto, uma televisão vociferava. Um programa de desporto. Os clientes estavam sentados sozinhos ou aos pares. Junto à mesa de bilhar havia dois homens de pé. Deixaram de jogar, com os tacos no ar, para vê-la avançar pelo estabelecimento.

Só havia um cliente sentado ao balcão, com o olhar fixo na televisão. Andy sentou-se o mais longe possível dele, com o traseiro a transbordar do banco e o saco encaixado entre o braço e a parede.

O *barman* aproximou-se, colocando um pano branco sobre o ombro.

— O qu'ê que vai ser, boneca?

Que não me chames boneca.

— Vodca com gelo — respondeu porque, pela primeira vez desde os tempos da universidade, podia esquecer as dívidas e pedir o que lhe apetecesse.

— Mostras-me a identificação?

Procurou a carta de condução de Laura no *nécessaire* e tirou-a.

O *barman* deu uma olhadela rápida.

— Com que então vodca com gelo, hã?

Andy ficou a olhar para ele.

O empregado serviu-lhe a bebida pondo muito mais gelo do que ela queria.

Pagou-lhe com uma nota de vinte dólares que tirou do bolso de trás, esperou que se afastasse e depois tentou não se lançar sobre o vodca como um animal selvagem sedento. *Shots de personalidade*, era assim que as suas colegas de apartamento chamavam aos primeiros copos da noite. Coragem em estado líquido. Chamasse como se chamasse, o objetivo era silenciar aquela vozinha interior que nos lembrava de tudo o que nos corria mal na vida.

Bebeu o vodca de um gole. O ardor do álcool ao deslizar pela sua garganta fez com que os músculos dos ombros relaxassem pela primeira vez em décadas, ou pelo menos era o que lhe parecia.

O *barman* voltou com o troco. Andy deixou-o sobre o balcão e apontou para o copo com uma inclinação de cabeça. O *barman* serviu-lhe outro e apoiou-se no balcão para ver televisão. Um tipo meio careca e de fato falava sobre a possibilidade de despedirem um treinador de futebol americano.

— Merda! — murmurou o homem sentado ao fundo do balcão. Coçou o queixo, áspero pela barba que começava a crescer, e Andy reparou na sua mão quase sem querer. Os seus dedos eram longos e finos, como o resto da sua pessoa. — Não acredito no que este cretino acaba de dizer.

— Queres que desligue? — perguntou o *barman*.

— Pois claro. Para que é que vou continuar a ouvir esse lixo?

O tipo tirou o boné de basebol cor de vinho e pousou-o sobre o balcão. Passou os dedos pela trunfa espessa. Depois virou-se para ela e Andy ficou boquiaberta.

Alabama.

O do hospital.

Tinha a certeza.

— Eu conheço-te — disse ele, apontando com o dedo. — Não te conheço? Conheço?

O medo fê-la fechar a boca inesperadamente.

O que é que aquele tipo estava a fazer ali? Tinha-a seguido?

— Estavas no... — acrescentou ele, e levantou-se. Era mais alto e mais magro do que Andy se lembrava. — Andas a seguir-me?

Pegou no boné e avançou para ela.

Andy lançou um olhar à porta. Aquele tipo ia para ali. Estava a aproximar-se. Estava bem em frente dela.

— És a mesma, não és? — Esperou uma resposta que Andy não conseguia dar. — A do hospital?

Andy colou as costas à parede. Estava encurralada.

O semblante do homem passou de aborrecimento a preocupação.

— Estás bem?

Ela não conseguiu responder.

— Ouve, meu — disse Alabama ao *barman* —, o que é que lhe deste?

O *barman* pareceu ofendido.

— Que raios é que estás...?

Alabama levantou a mão, mas não afastou os olhos de Andy.

— Desculpa — disse. — O que é que andas aqui a fazer?

Ela não conseguia falar, nem sequer conseguia engolir em seco.

— A sério, minha menina, andas a seguir-me?

O *barman* tinha-se posto a ouvir.

— É canadiana — disse como se isso ajudasse a esclarecer as coisas.

— Canadiana? — Alabama tinha cruzado os braços. Parecia inquieto. — Que coincidência mais estranha. Vi esta mesma rapariga ontem em Savannah — disse ao *barman*. — Já te disse que a minha avó estava internada, que tive de ir visitá-la. E agora aqui está outra vez a mesma rapariga que vi à saída do hospital. É curioso, não é?

O *barman* assentiu.

— Bem curioso, sim.

— Vais dizer alguma coisa ou não? — perguntou Alabama a Andy.

— Sim — disse o *barman*. — O que é que se passa, miúda? Andas a seguir este tipo? Mas olha que podia ser pior — acrescentou dirigindo-se a Alabama.

— Isto não tem graça, meu. Explica-te, porco-espinho — disse a Andy. —

Ou queres que chame a polícia?

Andy não podia permitir que chamasse a polícia.

— Eu... Não sei — disse, e em seguida compreendeu que aquilo não chegava. — Fui visitar a minha mãe — acrescentou. — E...

Bolas, bolas, bolas. O que é que podia dizer? Como é que se ia safar daquele sarilho?

O Gordon que havia em si deu-lhe a solução: podia dar a volta à situação.

— O que é que *tu* estás aqui a fazer? — perguntou tentando infundir força à sua voz.

— Eu?

— Eu só estou de passagem — afirmou, fingindo-se indignada. — Porque é que *tu* me andas a seguir a *mim*?

A pergunta pareceu surpreendê-lo.

— O quê?

— Sim, tu — disse. Afinal de contas, a presença de Alabama naquele bar era tão inexplicável como a sua. — Eu fui visitar os meus pais e agora estou a voltar para casa. É por isso que estou aqui. — Endireitou os ombros. — E tu? Porque é que *tu* estás aqui?

— Porque é que estou aqui? — Ele levou o braço atrás com se fosse pegar em alguma coisa.

Andy temeu que fosse tirar um distintivo da polícia ou, pior ainda, uma pistola. Mas o que tirou foi a sua carteira. Não continha uma insígnia policial, mas sim a sua carta de condução. Pôs-lha à frente da cara.

— Eu vivo aqui.

Andy leu o nome.

Michael Benjamin Knepper.

— Mike Knepper — apresentou-se ele. — O K é mudo.

— O K de Mike? — brincou ela sem conseguir evitar.

Ele soltou uma gargalhada de pasmo. A sua cara abriu-se num sorriso.

— Meu Deus, não acredito que tenho trinta e oito anos e que nunca ninguém me fez essa piada até hoje.

O *barman* também se estava a rir. Era evidente que se conheciam, o que era lógico tendo em conta que eram aproximadamente da mesma idade. Florence era uma povoação muito pequena; certamente tinham andado juntos na escola.

Andy sentiu que parte da sua tensão se dissipava. Por conseguinte, tratava-

se de uma coincidência.

Não era?

Não reparara muito na foto da sua carta de condução. Não lera de onde era.

— Tens graça, sabias? — Mike guardou a carteira no bolso. — O que é que estás a beber?

— Vodca — respondeu o *barman*.

Mike fez-lhe um gesto levantando dois dedos e sentou-se no banco contíguo ao de Andy.

— Está tudo bem com a tua mãe?

— A minha... — De repente, Andy sentiu-se tonta. Tinha um mau pressentimento. Certamente não devia beber mais.

— Olá? — disse Mike. — Continuas aí?

— A minha mãe está bem — respondeu. — Só precisa de descansar.

— Aposto que sim.

Voltou a coçar o maxilar. Ela tentou não olhar para os dedos dele. Tinha um ar muito masculino, era o que mais lhe chamava a atenção. Ela nunca andara com um homem assim, só com rapazes que pareciam rapazes. O seu último caso amoroso foi com alguém que só se barbeava uma vez por semana e, sempre que ela queria falar dos telefonemas que recebia no trabalho, tinha de adverti-lo antecipadamente pois as suas palavras podiam ferir a sua sensibilidade.

— Aqui têm. — O *barman* pôs uma cerveja *Sam Adams* à frente de Mike e outro vodca à frente dela, com menos gelo e mais álcool do que o anterior. Fez continência a Mike e afastou-se para o outro extremo do balcão.

Mike levantou a cerveja.

— Às coincidências — disse.

Andy chocou o seu copo com a garrafa sem afastar o olhar das suas mãos. Bebeu um gole antes de se lembrar de que não o devia fazer.

— Ficas muito bonita quando te arranjas — comentou Mike.

Andy notou que o rubor lhe subia pelo pescoço.

— Agora a sério — acrescentou ele —, o que é que estás a fazer em Muscle Shoals?

Ela bebeu um pouco de vodca para ter tempo para pensar.

— Achava que isto era Florence.

— É a mesma coisa. — Ele sorriu de soslaio.

Os seus olhos castanhos tinham notas de um ocre escuro. Estava a seduzi-

la? Não acreditava nisso. Era demasiado bonito, e ela tivera sempre pinta de irmãzinha mais nova.

— Vais dizer-me o que é que te trouxe por cá ou tenho de adivinhar? — insistiu ele.

Andy sentiu tal alívio que quase se desfez em lágrimas.

— Adivinha.

Olhou-a semicerrando os olhos como se fosse uma bola de cristal.

— As pessoas costumam vir cá por causa do armazém de livros ou pela música, mas como o teu cabelo tem esse ar roqueiro eu diria que no teu caso é pela música.

Ela gostou do elogio, embora não fizesse a mais remota ideia do que estava a falar.

— Tens razão.

— Tens de fazer uma marcação para visitar os estúdios.

Ele continuou a olhar para a boca dela com descaramento. Ou talvez nem tanto. Talvez estivesse a imaginar o brilho de interesse dos seus lindos olhos. Afinal de contas, ninguém a seduzira de maneira tão evidente em toda a sua vida.

— Ninguém toca a esta hora, a meio da semana — explicou Mike —, mas há um bar perto do rio que...

— Em Tuscumbia — acrescentou o *barman*.

— Isso mesmo. Muitos músicos vão a clubes de lá ensaiar novos temas. Pode-se procurar na Internet, e ver quem toca e onde. — Tirou o telemóvel do bolso de trás.

Andy viu-o marcar o código, composto só pelo número três.

— A minha mãe conta — acrescentou ele — que quando ela era pequena viu o George Michael a cantar ao vivo «*Careless whisper*» quando ainda a estava a ensaiar. Conhecês essa canção?

Andy negou com a cabeça. Ele só estava a ser atencioso, não a estava a seduzir. Ela era a única mulher no bar e ele era o tipo mais bonito, pelo que se deduzia automaticamente que tinha de falar com ela.

Mas devia deixar-se levar? Ele tinha estado no hospital. E agora estava ali. O que era muito suspeito. Devia ir-se embora. Mas não queria.

Cada vez que o pêndulo da dúvida a afastava dali, Mike conseguia namoriscá-la para puxá-la de novo para ele.

— Aqui está.

Pôs o telemóvel sobre o balcão para ela ver o ecrã. Tinha aberto um *site* com uma listagem de nomes desconhecidos para Andy, seguidos de nomes de clubes aos quais ela nunca iria.

Por simples educação, fingiu ler a lista. Depois perguntou-se se ele estava à espera que lhe propusesse que fossem juntos a um daqueles clubes, e pensou em quão humilhante seria propor-lhe e ele responder que não. Depois bebeu o seu copo de um gole só e pediu outro.

— Bom, onde é que vais quando saíres daqui? — perguntou ele.

Andy esteve prestes a dizer-lhe, mas ainda lhe restava um pouco de sensatez por baixo do êxtase que aquela atenção lhe produzia.

— O que é que se passou com a tua cabeça?

Não tinha reparado até então, mas ele tinha um bom corte na testa, coberto por uns quantos pensos rápidos daqueles estreitos e transparentes.

— O cortador de relva fez saltar uma pedra e atingiu-me na cara. Tem um ar muito feio?

Nada podia tornar aquele tipo feio.

— Como é que sabias que era o meu pai?

Ele voltou a esboçar aquele sorriso torto.

— O cortador de relva?

— O homem que estava connosco. O que conduzia o carro. No hospital, ontem... Digo anteontem, ou quando foi. — Tinha perdido a noção do tempo.

— Disseste ao meu pai que lamentavas o facto de a sua família estar a passar um mau bocado. Como é que sabias que era meu pai?

Mike voltou a coçar o maxilar.

— Sou bastante intrometido — disse com uma mistura de vergonha e orgulho. — É por causa das minhas três irmãs mais velhas. Estavam sempre a esconder coisas, de modo que fiquei muito intrometido, foi um mecanismo de sobrevivência.

— Não estou assim tão bêbada para não ver que não respondeste à minha pergunta. — Andy nunca articulava assim os seus pensamentos, o que lhe deveria ter servido de advertência, mas estava farta de se sentir sempre atemorizada. — Como é que sabias que era meu pai?

— Por causa do teu telemóvel — reconheceu ele. — Vi-te a abrir as mensagens e a de cima dizia PAI, e escreveste *despacha-te*. — Apontou para os próprios olhos. — Estes veem sempre o que lhes interessa — acrescentou e, como se quisesse deixar registo disso, voltou a olhar para a boca dela.

Andy pegou no pouco bom senso que lhe restava para se virar para o balcão. Segurou o copo entre as mãos. Tinha de parar de se comportar como uma iludida com aquele tipo. Mike estava a tentar namoriscar com ela, e ninguém tentava namoriscar com ela. Estivera no hospital e agora estava a centenas de quilómetros de Savannah, numa localidade cujo nome Andy desconhecia por completo até o ter visto no separador da estrada. Deixando de lado as suas façanhas criminais, era assustador que estivesse ali. E não só ali, naquele bar, mas a sorrir-lhe, a olhar para a boca dela, a fazê-la sentir-se desejada e a convidá-la para beber.

Mas Mike vivia ali. O *barman* conhecia-o. E as suas explicações pareciam lógicas, sobretudo em relação a Gordon. Lembrava-se de tê-lo visto a rondar ao seu lado em frente do hospital enquanto escrevia a mensagem. De facto, fora o olhar de incómodo que lhe tinha lançado o que o tinha feito retirar-se para o banco, do outro lado da porta.

— Porque é que ficaste? — perguntou.

— Fiquei onde?

— Na entrada do hospital. — Observou a sua cara; queria saber se mentia. — Afastaste-te, mas não voltaste a entrar. Sentaste-te no banco de fora.

— Ah! — disse ele antes de beber um gole de cerveja. — Bom, como te dizia, a minha avó estava internada. E não é uma pessoa muito simpática. O que é duro porque, enfim, como ela própria costumava dizer, quando alguém morre, os outros costumam esquecer-se de que era má pessoa. Mas, naquele momento, quando me viste na entrada do hospital, a minha avó ainda não tinha morrido. Continuava viva e a respirar, e a criticar as minhas irmãs e a mim, sobretudo as minhas irmãs, de modo que precisava de apanhar ar. — Bebeu outro gole e olhou para ela de soslaio. — Está bem, não é toda a verdade.

Andy sentiu-se como uma idiota, porque engolira aquela história do princípio ao fim até que ele lhe indicou o contrário.

— Vi as notícias — acrescentou Mike — e... — baixou a voz. — Não sei, é muito estranho, mas vi-te na sala de espera e reconheci-te pelo vídeo e tive vontade de falar contigo.

Ela ficara sem palavras. Ele riu-se.

— Não sou um maluco — assegurou. — Sei que é o que um maluco diria, mas quando era pequeno aconteceu-me uma coisa e... — inclinou-se um pouco mais para ela e acrescentou num murmúrio: — Um tipo entrou em

nossa casa e o meu pai deu-lhe um tiro e matou-o.

Andy levou instintivamente a mão ao pescoço.

— Sim, foi um acidente. Eu era uma criança, ora bolas, e não percebia o que aquilo implicava. Aliás, o tipo que morreu andava a sair com uma das minhas irmãs, mas ela tinha-o deixado, e o tipo levava com ele um monte de tralha, algemas, uma mordação e uma faca. Enfim... — fez um gesto de mão, como quem tira gravidade ao assunto. — Depois daquilo, eu tinha constantemente uma sensação esquisita na barriga. Porque, por um lado, aquele tipo certamente tinha pensado sequestrar a minha irmã e fazer-lhe mal mas, por outro, o meu pai tinha matado uma pessoa. — Encolheu os ombros. — De modo que, quando te vi, pensei *olha, eis alguém que sabe o que isso é*. E pela primeira vez na vida.

Andy levou o vodka aos lábios, mas não bebeu. Era uma boa história. Mas algures, num recanto da sua mente, ouvia tocar sinos de advertência. Era muita coincidência. Ele estivera no hospital. Estava ali. E vivera uma experiência similar à sua.

Mas mostrara-lhe a carta de condução. E a sua carrinha estava lá fora. E evidentemente era um cliente habitual do bar, e as coincidências aconteciam. Caso contrário, não existiria a palavra *coincidências*.

Ficou a olhar para o líquido transparente do seu copo. Tinha de sair dali. O risco era demasiado grande.

— Não faz sentido — estava Mike a dizer. — Se reparares na parte em que...

— O quê?

— Espera, vou mostrar-te. — Levantou-se e virou o banco de Andy para que ficasse de frente para ele. — Eu sou o tipo com a faca no pescoço, ok?

Andy assentiu em silêncio, compreendendo por fim que se referia ao vídeo do restaurante.

— Põe a mão esquerda aqui, no lado esquerdo do meu pescoço, como a tua mãe fez. — Já pegara na sua mão esquerda e tinha-a apoiado no pescoço. Andy sentiu o calor da sua pele nas costas da mão. — Bom, o caso é que ela tinha a mão esquerda presa contra o pescoço dele, e então vai e passa o outro braço por baixo e põe a mão direita aqui. — Pegou na mão direita de Andy e pô-la mesmo por baixo do seu ombro direito. — Que sentido tem passar o braço por baixo e cruzar dessa maneira para pôr a mão aí?

Andy estudou a posição das suas mãos. Era uma postura incómoda. Um

braço ficava torcido por baixo do outro, e a parte inferior da mão mal atingia a parte carnuda do ombro dele.

Empurrar com uma mão, puxar com a outra.

A expressão serena no rosto de Laura.

— Está bem — continuou Mike. — Mantém a mão esquerda onde está, colada ao meu pescoço. Empurra com a direita.

Ela empurrou mas com pouca força porque tinha o braço direito esticado quase por completo. Mal conseguiu deslocar para trás o ombro direito de Mike. O resto do seu corpo nem se mexeu. A sua mão esquerda, a que estava apoiada no seu pescoço, tinha permanecido firme no seu lugar.

— Agora, aqui. — Ele fê-la mudar a mão direita para o centro do seu peito. — Empurra.

Desta vez custou-lhe muito menos empurrar. Mike deu um passo atrás. Se ela tivesse uma faca a atravessar-lhe a mão esquerda, tê-la-ia tirado imediatamente do pescoço.

— Vês? — disse ele.

Andy reviu mentalmente a sequência de movimentos, viu Laura com a faca, a empurrar e a puxar. Ou talvez não.

— Não te ofendas — acrescentou Mike —, mas sabemos os dois que a tua mãe sabia o que fazia. Não se manipula assim uma faca para depois dar um beliscão no ombro ao tipo. Se o que queres é matá-lo, dás-lhe um bom empurrão no centro de gravidade.

Ela assentiu. Começava a compreender o que queria dizer. Laura não tentara empurrar Jonah, afastá-lo de si. Agarrara o seu ombro com a mão direita. O que tentara fora agarrá-lo.

— Reparaste nos pés dela, no vídeo? — perguntou Mike.

— Nos pés?

— O normal seria dar um passo à frente, não seria? Se quisesses atacar com a faca, equilibrar-te-ias pondo um pé à frente e outro atrás. É física elementar. Mas não é isso que ela faz.

— E o que é que faz?

— Retira o pé para um dos lados, assim. — Separou os pés à largura dos ombros, como um pugilista. Ou como alguém que não quer perder o equilíbrio ao tentar impedir que a outra pessoa se mexa.

— É o Helsinguer que começa a recuar — continuou Mike. — Revê o vídeo. Vê-se claramente que levanta o pé.

Andy não tinha reparado naquele pormenor. Concluía que a sua mãe era uma espécie de máquina de matar sanguinária quando, de facto, agarrara Jonah Helsing pelo ombro não com a intenção de o matar violentamente, mas para impedir que se mexesse.

— Tens a certeza de que ele ia recuar? — perguntou. — De que não deu apenas um passo atrás para tentar conservar o equilíbrio?

— É o que me parece.

Ela reviu mentalmente a cena. Jonah tinha mesmo recuado? Tinha deixado uma mensagem de suicídio. Era óbvio que tinha vontade de morrer. Mas um rapaz de dezoito anos era deveras capaz de recuar tendo uma faca espetada no pescoço, sabendo quão horrível seria a sua morte caso o fizesse?

— A tua mãe disse alguma coisa, não disse? — perguntou Mike.

Andy esteve prestes a responder. Ele encolheu os ombros.

— Os polícias andam a investigar. Mas o que eu digo é que toda a gente repara nas caras do vídeo, e deviam reparar nos pés.

Ela sentiu que a sua cabeça andava às voltas ao tentar reviver a cena. Mike tinha razão? Ou era uma espécie de conspiração que tentava difundir teorias rocambolescas, e ela estava a prestar-lhe atenção porque ansiava com toda a sua alma que houvesse outra explicação para o ocorrido?

— Olha — acrescentou ele —, tenho de ir ali mudar a água às azeitonas.

Andy assentiu com um gesto. Queria ter tempo para pensar em tudo aquilo. Precisava de rever o vídeo.

— Desta vez não me sigas — brincou ele.

Ela não se riu. Viu-o afastar-se para o fundo do bar e desaparecer pelo corredor. A porta da casa de banho dos homens fez barulho ao abrir-se e bateu ao fechar.

Esfregou a cara com as mãos. Estava mais do que anestesiada depois de ter cometido a idiotice de beber tantos copos de vodca. Tinha de pensar no que Mike lhe tinha dito a respeito do vídeo. E pensar nos seus próprios remorsos por ter assumido que a sua mãe era uma assassina. Ninguém, nem ela nem o seu pai, pensara que Laura tentava fazer o correto.

Mas porque é que Laura não tinha dito nada à polícia? Porque é que se tinha comportado como se fosse culpada? E de onde demónios tinha saído o *Encapuzado*? E o que dizer do que tinha na arrecadação?

Sempre que julgava ter chegado a uma conclusão lógica, voltava tudo a ficar de pernas para o ar.

Fez questão de pegar de novo no copo.

Mike tinha deixado o seu telemóvel sobre o balcão.

Ela conhecia o seu código de desbloqueio: seis vezes três.

O *barman* estava a olhar para a televisão. Os jogadores de bilhar discutiam sobre uma carambola. O longo corredor continuava vazio. Ouviria a porta quando Mike saísse da casa de banho. Ouvi-lo-ia a entrar.

Pegou no telemóvel. Marcou o código. O fundo do ecrã era uma foto de um gato e Andy pensou absurdamente que um homem que tinha uma foto do seu gato como fundo de ecrã não podia ser assim tão mau. Tocou no ícone do Safari. Abriu a página da *Belle Isle Review*. A foto de Laura que tinha visto na CNN, a da festa, ocupava a capa, mas nesta não tinham cortado Gordon. Deu uma olhadela ao artigo, quase idêntico ao que lera na véspera.

Seguiu pela página abaixo à procura de outras notícias. Mais do que sobressaltar-se, sentiu alívio ao ver o título:

UM CADÁVER FOI ENCONTRADO DEBAIXO DA PONTE DE YAMACRAW.

Leu por alto os detalhes do caso. Uma ferida na cabeça. Sem documentos. Calças de ganga e camisola preta com capuz. Um golfinho tatuado na anca. O cadáver fora achado por uns pescadores. Não havia indícios de crime. A polícia tinha solicitado a colaboração dos cidadãos para esclarecer o acontecimento.

Ouviu a porta da casa de banho. Fechou a página. Voltou ao ecrã de início. Carregou no botão lateral do telemóvel para deixá-lo em repouso e pousou-o de novo sobre o balcão antes de Mike aparecer no corredor.

Bebeu um gole de vodca.

Um cadáver por identificar?

Com uma ferida na cabeça?

E não havia indícios de crime?

Mike resmungou ao voltar a sentar-se no banco.

— Hoje tive de levantar sete mil quilos de pedregulhos.

Andy murmurou um comentário simpático apesar de continuar a dar voltas ao que lera. A ponte de Yamacraw atravessava o rio Tugaloo. Como é que o cadáver do *Encapuzado* tinha chegado até lá? Laura não o podia ter levado sozinha. Embora a polícia não a tivesse estado a vigiar, só tinha um braço e uma perna em condições.

Que demónios se estava a passar?

— Olá? — Mike tamborilou sobre a mesa, agora para chamar a sua atenção. — Já passou da minha hora de ir para a cama e amanhã tenho muito trabalho. Queres que te acompanhe até ao teu carro?

Não lhe pareceu boa ideia ficar sozinha no bar. Olhou à sua volta à procura do *barman*.

— Aponta na minha conta. — Mike guardou o telemóvel no bolso e indicou-lhe que o seguisse.

Manteve as distâncias até que ela chegou à porta. Depois adiantou-se para a abrir.

Lá fora, o calor só tinha amainado um pouco. Andy pensou em tomar outro duche antes de se meter na cama. Talvez pudesse pôr o ar condicionado no máximo e enfiar-se no saco-cama. Ou talvez entrasse no *Reliant*, porque, afinal de contas, não era estranhíssimo que tivesse encontrado Mike ali, naquele lugar? E que ele lhe estivesse a contar coisas que queria ouvir? E que a tivesse acompanhado ao sair do bar, talvez para saber para onde ia?

Cortadores de relva Knepper. Havia ferramentas de jardinagem na caixa aberta da carrinha: um cortador de relva, um aspirador de folhas, vários ancinhos e uma pá. As paredes estavam sujas de terra e erva. Mike tinha chegado antes dela ao bar, e não ao contrário. Era óbvio que usava a carrinha para trabalhar como jardineiro. Tinha uma carta de condução em seu nome. E até conta no bar. Ou era uma psicopata com poderes de vidente ou estava a ficar louca.

Mike deu umas palmadas na carrinha.

— Esta é a minha.

— Gosto do gafanhoto.

— És linda.

Aquilo desconcertou Andy. Ele começou-se a rir.

— É esquisito, não é? Acabo de te conhecer. De conhecer-te a sério, quero dizer. Estivemos a brincar no bar e foi agradável, mas ainda assim continua a ser muito esquisito que nos tenhamos cruzado aqui, não é?

— Dizes sempre aquilo em que estou a pensar, mas dizes como se fossem coisas normais, não como se tivesse de me preocupar com elas. — Teve vontade de tapar a sua boca com a mão. Não tivera intenção de dizer aquilo em voz alta. — Tenho de ir andando.

— Muito bem.

Andy não se mexeu. Porque lhe tinha dito que era linda?

— Tens... — Ele aproximou a mão para lhe tirar alguma coisa do cabelo. Um fiapo da toalha do motel.

Ela agarrou a mão dele porque, ao que parece, a nova Andy — aquela Andy fetichista que olhava com desejo para as mãos de alguns homens — era bem mais atrevida do que a Andy de sempre.

— És linda, a sério — disse Mike com uma espécie de assombro maravilhado. Como se o dissesse a sério.

Ela apoiou a cabeça na sua mão. A sua palma tocou-lhe na cara. As luzes de néon do bar refletiam-se nos seus olhos castanhos. Sentiu que se derretia, desejou fundir-se nele. Era tão delicioso que alguém (alguém de carne e osso, aquele homem estranho e atraente) olhasse para ela e lhe tocasse...

Ele beijou-a.

Indecisamente ao princípio. Depois, porém, enfiou os dedos entre o seu cabelo e beijou-a com paixão, e Andy sentiu que os seus nervos ficavam inesperadamente loucos. Os seus pés levantaram-se do chão. Ele empurrou-a suavemente contra a carrinha e apertou-se contra o seu corpo. Beijou o seu pescoço, os seus seios. Andy desejava-o com cada palmo do seu ser. Nunca se sentira tão incendiada pelo desejo. Desceu a mão para acariciar o seu pénis e...

— Isso é o porta-chaves — disse ele, e começou-se a rir.

Andy também se riu. Aquilo em que tinha tocado era o porta-chaves que levava no bolso da frente.

Voltou a colocar os pés no chão. Os dois respiravam agitadamente.

Inclinou-se para voltar a beijá-lo, mas ele afastou-se.

— Desculpa — disse.

Ai, meu Deus.

— É que... — acrescentou ele com a voz rouca. — Eu...

Andy teve vontade que a terra a engolisse.

— Devia...

Mike aproximou os dedos da sua boca para a calar.

— És linda, a sério. Lá dentro, só pensava em beijar-te. — Passou o polegar pelos seus lábios. Pareceu que ia beijá-la outra vez, mas deu um passo atrás e meteu a mão no bolso. — Atrais-me muito, como é óbvio, mas...

— Não, por favor.

— Preciso de dizer isto — insistiu ele, porque naquele momento os seus

sentimentos tinham prioridade. — Não sou desses. Tu sabes, dos que conhecem uma mulher num bar e a levam para um parque de estacionamento e...

— Isso não ia acontecer — afirmou ela, apesar de não ser verdade: estava mais do que disposta a que acontecesse. — Eu não...

— Podias...?

Andy esperou, mas ele não acabou a frase. Limitou-se a encolher os ombros e acrescentou:

— Devia ir andando.

Ela continuava à espera de mais alguma coisa porque era uma idiota.

— Enfim. — Mike tirou as chaves do bolso e colocou o porta-chaves nos dedos. Depois riu-se.

Por favor, não faças uma piada, não digas que estive prestes a masturbar o teu porta-chaves.

— Podia... — disse ele. — Quero dizer que devia acompanhar-te a...

Andy foi-se embora. Tinha a cara a arder quando atravessou a rua. Ele observou-a a afastar-se, tal como a tinha observado quando saiu do hospital.

— Idiota, idiota, idiota — murmurou ela. — Que merda é esta? Que *merda* é esta?

Sentia nojo de si própria quando subiu as escadas do motel. A carrinha de Mike estava a dirigir-se para a estrada. Ele olhou para ela enquanto atravessava a varanda. Andy lamentou não ter à mão um lança-granadas para atirá-lo pelos ares. Ou uma pistola para dar um tiro em si própria. Nunca se enrolara com um desconhecido. Nem sequer quando estava na universidade. Que demónios é que se passava? Porque é que agia à toa? Era uma criminosa foragida da justiça. Não podia confiar em ninguém. O que é que importava que Mike tivesse uma carta de condução de Alabama? Laura tinha uma de Ontário, por amor de Deus. Tinha falsificado os documentos do carro. Mike podia ter feito o mesmo. O cartaz do gafanhoto era magnético, não era um autocolante permanente. E o empregado do bar podia ter-se mostrado tão simpático com ele porque os empregados eram sempre simpáticos com os clientes.

Meteu a chave na fechadura e abriu a porta com brusquidão. Estava tão chateada que mal reparou que a mala e o saco-cama continuavam no mesmo lugar.

Sentou-se na cama, apoiou a cabeça entre as mãos e tentou não desatar a

chorar.

Mike tinha-a enganado? Com que propósito? Era uma espécie de tarado que se interessara por ela porque a tinha visto na televisão? Claro que parecia ter dedicado muito tempo a esclarecer o que acontecera entre Laura e Jonah Helsing. Pelo menos, o que ele achava que acontecera. Certamente tinha um blogue onde falava das suas teorias da conspiração e ouvia aqueles programas de malucos que davam na rádio.

Mas tinha dito que era linda. E era verdade que estava excitado. A não ser, claro, que tivesse conseguido meter às escondidas uma lata de *Coca-cola* dentro das calças depois de lhe abrir a porta do bar e antes de chegar à carrinha.

— Meu Deus!

Aquele estúpido porta-chaves...

Andy levantou-se. Precisava de se mexer. Tinha de analisar cada estupidez da merda que tinha feito. Tinha-o beijado com demasiada ânsia? Com demasiada saliva? Com muito pouca língua? Talvez os seus seios fossem muito pequenos. Ou... meu Deus, não...

Cheirou o sutiã, impregnado ainda com o cheiro repulsivo do sabonete.

Os tipos davam importância a essas coisas?

Tapou os olhos com as mãos. Deixou-se cair na cama.

Ao pensar em como tinha acariciado o maldito porta-chaves, ardeu-lhe a cara. Certamente, Mike tinha-se ofendido. Ou talvez não se tivesse querido aproveitar de uma pessoa tão dolorosamente desajeitada. Que tipo de imbecil confundia um porta-chaves com uma pata de coelho com um pénis?

Mas que tipo de adulto andava uma enorme pata de coelho no bolso?

Aquele tipo.

Que porra queria com *aquele tipo*?

Afastou as mãos da cara. Sentiu que ficava boquiaberta.

A carrinha.

Não a carrinha do gafanhoto de Mike, nem a do morto, mas sim a *Chevy* velha que tinha visto estacionada em casa dos Hazelton bem cedo nessa manhã.

Nessa manhã...

Depois de matar um homem. Após percorrer a praia freneticamente à procura do *Ford* do morto porque a sua mãe assim lhe ordenara.

Havia duas carrinhas estacionadas no caminho de entrada à casa dos

Hazelton, não uma.

As janelas estavam para baixo. Andy deu uma vista de olhos à cabine. Tinha pensado fugazmente em roubar a velha *Chevy* em vez de levar o *Ford*. Teria sido muito fácil porque a chave estava na ignição. Tinha-a visto claramente à luz da manhã.

Estava presa a um porta-chaves com uma pata de coelho, idêntico ao que Mike Knepper tirara do bolso e pendurara nos dedos.

31 DE JULHO DE 1986

**CINCO DIAS APÓS
O TIROTEIO
DE OSLO**

Jane Queller acordou banhada em suor frio. Tinha voltado a chorar em sonhos. Tinha o nariz em carne viva. Doía-lhe o corpo todo. Começou a tremer descontroladamente. O pânico fazia com que o seu coração estremecesse dentro do peito. No meio daquela penumbra, pensou que estava, outra vez, em Berlim, e depois no quarto de hotel de Oslo, até que, por fim, percebeu que estava no seu quarto de sempre, na casa de Presidio Heights. Papel cor-de-rosa nas paredes. Edredão e almofadas de seda cor-de-rosa. Rosa no tapete, no sofá, na cadeira de escritório. Pósteres, peluches e bonecas.

O quarto fora decorado pela sua mãe porque ela não tinha tempo. Desde os seis anos, passara quase cada segundo da sua vida ao piano. Primeiro, a brincar. Depois, a ensaiar. A tocar. E a aprender. Depois, a atuar. A fazer *tournées*. A julgar-se a si própria. A fracassar e a recuperar do falhanço. A convencer-se. A triunfar e a dominar, por fim, o instrumento.

Ao princípio, Martin colocava-se atrás dela quando tocava, seguindo as notas com os olhos. Pousava as mãos sobre os seus ombros e apertava-os suavemente quando se enganava. Pechenikov tinha-lhe pedido que abandonasse o seu posto de vigilância como condição para aceitar Jane como aluna, mas ainda assim a presença aflitiva do seu pai tinha ensombrado toda a sua carreira. A sua vida. Os seus triunfos. Os seus falhanços. Estivesse em Tóquio, em Sydney ou em Nova Iorque, ou inclusive durante os três meses de isolamento que tinha passado em Berlim, sentia, constantemente, a presença invisível de Martin a pairar sobre ela.

Estremeceu outra vez. Olhou para trás, como se Martin pudesse estar ali. Levantou-se e apoiou as costas na cabeceira da cama. Tapou-se com o lençol.

O que é que tinham feito?

Nick responderia que eles não tinham feito nada. Quem apertara o gatilho fora Laura Juneau. E parecia ter assumido essa decisão com perfeita serenidade. Poderia ter desistido a qualquer momento. Ter matado Martin, e a si própria, fora um ato de coragem. E fora um ato que ela cometera sozinha.

Mas, pela primeira vez em seis anos, desde que conhecia Nicholas Harp, Jane sentia-se incapaz de acreditar nele.

Todos eles (ela, Andrew, Nick e as outras células distribuídas por diversas cidades) tinham posto Laura naquele palco, com Martin. Cada um deles era, conforme os desígnios de Nick, uma engrenagem de uma máquina descentralizada. Um indivíduo misterioso ajudara Chicago a infiltrar-se na empresa que fabricava os pacotes de tinta vermelha que, presumivelmente, o saco de papel castanho devia conter. Nova Iorque lidara com o falsificador de Toronto. São Francisco pagara os bilhetes de avião, os hotéis, as viagens de táxi e as refeições. Tal como a sombra de Martin a levantar-se nas suas costas, todos eles estavam por trás de Laura Juneau, sem se deixarem ver, quando tirou o revólver da mala e apertou o gatilho em dose dupla.

Era uma loucura?

Estavam todos loucos?

Todas as manhãs do último ano e meio, Jane acordava com essa dúvida metida na cabeça. As suas emoções oscilavam violentamente, como o badalo de um sino. Primeiro, convencia-se de que agiam como lunáticos: fazer simulacros, ensaiar rotas de escape, aprender a usar armas... Não era ridículo? Porque é que ela tinha de aprender a combater corpo a corpo? Para que é que tinha de memorizar a localização de casas seguras e planos de paredes falsas e divisões secretas? Eram apenas um grupo de pessoas com menos de trinta anos que acreditava ter os recursos e o poder necessários para levar a cabo atos de desobediência extraordinários.

Mas não era essa a definição de insanidade?

Depois, Nick punha-se a falar e ela convencia-se sem sombra de dúvida de que tudo o que estavam a fazer tinha perfeito sentido.

Levou as mãos à cabeça.

Tinha ajudado uma mulher a matar o seu próprio pai. Tinha planeado a sua morte. Sabia o que ia acontecer e não tinha dito nada.

O que acontecera em Oslo eliminara de uma assentada o ridículo da situação. O ceticismo. Agora era tudo real. Tinha acontecido.

E ela estava a perder a razão.

— Ah, estás aí. — Nick entrou no quarto com uma chávena numa mão e um jornal na outra. Só tinha os *boxers* vestidos. — Bebe isto, tudo.

Jane pegou na chávena. Chá quente com uísque. A última vez que bebera um copo fora com Laura Juneau, no bar. Na altura, o coração dela martelava-lhe no peito tanto como agora. Laura tinha-lhe dito que era um camaleão. E era verdade. Laura não sabia se ela fazia parte do grupo. Tinham falado primeiro como duas desconhecidas e depois como duas amigas íntimas. E depois Laura fora-se embora.

É uma pessoa maravilhosa, disse-lhe antes de partir. Digo-o porque é única, porque não há ninguém como a Jane.

— A bófia acaba de chegar. — Nick estava à janela, a olhar para o coreto da entrada. — Imagino que do FBI, a julgar pelo carro de merda que trazem. — Dedicou-lhe um meio sorriso, como se a chegada de mais agentes federais, para além dos servidores públicos da CIA, da NSA, da Interpol, dos Serviços Secretos e os inspetores das finanças com quem já tinham falado, fosse uma ninharia. — Tu fazes de Bonnie e eu de Clyde.

Jane bebeu atrapalhadamente um gole de chá. Mal sentiu o sabor do líquido quente, que lhe abrasou o estômago. Tinham passado cinco dias desde o assassinato de Martin. O funeral era no dia seguinte. Nick parecia crescer com o stresse, mostrava-se quase eufórico nas entrevistas, que eram cada vez mais parecidas a interrogatórios. Jane tinha vontade de gritar que aquilo era real, que tinham matado uma pessoa e que o que estavam a planear fazer a seguir podia metê-los na prisão para o resto das suas vidas ou algo pior.

Mas sussurrou:

— Estou assustada, Nicky.

Ele aproximou-se da cama e abraçou-a sem necessidade de que ela lho pedisse.

— Querida — disse com os lábios colados ao seu ouvido —, vai correr tudo bem. Confia em mim. Tenho passado por coisas muito piores do que esta. E tornam-nos mais fortes. Lembra-nos por que motivo fazemos isto.

Ela fechou os olhos e tentou assimilar o que lhe dizia. Já não sabia porque é que faziam aquilo. Porque é que lhe pesava tanto a morte do seu pai? Durante anos acreditara sinceramente que o carinho que Martin nutria por ela se extinguiu da pior maneira. Então, porque é que os remorsos a atormentavam tanto? Porque é que sofria sempre que percebia que nunca mais ia ver o seu pai?

Nick percebia sempre quando estava angustiada.

— Já chega — disse-lhe. — Pensa noutra coisa. Numa coisa boa.

Ela mexeu a cabeça. Não tinha a capacidade de Nick para compartimentar a sua mente. Nem sequer conseguia fechar os olhos sem ver a cabeça de Martin a estoirar. O seu pai levava um tiro na testa. A massa encefálica, o tecido e o osso atingiram Friedrich Richter como lama salpicada pelo pneu de um carro. Depois, Laura apertou outra vez o gatilho e os seus miolos espalharam-se pelo teto.

Lamento, disse a Jane articulando as palavras sem emitir som uns segundos antes de se suicidar.

Laura soubera por que razão lhe pediu desculpa?

— Vamos. — Nick apertou-lhe o ombro para trazê-la de volta ao presente. — Lembras-te da primeira vez que te vi?

Jane voltou a abanar a cabeça, com o único propósito de afastar aquelas imagens violentas da sua mente. A pistola. As detonações. O jato e os salpicos.

— Anda, *Jinx* — insistiu ele. — Não te lembras mesmo de como nos conhecemos? Em dezembro vai fazer seis anos. Sabias?

Ela limpou o nariz. Claro que sabia. Gravara aquela lembrança em cada fibra do seu ser: Andrew e Nick acabavam de chegar da universidade e estavam no *hall*, aos empurrões um ao outro como dois colegiais. Ela saiu da sala, furiosa, para se queixar do barulho. Nick sorriu-lhe e ela sentiu que o seu coração inchava como um balão aerostático e ameaçava sair-lhe do peito.

— *Jinx*?

Sabia que ele não a deixaria em paz até que entrasse no jogo. E assim fez.

— Quase não reparaste em mim — disse.

— Eras quase uma criança.

— Tinha dezassete anos. — Odiava que a tratasse como uma menina. Nick só tinha mais três anos, tal como Andrew. — E tu ignoraste-me o fim de semana todo, porque foste com o Andy engatar aquelas vadias de North Beach.

Ele riu-se.

— Não teria tido qualquer oportunidade contigo se tivesse caído rendido aos teus pés na primeira oportunidade, como todos os outros idiotas faziam.

Não havia outros idiotas. Nunca ninguém se tinha apaixonado por Jane. Os homens olhavam-na com assombro, e com aborrecimento, como se fosse uma

boneca dentro de uma redoma de vidro. Nick foi o primeiro amigo de Andrew que reparou nela como mulher.

Ele acariciou-lhe o cabelo. Aproximou a boca do seu ouvido. Dizia as coisas importantes sempre a sussurrar.

— Não te ignorei o fim de semana *todo*.

Jane não conseguiu evitar que o seu coração parecesse flutuar outra vez. Mesmo naquela situação pavorosa, ainda se lembrava da emoção que sentira quando Nick a surpreendeu na cozinha. Estava a ler uma revista quando ele entrou. Falou-lhe com aspereza para que se fosse embora e Nick, sem dizer nada, beijou-a antes de sair às arrecuas e fechar a porta.

— Quando te conheci era praticamente um órfão — disse ele. — Não tinha ninguém. Estava completamente só. E então encontrei-te a ti. — Apoiou a mão na sua nuca. De repente, ficou muito sério. — Diz-me que continuas comigo. Tenho de saber.

— Claro que sim.

Em Oslo tinha feito o mesmo, e também no avião de regresso a casa, e na sua primeira noite em São Francisco. Parecia aterrorizado com o facto de os três meses que tinham passado separados poderem ter minado a sua determinação.

— Estou contigo, Nick. Sempre.

Ele analisou os seus olhos à procura de algum sinal, de algum indício de que lhe estava a mentir, como lhe tinham mentido sempre ao longo da sua vida.

— Sou tua — afirmou ela taxativamente. — Cada parte de mim é tua.

— Boa rapariga.

Nick esboçou um sorriso vacilante. Tinham-lhe feito tanto mal, tantas pessoas...

Jane sentiu o impulso de abraçá-lo, mas ele odiava que fosse chata. Levantou a cara para que lhe desse um beijo. Ele acedeu e, pela primeira vez em dias, Jane conseguiu voltar a respirar.

— Meu amor — sussurrou-lhe ele ao ouvido.

Deslizou as mãos por baixo da sua *t-shirt*. Beijou os seus seios. Jane conseguiu abraçá-lo, por fim. Não queria sexo, mas sabia que feriria os seus sentimentos se voltasse a dizer-lhe que não. O que mais ansiava era o depois. Que ele a abraçasse. Que lhe dissesse que a amava. Que a fizesse sentir que tudo se ia resolver.

Esse seria o momento ideal para lhe dar a notícia.

Quando a deitou na cama, Jane sentiu que todas as palavras que tinha ensaiado durante o último mês corriam para os seus lábios: *Desculpa, estou aterrorizada, eufórica, contentíssima, nervosa, aflita, entusiasmada, tenho tanto medo de que me deixes porque...*

Estou grávida.

— Olá?

Levantaram-se ambos. Jane tapou-se com o lençol até ao pescoço.

— Estão acordados? — Andrew bateu à porta antes de espreitar. — E apresentáveis?

— Isso nunca — respondeu Nick.

Ainda tinha a mão pousada sobre os seios de Jane, debaixo do lençol. Ela tentou afastar-se, mas Nick segurou-a enlaçando-a pela cintura. Acariciou-lhe as costas como um gato, os olhos fixos em Andrew.

— Vieram mais dois agentes — disse.

— Já vi. — Andrew limpou o nariz com a manga. Ainda tinha a constipação que tinha apanhado na Noruega. — Não sejas agressivo com eles, Nicky — recomendou, atrevendo-se a dizer o que Jane preferia silenciar. — Por favor.

Entreolharam-se os três. Nick deslizou a mão mais para baixo, acariciando-lhe as costas. Ela sentiu que um sufoco lhe subia pelo pescoço e inundava a cara. Odiava que fizesse aquelas coisas em frente de Andrew.

— Acho que devíamos começar a tocar o nariz como faziam em *A Golpada* — comentou Nick.

— Isto é a vida real — afirmou Andrew num tom estridente.

Estavam todos aterrorizados perante a hipótese de poder haver microfones em casa. Há dias que se sentiam como se caminhassem em bicos de pés pela ponta aguçada de uma agulha.

— O nosso pai foi assassinado. E uma mulher sequestrada. Tens de levar isto a sério.

— Pelo menos, enfrentá-los-ei limpo — disse, e mordeu o ombro de Jane antes de entrar na casa de banho.

Ela fixou os olhos na porta fechada da casa de banho. Queria ir atrás dele, suplicar-lhe que desse ouvidos a Andrew, mas era sempre incapaz de dizer a Nick que estava errado.

— Jane — disse Andrew.

Ela indicou-lhe que se virasse para que se pudesse vestir.

O seu irmão obedeceu e disse:

— A mãe estava a perguntar por ti.

Jane vestiu uns *collants*. Quando se levantou, sentiu que lhe apertavam na cintura.

— Com quem é que estavas a falar ao telefone esta manhã? Com a Ellis-Anne?

Andrew não respondeu. O assunto da sua ex-namorada tornou-se tabu. Mesmo assim, ela voltou à carga.

— Vocês estiveram juntos dois anos. Ela só está...

— Jane — repetiu o seu irmão baixinho.

Tentara falar-lhe de Martin desde a sua chegada, mas Jane temia que falar do pai abrisse alguma coisa dentro dela que já não poderia fechar.

— Devias ir ao médico — disse-lhe enquanto fechava desastradamente os botões de pérola da sua blusa. Tirou umas calças para vestir do cabide.

— Sinto-me... — O seu irmão abanou lentamente a cabeça de um lado para o outro. — Sinto-me como se me faltasse algo cá dentro. Como se me tivessem extirpado um órgão. Achas esquisito?

Ela tentou subir o fecho das calças. Tinha os dedos entorpecidos. Teve de limpar o suor das mãos. As calças estavam apertadas. Estava tudo apertado, porque estava grávida e tinham matado o seu pai e certamente matariam mais pessoas antes de tudo aquilo acabar.

— Andy, não posso... — interrompeu com um soluço.

Não posso falar contigo. Não posso ouvir. Não posso estar contigo porque vais dizer o que penso e acabaremos os dois de rastos.

Como é que Laura Juneau o fizera?

Não o ato físico (Jane tinha estado presente, tinha visto com todo o pormenor o assassinato e o suicídio). Mas como conseguira premir dentro de si aquele interruptor que a tornou numa assassina a sangue-frio? Como era possível que aquela mulher agradável e interessante com quem Jane fumara um cigarro no bar do centro de convenções fosse a mesma que tirara uma pistola da mala e matara um homem e depois a si própria?

Estava obcecada com a expressão de absoluta serenidade que tinha visto no semblante de Laura Juneau. O seu leve sorriso denunciava-a. Era evidente que não sentia remorsos. Não vacilou. Não teve nem um só instante de dúvida ou de indecisão. Quando meteu a mão na mala para pegar no revólver,

podia perfeitamente estar à procura de um pacote de pastilhas elásticas.

— *Jinx?*

Andrew virara-se. Tinha lágrimas nos olhos, e Jane chorou ainda com mais intensidade.

— Deixa-me ajudar-te.

Viu-o a subir-lhe o fecho lateral das calças. O seu hálito era ligeiramente doentio. Tinha a pele suada.

— Perdeste peso — disse ela.

— Já está. — O seu irmão deu-lhe um beliscão brincalhão nos pneus que agora rodeavam a sua cintura. — O Nick diz que vamos sair desta, não diz? E o Nick tem sempre razão, não tem?

Sorriram, mas nenhum dos dois se riu, porque não sabiam se Nick estaria a ouvi-los do outro lado da porta.

— Deveríamos tentar acalmar-nos. — Jane procurou uns lenços de papel. Deu um a Andrew e pegou noutro para si.

Assoaram o nariz. Andrew tossiu. Parecia que tinha berlindes dentro do peito a chocalharem entre si tal era a farfalheira.

Jane tocou-lhe na testa.

— Tens de ir ao médico.

Ele encolheu os ombros.

— Quando? — perguntou.

Abriu-se a porta da casa de banho. Nick saiu nu, a secar o cabelo com uma toalha.

— O que é que perdi?

— Vou descer antes que o Jasper venha à nossa procura — afirmou Andrew.

— Vai também — disse Nick a Jane. — E calça umas botas. São mais imponentes.

Jane tirou umas meias pretas da gaveta. Vestiu-as por cima dos *collants*. Mostrou vários pares de botas a Nick, até que ele assentiu por fim, aprovando umas. Tinha-se inclinado para apertar as fivelas quando sentiu que Nick se aproximava por trás. Falou com o seu irmão enquanto lhe acariciava os rins.

— A Jane tem razão — disse. — Devias tirar tempo para ir ao médico. Não te queremos doente... no funeral.

Ela sentiu a bília subir-lhe à garganta ao acabar de apertar as botas de montar. Não soube se era do medo ou dos horríveis enjoos matinais. Nick

dedicara-se desde o princípio àqueles jogos verbais gratuitos. Ela sabia que ele gostava de imaginar um agente do FBI sentado numa carrinha de vigilância, rua abaixo, atento a cada uma das suas palavras.

Ele aproximou de novo a boca do seu ouvido.

— Dá cabo deles, meu amor — sussurrou.

Ela assentiu.

— Estou pronta — disse ao seu irmão.

Nick deu-lhe uma palmada no traseiro quando saiu do quarto. Jane voltou a sentir aquela onda de vergonha. Era absurdo pedir-lhe para parar; ao suplicar só conseguia piorar as coisas.

Andrew deixou que ela se adiantasse ao descer as escadas. Jane fez um esforço para dissipar o seu sufoco. Sabia que Nick fora criado sem amor, que era importante para ele que as pessoas soubessem que não estava sozinho, mas detestava que a tratasse como se fosse um troféu de caça.

— Estás bem? — perguntou Andrew.

Percebeu que tinha levado a mão à barriga. Não tinha contado a Andrew sobre o bebé; nem a ele, nem a ninguém. Ao princípio, tinha-se convencido a si própria de que era porque queria que Nick fosse o primeiro a saber, mas com o passar das semanas tinha chegado à conclusão de que a possibilidade de ele não querer o bebé a aterrorizava, tal como o facto de se ver obrigada a explicar a toda a gente porque é que já não estava grávida.

Para a próxima, tinha-lhe dito ele na última vez. Para a próxima ficamos com ele.

— Senhora Queller? — Um homem estava à espera deles no *hall*. Abriu a sua carteira para mostrar um distintivo dourado. — Sou o agente Barlow, do FBI. Este é o agente Danberry.

Danberry estava na sala de estar, com as mãos atrás das costas. Parecia uma versão deteriorada de Barlow: menos cabelo, menos segurança em si próprio, até menos dentes, já que parecia faltar-lhe um canino superior. Tinha estado a conversar com Jasper, que tinha vestido a sua farda da reserva da Força Aérea. Medalhas e distintivos multicolores enfeitavam o peito do seu irmão. Jasper, doze anos mais velho do que ela, era desde sempre o irmão superprotetor, o seu apoio constante. Aquele que assistia aos seus concertos e lhe perguntava pelos trabalhos de casa; aquele que a acompanhou ao baile de finalistas quando mais ninguém a quisera convidar. Jane sempre o vira como um adulto em miniatura, uma figura heroica que brincava com os seus

soldadinhos e lia livros de história militar, mas que ao mesmo tempo estava disposto a pôr no lugar qualquer rapaz que se atrevesse a ferir os seus sentimentos, ou a dar-lhe dinheiro para que ela comprasse um batom novo.

— Senhora Queller? — repetiu o agente Barlow.

— Desculpe — disse ela, e tirou um lenço da caixa que estava sobre a mesa baixa.

Barlow pareceu frustrado.

— Permita-me dar-lhe os meus pêsames.

Jane enxugou os olhos olhando-se ao espelho por trás do sofá. Tinha a pele irritada. Os olhos inchados. O nariz de um vermelho brilhante. Há quase cinco dias que chorava sem parar.

— Não há pressa — acrescentou Barlow apesar de parecer ansioso para começar.

Ela assoou o nariz tão discretamente quanto conseguiu.

Nick tinha-os feito ensaiar aquilo que iam dizer durante horas, mas, mesmo assim, Jane não estava preparada para o stresse dos interrogatórios. Da primeira vez soluçou descontroladamente com medo de se enganar. Durante os interrogatórios seguintes, concluiu que o pranto a favorecia: era o que se esperava dela. Andrew também parecia ter delineado uma estratégia. Quando lhe faziam uma pergunta difícil, fungava pelo nariz, enxugava os olhos e virava a cabeça enquanto meditava na resposta.

Era Nick que os enervava, e não só a eles os dois, mas a qualquer um que estivesse presente. Parecia sentir um prazer perverso em provocar os polícias, em levar as coisas ao limite para depois, no último instante, inventar uma explicação inocente que os salvava do abismo.

Na véspera, ao vê-lo falar com os agentes dos serviços secretos, Jane tinha-se perguntado se não teria tendências suicidas.

— *Jinx?* — disse Jasper.

Estavam à espera de que se sentasse. Sentou-se à beira do sofá. Andrew acomodou-se ao seu lado. Barlow ocupou o cadeirão em frente, com as mãos apoiadas nos joelhos. Só Jasper e Danberry permaneceram de pé, um para passear pela sala e o outro, ao que parece, para a inspecionar detalhadamente. Em vez de formular uma pergunta, Danberry abriu uma caixa de ónix que havia numa das estantes e espreitou para o interior.

Barlow, sentado em frente de Jane, tirou um bloco do bolso do peito e folheou-o lentamente. Os seus olhos moviam-se para um lado e para o outro à

medida que ia lendo as suas notas em silêncio.

Jane olhou para Andrew e depois para Jasper, que encolheu os ombros.

Aquilo era uma novidade. Os outros agentes tinham começado o interrogatório a tecer comentários banais, perguntando pela casa ou pela decoração. Costumava ser Andrew a responder. A sala, tal como o resto da casa, era uma obra gótico-neoclássica, com móveis delicados e papel de veludo nas paredes, entre os painéis de mogno escuro. Os dois candelabros eram herança de uma antepassada sua que tinha colaborado com o senhor Tiffany no seu *design*. A mesa baixa, herdada da família materna, era de madeira de sequoia. Dentro da lareira cabia desafogadamente um homem de pé. Corria o rumor que o tapete tinha pertencido a uma família japonesa enviada para um campo de concentração durante a guerra.

Andrew remexeu-se no sofá, incomodado. Jasper continuava a deambular.

Barlow passou uma folha do bloco. No meio do silêncio, soou como papel de lixa. Danberry inclinou a cabeça para ler os títulos das lombadas dos livros.

Jane sentiu a necessidade de fazer alguma coisa com as mãos. Viu um maço de tabaco sobre a mesa. Andrew deu-lhe lume com um fósforo. Apesar de estar sentado ao seu lado, não conseguia estar quieto. Mexia o pé com nervosismo. Jane perguntou-se o que é que os agentes pensariam se a vissem aproximar a mão para lhe parar a perna. Ou se pedisse a Barlow para, por favor, começar de uma vez. Ou se gritasse a plenos pulmões para se irem todos embora e pudesse voltar para cima, para ao pé de Nick.

Tratava-se, evidentemente, de uma tática de manipulação. Barlow e Danberry pretendiam enervá-los para que cometessem erros absurdos.

Jane reviu mentalmente as perguntas que os outros agentes lhe tinham formulado.

Alguma vez viu a autêntica Alexandra Maplecroft? O que é que Laura Juneau lhe disse na sala de conferências? Porque é que não sabia que era uma impostora? Onde é que acha que está a verdadeira doutora Maplecroft?

Sequestrada.

A resposta à última questão era do domínio público. O *San Francisco Chronicle* tinha publicado o pedido de resgate em primeiro plano no dia anterior.

Temos a doutora Alexandra Maplecroft, fantoche do regime fascista...

— Senhora Queller? — Barlow levantou, por fim, os olhos do bloco. — Vou limitar-me a resumir o que sabemos até agora, segundo as suas declarações.

Jane mal conseguiu assentir com um gesto. Estava rígida de tensão. Havia algo de diferente naqueles dois homens. Com os seus fatos amarrotados, as suas gravatas manchadas, os seus dentes lascados e os seus cortes de cabelo baratos, pareciam personagens de paródias televisivas, mas não estariam ali se fossem servidores públicos de pouca monta.

— Começemos — disse Barlow. — Conheceu a Laura Juneau na conferência. Nunca se tinham visto anteriormente. Há a possibilidade de conhecer o seu nome de quando o marido dela matou as crianças, já que a notícia apareceu em todos os jornais. A senhora estava em Berlim, a substituir um amigo num estúdio de gravação durante dois meses e...

— Três — disse Jasper.

— Exato, três meses. Obrigado, comandante Queller — afirmou Barlow, e continuou com o olhar fixo em Jane ao acrescentar: — Não conhecia anteriormente a doutora Alexandra Maplecroft e só tinha ouvido mencionar o seu nome em relação ao seu pai porque eram rivais e...

— Não — Jasper interrompeu de novo. — Para serem rivais, tinham de estar ao mesmo nível. A Maplecroft era só um estorvo de pouca importância.

— Obrigado outra vez, comandante. — Era notório que Barlow queria que se calasse, mas não lho disse. — Senhora Queller — acrescentou —, em primeiro lugar gostaria que me falasse da sua conversa com a senhora Juneau no bar.

Jane pestanejou e, de repente, viu a expressão divertida de Laura ao reconhecer a melodia de «*Love me two times*» que ela tamborilava com os dedos sobre o balcão.

— Aproximou-se da senhora Juneau ou foi ao contrário? — perguntou Barlow.

Jane tinha a garganta tão fechada que se viu obrigada a tossir antes de poder falar.

— Fui eu. Estava sentada ao piano, a tocar, quando ela entrou. Deduzi que era americana pela...

— Pela sua forma de vestir — concluiu Barlow. — Apetecia-lhe falar com algum americano após ter passado tanto tempo em Berlim.

Jane sentiu uma espécie de tontura. Porque é que Barlow tinha acabado a sua frase? Tentava demonstrar que tinha trocado informação com os restantes agentes, que comentavam o caso entre si, ou só tentava apressá-la?

Ou, o que era bem mais aterrador, tinham ensaiado demasiado as suas respostas a pedido de Nick? As suas palavras, os seus gestos, os seus comentários soavam tão pouco espontâneos que tinham feito disparar os alarmes?

Entreabriu os lábios. Tentou respirar.

— De que é que falou com a senhora Juneau? — perguntou Barlow.

Sentiu uma pressão no peito. De repente, a sala parecia-lhe abafada. Pousou o cigarro no cinzeiro, esforçando-se por apoiá-lo na ranhura. As mãos tremiam-lhe outra vez. Não sabia o que fazer, de maneira que disse a verdade:

— Tinha-me visto a tocar uns anos antes. Falámos desse concerto. E de música, em geral.

— De Bach, Beethoven, Mozart...? — disse Barlow, referindo aqueles nomes ao calhas. — Chopin? Chacopski?

Tchaikovsky, Jane esteve prestes a corrigi-lo, mas conteve-se no último instante pensando que talvez fosse um truque. Será que tinha dito outra coisa a outro agente?

Andrew voltou a tossir. Pegou no cigarro que Jane tinha deixado a consumir-se no cinzeiro.

— Senhora Queller? — insistiu Barlow.

Jane procurou um lenço e assoou o nariz. Conseguiu dominar o pânico.

Cinjam-se à verdade, tinha-lhes dito Nick repetidas vezes. *Tentem só que não seja toda a verdade*.

— Bem... — disse, tentando não se precipitar. — Falámos do Edvard Grieg, porque era norueguês. E dos A-ha, o grupo de música *pop*, que também é norueguês. E da Martha Argerich, que é argentina. Não sei muito bem porque é que veio à baila, mas falámos dela.

— Viu a senhora Juneau entrar na casa de banho? — Barlow observou-a atentamente enquanto ela negava com a cabeça. — Esteve na casa de banho em algum momento antes do tiroteio?

— O congresso era muito longo. Tenho a certeza de que devo ter ido à casa de banho.

Jane tinha consciência de que a voz lhe saía tremida. Será que isso era

bom? Dava veracidade ao seu relato? Olhou para Danberry. O polícia dava voltas pela sala como um tubarão. Porque é que não lhe fazia nenhuma perguntas?

— Havia restos de fita adesiva atrás de um dos autoclismos — informou-a Barlow. — Achamos que esconderam aí a pistola.

— Fantástico — comentou Jasper. — Então devem ter impressões digitais. Caso encerrado.

— Usaram luvas — afirmou Barlow, e acrescentou dirigindo-se a Jane: — Então, segundo sabemos, ouviu falar da Laura e do Robert Juneau antes do assassinato. O que é que me diz da Maplecroft?

— Juneau e Maplecroft na sala! — vociferou de repente Nick, que tinha escolhido esse instante para fazer a sua aparição. — Meu Deus, parecem duas personagens da versão canadiana do *Cluedo*. Qual deles é que levava o castiçal?

Viraram-se todos para a porta onde Nick estava parado. De algum modo, conseguira extrair todo o ar da sala. Jane vira-o fazer o mesmo numa infinidade de ocasiões. Podia subir e baixar de tom como um DJ a rodar o botão de um gira-discos.

— Senhor Harp — disse Barlow —, congratulo-me que tenha podido juntar-se a nós.

— Com todo o prazer.

Nick entrou na sala exibindo um sorriso altivo. Jane manteve os olhos fixos em Barlow, que estava a observar as elegantes feições de Nick. O semblante do polícia não se alterou, mas mesmo assim Jane percebeu o seu desagrado. Das duas uma: o físico e o encanto de Nick podiam jogar a favor ou contra si. Nunca havia meio-termo.

— Bem, cavalheiros — Nick passou o braço pelas costas de Jane num gesto possessivo ao sentar-se no sofá, entre ela e Andrew —, deduzo que já vos terão informado de que nenhum de nós conhecia a Maplecroft, nem a Juneau antes de o Martin ser assassinado, não é verdade? — Passou os dedos pelo cabelo de Jane. — A coitada está devastada pela dor. Não sei como é que uma pessoa pode ter tantas lágrimas dentro de si.

Barlow susteve o olhar um instante. Depois virou-se para Andrew.

— Porque é que o senhor Harp e o senhor não apanharam o mesmo voo de São Francisco?

— O Nick foi um dia antes. — Andrew tirou o seu lenço e limpou o nariz.

— Tinha afazeres em Nova Iorque, creio.

— Que tipo de afazeres?

Andrew pareceu perplexo porque lho perguntava a ele e não a Nick. Barlow virou a cabeça ostensivamente para olhar para Jasper.

— Comandante Queller — disse —, de onde é que a sua família conhece o senhor Harp?

— O Nick está connosco há anos — respondeu Jasper com uma calma surpreendente tendo em conta que nunca gostara de Nick. — Passa as férias connosco, passamos os feriados juntos... Essas coisas.

— A família dele vive na Costa Leste — acrescentou Andrew. — O Nick não tinha ninguém aqui. Os meus pais acolheram-no como se fosse mais um membro da família.

— Mandaram-no para cá com quinze anos, não foi? — perguntou Barlow, mas ninguém disse nada. — Teve algum problema com a polícia em casa? A sua mãe mandou-o para o outro lado do país, para casa da avó?

— O Nick contou-me tudo. — Andrew olhou com nervosismo para o seu amigo. — Foi com muito esforço, mas ainda assim conseguiu entrar em Stanford.

— Ok. — Barlow olhou de novo para as suas notas. De novo aquela tática do silêncio.

Nick aparentou indiferença. Tirou um fio inexistente das calças. Deitou um olhar fugaz a Jane. Só ela reparava na tensão do seu corpo. O braço que apoiava sobre os seus ombros estava rígido. Notou que os seus dedos se espetavam na sua pele.

Será que ele estava aborrecido com ela? Devia estar a defendê-lo? Devia dizer aos agentes que Nick era um bom homem, que tinha conseguido sair de baixo à base de esforço, que não tinham o direito de tratá-lo assim porque estava...?

Vencido.

Nick não sabia ainda, mas tinha perdido a partida mal entrou na sala. Há dias que fazia troça dos agentes do governo, delirando contra a sua estupidez, gabando-se da sua própria sagacidade. Não tinha percebido que eles eram tão capazes de representar um papel como era ele.

Jane respirou, ofegante. Começara a chorar outra vez. Nada era mais aterrador do que o ver a batalhar para sair daquela enrascada.

Barlow olhou para Andrew.

— Senhor Queller — disse —, o senhor Harp alguma vez lhe disse que assistiu a um seminário da doutora Maplecroft?

Andrew lançou um olhar de temor à sua irmã que refletia a sua própria angústia. *O que é que deviam responder? O que é que Nick queria?*

— Eu posso responder a isso — disse Nick. — Se quiser, claro.

— Porque não? — Barlow recostou-se no cadeirão.

Por trás dele, Danberry abriu e fechou outra vez a caixa.

Nick fê-los esperar.

Pegou no cigarro do cinzeiro. Aspirou sonoramente e expulsou uma nuvem de fumo. Sacudiu a cinza. Voltou a deixar o cigarro na ranhura do cinzeiro de mármore e encostou-se no sofá. Passou o braço por trás de Jane.

Por fim, levantou o olhar e fingiu-se surpreendido por estarem todos a aguardar a sua resposta.

— Ah, quer que lhe responda já?

Danberry cruzou os braços.

Jane engoliu a onda de bÍlis que lhe inundou a garganta.

— Os senhores têm um registo da minha frequência desse seminário? — perguntou Nick a Barlow.

— Segundo a sua ajudante nos explicou, a doutora Maplecroft não gosta de folhas de presença.

— É uma pena.

— Vamos falar com os outros alunos esta semana.

— Deve ser uma tarefa árdua — afirmou Nick. — Quantos alunos é que Berkeley tem agora? Trinta mil? Quarenta mil?

Barlow exalou um suspiro profundo. Abriu de novo o seu bloco.

— Na conferência — disse a Andrew, retomando o jogo —, quando o senhor Harp se aproximou da Laura Juneau, que naquele momento se fazia passar pela doutora Maplecroft, mencionou que tinha assistido a um dos seus seminários. O agente da polícia e a rapariga que trabalhava na mesa de registo ouviram-no dizer isso.

— Eu não estava presente nesse momento da conversa — afirmou Andrew —, mas aposto que o Nick pode...

— Sabia que o senhor Harp foi condenado por posse de droga?

— Sabia que o senhor Queller também? — saltou Nick.

— Meu Deus! — resmungou Jasper.

— Só quero registar os factos — afirmou Nick. — Mentir a um agente do

FBI é um crime. Não é assim, senhor Danberry?

O agente não respondeu, mas Jane percebeu que ele tinha reparado no facto de Nick não estar presente quando os agentes se tinham apresentado. Jane podia ter-lhe dito que provavelmente estava a ouvir a conversa no alto da escada. Ela aprendera da pior maneira que Nick era um bisbilhoteiro extremamente discreto.

— Há dois anos — disse Andrew —, fui preso por posse de cocaína. Prestei serviços comunitários e, em troca, fiquei sem cadastro.

— É impossível guardar segredo desse tipo de coisas nos tempos que correm, não é? — acrescentou Nick.

— Efetivamente — afirmou Barlow.

Jane tentou não estremecer quando Nick lhe passou bruscamente os dedos pelo cabelo.

— Conheci a Laura Juneau na sala de espera da KLM no Aeroporto de Schiphol. Íamos os dois para Oslo. Foi ela que se aproximou. Perguntou-me se o lugar contíguo ao meu estava ocupado. Disse-lhe que não. Apresentou-se como a doutora Alexandra Maplecroft. Disse-me que se lembrava de mim, de um dos seus seminários, e podia ser verdade porque, francamente, cavalheiros, passava a maior parte do tempo pedrado quando ia às aulas, de modo que dificilmente posso ser considerado como uma testemunha fiável.

— Dificilmente, com efeito — corroborou Barlow.

Danberry continuava calado. Tinha-se aproximado do piano de cauda que estava do outro lado da sala, um *Bösendorfer* Imperial. Jane tentou não dar um salto ao ver que passava os dedos pelas teclas extra do piano.

— Então, senhor Harp — prosseguiu Barlow —, lembrava-se de estar pela primeira vez com a doutora Maplecroft no Aeroporto de Amesterdão e depois, pela segunda vez, em Oslo.

— Nem mais — respondeu Nick. Jane sentiu vontade de chorar de alívio quando voltou a cingir-se ao guião. — Por simples cortesia, fingi reconhecer a mulher que eu achava que era a doutora Maplecroft. Quando voltámos a encontrar-nos no congresso, fingi de novo por pura educação. — Encolheu os ombros. — Acho que a palavra-chave é *fingir*, cavalheiros. Ela fingiu conhecer-me. Eu fingi conhecê-la. Mas só um dos dois tinha intenções perversas.

Barlow fez uma marca no bloco.

— No congresso — interveio Andrew, retomando o seu papel —, o Nick

apresentou-me a tal Juneau como a doutora Maplecroft. Eu conhecia o nome, mas não a sua cara. Não há muitas fotografias da Maplecroft em circulação, facto no qual sem dúvida terão reparado agora que andam à procura dela. Acho que disse alguma coisa a essa mulher a respeito da mesa-redonda que o meu pai presidia. Não tinha cartão de identificação, de modo que lhe perguntei se tinha algum problema com o registo de participantes. — Encolheu os ombros com um gesto idêntico ao de Nick. — O meu contacto com ela limitou-se a isso. Quando a voltei a ver estava a assassinar o meu pai.

Jane deu um salto. Não o conseguiu evitar.

— Uma explicação muito educada e simples — comentou Barlow.

— A maioria das explicações é assim — afirmou Nick. — Eu suspeitaria das complicadas... — Alisou a perna das calças. — Mas, sabem, senhores? Parece-me que já contei tudo isto aos vossos colegas. Todos nós o fizemos, repetidamente. Por isso, acho que me vou embora.

Nenhum dos dois agentes tentou detê-lo.

Nick hesitou ligeiramente antes de beijar Jane na boca. Depois, atravessou a sala a passos largos. Jane sentiu um aperto no coração ao ver que não virava à direita, mas sim à esquerda. Não ia para o andar de cima para esperar por ela.

Ia-se embora.

A porta da casa abriu-se e fechou-se. O barulho que fez cravou-se no seu coração como uma faca. Teve de entreabrir os lábios de novo para conseguir respirar. Sentia alívio por se ter ido embora e, ao mesmo tempo, receava nunca mais voltar a vê-lo.

— Lamento que o Nick seja tão cretino — disse Jasper a Barlow. — Mas tem razão. Não podemos continuar assim. As respostas não vão mudar por mais que nos interroguem.

— O caso não está encerrado — replicou Barlow. — A doutora Maplecroft continua em poder das pessoas que organizaram o assassinato de Oslo.

— O que é uma tragédia — disse Jasper. — Mas a minha família não pode fazer nada em relação a isso.

— O pedido de resgate exigia uma admissão de culpabilidade por parte da empresa do seu pai — explicou Barlow. — Consideram-no responsável pela matança perpetrada por Robert Juneau.

— A empresa é da família — afirmou Jasper, que levava muito a peito essa *nuance* desde que assumira a responsabilidade da companhia no ano anterior.

— Os sequestradores também pediram um milhão de dólares, o que é ridículo. Não nos podemos responsabilizar pelos atos de um louco. Sabe quantos lares é que são geridos pela Serviços de Saúde Queller? Só na zona da baía?

— Quinze — acrescentou Andrew, mas só Jane o ouviu.

— Os sequestradores autodenominam-se Exército de um Mundo em Mudança— informou-os Barlow. — Já ouviram falar deles?

Jane e Andrew abanaram negativamente a cabeça.

Do outro lado da sala, Danberry fechou a tampa do piano.

O coração de Jane deu um salto. O marfim ficava amarelo se não apanhasse sol.

Jasper deu-se conta da sua inquietação.

— A tampa não devia estar para cima? — perguntou.

Ela negou em silêncio. Nick dir-lhe-ia para deixar as teclas amarelecerem. Para não ensaiar. Para parar de exigir tanto a si própria. Estando no além, Martin já não a podia castigar.

— Comandante Queller — disse Barlow —, já ouviu falar do Exército de...?

— Claro que não. — Jasper pareceu prestes a perder a compostura, mas recuperou-a de imediato. — Não preciso de lhe dizer como essas falácias são prejudiciais para a empresa. Estava previsto a empresa começar a ser cotada em bolsa esta semana. Temos investidores muito poderosos que estão a ficar extremamente nervosos por causa de todo este imbróglio. As acusações dos sequestradores são simplesmente ridículas. Nós não torturamos pessoas doentes, por amor de Deus. Isto não é a Rússia soviética.

— Comandante Queller... — interveio Danberry.

— O meu pai era um bom homem — insistiu Jasper. — Fez algumas declarações controversas, reconheço, mas tinha sempre os interesses da sua família e do seu país muito presentes. Era um patriota. A sua missão na vida era servir os outros, e foi por isso que o mataram.

— Ninguém aqui está a dizer o contrário.

Jasper moderou o seu tom.

— Olhem — disse —, é óbvio que a Laura Juneau tinha um parafuso a menos. Pode ser que nunca saibamos porquê...

— O porquê é bastante claro — disse Andrew baixinho, mas todos o ouviram. — O Robert Juneau foi expulso de seis lares geridos pela nossa

empresa. Deveria ter sido hospitalizado, mas não havia um hospital para o qual pudesse ir. Podemos dizer que o sistema falhou, mas o sistema somos nós, Jasper. A Queller é o sistema. Portanto...

— Portanto, cala a porra da boca, Andrew. — Lançou um olhar fulminante ao seu irmão. — A empresa podia falir por culpa deste imbróglio absurdo. Os investidores podiam voltar atrás. Percebes isso?

— Preciso de apanhar ar. — Jane levantou-se.

Andrew e Barlow imitaram-na. Estava enjoada. Tinha o estômago às voltas. Teve de fixar o olhar no chão à medida que se afastava. Tinha a impressão de andar sobre uma roda em movimento. Queria ir à casa de banho para vomitar, ou para chorar, ou simplesmente para se sentar a sós e tentar deduzir o que se estava a passar.

Onde é que Nick tinha ido?

Estava aborrecido com ela? Tinha cometido algum erro? Ficara calada quando ele queria que o defendesse? Estava furioso? Ia voltar a excluí-la?

Não aguentaria isso outra vez. Não aguentaria. Agora não.

Agora que ia ter um filho dele não.

Em vez de entrar na casa de banho ou de passar pela cozinha para deixar uma mensagem desesperada no atendedor de chamadas de Nick, atravessou a casa e saiu.

Parou no terraço, fechou os olhos e tentou respirar. O ar fresco pareceu aliviar a pressão que ameaçava o seu peito. Olhou para o céu nublado. Distinguiu uma ténue faixa de sol por trás da Golden Gate. A névoa matinal emoldurava as encostas de Marin Headlands. Estava fresco, mas Jane não queria voltar a entrar para ir buscar uma camisola.

Viu indícios de que a sua mãe tinha estado ali na mesa de ferro forjado: a chávena de chá manchada com o batom de Anette, um cinzeiro cheio, o jornal preso com um pisa-papéis de cristal talhado.

Leu a capa do *Chronicle* apesar de saber o pedido de resgate de cor. Nick gabava-se da sua astúcia, mas a ela preocupava-lhe que lhes fizesse parecer um bando de supermalvados de banda desenhada.

Isto é um comunicado direto do Exército de um Mundo em Mudança. Sequestrámos a doutora Alexandra Maplecroft, fantoche do regime fascista e peão no perigoso jogo que Martin Queller e a sua empresa de presumíveis serviços de saúde traziam entre mãos. Exigimos um pedido de

desculpas público pelo papel que Martin Queller desempenhou na matança da família Juneau e de outras famílias em todo o Estado da Califórnia. Há que parar a Serviços de Saúde Queller, uma empresa que explora, tortura e maltrata sistematicamente os pacientes internados nas suas instituições. Haverá mais mortes caso não...

— Bela casinha.

Jane sobressaltou-se.

— Desculpe. — O agente Danberry estava à porta. Tinha um cigarro por acender na boca. Contemplava a vista com uma admiração dissimulada. — Do meu apartamento, vejo a rua que partilho com o meu vizinho. Abro a janela, consigo cheirar o vômito dos drogados a ressacar.

Jane não soube o que dizer. O coração dela batia com tanta força que estava certa de que Danberry o via a bater debaixo da blusa.

— Fecharam-na há dois anos — continuou ele. — A ponte. Rajadas de vento. — Tirou o cigarro dos lábios. — Aquele piano lá dentro... certamente custa mais do que o meu carro, não é verdade?

Provavelmente com o que o Bösendorfer custava podiam comprar cinquenta carros como o dele, mas Danberry não estava ali para falar de pianos.

— Para que é que são as teclas que tem a mais?

O polícia esperou pela sua resposta.

E continuou à espera.

Jane limpou os olhos. Não podia ficar ali parada, a chorar. Tinha de dizer alguma coisa, o que quer que fosse, sobre a ponte, sobre o nevoeiro ou sobre a vista. Mas a sua mente estava tão embargada pelo medo, que nem sequer conseguia articular um comentário banal.

Danberry assentiu com um gesto, como se já o esperasse. Acendeu o cigarro. Olhou para a ponte, para lá das árvores. O barulho longínquo das sirenes de nevoeiro elevava-se por entre as rochas.

Jane também contemplou a ponte. Pensou na primeira vez que tinha estado ali, no jardim de trás, com Nick, a ver como o nevoeiro assentava. Até então, Jane sempre dera aquela paisagem como garantida. Pelo contrário, Nick tinha consciência da sorte que tinham.

— Uma vez vi-a tocar — comentou Danberry.

Ela intuiu o objetivo dele: queria dirigir a conversa para um tema com o

qual estava familiarizada, para fazer com que se sentisse à vontade.

— A minha mulher levou-me à força a um clube de Vallejo. O Keystone Korner. Foi há muito tempo. Soube que se mudou para o outro lado da baía.

— Puxou uma cadeira para Jane. Ela não teve outro remédio a não ser sentar-se. — Sei que isto é duro para si — acrescentou ele.

Jane enxugou os olhos com os dedos. Tinha chorado tanto que tinha a pele irritada.

Danberry sentou-se sem ela o convidar.

— O que é que estava a fazer na Alemanha?

Ela sabia a resposta àquela pergunta. Pelo menos, a que devia dar.

— Senhora Queller?

— Trabalhar — respondeu com esforço, quase a sussurrar.

Tinha de se dominar. Tinham ensaiado aquilo tudo. Era como uma atuação. Tinha todas as notas na cabeça. Só devia exteriorizá-las, obrigá-las a sair servindo-se dos seus dedos.

Esfregou a garganta para relaxar os músculos.

— Era algo temporário — disse. — Estava em Berlim, a substituir um amigo que é pianista de estúdio.

— Em Berlim Ocidental, espero.

Danberry sorriu, e ela fez o mesmo.

— Sei em que é que está a pensar — acrescentou ele. — Que já sabemos o que fazia em Berlim. Sabemos onde vivia. Sabemos onde trabalhava, onde comia, e que, às vezes, ia ao Leste. Também sabemos que o seu voo para Oslo partiu de Berlim Leste, o que não é estranho por lá, pois não? Os preços são mais baratos. — Olhou para a casa. — Não é que precise de poupar, mas quem não gosta de uma pechincha?

Jane sentiu que a angústia voltava a embargá-la. Sabia mesmo tudo aquilo, ou era outro truque?

— Como é a Alemanha de Leste? — perguntou ele.

Ela tentou adivinhar as suas intenções. Será que achavam que era comunista? Uma espiã?

— Ouvi dizer que toda a gente nos vigia — prosseguiu Danberry. — O que se faz, com quem se fala, o que se diz... — Sacudiu a cinza do seu cigarro no cinzeiro cheio. — Tal como eu agora, hã?

Sorriu de novo, e Jane imitou-o.

— Lá eles deixam-nos ouvir música? — perguntou o polícia.

Ela mordeu o lábio. Ouviu a voz de Nick dentro da sua cabeça: *Se tentarem fazer com que te sintas à vontade, fá-los pensar que te sentes à vontade.*

— Um pouco de Springsteen? — insistiu Danberry. — Ou de Michael Jackson, quiçá?

— A música *pop* não é bem vista — respondeu ela, articulando com esforço as palavras aprendidas de cor. — Mas não está completamente *verboten*.

— A música é liberdade, não é?

Jane abanou a cabeça. Para aquilo não tinha guião.

— É como se... — Danberry estendeu as mãos. — Comove as pessoas. Inspira-as. Dá-lhes vontade de dançar ou de pegar numa rapariga e passar um bom bocado. Tem energia.

Jane deu por si a concordar porque fora precisamente isso que tinha sentido ao ver os concertos improvisados que os estudantes davam no parque de Treptow. Tinha uma vontade imensa de contar aquilo a Nick, mas devia ter cuidado quando lhe falava das suas experiências na Alemanha. Não queria que se sentisse excluído.

— A política interessa-lhe? — perguntou Danberry.

Negou em silêncio. Tinha de se cingir ao guião.

Vão saber que nunca votaste.

— Nunca votei em toda a minha vida — disse ao agente.

— Mas, pelo contrário, fez muito voluntariado. Cantinas sociais. Albergues para indigentes. Até aquele pavilhão para doentes com sida que montaram na Universidade de São Francisco. Não teve medo de se contagiar?

Jane observou-o a fumar o seu cigarro.

— Eu fiquei petrificado com o Rock Hudson — prosseguiu Danberry. — Não imaginava que fosse um deles. — Contemplou a Golden Gate. — O seu pai estava a fazer de casamenteiro? — perguntou de repente.

Não respondas se não entenderes a pergunta.

— Foi para a Alemanha durante três meses — explicou Danberry. — O seu namorado ficou cá e andava por aí com o seu irmão, a curtir. — Olhou-a e voltou a olhar para a ponte. — A Ellis-Anne MacMillan diz que a rutura com o Andrew foi muito inesperada. Claro que as ruturas são quase sempre assim.

Não reajas, por mais que tentem surpreender-te.

— Então — prosseguiu ele —, para que é que o seu pai mandou o senhor Harp à Noruega? Para que vocês os dois se reconcilhassem?

Limita-te a dar-lhe dados, sem explicações desnecessárias.

— Eu e o Nick não acabámos — disse. — Fui para Berlim por causa do emprego. Ele teve de ficar aqui, por causa do trabalho. — Sabia que se devia calar, mas não consegui. — O meu pai tinha-lhe dado trabalho na empresa. Certamente mandou-o a Oslo porque queria tê-lo por perto. O debate com a Maplecroft era importante. O Nick é muito simpático, muito caloroso. As pessoas gostam sempre dele. As pessoas sentem-se atraídas por ele. E o meu pai não era uma exceção. Queria ajudá-lo a subir.

— Os tipos como ele caem sempre de pé.

Jane mordeu a ponta da língua. Teve de desviar o olhar para que Danberry não visse a sua expressão de raiva. Não suportava que as pessoas menosprezassem Nick. Tinha sofrido tanto em criança... As pessoas como Danberry jamais entenderiam isso.

— Tem carisma, não tem? — O agente apagou o cigarro na sola do sapato e atirou a beata para o cinzeiro. — Uma cara bonita, talento, boa roupa... Mas não se trata só disso, pois não? Tem o que só alguns têm. Dá vontade de ouvi-los. De segui-los.

O vento levantou-se e agitou as folhas do *Chronicle*. Jane viu o título chamativo ao dobrar o jornal:

UM MILHÃO DE DÓLARES DE RESGATE OU A PROFESSORA MORRE!

Um título ridículo para um manifesto ridículo. Nick tinha feito com que parecessem uns tarados.

— «*Morte à praga fascista que entra na vida das pessoas.*»

Jane não reconheceu a citação do bilhete de resgate. Fingiu deitar uma vista de olhos ao jornal.

— Não está aí — esclareceu Danberry. — Estava a pensar no sequestro de Patty Hearst. É como o Exército Simbionês de Libertação assinava todos os seus comunicados: «*Morte à praga fascista que entra na vida das pessoas.*» — Observou o rosto de Jane. — A sua família tem outra casa perto da dos Hearst, não tem? Em Hillsborough?

— Eu era uma criança quando isso aconteceu.

Jane deduziu pela sua gargalhada que a ele ainda lhe parecia uma criança.

— O Carter não conseguiu libertar os reféns, mas conseguiu tirar a Patty

Hearst da prisão.

— Já lhe disse que a política não me interessa.

— Nem sequer quando andava na universidade? — perguntou ele. — O meu velho costumava dizer-me que toda a gente é socialista até começar a pagar impostos.

Jane voltou a esboçar um sorriso.

— Sabe de onde procede a palavra *simbionês*?

Ela aguardou.

— O líder do Exército Simbionês de Libertação, Donald DeFreeze... o animal não conhecia o termo simbiótico, de modo que inventou a palavra *simbionês*. — Danberry recostou-se na cadeira e cruzou as pernas apoiando o tornozelo sobre o joelho. — A imprensa chamava-lhes terroristas, e é verdade que cometiam atos de terrorismo, mas fundamentalmente todas as células terroristas são seitas, e em geral em todas as seitas há um indivíduo que é o que comanda o leme. Manson, ou Jim Jones, ou o reverendo Moon.

Quanto mais se aproximam do que realmente lhes interessa, mais despreocupados se mostram.

— O DeFreeze era um tipo negro, um vigarista fugido da justiça, condenado à prisão por roubar uma puta. Como muitos vigaristas, espalhava carisma e os miúdos que o seguiam (todos eles brancos de classe média, universitários na sua maioria) não eram tolos. Eram algo pior. Eram verdadeiros crentes. Compadeciam-se dele porque era um pobre preto condenado à prisão e eles eram uns meninos brancos e mimados que tinham tudo. Acreditavam em toda a bazófia que saía da sua boca sobre as pragas fascistas e o paraíso no qual iam viver todos juntinhos. Como lhe estava a dizer, tinha isso: carisma.

Prestem atenção às palavras que repetem, porque esse é o cerne da questão.

— Convenceu o seu círculo próximo de que era mais inteligente do que, na realidade, era — continuou Danberry. — Mais astuto do que era. A verdade é que não passava de um vigarista de meia-tigela que tinha montado uma seita para poder dormir com raparigas bonitas e brincar a ser Deus com os seus amigos. Quando alguém tentava distanciar-se, percebia logo. E sabia como convencê-los a voltarem ao rebanho. — Contemplou a ponte. Os seus ombros pareciam relaxados. — Eram como drogados que ele podia manipular a seu bel-prazer.

Olha-o nos olhos. Não pareças nervosa.

— Enfim... — Danberry juntou as mãos e apoiou-as sobre o estômago. — A maioria da rapaziada que o seguia acabou com um tiro na cabeça ou carbonizada. E isso não é estranho. Esses grupos anarquistas acham que estão a fazer o correto até que acabam todos na prisão ou de barriga para cima no depósito de cadáveres.

Jane enxugou as lágrimas. Via o que Danberry pretendia, mas sentia-se incapaz de impedi-lo.

O que é que Nick faria? Como é que ele daria a volta à coisa?

— Senhora Queller — disse o agente. — *Jinx* — acrescentou, e inclinou-se para a frente até quase tocar na perna de Jane com o joelho.

Vão invadir o teu espaço pessoal para tentar intimidar-te.

— Olhe — prosseguiu Danberry —, eu estou do seu lado. Mas o seu namorado...

— Viu alguém morrer com um tiro na cabeça? — Jane compreendeu pela sua cara de perplexidade que tinha acertado em cheio. Como Nick teria feito, extraiu forças do erro de Danberry. — Disse que essa rapaziada acaba com um tiro na cabeça. Gostava de saber se alguma vez viu isso.

— Eu não... — Danberry recuou visivelmente. — O que queria dizer...

— Vê-se um buraco, um buraco preto não maior do que um centavo, mesmo aqui. — Apontou para a testa, o ponto exato onde Martin Queller tinha sido baleado. — E do outro lado, por onde a bala sai, vê-se uma massa sanguinolenta, e então percebe-se que tudo o que aquela pessoa constituía, tudo o que a fazia ser quem era, está espalhado pelo chão. Convertido em algo que o empregado da limpeza vai limpar e deitar para a sarjeta. Adeus. Para sempre.

— Eu... — Ele abriu a boca e voltou a fechá-la. — Lamento, senhora Queller. Não pretendia...

Jane levantou-se. Entrou em casa e fechou a porta. Enquanto percorria o corredor, limpou o nariz com a mão. Não podia continuar muito mais tempo a fingir. Tinha de sair dali. Encontrar Nick. Dizer-lhe o que estava a acontecer.

A sua mala estava sobre o aparador. Procurou as chaves lá dentro e descobriu que Nick as tinha levado.

Onde é que tinha ido?

— *Jinx?*

Jasper continuava na sala. Estava sentado no sofá, ao lado de Andrew.

Tinham copos de uísque na mão. Até o agente Barlow, que estava de pé junto à lareira, tinha um copo de uísque.

— O que é que se passa? — perguntou Jasper, levantando-se ao vê-la entrar.

— Estás bem? — Andrew também se tinha levantado.

Pareciam alarmados, quase à beira da fúria. Nunca tinham suportado vê-la sofrer.

— Não se passa nada. — Jane fez um gesto pacificador. — Por favor, alguém me pode emprestar o carro?

— Leva o meu. — Jasper deu as suas chaves a Andrew. — Andy, leva-a tu. Não está em condições de conduzir.

— Não... — balbuciou Jane,

— Onde é que queres ir? — Andrew aproximou-se do armário, disposto a tirar os casacos.

Jasper meteu a mão ao bolso.

— Precisas de dinheiro?

Jane não tinha forças para resistir aos seus dois irmãos simultaneamente.

— Não — disse. — Tenho de encontrar... — percebeu que Barlow estava a ouvi-los. — Ar. Preciso de apanhar ar.

— Não havia suficiente no jardim? — perguntou Barlow.

Jane virou-lhes as costas sem esperar por Andrew. Pegou na sua mala, saiu pela porta principal e desceu os degraus. O *Porsche* de Jasper estava estacionado perto da garagem.

— Já está. — Andrew acelerou o passo para alcançá-la e abriu-lhe a porta do carro.

Ela agarrou-lhe no braço.

— Andy... — disse, sentindo que as suas pernas fraquejavam. Mal se conseguia aguentar em pé.

— Está tudo bem — assegurou ele enquanto a ajudava a entrar no carro. — Tenta acalmar-te.

— Não — disse ela. — Não estás a perceber. Eles sabem.

Estavam demasiado assustados para falarem abertamente no carro. Jasper não estava envolvido, mas só eles sabiam disso. O FBI, a CIA, a NSA ou qualquer outro organismo policial podiam ter posto microfones dentro do *Porsche*, em qualquer uma das suas inúmeras frinchas. Até o telefone do carro podia estar sob escuta.

Antes do tiroteio de Oslo, antes de todos os corpos policiais se abaterem sobre a casa de Presidio Heights, antes de o agente Danberry emboscar Jane no jardim de trás, achavam que Nick evidenciava uma paranoia ridícula quando insistia que qualquer lugar, por mais recôndito que fosse, podia estar vigiado, quando insistia que podia haver sempre alguém à escuta. Para falarem sem subterfúgios, deviam procurar um parque ou um café escolhido aleatoriamente. Tinham de fugir por becos, atravessar edifícios, dizer a senha, conhecer as técnicas de interrogatório, aprender a defender-se e ensaiar uma e outra vez, até aprenderem os seus álibis de cor, com toda a exatidão.

Mas tinham-nos aprendido demasiado bem, eram demasiado perfeitos.

Agora, Jane percebia isso. Ao lembrar-se das suas conversas com os agentes ao longo daqueles últimos cinco dias, compreendeu que os interrogadores tinham anotado certas expressões, certos gestos, nos seus blocos, para os compararem depois.

Fingi reconhecer a mulher que eu achava que era a doutora Maplecroft.

Só um dos dois tinha intenções perversas.

Apetecia-me falar com algum americano após ter passado tanto tempo em Berlim.

— Para — disse a Andrew.

O medo tinha-lhe feito um nó no estômago. Abriu a porta antes de o carro parar por completo. As suas botas escorregaram no pavimento. Estavam nas

ruas da cidade. Não havia erva, só betão. Não teve outro remédio senão vomitar na berma.

Conheci a Laura Juneau na sala de espera da KLM no Aeroporto de Schiphol.

Deduzi que era americana pela sua forma de vestir.

Vomitou tão violentamente que caiu de joelhos. O seu estômago expulsava uma bÍlis escura. Desde o assassinato, só conseguia comer ovos com torradas. O chá que Nick lhe dera nessa manhã soube-lhe a cortiça ao queimar-lhe a garganta.

Nick. Tinha de encontrar Nick para que lhe explicasse como iam sair daquela situação.

— *Jinx.* — Andrew pousou a mão no seu ombro. Estava ajoelhado ao seu lado.

Jane inclinou-se para trás apoiada nos calcanhares. Limpou a boca. Tinha um tremor nos dedos que não conseguia parar. Era como se os ossos lhe vibrassem debaixo da pele.

Elessabemelessabemelessabem...

— Estás bem? — perguntou Andrew.

O seu riso tinha um toque de histeria.

— Jane...

— Nenhum de nós está bem — respondeu, e pareceu-lhe que ao dizer aquilo em voz alta punha uma nota de sensatez naquela insensatez. — Estão a apertar o cerco. Falaram com a Ellis-Ann.

— Mantive-a à margem de tudo isto. Não sabe de nada.

— Mas *eles* sabem de tudo. — Como é que era possível que ele não visse?
— Meu Deus, Andy! Acham que fazemos parte de uma seita!

O seu irmão riu-se.

— Como o Templo do Povo ou a Família Manson?

Jane não se ria.

— O que é que vamos fazer?

— Cingir-nos ao plano — respondeu Andrew baixinho. — Para isso é que existe. Quando tiveres dúvidas, deixa-te guiar pelo plano.

— O plano — repetiu ela sem o fervor do seu irmão.

A merda do plano. Arquitetado com toda a minúcia, delineado vezes sem conta, debatido até à exaustão.

Errado do princípio ao fim.

— Vá lá — disse Andrew —, vamos procurar um café e...

— Não.

Jane tinha de encontrar Nick. Ele encontraria uma solução. Ou talvez já a tivesse encontrado. A ideia de ele tratar de tudo aliviou de imediato a sua crise nervosa. Talvez o sucedido com Danberry e Barlow fizesse parte de um plano secreto mais lato. Às vezes, Nick fazia essas coisas: enganava-os, fazia-os acreditar que estavam prestes a ser abalroados por um comboio e depois, quando achavam que já não tinham escapatória, revelava-lhes que o maquinista era ele e que ia abrandar no último instante, salvando-os a todos. Punha-os constantemente à prova. Inclusive em Berlim tinha-lhe pedido que fizesse coisas, que se pusesse em perigo com o único fim de se assegurar de que obedeceria.

Custava-lhe tanto confiar nos outros... na sua família todos lhe tinham virado as costas. Tinha-se visto obrigado a viver na rua. Tinha conseguido seguir em frente sozinho. Tinha confiado uma e outra vez em pessoas que lhe tinham feito mal. Não era de admirar que ela tivesse de lhe demonstrar continuamente que estava do seu lado.

Eram como ioiôs que ele conseguia manipular com um gesto de mão.

— Jane — disse Andrew.

Ouviu as palavras de Danberry ecoar dentro da sua cabeça. Ela era como um ioiô? Nick era um vigarista? O líder de uma seita? Em que é que se distinguia de Jim Jones? O Templo do Povo tinha começado por fazer coisas admiráveis. Dar de comer aos pobres. Cuidar dos idosos. Trabalhar para erradicar o racismo. E depois, uma década depois, mais de novecentas pessoas, entre elas inúmeras crianças, morreram depois de beberem sumo com cianeto.

Porquê?

— Vá lá, Jane — insistiu Andrew. — Esses porcos não sabem nada. Não têm nenhuma certeza.

Ela abanou a cabeça, tentando afugentar os seus pensamentos obscuros. Nick dissera que a polícia ia tentar separá-los, que remexeria nas suas mentes e os assediaria na esperança de os pôr uns contra os outros.

Se ninguém falar, ninguém vai saber.

Nick acreditava mesmo nos disparates que saíam da sua boca ou fora assim que a vigarizara? Passara seis anos da sua vida a segui-lo para todo o lado, a esforçar-se para lhe agradar, a amá-lo, a discutir com ele, a acabar com ele. E,

no fim, voltava sempre. Acontecesse o que acontecesse, arranjava sempre uma maneira de voltar.

Aí tens.

— Anda, vamos embora daqui.

Jane deixou que a ajudasse a levantar-se.

— Leva-me ao apartamento do Nick.

— Não está lá.

— Esperamos por ele.

Entrou no carro e procurou uns lenços de papel na mala. Sentia a boca a apodrecer por dentro. E talvez assim fosse. Talvez estivesse tudo a apodrecer, até o ser que tinham concebido.

Previu a resposta sarcástica que Nick lhe daria: *problema resolvido*.

— Vai correr tudo bem — disse Andrew ao rodar a chave na ignição. O *Porsche* derrapou quando se afastou da berma da estrada. — Precisamos só de dar uma volta. Talvez possamos passar pela casa do Nick.

Jane estranhou o seu tom paternalista, até que percebeu que estava a falar para o microfone que podia haver no carro.

— O Danberry comparou o Nick ao Donald DeFreeze — disse.

— O Marechal de campo cinque[3]? — O seu irmão lançou-lhe um olhar cauteloso e pareceu compreender nesse instante o que o comentário de Danberry implicava. — Isso torna-te na Patricia Hearst?

— Acham que fazemos parte de uma seita — repetiu ela.

— Os Hare Krishna andam de *Porsche*? — Andrew não percebia que queria que lhe respondesse a sério. Continuava a falar para o seu ouvinte fantasma. — Ora, *Jinx*, isto é uma loucura. A polícia não gosta do Nick, e é normal. Ele está a portar-se como um idiota, sem motivo. Assim que perceberem que isto para ele não passa de um jogo, põem-se logo investigar os verdadeiros maus da fita neste assunto.

Ela perguntou-se se o seu irmão não teria acertado em cheio acidentalmente. Porque é que Nick se entregava sempre àqueles jogos? Era suposto levarem aquilo a sério e, desde Oslo, tudo tinha adquirido uma seriedade mortal. O que estavam prestes a fazer em São Francisco, em Chicago e em Nova Iorque faria recair sobre eles todo o peso do governo federal. Nick não podia continuar a brincar com fogo ou acabariam por ir todos para a prisão.

— Não é nada — prosseguiu Andrew. — Não somos uma seita, *Jinx*. O

Nick é o meu melhor amigo há sete anos. E teu namorado há seis. Esses agentes centraram-se nele porque têm de se centrar em alguém. Essa gente precisa sempre de um bicho-papão. Até o David Berkowitz culpava o cão do vizinho.

A sua resposta despreocupada não sossegou Jane.

— E se não mudarem de ideias?

— Vão ter de mudar. Mataram o pai à nossa frente.

Jane deu um salto.

— O FBI não nos vai falhar. O Jasper não vai deixar. Vão apanhar quem fez isto.

Ela negou com a cabeça. As lágrimas escorriam-lhe pela cara.

Era precisamente isso que a preocupava.

O carro inclinou-se ao chegar a uma curva fechada.

Jane levou a mão à garganta. Sentia que voltava a ficar tonta. Olhou pela janela e viu passar indistintamente as casas. Pensou em Nick porque era a única coisa que a impedia de se ir abaixo. Tinha de parar de o questionar, nem que fosse só para si própria. Se havia algo que Nick não suportava era a deslealdade. Por isso é que a tinha posto tantas vezes à prova em Berlim; por isso é que a tinha mandado a um bar de motoqueiros perto do *checkpoint* de Bornholmer; por isso é que a tinha feito ir vender um saco de cocaína a um universitário; por isso é que a tinha mandado à esquadra para denunciar o desaparecimento de uma moto inexistente.

Nessas ocasiões, tinha-lhe dito que fazia todas essas coisas para a ajudar a praticar, para que afinasse a sua capacidade de adaptação às situações perigosas. Nem sequer parara para pensar que podiam violá-la no bar, prendê-la por vender cocaína ou prendê-la por fazer uma denúncia falsa.

Ou talvez sim.

Respirou fundo quando Andrew fez outra curva. Agarrou-se ao manípulo da porta. Viu-o ziguezaguear entre o trânsito sem se incomodar a olhar para trás.

Manobras evasivas.

Tinham feito repetidas vezes o trajeto de ida e volta até San Luis Obispo, três ou quatro carros ao mesmo tempo, para aperfeiçoar a sua destreza ao volante. Nick, como era de esperar, era o que conduzia melhor, mas Andrew seguia-o de perto. Eram os dois competitivos por natureza. Tinham em comum um perigoso desapego pela vida que lhes permitia pisar o acelerador

e guinar o volante com impunidade moral.

Andrew tossiu aproximando o cotovelo da boca para não ter de largar o volante. Estavam a entrar na cidade. Mantinha os olhos postos na estrada. À luz do sol, Jane distinguiu o traço ténue da cicatriz que a tentativa de se enforcar deixara no pescoço de Andrew. Fora há três anos, após se ter empanturrado de comprimidos e antes de meter um chuto de heroína capaz de lhe parar o coração. Jasper tinha-o encontrado pendurado na cave. A corda era muito fina — na realidade era uma corda de estendal — com um arame que lhe levantara um pedaço de pele.

Uma mistura de tristeza e de consciência pesada embargava Jane sempre que via a cicatriz. A verdade era que, na época em que o seu irmão tentara enforcar-se, ela o odiava. Não por Andrew ser mais velho ou por gozar com os seus joelhos ossudos e a sua falta de jeito para as relações sociais, mas porque era drogado há muitos anos e não havia nada que não estivesse disposto a fazer para satisfazer o seu vício. Roubar Annette. Discutir com Jasper. Roubar Martin. E humilhá-la sistematicamente.

Cocaína, benzodiazepina, heroína, anfetaminas...

Ela tinha doze anos quando se tornou evidente que Andrew era um toxicodependente e, como a maioria das crianças dessa idade, só conseguiu ver a desgraça do irmão através da lente das suas próprias carências. Ao crescer, Jane viu-se obrigada a aceitar que os moldes da sua vida estariam sempre condicionados pelo seu irmão. Compreendeu que a família toda seria para sempre refém do que Martin denominava *a fraqueza de Andrew*. As detenções, os centros de reabilitação, as idas a tribunal, os pedidos de favores, o dinheiro que mudava de mãos às escondidas, os donativos políticos, tudo isso absorvia constante e inteiramente a atenção dos seus pais. Ela nunca tivera uma vida normal, mas Andrew arrebatou-lhe qualquer esperança de ter uma existência tranquila, até às vezes normal.

Quando fez dezasseis anos já tinha perdido a conta às reuniões familiares convocadas para tratar o problema de Andrew, aos gritos, às críticas, às acusações, às sovas, aos sermões e à esperança. Isso era o pior de tudo: a esperança. Talvez dessa vez conseguisse largar aquilo. Talvez aparecesse sóbrio no seu aniversário, ou no dia de Ação de Graças, ou no Natal.

E talvez aquele concerto ou aquela atuação que tão importantes eram para ela (a primeira em que lhe tinham permitido escolher o repertório; aquela à qual dedicara tantas horas de ensaio) não se vissem manchados por uma

overdose, por outra tentativa de suicídio, por outra hospitalização, por outra reunião familiar na qual Martin estaria furibundo, Jasper franziria o sobrolho e ela soluçaria enquanto Andrew lhes suplicava outra oportunidade e Annette beberia até cair num torpor insensível.

E então, de repente, Nick conseguiu que Andrew se desintoxicasse.

A prisão por posse de cocaína dois anos antes tinha-lhes aberto os olhos a ambos, mas não como era de esperar. Foram presos por um ajudante do xerife do condado de Alameda. Se não tivesse sido assim, Martin teria conseguido que retirassem a queixa como era hábito. Mas o polícia de Alameda, que lidara com muitos meninos ricos e mimados, estava decidido a que o caso chegasse aos tribunais. Ameaçou contar tudo aos meios de comunicação caso eles não fossem processados.

Foi assim que Andrew e Nick acabaram por viver no Lar Queller de Bayside, o último lar do qual Robert Juneau tinha sido expulso.

Foi aí que Laura conheceu Nick. Nick apresentou-a a Andrew, depois criou um plano, e esse plano deu finalmente a Andrew um propósito que exigia com urgência uma sobriedade absoluta.

O *Porsche* parou com um chiar de pneus. Estavam em frente da casa de Nick, um edifício baixo e atarracado, com uma varanda no andar de cima rodeada por um precário corrimão metálico. Não era o melhor bairro da cidade, mas também não era o pior. O lugar era limpo e os indigentes eram enxotados dali. Ainda assim, Jane detestava que Nick não pudesse viver na casa de Presidio Heights, com os outros.

Agora já podia.

Não podia?

— Vou ver se ele está — disse Andrew. — Fica aqui.

Abriu a porta do carro antes que o seu irmão a pudesse impedir. Sentia-se arrebatada pela urgência. Todas as dúvidas que tivera durante aquela última meia hora ficariam esclarecidas nos braços de Nick, ficariam resolvidas. Quanto mais depressa estivesse com ele, mais depressa se sentiria melhor.

— *Jinx!* — Andrew chamou-a. — *Jinx*, espera aí!

Começou a correr, tropeçou no passeio e dirigiu-se às escadas oxidadas. As botas rígidas magoavam-na, mas não se importou. Intuíu que Nick estava em casa. Que estava à espera dela. Que talvez se estivesse a perguntar porque é que tinham demorado tanto, se já não se importavam com ele, se tinham perdido a fé nele.

Ela *tinha* perdido a fé. *Tinha* duvidado dele.

Não era tola. Era um monstro.

Correu mais depressa, mas tinha a sensação de que cada passo que dava a afastava dele. Andrew corria atrás dela, chamava-a aos gritos, dizia-lhe que fosse mais devagar, que parasse, mas Jane era incapaz de o fazer.

Tinha-se deixado manipular pelo agente Danberry. Nick não era um vigarista, nem o líder de uma seita. Era um sobrevivente. A sua primeira lembrança era ver a sua mãe a comer um polícia, ainda com a farda vestida, que lhe pagava com heroína. Não conhecera o pai. Uma série de chulos tinham-no maltratado e abusado dele. Tinha passado por dezenas de escolas quando finalmente atravessou o país à boleia para ir à procura da sua avó. Ela odiou-o assim que olhou para ele, acordava-o a meio da noite aos pontapés e aos gritos. Tinha-se visto forçado a viver na rua, depois num albergue para sem-abrigo enquanto acabava os estudos. O facto de ter conseguido entrar em Stanford apesar de todas as penúrias que passara, demonstrava que era mais inteligente, muito mais inteligente, do que as pessoas pensavam.

Sobretudo, o agente Danberry, com os seus poucos dentes e o seu fato barato.

— *Jinx!* — gritou Andrew do outro lado da varanda.

Ia a andar porque já não conseguia correr. Jane ouvia a sua tosse a dez metros de distância.

Procurou a chave dentro da mala, não aquela que tinha no porta-chaves, mas a de emergência, aquela que guardava no bolso com fecho. As mãos tremiam-lhe tanto que deixou cair a chave ao chão. Agachou-se para a apanhar. Tinha as palmas das mãos cobertas de suor.

— *Jinx!*

Andrew tinha-se inclinado com as mãos apoiadas nos joelhos e ofegava exalando uma espécie de pieira.

Ela abriu a porta.

Sentiu que o mundo cambaleava debaixo dos seus pés.

Nick não estava ali.

E ainda pior, as suas coisas também não estavam. O apartamento estava quase vazio. As coisas que tanto apreciava: o sofá de couro que tanto lhe custara comprar, as elegantes mesas de vidro laterais, o candeeiro de teto, o grosso tapete castanho... tinha desaparecido tudo. Só havia um cadeirão grande e fofo virado para a parede do fundo. Mas faltava a linda mesa de

vidro e bronze da cozinha. A enorme televisão. A aparelhagem, mais as suas colunas gigantescas. A sua coleção de discos. As paredes estavam nuas. Os seus queridos quadros já lá não estavam, nem sequer aqueles que Andrew tinha pintado.

Faltou pouco para que caísse de joelhos. Levou a mão ao peito ao sentir que o seu coração se partia.

Nick tinha-os abandonado?

Tinha-a abandonado a ela?

Tapou a boca com a mão para não desatar aos gritos. Entrou no quarto com um passo trémulo e parou no meio do aposento. Já lá não estavam as suas revistas, nem os seus livros, nem os sapatos que deixava perto da porta da varanda. Cada coisa que faltava era como uma flecha que lhe rasgava o coração. Estava tão aterrorizada que se sentia quase dormente. As ideias mais horríveis estavam a passar-lhe pela cabeça.

Nick tinha-a abandonado. Sabia que duvidava dele. Que tinha deixado de acreditar nele, embora tivesse sido só por um instante. Tinha desaparecido. Tinha tido uma *overdose*. Tinha conhecido outra mulher.

Tinha tentado matar-se.

As suas pernas fraquejaram quando tentou avançar pelo corredor. Nick ameaçara matar-se mais do que uma vez e a ideia de perdê-lo era tão devastadora que sempre que o ouvia dizer isso chorava como uma menina e suplicava-lhe que por favor ficasse com ela.

Não consigo viver sem ti. Preciso de ti. És o ar que eu respiro. Por favor, nunca me deixes.

— Jane? — Andrew tinha chegado à porta. — Jane, onde é que estás?

A porta do quarto de Nick estava fechada. Teve de se apoiar contra a parede, à medida que avançava pelo corredor. Passou pela casa de banho: escova e pasta de dentes sim, mas colónia não, nem as coisas da barba, nem escova, nem pente.

Novas flechas atravessaram-lhe o coração.

Parou à porta do quarto. Conseguiu agarrar o puxador a muito custo. Não havia ar suficiente para lhe encher os pulmões. O seu coração tinha parado de bater de forma cadenciada.

Empurrou a porta.

A cama tinha desaparecido, com o seu edredão grosso. Não havia mesas de cabeceira nem candeeiros a condizer. A cómoda antiga que Nick tinha

restaurado com tanta dedicação esfumara-se. Só havia um saco-cama estendido no chão vazio.

A porta do armário estava aberta.

Começou a chorar outra vez, quase a soluçar de alívio, ao ver que a sua roupa continuava pendurada nos cabides. Nick gostava da sua roupa. Não se iria embora sem ela.

— *Jinx?*

Andrew chegou perto de Jane, e amparou-a.

— Achava... — Finalmente falharam-lhe as pernas. Sentia-se outra vez tonta. — Achava que...

— Anda, vamos. — Andrew levantou-a e praticamente tirou-a aos empurrões do quarto.

Apoiou-se nele enquanto percorriam o corredor, arrastando os pés pelo chão sem tapete. O seu irmão levou-a para a sala de estar. Acendeu a luz. Jane semicerrou os olhos, encandeada com um brilho tão intenso. Os candeeiros tinham desaparecido. Nos casquilhos estavam unicamente as lâmpadas. Com exceção daquele enorme cadeirão que parecia resgatado da rua, tudo aquilo pelo qual Nick sentia apego tinha desaparecido.

Não obstante, a sua roupa continuava no armário. E ele não se iria embora sem a sua roupa.

Pois não?

— Está...? — Não conseguiu acabar a frase. — Andrew, onde...?

O seu irmão levou um dedo aos lábios para lhe indicar que podia haver alguém a ouvir.

Ela abanou a cabeça. Não se sentia capaz de continuar aquele jogo. Precisava de palavras, de segurança.

— Tem calma. — Andrew voltou a lançar-lhe aquele olhar enfático, como se ela estivesse a ignorar alguma coisa importante.

Jane olhou à sua volta, ansiosa para entender o que estava a acontecer. O que é que lhe estava a escapar naquele espaço vazio?

O espaço vazio.

Nick desfizera-se das suas coisas. Vendera-as ou dera-as. Tentava impedir o trabalho da polícia ao deixá-los sem um só lugar onde colocar os seus dispositivos de escuta?

Não conseguiu aguentar mais. Sentou-se no chão com os olhos rasos de lágrimas de alegria. Tinha de ser isso. Nick não os tinha abandonado. Estava

a enganar a polícia. O apartamento quase vazio era mais um dos seus jogos.

— *Jinx?* — Andrew parecia preocupado.

— Está tudo bem — garantiu ela enquanto limpava as lágrimas. Sentia-se uma idiota por fazer aquela cena. — Por favor, não digas ao Nick que fiquei tão aflita. Por favor.

O seu irmão abriu a boca para responder, mas começou a tossir. Jane fez uma careta ao ouvir o som congestionado e húmido. Tossiu outra vez, e mais outra, e por fim entrou na cozinha, onde encontrou um copo limpo ao lado do lava-louça.

Jane limpou o nariz com as costas da mão. Ao olhar de novo à sua volta, reparou numa caixa de cartão que estava perto daquele cadeirão horrível. O coração bateu com mais força ao ver a fotografia emoldurada que descansava sobre a caixa.

Nick tinha-se desfeito de quase tudo, e tinha conservado aquilo.

Era uma foto de ambos na casa de Hillsborough, no Natal anterior. Sorriam para a câmara, mas não se olhavam, embora Nick tivesse o braço por cima dos seus ombros. Jane tinha passado três semanas em *tournee* e, ao voltar, tinha-o achado nervoso e distraído. Ele fazia questão de dizer que estava tudo bem e ela suplicara uma e outra vez para que lhe contasse o que se passava. Tinham passado horas assim, do anoitecer ao amanhecer, até que por fim ele lhe contou o seu encontro com Laura Juneau.

Estava a fumar um cigarro encostado à grade do lar de Bayside. Foi depois de o deterem no condado de Alameda por posse de cocaína, quando ele e Andrew estavam a cumprir a sentença imposta pelo juiz. O seu encontro foi um mero acaso. Laura andava há meses à procura de uma forma de entrar na empresa Queller. Tinha falado com uma série de pacientes e de empregados na esperança de alguém, qualquer pessoa, a ajudar a encontrar provas de que o sistema tinha lixado o seu marido.

Encontrou em Nick um ouvinte verdadeiramente capaz de a entender. Durante a maior parte da sua vida, todas as pessoas com uma certa autoridade lhe tinham dito uma e outra vez que carecia de importância, que a sua inteligência deixava muito a desejar, que não era de uma boa família, que não tinha onde cair morta. Atrair Andrew deve ter sido ainda mais fácil. O seu irmão passara a vida inteira enfrascado nos seus próprios desejos e necessidades. Dirigir a atenção para a tragédia vivida por outras pessoas foi para ele um meio de sair das trevas.

Senti-me tão egoísta quando ouvi a história dela, disse Andrew a Jane. Eu achava que estava a sofrer, mas não fazia ideia do que era realmente sofrer.

Jane não sabia precisar o momento exato em que Nick começou a recrutar outras pessoas. Era o que fazia melhor: acolher inadaptados, pessoas marginalizadas que, tal como ele, sentiam que ninguém ouvia a sua voz. Naquela noite de Natal na casa de Hillsborough, quando Nick lhe falou por fim do plano, já havia dezenas de pessoas noutras cidades dispostas a mudar o mundo.

Foi Laura que teve primeiro a ideia? Não só de Oslo, mas também de São Francisco, Chicago e Nova Iorque?

A Serviços de Saúde Queller era uma empresa que maltratava boas pessoas num só Estado, mas ao ser cotada em Bolsa obteria o capital necessário para exportar o seu programa de negligência a todo o país. Era evidente que a concorrência tinha adotado o mesmo plano de negócios. Nick falou a Jane de lares na Geórgia e Alabama que punham os pacientes na rua. Um centro em Maryland fora apanhado a abandonar deficientes psíquicos em paragens de autocarro em pleno inverno. E em Illinois a lista de espera era tão longa que os pacientes demoravam literalmente anos a receber assistência.

Tal como Nick lhe explicou, Martin seria o primeiro objetivo, mas para que a mudança fosse significativa era necessário levar a cabo atos de resistência eficazes. Tinham de mostrar ao resto do país, e ao mundo, o que estava a acontecer àquela pobre gente abandonada. Deviam seguir o exemplo de ACT UP, de Weather Underground, de United Freedom Front, e abanar aquelas instituições corruptas até aos seus alicerces.

O que era fantástico.

Não era?

A verdade era que Nick estava sempre indignado ou entusiasmado com alguma coisa. Escrevia aos políticos exigindo-lhes ação. Enviava missivas coléricas aos editores do *San Francisco Gate*. Trabalhava como voluntário com Jane em albergues para indigentes e clínicas para doentes com sida. Estava sempre a anotar ideias de invenções incríveis ou a rabiscar notas sobre possíveis projetos empresariais. Ela incentivava-o sempre, porque sabia que era muito pouco provável que pusesse as suas ideias em prática: isso era farinha de outro saco. Ou ele pensava que as pessoas que podiam ajudá-lo eram demasiado imbecis ou demasiado intransigentes, ou aborrecia-se e passava para outra coisa.

Jane deduziu que com Laura Juneau aconteceria a mesma coisa. Quando compreendeu que aquilo era diferente, que Andrew também estava envolvido e que os dois levavam os seus planos quiméricos muito a peito, não conseguiu recuar. Temia que Nick prosseguisse sem ela. Que a deixasse para trás. Uma vozinha recordava-lhe sempre, insidiosamente, de que precisava de Nick bem mais do que ele precisava dela.

— *Jinx.*

Andrew estava à espera que lhe prestasse atenção. Tinha na mão a fotografia do Natal. Abriu a parte de trás da moldura. Havia uma chavezinha presa com celofane ao cartão.

Jane sentiu o impulso de lhe perguntar o que é que estava a fazer, mas conseguiu conter-se. Olhou com nervosismo à sua volta. Nick tinha-lhes dito que as câmaras podiam estar escondidas nos candeeiros, dentro dos vasos ou por trás da grelha do ar condicionado.

Constatou então que Nick tinha tirado todas as grelhas. Só restavam as bocas abertas das condutas nas paredes.

Só é paranoia se não tens razão.

Andrew deu-lhe a chave. Guardou-a no bolso de trás. O seu irmão voltou a colocar a fotografia sobre a caixa de cartão. Com o maior sigilo possível, virou o pesado cadeirão até pô-lo de lado.

— O que...? — perguntou ela antes de perceber o que ia fazer. Olhou com curiosidade para o seu irmão.

Que diabo é que se está a passar?

Andrew respondeu levando de novo o dedo aos lábios.

Deixou escapar um gemido ao pôr-se de joelhos. Arrancou de uma vez o tecido que cobria a parte de baixo do cadeirão. Jane fez um esforço para não fazer as perguntas que tinha debaixo da língua. Observou como o seu irmão destruía o cadeirão. Andrew retirou as molas de um dos lados, dobrando-as. Meteu a mão dentro da espuma e tirou uma caixa metálica retangular de uns dez centímetros de profundidade e o comprimento e a largura de uma folha.

Jane sentiu que os músculos ficavam tensos ao pensar em tudo o que aquela caixa podia conter: armas, explosivos, mais fotografias, todo o tipo de coisas que não queria ver porque Nick não escondia nada a não ser que não quisesse que ninguém o encontrasse.

Andrew pôs a caixa no chão. Baixou-se. Estava cansado, custava-lhe a respirar apesar de só ter virado um cadeirão. A luz áspera não o favorecia em

absoluto. Parecia ainda mais doente do que antes. As suas olheiras escuras estavam marcadas por minúsculos derrames capilares. A sua respiração continuava sibilante.

— Andy...

Ele pôs a caixa debaixo do braço.

— Vamos.

— E se o Nick...?

— Já.

Voltou a endireitar o cadeirão. Esperou que Jane saísse primeiro e depois aguardou que fechasse a porta à chave.

Ela manteve a boca fechada enquanto atravessava o corredor. Ouvia os passos pesados de ambos sobre o betão, o estalido seco das suas botas, o martelar surdo dos *mocassins* de Andrew. A pieira do seu peito não parava de aumentar. Jane tentou abrandar o passo. Estavam no primeiro lanço de escadas quando o seu irmão a deteve com um gesto.

Jane olhou para ele. O vento agitava o cabelo de Andrew. O sol desenhava uma linha fina sobre a sua testa. Perguntou-se como se conseguia manter de pé. A sua cara tinha a palidez de um morto.

Achou que podia perguntar:

— O que é que estamos a fazer, Andrew? Não entendo porque é que temos de ir. Não devíamos esperar pelo Nick?

— Lá em casa — afirmou ele —, ouviste o Jasper dizer aos federais que o pai era boa pessoa?

Jane não podia fazer piadas sobre Jasper naquele momento. Aterrorizava-a que o seu irmão mais velho se visse imerso naquele imbróglio que nenhum deles era capaz de controlar.

— Andrew, por favor, vais dizer-me o que é que se está a passar?

— O Jasper defendeu o pai porque é igualzinho a ele.

Jane sentiu o impulso de revirar os olhos. Não podia acreditar que o seu irmão reagisse assim num momento como aquele.

— Não sejas tão cruel. O Jasper adora-te. Sempre te adorou.

— Ele adora-te mas é a ti. E isso é bom. Fico feliz por ele tomar conta de ti.

— Não sou uma criança, não preciso de uma ama — replicou ela com mais amargura do que pretendia.

Discutiam por causa de Jasper desde que eram pequenos. Andrew via

sempre o pior dele. Pelo contrário, para Jane ele era o seu salvador.

— Sabes quantas vezes me levou a jantar quando o pai tinha uma das suas venetas, ou me ajudou a escolher o que vestir quando a mãe estava demasiado bêbada, ou tentou falar comigo de música, ou me ouviu chorar por causa de um rapaz ou por...

— Sim, eu sei, é um santo. E tu és a sua irmãzinha perfeita. — Andrew sentou-se na escada. — Senta-te.

Jane sentou-se de má vontade um degrau abaixo dele. Havia muitas coisas a dizer sobre Jasper mas sabia que só iriam magoar Andrew; por exemplo, sempre que Andrew sofria uma *overdose* ou desaparecia, ou acabava no hospital, era o seu irmão mais velho que se assegurava de que ela estivesse bem.

— Dá-me a chave — disse Andrew.

Jane tirou-a do bolso e deu-lha. Observou a cara do irmão enquanto Andrew metia a chave na fechadura. Ainda lhe custava respirar. Suava copiosamente apesar de correr uma brisa fresca.

Por fim, conseguiu abrir a tampa da caixa metálica.

— Já está.

Jane viu que estava cheia de pastas. Reconheceu o emblema da Serviços de Saúde Queller impresso na parte de baixo.

— Olha só para isto. — Andrew passou-lhe várias pastas. — Sabes que o pai deu trabalho ao Nick na empresa.

Jane mordeu a língua para não lhe dizer que naturalmente sabia que o namorado trabalhava na empresa do seu pai. Deu uma olhadela aos impressos contidos nas pastas tentando entender que importância tinham, porque é que Nick se tinha incomodado a escondê-los. Reconheceu logo as fichas dos pacientes, acompanhadas pelos seus códigos de faturação e impressos de admissão. Martin costumava trazê-los para casa na mala, e Jasper tinha começado a fazer o mesmo ao entrar para a empresa.

— O Nick tem andado a bisbilhotar — comentou Andrew.

Aquilo também não era uma surpresa. Nick era o seu *informador*, como gostava de dizer. Jane deu uma vista de olhos aos documentos. Nomes de pacientes, números de segurança social, moradas, códigos de faturação, correspondência com o governo estatal, com médicos, com o departamento de contabilidade... O Lar Queller de Bayside. O de Hilltop. O Reformatório Juvenil Queller.

— Já tínhamos visto isto tudo — disse Jane. — Fazia parte do plano. O Nick vai mandá-lo à imprensa.

Andrew folheou as pastas até encontrar aquilo de que andava à procura.

— Lê esta.

Ela abriu a pasta. Reconheceu logo o nome que figurava no impresso de admissão.

ROBERT DAVID JUNEAU.

Encolheu os ombros. Sabiam que Robert Juneau tinha estado internado em Bayside. Era do domínio público. Fora aí que tudo aquilo tinha começado.

— Repara nas datas de admissão — indicou-lhe o irmão.

Jane leu em voz alta:

— De um de abril a vinte e dois de abril de 1984. De seis a vinte e oito de maio de 1984. De vinte e um de junho a catorze de julho de 1984.

Olhou desconcertada para Andrew porque nada daquilo era novo. A empresa tinha andado a defraudar o governo. As pessoas que permaneciam internadas mais de vinte e três dias eram consideradas pacientes de longa duração, o que significava que o Estado pagava uma diária inferior pelo seu cuidado. Martin contornava esse inconveniente mandando-os embora dos seus centros antes de perfazerem os vinte e três dias e voltando a admiti-los uns dias depois.

— Isto vai ser publicado depois de Chicago e de Nova Iorque — disse. — O Nick tem os envelopes prontos para mandar a informação para os jornais e para a sede do FBI.

Andrew riu-se.

— Imaginas mesmo o Nick sentado a uma mesa a encher quase uma centena de envelopes? A lamber os selos e a escrever as moradas? — Assinalou o expediente que ela tinha nas mãos. — Dá uma vista de olhos à página seguinte.

Estava demasiado stressada e esgotada para prosseguir aquele jogo, mas mesmo assim virou a folha. Viu mais datas que resumiu a Andrew.

— Vinte e dois dias em agosto. Outra vez em setembro e depois em... Ah!

Ficou a olhar para as datas. A aversão que o seu pai lhe inspirava aumentou inesperadamente.

Robert Juneau matara os seus filhos e suicidara-se a nove de setembro de 1984. Segundo os dados contidos na sua ficha, após a sua morte tinha continuado a ser admitido e readmitido em diversos centros durante seis

meses.

Centros Queller.

O seu pai não só se tinha aproveitado das doenças de Robert Juneau para obter lucros, como tinha prolongado essa situação depois de o paciente cometer um assassinato e tirar a própria vida.

Jane teve de engolir em seco antes de perguntar:

— A Laura sabia disto? Quero dizer, antes do que se passou em Oslo. — Olhou para Andrew. — Viu estes papéis?

Ele fez um gesto afirmativo.

As mãos dela tremiam quando baixou o olhar.

— Sinto-me como uma idiota — disse. — Esta manhã tinha remorsos, sentia-me culpada. E ontem também. Não conseguia tirar da cabeça os momentos em que o nosso pai não era um monstro, mas...

— Era um monstro — afirmou Andrew. — Aproveitou-se da desgraça de milhares de pessoas e ter-se-ia aproveitado de centenas de milhares quando a empresa fosse cotada em Bolsa, unicamente com o intuito de obter lucros. Tínhamos de o parar.

Nada do que Nick lhe tinha dito naqueles últimos cinco dias tinha aliviado tanto a sua consciência.

Folheou a ficha de Robert Juneau até ao fim. A Queller ganhara centenas de milhares de dólares depois da morte de Robert Juneau. Encontrou faturas pagas, códigos de faturação e provas de que o governo tinha continuado a pagar pelos cuidados de um paciente que já não precisava de uma cama limpa, nem de medicamentos, nem de alimento.

— Passa a... — disse Andrew.

Mas Jane já estava a ler o Relatório de Intervenção. As readmissões múltiplas tinham de ter a assinatura de um executivo da empresa para que o conselho consultivo se reunisse e debatesse as medidas necessárias para que o paciente recebesse a ajuda de que precisava. Pelo menos, era assim que devia acontecer, dado que os Serviços de Saúde Queller se dedicavam supostamente a prestar ajuda às pessoas.

Ao ver a assinatura do diretor, Jane sentiu um aperto no coração. Conhecia aquela assinatura tão bem como a sua. Figurava nos impressos do colégio e nos cheques em branco que levava ao centro comercial para comprar roupa ou quando ia ao cabeleireiro ou pôr gasolina.

Jasper Queller.

Desfez-se em lágrimas. Levantou o impresso para vê-lo a contraluz.

— Deve estar falsificada ou...

— Tu sabes que não. É a assinatura dele, *Jinx*. Certamente feita com a maldita *Montblanc* que o pai lhe deu quando deixou a Força Aérea.

Ela sentiu que começava a abanar a cabeça. Intuíra para onde tudo aquilo conduzia.

— Por favor, Andrew. É o nosso irmão.

— Tens de aceitar os factos. Já sei que achas que o Jasper é o teu anjo da guarda, mas estive metido nisto desde o princípio. Tudo o que o nosso pai fazia, ele também fazia.

Jane continuou a abanar a cabeça apesar de ter as provas diante de si. Jasper sabia que Robert Juneau estava morto. Tinham comentado a notícia. Tinha-se mostrado tão horrorizado como ela por a empresa ter falhado daquela maneira com um paciente.

E, logo de seguida, ajudara a empresa a lucrar à sua custa.

Pegou nas outras pastas e deu uma vista de olhos às assinaturas, convencida de que havia algum erro. Quanto mais olhava, maior era o seu desespero.

A assinatura de Jasper aparecia em todos os documentos.

Teve de fazer um esforço para dominar a sua desolação.

— Estes pacientes estão todos mortos?

— A maioria. Alguns foram viver para outro Estado. Os seus dados são ainda usados para passar faturas — explicou Andrew. — O pai e o Jasper precisavam de exagerar os números. Os investidores estavam preocupados com o facto de a oferta pública das ações poder não ser propriamente um sucesso.

Os investidores... Martin tinha recorrido a eles dois anos antes, a fim de comprar as empresas dos seus concorrentes. Jasper estava obcecado com o grupo, como se fosse uma espécie de monólito onnisciente capaz de os destruir por puro capricho.

— Há que parar o Jasper — afirmou Andrew. — Se a empresa for cotada em Bolsa, terá acesso a milhões de dólares, dinheiro manchado de sangue. Não podemos permitir isso.

Jane sentiu um calafrio de horror. Fora justamente assim que começara com Martin. A uma revelação escandalosa seguira-se outra até que, inopinadamente, Laura Juneau lhe dera um tiro na cabeça.

— Sei que queres desculpá-lo — disse Andrew —, mas isto não tem desculpa.

— Não podemos... — teve de fazer uma pausa. Aquilo era demasiado. — Não lhe vou fazer mal, Andy. Como ao pai, não. É-me indiferente o que vais dizer.

— O Jasper não merece nem o que custa uma bala. Mas tem de pagar por isto.

— Quem somos nós para nos armarmos em...? — Parou outra vez, porque todos eles se tinham armado em deuses em Oslo e nenhum deles tinha pestanejado até ao instante em que tudo acabou. — O que é que vais fazer?

— Mandar isto para os jornais.

Ela agarrou-o pelo braço.

— Andy, por favor, suplico-te. Sei que o Jasper não foi o melhor irmão do mundo para ti, mas adora-te. Adora-nos aos dois.

— O nosso pai teria dito a mesma coisa.

As suas palavras foram como uma bofetada.

— Tu sabes que é diferente.

Andrew cerrou visivelmente os dentes.

— O sistema dispõe de uma quantidade finita de dinheiro para se responsabilizar por essas pessoas, *Jinx*. O Jasper apropriou-se desses recursos para manter os investidores satisfeitos. Quantos Robert Juneau há por aí por causa do que o nosso irmão fez?

Ela sabia que tinha razão, mas estavam a falar de Jasper.

— Não podemos...

— É absurdo discutir, *Jinx*. O Nick já pôs a coisa em andamento. Por isso é que me disse para vir aqui primeiro.

— Primeiro? — repetiu ela, alarmada. — Primeiro do que o quê?

Em vez de responder, ele esfregou a cara com as mãos, o único indício de que aquilo o inquietava.

— Por favor — suplicou ela.

Não conseguia parar de repetir aquelas duas palavras. As lágrimas inundavam-lhe constantemente os olhos.

Pensa no que seria de mim se aniquilassem a vida do Jasper, queria dizer. Não consigo fazer mal a mais ninguém. Não posso dar a um botão para deixar de me sentir culpada.

— *Jinx* — disse Andrew —, quero que saibas que esta decisão não

depende de nós.

Ela compreendeu aquilo que o seu irmão lhe estava a tentar dizer. Nick queria vingar-se, não só pelo mal que Jasper tinha feito, mas por lhe lançar bocas durante os jantares de família, por tratá-lo com desdém, por lhe fazer perguntas mal-intencionadas sobre o seu passado, por mostrar que não era *um de nós*.

Andrew voltou a remexer na caixa metálica. Jane deu um salto quando tirou um maço de *Polaroids*. Andrew retirou o elástico e pô-lo no pulso.

— Não — sussurrou ela.

Ignorando-a, o seu irmão observou atentamente as fotografias: um catálogo da sova dada a Jane.

— Nunca vou perdoar o nosso pai por te fazer isto.

Mostrou-lhe em primeiro plano a sua barriga coberta de hematomas.

A primeira vez, embora não a última, que ficou grávida.

— Onde é que estava o Jasper quando isto aconteceu, Jane? — A ira de Andrew aumentou de repente. Não havia forma de o calar. — Eu reconheço a minha parte de culpa. Estava pedrado. Importava-me uma merda com a minha própria vida, imagina com a vida dos outros. Mas e o Jasper?

Ela olhou para o parque de estacionamento. As lágrimas continuavam a cair.

— O Jasper estava em casa quando isto aconteceu, não estava? Fechado no quarto? A fingir que não ouvia os gritos?

Todos eles tinham ignorado a berraria quando era outro que estava a passar um mau bocado.

— Meu Deus! — Andrew contemplou a fotografia seguinte, a do corte profundo na sua coxa. — Nestes últimos meses, sempre que me sentia em baixo, o Nick puxava destas fotografias para que os dois tivéssemos consciência do que o nosso pai te fez. — Mostrou-lhe em primeiro plano o seu olho inchado. — Quantas vezes é que te bateu? Quantas vezes é que fizemos de conta que tinhas o olho pisado por causa da mesa do pequeno-almoço? Quantas vezes é que a mãe se riu, ou o Jasper, por causa da tua falta de coordenação?

Ela tentou tirar importância ao assunto recordando o que a família lhe chamava:

— *Jinx*, a desastrada.

— Não vou deixar que te voltem a magoar — disse Andrew. — Jamais.

Jane estava farta de chorar, mas parecia incapaz de parar. Tinha chorado pela família arrasada de Laura Juneau. Tinha chorado por Nick. Tinha chorado, inexplicavelmente, por Martin, e agora chorava de vergonha.

Andrew fungou ruidosamente pelo nariz. Voltou a pôr o elástico nas *Polaroids* e pousou-as na caixa.

— Não te vou perguntar se sabias sobre a pistola.

Ela apertou os lábios. Manteve os olhos fixos no parque de estacionamento.

— Eu também não te vou perguntar isso a ti.

O seu irmão respirou fundo com esforço, quase ofegante.

— De modo que o Nick...

— Por favor, não digas isso. — Jane voltou a levar a mão à barriga. Ansiava a serenidade de Laura Juneau, a justificação que dava aos seus atos.

— A Laura conseguiu escolher — acrescentou Andrew. — Podia ter-se ido embora quando encontrou a pistola na mala.

Fora o próprio Nick quem lhe dissera isso, e as suas palavras não tinham servido de consolo para Jane. Sabia que Laura não teria voltado atrás. Estava decidida a seguir em frente, absolutamente em paz com a sua decisão. Talvez até estivesse contente. Controlar o próprio destino (ou, como dizia Nick, levar um cabrão pela frente) tinha as suas vantagens.

— Parecia muito simpática — disse.

Andrew fechou a caixa e verificou o fecho.

— Parecia muito, muito simpática — repetiu ela.

Ele pigarreou várias vezes.

— Era uma pessoa maravilhosa — disse num tom que denunciava a sua angústia.

Nick tinha-o encarregado de lidar com Laura. Andrew fora o seu único ponto de contacto com o grupo. Tinha-se ocupado de lhe explicar os pormenores do plano, de lhe facultar o dinheiro e as informações dos voos, de lhe dizer onde se encontrar com o falsificador de Toronto, como se apresentar, que senha lhe daria acesso a que porta.

— Porque é que falaste com ela em Oslo? — perguntou.

Jane negou com a cabeça. Não tinha resposta para aquela pergunta. Nick tinha-os advertido de que o anonimato era a única defesa se as coisas se complicassem. Ela, desejosa como sempre de seguir as suas ordens, tinha procurado refúgio no bar quando Laura Juneau entrou. Faltava menos de uma

hora para o início da mesa-redonda. Era muito cedo para beber e Jane sabia que, de qualquer modo, não o devia fazer. Tocar piano acalmava-lhe sempre os nervos, mas por alguma razão inexplicável sentira-se irremediavelmente atraída por Laura, que estava sentada ao balcão, sozinha.

— Devíamos ir embora — disse Andrew.

Ela não respondeu. Limitou-se a segui-lo em silêncio pelas escadas abaixo, até ao carro.

Segurou a caixa metálica sobre o regaço quando ele arrancou e voltou a entrar nas ruas da cidade. Jane esforçou-se para não pensar em Jasper. Também não podia perguntar ao seu irmão para onde iam. Não era apenas a possibilidade de haver dispositivos de escuta escondidos no carro o que a impedia de falar com Andrew. Jane intuía que havia mais alguma coisa. De certo modo, a sua estadia em Berlim tinha-a separado do grupo. Já em Oslo tinha percebido isso, e era especialmente ostensivo agora que estavam de volta a casa. Nick e Andrew davam longos passeios, escondiam-se nos cantos, baixavam rapidamente a voz quando ela se aproximava.

Ao princípio pensou que era uma forma de ajudá-la a superar o seu sentimento de culpa, mas agora perguntava-se se não se estariam a passar outras coisas que não queriam que Jane soubesse.

Será que havia mais caixas escondidas?

Quem mais é que Nick planeava magoar?

O carro atravessou uma colina. Jane fechou os olhos, deslumbrada pelo súbito fulgor do sol. Deixou que os seus pensamentos vagueassem de novo até Laura Juneau. Queria descobrir o que a tinha impelido a aproximar-se dela no bar. Era justamente o que não devia fazer. Nick tinha-a avisado várias vezes para não se aproximar dela, que ao interagir com Laura só conseguiria chamar a atenção da polícia sobre ela.

E tinha razão.

Já nesse momento ela soubera que Nick tinha razão, enquanto falava com Laura. Talvez a movesse o impulso de ir contra ele. Ou sentia-se atraída pela lucidez e determinação de Laura. As cartas codificadas de Andrew estavam cheias de referências àquela mulher. O seu irmão assegurava que, de todos eles, Laura era a única que nunca parecia hesitar.

Porquê?

— Procura um lugar — disse-lhe Andrew.

Tinham chegado ao distrito de Mission. Jane conhecia bem a zona. Quando

era estudante, costumava ir ali às escondidas ouvir grupos *punk* no antigo quartel dos bombeiros. Contornando a curva havia um albergue para indigentes e uma cantina social onde trabalhara com frequência como voluntária. O bairro era um foco de atividades marginais desde os tempos em que os franciscanos construíram a primeira missão no final do século XVIII. As lutas de ursos, os duelos e as corridas de cavalos deram lugar a estudantes pobres, a sem-abrigo e a drogados. Uma energia violenta emanava dos armazéns abandonados e das casas em ruínas dos moradores onde se encontravam os imigrantes. Havia pinturas anarquistas por todo o lado. A rua estava repleta de lixo. As prostitutas montavam guarda nas curvas. Apesar de ser meia manhã, tudo tinha o contraste sombrio e sujo do entardecer.

— Não podes deixar o *Porsche* do Jasper aqui — disse ela. — Alguém o vai levar.

— Nunca tocaram nele.

Antes, pensou Jane. Referes-te a todas as vezes em que o nosso irmão, aquele que dizes odiar, veio até aqui à noite para te resgatar?

Andrew estacionou entre uma moto e um carro queimado. Dispunha-se a sair do carro quando Jane lhe agarrou a mão. A sua pele era áspera ao tato. Tinha o pulso seco e descamado mesmo por baixo do relógio. Jane esteve prestes a dizer alguma coisa sobre isso, mas não queria que as palavras perturbassem aquele momento.

Há muito tempo que não passavam uns momentos sozinhos. Desde que Laura Juneau disparou aquela última bala no crânio. Desde que os *politi* os tiraram, a Nick e a ela, do auditório a toda a pressa.

Os agentes noruegueses confundiram Nick com Andrew e, quando por fim compreenderam porque é que Jane chamava aos gritos pelo seu irmão, Andrew já estava aos murros à porta.

Parecia quase enlouquecido. O sangue manchava-lhe a camisa no peito, gotejava-lhe das mãos, ensopava-lhe as calças. O sangue de Martin. Enquanto toda a gente se afastava do palco, Andrew tinha-se precipitado para ele. Tinha afastado os guardas aos empurrões. Tinha caído de joelhos. No dia seguinte, Jane veria fotografias desse instante num jornal: Andrew a segurar sobre o regaço o pouco que restava da cabeça do seu pai, os olhos levantados para o teto, a boca aberta num grito.

— Tem graça — disse agora. — Não me lembrei de que gostava dele até a ver apontar-lhe a pistola à cabeça.

Jane assentiu em silêncio. Ela tinha sentido o mesmo: o coração apertado, uma dúvida que lhe produziu um suor frio.

Quando era criança, costumava sentar-se nos joelhos de Martin enquanto ele lhe lia. Fora o pai que a sentara pela primeira vez a um piano. Que contratou Pechenikov para que aperfeiçoasse os seus estudos. Que assistia aos seus recitais, concertos e atuações. Que levava no bolso do casaco um bloco onde anotava os seus erros. Que lhe batia nas costas quando se enganava na tecla. Que a açoitava nas pernas com uma régua metálica quando não praticava o suficiente. Que a impedia de dormir à noite, aos gritos, dizendo-lhe que era uma inútil, que estava a desperdiçar o seu talento, que fazia tudo mal.

— Havia muitas coisas que lhe queria dizer — acrescentou Andrew.

Jane foi de novo incapaz de conter as lágrimas.

— Queria que estivesse orgulhoso de mim. Não agora, agora sei que seria impossível, mas um dia. — O seu irmão virou-se para ela. Sempre fora magro, mas com a dor, a sua cara consumira-se ao ponto de se ver a forma dos ossos debaixo da pele. — Achas que isso podia acontecer um dia? O pai orgulhoso de mim?

Jane sabia a verdade, mas respondeu:

— Sim.

Ele voltou a olhar para a rua.

— Está ali a Paula — disse.

Ela sentiu que os pelos dos seus braços e da nuca se eriçavam.

Paula Evans, como sempre vestida com umas botas da tropa, um vestido sujo e luvas sem dedos, encaixava na perfeição naquele ambiente. Tinha o cabelo encaracolado desgrenhado. Os seus lábios eram de um vermelho brilhante. Por motivos desconhecidos, pintara debaixo dos olhos um risco preto. Ao ver o *Porsche*, fez-lhes um gesto obsceno com as duas mãos. Em vez de se aproximar, dirigiu-se ao armazém com um passo decidido.

— Assusta-me — disse Jane a Andrew. — Não está bem da cabeça.

— O Nick confia nela. Faria o que ele lhe pedisse.

— É isso que me assusta.

Estremeceu ao ver Paula desaparecer no armazém. Se Nick andava a jogar à roleta russa com o futuro de todos eles, Paula era a única bala da pistola.

Saiu do carro. O ar estava impregnado de um cheiro gorduroso que lhe recordou Berlim Leste. Pousou a caixa metálica no banco para conseguir

vestir o casaco. Tirou da mala as suas luvas de pele e o seu lenço.

Andrew meteu a caixa debaixo do braço ao fechar o carro.

— Não te afastes de mim — disse a Jane.

Entraram no armazém e dirigiram-se à parte de trás. Há três meses que Jane não ia ali, mas sabia o caminho de cor. Todos sabiam porque Nick os tinha feito estudar os planos, subir e descer por becos, esgueirar-se por pátios traseiros e até meter-se pelos esgotos.

Coisa que, até então, lhe tinha parecido um disparate.

A paranoia tomou conta dela enquanto percorria o caminho do costume. Atravessando um beco, chegaram à rua seguinte. Aí, apesar da sua roupa cara, chamavam menos a atenção. As lojas de artigos de segunda mão e os decrepitos blocos de apartamentos estavam repletos de estudantes da vizinha Universidade de São Francisco. Os buracos das janelas partidas estavam tapados com papel de jornal. Os caixotes do lixo transbordavam de resíduos. Jane sentiu o cheiro desagradavelmente adocicado de um milhar de charros acesos para dar as boas-vindas ao novo dia.

A casa segura ficava na esquina entre as ruas 17th e Valencia, a um quarteirão de Mission. No passado fora uma casa vitoriana, dividida agora em cinco apartamentos de uma só divisão, habitados por um traficante, um grupo de *strippers* e um casal jovem com sida que tinha perdido tudo exceto um ao outro. Como muitos imóveis da zona, o edifício estava condenado. E, como era comum no bairro, os seus habitantes não se importavam com isso.

Subiram ambos os ruinosos degraus da entrada. Pela enésima vez, Andrew olhou para trás antes de entrar. A porta no apartamento era tão estreita que teve de se pôr de lado para passar e chegar à porta aberta da cozinha. No pátio de trás havia uma casinha, um velho barracão com dois andares reconvertido numa moradia. Um cabo cor de laranja fornecia energia elétrica à casinha. Não havia água corrente. O andar de cima segurava-se num equilíbrio precário sobre o que originalmente fora uma arrecadação. A música ressoava nas janelas fechadas: o som estridente de «*Bring the boys back home*» dos Pink Floyd.

Andrew levantou o olhar para o andar de cima e depois voltou a olhar para trás. Bateu duas vezes à porta. Esperou. Bateu outra vez e a porta abriu-se inesperadamente.

— Idiotas! — Paula agarrou-o pela camisa e puxou-o. — Em que merda é

que estavam a pensar? Combinámos que seriam embalagens de tinta explosiva. Quem é que meteu a puta pistola na mala?

Andrew endireitou a camisa. A caixa metálica tinha caído ao chão.

— Paula — balbuciou —, nós...

O ar arrefeceu de repente.

— Como é que me chamaste? — perguntou Paula.

Andrew demorou um instante a responder. No meio do silêncio, Jane só ouvia o disco cujo som vinha lá em cima. Pousou a mala no chão para o caso de ter de ajudar o seu irmão. Paula tinha fechado os punhos com força. Nick tinha-lhes dito que usassem só os seus nomes de código e, como tudo o que saía da sua boca, Paula entendera aquela ordem como se fosse a palavra de Deus.

— Desculpa — disse Andrew. — Queria dizer *Penny*[\[4\]](#). *Penny*, podemos deixar isso para depois?

Paula não se calou.

— És tu que mandas agora?

— *Penny* — interveio Jane —, para com isto.

A jovem encarou-a.

— Tu não...

Quarter pigarreou.

Jane assustou-se ao ouvi-lo. Não o tinha visto entrar. Estava sentado à mesa com uma maçã vermelha na mão. Cumprimentou Jane e depois Andrew levantando um pouco o queixo.

— O que está feito, feito está — disse a Paula.

Ela cruzou os braços.

— Estás a gozar comigo? Isto é assassinato, malditos idiotas. Não sabem disso? Somos todos cúmplices de assassinato.

— Um assassinato cometido na Noruega — disse *Quarter*. — Mesmo que conseguissem extraditar-nos, apanhávamos sete anos de prisão, no máximo.

Paula soltou um suspiro depreciativo.

— Achas que o governo americano vai deixar que nos julguem num país estrangeiro? Foste tu, não foste? — Paula apontou para Jane com o dedo. — Foste tu que meteste a pistola na mala, sua cabra desmiolada.

Jane não estava disposta a ser achincalhada por aquela imbecil ressentida.

— Estás furiosa comigo porque o Nick não te disse nada da pistola ou porque é comigo que ele vai para a cama e não contigo?

Quarter riu baixinho.

Andrew suspirou ao baixar-se para pegar na caixa metálica. Depois ficou petrificado.

Todos ficaram petrificados.

Estava alguém lá fora. Jane ouviu barulho de passos. Conteve a respiração enquanto aguardava o sinal: dois toques à porta, uma pausa e outro toque.

Nick?

Sentiu que o seu coração se agitava ao pensar nele, mas a angústia continuou a ameaçá-la até abrir a porta e ver o seu sorriso.

— Olá, malta. — Nick deu-lhe um beijo na cara. Aproximou a boca do seu ouvido e sussurrou: — Suíça.

Uma onda de amor embargou Jane.

Suíça.

O sonhado apartamento em Basileia, rodeado de estudantes, num país sem tratado de extradição com os Estados Unidos. Nick tinha-lhe falado da Suíça na mesma noite de Natal em que lhe revelou os planos. Ela tinha adorado o facto de ele se conseguir centrar tão intensamente não só no caos que iam semear, mas sim em como se livrariam das possíveis consequências.

Meu amor, sussurrara-lhe ao ouvido, não sabes que eu penso em tudo?

— Bem. — Nick juntou as mãos dando uma palmada e acrescentou dirigindo-se a todos eles. — Está tudo bem, tropa? Bora lá?

Quarter apontou para Paula.

— Essa aí está-se a passar.

— Não é verdade! — replicou ela. — Nick, o que se passou na Noruega foi...

— Magnífico! — Agarrou-a pelos braços e o seu entusiasmo inundou a sala como um raio de luz. — Foi colossal! O mais importante que aconteceu a um americano neste século, sem dúvida alguma!

Paula pestanejou e Jane viu como passava a concordar de imediato com a opinião de Nick.

Nick também reparou na mudança.

— Ai, *Penny* — disse —, oxalá tivesses estado lá para presenciar aquilo. O público ficou chocado. A Laura puxou do revólver mesmo quando o Martin estava a explicar os custos do pessoal da limpeza. E então — acrescentou imitando a forma de uma pistola com a mão —, *bang*. Um tiro que foi ouvido em todo o mundo. E tudo graças a nós. — Piscou um olho a Jane e abriu os

braços para abarcá-los a todos. — Meu Deus, tropa. O que fizemos, o que estamos prestes a fazer, é heroico.

— É verdade. — Andrew, como de costume, apressou-se a dar-lhe razão. — A Laura tinha escolha. Tínhamos todos escolha. E ela decidiu fazer o que fez. Todos decidimos fazer o que estamos a fazer. Não é assim?

— É pois — respondeu Paula, ansiosa por ser a primeira a assentir. — Todos sabíamos naquilo em que nos estávamos a meter.

Nick olhou para Jane e esperou que fizesse um gesto de assentimento.

Quarter resmungou, mas a sua lealdade era inquestionável.

— O que é que se está a passar com a bófia? — perguntou a Nick.

— O agente Danberry... — começou Jane.

— Não é só a polícia — interrompeu Nick. — São todas as agências federais do país. E a Interpol. — Esta última parecia excitá-lo. — É o que queríamos, tropa. O mundo inteiro está dependente de nós. O que vamos fazer agora, em Nova Iorque, em Chicago, em Stanford, o que já aconteceu em Oslo... Vamos mudar o mundo!

— Pois é — concluiu Paula como uma paroquiana a responder ao pastor.

— Estão a perceber como é estranho poder mudar alguma coisa? — Os olhos de Nick brilhavam ainda, cheios de determinação.

O seu entusiasmo era contagiante. Inclinar-se todos para ele, evidenciando fisicamente que estavam dependentes de cada palavra sua.

— Estão a perceber como é absolutamente extraordinário que os cidadãos comuns como nós possamos mudar a vida de... enfim, de milhões de pessoas? Milhões de pessoas que estão doentes, ou que não fazem ideia nenhuma de que os seus impostos são usados para encher as arcas da América capitalista enquanto as pessoas concretas, as pessoas da rua que precisam de ajuda, ficam na sarjeta?

Nick passeou o olhar pela sala, reparando em cada um deles. Aquilo era o que lhe dava vida: saber que estava a servir-lhes de inspiração para atingirem a grandeza.

— *Penny* — disse —, o teu trabalho em Chicago vai deixar o mundo inteiro boquiaberto. Nas escolas vão ensinar às crianças o papel fundamental que desempenhaste nisto. Vão ficar a saber que acreditavas numa ideia e lutaste por ela. E tu, *Quarter*, a tua ajuda logística... Sem ti não estaríamos aqui, seria impensável. Os teus planos para Stanford são o eixo central de toda a operação. E Andrew, o nosso querido *Dime*. Meu Deus, a forma como

abriste o caminho para a Laura, como encaixaste todas as peças... Jane...

Paula soltou outro suspiro.

— Jane. — Nick apoiou as mãos sobre os seus ombros. Beijou-a na testa e ela sentiu-se invadida por uma nova onda de amor. — Tu, meu amor. Tu dá-me força. Tu fazes o possível para que guie as nossas gloriosas tropas para a vitória.

— Vamos ser presos — disse Paula, mas aquela possibilidade já não a parecia encher de raiva. — Sabem disso, não sabem?

— E então? — *Quarter* tinha pegado numa navalha e estava a descascar a maçã. — Agora tens medo? Falas tanto e agora...

— Eu não tenho medo — replicou ela. — Estou metida nisto até ao fundo. Disse que estaria aqui e aqui estou. Podes contar sempre comigo, Nick.

— Linda menina.

Nick esfregou as costas de Jane. Ela esteve prestes a aninhar-se como um gatinho. Para ele era tão simples... Só tinha de pôr a mão no lugar preciso, dizer a palavra certa, e ela voltava a ficar firmemente do seu lado.

Será que Jane era um ioiô?

Ou era uma verdadeira crente? Porque, afinal de contas, aquilo que Nick dizia era verdade. Tinham de acordar o povo. Não podiam ficar de braços cruzados enquanto tanta gente sofria. A inação era inadmissível.

— Está bem, malta — prosseguiu Nick. — Sei que isto da pistola de Oslo foi uma surpresa, mas não sabem como correu tudo estupidamente? A Laura fez-nos um favor tremendo ao apertar o gatilho e sacrificar a sua vida. As suas palavras chegam agora bem mais longe do que se as tivesse gritado atrás das grades de uma prisão. É uma mártir, uma mártir santificada. E o que fizermos a partir de agora, os passos que dermos, farão com que as pessoas tomem consciência de que não podem continuar a deixar-se levar como um rebanho de ovelhas. As coisas vão ter de mudar. As pessoas vão ter de mudar. Os governos vão ter de mudar. As empresas vão ter de mudar. E só nós podemos fazer com que isso aconteça. É a nós que nos cabe acordar o mundo inteiro.

Sorriam todos, os seus fiéis acólitos. Até Andrew parecia resplandecer, lisonjeado com os seus elogios. Talvez fosse a devoção que permitia que a angústia de Jane voltasse a aprisioná-la uma e outra vez.

As coisas tinham mudado enquanto estava em Berlim. A energia que dominava a divisão era mais cinética.

Quase fatalista.

Será que Paula também tinha esvaziado o seu apartamento?

Quarter ter-se-ia desfeito dos seus bens mais valiosos?

Andrew tinha acabado com Ellis-Ann. Era evidente que estava doente e, contudo, negava-se a ir ao médico.

Será que esta devoção cega era uma outra forma de doença?

Todos eles, exceto Jane, tinham passado por alguma instituição psiquiátrica. Nick tinha roubado as suas fichas médicas na Queller ou, no caso dos outros membros das células, tinha encontrado alguém que lhas facultou. Sabia das suas esperanças e dos seus medos, das suas crises e das suas tentativas de suicídio, dos seus transtornos alimentares e dos seus antecedentes criminais, e o mais importante, sabia como tirar partido de toda essa informação.

Ioiôs cujo cordel Nick enrolava e desenrolava a seu bel-prazer.

— Vamos a isto. — *Quarter* levou a mão ao bolso e pôs uma moeda de um quarto de dólar sobre a mesa, ao lado da maçã descascada. — A Equipa Stanford está pronta.

Transtorno bipolar. Tendências esquizofrénicas. Recaídas violentas.

Paula deixou-se cair numa cadeira ao pôr uma moeda de um centavo sobre a mesa.

— Chicago está pronta há um mês.

Comportamento antissocial. Cleptomania. Anorexia nervosa. Labilidade emocional.

Nick lançou uma moeda de cinco centavos ao ar. Apanhou-a no ar e pousou-a sobre a mesa.

— Nova Iorque está ansiosa por começar.

Sociopatia. Transtorno do controlo de impulsos. Dependência da cocaína.

Andrew olhou para a sua irmã antes de enfiar a mão no bolso. Pôs uma moeda de dez centavos ao lado das outras e sentou-se.

— Oslo já acabou.

Transtorno de ansiedade. Depressão. Tendências suicidas. Psicose induzida pelo abuso de drogas.

Viraram-se todos para ela. Meteu a mão no bolso do seu casaco, mas Nick deteve-a.

— Leva isto para cima, sim, querida? — passou a maçã que *Quarter* descascara a Jane.

— Eu posso fazer isso — ofereceu-se Paula.

— Podes calar-te?

Nick não lhe estava a dizer que se calasse. Estava a fazer-lhe uma pergunta.

Paula voltou a sentar-se.

Jane pegou na maçã. A fruta deixou-lhe uma mancha húmida na luva de pele. Apalpou o painel secreto até que encontrou o botão e empurrou. Uma das ideias engenhosas de Nick. Queriam que fosse difícil encontrar as escadas. Puxou o painel para colocá-lo no seu lugar e fechou-o com firmeza, segurando com o gancho.

Ouviu-se um forte clique quando o mecanismo de fecho voltou a encaixar.

Subiu as escadas sem pressa, tentando perceber o que diziam. Mas a canção dos Pink Floyd que entoava numa minúscula coluna cumpria perfeitamente a sua missão. Só se ouvia a voz estridente de Paula por cima do enérgico som instrumental de «*Comfortably Numb*».

— Cabrões! — gritava uma e outra vez, tentando evidentemente impressionar Nick com o seu fervor furibundo. — Vamos dar uma lição a esses cabrões filhos da puta!

Jane sentiu que uma emoção quase animal subia por entre o soalho quando chegou ao cimo das escadas. Havia incenso aceso no quarto fechado à chave. Cheirava a lavanda. Certamente Paula tinha trazido um dos seus talismãs de vudu para afastar os espíritos.

Laura Juneau também tinha lavanda em sua casa. Era um dos muitos detalhes isolados que Andrew tinha conseguido incluir nas suas cartas codificadas. Que Laura adorava a cerâmica. Que, tal como ele, pintava bastante bem. Ou que acabava de entrar no jardim e estava de joelhos na sala de estar, à procura de uma jarra no aparador, quando Robert Juneau abriu a porta usando a sua própria chave.

Um único disparo na cabeça num menino de cinco anos.

Dois tiros no peito num rapaz de dezasseis.

Duas balas numa juvenzinha de catorze.

Uma delas acabou alojada na coluna vertebral de Laura Juneau.

A última bala, a bala final, penetrou no crânio de Robert Juneau por debaixo do queixo.

Clorpromazina. Valium. Xanax. Atenção vinte e quatro horas. Médicos. Enfermeiras. Contas. Porteiros. Produtos de limpeza.

— Sabes quanto custa tomar conta de uma pessoa vinte e quatro horas por dia? — tinha perguntado Martin a Jane.

Estavam sentados à mesa, a tomar o pequeno-almoço. O jornal estava aberto diante deles, as manchetes chamativas refletiam o horror do massacre:

ASSASSINA OS FILHOS E DEPOIS SUICIDA-SE. Jane estava a perguntar ao seu pai como era possível que aquilo tivesse acontecido. Por que motivo tinham expulsado Robert Juneau de tantos lares geridos pelas empresas Queller.

— Quase cem mil dólares por ano. — Martin mexia o seu café com uma antiga colher de prata *Liberty & Company*, herança de algum antepassado. — Sabes a quantas viagens à Europa equivale esse dinheiro? — perguntou-lhe. — Carros para os teus irmãos? Quantas viagens, quantas *tournées*, quantas aulas do teu adorado Pechenikov?

Porque é que deixou de atuar?

Porque já não aguentava tocar com as mãos manchadas de sangue.

Encontrou a chave pendurada num gancho e meteu-a na fechadura. Do outro lado da porta, o disco tinha chegado à parte em que a voz de David Gilmour se apoderava do refrão.

There is no pain, you are receding...

Entrou no quarto. O cheiro a lavanda envolveu-a. Uma jarra de vidro continha flores recém-cortadas. O incenso ardia sobre uma bandeja metálica. Jane compreendeu que o seu objetivo não era afugentar os maus espíritos, mas sim dissimular o fedor a merda e a mijo do balde que havia junto da janela.

When I was a child, I had a fever...

Só havia duas janelas naquela espelunca: uma dava para a casa em frente; a outra, para o edifício da rua de trás. Jane abriu as duas, confiando que a corrente dissipasse em parte o cheiro.

Deteve-se no meio do quarto com a maçã descascada na mão. Deixou que o solo de guitarra acabasse. Seguiu as notas de cabeça. Visualizou os seus dedos sobre as teclas. Tinha tocado guitarra durante uns tempos e depois violino, violoncelo, bandolim e, por puro prazer, um violino com as cordas de aço.

Depois, Martin disse-lhe que tinha de escolher entre fazer bem muitas coisas ou atingir a perfeição numa só.

Levantou a agulha do gira-discos.

Ouviu-os lá em baixo. Primeiro, a tosse de Andrew com a sua angustiante pieira. Depois, um dos comentários sucintos de Nick. *Quarter* disse-lhes para falarem mais baixo e Paula começou de novo com o seu discurso retórico (*esses putos porcos vão-nos pagar*), abafando as vozes de todos os outros.

— Vá lá, vá lá — disse Nick num tom de gozo. — Estamos tão perto. Sabem como vamos ser importantes quando isto tudo acabar?

Quando isto tudo acabar ...

Jane levou a mão à barriga enquanto atravessava o quarto.

Será que aquilo tudo alguma vez ia acabar?

Poderiam seguir em frente depois? Poderiam trazer um filho ao mundo que estavam a tentar criar? Havia mesmo um apartamento à espera deles na Suíça?

Jane lembrou-se de novo que Nick tinha vendido os seus móveis. Tinha tirado os candeeiros do seu apartamento. Estava a dormir no chão. Isso era próprio de um homem que achava que havia um futuro à espera dele?

Será que esse homem era capaz de ser um bom pai para o seu filho?

Jane ajoelhou-se junto da cama.

Baixou a voz umas oitavas e disse em tom de advertência:

— Não digas uma palavra.

Tirou a mordaca à mulher.

Alexandra Maplecroft começou a gritar.

[3] No original *Field Marshal Cinque*, nome de guerra pelo qual Donald DeFreeze era conhecido. (N.T.)

[4] As alcunhas *Penny*, *Nickel*, *Dime*, *Quarter* e *Dollar Bill* fazem referência ao sistema monetário americano: um centavo, cinco centavos, dez centavos, vinte e cinco centavos e um dólar. (N.T.)

23 DE AGOSTO DE 2018

Andy tirou uma pesada caixa de sapatos da parte de trás do *Reliant*. Gotas grossas de chuva caíram contra o cartão. O alcatrão libertava vapor. Tinha começado a chover após vários dias de um calor abafado e, agora, para além de ter de sofrer com o calor, acabaria encharcada até aos ossos. Correu várias vezes entre o carro e a porta aberta da arrecadação, agachando a cabeça sempre que um relâmpago espreitava entre as nuvens da tarde.

Tinha seguido o exemplo da sua mãe e tinha alugado duas arrecadações diferentes em duas empresas diferentes de dois Estados diferentes para esconder o dinheiro que levava no carro. De facto, tinha aperfeiçoado o método de Laura: em vez de amontoar os maços de notas no chão do armazém como se fosse Skyler de *Breaking Bad*, fizera uma incursão numa loja do Exército de Salvação de Little Rock e escondera o dinheiro debaixo de um monte de roupa velha, utensílios de campismo e uma mixórdia de brinquedos partidos.

Desse modo, qualquer pessoa que a visse pensaria que estava a fazer o que fazia a maioria dos americanos: pagar para armazenar um monte de bugigangas que, na realidade, não queria, em vez de as doar às pessoas que realmente precisavam.

Correu de novo para o *Reliant* e pegou noutra caixa. A chuva ensopara os seus ténis acabados de estrear. As suas meias novas adquiriram uma consistência de lama. Tinha parado num Walmart ao sair da primeira arrecadação, na localidade de Texarkana, em Arkansas. Já não vestia roupa dos anos oitenta. Tinha comprado um portátil de trezentos e cinquenta dólares e uma mala grande para o transportar. Tinha óculos de sol, roupa interior que não lhe caía pelo rabo e um curioso sentimento de determinação.

Quero que vivas a tua vida, dissera-lhe Laura no restaurante. *Adorava*

poder facilitar-te a vida, mas sei que não ia servir de nada. Tens de te desenvencilhar sozinha.

Agora estava sozinha, disso não tinha dúvida. Mas o que tinha mudado? Nem sequer era capaz de explicar com coerência o porquê de se sentir tão diferente. Só sabia que estava farta de flutuar entre pontos catastróficos como uma ameba dentro de uma caixa de Petri. Devia-se ao facto de ter descoberto que a sua mãe era uma mentirosa espetacular? Ou ao sentimento de vergonha por ser tão crédula? Ou talvez por um assassino a ter seguido até Alabama e, em vez de seguir o seu instinto e fugir, tinha-se tentado enrolar com ele?

Ardia-lhe a cara de vergonha quando tirou outra caixa do porta-bagagem do *Reliant*.

Ficara em Muscle Shoals o tempo suficiente para ver a carrinha de Mike Knepper passar duas vezes em frente do motel em duas horas. Esperara mais uma hora, e outra, para se assegurar de que não regressava. E depois metera as coisas no *Reliant* e fizera-se de novo à estrada.

Sentia-se trémula desde o princípio, cheia de cafeína do café do McDonald's porque continuava a temer parar numa área de serviço: naquele momento, ainda levava o dinheiro dentro do carro. Demorara cinco horas a chegar a Little Rock, Arkansas, e cada uma delas aumentava o peso que sentia na alma.

Porque é que Laura lhe tinha mentido? De quem é que tinha medo? Porque é que lhe tinha dito que fosse para Idaho?

E, sobretudo, porque é que ela continuava a seguir cegamente as ordens da sua mãe?

A sua incapacidade para responder àquelas perguntas tinha-se visto agravada pela falta de sono. Tinha parado em Little Rock porque o nome da povoação lhe era familiar, e tinha escolhido o primeiro hotel com parque de estacionamento subterrâneo que encontrou, pensando que seria conveniente esconder o *Reliant*, caso Mike ainda a estivesse a seguir.

Tinha estacionado o carro de marcha-atrás para que, se alguém o tentasse roubar, tivesse dificuldade em aceder ao porta-bagagem. Depois entrou no carro e deslocou-o um pouco para a frente para poder tirar o saco-cama e o saco de praia do porta-bagagem. De seguida, voltou a fazer marcha-atrás. Posteriormente, entrou no hotel e dormiu quase quinze horas seguidas.

Da última vez que dormira tanto de uma vez, Gordon levava-a ao médico temendo que tivesse narcolepsia. Para ela, o sono de Arkansas foi uma

terapia. Já não agarrava com força o volante. Não gritava nem soluçava no carro vazio. Não olhava para o telemóvel de Laura de cinco em cinco minutos. Não temia por aquele monte de dinheiro que a prendia ao *Reliant*. Não a preocupava que Mike a tivesse seguido porque se tinha metido debaixo do carro e tinha comprovado que não tinha nenhum dispositivo de rastreamento por GPS.

Mike.

Com o seu ridículo apelido com *K* mudo, o seu ridículo gafanhoto na carrinha e aquele beijo ridículo que lhe dera no parque de estacionamento, como um psicopata, já que evidentemente estava ali para a seguir, ou para a torturar, ou para lhe fazer algo horrível, e em vez disso tinha-a seduzido.

Mas o pior fora que ela tinha permitido.

Tirou a última caixa do porta-bagagem e, ainda envergonhada, entrou na arrecadação. Pousou a caixa no chão. Sentou-se num precário banco de madeira com três pernas. Esfregou a cara. Tinha as faces em brasa.

Idiota, repreendeu-se a si própria, *ele topou-te logo*.

A penosa verdade era que a sua vida sexual fora muito pobre. Costumava exhibir a sua aventura com o seu professor da universidade para se armar em sofisticada, mas não mencionava que só tinham dormido juntos três vezes e meia, que ele era um drogado quase impotente e que, normalmente, acabavam sentados no sofá, ele a fumar charros e ela a ver repetições dos episódios de *Sarilhos com Elas*.

Contudo, aquele tipo era preferível ao seu namorado da escola. Conheceram-se no clube de teatro, o que já deveria ter-lhe dado uma pista. Mas tornaram-se grandes amigos e chegaram à conclusão de que deviam perder a virgindade um com o outro.

Posteriormente, Andy sentira-se dececionada, mas mentira-lhe para não o fazer sentir-se mal. Ele também se sentira dececionado, mas não tivera a cortesia de fazer o mesmo por ela.

Estás demasiado molhada, disse-lhe com um dramatismo teatral, e embora logo de seguida tivesse admitido a possibilidade de ser *gay*, Andy carregou com esse complexo durante os quinze anos subsequentes.

Demasiado molhada. Matutou naquela frase enquanto olhava fixamente para a parede de chuva que se erguia no exterior da arrecadação. Diria tantas coisas àquele idiota caso se dignasse a aceitar o seu pedido de amizade no Facebook...

O que a levou a pensar no seu namorado de Nova Iorque. Tinha-lhe parecido tão simpático, tão bondoso e atento... Depois, estando na casa de banho do apartamento de uma amiga, tinha-o ouvido falar por acaso com os seus amigos. *É como a bailarina de uma dessas caixas de joias*, disse. *Assim que a deitas, para a música.*

Abanou a cabeça como um cão. Voltou a correr para o carro, pegou na mala *Samsonite* azul-clara e arrastou-a para a arrecadação. Com a porta fechada, vestiu uma roupa seca. Não podia mudar de ténis, mas, pelo menos, tinha meias limpas que não se desfaziam quando se colavam aos maltratados pés. Quando voltou a subir o fecho da entrada, a chuva tinha amainado: o primeiro golpe de sorte em vários dias.

Trancou o fecho com um dos cadeados que tinha comprado no Walmart. Não era dos de chave, mas de combinação, com letras em vez de números. O código que escolhera para o armazém de Texarcana era BOLAS, porque se sentia especialmente hostil no momento de programá-lo. Para o das redondezas de Austin, Texas, tinha optado por uma senha mais evidente: KUNDE, por...

Podia falar com a Paula Kunde.

Ouvi dizer que está em Seattle.

Em Austin. Mas boa tentativa.

Estando em Little Rock, decidiu que não ia continuar a comportar-se como uma ameba e viajar até Idaho seguindo as instruções de Laura. Se a sua mãe não lhe queria dar respostas, talvez as pudesse obter da professora Paula Kunde.

Esticou o braço para fechar o porta-bagagem. O saco-cama e o saco de praia continuavam carregados de dinheiro, mas decidiu deixá-los no carro. Devia deixar a geleira e o frasco de salsichas na arrecadação, mas estava ansiosa por voltar à estrada.

O motor do *Reliant* emitiu um barulho tipo o do filme *Chitty Bang* quando arrancou. Em vez de ir pela autoestrada, virou na primeira rua à esquerda, na entrada do McDonald's. Sem sair do carro, pediu um café duplo e a palavra-passe da Internet.

Estacionou perto do edifício. Atirou o café pela janela, convencida de que o seu coração explodiria se bebesse mais cafeína. Tirou o seu portátil novo da mala e ligou-se à Internet.

Ficou a olhar para o cursor a piscar na barra de pesquisa.

Como de costume, hesitou entre criar ou não uma conta falsa no Gmail para enviar notícias a Gordon. Redigiu mentalmente todo o tipo de rascunhos, fazendo-se passar por coordenadora de uma ONG ou membro de uma associação de estudantes, e acrescentando uma mensagem codificada para que o seu pai compreendesse que era ela e que estava bem.

Só queria saber se viste aquele fantástico cupão do Subway, o da promoção do dois em um.

Li um artigo sobre o uísque Knob Creek que acho que ias gostar.

Como de costume, descartou a ideia. Naquele momento, fiava-se muito pouco de tudo o que tivesse a ver com a sua mãe, mas não queria arriscar e pôr Gordon em perigo, nem sequer minimamente.

Abriu a página do *Belle Isle Review*.

A fotografia dos seus pais na festa de Natal continuava a ocupar a capa.

Estudou o rosto da sua mãe perguntando-se como era possível que aquela mulher que acreditava conhecer tão bem, aquela que sorria para a câmara, fora a mesma que enganara a sua filha durante tantos anos. Reparou então naquele volume no seu nariz, ao qual nunca prestara particular atenção, e decidiu aumentar a imagem. Laura teria partido o nariz em algum momento e ao cicatrizar teria ficado assim, um pouco torto?

A julgar pelas fotografias que encontrara na arrecadação da sua mãe, era muito provável.

Algun dia saberia a verdade?

Continuou a percorrer a página. O artigo a respeito do cadáver encontrado debaixo da ponte de Yamacraw também era o mesmo. A identidade do homem da camisola continuava a ser uma incógnita. Não se mencionava nenhum veículo roubado, pelo que cabia deduzir que Laura não só tinha conseguido impedir que um pelotão de polícias entrasse na sua casa, como arranjava maneira de arrastar um homem de noventa quilos até ao seu *Honda* e deitá-lo ao rio a trinta quilómetros de distância.

Com um braço ligado e mal se conseguindo segurar nas pernas.

A sua mãe era uma delinquente.

Era a única explicação possível. Andy sempre a considerara uma mulher passiva e conservadora, quando tudo indicava que era extremamente metódica, desonesta e calculista. Não podia ter reunido todo aquele dinheiro

— perto de um milhão de dólares — a ajudar pacientes, vítimas de AVC, a melhorar a dicção. Os documentos falsos eram por si só preocupantes, mas, indo um passo mais atrás, Andy tinha compreendido que Laura tinha um contacto: um falsificador a quem recorrer. Sempre que atravessava a fronteira canadiana para renovar os documentos do carro, a sua mãe infringia as leis federais. Andy duvidava que o fisco estivesse a par da existência daquele dinheiro, o que implicava uma violação do regulamento federal. Laura não tinha medo da polícia. Sabia que se podia negar a declarar e mostrava uma frieza insólita relativamente ao cumprimento da lei. Dado que esse conhecimento não procedia de Gordon, só restava deduzir que o tinha adquirido por si própria.

Ou seja, Laura Oliver não era uma *boa pessoa*.

Fechou o portátil e voltou a guardá-lo na mala que tinha comprado. A lista das coisas que a sua mãe tinha de lhe explicar era tão longa que não caberia na memória do computador. Nesse momento, a questão de como Laura se tinha desfeito do cadáver do *Encapuzado* nem sequer figurava nos três primeiros lugares dessa lista.

A chuva batia no para-brisas. O céu estava coberto de nuvens negras. Saiu do parque de estacionamento de marcha-atrás e seguiu as indicações até ao *campus* da Universidade de Texas em Austin. O vasto recinto abarcava mais de dezasseis hectares de terreno bem localizado. Continha uma faculdade de Medicina e um hospital, uma faculdade de Direito e diversas escolas de Humanidades e, embora não tivesse a sua própria equipa de futebol americano, abundavam as bandeiras e os autocolantes dos Longhorn de Texas.

Segundo o horário que figurava na página da Internet da faculdade, a doutora Kunde tinha dado naquela manhã uma disciplina intitulada *Perspetivas feministas sobre a violência doméstica e a agressão sexual*, após o qual tinha tido uma hora de orientação tutorial. Andy consultou as horas no rádio. Inclusive supondo que tivesse prolongado as aulas ou feito uma pausa para almoçar, ou mesmo que tivesse tido alguma reunião de departamento, certamente já estaria em casa.

Tentara descobrir mais informações a respeito daquela mulher, mas na Internet havia poucos dados sobre ela. No seu perfil da página da Universidade de Texas-Austin mencionavam-se imensos artigos e conferências, mas nada a respeito da sua vida pessoal. Numa página dedicada

a avaliar professores universitários só lhe davam meia estrela mas, ao ler os comentários dos alunos, Andy viu que se queixavam na sua maioria das más notas que a professora Kunde se negava a mudar ou que teciam longas declarações, pejadas de advérbios, a respeito da sua dureza e inflexibilidade: em resumo, o selo distintivo da contribuição da sua geração ao ensino universitário americano.

Pelo contrário, encontrar a morada da sua casa foi muito simples. Os registos tributários de Austin eram de acesso público através da Internet. Só teve de introduzir o nome completo de Paula Kunde para consultar os impostos de contribuição urbana que pagara pontualmente durante os últimos dez anos. A seguir, foi ao Google Street View, conseguiu ver com os seus próprios olhos a casa térrea onde vivia, numa zona da cidade chamada Travis Heights.

Consultou de novo o mapa ao aproximar-se da casa de Paula. Estudara atentamente a rua no portátil, como um ladrão a preparar um golpe, mas as imagens foram tiradas em pleno inverno, quando os arbustos e as árvores estavam em estado de letargia. Agora, pelo contrário, os jardins perante os quais passava estavam em plena floração, cheios de vegetação. O bairro tinha um verdadeiro ar de modernidade muito atual: havia carros híbridos nas entradas das casas e ornamentos artísticos nos jardins. Apesar da chuva, via-se as pessoas a correrem pelos passeios. As casas estavam pintadas de cores diversas, sem uniformidade alguma. Árvores velhas. Ruas largas. Painéis solares e um estranhíssimo moinho de vento em miniatura em frente de uma cabana em ruínas.

Estava tão absorta a olhar para as casas que passou sem reparar em frente da casa de Paula. Teve de descer até South Congress para dar meia-volta. Desta vez, foi reparando nos números das caixas do correio.

A casa de Paula Kunde, apesar de ser de estilo artesanal, tinha um toque moderno que não destoava do resto da vizinhança. Em frente da porta fechada da garagem estava estacionado um *Prius* branco, já velho. Ao ver várias mansardas no telhado da garagem, Andy perguntou-se se Paula também teria uma filha da qual não se conseguia livrar. Esse seria um bom tema de conversa para quebrar o gelo, ou pelo menos para manter viva a conversa, porque, evidentemente, só dependia de ela convencer Paula a não lhe fechar a porta na cara.

Aquele podia ser um momento decisivo.

Quando voltasse a entrar no *Reliant*, talvez tivesse conseguido esclarecer todas as incógnitas acerca da sua mãe.

Quando saiu do carro, as suas pernas fraquejaram ao pensar nisso. Falar nunca tinha sido o seu forte. As amebas não tinham boca. Pendurou a mala nova ao ombro e deu uma vista de olhos ao seu conteúdo para se distrair enquanto avançava para a casa. Tinha consigo algum dinheiro, o portátil, o *nécessaire* de Laura com o telemóvel, creme de mãos, gotas hidratantes para os olhos e *gloss* para os lábios: o imprescindível para voltar a sentir-se um ser humano.

Observou as janelas da casa. Até onde conseguia ver, todas as luzes estavam apagadas. Talvez Laura não estivesse em casa. Os seus cálculos podiam estar errados; afinal de contas, baseavam-se num horário encontrado na Internet. O *Prius* podia ser de um inquilino. Ou talvez Mike tivesse trocado a carrinha por um utilitário.

Essa ideia produziu-lhe um calafrio enquanto percorria o caminho que conduzia à porta. Petúnias enfeitavam os vasos de madeira. Pedacos de terreno nus dispersos entre a relva esmeradamente cortada mostravam os lugares onde o sol do Texas tinha abrasado a terra até a deixar baldia. Andy olhou para trás ao subir os degraus da entrada. Sentia que agia furtivamente, embora ignorasse se aquela sensação era justificada ou não.

Não te vou fazer mal. Só te quero pregar um susto de morte.

Provavelmente foi por isso que Mike a beijou. Porque, sabendo que as ameaças não tinham servido de nada com Laura, decidiu fazer algo horrível à sua filha, usá-la como ferramenta para a deitar abaixo.

— Quem diabos és tu?

Andy estava tão absorta nos seus pensamentos que não tinha visto que a porta da casa se tinha aberto.

Paula Kunde empunhava um taco de basebol de alumínio. Tinha uns óculos de sol escuros e um lenço preso à volta do pescoço.

— Olá? — Aguardou uma resposta, ainda a segurar no taco. — O que é que queres, rapariga? Desembucha.

Andy tinha ensaiado no carro, mas ao ver o taco de basebol, a sua mente ficou em branco.

— Eu... eu... eu... — foi a única coisa que conseguiu balbuciar.

— Meu Deus! — Paula baixou por fim o taco e apoiou-o na ombreira, pelo lado de dentro. Parecia-se com a sua fotografia da faculdade, só que mais

velha e bem mais hostil. — És minha aluna? É por causa de alguma nota? — A sua voz arranhava como um cato. — Estou-te a avisar, minha burra, que não te vou subir a nota, pelo que podes poupar as tuas lágrimas de crocodilo e voltar por onde vieste.

Andy tentou outra vez.

— Eu... Eu não...

— Pode-se saber o que é que se passa? — Paula puxou o lenço de seda, demasiado quente para o tempo que fazia, e que não combinava com os seus calções e a sua camisa sem mangas. Olhou para Andy com desdém. — Se não vais dizer nada, tira esse rabo...

— Não! — Andy assustou-se ao ver que fazia tentções de fechar a porta. — Preciso de falar consigo.

— Sobre o quê?

Andy olhou-a fixamente. Sentiu que a sua boca se movia tentando articular as palavras. O lenço. Os óculos. A voz rouca. O taco junto à porta.

— Sobre quem a tentou asfixiar. Com um saco. Um saco de plástico.

Os lábios de Paula apertaram-se até formarem uma linha delgada.

— O seu pescoço — disse Andy levando a mão à garganta. — Traz esse lenço para esconder os sinais e certamente tem os olhos...

Paula tirou os óculos de sol.

— O que é que se passa com os meus olhos?

Andy tentou não olhar para ela com horror. Um dos seus olhos era de um branco leitoso. O outro estava manchado de raios vermelhos, como se tivesse estado a chorar, ou tivessem tentado estrangulá-la, ou ambas as coisas.

— Porque é que vieste aqui? — perguntou Paula. — O que é que queres?

— Falar. Da minha mãe. Quero dizer... Conhece-a? A minha mãe?

— Quem é a tua mãe?

Boa pergunta.

Paula viu um carro passar pela sua casa.

— Vais dizer alguma coisa ou pensas ficar aí com a boca aberta como um peixe?

Andy sentiu que a sua resolução começava a evaporar-se. Tinha de pensar em alguma coisa. Ainda não se podia dar por vencida. De repente, lembrou-se de um jogo que costumavam fazer nas aulas de teatro, um exercício de improvisação chamado «*Sim. E...*». Tinha de assentir a um enunciado de outro jogador e basear-se nele para manter o diálogo vivo.

— Sim — disse —, e estou muito confusa porque há pouco tempo descobri certas coisas sobre a minha mãe que não consigo entender.

— Pois eu não penso fazer parte do teu *Bildungsroman*. Por isso, desaparece ou chamo a polícia.

— Sim — afirmou Andy quase aos gritos. — Quero dizer que sim, que chame a polícia. Eles vêm logo.

— Para isso é que os chamo, para que venham.

— Sim — repetiu Andy, compreendendo de repente que aquele jogo requeria dois jogadores para funcionar. — E vão fazer muitas perguntas. Perguntas às quais não quer responder. Por exemplo, vão perguntar qual o motivo de ter esse derrame no olho.

Paula voltou a olhar para além de Andy.

— Aquele carro é teu? Aquele que mais parece uma caixa de pensos higiénicos tamanho extra?

— Sim, e é um *Reliant*.

— Tira os sapatos se vais entrar. E deixa já essa cena do «*Sim. E...*», cabeça de vento. Não estás na aula de teatro.

Paula deixou-a plantada à porta.

Andy sentiu uma estranha mistura de terror e euforia por ter chegado tão longe.

Por fim, ia descobrir alguma coisa sobre a sua mãe.

Pousou a mala do computador no chão e apoiou a mão na mesinha da entrada. Uma taça de vidro cheia de moedas fez barulho ao tocar na superfície de mármore. Tirou os ténis e deixou-os ao pé do taco de basebol de alumínio. Meteu as meias húmidas dentro dos sapatos. Estava tão nervosa que suava copiosamente. Puxou a camisa ao descer o degrau que conduzia à sala de estar de Paula, situada num nível mais abaixo.

Paula Kunde tinha um sentido de decoração muito depurado. Dentro da casa não tinha nada que recordasse o estilo artesanal, salvo alguns quadros de madeira nas paredes. Estava tudo pintado de branco. Os móveis eram brancos. Os tapetes eram brancos. As portas eram brancas. Os azulejos eram brancos.

Andy avançou pelo corredor, guiada pelo barulho de uma faca de cozinha. Empurrou a porta o suficiente para espreitar. Deu por si a contemplar a cozinha, onde o branco também imperava: as bancadas, os armários, os azulejos, até os candeeiros eram brancos. As únicas notas de cor procediam

da própria Paula e da televisão que, ligada mas sem volume, estava pendurava na parede.

— Entra de uma vez — ordenou Paula fazendo-lhe um sinal com uma longa faca de *chef*. — Tenho de deitar os legumes antes de a água ferver.

Andy abriu a porta. Entrou na divisão. Cheirava a sopa quente. Uma panela grande ao lume libertava vapor.

Paula cortou uns brócolos.

— Sabes quem fez?

— Quem fez...?

Andy compreendeu que se referia ao *Encapuzado*. Negou com a cabeça, mentindo só em parte. O *Encapuzado* tinha sido enviado por alguém. Uma pessoa que, evidentemente, a sua mãe conhecia. E talvez também Paula Kunde.

— Tinha uns olhos muito esquisitos, como se... — Paula calou-se. — Foi a única coisa que consegui dizer à bófia. Queriam que fosse ver um desenhador para fazer um retrato-robô, mas para quê?

— Eu podia... — Andy calou-se, confusa. Tinha estado quase a oferecer-se para desenhar o *Encapuzado*, mas não tinha desenhado nada, nem sequer um rabisco, desde o seu primeiro ano em Nova Iorque.

Paula soltou um barulho.

— Meu Deus, miúda. Se me dessem um dólar sempre que deixas uma frase a meio, asseguro-te de que não estava a viver no Texas.

— Só ia...

Tentou improvisar uma mentira, mas, de repente, perguntou-se se o *Encapuzado* teria passado mesmo por ali primeiro. Talvez tivesse entendido mal a conversa que tinha ouvido no escritório de Laura. Talvez Mike tivesse sido mandado a Austin e o *Encapuzado* a Belle Isle.

— Se tiver um papel, eu posso fazer um esboço.

— Aí tens. — Paula assinalou-lhe com o cotovelo uma pequena zona de escritório que havia num extremo da bancada.

Andy abriu a gaveta. Esperava encontrar a confusão habitual — chaves soltas, uma lanterna, moedas e várias canetas —, mas só havia duas coisas: um lápis bem afiado e um bloco de notas.

— Então a tua cena é a arte? — perguntou Paula. — É de família?

— Eu...

Não precisou de ver a cara que Paula fez para saber que tinha voltado a

deixar uma frase incompleta.

Abriu o bloco, que estava em branco e, sem ter tempo para pensar no que estava prestes a fazer, a duvidar da sua própria capacidade ou a convencer-se de que era uma presunção excessiva por sua vez achar que ainda tinha algum talento para o desenho, pegou na ponta do lápis e desenhou a cara do *Encapuzado* tal e qual a recordava.

Paula começou a assentir antes de ela terminar.

— Sim — disse. — Parece-se com aquele cabrão. Nos olhos, sobretudo. Pode saber-se muito sobre uma pessoa pelos seus olhos.

Andy deu por si a olhar para o seu olho cego, o esquerdo.

— Como é que sabes qual é o aspeto dele? — perguntou Paula.

Andy não respondeu. Virou a folha e, numa página em branco, desenhou outro homem, com o maxilar quadrado e um boné de basebol de Alabama.

— E este? — perguntou. — Viu-o por aqui?

Paula observou atentamente o desenho.

— Não. Estava com o outro?

— Pode ser. Não tenho a certeza. — Notou que abanava a cabeça. — Não sei. A verdade é que não sei de nada.

— Isso já eu percebi.

Andy precisava de tempo para pensar. Voltou a guardar o bloco e o lápis na gaveta. A conversa estava a descambar. Não era tão tola ao ponto de não perceber que Paula a estava a manipular. Tinha ido ali à procura de respostas, não para acumular mais perguntas.

— És parecida com ela — afirmou Paula.

Sentiu-se sacudida por um raio dos pés à cabeça.

És parecida-com-ela-és parecida-com-ela-és parecida-com-a-tua- -mãe.

Virou-se lentamente.

— Nos olhos, sobretudo — acrescentou Paula, indicando os seus olhos com a ponta da enorme faca de cozinha. — E na forma da cara, como um coração.

Andy ficou paralisada. Continuou a repetir as palavras de Paula, porque o coração lhe batia tão violentamente que mal conseguia entender o que dizia.

Os olhos... A forma da cara...

— Mas ela não era tão tímida — acrescentou Paula. — Nisso saíste ao teu pai?

Andy não sabia. Não sabia nada, exceto que tinha de se apoiar na bancada

e esticar as pernas para não cair.

Paula continuou a cortar os legumes.

— O que é que sabes sobre ela?

— Que... — Custava-lhe outra vez falar. Tinha o estômago cheio de abelhas. — Que é minha mãe há trinta e um anos.

Paula assentiu.

— Um cálculo interessante.

— Porquê?

— Isso, porquê.

O barulho da faca ao bater na tábua ressoava dentro da sua cabeça. Tinha de deixar de estar na defensiva. Devia formular as perguntas para as quais precisava de resposta. Tinha-as ordenado mentalmente durante as sete horas de trajeto de carro até formar uma lista completa e agora, de repente...

— Pode...?

— Um dólar, menina. Posso o quê?

Sentia-se zozza. Sentia de novo a estranha desorientação física dos dias anteriores. Era como se os seus braços e as suas pernas se quisessem elevar para o teto, como se o seu cérebro se tivesse desligado da sua boca. Mas não podia voltar a cair em velhos hábitos. Agora não. Não, estando tão perto.

Tentou pela terceira vez.

— Pode...? Conhece? A minha mãe?

— Eu não sou uma traidora.

Uma traidora?

Paula tinha levantado o olhar da tábua de cortar, com uma expressão impenetrável.

— Não é que eu esteja a tentar ser uma cabra, embora deva reconhecer que ser uma cabra é a minha praia. — Juntou um monte de cenoura e aipo cortados aos quadrados. Os pedaços eram de tamanho idêntico. A faca mexia-se tão depressa que parecia imóvel. — Aprendi a cozinhar na prisão. Tínhamos de ser rápidas.

Na prisão?

— Sempre quis aprender. — Paula pegou nos legumes, aproximou-se do fogão e deitou-os na panela. — Custou-me quase uma década a ganhar essa mordomia. Só as mais veteranas é que podiam usar as facas.

Mais de uma década?

— Imagino que não terás visto isso ao investigar-me na Internet... —

acrescentou.

Andy sentiu que tinha a língua colada ao céu da boca. O assombro que sentia impedia-a de assimilar tantas revelações feitas inesperadamente.

Traidora. Prisão. Mais de uma década.

Há dias que dizia a si própria que Laura era uma delinquente. Mas ver confirmada essa teoria foi como receber um murro no estômago.

— Paguei para que essa informação não apareça nas primeiras páginas, mas... — encolheu os ombros, os olhos fixos de novo em Andy. — Porque é que me procuraste na Internet? Encontraste a minha morada nos registos fiscais? Viste o horário das minhas aulas e os comentários de merda dos meus alunos? — Sorria. Parecia gostar do efeito que estava a causar. — E depois procuraste o meu currículo e disseste: Universidade de Berkeley, Stanford, West Connecticut, qual delas não encaixa? Não foi?

Andy só conseguiu assentir com a cabeça.

Paula pôs-se a cortar uma batata.

— Há uma prisão federal perto de West Connecticut. Danbury. Certamente achas familiar por causa daquela série de televisão... Antes deixavam-te estudar na universidade. Agora não. A Martha Stewart esteve presa lá, mas foi depois de eu cumprir os meus vinte anos.

Vinte anos?

Paula voltou a olhar para ela.

— Na faculdade as pessoas sabem. Não é nenhum segredo, mas também não gosto de falar disso. Os meus tempos de revolucionária já passaram. Que diabos, na minha idade a vida quase que já passou.

Andy olhou para as suas mãos. Tinha a sensação de que os seus dedos eram como os bigodes de um gato. Que atrocidade tinha cometido Paula Kunde para que a sentenciassem a vinte anos de prisão? Laura deveria ter cumprido a mesma sentença e, em vez disso, tinha roubado um monte de dinheiro, fugido e começado uma nova vida enquanto Paula ia contando os dias até ser veterana o suficiente para a deixarem trabalhar na cozinha da prisão?

— Devia... — Tinha a garganta tão fechada que mal conseguia engolir ar. Precisava de refletir sobre tudo aquilo, mas não podia fazer isso naquela cozinha agonizante, debaixo do olhar atento daquela mulher. — Vou, digo. Devia...

— Tranquila, Bambi. Não conheci a tua mãe na prisão, se é isso que te

assusta. — Começou a picar outra batata. — Mas, claro, quem sabe aquilo em que estás a pensar... Não fazes nenhuma pergunta...

Andy engoliu a bola de algodão que lhe atravancava a garganta. Tentou lembrar-se da sua lista de perguntas.

— Como... como é que a conheceu?

— Como é que dizes que se chama?

Andy não entendia as regras daquele jogo cruel.

— Laura Oliver. Mitchell, quero dizer. Casou e agora...

— Sei o que implica o casamento — replicou Paula enquanto abria um pimento e retirava as sementes com a ponta da faca. — Já ouviste falar da QuellCorp?

Andy conseguiu, por fim, negar com a cabeça e respondeu:

— A empresa farmacêutica?

— Como é a tua vida?

— A minha vi...

— Bons colégios? Um carro elegante? Um trabalho estupendo? Um namorado muito elegante que fará um vídeo no YouTube quando te pedir em casamento?

Andy percebeu, por fim, o seu tom amargurado. Paula já não falava com despreocupação. O seu sorriso era um ritual de desdém.

Andy começou a recuar para a porta.

— Eh... A verdade é que devia...

— É uma boa mãe?

— Sim. — A resposta saiu automaticamente da sua boca sem necessidade de parar para pensar.

— Acompanhava-te às festas da escola, fazia parte da Associação de Pais, tirou-te fotografias no baile de finalistas?

Andy assentiu repetidas vezes, porque era verdade.

— Vi-a matar aquele rapaz, nas notícias. — Paula virou-lhe as costas enquanto lavava as mãos no lava-louça. — Embora agora digam que não a vão acusar. Pelos vistos, tentava salvá-lo. Por favor, não te mexas.

Andy ficou muito quieta.

— Não ia...

— Não to digo a ti, miúda. A expressão «por favor» é uma construção patriarcal criada para que as mulheres se desculpem por ter vagina. — Limpou as mãos a um pano de cozinha. — Referia-me ao que a tua mãe disse

antes de matar o tal rapaz. Está em todas as notícias.

Andy olhou para a televisão na parede. Voltavam a emitir o vídeo do restaurante. Laura levantava as mãos daquela maneira tão estranha, mostrando quatro dedos da mão esquerda e um da direita para indicar a Jonah Helsinguer quantas balas lhe restavam. O relatório oficial atravessou o ecrã, mas Andy foi incapaz de entender o que dizia.

— Os especialistas analisaram-no — disse Paula. — Dizem saber o que a tua mãe disse a Helsinguer. *Por favor, não te mexas*, como se lhe dissesse *Por favor, não te mexas ou a tua traqueia acabará espalhada pelo chão*.

Andy levou a mão à garganta. Sentiu o latejar furioso da pulsação na ponta dos dedos. Devia ficar contente por a sua mãe ter ficado de fora de qualquer suspeita, mas sentia nos ossos que devia sair urgentemente daquela casa. Ninguém sabia que estava ali. Paula podia dissecá-la como a um porco e ninguém saberia.

— Tem graça, não tem? — Paula apoiou os cotovelos na bancada e olhou Andy com o seu olho bom. — A tua encantadora mãe mata um miúdo a sangue-frio, mas sai impune porque teve a precaução de dizer *Por favor, não te mexas*, em vez de *Até à vista*. A Laura Oliver é uma sortuda — acrescentou com visível ironia. — Viste a sua expressão quando o fez? A mim não me pareceu muito angustiada. Antes parecia saber perfeitamente o que estava a fazer, não achas? E que, para além do mais, o fazia sem pudor. Como sempre.

Andy ficou petrificada outra vez, mas não de medo. Queria ouvir o que Paula tinha para dizer.

— Fria como o gelo. Jamais chora pelo que não tem remédio. Os problemas escorregam-lhe, como a água pelas penas de um pato. Era o que costumávamos dizer dela. Ou seja, aqueles que se atreviam a abrir a boca, claro: conhecemos a Laura Oliver, mas não a *conhecemos*. Porque só há superfície. As águas calmas costumam ser muito pouco profundas, alguma vez reparaste nisso?

Andy quis negar com a cabeça, mas estava paralisada.

— Odeio ter de te dizer isto, miúda, mas a tua mãe é um saco de merda da pior espécie. Essa cabra sempre foi uma atriz a representar o papel da sua vida. Nunca deste por nada?

Fez um gesto de negação, mas disse a si própria: *o Modo Mãe, o Modo Doutora Oliver, o Modo Esposa de Gordon*.

— Fica aqui — ordenou Paula, e saiu da cozinha.

Andy não teria conseguido segui-la mesmo que quisesse. Sentia os pés colados ao chão. Nada daquilo que aquela mulher temível lhe tinha dito era novo, mas o tom que Paula Kunde dava às suas palavras tinha-a feito compreender que as diferentes facetas da sua mãe não eram fragmentos de um todo: eram simples camuflagem.

Não fazes ideia de quem sou. Nunca fizeste e nunca farás.

— Continuas aí? — perguntou Paula do outro lado da casa.

Andy esfregou a cara. Tinha de se esquecer do que Paula lhe tinha dito e sair dali rapidamente. Aquela mulher era perigosa. Estava na cara que tinha alguma coisa na manga. Não deveria ter ido visitá-la.

Abriu a gaveta, arrancou do bloco os desenhos do *Encapuzado* e de Mike, meteu-os no bolso de trás e abriu a porta da cozinha.

Deu de caras com Paula Kunde, que lhe apontava ao peito com uma arma. Recuando com um salto, bateu na porta.

— Meu Deus! — exclamou.

— Mãos ao alto, sua lerda.

Andy levantou os braços.

— Tens microfone?

— O quê?

— Se tens algum microfone contigo — Paula revistou primeiro a parte da frente da camisa e depois os bolsos e as pernas. — Ela mandou-te cá para me fazeres cair numa armadilha?

— O quê?

— Vá lá! — Paula espetou-lhe o cano da arma no esterno. — Fala, cabeça de vento! Quem é que te mandou cá?

— Ni... ninguém.

— Ninguém — bufou Paula. — Diz à tua mãe que quase me enganaste, com essa tua carinha de gazela assustada. Mas se te volto a ver por aqui, apertarei o gatilho até esvaziar o carregador. E depois voltarei a carregá-lo e irei atrás dela.

Andy esteve prestes a perder o controlo da bexiga. Estava a tremer que nem varas verdes. Com as mãos no ar e os olhos postos em Paula, recuou pelo corredor. Tropeçou ao chegar ao degrau da sala de estar. Paula apoiou a espingarda no ombro e continuou a observá-la uns segundos. Depois voltou a entrar na cozinha.

Andy sentiu um sabor de bÍlis ao virar-se para começar a correr. Passou

atrapalhadamente pelo sofá, chegou ao *hall* e voltou a tropeçar. Sentiu uma pontada de dor no joelho, mas agarrou-se à mesa da entrada. Algumas moedas caíram da taça de vidro para o chão. Tinha a sensação de que os dentes de um cepo ameaçavam todos os nervos do seu corpo. A muito custo conseguiu meter o pé no ténis. Então viu que as malditas meias estavam metidas lá dentro. Olhou para trás enquanto as guardava à pressa na mala e calçava os ténis. Tinha as mãos tão suadas que lhe custou rodar a maçaneta para abrir a porta.

Foda-se!

Mike estava na entrada. Sorria-lhe com a mesma expressão com que lhe tinha sorrido em frente ao bar de Muscle Shoals.

— Que estranha coinci...

Andy agarrou no taco de basebol.

— Ora, ora, ora! — Ele levantou as mãos ao vê-la empunhar o taco. — Vá lá, linda. Vamos falar desta...

— Cala a puta da boca, psicopata de merda. — Andy agarrava no taco com tanta força que tinha os dedos dormentes. — Como é que me encontraste?

— Bom, essa é uma história curiosa.

Andy levantou ainda mais o taco.

— Espera! — gritou ele. — Se me deres aqui — disse apontando para as costas —, podes partir-me facilmente uma costela e caio como um saco de esterco. Claro que também podes bater-me no centro do peito. Não há nada como o plexo solar, mas...

Andy balançou o taco, mas sem força. Na realidade, não lhe pretendia bater.

Ele deu um passo atrás e agarrou-se à extremidade do taco sem qualquer esforço. Tinha as pernas afastadas mais ou menos à mesma largura dos ombros. Uns trinta centímetros, descobriu Andy ao dar-lhe um pontapé nos testículos com toda a sua força.

Caiu ao chão como um saco de esterco.

— Bolas! — Tossiu, e voltou a tossir com a mão entre as pernas, rodando pela entrada.

Saía-lhe espuma pela boca, tal como ao *Encapuzado*, só que desta vez era diferente porque ele não ia morrer, só se retorcia de dor.

— Bem feito.

Andy deu um salto.

Paula Kunde estava atrás dela, com a espingarda apoiada no ombro.

— É o tipo do outro desenho, não é?

A ira que Andy sentia contra Mike impôs-se ao seu medo de Paula. Estava farta de que as pessoas a tratassem como se fosse imbecil. Revistou-lhe os bolsos. Encontrou a sua carteira, o ridículo porta-chaves da pata de coelho. Ele não se opôs. Estava demasiado distraído agarrado aos testículos.

— Espera aí — disse Paula. — Não foi a tua mãe que te mandou, pois não?

Andy guardou a carteira e as chaves na mala. Passou por cima de Mike, que continuava a contorcer-se no chão.

— Eu disse para esperares!

Parou. Deu meia-volta e lançou a Paula o olhar mais furibundo de que foi capaz.

— Vais precisar disto. — Paula olhou para o fundo da taça dos trocos e tirou uma nota de dólar dobrada. Deu-a a Andy. — Clara Bellamy. Illinois.

— O quê?

Paula fechou a porta inesperadamente, com tanta força que a casa tremeu.

Quem demónios era Clara Bellamy?

E porque é Andy estava a ligar àquela doida varrida?

Meteu a nota no bolso ao descer os degraus. Mike continuava a urrar. Andy não se queria sentir culpada por o ter magoado, mas não o conseguia evitar. Sentia-se culpada quando entrou no *Reliant*. Sentia-se culpada quando se afastou da casa. Sentia-se culpada ao ir pela rua seguinte. E continuou a sentir-se culpada até que viu a carrinha branca de Mike do outro lado da rua.

Filho da puta.

Tinha mudado o autocolante magnético da porta.

MANUTENÇÃO DE JARDINS GEORGE.

Parou em frente da carrinha. Abriu o porta-bagagem do *Reliant*, tirou a lata de salsichas e abriu-a, mas só continha salsichas. Depois abriu a geleira, coisa que ainda não tinha feito desde que a encontrou no armazém de Laura.

Idiota.

Tinha um dispositivo de rastreamento colado com fita adesiva debaixo da tampa. Era pequeno, preto, do tamanho aproximado de um iPod. A luzinha vermelha cintilava, mandando as coordenadas da sua posição a um satélite que orbitava em algum lugar do espaço. Mike devia tê-lo posto aí enquanto ela dormia no motel, em Muscle Shoals.

Lançou a tampa da geleira para o outro lado da rua como um disco voador. Procurou no porta-bagagem e tirou o saco-cama e o saco de praia. Lançou ambas as coisas para dentro do habitáculo da carrinha de Mike. Depois tirou da parte de trás dois cortadores de relva e um par de tesouras de podar e atirou-as para a rua. Não lhe foi difícil arrancar os autocolantes magnéticos das portas. Colou-os no capô do *Reliant*. Pensou em deixar-lhe a chave, mas que se lixasse isso. Tinha deixado todo o dinheiro guardado nas arrecadações. Aquele tipo bem podia passar uma temporada às voltas no pacote de pensos higiénicos tamanho extra.

Entrou na carrinha de Mike e pousou a mala do computador ao seu lado, no lugar do passageiro. O volante estava forrado com uma pele sintética esquisita. Um par de dados pendurados no retrovisor. Meteu a chave na ignição. O motor ligou-se com um rugido. A voz de Dave Matthews ressoou com estrondo nas colunas.

Andy arrancou. Enquanto se dirigia à universidade, visualizou um mapa. Calculou que lhe restavam uns mil e seiscentos quilómetros para percorrer, ou seja, umas vinte horas de viagem se fizesse a viagem de seguida, ou dois dias completos se parasse para dormir. Primeiro, Dallas; depois, em linha reta, Oklahoma; depois Missouri e, por fim, Illinois, onde esperava encontrar uma pessoa ou uma coisa chamada Clara Bellamy.

31 DE JULHO DE 1986

Os gritos de Alexandra Maplecroft eram como o apito de uma sirene, cada vez mais altos. A sirene de um carro-patrolha. Do FBI. De um carro da polícia.

Jane sabia que devia fazer alguma coisa para evitar aquele pranto, mas só conseguiu ficar ali, em suspenso, a ouvir as súplicas desesperadas da mulher.

— Jane! — chamou Andrew do andar de baixo.

A voz do seu irmão tirou-a do transe. Lutou para voltar a pôr-lhe a mordaça. Maplecroft começou a abanar a cama, a puxar as cordas que lhe atavam os pulsos e os tornozelos. Mexia a cabeça para a frente e para trás. A venda que tinha nos olhos descaiu. Um dos seus olhos girou enlouquecido até se encontrar com Jane. De repente, uma mão estava solta; depois, um pé. Jane inclinou-se para a segurar, mas não foi suficientemente rápida.

Maplecroft deu-lhe um pontapé tão forte na cara que caiu para trás. Viu, literalmente, estrelas a rodopiar perante os seus olhos.

— Jane! — gritou Andrew.

Ouviu passos a subir as escadas.

Maplecroft também os ouviu. Lutou tão violentamente com as cordas que a cama metálica se virou. Esforçou-se, frenética, para soltar a outra mão, enquanto tentava libertar os pés dos nós aos pontapés.

Jane tentou levantar-se, mas as suas pernas não respondiam. Os seus pés não encontravam apoio. O sangue escorria-lhe pela cara, engasgando-a. Por fim, reuniu forças para se impulsionar para cima. Só pensava em atirar-se para cima de Maplecroft com todo o seu peso e confiar que conseguia segurá-la até que chegassem reforços.

E chegaram, segundos depois.

— Jane!

A porta abriu-se inesperadamente. Andrew aproximou-se primeiro dela. Abraçando-a, ajudou-a a levantar-se.

Maplecroft também estava de pé, no meio do quarto, com os punhos em alto como um pugilista e um tornozelo ainda preso à cama. Tinha a roupa rasgada, os olhos enlouquecidos, o cabelo colado ao crânio pelo suor e pela sujidade. Gritou algo ininteligível ao mesmo tempo que se mexia para a frente e para trás.

Paula deu uma gargalhada. Tapava o vão da porta com o seu corpo.

— Desiste, sua cabra.

— Soltem-me! — gritou Maplecroft. — Eu não digo a ninguém. Não...

— Fá-la parar — mandou Nick.

Jane não soube a que se referia até que viu que *Quarter* levantar a faca.

— Não! — gritou.

Mas tudo aconteceu muito depressa.

Quarter atacou. A lâmina brilhou à luz do sol.

Impotente, Jane viu a faca a descer.

Mas, de repente, parou.

Maplecroft tinha parado a faca com a sua mão.

A lâmina atravessou-lhe o centro da palma da mão.

Aquela imagem produziu neles o efeito de uma granada de atordoamento. Ninguém disse nada. Estavam demasiado perplexos.

Todos, exceto Maplecroft.

Ela sabia perfeitamente, desde o princípio, o que ia fazer. Enquanto estavam ali, paralisados pelo assombro, atravessou o braço à sua frente e desferiu uma facada contra Jane, por trás.

Nick lançou o punho, batendo-lhe em plena cara.

Um jato de sangue brotou do seu nariz. A mulher virou-se fazendo um semicírculo ao mesmo tempo que reagia freneticamente, empunhando a lâmina que atravessava a sua mão.

Nick bateu-lhe de novo.

Jane ouviu o barulho do seu nariz a partir-se.

Maplecroft cambaleou. Ao colocar o pé para trás, arrastou a estrutura da cama.

— Nick! — gritou de novo Jane.

Ele desferiu um novo golpe.

A cabeça de Maplecroft deslocou-se bruscamente para trás. Começou a

cair, mas a perna que ainda estava presa fê-la oscilar para um lado. Antes de cair ao chão, bateu com a testa contra a beira metálica da cama. Ouviu-se um barulho pavoroso, um charco de sangue apareceu debaixo do seu corpo e estendeu-se pela madeira, metendo-se pelas fendas do soalho.

Tinha os olhos muito abertos. A boca aberta. O corpo imóvel.

Olharam-na todos, estupefactos. Ninguém disse nada até que Andrew murmurou:

— Meu Deus!

— Está morta? — perguntou Paula.

Quarter baixou-se para verificar, mas deu um salto para trás quando os olhos de Alexandra Maplecroft pestanejaram.

Jane gritou antes de conseguir tapar a boca com as mãos.

— Meu Deus! — murmurou Paula.

Um charco de urina formou-se entre as pernas da mulher. Quase conseguiram ouvir como a alma abandonava o seu corpo.

— Nick — disse Jane ofegante —, o que é que fizeste? O que é que fizeste?

— Ia... — Parecia assustado. E ele nunca parecia assustado. — Eu não queria fazer isto — disse a Jane.

— Mataste-a! — gritou ela. — Bateste-lhe e caiu e tem...!

— Fui eu — disse *Quarter*. — Fui eu que a apunhalei.

— Porque o Nick te disse para o fazeres!

— Eu não... — balbuciou Nick. — Disse-te que a fizesses parar, não que...

— O que é que fizeram? — Jane abanou furiosamente a cabeça. — O que é que fizemos? O que é que fizemos? — repetia sem parar.

Aquilo tinha ultrapassado o limite da loucura. Eram todos uns psicopatas. Cada um deles.

— Como é que foste capaz? — perguntou a Nick. — Como foste...?

— Tentava proteger-te, cabra desmiolada — replicou Paula num tom trocista que não conseguiu ou não quis evitar. — A culpa é tua.

— *Penny*... — disse Andrew.

— *Jinx*, tens de acreditar em mim — interveio Nick.

— Acabaste de lhe dar um murro... Mataste-a... — Sentiu a garganta estrangulada.

Todos tinham assistido, não era preciso repetir. Maplecroft ficara à sua

mercê logo ao primeiro soco. Nick poderia tê-la agarrado pelo braço e, no entanto, continuou a bater-lhe, e agora o seu sangue deslizava entre as fendas do chão.

— Foste tu que a desataste — acusou-a Paula. — Já podemos dizer adeus ao resgate. Aí têm a nossa refém, a mijar-se sobre o seu próprio túmulo.

Jane aproximou-se da janela aberta. Tentou inspirar. Não podia continuar a presenciar aquilo, não conseguia estar ali. Nick passara das marcas. Paula desculpava-o, Andrew não dizia nada e *Quarter* estivera disposto a matar por ele. Todos eles tinham perdido completamente a cabeça.

— Querida... — disse Nick.

Ela apoiou as mãos no parapeito da janela. Olhou para o outro lado da rua, para a parte de trás da casa, porque não suportava olhar para Nick. Umas cortinas cor-de-rosa agitavam-se melancolicamente, empurradas pela brisa da manhã. Desejava estar de volta a casa, à sua cama. Queria recuar no tempo, voltar a Oslo, rebobinar os dois anos anteriores da sua vida e abandonar Nick antes que os arrastasse a todos para o abismo.

— Jane — disse Andrew no tom de voz que adotava quando queria mostrar-se paciente.

Ela virou-se, mas não para olhar para o irmão. Os seus olhos dirigiram-se automaticamente à mulher estendida no chão.

— Não — suplicou a Andrew. — Por favor, não me digas para me acalmar...

Maplecroft voltou a pestanejar.

Jane não gritou como da primeira vez porque, quanto mais acontecia, mais normal parecia. Fora assim que Nick os convencera. Os simulacros, os ensaios, o estado de paranoia permanente, tinham-nos induzido a acreditar que estavam a fazer uma coisa não só perfeitamente razoável, mas também necessária.

Desta vez, foi Paula quem quebrou o silêncio.

— Há que acabar com isto.

Jane só conseguiu olhar para ela.

— Põe-lhe a almofada em cima da cabeça — disse Paula —, ou tapa-lhe a boca e o nariz com a mão para que não consiga respirar. A não ser que queiras experimentar esfaqueá-la no coração. Ou afogá-la nessa poça de mijo.

Jane sentiu que a bÍlis inundava a sua garganta. Virou-se, mas não suficientemente depressa. O vômito espalhou-se pelo chão. Apoiou a mão na

parede. Abriu a boca e tentou não gemer.

Como é que podia trazer uma criança a um mundo tão terrível e violento?

— Meu Deus! — exclamou Paula. — Vês a cabeça do teu pai a voar e ficas impávida e serena, e uma tipa bate com a cabeça e...

— *Penny* — advertiu-a Andrew.

— *Jinx* — disse Nick tentando pôr-lhe a mão nas costas, mas ela afastou-se bruscamente. — Não queria fazer isto. É que... Não sei em que é que estava a pensar. Ela magoou-te. Queria fazer-te mal.

— É indiferente. — *Quarter* aproximou dois dedos do pescoço de Maplecroft. — Não tem pulso.

— Porra, que surpresa! — murmurou Paula.

— Não importa — disse Andrew. — O que está feito, feito está. — Ele também olhava para Jane. — Está tudo bem. Bom, não está, claro que não está, mas foi um acidente e temos de ultrapassar isto porque há coisas mais importantes em jogo.

— Tens razão — acrescentou *Quarter*. — Ainda resta Stanford, Chicago e Nova Iorque.

— Já sabem que podem contar comigo — disse Paula. — Eu não sou como a dona princesinha. Devias ter continuado a fazer obras de caridade com as outras ricas. Sabia que te ias cortar quando as coisas se complicassem.

Jane sentiu-se, por fim, capaz de olhar para Nick. Ele respirava agitadamente. Continuava com os punhos cerrados, e estava com a pele rasgada nos nós dos dedos que tinham batido na cara de Alexandra Maplecroft.

Quem era aquele homem?

— Não posso... — começou a dizer, mas não foi capaz de continuar.

— Não podes o quê? — Nick limpou as mãos às calças, deixando no tecido a impressão dos seus dedos manchados de sangue. Também tinha sangue na manga da camisa.

Jane olhou para as suas calças. Tinha manchas vermelhas nas pernas. E salpicos na blusa.

— Não posso... — balbuciou outra vez.

— Não podes o quê? — insistiu Nick. — *Jinx*, fala. O que é que não podes fazer?

Isto, fazer parte disto, fazer mal a mais gente, conviver com a culpa, com os segredos, dar à luz um filho teu, porque sei que nunca, nunca, poderei

explicar-lhe que és pai dele.

— *Jinx?* — Nick parecia ter-se recomposto da impressão e olhava-a com um meio sorriso. Agarrou-a pelos braços, pousou os lábios na sua testa.

Ela quis resistir. Disse a si própria que devia resistir. Mas o seu corpo inclinou-se, e ele abraçou-a, e ela deixou que o calor do seu abraço a reconfortasse.

A corda do ioiô voltava a enrolar-se.

— Vamos descer para... — disse Andrew.

De repente, *Quarter* proferiu um som gutural. O seu corpo sofreu uma convulsão, os seus braços agitaram-se no ar. Um jato de sangue brotou do seu peito.

Uma décima de segundo depois, Jane ouviu a detonação de uma espingarda, o estrépito do vidro da janela a estilhaçar-se.

Já estava deitada no chão quando compreendeu o que estava a acontecer.

Estavam a ser baleados.

Viu os tresloucados pontos vermelhos dos atiradores a rodopiarem pelas paredes como num filme de ação. A polícia tinha-os encontrado. Tinham localizado o carro de Jasper, ou alguém da vizinhança os tinha denunciado, ou tinham seguido Andrew ou ela própria. Nada disso importava agora porque *Quarter* estava morto. Maplecroft estava morta. Iam morrer todos naquela espelunca, com o balde cheio de merda e urina e o seu vômito pelo chão.

Outra bala acabou de partir o vidro. Depois, outra atravessou o quarto a assobiar, seguida por uma terceira. Um instante depois, o som rítmico dos disparos envolveu-os por completo.

— Mexam-se! — gritou Nick ao mesmo tempo que virava o colchão para tapar a janela. — Vamos, tropa! Vamos!

Tinham treinado para aquilo. No momento, tinha-lhes parecido ridículo, mas os simulacros aos quais Nick os obrigara tinham como justificação uma situação idêntica àquela.

Andrew correu agachado para a porta aberta que dava para as escadas. Paula avançou de gatas para a janela de trás. Jane tentou segui-la, mas ao sentir que uma bala lhe rasava a cabeça, voltou a colar-se ao chão. A jarra de flores desfez-se em pedaços. As paredes finas encheram-se de buracos pelos quais entrava o sol, criando um efeito parecido ao da luz de uma discoteca.

— Por aqui! — gritou Paula perto da janela.

Jane fez uma nova tentativa de avançar de gatas, mas parou e gritou ao ver o corpo de *Quarter* convulsionar. Estavam a disparar outra vez. Ouviu o barulho repulsivo das balas a afundar-se na sua carne morta. A cabeça de Maplecroft abriu-se, salpicando sangue por toda a parte. Osso. Massa cinzenta. Tecidos.

Outra explosão no andar de baixo. A porta, a rebentar.

— FBI! FBI! — gritaram os agentes num crescendo de vozes sobrepostas.

Jane ouviu o estrondo das suas botas a atravessar o andar de baixo, o barulho dos punhos a bater nas paredes à procura das escadas.

— Não esperem por mim! — Andrew já tinha fechado a porta.

Jane viu-o a subir a vara grossa que encaixava em ambos os suportes, de ambos os lados da porta.

— Depressa, Jane! — gritou Nick, enquanto ajudava Paula a lançar a escada extensível pela janela de trás.

Pesava muito para ser manuseada por uma única pessoa. Sabiam-no pelos exercícios de treino. Duas pessoas a manusear a escada. Outra a fechar a porta. O colchão contra a janela.

Baixem-se e corram, mexam-se depressa, não parem por motivo nenhum.

Paula foi a primeira a sair pela escada. A escada frágil fez um barulho metálico quando começou a avançar por ela de gatas para a casa do outro lado da rua. Entre as duas janelas havia uma distância de quatro metros e meio. Em baixo havia um monte de lixo podre, cheio de pregos e vidros partidos. Ninguém se meteria por própria vontade naquele fosso. Mas havia a possibilidade de a escada se partir e de se precipitarem para o vazio, seis metros mais abaixo.

— Vamos, vamos, vamos! — gritou Nick.

Em baixo, o estrondo era cada vez maior. Os agentes continuavam à procura das escadas. Começaram a usar as coronhas das armas para partir as paredes e ouviu-se o estrondo da madeira a lascar-se.

— Porra! — gritou um deles. — Tragam o maldito martelo!

Jane foi a seguinte a sair pela escada. Tinha as mãos suadas. Os frios degraus de metal magoavam-lhe os joelhos. Sentiu a escada a vibrar quando, em baixo, o martelo começou a bater contra as paredes.

— Depressa! — Paula olhava continuamente para baixo, para o monte de lixo.

Jane arriscou-se a dar uma olhadela e viu que havia três agentes do FBI a

rondar à volta do estrume, a tentar encontrar um modo de entrar.

Ouviu-se um disparo, porém, não procedia dos agentes, mas sim de Nick que, espreitando à janela, tentava cobrir Andrew para que pudesse atravessar a escada. O avanço do seu irmão foi mais lento. Levava a caixa metálica debaixo do braço. Só podia contar com uma mão. Jane nem sequer se lembrava de ter levado a caixa para o andar de cima.

— Cabrões! — gritou Paula aos agentes de baixo, agitando o punho, furiosa com o massacre. — Porcos fascistas filhos da puta!

Andrew escorregou na escada. Jane abafou um grito. Ouviu-o resmungar. Estivera quase a largar a caixa.

— Por favor — suplicou-lhe ela, a gemer.

Esquece a caixa. Esquece o plano. Vamos embora daqui. Deixemos esta loucura.

— *Nickel!* — gritou Paula. — Atira-a!

Referia-se à pistola. Nick atirou-a a quatro metros e meio de distância. Paula apanhou-a com as duas mãos no instante em que Andrew chegava ao extremo da escada. Jane abraçou-o antes que os seus pés tocassem no chão.

— Cabrões! — Paula começou a disparar contra os agentes do FBI.

Tinha os olhos fechados. A boca aberta. Gritava como uma louca porque, afinal de contas, era isso que era: uma louca. Eram todos uns tarados e, se morressem naquele dia, era bem merecido.

— Dá-me a mão! — Andrew estendeu o braço a Nick e, puxando-o, ajudou-o a ultrapassar o último trecho da escada. Caíram ambos no chão do quarto.

De pé perto da janela, Jane olhou para o armazém. Os agentes tinham encontrado as escadas. Os atiradores tinham parado de disparar. Mesmo em frente dela havia um agente, um tipo mais velho, do mesmo estilo de Danberry e Barlow. Levantou a arma e apontou-lha ao peito.

— Idiota! — Paula puxou-a e conseguiu que se baixasse no instante em que se ouviu o disparo. Depois levantou os braços e atirou a escada para baixo.

Ouviram o seu estrépito ao bater na parede da casa e, um momento depois, contra a espelunca de baixo.

— Por aqui — ordenou Andrew, e atravessou o quarto agachado.

Tinham descido as escadas e estavam já no primeiro andar quando ouviram vários carros parar lá fora, na rua. Mas pouco importava: nunca tiveram

intenção de sair pela porta principal.

Andrew apalpou a parede com os dedos. Encontrou outro botão escondido, acedeu a outro painel secreto e deixou a descoberto os degraus que conduziam à cave.

Por isso, Nick escolhera o armazém de dois andares depois de vários meses à procura. Tinha-lhes dito que precisavam de um lugar seguro para esconder Alexandra Maplecroft, mas também uma via de escape segura. Havia muito poucas caves no distrito de Mission, pelo menos que figurassem nos registos municipais. O lençol freático chegava até muito acima, a terra era demasiado pantanosa. A estreita cave que havia por baixo da casa vitoriana era um dos muitos vestígios que restavam na cidade do antigo paiol. Quando Mission era assediado, os soldados escondiam-se nas masmorras. Nick conhecia aqueles passadiços desde os seus tempos de sem-abrigo. Havia um túnel que comunicava a casa com um armazém situado numa rua ao lado.

Nick fechou o painel depois de todos passarem. A brusca descida de temperatura fez Jane estremecer. Ao pé da escada, Andrew tentava afastar a estante que escondia a entrada para o túnel.

Nick teve de ajudá-lo. A estante deslizou sobre o betão. Jane viu os riscos que deixava no chão e rezou para que o FBI não os visse até já ser demasiado tarde.

Paula pôs-lhe uma lanterna na mão e empurrou-a para o interior do passadiço. Nick ajudou Andrew a puxar a corda que punha a estante no seu lugar. Fora *Quarter*, o carpinteiro do grupo, quem se ocupara daquela tarefa, era ele que convertia os esquemas de Nick em mecanismos funcionais.

Mas *Quarter* estava morto.

Jane acendeu a lanterna antes de ficarem completamente às escuras. A sua tarefa consistia em guiá-los através do túnel. Nick tinha-a obrigado a percorrê-lo dezenas de vezes, com e sem lanterna. Há três meses que Jane não descia ao corredor, mas ainda se lembrava da cada rocha e de cada pedra que podia causar um tropeção ou uma queda fatal.

Como aquela que Alexandra Maplecroft tinha sofrido.

— Deixa de perder tempo e mexe-te — bufou Paula dando-lhe um empurrão.

Jane tropeçou numa pedra, apesar de saber que estava lá. Os simulacros não tinham servido de nada. A adrenalina não se podia simular. Quanto mais desciam, maior era a sua sensação de claustrofobia. A abóbada de luz era

demasiado estreita. A escuridão, imponente. Sentiu que um grito lhe ecoava na garganta. A água do riacho Mission filtrava-se em cada resquício das paredes, salpicava e chapinhava debaixo dos seus sapatos. O túnel tinha quase quinze metros de comprimento. Jane apoiou a mão na parede para se segurar. O coração saía-lhe pela garganta. Tinha outra vez vontade de vomitar, mas não se atreveu a parar. Agora que tinha escapado do abraço de Nick, da sua influência tranquilizadora, dentro da sua cabeça era assaltada pela mesma interrogação, uma e outra vez.

Que raios estavam a fazer?

— Mexe-te. — Paula voltou a empurrá-la. — Depressa.

Jane acelerou o passo e esticou o braço para a frente, sabendo que tinham de estar perto. Por fim, a lanterna mostrou o painel de madeira de outra estante. Jane não pediu ajuda. Empurrando, abriu um espaço suficientemente largo para que passassem todos.

A súbita luz fê-los pestanejar. Havia várias janelas na parte de cima das paredes da cave. Jane viu os pés das pessoas que passavam pela rua. Subiu as escadas a correr, movida por uma espécie de piloto automático. Virou automaticamente à direita, como lhe tinham ensinado. Trinta metros mais à frente, virou à esquerda. Abriu uma porta, passou por uma abertura feita na parede e encontrou a carrinha estacionada no interior de um galpão enorme que cheirava a pimenta preta porque o edifício tinha sido utilizado em tempos como armazém de especiarias.

Paula ultrapassou-a a correr: o primeiro que chegasse à carrinha, era o responsável por conduzi-la. Jane, a segunda a chegar, encarregou-se de abrir a porta lateral da carrinha. Nick já se dirigia para a porta do galpão. Era preciso um código para a abrir.

8-4-19.

Todos sabiam a combinação.

Andrew atirou a caixa metálica para a carrinha. Tentou subir, mas perdeu o equilíbrio e cambaleou para trás. Jane agarrou-lhe o braço, ansiosa para que entrasse. Nick levantou a porta. Voltou a correr para a carrinha. Quando entrou, Jane fechou a porta.

Paula arrancou e saiu do armazém. Prendera o cabelo e tinha posto um chapéu castanho. Um casaco castanho a combinar cobria a parte de cima do seu vestido largo. O sol cortou o para-brisas. Jane fechou os olhos com força. As lágrimas deslizaram por um lado da sua cara. Estava deitada de costas

entre Nick e Andrew, sobre um colchão, mas sentia os ossos ranger a cada buraco da estrada. Esticou o pescoço tentando olhar pela janela. Dentro de poucos segundos estavam em Mission, e tinham chegado à cidade quando ouviram passar sirenes.

— Calma — sussurrou Nick.

Agarrava a mão de Jane, e ela agarrava a de Andrew. Não se lembrava de quando tinham dado as mãos, mas sentia-se tão imensamente aliviada por estar ali, a salvo, entre eles, que não conseguia parar de chorar.

Ficaram ali estendidos, agarrados uns aos outros, até Paula lhes dizer que tinham chegado à estrada 101.

— Chicago fica a trinta horas de distância — gritou para fazer-se ouvir entre o barulho da estrada, que retumbava como a broca de um dentista dentro da carrinha. — Paramos em Idaho Falls para os avisar de que vamos para a casa segura.

A casa segura.

Uma quinta nas redondezas de Chicago com um celeiro vermelho, vacas e cavalos. Mas, de que serviria isso? Alguma vez voltariam a sentir-se seguros?

— Mudaremos de condutor em Sacramento depois de deixar o Nick no aeroporto — prosseguiu Paula. — Há que respeitar o limite de velocidade e todas as normas de trânsito. Não podemos chamar a atenção.

Estava a repetir como um papagaio as instruções de Nick, imitando-o como todos eles faziam, porque, segundo afirmava o próprio, sabia sempre o que fazia, até quando tudo parecia fora de controlo.

Aquilo era uma loucura. Uma loucura absoluta.

— Meu Deus, foi por pouco! — Nick levantou-se e esticou os braços. Dedicou a Jane um dos seus sorrisos malandros. Ele também tinha aquele interruptor interno, aquele em que Laura Juneau tinha carregado ao assassinar Martin e ao dar um tiro nela própria. Jane via-o agora com toda a clareza. Para Nick, o que acontecera no armazém era já águas passadas.

Não conseguia olhar para ele. Observou Andrew, ainda estendido ao seu lado. Estava abatido e tinha estrias de sangue na cara. Nem queria imaginar de quem era aquele sangue. Quando pensava no armazém, só via morte, sangue e balas a zumbir como mosquitos.

Andrew tossiu tapando a boca com o braço. Jane tocou na sua cara. A sua pele tinha a textura do algodão doce.

— Aposto que agora estão contentes por terem ensaiado, hã tropa? —

perguntou Nick. A sua cara, tal como a de Andrew, estava salpicada de sangue. A franja caía-lhe sobre o olho esquerdo. Tinha uma expressão de euforia característica nele, como se tudo fosse perfeito. — Imaginem-se só a subir a escada sem terem ensaiado antes...

Jane levantou-se. Sabia que devia aproximar-se de Nick, mas recostou-se contra a saliência do pneu. Poderia ligar a Jasper? Encontraria um telefone para lhe suplicar que a ajudasse, confiando que o seu irmão mais velho interviesse e os salvasse a todos? Como lhe ia dizer que estava implicada no assassinato do seu próprio pai? Como ia olhar nos olhos dele e dizer-lhe que tudo o que tinha feito até ao momento era fruto de uma espécie de insanidade coletiva?

Uma seita.

— *Jinx?* — disse Nick.

Ela negou com a cabeça, mas não para responder a Nick. Já nem sequer Jasper podia salvá-la. E como é que ela o ia recompensar se tentasse? Publicando o seu envolvimento numa fraude na área da saúde que o podia mandar para a prisão?

Nick aproximou-se de gatas da caixa de segurança que *Quarter* tinha aparafusado ao chão. Marcou a combinação.

6-12-32.

Todos a sabiam.

Jane viu-o a subir a tampa. Tirou uma manta e uma garrafa térmica cheia de água. Fazia tudo parte do plano de fuga. Havia salsichas, uma geleira, várias provisões de emergência e, escondidos debaixo do fundo falso da caixa, duzentos e cinquenta mil dólares em dinheiro.

Nick serviu água na chávena da garrafa térmica. Tirou o lenço de tecido do bolso de trás e limpou a cara; depois inclinou-se e esfregou a cara de Andrew até a deixar corada.

Jane contemplou como o seu amante limpava o sangue da cara do seu irmão.

Sangue de Maplecroft? Ou de Quarter?

— Nem sequer sabemos o seu nome verdadeiro — disse.

Olharam os dois para ela.

— *Quarter* — disse. — Não sabemos o nome dele, onde vive, quem são os seus pais, e está morto. Vimo-lo morrer, e nem sequer sabemos quem devemos avisar.

— Chamava-se Leonard Brandt — disse Nick. — Não tinha filhos, nem era casado. Vivia sozinho no 1239 da rua Van Duff. Era carpinteiro em Marin. Claro que sei quem é, *Jinx*. Conheço todos os implicados nisto porque sou responsável pelas suas vidas. Porque farei o que for preciso para tentar proteger-vos a todos.

Jane não soube se mentia ou não. Via os seus traços manchados pelas lágrimas que escorriam sem cessar dos seus olhos.

Nick voltou a colocar a chávena na garrafa térmica e disse a Andrew:

— Estás com má cara, velho companheiro.

Andrew tentou sufocar um ataque de tosse.

— Não estou muito bem.

Nick agarrou-o pelos ombros. Andrew fez o mesmo com ele, como dois jogadores de futebol americano.

— Ouve — disse Nick —, muita coisa aconteceu, mas já está tudo em ordem. Assim que chegarmos ao esconderijo vais descansar, tu e a Jane também. Eu volto de Nova Iorque o quanto antes e todos veremos juntos como o mundo desaba. Está bem?

Andrew assentiu com a cabeça.

— Sim.

Meu Deus.

Nick bateu-lhe na cara. Depois deslizou até ela: era a sua vez de receber um elogio, um discurso que a voltasse a pôr do seu lado.

— Querida — disse ao mesmo tempo que a enlaçava pela cintura. Tocou-lhe o ouvido com os lábios. — Está tudo bem, meu amor. Vai correr tudo bem.

O pranto de Jane continuou.

— Podíamos ter morrido. Todos, podíamos ter...

Nick beijou a sua cabeça.

— Coitadinha. Não acreditas em mim quando digo que vai correr tudo bem?

Ela abriu a boca. Tentou encher os pulmões trémulos de ar. Ansiava acreditar nele, desejava-o com toda a sua alma. Disse a si própria que a única coisa que importava naquele momento era que Nick, e Andrew, e o bebé estivessem a salvo. A escada salvara-os. O túnel salvara-os. A carrinha salvara-os.

Nick salvara-os.

Tinha-a obrigado a continuar a treinar enquanto estava em Berlim. Estando tão longe de tudo, tinha pensado que era uma tolice continuar a praticar todas as manhãs, a dar pontapés para o ar como se se preparasse para ir para a guerra. Em São Francisco, o prazer de dar uma surra a Paula sempre que se enfrentavam motivava-a. Mas na ausência de Paula — e, a bem da verdade, também de Nick —, o seu impulso, a sua vontade de levar o plano avante dissipara-se ao mesmo tempo que se distanciava de Nick.

O que é que tens andado a fazer, meu amor?, perguntava-lhe ele entre o barulho ríspido da ligação telefónica internacional.

Nada, mentia ela. *Tenho tantas saudades tuas que a única coisa que faço é estar deprimida e marcar os dias no calendário.*

Era verdade que tinha saudades dele, mas só parcialmente. Tinha saudades da sua faceta encantadora, gentil, aquela que se mostrava agradada com ela. Aquela que não levava tudo ao extremo, com uma ânsia quase hedonista.

Só ao estar sozinha e a salvo em Berlim se tinha apercebido de que, desde que tinha consciência da própria existência, sempre tivera uma bola de medo alojada na barriga. Durante anos, dissera a si própria que o estado de neurose era a cruz que um artista devia carregar em troca do seu sucesso mas, para dizer a verdade, o que a levava a mexer-se com pés de chumbo, autocensurar-se e dominar as suas emoções era a presença esmagadora de dois homens que faziam parte da sua vida. Às vezes, era Martin que acordava os seus medos. Às vezes, era Nick. As palavras de ambos. As suas ameaças. As suas mãos. E às vezes também, ocasionalmente, os seus punhos.

Em Berlim, pela primeira vez desde que tinha uso da razão, experimentara o que era viver sem medo.

Ia a discotecas. Dançava com alemães sem graça, drogados, com tatuagens nas mãos. Assistia a concertos, ia a exposições, a reuniões políticas clandestinas. Frequentava tertúlias em cafés nas quais se falava sobre Camus, fumava *Gauloises* e debatia a respeito da tragédia da condição humana. Às vezes, parecia-lhe vislumbrar ao longe uma imagem de como se pressupunha que devia ser a sua vida. Era uma artista de renome mundial. Trabalhara durante duas décadas para conquistar esse estatuto, essa posição privilegiada. Porém...

Nunca fora uma criança. Nem uma adolescente. Nem uma jovem de vinte e muitos anos. Na realidade, nunca estivera sozinha. Primeiro pertencera ao seu pai, depois a Pechenikov e, por fim, a Nick.

Em Berlim, fora dona de si própria.

— Ei — disse Nick estalando os dedos diante da sua cara. — Volta à terra, meu amor.

Percebeu que tinham estado a conversar sem ela.

— Estávamos a combinar quando devíamos publicar os papéis do Jasper — disse Nick. — Depois de Chicago? Ou depois de Nova Iorque?

Abanou negativamente a cabeça.

— Não podemos — disse. — Por favor. Já fizemos mal suficiente.

— Jane — afirmou Andrew —, não fazemos isto por capricho. Há gente que ficou ferida, que morreu por isto. Não podemos desistir agora e voltar atrás, sabendo que essas pessoas se sacrificaram por nós.

— Literalmente — acrescentou Nick, como se ela precisasse de que lho recordassem. — Duas pessoas. Duas vidas sacrificadas. A Laura e o *Quarter* acreditavam mesmo no que estamos a fazer. Como é que vamos defraudá-los agora?

— Eu não posso — disse.

Não tinha mais nada a acrescentar. Não conseguia dizer mais nada.

— Estás esgotada, meu amor.

Nick abraçou-a pela cintura, mas não lhe disse o que ela queria ouvir: que iam deixar aquilo imediatamente, que destruiriam os papéis de Jasper, que iriam para a Suíça e tentariam reparar o mal que tinham feito.

— Fazemos turnos para dormir — disse, e levantou a voz para que Paula o ouvisse. — Apanho o avião para Nova Iorque de Chicago. É demasiado arriscado partir de Sacramento. Paula, combina com a tua equipa e assegura-te que estão prontos para o que se vai passar em Chicago. Coordenamos os tempos quando chegarmos à casa segura.

Jane esperou que Paula se pronunciasse, mas ficou estranhamente calada.

— *Jinx?* — disse Andrew. — Estás bem?

Assentiu em silêncio. O seu irmão, no entanto, notou que estava a mentir.

— Estou bem — afirmou ela, mas não conseguiu evitar que lhe tremesse a voz.

— Vai sentar-te com a *Penny* — ordenou Nick a Andrew. — Tenta que se mantenha acordada. Eu e a Jane vamos dormir um pouco. Depois fazemos o próximo turno.

Jane quis dizer-lhe que não, que Andrew devia ser o primeiro a descansar, mas não teve forças e, para além disso, o seu irmão já se estava a pôr

penosamente de joelhos.

Viu-o passar para o lugar da frente da carrinha. Sentou-se ao lado de Paula. Jane ouviu-o proferir um gemido ao esticar a mão para o rádio. A estação de notícias começou a emitir com um volume muito baixo, como um murmúrio. Deviam ter prestado atenção, mas Andrew rodou o botão até encontrar uma estação de velhos êxitos musicais.

Jane virou-se para Nick.

— Ele precisa de um médico.

— Temos problemas mais urgentes.

Ela compreendeu de imediato que não o dizia porque as coisas tinham corrido mal, mas porque sabia que começava a duvidar dele.

— Já te disse que o que aconteceu com a Maplecroft foi um acidente — disse Nick numa voz tão baixa que só ela conseguia ouvir. — Fiquei louco quando vi o que ela tinha feito a essa tua cara tão linda.

Jane tocou no nariz e sentiu uma dor instantânea. Tinham acontecido tantas coisas desde aquele momento atroz que se tinha esquecido por completo de que Maplecroft lhe tinha batido.

— Sei que devia ter-me limitado a segurá-la — prosseguiu ele — ou... ou qualquer outra coisa. Não sei o que se passou comigo, querida. Estava tão furioso... Mas não perdi o controlo. Claro que não. Prometi-te que não permitiria que isso acontecesse outra vez.

Outra vez.

Jane tentou não pensar no bebé que crescia dentro dela.

— Querida — disse Nick —, diz-me que está tudo bem. Que estamos bem. Diz, por favor.

Jane assentiu de má vontade. Faltavam-lhe forças para o contrariar.

— Meu amor ...

Beijou-a na boca com uma paixão surpreendente. Jane, no entanto, não sentiu desejo algum quando as suas línguas se tocaram. Ainda assim, rodeou-o com os braços porque precisava desesperadamente de sentir que tudo estava normal. Não tinham feito amor em Oslo, mesmo após três meses de separação. Os dois estavam nervosos e mais tarde, depois de Oslo, aterrorizava-os dizer ou fazer algo errado. Depois, já de volta a São Francisco, Nick mantivera a distância até essa manhã. Ela também não o desejara então, mas recordava ter ansiado pelo momento *posterior*. Que a apertasse entre os seus braços. Apoiar o ouvido no seu peito e sentir o

batimento firme e satisfeito do seu coração. Contar-lhe sobre o bebê. Ver a felicidade refletida no seu rosto.

Mas Nick não ficara feliz da primeira vez.

— Vamos, amor. — Deu-lhe um beijo casto na testa. — Vamos dormir um pouco.

Jane deixou que a deitasse no colchão. Ele voltou a aproximar a boca do seu ouvido, mas só para lhe tocar na pele com os lábios. Aninhou-a no seu corpo, entrelaçou as suas pernas com as dela e abraçou-a com firmeza. Ofereceu-lhe o seu braço como almofada. Mas, em vez de experimentar a sensação de paz que costumava embargá-la, Jane sentiu-se presa por um polvo.

Ficou a olhar para o teto da carrinha. Tinha a mente em branco. Estava demasiado esgotada. Sentia o corpo entorpecido, mas não como antes. Não estavam a disparar contra ela, nem temia o interrogatório de Danberry, nem chorava por Martin, nem se preocupava com a possibilidade de ser presa. Contemplava o seu futuro e percebia que nunca sairia daquilo. Embora o plano de Nick funcionasse em todos os aspetos, mesmo que conseguissem fugir para a Suíça, viveria para sempre mergulhada num carrossel.

A respiração de Nick começou a tornar-se mais lenta. Sentiu que descontraía. Pensou em sair do seu abraço, mas não tinha forças. As suas pálpebras começaram a fechar-se. Quase conseguia sentir na boca como lhe batia o coração. Cedeu ao sono e pareceu-lhe que dormiu só um instante, mas quando acordaram acabavam de atravessar o limite de Nevada e Paula tinha parado numa bomba de gasolina. Eram os únicos clientes. O empregado que atendia ao balcão mal afastou o olhar da televisão quando saíram da carrinha.

— Querem comer alguma coisa? — perguntou-lhes Paula.

Como ninguém respondeu, entrou calmamente na loja com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco castanho.

Andrew pôs gasolina. Enquanto o depósito enchia, fechou os olhos e apoiou-se contra a carrinha.

Nick não falou com nenhum deles. Não bateu palmas, nem tentou falar com as suas tropas. Afastou-se uns metros com as mãos metidas nos bolsos de trás e ficou a olhar para a estrada. Jane viu que contemplava o céu e depois a vasta paisagem castanha.

Estavam desanimados. Jane não sabia se devido à impressão do sucedido ou ao cansaço. Havia entre eles uma sensação quase palpável de terem

atingido um ponto sem volta. A realidade tinha-se encarregado de arrancá-lhes de repente aquela euforia vertiginosa que tinham experimentado, absurdamente, ao falar de fugirem da lei como se fossem mafiosos de um filme de James Cagney.

Era sempre Nick que se encarregava de tirá-los daquele poço. Jane tinha-o visto muitas vezes. Quando Nick entrava numa divisão, tudo parecia melhorar nesse preciso instante. Tinha-o presenciado nessa mesma manhã, no armazém. Ela e Andrew estavam a discutir com Paula, que parecia prestes a matá-los, e então Nick resolvera voltar a uni-los, para os tornar de novo num grupo unido. Todos admiravam a sua força, a sua resolução.

O seu carisma.

Nick afastou-se da estrada e, enquanto se dirigia à casa de banho, situada de um lado do edifício, os seus olhos passaram sobre Jane sem chegar a vê-la. Tinha os ombros curvados. Arrastava os pés pelo alcatrão. O coração dela partiu-se. Só o tinha visto assim duas vezes antes, tão sumido num acesso de depressão que mal conseguia manter a cabeça erguida.

A culpa era dela.

Tinha duvidado dele, a única deslealdade que Nick não conseguia suportar. Era um homem, não um deus onisciente. Sim, o que tinha acontecido no armazém era atroz, mas ainda estavam vivos. Graças a Nick. Ele tinha criado os exercícios de treino e concebido os planos que tinham tornado a fuga possível. Fizera questão de que praticassem até lhes começassem a faltar as forças nas pernas e nos braços. Para mantê-los a salvo. Para que não perdessem o norte. Para que conservassem o seu impulso, a mente centrada, a boa disposição. Mais ninguém possuía aquela capacidade.

E ninguém, e ela menos ainda, tinha parado para pensar até que ponto aquele fardo o estava a afetar.

Seguiu Nick até à casa de banho dos homens. Não parou para considerar o que ia encontrar quando abrisse a porta, mas sentiu nojo de si própria ao ver Nick.

Tinha as mãos apoiadas no lavatório e a cabeça agachada. Quando levantou a cabeça para olhar para ela, tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Já saio. — Virou-se e pegou num punhado de toalhetes de papel. — Talvez possas ajudar a *Penny* com...

Jane abraçou-o. Apoiou a cara nas suas costas.

Ele riu-se mas só para si próprio.

— Parece que me estou a ir abaixo.

Jane apertou-o como tanta força como se atreveu a fazê-lo.

Sentiu como o seu peito inchava quando respirou fundo, tremulamente. Ele pousou os braços sobre os seus, apoiou-se contra ela e Jane segurou-o com força porque era o que fazia melhor.

— Amo-te — disse-lhe beijando-o na nuca.

Nick interpretou mal as suas intenções.

— Receio não estar com disposição para malandrices, minha *Jinx*, mas significa muito para mim que tu estejas disposta.

Amou-o ainda mais por tentar fingir a sua postura de sempre. Fê-lo virar-se. Pôs-lhe as mãos sobre os ombros, tal como ele fazia com toda a gente. Aproximou a boca do seu ouvido como só fazia com ela. E pronunciou as duas palavras que mais importavam. Não *amo-te*, mas:

— Estou contigo.

Ele pestanejou e depois começou a rir-se, envergonhado por se ter deixado embargar pela emoção de maneira tão visível.

— A sério?

— A sério.

Beijou-a na boca e, de repente, inexplicavelmente, pareceu-lhe que estava tudo bem. Os braços de Nick à sua volta. O seu coração a palpitar junto ao dele. Até o facto de estar ali, no meio da imunda casa de banho dos homens, sossegava-a.

— Meu amor — disse uma e outra vez. — Meu único amor.

Quando voltaram à carrinha, Andrew dormia profundamente no lugar do copiloto. Paula, demasiado tensa para descansar, tinha voltado a sentar-se ao volante. Nick ajudou Jane a entrar para a parte de trás. Quando se deitaram no colchão, fez o mesmo que antes: enlaçou-a com braços e pernas. Desta vez, Jane apertou-se contra ele, enroscada. Mas em vez de fechar os olhos para dormir, começou a falar. Ao princípio, de coisas pouco importantes, como a alegria que sentiu da primeira vez que deu um recital sem errar uma só nota, ou o júbilo de uma ovação com o público de pé. Não pretendia gabar-se perante ele, mas contextualizá-lo. Porque nada se podia comparar com a felicidade absoluta que sentiu da primeira vez que ele a beijou, da primeira vez que fizeram amor, da primeira vez que compreendeu que era seu.

Porque Nick pertencia-lhe, tal como ela a ele.

Falou-lhe de como o seu coração inchava como um balão aerostático da

primeira vez que o viu a discutir a brincar com Andrew no *hall* da sua casa. Da euforia que sentiu quando entrou na cozinha, beijou-a e saiu a caminhar para trás como um ladrão. Disse-lhe que sentira muito a falta dele em Berlim, que tivera saudades do sabor da sua boca. E que nada podia dissipar a saudade que sentia das suas carícias.

Chegaram a Wyoming, depois a Nebraska, depois a Utah e, por fim, a Illinois.

Ao longo das vinte e oito horas que demoraram a chegar às redondezas de Chicago, passou quase cada segundo de vigília a dizer a Nick que o amava.

Era um ioiô. Era Patricia Hearst. Tinha bebido o sumo com cianeto. Recebia ordens do cão do seu vizinho.

Já não se importava se estava numa seita ou se Nick era Donald DeFreeze. De facto, já não se importava com o plano. De qualquer modo, a sua intervenção tinha terminado. Os outros membros da célula ocupavam agora a primeira linha da frente. Naturalmente, as atrocidades cometidas pelo seu pai e pelo seu irmão mais velho continuavam a indigná-la. Lamentava as mortes de Laura e Robert Juneau e sentia-se mal pelo que acontecera a *Quarter* e a Alexandra Maplecroft no armazém. Mas, na realidade, não tinha de acreditar no que estavam a fazer, nem no seu porquê.

A única coisa que tinha de fazer era acreditar em Nick.

— Vira aqui à esquerda — ordenou Paula, ajoelhada junto ao seu assento, e pôs-lhe a mão no ombro, o que era alarmante porque Paula nunca tocava em ninguém a não ser para lhe fazer mal. — Procura uma entrada à direita. Está um pouco escondida entre as árvores.

Jane viu a entrada uns metros mais à frente. Pôs o intermitente apesar de não se ver nenhum outro veículo na estrada.

Paula deu-lhe um murro no braço.

— Cabra desmiolada.

Jane ouviu-a a meter-se na parte de trás da carrinha. Paula estava mais animada porque Nick estava mais animado. E o mesmo podia dizer-se de Andrew. Era um efeito mágico. Ao ver o sorriso descontraído de Nick, o seu sentimento de preocupação, as suas dúvidas, tinham-se dissipado.

E tudo graças a ela.

— *Jinx?* — Andrew mexeu-se no lugar do copiloto quando a carrinha virou, aos solavancos, no caminho de cascalho.

— Já chegámos.

Jane exalou um suspiro de alívio ao passarem o arvoredor. A quinta era tal e qual como ela imaginara pelas cartas codificadas de Andrew. Havia vacas a pastar no prado. Um gigantesco celeiro vermelho erguia-se por cima de uma pitoresca casa térrea, pintada numa cor a combinar com o celeiro. No pátio havia margaridas plantadas, um pequeno quadrado de relva e uma vedação de madeira branca. O lugar ideal para criar uma criança.

Pousou a mão sobre a sua barriga.

— Estás bem? — perguntou Andrew.

Olhou para ele. Dormir não parecia ter servido de nada. Pelo contrário, estava ainda com pior cara do que antes.

— Deveria preocupar-me?

— Claro que não. — Andrew esboçou um sorriso pouco convincente. — Aqui podemos descansar — acrescentou. — Estamos seguros.

— Eu sei — disse, mas só se sentiria sossegada quando Nick voltasse de Nova Iorque.

A roda da frente calçou um buraco do caminho de cascalho. Jane fez uma careta ao sentir que os ramos das árvores arranhavam a carrinha de lado. Quase deu graças a Deus quando, por fim, estacionou ao lado de outros dois carros, em frente do celeiro.

— Olá, Chicago! — exclamou Nick ao abrir a porta lateral. Saiu com um salto, esticou os braços e arqueou as costas, com a cara levantada para o céu. — Meu Deus, que bem sabe sair desta caixa de lata.

— Não me digas — reclamou Paula enquanto se tentava esticar. Era só um par de anos mais velha do que Nick, mas a raiva tinha retorcido o seu corpo até o deixar deformado.

Jane suspirou de novo quando os seus pés tocaram em terra firme. O ar era cortante, a temperatura era muito mais baixa do que na Califórnia. Esfregou os braços para aquecer, enquanto contemplava o horizonte. O sol estava suspenso pesadamente sobre as copas das árvores. Calculou que eram cerca das quatro da tarde. Não sabia que dia era, onde estavam exatamente, nem o que ia acontecer a seguir, mas ficava tão contente por ter saído da carrinha que sentia vontade de chorar.

— Fiquem aqui — ordenou Paula, e dirigiu-se com um passo enérgico para a casa.

As suas botas levantaram poeira. Tirara as luvas e a sombra preta debaixo dos olhos. A parte de trás do seu cabelo retorcia-se formando um remoinho.

A parte de baixo do seu vestido estava suja. Tinha, como todos eles, salpicos de sangue na roupa.

Jane olhou para lá dela, para a casa. Não queria voltar a pensar em sangue. Ou estava com Nick, ou não estava com ele.

Tudo ou nada. Ao estilo Queller.

Abriu a porta da casa e apareceu uma mulher baixinha, com um xaile sobre os ombros magros. Ao seu lado, um homem alto, de cabelos compridos e um bigode esmerado com as pontas retorcidas, segurava uma espingarda. O homem viu Paula, mas só baixou a arma quando ela depositou um centavo sobre a mão aberta da mulher.

Aquilo também era ideia de Nick. Quatro moedas: um *penny*, um *nickel*, um *quarter*, um *dime*. Cada uma representava uma célula e servia de salvo-conduto entre elas. Aquele símbolo entusiasmava Nick: moedas de troca para o Exército de um Mundo em Mudança. Fizera-os vestir-se completamente de preto, até a roupa interior, e pôr-se em fila como soldados para depositar na mão de cada um a moeda que simbolizava o seu nome de código.

O animal não conhecia o termo simbiótico, de modo que inventou a palavra Simbionês.

Jane rangeu os dentes ao desterrar da sua mente as palavras de Danberry.

Tinha escolhido um lado.

— Não sei vocês, tropa, mas eu estou a morrer de fome. — Nick passou o braço pelos ombros de Andrew. — E tu, Andy? Como é que se diz? *Alimenta a constipação e mata a febre à fome?* Ou é ao contrário?

— Acho que, na realidade, é *dá-me uísque e deixa-me dormir numa boa cama*. — Andrew avançou penosamente para a casa, com Nick ao seu lado.

Saltava à vista que estavam rendidos de cansaço, mas a energia de Nick dava-lhes força para a seguirem em frente, como fazia sempre.

Jane não foi com eles. Queria esticar as pernas e ver a quinta. Apetecia-lhe passar um bocado sozinha, em silêncio. Fora criada na cidade. A casa de Hillsborough era tão perto do aeroporto que não se podia considerar que fosse no campo. E enquanto outras raparigas da sua idade aprendiam a montar a cavalo ou iam aos acampamentos das escuteiras, ela passava cinco ou seis horas por dia sentada ao piano, a tentar aperfeiçoar o movimentos dos dedos.

Levou a mão à barriga, como de costume.

Será que a sua filha tocaria piano?

Não sabia de onde vinha tanta certeza, mas estava convencida de que ia ser uma menina. Queria dar-lhe um nome bonito, mesmo bonito, não sem graça como Jane, nem ridículo como *Jinx*, nem tão infantil como Janey, como Nick lhe chamava às vezes. Queria transmitir-lhe toda a sua força e nenhuma das suas fraquezas. Assegurar-se de que a sua linda menina não herdava aquela bola de medo latente.

Parou junto da vedação de madeira. Dois cavalos brancos pastavam no prado. Sorriu ao ver que tocavam nos focinhos um do outro.

Ela e Andrew iam passar ali uma semana, no mínimo. Quando Nick voltasse de Nova Iorque, continuariam escondidos mais outra semana. Depois atravessariam a fronteira para o Canadá. A Suíça era o seu sonho, mas como seria criar a sua menina numa quinta como aquela? Dar-lhe a mão até ao final do caminho e esperar o autocarro da escola. Esconder ovos da Páscoa nos fardos de feno. Levar os cavalos para o prado e fazer um piquenique. Ela, a sua menina e Nick.

Para a próxima, tinha-lhe dito Nick na última vez. Para a próxima vez, ficamos com ele.

— Olá! — chamou-a a mulher do xaile, vinda do celeiro. — Lamento incomodar mas estão a perguntar por ti. O *Tucker* pode meter a carrinha no celeiro. O *Spinner* e o *Wyman* já estão lá dentro.

Jane assentiu com uma expressão solene. Os nomes em código dos tenentes das células correspondiam aos de antigos Secretários do Tesouro dos Estados Unidos. A primeira vez que Nick lhe disse isso, ela teve dificuldade em não desatar a rir. Agora percebia que todo aquele teatro tinha a sua razão de ser. *Quarter* levava consigo para o caixão as identidades dos membros da célula de Stanford.

— Oh! — A mulher parou, boquiaberta pela surpresa.

Jane também ficou petrificada ao reconhecê-la. Nunca se tinham visto pessoalmente, mas conhecia Clara Bellamy pela imprensa e pelos cartazes da fachada do teatro do Lincoln Center. Fora uma *prima ballerina*, uma das últimas estrelas do coreógrafo Balanchine, até que uma lesão no joelho a obrigou a retirar-se.

— Caramba! — Clara continuou a dirigir-se a ela com um sorriso na cara. — Tu deves de ser a *Dollar Bill*.

Outro pseudónimo.

— Afinal decidimos chamar-me *DB*. É mais fácil de recordar do que

Dollar Bill. A Penny acha que significa *Desmiolada*[\[5\]](#).

— Vindo de quem vem, não me espanta minimamente. — Evidentemente, Clara tinha captado o mau feitio de Paula. — Fico contente por te conhecer, DB. A mim chamam-me *Selden*.

Jane apertou-lhe a mão e depois, com um sorriso, fê-la compreender que tinha consciência de que tudo aquilo (o facto de se terem conhecido ali, numa quinta isolada nas redondezas de Chicago) tinha um ponto de rocambolesco.

— A vida é curiosa, não é? — Clara deu-lhe o braço enquanto se dirigiam sem pressa para a casa. Coxeava levemente ao caminhar. — Vi-te atuar no Carnegie há três anos. Fizeste-me chorar. O concerto número vinte e quatro em dó menor de Mozart, julgo eu.

Jane sentiu que esboçava um sorriso. Adorava que as pessoas amassem a música.

— Aquele vestido verde era uma joia — acrescentou Clara.

— Achei que aqueles sapatos me iam matar.

Clara sorriu, compreensiva.

— Lembro-me de que foi logo depois do concerto do Horowitz no Japão. Ver um homem tão brilhante a falhar tão estrondosamente... Devias estar nervosíssima quando subiste àquele palco.

— Não, ora essa... — afirmou Jane, e a sua própria sinceridade surpreendeu-a, mas alguém como Clara Bellamy sem dúvida ia entendê-la. — Cada nota que toquei naquela noite foi como uma repetição de algo vivido anteriormente, como se já a tivesse tocado antes na perfeição.

Clara voltou a assentir.

— Um *déjà vu*. Eu também vivia para esses momentos. E pareciam-me sempre poucos. É aí que compreendemos os drogados, não é? — Parou outra vez. — Esse foi o teu último recital de música clássica, não foi? Porque é que desististe?

A vergonha impediu-a de responder. Clara Bellamy tinha parado de dançar porque não tivera outro remédio. Não entenderia que ela tivesse parado por vontade própria.

— O Pechenikov deu a entender que te faltava ambição. Era o que dizia sempre das mulheres, mas não pode ser verdade. Vi a tua cara quando atuavas. Não estavas só a tocar. *Eras* a música.

Jane olhou para além do ombro de Clara, para a casa. Desejava manter-se animada por Nick, mas a lembrança da sua vida nos palcos pô-la à beira das

lágrimas. Adorava tocar música clássica, e a energia do *jazz* apaixonava-a. No entanto, tivera de encontrar uma maneira de usufruir tocando sozinha dentro de um estúdio de gravação, sem outro público que não fosse o fumador inveterado do outro lado do vidro.

— Jane?

Abanou a cabeça, desdenhando a sua dor como um luxo absurdo. Como de costume, referiu uma versão do ocorrido com a qual a sua interlocutora se conseguisse identificar.

— Antes pensava que o meu pai se sentia orgulhoso de mim quando tocava. Depois, um dia, percebi que tudo o que eu fazia, cada prémio e cada atuação e cada artigo de imprensa, tinham o seu reflexo nele. Era isso que o meu pai tirava daquilo. Não admiração por mim, mas sim por si próprio.

Clara assentiu.

— A minha mãe também era assim. Mas não vais desistir por muito tempo. — Sem aviso prévio, pôs a mão sobre o ventre arredondado de Jane. — Vais querer tocar para ela.

Jane sentiu uma pressão na garganta.

— Como é que sabes...?

— Pela tua cara. — Acariciou-lhe a face. — Está bem mais gordinha do que nas fotografias. E por causa da tua barriga, claro. Está alta, por isso sei que é uma menina. O Nick deve estar...

— Não lhe digas nada. — Jane levou a mão à boca como se desse modo pudesse apagar o tom de desespero que tinha dado às suas palavras. — Ainda não sabe. Tenho de encontrar o momento adequado para lhe dizer.

Clara pareceu surpreendida, mas fez um gesto afirmativo.

— Entendo. Não deve ser nada fácil, tendo em conta aquilo pelo qual estão a passar. Imagino que precisas de um pouco de tempo antes de lhe contares.

Jane mudou bruscamente de assunto.

— Como é que te meteste nisto?

— O Edwin... — Clara riu-se, e depois disse: — O *Tucker*, digo. Conheceu a Paula quando estavam em Stanford. Ele estudava Direito. Ela, Ciências Políticas. Acho que andaram enrolados durante um tempo. Mas agora é meu.

Jane tentou disfarçar a sua surpresa. Não imaginava Paula a estudar na universidade, e muito menos a ter uma aventura amorosa.

— É ele que trata dos assuntos legais?

— Exato. O Nick tem sorte de contar com ele. O *Tucker* tratou dos problemas que tive com o contrato quando me lesionei no joelho. Demo-nos logo bem. Sempre gostei de homens com um bigode charmoso. Então a Paula apresentou-o ao Nick, digo ao *Nickel*. O *Tucker* apresentou-mo a mim e, pronto, já sabes o que se passa quando se conhece o Nick. Acredita-se em cada palavra que lhe sai pela boca. Ainda bem que não me tentou vender um carro em segunda mão.

Jane riu-se porque Clara se tinha rido.

— Não me converti — acrescentou Clara. — Bom, sim, entendo o que estão a fazer e sei que é importante, claro, mas sou um pouco cobarde quando se trata de correr riscos. A minha onda é mais passar cheques e oferecer-vos um porto de abrigo seguro.

— Não menosprezes o que estás a fazer. A tua contribuição é importante. — Jane sentiu que era Nick a falar pela sua boca, mas afinal de contas todos tinham de cumprir o seu papel. — Importantíssimo, de facto, porque graças a ti estamos a salvo.

— Meu Deus, falas como ele.

— Sim? — Jane sabia que era verdade. Era o preço a pagar por se entregar a Nick. Começava a converter-se nele.

— Eu quero ter um monte de filhos — afirmou Clara. — Quando dançava não podia, mas agora... — Assinalou a quinta. — Comprei esta casa para poder criar os meus filhos aqui. Para que cresçam felizes e a salvo. O Edwin anda a aprender a tratar das vacas. Eu estou a aprender a cozinhar. Por isso, estou a ajudar o Nick. Quero contribuir para que o mundo seja um lugar melhor para os meus filhos. Para os nossos filhos.

Jane estudou o seu semblante à procura de um sorriso que a denunciase.

— Acredito mesmo nisso, Jane. Não estou a dar-te uma tanga. É emocionante fazer parte disto, mesmo que seja só marginalmente. E não me estou a arriscar muito, embora haja um risco verdadeiro. Um de vocês, ou todos, poderia acabar numa esquadra. Imagina a publicidade que teriam se me apontassem com o dedo. — Deu uma gargalhada assustada. — Sabes, tenho um pouco de ciúmes porque acho que és mais famosa do que eu, de modo que já te odeio por monopolizares as manchetes.

Jane não se riu. Tinha convivido tempo suficiente com a fama para saber que, na realidade, Clara não estava a brincar.

— O Edwin acha que não se vai passar nada. E eu confio muito no seu

critério.

— Sabes...? — Jane calou-se, consciente de que estivera prestes a cometer um erro.

Sabes que mataram o Quarter? Que a Maplecroft está morta? E se os edifícios não estiverem vazios? E se matarmos um guarda de segurança ou um polícia? E se o que estamos a fazer estiver errado?

— Sei o quê? — perguntou Clara.

Jane respondeu a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Se têm algum xarope para a tosse. O meu irmão...

— Pobre Andy! Está muito em baixo, não está? — Clara franziu o sobrolho, preocupada. — A verdade é que fiquei petrificada ao saber. Mas para nós não é nada de novo, pois não? Vimo-lo muitas vezes. Não se pode estar no mundo da arte sem conhecer um monte de homens extraordinários que acabaram contagiados.

Contagiados?

— *Jinx?* — Nick estava na porta aberta da casa. — Vens? Tens de ver isto. Têm de ver isto as duas.

Clara acelerou.

Jane mal encontrou forças para mexer as pernas.

Ficou com a boca seca. O coração martelava dentro do peito. Lutou para manter o ímpeto, para seguir em frente. Primeiro o caminho. Os degraus da entrada. A porta. O interior da casa.

Contagiado.

Ao entrar, teve de se apoiar à parede e esticar os joelhos para não cair. A desorientação tinha voltado a apoderar-se dela. Os seus músculos pareciam ter-se tornado líquidos.

Para nós não é nada de novo, vimo-lo muitas vezes.

Jane tinha conhecido muitos jovens vigorosos que tossiam como Andrew tossia. Que tinham o mesmo aspeto doente. A mesma palidez. Aquela queda de pálpebras. Um saxofonista de *jazz*, um primeiro violoncelista, um tenor, um cantor de ópera, um bailarino, outro bailarino, e mais outro ...

Todos mortos.

— Vamos, querida. — Nick fez-lhe sinal para entrar na divisão.

Estavam todos reunidos à volta da televisão. Paula ocupava o sofá, ao lado de um homem que devia ser *Tucker*. Os outros dois, *Spinner* e *Wyman*, uma mulher e um homem respetivamente, estavam sentados em cadeiras

desdobráveis.

Clara sentou-se no chão porque era o que os bailarinos faziam sempre.

— O Andrew está a dormir. — Nick estava de joelhos, ajustando o volume da televisão. — É alucinante, *Jinx*. Pelos vistos, andam há dois dias a emitir programas especiais.

Jane viu-o mexer a boca, mas foi como se o som se deslocasse através da água.

Nick inclinou-se para trás apoiando-se nos calcanhares, entusiasmado com a sua notoriedade.

Jane olhou porque todos os outros estavam a olhar.

Dan Rather estava a informar a respeito dos acontecimentos de São Francisco. Um instante depois, apareceu no ecrã um repórter situado à porta da casa vitoriana que havia em frente do armazém.

— Segundo fontes do FBI — dizia o repórter —, os dispositivos de escuta permitiram-lhes comprovar antecipadamente que Alexandra Maplecroft já tinha morrido às mãos dos conspiradores. É provável que o autor da sua morte seja o líder do grupo, Nicholas Harp. Andrew Queller estava na companhia de uma segunda mulher que os ajudou a fugir atravessando um edifício contíguo.

Jane sobressaltou-se ao ver no ecrã primeiro a cara de Nick e depois a do seu irmão. Paula aparecia representada como uma silhueta sombreada com um ponto de interrogação no centro. Fechou os olhos. Evocou a fotografia de Andrew que acabava de ver. Era de há um ano, no mínimo. O seu irmão tinha as faces rosadas e um lenço colorido atado ao pescoço. Uma festa de aniversário, uma celebração de algum tipo? Parecia feliz, exultante, cheio de vida.

Abriu os olhos.

— Agora a questão é — prosseguia o repórter de televisão — se *Jinx* Queller é outra refém ou uma colaboradora do grupo. Passamos a ligação para Nova Iorque, Dan.

Dan Rather juntou os seus papéis em cima da mesa do estúdio.

— William Argenis Johnson, outro dos membros da banda, foi abatido pela polícia quando tentava fugir. Casado e pai de dois filhos, era estudante de pós-graduação da Universidade de Stanf ...

Nick tirou o volume. Não olhou para Jane.

— William Johnson — murmurou ela, desconcertada.

Chamava-se Leonard Brandt. Não tinha filhos, nem era casado. Vivia sozinho no 1239 da rua Van Duff. Era carpinteiro em Marin.

— Que porra é esta do ponto de interrogação? — perguntou Paula. — É isso que eu sou? Uma merda de um ponto de interrogação? — Levantou-se e começou a deambular pela divisão. — E enquanto a coitadinha da *Jinx Queller* fica impune, claro está. Achas bem que lhes escreva uma carta e lhes diga que sim, que estás metida nisto até às orelhas, porra? O que é que achas, sua cabra desmiolada?

— *Penny* — disse Nick —, não temos tempo para isto. Tropa, ouçam bem. Temos de nos despachar. Isto teve mais repercussão do que esperava. Está tudo bem em Chicago?

— As bombas estão prontas — respondeu *Spinner* como se os informasse de que o jantar estava servido. — Só temos de as colocar no parque de estacionamento subterrâneo e estar a uns quinze metros do edifício quando apertarmos o botão do detonador.

— Fantástico! — Nick bateu palmas e começou a balançar-se em bicos dos pés, contagiando-os de novo a todos com a sua energia. — O mesmo tem de acontecer com os explosivos de Nova Iorque. Vou descansar aqui umas horas e depois vou de carro. Embora a minha fotografia não tenha aparecido nas notícias, aposto que o FBI terá aumentado as medidas de segurança nos aeroportos. E não sei se os meus documentos passariam nesse teste.

— O falsificador de Toronto... — disse *Wyman*.

— É muito caro. E as credenciais da Maplecroft já não nos servem, mas é indiferente, porque nada disto teria importado se a Laura não se tivesse infiltrado naquele congresso.

Nick esfregou as mãos. Jane quase conseguiu ver como as engrenagens do seu cérebro se mexiam. Era o que sempre o tinha entusiasmado, não a planificação, mas sim o facto de os ter a todos absortos, fascinados.

— O *Nebecker* e o *Huston* estão à minha espera na casa segura em Brooklyn. Levamos a carrinha até ao centro quando passar a hora de ponta, colocamos as bombas e voltamos na manhã seguinte para as fazermos rebentar.

— Quando é que queres que a minha equipa as coloque? — perguntou Paula.

— Amanhã de manhã. — Nick observou as suas caras, atento à reação deles. — Mas não quero que as coloquem, quero que as façam rebentar.

Coloquem os explosivos logo de manhã cedo, antes de as pessoas começarem a trabalhar, afastem-se o máximo que puderem e mandem a merda do edifício pelos ares.

— Sim, porra! — Paula levantou o punho.

Os outros imitaram-na.

— Vamos a isto, tropa! — gritou Nick para se sobrepor ao tumulto. — Vamos obrigá-los a prestar-nos atenção! Temos de derrubar o sistema para o tornarmos melhor!

— É assim que se fala! — gritou Wyman.

— Sim! — Paula continuava a passear de um lado para o outro como um animal ansioso para sair da sua jaula. — Vamos dar uma lição a esses cabrões de merda!

Jane olhou à sua volta. Estavam todos eufóricos, batiam palmas e assobiavam, assobiavam como se estivessem a ver um jogo de futebol.

— Ei, ouçam! — disse *Tucker*. — Ouçam!

Tinha-se posto de pé e levantava as mãos a pedir atenção. Era Edwin, o amante de Clara. Com o seu bigode de pontas finas e o seu cabelo ondulado, parecia mais um duplo de Friedrich Nietzsche do que um advogado, mas, dado que Nick confiava nele, todos confiavam nele.

— Lembrem-se — disse — de que têm o direito legal de se negarem a responder a qualquer pergunta que a polícia vos fizer. Perguntem à polícia se estão presos. Se disserem que não, venham-se embora. Se disserem que sim, fechem a boca. E não só com os polícias, com toda a gente, sobretudo por telefone. Assegurem-se de que sabem o meu telefone de cor. Têm o direito de ligar a um advogado. Eu e a Clara vamos andar pela cidade para o caso de eu ter de ir à prisão.

— *Tuck*, bom homem, isso não vai acontecer! E sabem que mais? Vou dispensar a parte do descanso. Vou, mas é já!

Ouviu-se outra rodada de assobios e hurras.

Nick sorria como um parvo.

— Vai acordar o *Dime* — disse a Jane. — Temos de nos revezar para conduzir. São só doze horas, mas acho que...

— Não! — disse Jane. Mas não o disse. Gritou.

O silêncio que se seguiu foi como o arranhar de uma agulha sobre um disco de vinil. Jane tinha-lhes estragado a festa. Já ninguém sorria.

— Meu Deus! — exclamou Paula. — Vais começar outra vez a

choramingar?

Jane não lhe ligou.

A única coisa que importava era Nick, que parecia desconcertado, certamente porque nunca a tinha ouvido dizer que não.

— Não! — repetiu ela. — O Andrew não pode ir. Não lhe podes pedir mais nada. Já fez a sua parte. A nossa parte era em Oslo, e já passou, por isso...

Tinha começado a chorar outra vez, mas era um pranto diferente da semana anterior. Já não chorava por algo que tinha acontecido. Chorava por algo que aconteceria muito em breve.

Via-o agora com toda a clareza, todos aqueles sintomas que tinha ignorado durante os dias e os meses anteriores. Os súbitos calafrios de Andrew. O seu cansaço. A sua fraqueza. As chagas na boca que tinha mencionado de passagem. As dores de estômago. A estranha alergia no pulso.

Contágio.

— *Jinx?* — Nick estava à espera. Todos estava à espera.

Jane avançou pelo corredor. Era a primeira vez que visitava aquela casa e teve de abrir e fechar várias portas até por fim dar com o quarto onde Andrew dormia.

Estava deitado de bruços, completamente vestido. Não se tinha incomodado a despir-se, nem em meter-se debaixo das mantas, nem em tirar os sapatos. Jane pôs-lhe a mão nas costas. Conteve o fôlego até sentir o vaivém da sua respiração.

Tirou-lhe os sapatos com delicadeza. Deitou-o de barriga para cima com muito cuidado.

Andrew resmungou, mas não acordou. Tinha os lábios gretados e a respiração ofegante. A sua pele era da cor do papel. Jane viu o azul e o vermelho das suas veias e as suas artérias com a mesma clareza como se estivesse a olhar para um diagrama. Desapertou-lhe a camisa até meio e viu as lesões arroxeadas da sua pele. Sarcoma de Kaposi. Certamente tinha outros edemas nos pulmões, na garganta, talvez até no cérebro.

Sentou-se na cama.

Só aguentara seis meses a trabalhar como voluntária na unidade de atendimento a doentes com sida da Universidade da Califórnia em São Francisco. Ver tantos homens a atravessar aquelas portas sabendo que não voltariam a sair dali era demasiado assustador. Então pensava que os

estertores que emitiam ao dar os últimos suspiros eram o barulho mais horrível que alguma vez ouviria.

Pensara nisso até agora, até ouvir aquele mesmo som a sair do peito do seu irmão.

Voltou a apertar-lhe a camisa com todo o cuidado.

Havia uma manta de lã azul nas costas de uma cadeira de balouço. Tapou-o com ela. Beijou-o na testa. Estava muito frio. As suas mãos, os seus pés. Embrulhou-o bem na manta. Acariciou a sua cara sem cor.

Tinha dezassete anos quando encontrou a velha caixa de cigarros no portaluvas do carro de Andrew. Pensou que o apanhara a roubar cigarros a Martin, mas então abriu a caixa e deixou escapar um gemido de horror. Um isqueiro de plástico. Uma colher de prata dobrada, procedente de um dos apreciados faqueiros da sua mãe. Bolas de algodão manchadas. A parte de baixo de uma lata de *Coca-cola*. Um punhado de cotonetes sujos. Uma bisnaga de creme para o corpo esmagada até meio. Um pedaço de borracha para fazer um torniquete. Seringas hipodérmicas com partículas de sangue escuro no extremo das agulhas. Minúsculas pedrinhas que reconheceu logo dos seus anos de bastidores: heroína pura.

Andrew deixara a droga há um ano e meio, depois de conhecer Laura. Depois de Nick tecer o plano.

Mas já era demasiado tarde.

— *Jinx?*

Nick estava à porta. Indicou-lhe com um gesto que saísse para o corredor.

Jane passou ao seu lado e entrou na casa de banho. Rodeou a cintura com os braços, a tremer. A divisão era grande e fria. Debaixo da janela, por onde o ar entrava, havia uma banheira de ferro forjado. A sanita era como as de antigamente, com o autoclismo colocado muito acima da sanita.

Tal como em Oslo.

— Está bem — disse Nick ao fechar a porta. — Porque é que está tão aflita, menina Queller?

Jane olhou-se ao espelho. Viu a sua cara, só que não era a sua cara. Tinha a ponte do nariz quase preta. As narinas cobertas de sangue seco. Como se sentia? Já não sabia.

Confortavelmente Entorpecida [6].

— *Jinx?*

Afastou-se do espelho. Olhou para Nick. Olhou para a sua cara, mas já não era a sua cara. O seu antigo vínculo já não existia. Ele mentira-lhe a respeito do nome de *Quarter*. Mentira-lhe sobre o seu futuro. Mentira-lhe uma e outra vez ao fingir que o seu irmão não estava a morrer.

E agora teve a audácia de olhar para o relógio.

— O que é que se passa, *Jinx*? Não temos muito tempo.

— Tempo? — repetiu ela, tentando assimilar a crueldade das suas palavras. — Estás preocupado com o tempo?

— Jane...

— Roubaste-me. — Tinha a garganta tão fechada que só a muito custo conseguiu falar. — Roubaste-me.

— Meu amor, o que é que estás...?

— Poderia ter ficado aqui, com o meu irmão, e tu mandaste-me para longe. Para milhares de quilómetros de distância. — Fechou os punhos. Agora sim, sabia o que sentia: sentia raiva. — És um mentiroso. Tudo o que sai da tua boca é mentira.

— O Andy estava...

Deu-lhe uma bofetada.

— Está doente! — gritou com tanta força que lhe doeu a garganta. — O meu irmão tem sida e tu mandaste-me para a puta da Alemanha!

Nick tocou na cara com os dedos. Olhou para a mão aberta.

Não era a primeira vez que o esbofeteavam. Ao longo dos anos, revelara a Jane os maus tratos e os abusos que tinha sofrido em criança. A mãe prostituta. O pai ausente. A avó que o maltratava. O ano que passou a viver na rua. As coisas repugnantes que as pessoas lhe pediam que fizesse. O nojo que sentia de si próprio, o ódio e o medo de que as coisas se repetissem por mais que tentasse escapar.

Jane conhecia muito bem aquelas emoções. Sentira na própria carne, desde os oito anos, a ânsia desesperada de fugir. Fugir da mão de Martin quando lhe tapava a boca de madrugada. Quando lhe segurava a cabeça e lhe esmagava a cara contra a almofada.

Nick sabia, sabia tudo aquilo.

Por isso, as histórias que ele contava eram tão eficazes. Jane tinha-o visto acontecer vezes sem conta, com todas as pessoas com quem Nick se relacionava. As suas histórias refletiam como um espelho os seus medos mais recônditos.

Era assim que ele enganava: metia-se no terreno que tinham em comum.

— O que é que queres que diga, *Jinx*? — perguntou agora com simplicidade. — Sim, o Andy tem sida. E sim, eu sabia quando foste para Berlim.

— A Ellis-Anne...? — A sua voz apagou-se. A namorada de Andrew durante dois anos. Tão doce e dedicada. Ligava todos os dias desde Oslo. — Ela também está infetada?

— Não, ela está bem. Fez análises no mês passado — respondeu Nick num tom de autoridade e razão, tal como quando mentira a respeito da verdadeira identidade de *Quarter*. — Olha, tens razão nisto — acrescentou. — E é horrível. Sei que o Andrew está a dar as últimas e sei que tê-lo trazido aqui certamente vai fazer com que piore muito depressa. Estava muito aflito por ele, mas todo o grupo dependia de mim, esperavam que os guiasse e... Não me posso dar ao luxo de pensar nisso. Tenho de olhar para a frente. Caso contrário, a tristeza paralisar-me-ia, tornar-me-ia num inútil, e isso não pode ser. E tu também, porque preciso de ti, meu amor. Toda a gente pensa que sou muito forte, mas só sou forte quando tu estás ao meu lado.

Jane não conseguia acreditar que ele estivesse com aquele discurso.

— Tu sabes como morrem, Nick. Ouviste contar coisas. O Ben Mitchell... lembras-te dele? — Baixou a voz como se estivesse a officiar um sacramento. — Cuidei dele na clínica. Depois, os seus pais aceitaram por fim que voltasse para casa para morrer. Quando o levaram ao hospital, nenhuma enfermeira queria tocar nele com medo do contágio. Lembras-te do que te contei? Não quiseram dar-lhe morfina. Lembras-te?

O semblante de Nick permaneceu imperturbável.

— Sim, lembro-me.

— Os pulmões encharcaram-se e afogou-se. Demorou quase oito minutos a morrer, e durante esse tempo esteve lúcido, cada segundo. — Esperou, mas Nick não disse nada. — Estava aterrorizado. Tentava gritar, arranhava o pescoço, suplicava socorro. Mas ninguém queria ajudá-lo. A sua mãe teve de sair do quarto. Lembras-te dessa história, Nick? Lembras-te?

— Sim, lembro-me — afirmou ele.

— É isso que queres para o Andrew? — Esperou, mas ele continuou sem dizer nada. — Tosse como o Ben tossia. Como o Charlie Bray tossia. Com ele aconteceu a mesma coisa. Foi para casa, para a Flórida, e...

— Não preciso que me contes tintim por tintim, *Jinx*. Já te disse que me

lembro. Sim, essas mortes foram horríveis. Foi tudo horrível. Mas nós não temos escolha.

Ela teve vontade de abaná-lo.

— Claro que temos escolha.

— Foi ideia do Andy mandar-te para Berlim.

Jane compreendeu que estava a dizer a verdade, mas também sabia que Nick possuía a habilidade de um cirurgião quando se tratava de pôr as suas ideias na boca dos outros.

— Achava que se soubesses que estava doente... Não sei, *Jinx*. Que farias alguma estupidez. Deter-nos, obrigar-nos a parar tudo isto. O Andy acredita mesmo no que estamos a fazer. Quer que cheguemos ao fim. Por isso vou levá-lo a Brooklyn. Tu também podes vir. Trata dele. Mantém-no com vida o tempo suficiente para que...

— Cala-te! — Não podia continuar a dar ouvidos àquela porcaria. — Não vou permitir que o meu irmão morra asfixiado na parte de trás daquela carrinha imunda.

— Já não se trata da vida dele — insistiu Nick. — Trata-se do seu legado. É assim que ele quer morrer. Segundo os seus próprios termos, como um homem. Foi o que sempre quis. As *overdoses*, o ter tentado enforcar-se, as pastilhas e os chutos, aparecer em lugares aos quais não devia ir, rodear-se de gente pouco recomendável... Tu sabes o inferno que a sua vida foi. Deixou tudo isso para trás pelo que estamos a fazer, pelo que todos nós estamos a fazer. Foi isto que lhe deu forças para deixar a heroína, Jane. Não lhe tires isto.

Ela fechou os punhos, cheia de frustração.

— Está a fazê-lo por ti, Nick. Era só preciso uma palavra tua para que fosse para o hospital para morrer em paz.

— Tu conhece-lo melhor do que eu?

— Conheço-te melhor *a ti*. O Andy quer a tua aprovação. Tal como todos querem. Mas isto é diferente. É cruel. Vai asfixiar como...

— Sim, Jane, eu sei. Os pulmões ficam encharcados e sufoca. Passará oito minutos de puro terror enquanto agoniza e isso... enfim, é horrível, mas tens de me ouvir com muita atenção, minha querida, porque isto é importantíssimo — acrescentou ele. — Tens de escolher entre ele ou eu.

O quê?

— Se o Andy não pode vir comigo, tens de vir tu no lugar dele.

O quê?

— Já não posso confiar em ti — prosseguiu ele encolhendo os ombros. — Sei como a tua cabeça funciona. Assim que eu virar costas, levas o Andy para o hospital. Ficas com ele, porque é o que fazes sempre, *Jinx*. Ficas com as pessoas. Sempre foste leal. Fazias companhia aos indigentes no albergue, ajudavas a servir a sopa na missão e limpavas a saliva da boca dos moribundos na clínica para doentes com sida. Não vou dizer que és um bom cão, porque seria uma crueldade. Mas a tua lealdade para com o Andrew vai levar-nos a todos para a prisão, porque assim que entrares no hospital a polícia prende-te e fica a saber que estamos em Chicago, e eu não posso permitir que isso aconteça.

Ela sentiu a boca escancarada de par em par.

— Só te vou dar uma oportunidade de escolha. Tens de te decidir aqui e agora: ele ou eu.

Jane sentiu que a cabeça andava às voltas. Aquilo não podia estar a acontecer.

Nick olhava-a com frieza, como se fosse um espécime sob a lente do microscópio.

— Devias saber que este momento ia chegar, Jane. És ingénua, mas não idiota. — Esperou um momento. — Escolhe.

Teve de apoiar a mão no lavatório para não cair.

— É o teu melhor amigo — disse com um sussurro. — É o meu irmão.

— Preciso que te decidas.

Jane ouviu um som estridente, como se um diapasão lhe atingisse os tímpanos. Não sabia o que se estava a passar. As suas palavras brotaram carregadas de pânico.

— Vais deixar-me? Acabar comigo?

— Disse que ele ou eu. És tu que decides, não eu.

— Nick, não posso... — Não sabia como acabar a frase. O que era aquilo? Um teste? Estava a fazer o que fazia sempre, a avaliar a sua lealdade? — Amo-te.

— Então escolhe-me a mim.

— Eu... Sabes que és tudo para mim. Deixei... — Esticou os braços abarcando naquele gesto o mundo inteiro, porque não restava nada ao qual não tivesse renunciado por causa dele. O seu pai. Jasper. A sua vida. A sua música. — Por favor, não me faças escolher. Ele está a morrer.

Nick olhou-a com uma frieza gélida.

Ela sentiu que um gemido escapava da sua boca. Conhecia a expressão de Nick quando acabava com uma pessoa. Seis anos da sua vida, o seu coração, o seu amor, estavam a dissolver-se perante os seus olhos. Como é que podia deitar tudo pela borda fora com tanta facilidade?

— Nicky, por favor...

— O facto de a morte de o Andrew ser iminente devia facilitar a tua escolha. Mais algumas horas com um homem moribundo, ou o resto da tua vida comigo. — Esperou. — Tu é que escolhes.

— Nick... — calou-se e soluçou. Tinha a sensação de estar a morrer. Nick não a podia deixar. Agora não. — Não são só mais algumas horas. São horas de terror ou... — Nem sequer conseguia imaginar o que seria de Andrew se o abandonasse à sua sorte. — Não podes estar a falar a sério. Sei que só me estás a pôr à prova. Amo-te. Claro que te amo. Já te disse que estou contigo.

Nick aproximou a mão da maçaneta da porta.

— Por favor! — Jane agarrou-lhe o peitilho da camisa, mas ele virou a cara quando tentou beijá-lo.

Colou a cara ao seu peito. Chorava com tanta intensidade que mal conseguia falar.

— Por favor, Nicky. Por favor, não me faças escolher. Tu sabes que não posso viver sem ti. Sem ti não sou nada. Por favor!

— Então vens comigo?

Olhou para ele. Tinha chorado tanto e durante tanto tempo que sentia as pálpebras como arame farpado.

— Preciso que me digas, Jane. Preciso de ouvir o que decidiste.

— Eu nã... não posso... — gaguejou. — Nick, não posso...

— Não podes escolher?

— Não. — O seu coração quase parou. — Não posso deixar o Andy.

O semblante de Nick não se alterou.

— Eu... — Ela mal conseguia engolir em seco. Tinha a boca seca. Estava aterrorizada, mas sabia que estava a fazer o correto. — Não vou permitir que o meu irmão morra sozinho.

— Muito bem.

Ele voltou a levar a mão à maçaneta da porta, mas, de repente, pareceu mudar de ideias.

Por um momento, Jane pensou que lhe ia dizer que não tinha importância,

que estava tudo bem.

Mas não o fez.

Ergueu bruscamente os braços e empurrou-a para trás. A sua cabeça bateu contra a janela, partindo o vidro. Aturdida, ela apalpou a parte de trás da cabeça, convencida de que veria sangue.

— Porque é que...?

Nick deu-lhe um murro na barriga.

Jane caiu de joelhos. Um jato de bílis brotou-lhe da boca. Sentiu o sabor do sangue. O estômago contraiu-se tão violentamente que teve de se dobrar pela cintura até tocar o chão com a testa.

Nick agarrou-a pelo cabelo, puxou a sua cabeça para trás. Estava ajoelhado aos pés dela.

— O que é que achavas que ia acontecer depois disto, Janey? Achavas que fugíamos para o nosso T1 na Suíça para criarmos o nosso bebé?

O bebé...

— Olha para mim. — Agarrou-a pelo pescoço e abanou-a como a uma boneca de trapo. — És tão tola que pensavas que te ia deixar que ficasses com ele? Que me ia converter num velho gordo que lê o jornal de domingo enquanto tu lavas a louça e falamos dos trabalhos de casa do nosso rebento?

Jane não conseguia respirar. Espetou as unhas nos seus pulsos. Estava a estrangulá-la.

— Não vês que sei tudo sobre ti, *Jinx*? Nunca fomos pessoas completas, eu e tu. Só juntos fazemos sentido. — Apertou-a com mais força, usando as duas mãos. — Nada se pode interpor entre nós. — Nem um bebé chorão. Nem o teu irmão moribundo. Nada. Estás a ouvir?

Ela arranhou-o, na ânsia de respirar. Ele voltou a bater-lhe a cabeça contra a parede.

— Antes de me abandonares, eu mato-te. — Olhou-a nos olhos e Jane compreendeu que desta vez estava a dizer a verdade. — Pertences-me, *Jinx* Queller. Se alguma vez tentares deixar-me, não fica pedra sobre pedra até te recuperar. Entendido? — abanou-a de novo. — Entendido?

Apertava o seu pescoço com tanta força que Jane começou a ver um cerco de escuridão à volta do seu campo de visão. Os seus pulmões contraíam-se. A língua saía-lhe da boca.

— Olha para mim. — A cara de Nick brilhava, cheia de suor. Os seus olhos pareciam arder. Tinha nos lábios o seu sorriso de sempre, aquela cara

de satisfação. — O que é que se sente ao asfixiar, meu amor? É tal como imaginavas?

As suas pálpebras começaram a fechar-se. Pela primeira vez em dias, a visão de Jane era clara. Já não lhe restavam lágrimas.

Nick tinha-lhas roubado todas, tal como lhe tinha roubado tudo o resto.

[5] No original *Dumb bitch*. (N.T.)

[6] Referência à canção dos Pink Floyd «*Comfortably Numb*» (Confortavelmente Entorpecido). (N.T.)

26 DE AGOSTO DE 2018

Andy tinha-se sentado numa mesa, ao fundo de um McDonald's nos arredores de Big Rock, em Illinois. Estava tão contente por ter saído da carrinha de Mike após dois dias e meio de monótona condução, que se tinha dado ao luxo de pedir um batido. Preocupar-se com o colesterol e a falta de exercício era um problema para a Andy do futuro.

A Andy do presente já tinha quebra-cabeças suficientes. Tinha deixado de ser uma ameba, mas mostrava certas tendências obsessivas que, pelos vistos, estavam inscritas no seu ADN. Tinha passado o primeiro dia de viagem angustiada com os erros que tinha cometido e que provavelmente continuava a cometer: o facto de não ter dado uma vista de olhos à geleira do *Reliant* para ver se havia um localizador GPS; ter deixado o revólver sem registar no porta-luvas, onde Mike podia encontrá-lo; ter-lhe destruído os testículos e roubado a carteira, e ter cometido um crime ao atravessar o limite territorial de vários Estados a conduzir um veículo roubado.

No entanto, o que era verdadeiramente importante era saber se Mike tinha ouvido Paula a dizer-lhe para procurar Clara Bellamy em Illinois, ou se estava demasiado preocupado com a implosão dos seus testículos para reparar naquele detalhe.

A Andy do futuro acabaria por descobrir isso mais cedo ou mais tarde.

Mordeu a palhinha do seu batido, enquanto via o protetor de ecrã passear pelo monitor do portátil. Era melhor guardar a sua neurose em relação a Mike para quando estivesse a tentar adormecer e precisasse de alguma coisa para se atormentar. Agora, era mais urgente apurar por que diabos Paula Kunde tinha passado vinte anos na prisão e porque é que guardava um rancor tão evidente a Laura.

Até ao momento, a sua pesquisa na Internet fora infrutífera. As três noites

que tinha passado em três motéis diferentes, com o portátil aberto sobre a barriga, tinham tido como único resultado um retângulo de pele vermelha na zona do estômago.

O modo mais simples de desenterrar os podres das pessoas era sempre o Facebook. Dedicou a noite passada em Austin a criar uma conta fictícia em nome de Stefan Salvatore utilizando o emblema do Texas Longhorns como fotografia de perfil. Como era de esperar, Paula Kunde não fazia parte dessa rede social, mas Andy serviu-se do seu perfil no Facebook para se registar como utente na Profratings.com. Entrou na página que avaliava o trabalho de Paula, com apenas metade das estrelinhas, e enviou dúzias de mensagens privadas aos seus principais detratores. Todas as mensagens diziam o mesmo:

*MEUS!!! A Kunde esteve 20 anos na prisão?!?!?! QUERO DETALHES!!!
A cabra nega-se a mudar a minha nota!!!*

Teve poucas reações diferentes de *Essa filha da puta que vá levar no cu, por mim pode bem morrer*, mas sabia que, nalgum momento, alguém motivado pelo aborrecimento se daria ao trabalho de vasculhar informações, como se faz para descobrir o número de cartão de crédito dos pais.

Do outro lado do McDonald's, um menino pequeno começou a chorar aos gritos.

Andy observou como a mãe o conduzia à casa de banho e perguntou-se se alguma vez teria estado naquele McDonald's com a sua mãe. Porque o facto de Jerry Randall ter nascido e morrido em Chicago, Illinois, não era uma pura invenção de Laura, não tirara aquilo do nada.

Pois não?

Bebeu o resto do batido. Aquele não era momento de se questionar sobre a absurda série de mentiras que a sua mãe lhe tinha contado. Observou o pedaço de papel que tinha perto ao cotovelo. Mal deu por si suficientemente longe de Austin, tinha parado na beira da estrada para anotar tudo aquilo de que se lembrava da sua conversa com Paula Kunde.

Vinte anos em Danbury?

QuellCorp?

Conhecia o Encapuzado mas o Mike não?

31 anos, um cálculo interessante?

Laura, um saco de merda da pior espécie.

A arma? O que a fez mudar de ideias? Clara Bellamy???

Tinha começado pelo mais simples. Os ficheiros da Penitenciária Federal de Danbury eram de acesso público através do motor de pesquisa Bop.gov, o portal da Agência Federal de Prisões, mas o nome de Paula Kunde não constava de nenhum registo. Também não aparecia nas páginas dos antigos alunos da Universidade de Berkeley, nem na de Stanford, nem na de West Connecticut. A explicação mais lógica era que tinha casado em algum momento da sua vida e, considerações patriarcais à parte, tinha mudado de apelido.

Sei o que implica o casamento.

Tinha procurado nos registos matrimoniais de Austin e dos condados circundantes, e a seguir nos de Western Connecticut, Berkeley e Palo Alto, até ter chegado à conclusão de que aquilo era uma perda de tempo. Afinal de contas, Paula podia ter casado em Las Vegas e, para além disso, porque é que assumia que aquela doida que a ameaçara com uma arma lhe tinha dito a verdade a respeito da sua passagem pela prisão?

Relativamente às coisas que lhe contara a respeito da prisão, bem podia tê-las tirado de qualquer série televisiva. A única coisa que era preciso era dizê-las com arrogância, e nisso Paula Kunde era perita.

Em todo o caso, a sua pesquisa nos registos da Agência Federal de Prisões não tinha dado resultado.

Bateu com os dedos sobre a mesa enquanto relia a lista. Tentou recordar com detalhe a conversa que tinha tido com Paula na cozinha da sua casa. Tinha havido claramente um antes e um depois: o antes era o momento que tinha passado a falar com ela; o depois, o momento em que tinha ido à procura da arma e lhe tinha dito para se ir embora.

Não se lembrava do que tinha dito exatamente, onde tinha metido a pata na poça. Estavam a falar de Laura, de que era um saco de merda, de merda da pior espécie...

E então Paula disse-lhe para esperar e, logo de seguida, ameaçou disparar.

Mexeu a cabeça: continuava sem perceber o sentido daquela cena.

Mas o mais surpreendente de tudo fora o depois, porque Paula só se dignara a dar o nome de Clara Bellamy quando ela deixou Mike fora de combate. Podia optar pelo caminho mais fácil e concluir que o seu ataque de violência a tinha impressionado, mas algo lhe dizia que não se devia a isso. Paula era muito inteligente. Não iria para Stanford se fosse uma desmiolada.

Tinha brincado com ela como com um fantoche desde que lhe abrisse a porta. Era muito provável que ainda estivesse a brincar com ela, mas as suas capacidades dedutivas não conseguiam desvendar as motivações de uma doida como Paula Kunde.

Deu outra vista de olhos às suas notas, concentrando-se no ponto que mais a intrigava:

31 anos, um cálculo interessante?

Paula teria ido parar à prisão trinta e um anos antes, enquanto uma Laura grávida se esfumava com quase um milhão de dólares e documentos falsos para se instalar numa praia, onde tinha tido uma vida de rainha durante mais de três décadas, até que, inopinadamente, o vídeo do restaurante tinha aparecido nos noticiários de todo o país, pondo os inimigos no seu encalço?

O *Encapuzado* tinha torturado tanto uma como outra recorrendo ao estrangulamento, de maneira que, evidentemente, ambas tinham em seu poder informação de interesse para terceiros. Tratar-se-iam dessas mesmas *pessoas* misteriosas capazes de rastrear os *e-mails* e os telefonemas?

Voltou a olhar para o portátil e abriu de novo o Quellcorp.com. Era a única coisa que lhe restava fazer: verificar se lhe escapara alguma coisa nas últimas vinte vezes que tinha consultado a página.

Na página de início aparecia uma fotografia de Ken Burns que se esmorecia pouco a pouco para dar lugar a uma imagem em que um grupo de jovens cientistas de diferentes procedências, vestidos com uma bata branca, olhava fixamente para um frasco cheio de um líquido fosforescente. Ao fundo ouvia-se uma música de violinos, como se Leonardo da Vinci acabasse de descobrir a cura para o herpes.

Andy tirou o som.

Conhecia o nome daquela companhia farmacêutica tal como toda a gente conhecia a aspirina. A QuellCorp fabricava de tudo, desde toalhetes para bebés a comprimidos para a disfunção erétil. A única informação que encontrou no separador de HISTÓRIA foi que um tal Douglas Paul Queller tinha fundado a empresa na década de 1920, que os seus descendentes a tinham vendido nos anos oitenta e que, no princípio do século XXI, a QuellCorp engolira o mundo inteiro, como era próprio das corporações dedicadas a fazer o mal.

Eles podiam certamente ser uma corporação malvada. Esse era o argumento de quase todos os filmes de ficção científica que tinha visto, desde

Avatar à saga do Exterminador Implacável.

Fechou a página da QuellCorp e abriu a Wikipédia para procurar Clara Bellamy.

Se o facto de Laura conhecer Paula Kunde era chocante, o facto de Paula Kunde ter alguma relação com Clara Bellamy esbarrava no inverosímil. Bellamy fora *prima ballerina*, segundo outra página da Wikipédia, era uma honra só concedida a poucas eleitas. Tinha dançado às ordens de George Balanchine, um coreógrafo tão famoso que até ela conhecia o seu nome. Viajara por todo o mundo e atuara nos palcos mais afamados. Fora uma das grandes. Até que uma horrível lesão no joelho a obrigou a retirar-se.

Como não havia nada melhor para fazer depois de passar todo o dia a conduzir, Andy viu todos os vídeos de Clara Bellamy que havia no YouTube. Havia um sem-fim de atuações e entrevistas com todo o tipo de personagens famosas, mas a que mais gostou foi a do primeiro Festival Tchaikovsky que o New York City Ballet celebrou.

O que mais chamou a sua atenção no vídeo — a ela, que era uma apaixonada pelo teatro — foi a impressionante cenografia, com os seus estranhos tubos translúcidos de fundo, que faziam com que tudo parecesse envolto em gelo. Pensou que seria aborrecido ver um monte de mulheres magricelas a dançar em pontas ao som de uma música cansativa, mas a verdade era que Clara Bellamy tinha alguma coisa que tornava impossível afastar o olhar. Embora o seu nome não lhe dissesse nada, Clara Bellamy tinha sido enormemente famosa. O *Newsweek* e o *Time* tinham-lhe dedicado as suas capas, e tinha aparecido com frequência no *New York Times Magazine* e na secção de espetáculos do *New Yorker*.

Foi então que a sua pesquisa deu com um beco sem saída. Ou, para ser exato, com um lanço com portagem. Em muitas páginas, só conseguia aceder a certos artigos com pagamento prévio, de maneira que devia ter muito cuidado onde clicava. Afinal de contas, não podia pegar no seu cartão de crédito e pagar para aceder a todos os conteúdos.

Até onde conseguiu ver, Clara tinha desaparecido da vida pública por volta de 1983. A sua última fotografia no *Times* mostrava uma mulher cabisbaixa com um lenço de papel no nariz depois de assistir ao funeral de George Balanchine.

Como no caso de Paula, deduziu que Clara Bellamy tinha casado em algum momento e abandonado o seu apelido de solteira, embora lhe custasse

entender porque é que alguém se esforçava tanto para se tornar famoso e depois mudava de nome. Ela também não tinha página no Facebook, mas havia um grupo de fãs de acesso restrito e outro público em que se falava obsessiva e vertiginosamente do seu peso.

Andy não encontrara qualquer documento que fizesse referência ao seu casamento ou ao seu divórcio no registo civil de Nova Iorque, no condado de Cook ou nas zonas limítrofes, mas encontrara um artigo interessante do *Chicago Sun Times* a respeito de um processo judicial relacionado com a sua lesão no joelho.

A *prima ballerina* processara uma empresa chamada EliteDream BodyWear pelo incumprimento de um contrato publicitário. Não se citava o nome do seu advogado, mas na fotografia que acompanhava o artigo aparecia Clara a sair do julgamento ao lado de um homem alto e magricela com um bigode chamativo, que lhe deu a impressão de ser a personificação do advogado *hippie*, ou um *hipster*. E o mais importante: no momento em que o fotógrafo carregou no botão para tirar a fotografia, o *Advogado Hippie* estava a olhar diretamente para a câmara.

Andy tinha tirado vários cursos de fotografia na Escola de Arte e *Design* de Savannah. Sabia que poucas vezes se conseguia tirar uma fotografia na qual alguém não estivesse a pestanejar ou a mexer os lábios de uma maneira estranha. O *Advogado Hippie* era a exceção que confirmava a regra. Tinha os dois olhos abertos. Os lábios entreabertos. E o ridículo bigode de pontas encaracoladas perfeitamente aparado. O cabelo sedoso caía-lhe sobre os ombros. A imagem era tão nítida que até se via as pontas das orelhas a espreitarem entre o cabelo, como pistácios.

Andy tinha a certeza de que o *Advogado Hippie* não tinha mudado muito com o passar dos anos. Um indivíduo que com mais de trinta anos adotava Wyatt Earp como exemplo de estética capilar não acordava de repente aos sessenta e percebia o seu erro.

Fez uma nova pesquisa: *Chicago+advogado+bigode+cabelo*.

Uns segundos depois, tinha à sua frente a fotografia de um grupo chamado Funkadelic Fiduciaries. Uma *banda peluda*, segundo a sua própria descrição. Tocavam às quartas-feiras à noite num estabelecimento chamado EZ Inn. Todos os membros tinham adornos capilares característicos, quer fossem peras de aspeto diabólico ou patilhas como o Elvis, e entre todos somavam penteados à samurai suficientes para fundar uma tribo gótica. Andy foi

ampliando as caras dos oito membros do grupo até que, ao chegar ao baterista, reconheceu o seu bigode de pontas encaracoladas.

Olhou para o seu nome.

Edwin Van Wees.

Esfregou os olhos. Estava cansada; tinha passado todo o dia a conduzir e há horas que olhava para o ecrã do computador. Não podia ser assim tão simples.

Procurou a fotografia antiga do jornal para as comparar. O baterista estava um pouco mais gordo, tinha muito menos cabelo e não era tão bonito, mas era ele, sem sombra de dúvida.

Olhou pela janela, e por um instante ficou contente com aquele golpe de sorte. Podia mesmo ser assim tão fácil localizar Edwin, que talvez soubesse onde encontrar Clara Bellamy?

Abriu outra janela.

Edwin Van Wees, tal como Clara, não tinha página no Facebook. Contudo, Andy encontrou uma página de aspeto caseiro na qual, apesar de afirmar estar reformado, se oferecia como conferencista e baterista. Abriu a secção *Sobre mim*. Edwin tinha estudado em Stanford e, depois de integrar a União Americana de Liberdades Civas, tivera uma longa e frutífera carreira como advogado, defendendo artistas, anarquistas, agitadores e revolucionários, muitos dos quais se tinham prestado a posar sorridentes junto ao advogado que os livrara da prisão. Alguns que até tinham acabado por ir para a prisão contavam maravilhas sobre ele. Era perfeitamente lógico que um tipo como Edwin conhecesse uma doida como Paula Kunde.

Os meus tempos de revolucionária já passaram.

Andy estava convencida de que Edwin Van Wees ainda sabia como entrar em contacto com Clara Bellamy. Sabia-o pela familiaridade com que ela lhe tocava no braço na fotografia do julgamento. E pelo olhar de desprezo que Edwin dedicava ao fotógrafo. Talvez estivesse a fazer uma tempestade num copo de água, mas se a professora que dera a aula de *Luz e emoções na fotografia a preto e branco* lhe tivesse pedido para procurar uma fotografia instantânea de uma mulher frágil pendurada no braço do seu campeão e protetor, Andy teria escolhido aquela.

O menino começou a berrar outra vez. A sua mãe pegou nele ao colo e voltou a levá-lo à casa de banho.

Andy fechou o portátil e meteu-o na mala. Deitou para o caixote o lixo que

tinha em cima da sua bandeja e voltou a entrar na carrinha de Mike. Continuava a tocar «*Interstate love song*» dos Stone Temple Pilots. Andy fez questão de desligá-la, mas deteve-se. Detestava que a música de Mike lhe agradasse. Todos os seus CD gravados com uma mistura de canções eram fantásticos. Tinha tudo, desde Dashboard Confessional a Blink 182, para além de uma quantidade surpreendente de temas de Jennifer Lopez.

Olhou para as horas no cartaz do McDonald's ao ir para a estrada. Eram duas horas e doze minutos da tarde. Uma hora razoável para fazer uma visita surpresa. No *site* de Edwin Van Wees aparecia a morada do seu escritório, numa quinta situada a uma hora e meia de carro de Chicago. Deduziu que trabalhava em casa, pelo que era muito provável que estivesse na quinta quando chegasse. Tinha procurado o melhor caminho no Google Earth, aumentando e diminuindo as ricas terras de cultivo até dar com o enorme celeiro vermelho e a casa de Edwin, com o seu telhado metálico pintado de um encarnado vivo.

Do McDonald's demorou dez minutos a encontrar a quinta. O desvio estava tão escondido entre um denso arvoredo que esteve prestes a passar despercebido. Parou a carrinha à entrada. O caminho estava deserto. O chão do carro vibrava, sacudido pelo ronronar do motor.

Não sentia o mesmo nervosismo que tinha sentido ao aproximar-se da casa de Paula. Agora sabia que o facto de encontrar uma pessoa não significava automaticamente que essa pessoa fosse dizer a verdade. Ou até que não lhe fosse apontar uma arma ao peito. Havia a possibilidade de Edwin Van Wees fazer a mesma coisa. Não se admirava que Paula Kunde a tivesse mandado ver alguém que não reagiria bem à sua visita. E o trajeto de Austin tinha-lhe dado tempo suficiente para advertir Clara Bellamy de que a filha de Laura Oliver podia andar à procura dela. Se Clara continuasse a ter uma relação com Edwin Van Wees, era possível que lhe tivesse ligado e, nesse caso...

Andy esfregou a cara com as mãos. Podia passar o resto do dia a especular ou podia ir descobri-lo por si própria. Guinou o volante e seguiu pelo caminho. As árvores só começaram a escassear passado um quilómetro e meio, ou foi o que lhe pareceu, mas, naquele momento, viu a cobertura do celeiro vermelho e, mais adiante, um grande prado com vacas e a pequena casa precedida por um alpendre espaçoso e um jardimzinho com girassóis.

Estacionou à entrada da quinta. Não havia outros carros à vista, o que era mau sinal. A porta da casa não se abriu. As cortinas não se mexeram.

Ninguém espreitou furtivamente por uma janela. Mesmo assim, não se podia ir embora sem bater à porta; não era assim tão imbecil.

Preparava-se para sair da carrinha quando se lembrou do telemóvel para o qual supostamente Laura ligaria quando as coisas acalmassem. Para dizer verdade, mais ou menos em Tulsa tinha perdido a esperança de que fosse tocar. No *Belle Isle Review* tinha-se posto a par das últimas novidades sobre o caso: o cadáver do *Encapuzado* continuava por identificar; depois de analisar o vídeo do restaurante, a polícia tinha chegado à mesma conclusão do que Mike: Laura tinha tentado impedir que Jonah Helsinger se matasse. Não seria, portanto, arguida de assassinato. A família do rapaz continuava a armar confusão, mas, apesar da sua elevada posição no poder policial, a opinião pública tinha-lhe virado as costas e o advogado encarregado do caso era um vira-casaca da pior espécie. Em resumo, das duas uma: ou o perigo que a impedia de regressar a casa não estava relacionado com o caso, ou era mais um fragmento da colossal teia de mentiras tecida por Laura.

Abriu o fecho do *nécessaire* e deu uma vista de olhos ao telemóvel para se assegurar de que a bateria estava carregada. Depois guardou-o no bolso de trás. Viu a carta de condução e o cartão de saúde canadiano da sua mãe. Observou a fotografia de Laura, tentando ignorar uma pontada de saudade que não queria sentir. Talvez fosse pela má alimentação, ou pela falta de sono, ou porque tinha começado a usar o cabelo solto, mas a verdade era que cada dia que passava se parecia mais com a sua mãe. Os rececionistas dos três últimos hotéis mal tinham levantado os olhos quando lhes pôs à frente a carta de condução, ao fazer o *check-in*.

Voltou a guardá-la na mala do computador, junto a uma carteira de couro preto.

A carteira de Mike.

Durante os dois últimos dias e meio tinha evitado cuidadosamente abrir a carteira para não ver a cara bonita de Mike. Sobretudo, quando estava estendida na cama à noite e esforçava-se por não pensar nele porque era um psicopata e ela era patética.

Levantou o olhar para a casa, deu uma vista de olhos ao caminho e, por fim, abriu a carteira.

— Merda — murmurou.

Lá dentro havia quatro cartas de condução diferentes, todas excelentes falsificações: Michael Knepper, de Alabama; Michael Davey, de Arkansas;

Michael George, de Texas; e Michael Falcone, de Geórgia. Uma aba grossa de pele dividia a carteira. Andy levantou-a.

Ora bolas!

Havia um distintivo falso dos *marshals*. Ela tinha visto o autêntico, uma estrela dourada dentro de um círculo. Era uma boa réplica, tão convincente como o resto da documentação falsa. O falsificador, fosse quem fosse, tinha feito um trabalho de qualidade.

De repente, alguém bateu à janela.

— Merda! — Sobressaltada, Andy deixou cair a carteira e ficou boquiaberta.

A pessoa que tinha batido no vidro parecia-se imenso com Clara Bellamy.

— Mas pode-se saber o que é que estás aqui a fazer, sentada nesta carrinha nojenta? — perguntou a mulher com um sorriso radiante nos lábios.

Andy perguntou-se se os seus olhos estavam a enganá-la e se tinha visto tantos vídeos no YouTube que agora via Clara Bellamy por toda a parte. Estava mais gorda e tinha a cara enrugada e o longo cabelo salpicado de branco, mas não havia qualquer dúvida de que era ela, em carne e osso.

— Anda, pateta — disse Clara. — Aqui está um frio de rachar. Vamos lá para dentro.

Porque é que lhe falava como se a conhecesse?

Clara abriu a porta e deu-lhe a mão para a ajudar a sair.

— Meu Deus — disse —, mas que cara de cansaço. A Andrea não te deixa dormir outra vez? Deixaste-a no hotel?

Andy abriu a boca, mas não soube o que responder. Olhou nos olhos de Clara, perguntando-se quem é que ela via quando olhava para ela.

— O que é que se passa? — perguntou a mulher. — Precisas de alguma coisa do Edwin?

— Eh... — disse Andy, fazendo um esforço para responder. — Está cá?

Clara deu uma vista de olhos ao pátio da frente da quinta.

— O carro dele não está.

Andy esperou.

— Acabo de deitar a Andrea para que durma uma sestina — continuou Clara como se não acabasse de lhe perguntar se tinha deixado a Andrea no hotel.

A quem se referia quando falava de Andrea? A ela ou a outra pessoa?

— Queres tomar um chá? — Sem esperar pela resposta, enlaçou-a pelo

braço e conduziu-a para a casa. — Não sei porquê, mas esta manhã tenho estado a pensar no Andrew. No que lhe aconteceu. — Levou a mão à garganta e começou a chorar. — Lamento tanto, Jane.

— Eh... — Andy não sabia do que estava a falar, mas ela também sentiu um estranho desejo de chorar.

Andrew? Andrea?

— Mas hoje não quero que falemos de coisas deprimentes — disse Clara. — Já tens bastante com que te preocupar. — Empurrou a porta com o pé. — Bom, conta-me tudo. Como estão as coisas. Estás bem? Continua a custar-te dormir?

— Eh — balbuciou Andy. Ao que parece, era incapaz de dizer outra coisa. — Estou... — Tentou pensar em algo que levasse Clara a continuar a falar. — E tu? O que é que tens feito?

— Ufa, muitíssimas coisas. Tenho andado a recortar fotografias de revistas com ideias para o quarto dos meninos e a ordenar os álbuns de recortes dos meus tempos de glória. Puro autoelogio, já sei, mas é uma coisa muito estranha, sabes? Não me lembro da maioria das minhas atuações. E tu?

— Eh... — Andy continuava sem saber de que diabo estava a falar.

Clara riu-se.

— Aposto que tu te lembras de todas. Sempre foste tão inteligente... — Empurrou uma porta com o pé. — Senta-te. Vou fazer um chá.

Andy percebeu que estava noutra cozinha com outra desconhecida que talvez soubesse tudo sobre a sua mãe ou talvez não.

— Parece-me que tenho umas bolachas. — Clara pôs-se a abrir os armários.

Andy observou a cozinha. Era pequena, separada do resto da casa, e certamente não tinha mudado muito desde a sua construção. Os armários de metal estavam pintados de um verde azulado. A bancada era de madeira maciça e os eletrodomésticos eram próprios da decoração de uma série televisiva dos anos setenta.

Na parede, ao lado do frigorífico, havia um quadro branco de bom tamanho. Alguém tinha escrito nele:

Clara, é domingo. O Edwin vai estar na cidade da uma às quatro da tarde. A comida está no frigorífico. Não liques o gás.

Clara ligou o fogão. O botão de ignição estalou várias vezes antes de o gás aparecer.

— Camomila?

— Eh... Sim, claro.

Andy estava mais desconcertada do que nunca. Sentou-se à mesa. Tentou pensar em alguma pergunta que pudesse fazer a Clara, como em que ano estavam ou quem era o presidente, mas não era necessário: afinal de contas, ninguém escrevia notas como aquela num quadro se não fossem dirigidas a uma pessoa com problemas de memória.

Sentiu uma tristeza quase esmagadora a que se seguiu de imediato uma saudável dose de peso na consciência, porque se Clara sofria de Alzheimer precoce teria esquecido tudo o que lhe tinha acontecido na semana anterior, mas possivelmente o que acontecera há trinta e um anos surgiria com facilidade.

— Em que cores pensaste para o quarto dos meninos? — perguntou.

— Nada de cor-de-rosa — respondeu Clara com veemência. — Pode ser que alguns tons de verde e de amarelo.

— Que bonito. Como os girassóis lá de fora — disse Andy, tentando que continuassem a falar.

Clara pareceu feliz.

— Sim, exato. O Edwin diz que vamos começar a tentar assim que isto tudo passar, mas eu não tenho a certeza. Acho que devíamos começar já. Estou a ficar velha. — Começou-se a rir levando a mão à barriga.

O seu riso tinha um som tão bonito que Andy sentiu um aperto no coração.

Clara Bellamy irradiava bondade. Tentar enganá-la fazia-a sentir-se suja.

— Mas tu como estás? — perguntou Clara. — Continuas esgotada?

— Estou melhor. — Andy viu que servia água fria em duas chávenas. Não tinha posto a chaleira a aquecer. O lume dançava, alto, no fogão. Andy levantou-se para apagá-lo. — Lembras-te de como nos conhecemos? — perguntou. — No outro dia estive a tentar lembrar-me com detalhe.

— Ui, foi horroroso. — Clara levou de novo a mão à garganta. — Pobre Andrew!

Andrew outra vez.

Andy estava mais confusa do que nunca. Voltou a sentar-se à mesa. Não estava preparada para sair airoso daquela farsa. Uma pessoa mais inteligente do que ela teria sabido como sacar nabos da púcara àquela mulher transtornada. Certamente, Paula Kunde fá-la-ia meter a boca no trombone.

O que lhe deu uma ideia.

— Vi a Paula há dois dias — disse.

Clara revirou os olhos.

— Espero que não lhe tenhas chamado assim.

— E como lhe ia chamar então? — aventurou-se Andy. — Cabra?

Clara riu-se ao sentar-se à mesa. Tinha mergulhado as saquetas do chá na água fria.

— Eu, se fosse a ti, não lhe chamaria assim. Agora mesmo, aposto que a Penny nos queria ver a todos mortos.

Penny?

Andy pensou naquele nome uns segundos. Depois lembrou-se da nota de dólar que Paula Kunde lhe tinha posto na mão. Vestia as mesmas calças do que naquele dia. Meteu a mão ao bolso e encontrou a nota feita numa bola. Após alisá-la sobre a mesa, deslizou-a para Clara.

— Ah. — Clara esboçou um sorriso matreiro. — A *Dollar Bill* apresenta-se ao serviço.

Outro sucesso espetacular.

Tinha de prescindir de subtilezas.

— Lembras-te do apelido da Paula? — perguntou.

Clara arqueou as sobrancelhas.

— O que é isto? Um exame? Achas que a memória me está a falhar?

Andy tentou decifrar a repentina aspereza do seu tom. Estava aborrecida? Deitara tudo a perder?

Clara quebrou a tensão começando-se a rir.

— Claro que me lembro. Pode-se saber que mosca te mordeu, Jane? Estás a portar-te de uma forma muito esquisita.

Jane?

— Jane? — repetiu Clara.

Andy pôs-se a brincar com o fio da sua saqueta de chá. A água tinha-se tingido de cor de laranja.

— O problema é que me esqueci — disse. — Agora usa outro nome.

— A Penny?

Penny?

— Eu... — Não podia continuar a jogar aquele jogo. — Diz-me, Clara. Como é que se chama?

Surpreendida com o seu tom seco e autoritário, Clara inclinou-se um pouco para trás. Um instante depois, as lágrimas surgiram.

Andy sentiu-se mal.

— Desculpa. Não deveria ter falado assim.

Clara levantou-se. Aproximou-se do frigorífico e abriu-o. Mas ficou ali parada, sem tirar nada.

— Clara, eu...

— Evans. Paula Louise Evans.

A euforia que Andy sentiu viu-se consideravelmente toldada pela vergonha.

— Não estou completamente gagá — acrescentou Clara com as costas muito tensas. — Lembro-me das coisas importantes. Sempre me lembrei.

— Eu sei. Desculpa.

Clara ficou em silêncio, o olhar fixo no interior do frigorífico.

Andy sentiu o impulso de se atirar para o chão e suplicar-lhe que lhe desculpasse. Também ansiava ir a correr buscar o portátil, mas precisava de acesso à Internet para procurar o nome de Paula Louise Evans. Hesitou, mas só um segundo, antes de perguntar:

— Sabes a...? — Calou-se. Certamente Clara não sabia o que era o *Wi-Fi*, e muito menos a palavra-passe. — Têm escritório em casa? — perguntou por fim.

— Claro. — Clara fechou o frigorífico e virou-se, luzindo de novo o seu sorriso acolhedor. — Tens de fazer um telefonema?

— Sim — respondeu, porque era o mais rápido. — Importas-te?

— É de longa distância?

— Não.

— Ainda bem. O Edwin chateia-se muito comigo ultimamente por causa da fatura do telefone. — O seu sorriso começou a apagar-se. Tinha perdido outra vez o fio à meada.

— Quando acabar de ligar no escritório — disse Andy —, podemos continuar a falar sobre o Andrew.

— Está bem. — O seu sorriso iluminou-se. — É por aqui, embora não tenha a certeza de onde está o Edwin. Ultimamente, trabalha muitíssimo. E está muito preocupado com as notícias, claro.

Andy não perguntou que notícias eram essas. Não queria que Clara voltasse a ficar alterada.

Seguiu-a através da casa. Apesar do seu joelho maltratado, Clara caminhava com uma elegância espantosa. Os seus pés mal tocavam no chão.

Mas Andy tinha tantas perguntas na cabeça que não pôde parar para admirar os seus movimentos. Quem era Jane? Quem era Andrew? E porque é que Clara chorava sempre que dizia o seu nome?

E porque é que ela sentia o impulso de proteger aquela mulher frágil e delicada que acabava de conhecer?

— É aqui.

Clara parou ao fim do corredor. Abriu a porta de uma divisão que parecia ter servido de quarto antes e que era agora um escritório arrumado com uma parede cheia de gavetas fechadas, uma escrivaninha e um MacBook Pro apoiado sobre o braço de um sofá de couro.

Clara sorriu-lhe.

— Precisas de alguma coisa?

Andy voltou a hesitar. Deveria voltar ao McDonald's e usar o *Wi-Fi* de lá. Não tinha razão para se pôr a procurar ali. Mas estava ansiosa por obter respostas. E se não encontrasse Paula Louise Evans na Internet? E se tivesse de voltar à quinta e encontrasse Edwin Van Wees e ele a impedisse de voltar a falar com Clara?

— Posso-te ajudar com alguma coisa? — perguntou Clara.

— O computador?

— Isso é fácil. Não são tão temíveis como pode parecer.

Clara sentou-se no chão. Abriu o MacBook. Apareceu a caixa para colocar a palavra-passe. Andy temeu que lhe custasse lembrar-se dos dígitos, mas Clara aproximou um dedo do identificador táctil e apareceu o ambiente de trabalho.

— Tens de te sentar aqui — disse. — Caso contrário, a luz da janela não te deixa ver o ecrã.

Referia-se à janela enorme que havia por trás do sofá. Andy viu a carrinha de Mike estacionada à frente do celeiro vermelho. Ainda estava a tempo de se ir embora. Faltava menos de uma hora para que Edwin voltasse. Era o momento de se ir embora.

— Vá, Jane — instou-a Clara. — Posso ensinar-te como se usa. Não é assim tão complicado.

Andy sentou-se no chão, ao seu lado.

Clara apoiou o portátil aberto sobre o assento do sofá para que as duas pudessem vê-lo.

— Tenho andado a ver vídeos das minhas atuações. Achas que sou muito

vaidosa?

Andy olhou para aquela desconhecida sentada no chão, ao seu lado, que lhe falava como se fossem amigas há anos, e disse:

— Eu também vi os teus vídeos. Quase todos. Eras... és uma bailarina maravilhosa, Clara. Antes achava que não gostava de *ballet*, mas ao ver-te dançar percebi que é lindo.

Clara tocou-lhe na perna com a ponta dos dedos.

— Querida, és mesmo simpática. Sabes que eu penso a mesma coisa de ti.

Andy não soube o que dizer. Aproximou a mão do portátil. Abriu o motor de pesquisa. Os seus dedos atrapalharam-se sobre o teclado. Estavam suados e trémulos sem saber porquê. Fechou os punhos com força, tentando controlar o tremor. Apoiou os dedos sobre as teclas. Escreveu devagar:

PAULA LOUISE EVANS.

Pousou o dedo mindinho na tecla ENTER, mas não a premiu. Era o momento decisivo. Estava prestes a descobrir alguma coisa a respeito daquela mulher odiosa que tinha conhecido a sua mãe há trinta e um anos.

Carregou na tecla.

Filha da puta.

Paula Louise Evans tinha a sua própria página na Wikipédia.

Andy carregou no *link*.

A advertência na parte de cima da página avisava de que a informação contida no artigo estava sujeita a controvérsia. O que era lógico: não havia qualquer dúvida de que Paula adorava o conflito.

Sentiu que uma espécie de energia nervosa se apoderava dela enquanto lia por alto o artigo, passando rapidamente por uma extensa e detalhada biografia onde se mencionava desde o hospital onde nascera até ao seu número de reclusa na Prisão Federal para Mulheres de Danberry.

Foi criada em Corte Madera (Califórnia)... Berkeley... Stanford... assassinato.

O seu estômago deu um salto.

Paula Evans tinha matado uma mulher.

Olhou para o teto por um instante. Pensou em Paula a apontar-lhe ao peito com uma arma.

— Há tanta informação sobre ela — comentou Clara. — Não é horrível

que eu esteja um bocadinho ciumenta?

Andy passou ao parágrafo seguinte:

MILITÂNCIA NO EXÉRCITO DE UM MUNDO EM MUDANÇA.

Havia uma fotografia desfocada de Paula. Em baixo lia-se: *Julho de 1986.*

Trinta e dois anos antes.

Lembrava-se de ter feito a conta em Carrollton, no computador da biblioteca. Procurava acontecimentos que tivessem tido lugar perto do momento da sua conceção.

Atentados terroristas, sequestros de aviões e tiroteios em bancos.

Observou a fotografia de Paula Evans.

Usava um estranho vestido semelhante a uma camisola de algodão e pintara por baixo dos olhos umas grossas linhas de maquilhagem pretas. Cobria as mãos com luvas e calçava umas botas de combate. Usava uma boina. Tinha um cigarro pendurado ao canto da boca, um revólver numa mão e uma faca de mato na outra. O seu aspeto teria parecido ridículo se não tivesse matado uma pessoa.

Pelos vistos, parecia que tinha feito parte de uma conspiração para derrubar o sistema.

— Jane? — Clara tinha colocado sobre os ombros uma manta azul de angorá. — Bebemos um chá?

— Já vamos... — respondeu enquanto procurava *JANE* no artigo da Wikipédia.

Nada

ANDREW.

Nada.

Clicou num *link* que a levou ao artigo sobre o Exército de um Mundo Em Mudança.

Começaram com o assassinato de Martin Queller em Oslo...

— A QuellCorp — disse.

Clara deixou escapar um assobio.

— Não são mesmo odiosos?

Andy percorreu rapidamente a página. Viu uma fotografia do seu líder. Parecia Zac Efron, mas com os olhos de Charles Manson. O artigo incluía uma listagem dos crimes cometidos pelo Exército, incluindo o assassinato de Martin Queller. Sequestraram e assassinaram uma professora de Berkeley, provocaram um tiroteio e foram perseguidos por todo o território nacional. O

seu cabecilha, aquele maluco, escreveu um manifesto, um pedido de resgate que apareceu na primeira página do *San Francisco Chronicle*.

Andy abriu o *link* do pedido de resgate.

Leu a primeira parte, a respeito do regime fascista. Depois, começou a arregalar os olhos. Parecia algo criado por Calvin e Hobbes numa reunião do clube G.R.O.S.S.^[7] para se vingar de Susie Derkins.

Voltou ao artigo sobre o Exército e procurou a secção intitulada *Membros*. A maioria dos nomes aparecia sublinhada em hiperligações azuis no meio de um oceano de texto preto. Contavam-se dezenas. Como é que nunca vira um filme a respeito daquela seita demencial?

William Johnson. Morto.

Franklin Powell. Morto.

Metta Larsen. Morta.

Andrew Queller...

O seu coração deu um salto, mas o nome de Andrew aparecia a preto, o que significava que não tinha página própria. Claro que também não era preciso ser o Scooby-Doo para associá-lo à QuellCorp e ao seu homónimo assassinado.

Procurou no texto a referência a Martin Queller e carregou no seu nome. Parecia que havia muitos mais Queller famosos dos quais ela não nada sabia. A esposa de Martin, Annette Queller, Logan em solteira, tinha uma árvore genealógica tão extensa que demoraria horas a percorrer. O filho mais velho do casal, Jasper Queller, aparecia sublinhado com uma hiperligação, mas Andy já conhecia aquele idiota bilionário que insistia em candidatar-se a presidente sem o conseguir.

O cursor deslizou sobre o nome seguinte: Filha, Jane «*Jinx*» Queller.

— Jane? — disse Clara, porque tinha Alzheimer e a sua mente estava presa num tempo ocorrido há mais de três décadas, quando conhecia uma mulher chamada Jane que era o vivo retrato de Andy.

Tal como Andy era o vivo retrato daquela Daniela B. Cooper cuja fotografia aparecia na falsa carta de condução canadiana.

A sua mãe.

Andy desatou a chorar, a soluçar. Um gemido escapou da sua boca. Lágrimas e ranho correram-lhe pela cara. Inclinou-se e apoiou a testa no sofá.

— Ai, querida. — Clara pôs-se de joelhos e rodeou-lhe os ombros com os braços.

Andy abanava-se, rasgada pela dor. Laura chamava-se na realidade Jane Queller? E porque é que aquela mentira específica importava bem mais do que as outras?

— Espera, deixa-me fazer eu isso. — Clara aproximou-se do portátil e começou a escrever. — Está tudo bem, tesouro. Eu, às vezes, também choro quando vejo as minhas, mas repara nesta. É perfeita.

Voltou a deslocar o computador para o centro.

Andy tentou enxugar os olhos. Clara pôs-lhe um lenço na mão, e assoou o nariz enquanto tentava conter o pranto. Olhou para o ecrã.

Clara tinha aberto um vídeo no YouTube.

EXTRAORDINÁRIO!!! O CONCERTO DE JINX QUELLER NO CARNEGIE HALL EM 1983!!!

O quê?

— Aquele vestido verde! — Os olhos de Clara brilhavam de emoção. Carregou no botão para o ecrã ficar completo. — Um *déjà vu*.

Andy não sabia o que fazer a não ser ver o vídeo. A gravação estava desfocada e com cores esbatidas, como todas as dos anos oitenta. Uma orquestra ocupava já o palco. No centro, em primeiro plano, havia um enorme piano de cauda preto.

— Ai! — Clara ligou o som.

Andy ouviu o suave murmúrio da multidão.

— Esta era a minha parte favorita. Dava sempre uma vista de olhos para ver o ambiente.

Sem saber porquê, Andy conteve a respiração.

O público tinha emudecido.

Uma mulher muito magra de vestido de noite verde-escuro entrava no palco.

— Que elegante — murmurou Clara, mas Andy mal a escutou.

A mulher que atravessava o palco parecia muito jovem. Rondava os dezoito anos, e via-se à légua que não estava acostumada a usar saltos altos. Tinha o cabelo pintado de um louro quase branco, com permanente. A câmara focava a plateia. O público punha-se de pé para aplaudi-la antes até de a jovem lhes dirigir um olhar.

A câmara focava o seu rosto.

Andy sentiu um aperto no estômago.

Laura.

No vídeo, a sua mãe fazia uma vénia. Parecia imensamente serena enquanto contemplava as caras de milhares de pessoas. Andy tinha visto aquele olhar outras vezes no rosto de outros intérpretes. Uma expressão de certeza absoluta. Sempre a fascinara ver dos bastidores a transformação de um ator em palco. Não deixava de a maravilhar que se pudessem expor ao olhar crítico de uma multidão de desconhecidos e fingir convincentemente que eram outras pessoas.

Tal como a sua mãe tinha fingido ser outra pessoa desde que ela se lembrava.

Um saco de merda da pior espécie.

Os aplausos começaram a amainar quando *Jinx Queller* se sentou ao piano.

Fez um sinal ao maestro inclinando suavemente a cabeça.

O maestro levantou as mãos.

O público emudeceu bruscamente.

Clara colocou o volume no máximo.

Os violinos soaram. A sua vibração produziu-lhe um formigueiro nos tímpanos. O tempo acelerou-se, acalmou-se, voltou a avivar-se.

Andy não sabia nada de música, sobretudo, de música clássica. Laura nunca a ouvia em casa. Red Hot Chili Peppers. Heart. Nirvana. Eram os grupos que a sua mãe punha no carro, quando ia à aldeia, ou quando se dedicava às tarefas domésticas ou trabalhava nos relatórios dos seus pacientes. Aprendeu a letra de «*Mr. Brightside*» antes de todos. Descarregou «*Lemonade*» na mesma noite da sua estreia. Os seus gostos ecléticos tornavam-na na mãe ideal, na mãe com quem toda a gente podia falar porque nunca te julgava.

Porque tinha tocado no Carnegie Hall e sabia muito bem de que porra estava a falar.

No vídeo, *Jinx Queller* continuava à espera, ao piano, com as mãos pousadas sobre o regaço e os olhos focados em frente. Outros instrumentos tinham-se juntado aos violinos. Andy ignorava quais porque a sua mãe nunca lhe tinha ensinado música. Dissuadira-a da ideia de se juntar à banda, fazia uma careta sempre que Andy pegava nos pratos.

Flautas. Andy viu os músicos da primeira fila franzirem os lábios.

Arcos que se moviam. Oboé. Violoncelo. Trompete.

Sentada ao piano de cauda, *Jinx Queller* continuava pacientemente à espera da sua vez.

Andy levou a mão ao estômago como se assim pudesse acalmá-lo. Sofria, irritada de tensão pela mulher do ecrã.

A sua mãe.

Essa desconhecida

Em que é que pensava *Jinx* Queller enquanto aguardava? Perguntava-se como seria a sua vida? Sabia que algum dia teria uma filha? Que só faltavam quatro anos para que ela nascesse e a afastasse daquela vida espantosa?

No minuto 2:22, a sua mãe, por fim, levantou as mãos.

A sua tensão tornou-se visível um instante antes de os seus dedos pousarem levemente sobre as teclas.

Suavemente ao princípio, só algumas notas, uma progressão lenta e pausada.

Os violinos voltaram a intervir e as suas mãos moveram-se mais depressa, voando sobre o teclado para extrair o som mais belo que Andy alguma vez ouvira.

Fluído. Exuberante. Fecundo. Torrencial.

Não havia no mundo adjetivos suficientes para descrever o que *Jinx* Queller conseguia extrair daquele piano.

Dilatação. Era o que Andy sentia, o coração dilatado.

Orgulho. Alegria. Assombro. Euforia.

As suas emoções coincidiam com a expressão da sua mãe à medida que a música passava de solene a dramática para depois se tornar arrepiante, e vice-versa. Cada nota parecia ter o seu reflexo no semblante de Jane, na sua forma de levantar as sobrancelhas, de fechar os olhos, de franzir os lábios num esgar de prazer. Estava absolutamente extasiada. Apesar da imagem desfocada do vídeo, irradiava confiança em si própria do mesmo modo que o sol irradiava luz. Tinha um sorriso nos lábios, mas era um sorriso íntimo e furtivo, um sorriso que Andy nunca vira até então. *Jinx* Queller, tão incrivelmente jovem ainda, tinha a expressão de uma mulher que estava exatamente onde queria estar.

Não em Belle Isle. Não numa reunião da escola, nem no sofá do seu escritório a atender um paciente, mas em cima de um palco, a segurar o mundo na palma da mão.

Andy limpou os olhos. Não conseguia parar de chorar. E não entendia como era possível que a sua mãe não chorasse todos os dias, para o resto da sua vida.

Como é que alguém era capaz de renunciar a algo tão mágico?

Permaneceu enfeitiçada até ao fim do vídeo. Não conseguia afastar os olhos do ecrã. Às vezes, as mãos da sua mãe deslizavam velozmente de um lado para o outro do teclado; outras pareciam sobrepor-se, ou os seus dedos mexiam-se cada um para o seu lado sobre as teclas brancas e pretas. O movimento recordou-lhe a forma como Laura amassava na cozinha.

Continuou a sorrir até que as últimas e pletóricas notas do concerto terminaram.

Depois, a música cessou.

Laura voltou a pousar as mãos sobre o regaço.

O público enlouqueceu, de pé. Os aplausos formaram um maciço muro de som, semelhante ao murmúrio constante de um aguaceiro estival.

Jinx Queller permaneceu sentada ao piano, as mãos no regaço, o olhar nas teclas. Tinha a respiração agitada pelo esforço físico e os ombros um pouco encurvados. Inclinou várias vezes a cabeça como se precisasse de uns instantes para estar a sós com o piano e consigo própria enquanto assimilava aquele sentimento de perfeição absoluta.

Assentiu uma última vez. Levantou-se. Apertou a mão do maestro. Cumprimentou os músicos da orquestra, que já estavam de pé a aplaudir fervorosamente, uns com os seus arcos e outros com as mãos.

Virou-se para o público e a ovação retumbou. Inclinou-se para a direita, para a esquerda e para o centro. Sorriu (um sorriso diferente, não tão firme nem tão alegre) e saiu do palco.

Isso foi tudo.

Andy fechou o portátil antes que o vídeo seguinte começasse.

Olhou para a janela atrás do sofá. O sol brilhava, recortado contra o céu azul. As lágrimas tinham molhado o decote da sua *t-shirt*. Tentou encontrar uma palavra que descrevesse o que sentia naquele instante.

Assombro? Perplexidade? Pesar? Estupefação?

A sua mãe fora aquilo do qual ela sempre quisera estar próxima: *uma estrela*.

Olhou para as suas mãos. Tinha uns dedos normais, nem demasiado longos, nem demasiado finos. Quando Laura estava doente e não podia tratar de si sozinha, ela tinha-lhe lavado as mãos, pusera-lhe creme, massajara-a e segurara-a. Mas como eram realmente aquelas mãos? Tinham de ser elegantes, cativantes, imbuídas de uma espécie de graça sobrenatural. Deveria

ter sentido uma faísca, ou um feitiço, ou *algo*, ao tocá-las.

Eram, no entanto, as mesmas mãos normais que lhe faziam sinal para que se despachasse porque estava atrasada para a escola. As mãos que escavavam no jardim quando chegava o momento de plantar flores na primavera. As mãos que rodeavam o pescoço de Gordon quando dançavam. As mãos que apontavam com fúria quando fazia alguma coisa errada.

Porquê?

Pestanejou tentando limpar as lágrimas dos olhos. Clara já não estava ao seu lado. Talvez não conseguisse suportar ser testemunha da sua dor, ou da dor da mulher que ela achava ser Jane Queller. Era óbvio que ela e a sua mãe tinham falado outras vezes daquela atuação.

Aquele vestido verde!

Apalpou o bolso de trás à procura do telemóvel.

Marcou o número da sua mãe.

Ouviu-o a chamar.

Fechou os olhos para se proteger do sol e imaginou Laura na cozinha. Aproximava-se do telefone, que estaria a carregar sobre a bancada. Veria o número desconhecido no ecrã. Hesitaria entre atender ou não. Seria um telefonema comercial? Um cliente novo?

— Estou? — disse Laura.

Ao ouvir a sua voz, Andy foi-se abaixo. Há quase uma semana que ansiava que a sua mãe lhe ligasse, para ouvi-la dizer que podia voltar para casa, que estava tudo bem, e agora que, por fim, a tinha ao telefone sentia-se incapaz de fazer alguma coisa, exceto chorar.

— Estou? — repetiu Laura. E depois, recordando outros telefonemas parecidos, perguntou: — Andrea?

Andy perdeu a pouca firmeza que lhe restava. Inclinou-se para a frente, de joelhos, e apoiando a cabeça na mão tentou não começar a chorar outra vez.

— Andrea, porque é que me estás a ligar? — perguntou a sua mãe num tom crispado. — O que é que se passa? O que é que aconteceu?

Abriu a boca, mas só para respirar.

— Andrea, por favor — insistiu Laura. — Preciso que me digas se me estás a ouvir. — Esperou. — Andy...

— Quem és tu?

Laura ficou em silêncio. Passaram uns segundos, dir-se-ia que um minuto inteiro.

Andy olhou para o ecrã do telemóvel, achando que tinha desligado. Voltou a levar o telemóvel ao ouvido. Por fim, ouviu o suave som das ondas ao longe. Laura tinha saído. Estava na varanda de trás.

— Mentiste-me — disse Andy.

Nada.

— O meu aniversário. Onde nasci. Onde vivíamos. Aquela fotografia falsa dos meus avós falsos. Sabes ao menos quem era o meu pai?

Laura continuou sem dizer nada.

— Eras alguém, mãe. Vi-o na Internet. Vi-te num concerto em... no Carnegie Hall. As pessoas idolatravam-te. Para tocar assim tão bem é preciso muito tempo de prática. Toda a vida. Eras alguém e viraste as costas a tudo isso.

— Estás enganada — disse a sua mãe por fim num tom desprovido de emoção, firme mas desapaixonado. — Não sou ninguém, e é assim que quero continuar.

Andy apertou os olhos com os dedos. Estava farta de adivinhas. A sua cabeça ia estoirar.

— Onde é que estás? — perguntou Laura.

— Em lado nenhum.

Quis desligar a chamada, dedicar à sua mãe, em silêncio, o maior *foda-se* de que era capaz, mas a situação era demasiado desesperada para perder tempo em gestos sem sentido.

— Diz-me, pelo menos, se és realmente a minha mãe.

— Claro que sim. Estive dezasseis horas em trabalho de parto. Os médicos pensaram que íamos morrer as duas. Mas não foi assim. Não morremos. Sobrevivemos as duas.

Andy ouviu um carro chegar à quinta.

Merda!

— An... Andrea — disse Laura com um esforço evidente —, onde é que estás? Preciso de saber se estás bem.

Andy ajoelhou-se no sofá e olhou pela janela. Edwin Van Wees e o seu ridículo bigode. Ao ver a carrinha de Mike, praticamente atirou-se do carro e correu para a porta.

— Clara! — gritou. — Clara! Onde é que...?

Clara respondeu, mas Andy não entendeu o que dizia.

Laura pareceu ouvir alguma coisa.

— Onde é que estás? — insistiu.

Andy ouviu o estrondo de umas botas no corredor.

— Andrea — disse Laura com nervosismo —, isto é muito sério. Tens de me dizer...

— Quem caralho és tu? — perguntou Edwin.

Andy virou-se.

— Merda — murmurou Edwin. — Andrea.

— Esse é...? — disse Laura, mas Andy apertou o telemóvel contra o peito.

— Como é que me conhece? — perguntou ao homem.

— Afasta-te da janela. — Edwin fez-lhe sinal para que saísse do escritório.

— Não podes ficar aqui. Tens de te ir embora. Já.

Andy não se mexeu.

— Diga-me como é que me conhece.

Edwin viu o telemóvel que tinha na mão.

— Com quem é que estás a falar?

Como não respondeu, Edwin arrancou-lhe o telemóvel das mãos e aproximou-o do ouvido.

— Quem raios...? — perguntou. Depois, virando as costas a Andy, acrescentou: — Não, não faço ideia nenhuma do que a Clara lhe contou. Sabes que ela não está bem. — Começou a assentir com a cabeça enquanto escutava. — Não lhe disse. Não. Isso a Clara não sabe. É informação confidencial. Eu nunca... — calou-se outra vez. — Laura, tens de te acalmar. Ninguém sabe onde está, exceto eu.

Conheciam-se. Estavam a discutir como velhos amigos. Edwin tinha-a conhecido a ela, a Andy, ao primeiro olhar. Clara tinha-a confundido com Jane, que, na realidade, era Laura...

Começaram a bater-lhe os dentes. Ouvia-os a bater dentro da sua cabeça. Esfregou os braços. Tinha frio, estava quase gelada.

— Laura, eu... — disse Edwin agachando a cabeça para olhar pela janela. — Ouve, tens de confiar em mim. Tu sabes que nunca... — virou-se para olhar para Andy.

Ela viu que o seu aborrecimento se diluía, transformando-se noutra coisa. Sorriu-lhe tal como Gordon lhe sorria quando desejava dizer-lhe que a amava embora fosse um idiota.

Porque é que um homem que não conhecia olhava para ela como um pai?

— Está bem, Laura — disse ele. — Prometo-te que...

Ouviu-se um forte estouro.

E depois outro.

E outro.

Andy atirou-se para o chão tal como fizera da última vez, ao ouvir o súbito estrondo dos disparos.

Foi tudo exatamente igual.

Partiu-se o vidro. Começaram a voar papéis. O ar encheu-se de detritos.

Edwin recebeu a maioria dos disparos. Os seus braços agitaram-se, o seu crânio quase se pulverizou, pedaços de osso e de cabelo salpicaram o sofá, as paredes, o teto.

Andy estava deitada de bruços, a cabeça tapada com as mãos, quando ouviu cair o seu cadáver ao chão com um *bum* assustador.

Olhou para a sua cara. Não restava nada dela, só um buraco escuro pelo qual assomavam fragmentos brancos de crânio. As pontas do seu bigode continuavam curvadas para cima, ainda no sítio devido à enorme quantidade de cera.

Andy sentiu um sabor a sangue. Ouvia o próprio coração como se este latejasse dentro dos tímpanos. Pensou que estava surda, mas na realidade não havia nada para ouvir.

Os disparos tinham cessado.

Percorreu freneticamente a divisão com o olhar à procura do telemóvel. Viu-o a uns quatro metros de distância, no corredor. Não sabia se ainda funcionava, mas ouviu a voz da sua mãe com tanta clareza como se estivesse ao seu lado.

Quero que corras, querida. Ele não tem tempo de voltar a carregar, não te vai fazer mal.

Tentou levantar-se. Mas ao pôr-se de joelhos vomitou de dor. O batido do McDonald's saiu tingido de rosa pelo sangue. Sempre que vomitava, tinha a sensação de que uma chama lhe atravessava o lado esquerdo das costas.

Passos. Lá fora. Mais perto.

Obrigou-se a levantar-se. De gatas, deslizando os joelhos pelo chão e espetando os vidros partidos nas mãos, conseguiu chegar até à porta. Já tinha saído para o corredor quando a dor a obrigou a parar. Caiu de costas, apoiada na anca. Conseguiu levantar-se um pouco, até sentar-se com as costas apoiadas na parede. Ouvia dentro do crânio uma espécie de lamento agudo. Fragmentos de vidros emergiam como espinhos dos seus braços nus.

Aguçou o ouvido.

Ouviu um som estranho procedente do outro lado da casa.

Clique, clique, clique, clique.

O cilindro de um revólver a rodar?

Olhou para o telemóvel. O ecrã estava desfeito em pedacinhos.

Não tinha para onde ir. Nada que fazer, exceto esperar.

Levou a mão às costas. Tinha a *t-shirt* ensopada de sangue. Apalpou com os dedos até encontrar um pequeno buraco aberto no tecido.

Depois, com a ponta de um dedo, descobriu outro buraco na sua pele.

Tinham-na baleado.

[7] Clube criado por Calvin&Hobbes onde não se permitia a entrada a raparigas. Significa: Get Rid of Slimy Girls (Fora as raparigas pegajosas). (N.T.)

2 DE AGOSTO DE 1986

Jane sentiu que as teclas de marfim do *Steinway* se suavizavam debaixo das pontas dos seus dedos. As luzes do palco aqueciam a parte direita do seu corpo. Permitiu-se lançar um olhar furtivo para a plateia e conseguiu distinguir algumas caras com a luz dos focos.

Extasiadas.

Os bilhetes do Carnegie Hall tinham esgotado vinte e quatro horas depois de terem sido postos à venda. Mais de dois mil lugares. Jane era a mulher mais jovem a atuar como solista naquele palco. A acústica da sala era excelente. O som ecoava tornando-se como mel nos seus ouvidos, domando e prolongando cada nota. O *Steinway* dava-lhe mais do que se tinha atrevido a sonhar. A suavidade das suas teclas conferia à sua música uma delicadeza cheia de *nuances* que banhava a sala com uma onda de som quase etérea. Sentia-se como uma feiticeira a executar um truque maravilhoso. Cada nota era perfeita. A orquestra era perfeita. O público era perfeito.

Olhou para além dos focos, para a primeira fila.

Jasper, Annette, Andrew, Martin...

Nick.

Nick batia palmas, sorrindo com orgulho.

Então ela enganou-se numa nota, e depois noutra. Pouco depois, estava a tocar ao compasso que as mãos de Nick marcavam, o que não fazia desde a primeira vez que Martin a sentou ao piano e lhe disse para tocar. O som foi-se tornando mais agudo à medida que as palmas de Nick aumentavam abarcando toda a sala. Teve de tapar os ouvidos. A música parou. Nick torceu a boca numa careta ufana e continuou a bater palmas e mais palmas. Começou a sair-lhe sangue das mãos, a escorrer pelos braços e por entre as pernas. Bateu palmas ainda com mais intensidade. Com maior estrondo. O

sangue salpicou-lhe a camisa branca, salpicou Andrew, o seu pai, o palco.

Jane abriu os olhos.

O quarto estava às escuras. O medo e a confusão aliaram-se para lhe apertar o coração. Pouco a pouco conseguiu orientar-se. Estava deitada na cama. Afastou a manta que lhe cobria o corpo. Reconheceu a cor azul.

A quinta.

Levantou-se tão bruscamente que uma tontura quase a fez deitar-se outra vez. Às apalpadelas, procurou o interruptor do candeeiro.

Sobre a mesa havia uma seringa e uma ampola de vidro.

Morfina.

A seringa tinha a tampa posta, mas a ampola estava quase vazia.

Aterrorizada, olhou para os seus braços, as pernas e os pés à procura de marcas de picadelas.

Nada. Mas de que é que tinha medo? De que Nick a tivesse drogado? De que a tivesse contagiado com o sangue infetado de Andrew?

Levou a mão ao pescoço. Nick tinha tentado estrangulá-la. Ainda se lembrava daqueles últimos instantes na casa de banho, enquanto ofegava febrilmente tentando respirar. Sentiu o pulso nas veias debaixo dos dedos. Tinha a pele sensível. Baixou a mão, pousando a palma sobre o montículo redondo do seu ventre. Baixou-a mais ainda, muito devagar, e tocou-se entre as pernas para ver se tinha manchas de sangue. Quando afastou a mão, esta estava limpa. Sentiu um alívio tão intenso que ficou sem respiração.

Nick não tinha conseguido roubar-lhe outro filho por espancamento.

Dessa vez, pelo menos por enquanto, estavam a salvo.

Encontrou as suas meias no chão, calçou as botas. Aproximou-se da janela que havia em frente da cama e abriu as cortinas. Era de noite. Distinguiu a silhueta da carrinha estacionada em frente do estábulo. Pelo contrário, os outros dois carros tinham desaparecido.

Prestou atenção para ver se ouvia algum barulho.

Ouviam-se murmúrios, duas pessoas a falar, no mínimo, do outro lado da casa. Golpes entrecortados. Um estrépito de frigideiras e tachos.

Inclinou-se para apertar as botas. Recordou então que tinha feito aquele mesmo gesto dias antes, antes de descer para falar com os agentes Barlow e Danberry. Antes de irem no *Porsche* de Jasper sem saberem que não voltariam. Antes de Nick a obrigar a escolher entre ele e o seu irmão.

Esses grupos anarquistas acham que estão a fazer o correto até que

acabam todos na prisão ou de barriga para cima no depósito de cadáveres.

A porta abriu-se.

Jane não sabia quem é que esperava ver. Decerto Paula não, que ladrrou:

— Espera na sala de estar.

— Onde é que está o Andrew?

— Foi correr um bocado. Onde diabo achas tu que ele está?

Quando se afastou, os seus passos ressoaram no chão como o barulho de dois martelos.

Jane sabia que devia ir à procura de Andrew, mas precisava de se acalmar antes de falar com o irmão. Não devia ocupar os seus últimos dias ou horas de vida com recriminações.

Atravessou o corredor e entrou na casa de banho. Ao sentar-se na sanita, rezou para não sentir de novo aquela dor aguda, para não ver manchas de sangue.

Olhou para a sanita.

Nada.

Olhou para a banheira. Há quase quatro dias que não tomava um banho como deve ser. Sentia a pele coberta por uma camada de cera, mas não se sentia com forças para procurar o sabonete e as toalhas. Puxou o autoclismo. Evitou olhar para o espelho enquanto lavava primeiro as mãos e depois a cara com água morna. Procurou uma toalha e passou-a pelas axilas e entre as pernas. Sentiu outra onda de alívio ao ver que continuava sem manchas.

És tão tola que pensavas que te ia deixar que ficasses com ele?

Entrou na sala de estar. Procurou o telefone com o olhar, mas parecia não estar em lado nenhum. De qualquer modo, ligar a Jasper era absurdo. Todas as linhas da sua família estariam sob escuta. E, embora quisesse ajudá-la, Jasper estava de mãos atadas. Estava totalmente sozinha.

E tinha tomado uma decisão.

Deduziu pelo som que tinham levado a televisão para a cozinha. Pestanejou e o tempo pareceu recuar. Nick estava de joelhos em frente do televisor, a ajustar o volume, porque insistia em que vissem como catalogavam os seus crimes em benefício da nação. Os restantes tinham-se reunido à sua volta como as pás de uma ventoinha. Clara estava sentada no chão, a observar a sua energia frenética. Edwin tinha uma expressão severa e vigilante. Paula sorria de orelha a orelha, a olhar para Nick como se fosse Cristo ressuscitado. E ela, Jane, permanecia ali de pé, em estado de choque

com a notícia que Clara acabava de lhe dar.

Ainda assim, tinha ficado ali, na sala, em vez de ir à procura de Andrew, porque não queria dececionar Nick. Nenhum deles queria dececioná-lo. Era o seu maior temor: não tinham medo de serem presos ou mortos, ou mandados para a prisão para o resto das suas vidas, mas tinham medo de dececionar Nick.

Sabia bem que o seu desafio teria consequências. Afinal de contas, se Nick a tinha deixado ali, com Paula, seria por algum motivo.

Apoiou a mão na porta da cozinha e pôs-se à escuta.

Ouviu a lâmina de uma faca a bater numa tábua de cortar. O murmúrio de um programa de televisão. A sua própria respiração.

Empurrou a porta. A cozinha era pequena e acanhada, com a mesa encaixada contra o extremo da bancada de fórmica. Ainda assim, tinha o seu encanto. Os armários metalizados estavam pintados de um alegre tom de amarelo e os eletrodomésticos eram todos novos.

Andrew estava sentado à mesa.

Jane sentiu o seu coração a estremecer ao vê-lo. Estava ali. Ainda estava vivo, embora o sorriso que lhe dedicou deixasse entrever a sua debilidade.

Indicou-lhe com um sinal para baixar o volume da televisão. Ela rodou o botão sem afastar o olhar dele.

Sabia o que Nick lhe tinha feito na casa de banho?

— Disse-te para esperares lá dentro — disse Paula enquanto cozinhava o guisado posto ao lume. — Ei, tu, cabra desmiolada, disse-te para...

Jane fez-lhe um gesto obsceno com o dedo e sentou-se de costas para ela.

Andrew riu-se baixinho. Tinha a caixa metálica aberta à sua frente. Espalhadas sobre a mesa havia várias pastas. A chavezinha da caixa descansava perto do seu cotovelo. Um envelope de tamanho grande tinha a morada do *Los Angeles Times*. Estava a cumprir com o seu dever, por Nick, apesar de estar muito próximo da morte. Continuava a ser um soldado leal.

Jane esforçou-se para disfarçar a sua mágoa. O seu irmão ainda estava mais pálido, se é que isso era possível. Os seus olhos pareciam delineados com cera vermelha. Os lábios começavam a ficar azuis. A sua respiração parecia uma serra a partir um tronco de madeira molhada. Devia estar a descansar confortavelmente num hospital, não a lutar para se manter direito numa cadeira rija de madeira.

— Estás a morrer — disse.

— Mas tu não — respondeu ele. — O Nick fez os testes no mês passado. Está limpo. Sabes que fica aterrorizado com as agulhas. E quanto ao resto... nunca lhe interessou.

Jane sentiu um suor frio. Nem sequer lhe tinha ocorrido mas, agora que a ideia surgira na sua cabeça, estremeceu ao pensar que, se Nick estivesse infetado, certamente não lhe teria dito nada. Teriam continuado a fazer amor, a gravidez teria seguido o seu curso e ela não teria descoberto a verdade até um médico lha revelar.

Ou um médico-legista.

— Não te vai acontecer nada — assegurou Andrew. — Prometo.

Aquele não era momento de chamar o seu irmão de embusteiro.

— E a Ellis-Anne?

— Está bem — disse Andrew. — Disse-lhe para fazer os exames assim que... — calou-se por um momento. — Queria ficar comigo. Acreditas? Mas não o podia consentir. Não teria sido justo. E, para além disso, isto já estava tudo em andamento, por isso... — deteve-se de novo com um longo suspiro. — O Barlow, o agente do FBI, disse-me que tinham falado com ela. Sei que está assustada. Estou arrependido... Enfim, estou arrependido de muitas coisas.

Jane não queria que pensasse em coisas tristes. Pegou nas suas mãos. Estavam pesadas, como se estivessem tensas pelo que se avizinhava. O colarinho aberto da sua camisa deixava ver as lesões que tinha no peito.

Não podia ficar ali, naquela casa abafada, com menos de metade de uma ampola de morfina. Ela não lho permitiria.

— O que é que se passa? — perguntou Andrew.

— Amo-te.

Andrew nunca fora muito dado a demonstrações de amor, mas apertou-lhe as mãos e sorriu outra vez para que soubesse que ele sentia o mesmo.

— Meu Deus! — murmurou Paula.

Jane virou-se e olhou-a com desprezo. Estava a cortar um tomate. A faca estava pouco afiada. A pele rasgava-se como o papel.

— Agora vão praticar incesto ou quê? — perguntou Paula.

Jane voltou a virar-lhe as costas.

— Vou descansar um bocado — disse-lhe Andrew. — Está bem?

Ela assentiu em silêncio. Teriam mais possibilidades de ir se Andrew não participasse na negociação.

— Põe um cachecol — disse Paula. — Para não apanhares frio no pescoço. Assim a tosse melhora.

Andrew olhou para a sua irmã levantado uma sobrancelha com uma expressão cética enquanto tentava levantar-se. Não quis que ela o ajudasse.

— Não estou assim tão mal.

Jane viu-o avançar aos tropeções para a porta. Tinha a camisa encharcada de suor e o cabelo húmido na nuca. Jane só se virou quando a porta parou de oscilar.

Ocupou o lugar de Andrew, em paralelo com Paula, porque não queria estar de costas para ela. Contemplou as pastas espalhadas sobre a mesa. Ali estavam as duas coisas que Nick valorizava acima de tudo: a assinatura de Jasper, que demonstrava que o seu irmão mais velho tinha feito parte da fraude, e as *Polaroids* presas com um elástico vermelho.

— Sei aquilo em que estás a pensar — disse Paula —, e vocês não vão a lado nenhum.

Jane, que não se achava capaz de experimentar mais nenhuma outra emoção, sentiu que uma onda de ódio a embargava.

— Só quero levá-lo ao hospital.

— Para a bófia ficar a saber onde é que estamos? — Paula riu-se com um rugido. — Bem podes ir tirando essas botas tão elegantes porque daqui não saís.

Jane virou a cara; juntou as mãos sobre a mesa.

— Tu, cabra desmiolada — Paula levantou a *t-shirt* para lhe mostrar a pistola que tinha no cós das calças. — Não armes estrilho. Porque não há nada que me agradasse mais do que enfiar seis buracos nessa tua cara de galdéria.

Jane olhou para o relógio da parede. Eram dez da noite. A equipa de Chicago já devia estar na cidade. Nick ia a caminho de Nova Iorque. Tinha de encontrar uma maneira de sair dali.

— Onde é que a Clara e o Edwin estão? — perguntou.

— A *Selden* e o *Tucker* estão nos seus postos.

No apartamento de Edwin na cidade. À espera de um telefonema, para o caso de alguém ser detido.

— O Northwestern não pode ficar muito longe daqui. É um hospital universitário. Saberão atender um...

— Fica na I-88, a uns três quartos de hora daqui, mas daria o mesmo que

ficasse na puta da lua, porque não vais a lado nenhum, e ele também não. — Paula apoiou a mão na anca. — Olha, cabra, não podem fazer nada por ele. Tu, que és tão ricaça, estiveste a fazer obras de caridade numa clínica para doentes com sida. Já sabes como acaba a história. O príncipe não volta a montar o seu cavalo. O teu irmão vai morrer. Esta mesma noite. Não vai chegar a amanhã.

Ao ouvir os seus medos confirmados, Jane sentiu um nó na garganta.

— Vai estar mais confortável num hospital.

— Para isso é que o Nick deixou uma ampola de morfina.

— Está quase vazia.

— Foi a única que encontrámos, e podemos-nos dar por satisfeitos. Com certeza que vai ser suficiente e caso contrário... — Encolheu os ombros. — Não podemos fazer mais nada.

Jane lembrou-se outra vez de Ben Mitchell, o rapaz que tinha conhecido na clínica. Ansiava voltar a Wyoming para ver os seus pais antes de morrer. Os seus pais aceitaram, por fim, que voltasse, e Ben passou os seus últimos oito minutos de vida preso no terror, a asfixiar-se com os seus próprios fluidos porque, no hospital rural, não queriam entubá-lo; tinham demasiado medo do contágio.

Jane sabia como era horrível não poder respirar. Não era a primeira vez que Nick lhe apertava o pescoço até quase a estrangular. Tinha-o feito uma vez enquanto praticavam sexo. E na outra vez anterior em que estivera grávida. E, de novo, umas horas antes, quando tinha ameaçado matá-la. Era indiferente quantas vezes acontecesse: não havia forma de se acostumar à sensação aterradora que não conseguir encher os pulmões de ar produzia. O sangue que inundava o coração. A dor abrasadora dos músculos com câibras. O ardor dos pulmões. A dormência das mãos e dos pés à medida que o organismo se concentrava em manter-se com vida, abandonando todas as restantes funções.

— Os médicos podem sedá-lo para que não esteja consciente quando o pior chegar — disse a Paula.

— Talvez ele queira estar consciente — replicou ela. — Talvez queira saber de tudo.

— Falas tal e qual como o Nick.

— Vou encarar isso como um elogio.

— Pois não é. Quero que percebas o que estás a fazer, porque está mal.

Tudo isto está mal.

— O *bem* e o *mal*, como conceitos, são construções patriarcais criadas para as pessoas comuns.

Jane virou a cabeça para ela.

— Não estás a falar a sério.

— Estás tão cega que não vês. Pelo menos, agora. — Paula voltou a pegar na faca e cortou com brutalidade um molho de cenouras. — Ouvi-te falar com ele na carrinha. Todo aquele espalhafato sobre o amor, que é maravilhoso, como o amas, que acreditas mesmo no que estamos a fazer... E depois chegas aqui e abandona-lo sem mais nem menos.

— Também o ouviste na casa de banho, quando me estava a estrangular?

— Adorava ouvir isso cada dia da minha vida.

Um pedaço de cenoura caiu ao chão, aos pés de Jane.

Se se levantasse, se desse um só passo, podia aproximar-se dela. Podia arrancar-lhe a faca da mão, apoderar-se da pistola.

E depois?

Será que podia matá-la? Havia uma grande diferença entre desprezar alguém e acabar com a sua vida.

— Foi antes de Berlim, não foi? — perguntou Paula de repente, e apontou a barriga com a faca. — Pensei que estavas a ficar gorda, mas não tive essa sorte — acrescentou com um suspiro.

Jane olhou para a barriga. Quanto a tinha angustiado dizer às pessoas que estava grávida! E toda a gente parecia tê-lo descoberto pelos seus próprios meios.

— Não mereces ter um filho dele — afirmou Paula.

Jane observou como a faca subia e descia. Paula não lhe estava a prestar atenção.

Levanta-te, dá um passo, pega na faca...

— Por mim, tirava-to das entranhas. — Paula apontou-lhe com a lâmina. — Queres que o faça?

Tentou fingir que a sua ameaça não era como uma seta que lhe atravessava o coração. Tinha de pensar no seu bebé. Não se tratava só de Andrew. Se atacasse Paula e falhasse, podia perder a sua menina antes até de poder segurá-la nos braços.

— Não, bem me parecia. — Paula voltou a concentrar-se nas cenouras com um sorriso.

Jane colou o queixo ao peito. Nunca gostara de conflitos. Preferia ficar calada e esperar que o temporal amainasse. Sempre o tinha feito com o seu pai. Sempre o tinha feito com Nick.

Olhou para o monte de *Polaroids* que havia em cima da mesa. A de cima mostrava um rasgão profundo na sua perna. Tocou na perna, naquele mesmo lugar, e notou a protuberância da cicatriz rosada.

Marca de mordedura.

Recordava claramente o momento em que aquelas fotografias foram tiradas. Ela e Nick ficaram em Palm Springs enquanto curavam as suas feridas e contusões. Nick saiu para almoçar e regressou com a máquina e o papel fotográfico.

Desculpa, meu amor, sei que te dói, mas acabo de ter uma ideia fantástica.

Na época, Andrew tinha as suas dúvidas a respeito do plano. E era lógico. Não queria que Laura Juneau fosse para a prisão por agredir Martin com as embalagens de tinta vermelha. Preocupava-o especialmente ferir o seu orgulho. Apesar das sovas, das decepções e até das coisas horríveis que Nick tinha descoberto enquanto trabalhava nos Serviços de Saúde Queller, ainda sentia amor verdadeiro pelo seu pai.

Depois, quando regressaram de Palm Springs, Nick mostrou-lhe as *Polaroids*.

Olha o que o teu pai fez à tua irmã. Temos de fazê-lo pagar por isto. O Martin Queller tem de pagar por todos os seus pecados.

Nick tinha deduzido que ela seguiria o jogo; porque é que não havia de seguir? Porque é que havia de revelar ao seu irmão que tinha sido ele, Nick, que lhe tinha desfeito a cara, que lhe tinha arrancado a pele com os dentes, que lhe batera no estômago até lhe aparecer sangue entre as pernas e perder o bebé que esperava?

Sim, porquê?

Deixou as *Polaroids* dentro da caixa metálica. Limpou as mãos suadas às pernas das calças. Lembrou-se da sua conversa com o agente Danberry no jardim. Em menos de uma semana, a polícia tinha descoberto Nick.

Convenceu o seu círculo próximo de que era mais inteligente do que, na realidade, era. Mais astuto do que era.

— Antes tinha ciúmes de ti — prosseguiu Paula. — Sabias?

Jane agrupou as pastas e meteu-as na caixa.

— Não me digas.

— Sim, bom... — Paula pôs-se a picar um tomate usando uma faca de carne. — Quando te conheci, a primeira coisa em que pensei foi: *O que é que esta cabra emproada está aqui a fazer? Porque é que quer mudar esta merda quando toda a merda do mundo a beneficia?*

Jane já não tinha resposta para aquela pergunta. Odiava o seu pai. Fora esse o princípio. Martin violara-a quando era criança, espancara-a ao longo da adolescência, aterrorizara-a quando tinha vinte anos, e Nick proporcionara-lhe o modo de fazê-lo parar. Não por si própria, mas por outros. Por Robert Juneau. Por Andrew. Pelos outros pacientes todos que tinha feito sofrer. Sozinha, ela não tinha força para se afastar de Martin. Por isso, Nick tinha criado um plano para arrancá-la do seu lado.

Levou a mão à boca. Teve vontade de rir ao perceber que Nick tinha feito exatamente o mesmo com Andrew: tinha-se servido das *Polaroids* para empunhar como uma arma a ira que o seu irmão sentiu ao vê-las.

Eram como ioiôs que ele conseguia manipular com um gesto de mão.

— O Andy também tem tudo — acrescentou Paula —, mas pelo menos ele tem a consciência pesada, sabes? Custa-lhe aceitar isso. — Abriu com os dentes a embalagem de plástico de um molho de aipo. — Tu, pelo contrário, não tens qualquer problema com isso, mas imagino que as raparigas como tu são assim, não são? Com os vossos colégios caros, a vossa roupa de luxo e o vosso cabelo ideal. Educam-vos desde pequeninas para que não tenham de enfrentar nada. Sabem que talheres usar, quem pintou a Mona Lisa e blá, blá, blá. Mas lá no fundo é só raiva pura — concluiu fechando os punhos com força.

Jane nunca se considerara uma pessoa raivosa, mas agora percebia que a raiva sempre tinha vivido dentro do seu ser, debaixo do medo.

— A raiva é um luxo.

Paula riu-se e começou a picar o aipo.

— A raiva é um narcótico do caraças. Por isso é que o Nick me faz tão bem. Porque me ajudou a converter a minha raiva em poder.

Jane ergueu as sobrancelhas.

— Estás a tomar conta da namorada dele, enquanto ele anda por aí a pôr bombas.

— Cala a puta da boca. — Atirou a faca sobre a bancada. — Achas-te muito inteligente, hã? Achas-te melhor do que eu? — Ao ver que Jane não respondia, acrescentou: — Olha para mim, sua cabra desmiolada. Diz-me

isso na cara. Diz que és melhor do que eu. A ver se te atreves.

Jane pôs-se de lado na cadeira para a encarar de frente.

— Alguma vez foste para a cama com o Nick?

Paula ficou boquiaberta. Evidentemente, a pergunta tinha-a surpreendido.

Jane ignorava a que é que vinha aquilo, mas ainda assim decidiu seguir em frente:

— Não faz mal se fodeste com ele. Tenho a certeza de que fodeu com a Clara. — Jane riu-se, porque agora via com toda a clareza. — Sempre se sentiu atraído pelas mulheres frágeis e famosas. E as mulheres frágeis e famosas sentem-se sempre atraídas por ele.

— Isso são tretas.

Jane assombrou-se ao descobrir que não sentia nem um ápice de ciúmes ao pensar em Nick e em Clara juntos. Porque é que não a incomodava? E, pelo contrário, porque é que invejava Clara por ter conseguido obter de Nick o que queria sem se perder a si própria pelo caminho?

— Aposto que não dormiu contigo — disse a Paula, e adivinhou pela sua expressão magoada que estava certa. — Não é que não pudesse fazê-lo se fosse necessário, mas as tuas necessidades afetivas são tão evidentes, tão descaradas, que no teu caso era bem mais eficaz não te oferecer qualquer demonstração de amor. Não é verdade? Para além disso, assim tens uma arqui-inimiga para o melodrama que armaste, ou seja, eu, porque sou a única que te impede de estar com ele.

O queixo de Paula começou a tremer.

— Cala-te.

— Um dos agentes do FBI acertou em cheio há dias. Disse que o Nick não passava de um vigarista que tinha montado uma seita para poder dormir com raparigas bonitas e brincar a ser Deus com os seus amiguinhos.

— Disse para fechares a puta da boca — disse Paula, mas o seu tom já não era tão durão. Apoiou as mãos na beira da bancada. As lágrimas escorriam-lhe pela cara. Abanava a cabeça. — Tu não sabes. Não sabes nada sobre nós.

Jane fechou a tampa da caixa metálica. Tinha uma alça pequena de um lado, demasiado estreita para a mão de Andrew. A sua, pelo contrário, passou sem qualquer dificuldade pelo buraco.

Levantou-se da mesa.

Paula deitou a mão à faca no instante em que começava a virar-se.

Jane deu um passo em frente. Bateu-lhe com a caixa na cabeça.

Pum!

Como o disparo de uma pistola de brincar.

Paula abriu a boca.

Largou a faca.

Estatelou-se no chão.

Jane debruçou-se sobre ela e apalpou-lhe o pescoço. O pulso era firme. Abriu-lhe as pálpebras. O olho esquerdo estava branco como o leite, mas a pupila do direito reagiu dilatando-se ao captar a luz intensa do teto.

Empurrou a porta, com a caixa debaixo do braço. Atravessou a sala de estar e percorreu o corredor. Andrew estava a dormir no quarto. A ampola de morfina estava vazia. Abanou-o dizendo:

— Andy. Andy, acorda.

A sua voz fê-lo virar-se, com um olhar vidrado.

— O que é que foi?

Jane só lhe ocorreu uma mentira para o levar a reagir.

— Não ouviste o telefone? O Nick ligou. Temos de ir já.

— Onde é que está...? — Andrew lutou para se levantar. — Onde é que está a Paula?

— Fugiu. Havia outro carro estacionado na estrada — declarou ela enquanto o tentava levantar. — Tenho a caixa. Temos de ir, Andrew. Já. O Nick disse para irmos o quanto antes.

Ele tentou levantar-se. Jane teve de ajudá-lo a pôr-se de pé. Estava tão magro que não lhe custou nada.

— Onde é que vamos? — perguntou.

— Temos de nos despachar. — A caixa quase caiu enquanto o acompanhava pelo corredor.

Saíram pela porta da frente. O caminho até à carrinha foi eterno. Deveria ter amordaçado Paula. Tê-la atado. Quanto tempo demoraria a voltar a si e desatar aos gritos? Andrew ia querer ir se soubesse que estavam a trair Nick e os seus planos?

Não podia correr esse risco.

— Vamos — suplicou. — Continua. Podes dormir na carrinha, está bem?

— Sim — conseguiu responder ele entre roucos gritos de agonia.

Nos últimos metros, Jane praticamente teve de arrastá-lo. Apoiou-o contra a carrinha, segurando-o com o joelho para que as suas pernas não se dobrassem e abriu a porta. Estava a apertar-lhe o cinto de segurança quando

se lembrou.

As chaves.

— Fica aqui.

Voltou a correr à casa. Empurrou a porta da cozinha. Paula estava de costas, a abanar a cabeça como um cão.

Sem parar para pensar, Jane deu-lhe um pontapé na cara.

Paula proferiu um suspiro e caiu.

Apalpou-lhe os bolsos até encontrar as chaves. Estava quase a chegar à carrinha quando se lembrou da pistola que Paula tinha à cintura. Podia voltar para ir buscá-la, mas para quê? Era melhor sair dali do que correr riscos e dar a Paula outra oportunidade de os deter.

— Jane... — disse Andrew quando se sentou ao volante. — Como... como é que nos encont...?

— A *Selden* — respondeu ela. — A Clara. Baldou-se. Mudou de ideias. O Nick disse que temos de nos despachar.

Arrancou de marcha-atrás e pisou o acelerador a fundo. Olhou pelo retrovisor. Só viu poeira. Enquanto conduzia pelos sinuosos caminhos no exterior da quinta, ainda sentia o coração a latejar na garganta. Só quando chegaram à autoestrada, voltou a respirar com normalidade. Deu uma olhadela a Andrew. Tinha a cabeça caída para um lado. Foi contando a sua respiração lenta, o penoso vaivém do seu peito ao inalar.

Pela primeira vez em quase dois anos, sentiu-se em paz. Uma estranha serenidade embargava-a. Estava a fazer o mais correto. Depois de tanto tempo entregue à loucura de Nick, por fim tinha recuperado a lucidez.

Só tinha estado uma vez no Northwestern Hospital. Estava no meio de uma digressão e sofreu uma otite. Pechenikov levou-a às urgências. Andava à sua volta, aflito, e dizia às enfermeiras que era a paciente mais importante que alguma vez teriam. Ela pôs uma cara de chateada ao ouvir aquele elogio, mas no seu interior sentiu-se feliz por a tratarem com tanto cuidado. Amara muito Pechenikov, não só como mestre, mas porque era um homem honrado e carinhoso.

Possivelmente por isso, Nick tinha-a obrigado a afastar-se dele.

Porque é que desististe?

Porque o meu namorado tinha ciúmes de um homossexual de setenta anos.

Uma ambulância ultrapassou-a a toda a velocidade pela direita. Seguiu-a até ao desvio. Viu o letreiro do Northwestern Memorial Hospital a brilhar ao

longe.

— Jane? — A sirene da ambulância tinha acordado Andrew. — O que é que estás a fazer?

— O Nick disse-me para te levar ao hospital.

Pôs o intermitente, esperou que mudasse o semáforo.

— Jane... — O seu irmão começou a tossir. Tapou a boca com as duas mãos.

— Estou a fazer o que o Nick me disse — mentiu ela. Tinha a voz entrecortada. Não se podia ir abaixo agora. Já estavam quase a chegar. — Fez-me prometer, Andrew. Queres que quebre a promessa que fiz ao Nick?

— Tu não... — Andrew interrompeu-se para respirar. — Sei em que é que estás... Que o Nick não tem...

Jane olhou para ele. O seu irmão esticou a mão para ela, tocou-lhe suavemente no pescoço.

Ela olhou-se pelo retrovisor, viu os hematomas que Nick lhe tinha feito no pescoço. Andrew sabia o que tinha acontecido na casa de banho. Que escolhera ficar com ele.

Compreendeu, de repente, que Nick lhe devia ter feito o mesmo ultimato a ele. Andrew não fora para Nova Iorque. Ficara na quinta, com ela.

— Somos um casal valente, eh? — disse-lhe o seu irmão.

Ele fechou os olhos.

— Não podemos — disse. — As nossas caras... nas notícias... a polícia...

— Não importa.

Murmurou uma praga dirigida contra o semáforo vermelho e amaldiçoou-se depois a si própria. A carrinha era o único veículo à vista, era de madrugada e ela estava a respeitar as regras de trânsito.

Pisou o acelerador e passou o semáforo.

— Jane... — disse Andrew, e um novo ataque de tosse obrigou-o a interromper-se. — Não... não podes fazer isto. Eles vão-te apanhar.

Virou à direita e passou outro sinal azul com um H branco no centro.

— Por favor. — O seu irmão esfregou a cara com as mãos como fazia quando era criança e as coisas eram tão frustrantes que se sentia incapaz de as enfrentar.

Jane passou outro semáforo vermelho. Ia em piloto automático. Voltava a sentir-se atordoada por dentro. Era uma máquina, tal como a carrinha, um veículo que levava o seu irmão ao hospital para que pudesse morrer em paz

enquanto dormia.

Andrew voltou novamente à carga.

— Por favor, ouve o que... — Outro ataque de tosse, sem rouquidão, só um barulho sibilante, como se tentasse absorver ar por uma palhinha.

— Tenta não fazer esforços — disse ela.

— Jane — sussurrou ele. — Tens de me deixar e ir. Não podes deixar que te apanhem. Tens de... — Voltou a tossir. Olhou para a mão. Estava manchada de sangue.

Jane engoliu a sua dor. Ia levá-lo ao hospital. Entubá-lo-iam para ajudá-lo a respirar. Dar-lhe-iam fármacos que o fariam dormir. Aquela era provavelmente a última conversa que teriam.

— Desculpa, Andy — disse-lhe. — Amo-te.

Tinha os olhos rasos de água. As lágrimas escorriam-lhe pela cara.

— Sei que me amas. Mesmo quando me odiavas, sei que me amavas.

— Eu nunca te odiei.

— Eu desculpo-te, mas... — Tossiu. — Desculpa-me tu também. Sim?

Jane tentou que a carrinha fosse mais depressa.

— Não tenho nada que te desculpar.

— Eu sabia, Janey. Sabia quem ele era. O que era. É... — acrescentou com um fio de voz. — Culpa minha. Culpa minha. Estou tão...

Jane olhou-o, mas o seu irmão tinha os olhos fechados. A sua cabeça oscilava para a frente e para trás com o movimento da carrinha.

— Andrew?

— Eu sabia — gaguejou ele. — Eu sabia.

Jane virou para a esquerda. Sentiu um aperto no coração ao ver a placa luminosa das urgências.

— Andy? — perguntou, aflita. Já não o ouvia respirar. Tocou-lhe na mão. A sua carne estava fria como o gelo. — Já estamos quase a chegar, querido. Aguenta um bocadinho.

Andrew pestanejou um instante, abriu os olhos.

— Vende — disse, e outro acesso de tosse abafou a sua voz. — Vende-o.

— Andy, não fales. — O letreiro do hospital estava cada vez mais perto. — Já estamos quase. Aguenta, meu querido. Aguenta só mais um bocadinho.

— Vende-os a todos.

Pestanejou de novo. O seu queixo descaiu sobre o peito. Só o som sibilante da respiração entredentes convenceu Jane de que ainda estava vivo.

O hospital.

Esteve prestes a despistar-se quando os pneus chocaram contra o passeio. A carrinha derrapou. A muito custo, conseguiu parar em frente da entrada das urgências. Dois enfermeiros fumavam num banco próximo.

— Socorro! — gritou ao sair da carrinha. — Ajudem o meu irmão, por favor!

Os homens já se tinham levantado. Um deles entrou a correr no hospital. O outro abriu a porta da carrinha.

— Tem... — Jane interrompeu-se. — Está infetado com...

— Já cá cantas. — O homem rodeou os ombros de Andrew com o braço e ajudou-o a sair. — Anda lá, rapaz. Aqui vamos tratar bem de ti.

As lágrimas de Jane, há muito tempo secas, fluíram de novo.

— Já está, muito bem — disse o enfermeiro a Andrew. Parecia tão amável que Jane teve vontade de cair de joelhos e beijar-lhe os pés. — Consegues andar? Vamos para aquele banco e...

Andrew procurou a sua irmã com o olhar.

— Onde...?

— Estou aqui, querido.

Acariciou-lhe a cara, beijou-lhe a testa. Ele esticou a mão. Tocou a suave protuberância do seu ventre.

— Vende-o — sussurrou. — Vende-os a todos.

O outro enfermeiro atravessou a porta a grande velocidade trazendo uma maca. Entre os dois levantaram Andrew. Estava tão magro que mal lhes custou deitá-lo na maca. Andrew manteve os olhos fixos em Jane.

— Amo-te — disse.

Os enfermeiros começaram a levar a maca. Andrew manteve os olhos pousados nela todo o tempo de que foi capaz.

As portas do hospital fecharam-se.

Jane viu através do vidro como o introduziam ao fundo da sala de urgências. As portas duplas abriram-se. Apareceu um enxame de enfermeiras e de médicos. As portas voltaram a fechar-se e Andrew desapareceu.

Eles vão-te apanhar.

Aspirou o ar fresco da noite. Ninguém saiu do hospital empunhando uma pistola, ninguém lhe disse para se atirar ao chão. Nenhuma das enfermeiras falava ao telefone atrás do balcão.

Estava a salvo. Andrew estava a ser atendido. Já se podia ir embora.

Ninguém sabia onde estava. Ninguém a ia encontrar, a não ser que ela quisesse.

Regressou sem pressa à carrinha. Fechou a porta do lado do passageiro. Voltou a sentar-se ao volante. O motor continuava a trabalhar. Tentou lembrar-se de tudo o que Andrew tinha dito. Instantes antes estava a falar com o seu irmão. Agora sabia que nunca mais voltaria a ouvir a sua voz.

Arrancou.

Conduziu sem rumo fixo. Deixou para trás o parque de estacionamento das urgências, a entrada para o estacionamento do hospital, da universidade, do centro comercial que havia no fim da rua.

Canadá. O falsificador.

Podia criar uma nova vida para si própria e para a sua menina. Provavelmente, os duzentos e cinquenta mil dólares em dinheiro ainda estavam na parte de trás da carrinha. A geleira. A garrafa térmica com água. A lata de salsichas. A manta. O colchão. Toronto ficava a pouco mais de oito horas de caminho. Contornar Indiana pelo Norte, atravessar Michigan e depois o Canadá. Era esse o plano, depois de Nick voltar triunfante de Nova Iorque. Passariam umas semanas na quinta, enquanto a tormenta desencadeada pelos atentados amainava, e depois iriam para o Canadá, pagariam ao falsificador de East Kelly Street para que lhes proporcionasse uma nova identidade e voariam para a Suíça.

Nick tinha previsto tudo.

Ouviu uma buzina atrás dela e assustou-se. Estava parada no meio da estrada. Olhou pelo retrovisor. O condutor agitou o punho, indignado. Jane desculpou-se com um sinal e pisou o acelerador.

O condutor danado ultrapassou-a sem outro propósito a não ser demonstrar que era capaz de o fazer. Jane avançou mais uns metros, depois reduziu a velocidade e seguiu o sinal que indicava um estacionamento de longa duração. A temperatura dentro da carrinha desceu enquanto descia a rampa em espiral. Encontrou um lugar entre dois carros, no nível inferior. Estacionou de marcha-atrás. Deu uma vista de olhos para se assegurar de que ninguém a observava. Não havia câmaras nas paredes, nem espelhos convexos.

A preciosa caixa metálica de Nick estava no chão, entre os assentos. Jane pô-la debaixo do braço como o seu irmão fazia sempre e dirigiu-se, agachada para a parte de trás da carrinha. O cadeado pendia do baú aparafusado ao

chão.

6-12-32.

Todos conheciam a combinação.

O dinheiro continuava ali. A garrafa térmica. A geleira. As salsichas.

Jane guardou a caixa de Nick junto das outras coisas. Pegou em trezentos dólares e fechou a tampa do baú. Rodou o mecanismo da fechadura. Saiu da carrinha. Aproximou-se da parte de trás.

O para-choques de trás estava oco por dentro. Jane deixou a chave apoiada sobre o rebordo. Depois, subiu a rampa sinuosa a pé. Àquelas horas não havia ninguém a atender no *guichet*, só um monte de envelopes e uma caixa postal. Anotou o número do lugar que a carrinha ocupava e meteu os trezentos dólares num envelope, o suficiente para estar lá estacionada um mês.

No exterior, seguiu a brisa fria até ao lago Michigan. A sua fina blusa agitava-se ao vento. Lembrou-se da primeira vez que visitou Milwaukee, para dar um concerto no centro de arte Marcus Center. Pensou que o avião tinha passado o lago e chegado ao Atlântico; mesmo a vinte mil pés de altitude não se via o contorno do imenso lago. Pechenikov contou-lhe então que toda a ilha da Grã-Bretanha caberia dentro do lago sem que os seus limites chegassem a tocar nas margens.

De repente, sentiu-se embargada por uma profunda e amarga onda de tristeza. Uma parte do seu ser sempre acreditara, ou esperara, que algum dia voltaria aos palcos. Que voltaria para Pechenikov. A esperança estava agora morta e enterrada. Os seus tempos de concertista tinham acabado. Decerto, nunca voltaria a apanhar um avião. Nunca mais faria uma *tournee*, nem voltaria a atuar.

Riu-se ao tomar subitamente consciência de uma coisa: as últimas notas que tocara ao piano eram os primeiros acordes de «*Take on me*» dos A-ha.

A sala de espera do hospital estava a abarrotar. Reparou então no aspeto que devia ter. Não lavava a cabeça há vários dias. Tinha a roupa suja de sangue e parecia ter o nariz partido. O seu pescoço estava repleto de hematomas escuros. Possivelmente, tinha a parte branca dos olhos salpicada com pontos avermelhados, por causa dos derrames. Vislumbrou o olhar de interrogação das enfermeiras.

Uma mulher maltratada? Uma drogada? Uma prostituta?

O título de irmã era a única coisa que lhe restava. Encontrou Andrew atrás de uma cortina, ao fundo da sala das urgências. Por fim, tinham-no entubado.

Ficou contente por ele conseguir respirar, mas compreendeu que nunca mais voltaria a ouvir a sua voz. O seu irmão não voltaria a provocá-la, nem a fazer uma brincadeira sobre o seu peso, nem conheceria o bebé que crescia dentro dela.

A única coisa que podia fazer agora por ele era segurar-lhe a mão e ouvir o monitor a marcar o batimento cada vez mais lento do seu coração. Não largou a sua mão enquanto o conduziam para o elevador, nem quando o levaram para um quarto nos cuidados intensivos. Recusou-se a sair do seu lado mesmo quando as enfermeiras lhe disseram que as visitas só podiam ficar vinte minutos.

Não havia janelas no quarto. Os únicos vidros eram da janela e da porta de correr que comunicava com o posto das enfermeiras. Como nunca tivera noção do tempo, não soube quanto tempo decorrera quando alguém (uma enfermeira, um médico, um enfermeiro) reconheceu por fim as suas caras. O tom das vozes mudou. Depois, um polícia apareceu do outro lado da porta de vidro fechada. Não entrou. Ninguém entrou no pequeno quarto de Andrew, exceto uma enfermeira dos cuidados intensivos cuja verborreia se tinha esfumado subitamente. Jane esperou uma hora, e depois outra, e depois perdeu a conta. Não apareceram agentes da CIA, da NSA, dos Serviços Secretos, do FBI ou da Interpol. Ninguém a impediu de apoiar a cabeça à de Andrew, sobre a cama.

Aproximou os lábios do seu ouvido. Quantas vezes Nick tinha feito aquilo com ela, levar a boca ao seu ouvido, sussurrar-lhe alguma coisa que a fazia acreditar que eles os dois eram as duas únicas pessoas que importavam no mundo?

— Estou grávida — disse ao seu irmão, pronunciando pela primeira vez aquelas palavras em voz alta. — E sou feliz. Sou muito feliz, Andy, porque vou ter um bebé.

Os olhos de Andrew moveram-se debaixo das pálpebras, mas a enfermeira tinha-a advertido de que não visse aquilo como um bom sinal. O seu irmão estava em coma. Não voltaria a acordar. Era impossível saber se sentia a sua presença. Mas Jane sabia que estava ali, e isso era a única coisa que importava.

Não vou deixar que te voltem a magoar.

— *Jinx?*

O seu irmão mais velho estava de pé à porta. Deveria ter adivinhado que

Jasper acabaria por aparecer. Sempre a tinha ajudado nas horas difíceis. Teve vontade de se levantar e de abraçá-lo, mas não teve forças. Jasper parecia igualmente rígido quando fechou a porta. O polícia inclinou ligeiramente a cabeça antes de atravessar o corredor e dirigir-se ao posto das enfermeiras. A farda da Força Aérea impunha respeito, embora estivesse amarrotada. Jasper, evidentemente, não mudara de roupa desde a última vez que se tinham visto, na sala da casa de Presidio Heights.

Virou-se para ela, a boca crispada numa linha fina. Jane sentiu-se doente de remorsos. Jasper tinha a tez cinzenta. O cabelo seboso na parte de trás. A gravata torta. Devia ter vindo diretamente do aeroporto após o voo de quatro horas de São Francisco.

Quatro horas de avião. Trinta horas na carrinha. Doze horas até Nova Iorque.

Nick já devia estar em Brooklyn.

— Estás bem? — perguntou Jasper.

Se ainda lhe restassem lágrimas, Jane teria começado a chorar. Agarrou-se à mão de Andrew e deu a outra a Jasper.

— Fico contente por estares aqui.

Ele apertou um pouco os seus dedos. Depois largou-os. Recuou uns passos. Apoiou-se contra a parede. Ela esperava que lhe perguntasse se tinha feito parte do assassinato de Martin, mas o seu irmão disse:

— Uma bomba explodiu na Bolsa de Chicago.

A informação pareceu esquisita vinda da sua boca. Andavam há muito tempo a planear aquilo e, finalmente, tinha acontecido.

— Há pelo menos uma pessoa morta — prosseguiu Jasper. — E outra em estado crítico. A polícia acha que estavam a tentar colocar o detonador quando a bomba rebentou.

Spinner e Wyman.

— Por isso é que não há uma multidão de polícias a rondar por aqui — explicou ele. — Estão todos lá, a revolver os escombros para o caso de haver mais vítimas.

Jane apertou com força a mão de Andrew. O seu irmão tinha a cara macilenta, a pele da cor dos lençóis.

— Jasper — disse —, o Andy ...

— Eu sei sobre o Andrew — respondeu o seu irmão num tom monocórdico, indecifrável. Não tinha olhado para Andrew nem uma só vez

desde a sua chegada. — Temos de falar. Eu e tu.

Jane sabia que lhe ia perguntar por Martin. Olhou para Andrew porque não queria a esperança e, logo de seguida, a decepção e o nojo refletidos no rosto do seu irmão mais velho.

— O Nick é um farsante — disse ele. — Nem sequer se chama Nick.

Jane virou bruscamente a cabeça.

— Aquele agente do FBI, o Danberry, disse-me que o seu nome verdadeiro é Clayton Morrow. Identificaram-no pelas impressões digitais que havia no teu quarto.

Jane ficou sem fala.

— O verdadeiro Nicholas Harp morreu com uma *overdose* há seis anos, no seu primeiro dia em Stanford. Vi a certidão de óbito. Foi heroína.

O verdadeiro Nicholas Harp?

— Clayton Morrow, o passador de droga do Nick verdadeiro, roubou-lhe a identidade. Entendes o que te estou a dizer, *Jinx*? O Nick não é o Nick na realidade. Chama-se Clayton Morrow. Apropriou-se da identidade de um morto. Até pode ter sido ele a fornecer ao Harp a dose que o matou. Quem sabe do que ele é capaz?

Apropriou-se da identidade de um morto?

— O Clayton Morrow cresceu em Maryland. O seu pai era piloto da Eastern Airlines. A sua mãe era a presidente da Associação de Pais e Professores. Tem quatro irmãos mais novos e uma irmã. A polícia do Estado acha que assassinou a sua namorada. Tinha o pescoço partido. Deram-lhe uma tarefa tão brutal que tiveram de utilizar o registo dentário para identificar o seu cadáver.

Tinha o pescoço partido.

— *Jinx*, preciso que me digas que entendes o que te estou a dizer. — Jasper deslizou pela parede abaixo para se pôr à sua altura e apoiou os cotovelos nos joelhos. — O homem que conheces como Nick mentiu-nos. Enganou-nos a todos.

— Mas... — Jane esforçou-se por entender o que lhe estava a dizer. — O agente Barlow disse-nos na sala que a sua mãe o tinha mandado para a Califórnia para ir viver com a avó. Foi isso que o Nick nos contou.

Jasper fez um esforço para controlar a sua frustração.

— A mãe do verdadeiro Nick mandou-o para o Oeste. Engravidou uma rapariga do lugar onde vivia. Não queria que carregasse com isso.

Mandaram-no para a Califórnia para que vivesse com a sua avó. Isso é verdade, a parte da mudança, mas o resto é mentira, uma impostura para que tivéssemos pena dele.

Jane não formulou mais perguntas porque tudo aquilo lhe parecia uma ficção. A mãe prostituta. A avó que o maltratava. O ano a viver como um sem-abrigo. A sua admissão triunfal em Stanford.

— Não compreendes — disse Jasper — que o Clayton Morrow utilizou parte da história do verdadeiro Nick para dar credibilidade às mentiras que nos contou? — Esperou, mas Jane continuou a aguardar em silêncio. — Estás a ouvir-me, *Jinx*? O Nick, ou o Clayton Morrow, ou quem for, era uma fraude. Mentiu-nos a todos. Era apenas um passador de droga e um vigarista.

Era um vigarista de meia-tigela que montou uma seita para poder dormir com raparigas bonitas e brincar a ser Deus com os seus amiguinhos.

Jane sentiu que um barulho se formava na sua garganta. Não era um gemido de dor, mas sim uma gargalhada. Ouviu-a retumbar pela pequena divisão, incongruente no meio das máquinas e monitores. Tapou a boca. Escorriam-lhe lágrimas pela cara. Ria com tanta intensidade que os músculos do estômago lhe doíam.

— Meu Deus! — Jasper voltou a levantar-se. Olhava-a como se estivesse louca. — *Jinx*, isto é muito sério. Vais para a prisão se não chegares a um acordo com as autoridades.

Ela enxugou os olhos. Olhou para Andrew, tão próximo da morte que a sua carne era quase translúcida. Aquilo era o que tinha tentado dizer-lhe na carrinha. O verdadeiro Nick fora seu colega de quarto em Stanford. Não lhe custou imaginar Nick a persuadir o seu irmão para embarcar naquela fraude com ele, como não lhe custava imaginar Andrew a fazer tudo o que fosse possível para ganhar a amizade do passador de droga do seu colega morto.

Voltou a limpar os olhos. Apertou com força a mão de Andrew. Agora já nada disso importava. Perdoava-lhe tudo, tal como ele lhe perdoara a ela.

— Pode-se saber o que é que se passa? — perguntou Jasper. — Estás a rir-te do cabrão que matou o nosso pai.

Por fim, o cerne da questão.

— A Laura Juneau é que matou o nosso pai.

— E achas que há alguém nessa malfadada seita que mexa um dedo sem ordem dele? — replicou Jasper apertando os dentes. — Isto é muito sério, *Jinx*. Acorda. Se queres ter alguma oportunidade de viver uma vida normal,

vais ter de virar as costas à tropa.

À *tropa*?

— Já prenderam aquela imbecil de São Francisco. Roubou um carro e disparou contra um agente da polícia. — Jasper afrouxou o nó da gravata enquanto passeava pela pequena divisão. — Tens de confessar antes que ela o faça. Vão fazer um acordo com a primeira pessoa que se mostrar disposta a colaborar. Se queremos salvar a tua vida, temos de agir depressa.

Jane observou o deambular nervoso do seu irmão. Jasper suava muito. Parecia transtornado, o que seria lógico em qualquer outra pessoa. Mas a maior virtude de Jasper era a sua capacidade para conservar sempre a calma. Jane podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que o seu irmão mais velho tinha perdido a calma.

Pela primeira vez em horas, largou a mão de Andrew. Levantou-se para tapá-lo bem com a manta. Beijou a sua testa fria. Desejou por um instante poder ver o interior da sua mente. Era óbvio que o seu irmão sabia muito mais do que ela.

— Chamaste-lhes *tropa* — disse.

Jasper parou de passear.

— O quê?

— Estiveste quinze anos na Força Aérea. Continuas na Reserva. Não usarias esse termo para designar os membros de uma seita. — Imaginou Nick a bater palmas, a preparar-se para um dos seus discursos. — O Nick chamava-nos assim. A sua tropa.

Jasper poderia ter reagido fingindo-se escandalizado, mas, sem conseguir evitá-lo, lançou um olhar nervoso ao polícia do outro lado do corredor.

— Tu sabias — afirmou ela. — Sobre Oslo, pelo menos.

Ele negou com a cabeça, mas era lógico que Nick arranjasse uma forma de o fazer participar daquela loucura. Jasper tinha deixado a Força Aérea para gerir a companhia. Martin prometia-lhe constantemente que se ia reformar mas, na hora da verdade, encontrava sempre uma desculpa para continuar à frente da empresa.

— Diz-me a verdade, Jasper — disse ela. — Preciso de te ouvir dizer a verdade.

— Cala-te — sussurrou, e aproximou-se dela até quase colar a sua cara à dela. — Estou a tentar ajudar-te a sair desta.

— Deste dinheiro? — perguntou Jane.

Muita gente tinha doado dinheiro para a causa. E, de todos eles, Jasper era o único que podia obter um benefício pessoal da humilhação pública de Martin.

— Porque é que havia de dar dinheiro àquele idiota? — replicou ele.

A sua petulância denunciou-o. Jane tinha-o visto utilizá-la como uma arma toda a sua vida, embora nunca antes a tivesse dirigido contra ela.

— Ter a empresa cotada na Bolsa seria bem mais lucrativo se o pai fosse obrigado a demitir-se — disse-lhe. — Com todos aqueles artigos e discursos sobre a Correção Queller, era demasiado polémico.

Jasper ficou com o maxilar tenso. Jane compreendeu pela sua expressão que tinha razão.

— O Nick estava-te a chantagear — aventurou-se.

A ridícula caixa metálica com os troféus de Nick... Devia ter adorado dizer a Jasper que tinha roubado aqueles relatórios mesmo debaixo do seu nariz!

— Diz-me a verdade, Jasper.

O seu irmão voltou a olhar para o polícia, que continuava do outro lado do corredor a falar com uma enfermeira.

— Estou do teu lado — acrescentou ela —, acredites ou não. Nunca te desejei mal nenhum. Soube dos papéis mesmo antes de tudo se tornar um inferno.

Jasper pigarreou.

— Que papéis?

Ela sentiu o impulso de levantar os olhos para o céu. Aquele jogo era absurdo.

— O Nick roubou relatórios que tinham a tua assinatura. Faturas verificadas de pacientes que estavam mortos, como o Robert Juneau, ou alguns que já tinham abandonado o programa. Isso é uma fraude. O Nick apanhou-te e sei que utilizou isso para...

A expressão de assombro de Jasper foi quase cómica. Levantou as sobrancelhas. Deixou ver por completo o branco dos seus olhos. A sua boca formou um círculo perfeito.

— Não sabias?

Enquanto formulava a pergunta, Jane adivinhou qual era a resposta. Nick tinha manipulado o seu irmão em dose dupla. Não se contentara em aceitar o seu dinheiro. Tinha de fazer Jasper pagar por humilhá-lo à mesa do jantar, por olhá-lo por cima do ombro, por fazer perguntas mal-intencionadas a

respeito do seu passado, por destacar que não era *um de nós*.

— Meu Deus! — Jasper apoiou as mãos na parede. Estava completamente pálido. — Acho que vou vomitar.

— Desculpa, Jasper, mas não te preocupes, está tudo bem.

— Vou para a prisão, eu...

— Não vais para lado nenhum. — Jane esfregou-lhe as costas, tentando acalmá-lo. — Jasper, tenho os...

— Por favor. — O seu irmão agarrou-a pelos braços, desesperado. — Tens de me apoiar. Diga o Nick o que disser, tens de...

— Jasper, tenho...

— Cala-te, *Jinx*. Ouve. Podemos dizer... podemos dizer que foi o Andrew, de acordo? — Por fim, olhou para o seu irmão, que agonizava a uns passos de distância. — Diremos que foi tudo coisa do Andrew.

Jane concentrou-se na dor que os seus dedos lhe causavam ao cravarem-se na sua pele.

— Que falsificou a minha assinatura nesses relatórios — prosseguiu Jasper num tom decidido. — Não seria a primeira vez. Falsificava a assinatura de pai nas notas do colégio, nos cheques, nos recibos do cartão de crédito... Tem um longo historial, temos provas. Sei que o pai guardava tudo no cofre. Tenho a certeza de que...

— Não — atalhou ela com firmeza para se fazer ouvir. — Não vou permitir que faças isso ao Andrew.

— Está a morrer, *Jinx*. O que é que isso importa?

— Importa a sua lembrança. A sua reputação.

— Estás doida varrida? — Jasper abanou-a com tanta força que os seus dentes bateram. — A lembrança de Andrew é igual à dos outros. Era um maricas, e vai morrer como um maricas.

Jane tentou soltar-se, mas Jasper segurou-a com força.

— Sabes quantas vezes tive de resgatá-lo de algum maricas de Tenderloin? Quanto dinheiro tive de lhe dar para que pagasse aos chulos que ameaçavam dizer ao pai?

— A Ellis-Anne...

— Não tem sida, porque o Andy nunca dormiu com ela. — Jasper largou-a por fim. Levou a mão à testa. — Meu Deus, *Jinx*, nunca te perguntaste porque é que o Nick te metia a língua até à garganta ou te agarrava o cu sempre que o Andrew andava por perto? Estava a provocá-lo. Todos nós

víamos isso, até a mãe.

Agora percebia, agora via todos aqueles indícios em que não reparara. Voltou a entrelaçar os seus dedos com os de Andy. Olhou para a sua cara abatida. Antes nunca reparara, mas tinha a testa prematuramente enrugada pela preocupação constante.

Porque é que não lhe dissera?

Isso não a impediria de amá-lo. Talvez o tivesse amado mais ainda, porque de repente o seu tormento, a rejeição que parecia sentir por si próprio, teriam feito sentido.

— Isso é indiferente — disse a Jasper. — Não penso desonrar a sua morte.

— Foi o próprio Andy a desonrá-la — replicou Jasper. — Ou não vêes que tem exatamente o que merece? Com um pouco de sorte, todos vão ter o que merecem.

Jane sentiu o seu sangue a gelar nas veias.

— Como é que podes dizer isso? Continua a ser nosso irmão.

— Pensa um pouco. — Jasper tinha conseguido dominar-se. Tentava controlar tudo de novo. — O Andy pode por fim ser-nos útil aos dois. Podes dizer à polícia que ele e o Nick te sequestraram. Olha para ti. É muito possível que tenhas o nariz partido. Alguém tentou estrangular-te. O Andy consentiu-o. Ajudou a assassinar o nosso pai. Não se importava de que morressem pessoas. Não o tentou impedir.

— Não podemos...

— O que está a acontecer com ele é uma *Correção* — acrescentou Jasper, invocando a teoria de Martin Queller como se de repente fosse o evangelho. — Temos de aceitar que o nosso irmão era uma aberração. Que se sublevou contra a ordem natural das coisas. Apaixonou-se pelo Nick. Trouxe-o para a nossa casa. Devias ter deixado que apodrecesse na rua. E eu devia tê-lo deixado pendurado naquela corda na cave. Tudo isto é culpa da sua perversão nojenta.

Jane mal conseguia olhar para aquele homem que tinha admirado toda a sua vida. Tinha-o defendido com todas as suas forças. Tinha discutido com Andrew para que não sofresse nenhum mal.

— Salva-te, *Jinx* — disse Jasper. — Salva-me. Ainda podemos evitar que o nome da nossa família acabe arrastado pelo lodo. Dentro de seis meses ou um ano a empresa vai estar cotada na Bolsa. Não vai ser fácil, mas funcionará se nos mantivermos unidos. O Andrew não passa de um abcesso de pus que

temos de extirpar da linhagem dos Queller.

Jane sentou-se pesadamente na cama e apoiou a mão na perna de Andrew. Repetiu em silêncio as palavras de Jasper, porque no futuro, se alguma vez sentisse a tentação de voltar a dirigir-lhe a palavra, queria recordar com detalhe tudo o que tinha dito.

— Tenho os papéis, Jasper — disse-lhe. — Todos. Declararei em qualquer tribunal que a assinatura é tua. Dir-lhes-ei que sabias sobre Oslo e que querias deitar a culpa de tudo para cima do Andrew.

O seu irmão olhou-a fixamente.

— Como é que o podes escolher a ele, em vez de me escolheres a mim?

Estava farta de que os homens se achassem no direito de lhe dar ultimatos.

— Há algum tempo que te ouço a tentares justificar os teus atos, que te ouço a falar do Andrew como se fosse um monstro. Mas é de ti de quem me envergonho.

Ele deu uma gargalhada de desdém.

— Estás a julgar-me *a mim*?

— Aceitaste o plano de Oslo porque querias poder, dinheiro, aviões privados e outro *Porsche* e a única maneira de ficares com o controlo era livrares-te do pai. És pior que nós todos juntos. Pelo menos nós fizemo-lo porque acreditámos nisso. Tu fizeste-o por avareza.

Jasper aproximou-se da porta. Jane pensou que se ia embora, mas ele correu a cortina, tapando o vidro. O polícia esticou o pescoço para se assegurar de que estava tudo bem. Jasper fez-lhe um sinal para não se aproximar.

Virou-se para ela. Alisou a gravata.

— Tu não entendes como é que isto funciona — disse.

— Então diz-me.

— Tudo o que disseste é verdade. As merdas do pai, as suas veleidades académicas, estavam a pôr em perigo a nossa valorização na Bolsa de valores. Íamos perder milhões. Os nossos investidores queriam-no fora, mas ele negava-se a aceitar a reforma.

— E pensaste que as embalagens de tinta seriam um bom truque para o conseguir.

— Isto não é nenhum truque, *Jinx*. Neste meio há homens muito, muito ricos que ficarão furiosos se perderem o seu dinheiro por causa de uma menina mimada que não sabe manter a boca fechada.

— Vou para a prisão, Jasper. — Ouvir aquelas palavras em voz alta não a assustou tanto como pensava. — Vou contar ao FBI tudo o que fizemos. Não me interessam os danos colaterais. O único modo de pagarmos até certo ponto pelas atrocidades que cometemos é dar a cara e dizer a verdade.

— És assim tão parva que achas que não nos podem matar na prisão?

— Quem?

— Os investidores. — Olhou-a como se fosse uma menina teimosa a ser contrariada. — Eu sei demasiado. E não só da fraude. Não fazes ideia nenhuma dos esquemas em que o pai estava metido para inflacionar os números. Não chego à prisão, *Jinx*. Não se vão arriscar a que eu faça um acordo com as autoridades para salvar a pele. Vão-me matar, e depois matam-te a ti.

— São ricos, não bandidos.

— *Somos ricos, Jinx*. Olha o que o pai fez ao Robert Juneau. E olha o que nós os três lhe fizemos a ele. — Baixando a voz, acrescentou: — Achas mesmo que somos a única família do mundo capaz de conspirar para assassinar os seus inimigos a sangue-frio?

Pairava sobre ela, ameaçador. Jane levantou-se para obrigá-lo a recuar.

— Se disseres uma só palavra contra estas pessoas, estás a assinar a tua sentença de morte — acrescentou o seu irmão espetando-lhe o dedo no peito.

— Vão atrás de ti e metem-te uma bala na cabeça.

Jane levou a mão à barriga.

Vende-o.

— Não estou a brincar — insistiu Jasper.

— E achas que eu estou? Não tenho de pensar só em mim.

Jasper olhou para a sua barriga. Ele também adivinhara.

— Por isso tens de pensar detalhadamente no que vais fazer. Na prisão não há amas.

Vende-os a todos.

— Esses homens — acrescentou o seu irmão — têm uma memória do caraças, não esquecem facilmente. Se fores contra eles...

— Que horas são?

— O quê?

Jane agarrou a mão dele para olhar para o seu relógio: 03:09 horas da madrugada.

— Isto é a hora de Chicago?

— Não sabes que mudo sempre a hora ao aterrar?

Ela largou-lhe a mão.

— Tens de ir para casa, Jasper. Nunca mais quero voltar a ver-te.

Ele pareceu chocado.

— Continua com essa vida corrupta. Fode quem quiseses. Mantém esses tipos tão perigosos contentes, mas lembra-te de que eu tenho esses papéis e de que posso mandar a tua vida pelos ares, e as deles também, quando me apetecer.

— Não faças isto.

— O que eu fizer já não é assunto teu. Não preciso que me salves. Eu sei fazê-lo sozinha.

Ele riu-se. Depois pareceu compreender que estava a falar a sério.

— Espero que tenhas razão, *Jinx*, porque se alguma coisa do que fizeres me prejudicar não hesitarei em dizer-lhes como te encontrar. Fizeste a tua escolha.

— Efetivamente, tens muita razão — replicou Jane. — E se alguém vier à minha procura, usarei esses papéis para me assegurar de que caís comigo.

Afastou a cortina e correu a porta de vidro.

— Diz ao FBI — acrescentou — que têm menos de três horas para me proporem um acordo ou haverá um massacre em Nova Iorque.

26 DE AGOSTO DE 2018

Andy sentiu como passava a ponta do dedo pelo orifício que tinha na pele.

Tinham-lhe dado um tiro.

Apoiou a cabeça contra a parede. Aspirou o ar entre os dentes tentando não desmaiar.

O cadáver de Edwin Van Wees estava estendido no chão do escritório. Ao seu redor havia vidros partidos. Folhas de papel. Sangue. O MacBook que Andy tinha usado para se informar sobre a sua mãe.

Laura...

Esticou o braço e tocou com os dedos na extremidade do telemóvel descartável. Tinha o ecrã estilhaçado. Fechou os olhos e concentrou-se em escutar. Estava a ouvir a voz da sua mãe? Continuava ao telefone?

Ouviu-se um grito de mulher oriundo do outro lado da casa.

O coração de Andy parou.

Ouviu outro grito, mais forte, interrompido bruscamente por um golpe surdo.

Andy apertou os dentes para não gritar.

Clara...

Desta vez não podia ficar paralisada. Tinha de fazer alguma coisa. Tremeram-lhe as pernas quando se tentou levantar, apoiada à parede. A dor quase a rasgou ao meio. Teve de se encolher para a aliviar. O sangue brotava do orifício de bala na parte lateral do seu corpo. Voltaram a tremer-lhe as pernas quando tentou avançar. Aquilo era culpa sua. Tudo aquilo. Laura tinha-a avisado para ter cuidado, e mesmo assim ela tinha-os conduzido até ali.

A eles.

Para matar Edwin. Para matar Clara.

O seu ombro escorregou pela parede quando tentava encontrar Clara para se entregar, para pôr fim àquele sarilho horrível que ela própria tinha criado. Tropeçou com o tapete. Sentiu uma pontada de dor. Bateu com a cabeça nas fotografias de parede do corredor. Teve de parar para respirar. Os seus olhos focavam e desfocavam. Olhou fixamente para as fotografias. Molduras diferentes, poses diferentes, algumas a cores, outras a preto e branco. Clara e Edwin com duas mulheres mais ou menos da sua idade. Algumas fotografias das mesmas mulheres quando eram jovens, na escola, na universidade, e depois...

Uma pequena Andy, na neve.

Contemplou a sua própria imagem, atordoad.

Era a mão de Edwin a apertar a sua? Na foto ao lado aparecia ela em bebé, sentada sobre o colo de Clara e Edwin. Laura tinha-os feito desaparecer da vida de ambas e tinha colado o seu retrato sobre a fotografia dos Randall, os seus avós fictícios.

— É bonito, não é?

Andy virou a cabeça. Esperava encontrar Mike, mas aquela era uma voz de mulher. De uma mulher que conhecia demasiado bem.

Paula Kunde estava de pé ao fundo do corredor.

Apontava-lhe com uma pistola que Andy reconheceu em seguida.

— Obrigada por deixares isto no teu carro. Foste tu que apagaste o número de série ou foi a tua mãezinha?

Andy não respondeu. Não conseguia respirar.

— Estás a hiperventilar — disse Paula. — Pega no telefone.

Andy olhou para um lado. O telemóvel estava caído, atrás dela. No silêncio, ouviu os gemidos da sua mãe.

— Credo! — Paula avançou pelo corredor com passo firme, pegou no telefone e levou-o ao ouvido. — Cala-te, sua cabra desmiolada!

Mas Laura não se calou. A sua voz vibrou, cheia de raiva.

Paula ativou o altifalante.

— Se lhe tocares nem que seja num fio de cabelo...

— Está a morrer. — Paula sorriu quando Laura se calou de repente. Pôs o telefone debaixo do queixo de Andy. — Diz-lhe, queridinha.

Andy pressionou a zona atingida com a mão. Notava como o sangue jorrava.

— Andrea? — perguntou Laura. — Por favor, fala comigo...

— Mãe...

— Querida! — soluçou a sua mãe. — Estás bem?

Andy foi-se abaixo. Um grito estrangulado brotou do seu interior.

— Mãe...

— O que é que se passou? Por favor... meu Deus, por favor, diz-me que estás bem!

Andy não sabia se ia conseguir continuar a falar.

— Eu... Estou ferida. Ela deu-me um tiro no...

— Já chega. — Paula levantou a arma e Andy parou de falar. — Tu, cabra desmiolada, sabes bem o que eu quero — disse a Laura.

— O Edwin...

— Está morto. — Paula olhou para Andy arqueando as sobrancelhas como se aquilo fosse uma brincadeira.

— Maldita vaca estúpida! — sibilou Laura. — É o único que sabe...

— Não me venhas com parvoíces — replicou Paula. — Tu sabes onde é que está. De quanto tempo precisas?

— Posso... — Laura deteve-se. — Dois dias.

— Laura, não há problema. — Paula sorriu a Andy. — Se calhar a tua menina entra em choque antes de se esvair em sangue.

— Filha da puta.

Aquelas palavras carregadas de ódio desconcertaram Andy. Nunca tinha ouvido a sua mãe falar assim.

— Se fizeres mal à minha filha, corto-te o pescoço, sua puta. Entendido? — ameaçou Laura.

— És uma cabra desmiolada — afirmou Paula. — Já lhe estou a fazer mal.

Andy viu um clarão.

Depois, ficou tudo preto.

Compreendeu que algo estava errado mesmo antes de abrir os olhos. Não lhe veio tudo à cabeça de repente, porque nem por um instante se tinha esquecido do ocorrido.

Tinham-lhe dado um tiro. Estava dentro do porta-bagagem de um carro. Tinha as mãos e os pés presos por umas algemas ou coisa do género, e uma toalha enrolada à volta da cintura com fita-adesiva para estancar a hemorragia. Paula tinha-lhe dado uma coronhada que a deixara inconsciente,

tinha o nariz tapado de sangue e a mordaça da sua boca era uma bola de borracha que lhe dificultava a respiração.

Recordava as pancadas que Paula lhe dera com a pistola, tal como de tudo o resto. A bem da verdade, não tinha perdido totalmente a consciência. Estava mais como numa espécie de limbo, entre o sono e a vigília. Quando estava na escola de arte, ansiava por aquele estado de equilíbrio. Era nesses momentos (quando, com a mente aparentemente em branco, mas alerta, combinava os diversos tons de preto e branco que depois extrairia do seu lápis) quando lhe ocorriam as melhores ideias.

Será que tinha uma comoção cerebral?

Devia sentir-se aterrorizada, mas o pânico tinha-se ido atenuando como a água que escoava em remoinho pelo ralo. Tinha passado uma hora? Duas? Agora, o sentimento que predominava nela era um intenso mal-estar. Tinha o lábio aberto. A face dorida. Um olho inchado. As mãos dormentes. Tinha os pulsos entorpecidos. Caso se mantivesse numa certa posição, com a coluna dobrada, e tentasse não respirar fundo, o ardor na zona baleada tornava-se mais ou menos tolerável.

Os remorsos eram farinha de outro saco.

Revivia continuamente o sucedido na quinta tentando identificar o momento exato em que tudo tinha ido por água abaixo. Edwin tinha-lhe dito para se ir embora. Será que foi antes de as balas atravessarem as costas de Edwin e lhe rasgarem a camisa à frente?

Fechou os olhos com força.

Clique, clique, clique, clique.

O cilindro do revólver a rodar.

Tentou analisar os dois gritos de Clara: o tom de sobressalto do primeiro, o golpe seco que tinha interrompido o segundo. Não tinha sido uma bofetada, nem um soco. Paula tinha-a agredido a ela com a pistola. Será que Clara teve a mesma sorte? Tinha recuperado a consciência na sua cozinha, desorientada, e ao percorrer o corredor teria encontrado Edwin morto?

Ou será que não voltou a abrir os olhos?

Deu um grito quando o carro pisou um buraco da estrada.

Paula diminuiu a velocidade para fazer uma curva. Andy notou a mudança de ritmo, a atração da gravidade. O brilho das luzes dos travões invadiu a escuridão. Andy viu o manípulo de emergência do porta-bagagem. Estava partido. Paula tinha-o arrancado para que não pudesse fugir.

Iam num carro alugado com matrícula do Texas. Tinha-o visto quando Paula a tinha enfiado no porta-bagagem. Paula não teria podido apanhar um avião indo armada. Devia ter ido pela estrada de Austin, tal como ela. Mas ela tinha tido a precaução de comprovar que Mike não a seguia. O que significava que Paula sabia desde o princípio onde ia. Tinha caído em cheio nas garras daquela cabra.

Sentiu um sabor a fel na garganta.

Porque é que não tinha dado ouvidos à sua mãe?

O carro travou de novo, até se imobilizar por completo.

Paula só tinha parado uma vez durante o trajeto. Há vinte minutos? Meia hora? Não sabia bem. Tinha tentado contar a passagem do tempo, mas os olhos fechavam-se, acordava sobressaltada e tinha de começar outra vez.

Será que estava a morrer?

O seu cérebro, curiosamente, parecia alheio a tudo o que estava a acontecer. Estava aterrorizada, mas não tinha o coração acelerado nem as mãos suadas. Estava dorida, mas não em pânico, nem chorava, nem suplicava para aquilo acabar de uma vez.

Será que estava em estado de choque?

Ouviu o tiquetaque de um pisca.

As rodas do carro vibraram ao calcar um caminho de gravilha.

Tentou não se lembrar de todos os filmes de terror que começavam com um carro que avançava por um caminho de gravilha até um acampamento deserto ou um barracão abandonado.

— Não — tentou murmurar na escuridão do porta-bagagem.

Não se deixaria dominar de novo pelo pânico, porque a impediria de aproveitar qualquer oportunidade de fuga. Paula tinha-a feito refém. Laura tinha algo que ela queria. Não a ia matar até o conseguir.

Não?

Os travões chiaram quando o carro voltou a parar. Desta vez o motor desligou-se. Ouviu a porta do condutor a abrir e a fechar.

Esperou que o porta-bagagem se abrisse. Tinha pensado mil e uma vezes no que faria quando revisse Paula, tinha equacionado todos os cenários possíveis, mas sobretudo desejava levantar os pés e desferir um pontapé na cara àquela megera. O problema era que para levantar os pés eram necessários os músculos do abdómen e ela mal podia respirar sem sentir que estava a ser atravessada por uma tocha.

Apoiou a cabeça no chão do porta-bagagem. Aguçou o ouvido, mas só conseguiu distinguir os estalos do motor ao arrefecer.

Clique, clique, clique, clique.

Como o tambor do revólver a girar, só que mais devagar.

Pôs-se a contar para se distrair. Após passar tantas horas encerrada primeiro no *Reliant* e depois na carrinha de Mike, tinha-se convertido numa dessas pessoas que falam sozinhas com o único objetivo de quebrar a monotonia.

— Um — murmurou. — Dois. Três.

Tinha chegado a novecentos e oitenta e cinco quando o porta-bagagem por fim se abriu.

Pestanejou. Lá fora estava escuro, não havia luar. A única luz procedia das escadas que havia em frente do porta-bagagem aberto. Não sabia que lugar era aquele, mas não tinha dúvida de que estavam noutra motela, noutra terriola perdida no cu de Judas.

Paula pôs-lhe a pistola debaixo do queixo.

— Olha para mim — disse. — Não te estiques ou dou-te outro tiro. Entendido?

Andy assentiu em silêncio.

Paula enfiou a arma no cós das calças de ganga. Abriu as algemas. Andy gemeu de alívio ao sentir os braços e as pernas livres. Ao tirar atabalhoadamente a mordalha da boca, as tiras de couro cor-de-rosa estalaram como um chicote. Parecia saída de um catálogo d' *As Cinquenta Sombras de Grey*.

Paula voltou a empunhar a pistola. Deu uma vista de olhos ao estacionamento.

— Sai e mantém a boca fechada.

Andy tentou mexer-se, mas a ferida e o longo cativeiro impediram-lho.

— Caramba! — exclamou Paula, puxando-a por um braço.

Andy deixou-se rodar, bateu contra o para-choques e caiu ao chão. Tinha o corpo tão dorido que não conseguia localizar a origem da dor. Gotejava-lhe sangue da boca. Tinha mordido a língua. Notou uma série de picadas nos pés à medida que a sua circulação se restabelecia.

— Upa. — Paula agarrou-lhe o braço e obrigou-a a levantar-se.

Andy gemeu e dobrou-se pela cintura, tentando aliviar os choques.

— Para de gemer — ordenou Paula. — Veste isto.

Andy reconheceu a camisa branca. Era a da mala *Samsonite* azul. A da bagagem de emergência que Laura guardava na arrecadação de Carrollton.

— Depressa. — Paula voltou a percorrer o estacionamento com o olhar enquanto a ajudava a vestir a camisa. — Nem te passe pela cabeça gritar. Não te posso matar a ti, mas posso matar qualquer um que te tentar ajudar.

Andy começou a abotoar os botões.

— O que é que fizeste à Clara?

— A tua segunda mãezinha? — Riu-se ao ver a expressão de Andy. — Tomou conta de ti quase dois anos. Foram eles que te criaram, a Clara e o Edwin. Não sabias?

Andy teve de fazer um imenso esforço para não reagir. Manteve a cabeça agachada e os olhos fixos nos botões que ia abotoando.

Edwin tinha-a olhado como um pai porque era o seu pai?

— Queriam ficar contigo — prosseguiu Paula —, mas a Jane separou-te deles porque ela é assim, uma cabra egoísta. — Observou-a atentamente. — Não te surpreende saber que o verdadeiro nome da tua mãe é Jane?

— Porque é que mataste o Edwin?

— Valha-me Deus, miúda! — Tirou umas algemas do porta-bagagem. — Tens passado a vida toda nas nuvens?

— Evidentemente, sim... — resmungou Andy.

Paula fechou inesperadamente o porta-bagagem. Pegou com uma mão em dois sacos de plástico. Guardou a pistola no cós das calças, mas não soltou o cabo.

— Mexe-te.

— O Edwin era...? — Tentou arranjar algum estratagema para tirar nabos da púcara, mas o seu cérebro não dava para acrobacias. — Ele era meu pai?

— Se o Edwin fosse teu pai, já te tinha enfiado um tiro nos cornos. — Fez-lhe sinais para que se mexesse. — Sobe pela escada.

Caminhar acabou por ser relativamente simples. Subir os degraus, pelo contrário, quase a partiu ao meio. Embora tivesse a mão apoiada na zona baleada, sentia que uma faca se retorcia dentro da sua carne. Cada vez que levantava um pé sentia vontade de gritar. Se gritasse, chamaria a atenção dos ocupantes dos quartos e Paula desataria aos tiros, e ela sentir-se-ia culpada de outras mortes para além das de Edwin Van Wees e Clara Bellamy.

— Esquerda — ordenou Paula.

Andy avançou por um corredor longo e escuro. À frente dos seus olhos,

sombras dançavam. As náuseas tinham voltado. A dor surda era de novo aguda. Teve de apoiar a mão na parede para não tropeçar e cair de bruços. Porque é que obedecia a tudo com a docilidade de um patinho? Porque é que não se punha aos gritos? As pessoas já não vinham a correr prestar ajuda. Limitar-se-iam a chamar a polícia, e a polícia...

— Espera. — Paula passou o cartão que abria a porta.

Andy entrou à frente dela. As luzes já estavam acesas. Duas camas de corpo e meio, uma televisão, uma secretária, uma mesa de jantar com duas cadeiras. A casa de banho ficava perto da porta. A janela tinha as cortinas corridas, mas com certeza dava para o estacionamento.

Paula deixou os sacos das compras em cima da mesa. Garrafas de água. Fruta. Batatas fritas.

Andy fungou pelo nariz. Notou que engolia sangue. Tinha a sensação de que todo o lado esquerdo da sua cara estava cheio de água quente.

— Pronto — disse Paula com a mão ainda apoiada na culatra da pistola. — Já podes gritar se quiseres. Toda esta ala está vazia e, para além disso, num hotel como este ninguém se vai preocupar se ouvir uma gaja a pedir socorro.

Andy concentrou no olhar todo o ódio que sentia por aquela mulher.

Paula sorriu, congratulando-se pela sua raiva.

— Se tens que fazer chichi, faz agora. Não te volto a oferecer.

Andy tentou fechar a porta da casa de banho, mas Paula impediu-lho. Não lhe tirou o olho de cima enquanto se sentava com esforço na sanita tentando não contrair os músculos do abdómen. Andy gemeu de dor quando o seu traseiro tocou a sanita. Teve de se inclinar para a frente para atenuar a dor. Normalmente a sua bexiga era mais para o tímido, mas após passar tanto tempo no carro não teve problemas para urinar.

Levantar-se era outra questão. Começou a esticar os joelhos e teve de voltar a sentar-se na sanita com um grunhido de dor.

— Ora bolas! — Paula agarrou-a pela axila e levantou-a com um esticão. Subiu-lhe o fecho e abotoou-lhe as calças de ganga como se tivesse três anos. Depois, empurrou-a para a quarto. — Vai sentar-te à mesa.

Andy avançou encurvada para a frágil cadeira. Ao sentar-se, um raio atravessou-lhe as costelas.

Paula empurrou a cadeira para baixo da mesa.

— Tens de fazer o que te digo e quando eu digo.

— Vai-te foder — replicou Andy sem poder conter-se.

— Vai tu. — Paula agarrou-lhe o braço esquerdo, algemou-lhe o pulso e, com um safanão, meteu-lhe a mão debaixo da mesa e prendeu a algema à base metálica.

Andy jogou o braço para trás. A mesa chiou. Ela apoiou a testa sobre o tampo.

Porque é que não tinha ido para Idaho?

— Se a tua mãe apanhou o primeiro voo — disse Paula —, vai demorar pelo menos mais duas horas a chegar aqui. — Tirou um frasco de *brufen* de um saco e arrancou com os dentes o selo de segurança. — Dói-te muito?

— Como se me tivessem dado um tiro, puta psicopata.

— Normal. — Em vez de se zangar, Paula pareceu gostar do seu ataque de fúria. Pôs quatro comprimidos sobre a mesa. Abriu uma das garrafas de água. — Churrasco ou normais? — perguntou.

Andy olhou-a desconcertada.

Paula levantou dois pacotes de batatas fritas.

— Tens de comer qualquer coisa ou vais ficar com dores de estômago por causa dos comprimidos.

Andy só conseguiu responder:

— Churrasco.

Paula abriu o pacote com a ajuda dos dentes. Desembrulhou duas sandes.

— Mostarda e maionese?

Andy assentiu em silêncio enquanto a tresloucada que lhe tinha dado um tiro e sequestrado usava uma faca de plástico para untar mostarda e maionese numa sandes de peru.

Porque é que aquilo estava a acontecer?

— Come pelo menos metade. — Paula passou-lhe a sandes e começou a pôr mostarda na sua. — Estou a falar a sério, miúda. Metade. Depois podes tomar os comprimidos.

Andy pegou na sandes, mas de repente imaginou-a a sair pelo orifício da bala. E então lembrou-se.

— Não se deve comer antes de uma operação — disse.

Paula olhou-a com estranheza.

— A bala. Quero dizer que... quando a minha mãe chegar e me...

— Não vão operar. É mais simples deixar a bala lá dentro. O que te devia preocupar é a infeção. Isso é que te pode matar. — Paula ligou a televisão e foi mudando de canal até encontrar *Planeta Animal*. Depois tirou o som.

Pitbulls e Condenados.

— Este episódio é bom. — Paula virou-se e continuou a barrar maionese na sandes. — Oxalá existisse este programa quando eu estava em Danbury.

Andy observou como utilizava a faca de plástico para barrar cuidadosamente a maionese no pão.

Tudo aquilo lhe devia parecer muito estranho, mas não parecia. Porque é que havia de parecer? Tinha começado a semana a ver a sua mãe a matar um rapaz; depois, ela própria tinha matado um sicário, tinha fugido, tinha dado um pontapé nos tomates a um bandido e tinha provocado a morte de mais uma ou talvez duas pessoas. Porque é que lhe ia parecer chocante estar algemada a uma mesa a ver como alguns reclusos tentavam reabilitar animais maltratados com uma professora psicopata ex-condenada?

Paula juntou as duas metades da sandes e ajeitou o lenço que trazia ao pescoço, o mesmo lenço que usava dois dias e meio antes, em Austin.

— Achava que tinham tentado estrangular-te — comentou Andy.

Paula deu uma boa dentada.

— Estou a incubar uma constipação — disse com a boca cheia. — Há que manter o pescoço quente para evitar a tosse.

Andy ignorou aquele ridículo conselho de saúde. Uma constipação podia explicar a rouquidão de Paula. Disse:

— O olho...

— A cabrona da tua mãe. — A comida saiu-lhe da boca, mas continuou a falar. — Arreou-me na cabeça. Na prisão não fizeram nada por mim. O esquerdo ficou branco e tive uma infeção no direito. Ainda tenho sensibilidade à luz, por isso é que uso óculos de sol. Graças à tua mãe, este é o meu *look* há trinta e dois anos.

Um cálculo interessante.

— O que mais é que queres saber? — perguntou Paula.

Andy pensou que não tinha nada a perder.

— Foste tu que mandaste aquele tipo a casa da minha mãe, não foste? Para a torturar?

— Samuel Godfrey Beckett. — Paula soltou um suspiro e começou a tossir quando a sandes lhe entrou pelo canal errado. — Valia a pena contratá-lo mesmo que fosse só pelo nome. Tinha a certeza de que a Jane se encolhia. Nunca teve jeito para o conflito. Claro que matou o rapaz do restaurante. Quase me borrei toda quando a reconheci nas notícias. *A puta da Laura*

Oliver, a viver como uma rainha na praia enquanto o resto de nós apodrecia na prisão.

Andy colou a língua ao céu da boca. Paula continuava a transportar a pistola à cintura, mas tinha as mãos ocupadas com a sandes. Podia empurrar a mesa, dar-lhe na barriga, esticar a mão livre e apoderar-se da pistola?

— Que mais, miúda?

Andy reviu mentalmente os movimentos necessários. Nenhum deles lhe parecia possível. Tinha o braço algemado demasiado esticado debaixo da mesa. Acabaria enfiada contra a aresta se tentasse levar a mão à pistola com a mão livre.

— Vá lá. — Paula mordeu outro pedaço de sandes. — Faz-me todas as perguntas que não podes fazer à tua mãe.

Andy desviou o olhar. Olhou para a feia colcha às flores. A porta, a uns cinco metros de distância. Paula estava a oferecer-lhe tudo, mas após procurar durante tanto tempo não queria só respostas. Queria uma explicação e isso era uma coisa que só a sua mãe lhe podia dar.

Paula procurou um guardanapo na mala.

— Ficaste tímida de repente, foi?

Apesar de não o querer fazer, perguntou:

— Como é que sei que me estás a dizer a verdade?

— Sou mais sincera do que essa puta que tens por mãe.

Andy mordeu a ponta da língua, já dorida, para não replicar.

— Quem é que mataste?

— Uma tipa que me tentou apunhalar na prisão. Não me puderam processar pelo caso da Noruega. A Maplecroft não foi culpa minha. Foi o *Quarter* quem a liquidou. E não podiam acusar-me do resto. — Parou de mastigar. — Declarei-me culpada por fugir do lugar de um crime. Fui condenada a seis anos. Quanto a essa cabra que matei, foi em legítima defesa, mas ainda assim apanhei vinte anos. Próxima pergunta.

— Como é que conseguiste o trabalho na universidade?

— Queriam contratar alguém para cobrir a quota da diversidade e apareci eu com a minha triste história de delinquente reabilitada. Que mais?

— A Clara está bem?

— Ah, boa tentativa. Que tal esta? Porque é que odeio tanto a chanfrada da tua mãe?

Andy esperou, mas Paula também estava à espera.

— Porque é que odeias a minha mãe? — perguntou no tom mais desinteressado e aborrecido de que foi capaz.

— Porque nos delatou. A todos, menos o Edwin e a Clara, mas só porque queria controlá-los. — Esperou a sua reação, mas Andy permaneceu impassível. — Puseram a Jane no programa de proteção de testemunhas em troca de ela testemunhar. Conseguiu um acordo do caraças porque iam literalmente em contrarrelógio. Tínhamos outra bomba preparada, mas graças à sua puta língua não chegou a rebentar.

Andy observou a sua cara à procura de algum indício de arrependimento, mas não encontrou nada.

Proteção de testemunhas.

Tentou assimilar aquela informação, descobrir o que sentia. Laura tinha-lhe mentido, mas ela já se tinha acostumado às mentiras da sua mãe. O que sentia se calhar era um ligeiro alívio. Em todos esses dias tinha assumido que Laura era uma delinquente. E era, mas afinal tinha feito uma coisa boa ao entregá-los a todos.

Certo?

— Ainda assim — prosseguiu Paula —, esses porcos meteram-na dois anos na prisão. Podem fazê-lo, sabias? Mesmo no programa de proteção de testemunhas. E a Jane fez algumas merdas muito lixadas. Como todos, mas nós pelo menos fizemo-lo pela causa. A Jane era só uma puta menina mimada que estava aborrecida de gastar o dinheiro do paizinho.

— A QuellCorp... — disse Andy.

— Milhares de milhões — acrescentou Paula. — Todos eles fruto do sofrimento e da exploração de pessoas doentes.

— Então, sequestraste-me por dinheiro?

— Não, com um caraças! Não quero o dinheiro de merda dela. Isto não tem nada que ver com a QuellCorp. Aliás, a família saiu da empresa há anos. Já não é tida nem achada lá. Limitam-se a recolher o cacau que as suas ações geram.

Andy perguntou-se se era daí que procedia o dinheiro do *Reliant*. Os lucros obtidos na Bolsa estavam sujeitos a impostos, mas se Laura era uma testemunha protegida tudo tinha de ser legal.

Ou não?

— A Jane nunca te contou nada disto? — perguntou Paula.

Andy nem se incomodou em confirmar o que já sabia.

— Disse-te quem é o teu pai?

Manteve a boca fechada. Sabia quem era o seu pai.

— Não queres saber?

O seu pai era Gordon. Fora ele que a tinha criado, tinha tomado conta dela, tinha suportado os seus silêncios enlouquecedores e a sua indecisão.

Paula exalou um suspiro profundo, dececionada.

— Nicholas Harp. Nunca to disse?

Andy sentiu uma pontada de curiosidade, mas não pelos motivos óbvios. Conhecia aquele nome da Wikipédia. Harp tinha morrido de *overdose* anos antes de ela nascer.

— Isso é mentira — disse.

— Não, não é. O Nick era o líder do Exército de um Mundo em Mudança. Toda a gente devia saber o seu nome. Sobretudo tu.

— Na Wikipédia diz que o Clayton Morrow...

— Nicholas Harp. Foi o nome que o teu pai escolheu. Metade do que aparece na Wikipédia é treta, balelas. E a outra metade é especulação. — Paula inclinou-se sobre a mesa, excitada. — O Exército de um Mundo em Mudança tinha um ideário. Íamos mudar o mundo a sério. E então a tua mãe passou-se dos carretos e foi tudo à merda.

Andy abanou a cabeça. A única coisa que tinham feito era matar gente e semear o terror no país.

— Uma professora morreu em São Francisco. A maioria dos membros do grupo está morta. O Martin Queller foi assassinado.

— O teu avô, queres tu dizer?

Andy ficou petrificada. Não lhe tinha dado tempo para assimilar esse dado. *Martin Queller era seu avô.*

Era casado com Annette Queller, a sua avó.

O que significava que Jasper Queller, aquele cretino multimilionário, era seu tio.

Laura também era multimilionária?

— Por fim as peças começam a encaixar, hã? — Paula meteu um bocado de fiambre na boca. — O teu pai apanhou trinta anos de prisão por culpa da Jane. Manteve-te afastada dele. Podias ter tido uma relação com ele, podias tê-lo conhecido se ela não te tivesse negado essa honra.

Andy sabia muito bem quem Clayton Morrow era e não queria saber dele para nada. Não era seu pai, tal como Jerry Randall também não era. Tinha de

se agarrar a essa crença. Caso contrário, ia querer morrer.

— Vá lá — disse Paula enquanto limpava a boca com as costas da mão —, faz-me mais perguntas.

Andy pensou nos dias anteriores, na lista de perguntas que tinha anotado depois de a conhecer.

— Porque é que mudaste de ideias em Austin? Mandaste-me dar uma curva e depois, de repente, disseste-me para procurar a Clara Bellamy.

Paula assentiu como se a pergunta lhe agradasse.

— O bófia a quem estraçalhaste os tomates. Deduzi que não o terias feito se fosses cúmplice da tua mãe.

— O quê?

— O bófia. O *marshal*.

Andy sentiu que uma onda de rubor lhe subia pelo pescoço.

— Fizeste-o num oito. O grande cabrão esteve uma hora estendido no meu alpendre.

Andy apoiou a cabeça na mesa para que não lhe visse a cara.

Mike...

Os *marshals* eram os encarregados de gerir o programa de proteção de testemunhas. Podiam falsificar todas as cartas de condução que quisessem. Afinal de contas, criar documentos novos fazia parte do seu trabalho: certidões de nascimento falsas, falsas declarações de impostos, até obituários falsos como o de um sujeito falso chamado Jerry Randall.

Andy sentiu as entranhas a andar às voltas.

Mike era o agente encarregue do caso de Laura. Por isso é que estava no hospital quando a sua mãe saiu. Por isso é que a tinha seguido? Tentava ajudá-la porque, sem saber, ela também fazia parte do programa?

Tinha-se desfeito da única pessoa que as podia ajudar a escapar daquele monstro?

— Ei, tu. — Paula bateu na mesa com os nós dos dedos. — Mais perguntas. Vá, desembucha. Não temos nada melhor para fazer.

Andy abanou a cabeça. Tentou compreender desde o princípio o papel que Mike tinha desempenhado em tudo aquilo. A sua carrinha em casa dos Hazelton, com o porta-chaves da pata de coelho. Os cartazes magnéticos que mudava em cada nova cidade.

O localizador GPS na geleira.

Devia tê-lo instalado enquanto ela dormia no motel de Muscle Shoals.

Depois tinha atravessado a rua para tomar uma cerveja e, ao vê-la entrar pela porta, tinha improvisado.

Ela tinha achado que era amigo do *barman*, mas os tipos como Mike faziam amigos por onde quer que passassem.

— Ei — repetiu Paula. — Concentra-te, miúda. Se não vais entreter-me, ato-te outra vez e vou ver televisão.

Andy teve de abanar a cabeça para desanuviar. Levantou o queixo e apoiou-o na mão livre. Não sabia o que fazer, a não ser voltar à sua lista.

— Porque é que me mandaste à procura da Clara?

— Essa cabra negava-se a falar comigo quando ainda não estava senil, e o Edwin ameaçava denunciar-me ao meu agente da condicional. Eu estava convencida de que o facto de te ver estimularia a sua memória. Depois apanhava-te, tu davas-me a informação de que preciso e acabávamos todos bem. Mas o Edwin teve de interferir. Mas sabes que mais? Que se foda. Foi ele que negociou o acordo da Jane, por isso é que ela está há trinta anos fora e não na prisão. — Enfiou um punhado de batatas na boca. — A tua mãe fazia parte de uma conspiração para matar o teu avô. Viu a Alexandra Maplecroft morrer. Estava presente quando o *Quarter* lhe espetou um tiro no coração. Ajudou a levar a furgoneta até à quinta. Esteve connosco o tempo todo, a cada passo do caminho.

— Até que desistiu — replicou Andy, porque era a isso que se queria agarrar.

— Bom, sim. Mas primeiro conseguimos mandar pelos ares a Bolsa de Mercadorias de Chicago. — Viu que Andy tinha feito uma cara de perplexidade. — O lugar onde se negoceia com matérias-primas e produtos derivados. Não sabes o que é? E o Nick estava a entrar em Manhattan quando foi preso. Ia mandar a Bolsa de Nova Iorque pelos ares. Isso teria sido glorioso.

Andy tinha visto, como toda a gente, imagens de aviões a estatelarem-se contra arranha-céus, de camiões a levar simples transeuntes pela frente, e todos os horrores consequentes. Sabia que os atentados desse tipo distavam muito de serem gloriosos, tal como sabia que tudo aquilo que os terroristas tentavam destruir, o que quer que fosse, voltava sempre a ser reconstruído: mais alto, mais forte e melhor.

— Porque é que estou aqui, então? — perguntou. — O que é que queres da minha mãe?

— Custou-te muito chegar a essa questão — replicou Paula. — A Jane tem uns papéis assinados pelo teu tio Jasper.

O meu tio Jasper...

Não se acostumava à ideia de ter uma família; de qualquer forma não tinha a certeza de que os Queller fossem a família que desejava ter.

— O Nick pediu a liberdade condicional seis vezes nestes últimos doze anos — continuou Paula enquanto fazia uma bola com o pacote de batatas fritas e a atirava para o caixote. — E em todas as vezes esse cabrão do Jasper Queller pespegou-se no estrado com a sua ridícula insígnia da Força Aérea e um crachá com a bandeira americana e começou a lamentar-se por o Nick ter matado o seu pai, contagiado o seu irmão, fazê-lo perder a sua irmã e blá, blá, blá.

— Como é que contagiou o seu irmão?

— O Nick não teve nada que ver com isso. O teu tio era paneleiro. Morreu de sida.

Andy recuou fisicamente, horrorizada com a linguagem ofensiva.

Paula suspirou.

— A tua geração e o seu puto politicamente correto. — Voltou a suspirar. — Meu Deus, se tivesse sabido que precisavas de um tiro para espezinhar, tinha-te feito esse favor em Austin.

Andy fechou os olhos por um instante. Odiava aquele brutal toma lá, dá cá.

— O que é que esses papéis dizem? Porque é que são tão importantes?

— Fraude. — Paula arqueou as sobrancelhas e esperou pela sua reação. — A Serviços de Saúde Queller punha os pacientes na rua e continuava a cobrar ao Estado pelo seu cuidado.

Andy continuou à espera, mas parecia ser tudo.

— E...? — perguntou.

— O que é que queres dizer com esse e?

— Podia meter-me na Internet agora mesmo e encontrar montes de vídeos de gente sem recursos que é expulsa dos hospitais ao pontapé. — Encolheu os ombros. — Os hospitais desculpam-se, pagam a multa e já está. E às vezes nem sequer isso. Ninguém perde o seu trabalho, exceto talvez o guarda de segurança que se limitou a cumprir ordens.

A sua indiferença pasmou Paula.

— Ainda assim é um crime.

— Muito bem.

— Alguma vez vês as notícias ou lêes o jornal? O Jasper Queller quer ser presidente.

Andy não tinha tanta certeza de que uma acusação de fraude pudesse impedi-lo. Paula continuava a lutar conforme as normas dos anos oitenta, antes de os assessores de imagem e as equipas de gestão de crise se tornarem no pão nosso de cada dia. A única coisa que Jasper teria de fazer era comparecer em diferentes meios de comunicação e pedir desculpa, deixar cair uma ou outra lagrimazinha e a sua popularidade dispararia.

Paula cruzou os braços com uma expressão presunçosa.

— O Jasper não vai resistir ao escândalo, garanto-te, vai cair à primeira acusação. Aquilo que mais lhe importa no mundo é a reputação da família Queller. Vamos manipulá-lo como se fosse uma marioneta.

Havia uma coisa que Andy não conseguia entender. Tentava encaixar as peças do quebra-cabeça.

— Viste a minha mãe na televisão. Pagaste a um tipo para a torturar, para saberes onde é que estão esses documentos, e agora sequestraste-me para os conseguir porque queres chantagear o Jasper para não declarar contra o Clayton, ou seja, o Nick, e assim lhe concederem a liberdade condicional?

— Não é física quântica, miúda.

Nem sequer física a brincar.

Como é que a sua mãe tinha caído nas mãos daqueles idiotas?

— Tenho tudo pronto para a saída do Nick — continuou Paula. — Compramos alguns quadros para as paredes, procuramos os móveis certos. O Nick tem muito olho para essas coisas. Não me passaria pela cabeça escolher nada sem o consultar primeiro.

Andy lembrou-se da frieza da casa de Paula. Vinte anos na prisão e pelo menos uma década em liberdade, e continuava à espera de que Clayton Morrow lhe dissesse o que tinha de fazer.

— Foi o Nick quem te meteu nisto? — perguntou, e de repente lembrou-se de uma coisa que Paula tinha dito. — Foi por isso que não me mataste, não foi? Porque sou filha dele.

Ela sorriu.

— Acho que não és tão parvinha como pareces.

Andy ouviu um telefone vibrar.

Paula rebuscou nos sacos e encontrou o telemóvel partido. Piscou-lhe um olho antes de atender.

— O que foi, cabra desmiolada? — Levantou as sobrancelhas. — Motel Porter. Sei que o conheces bem. Quarto 310.

Andy viu-a fechar o telefone.

— Vem para cá?

— Já cá está. Imagino que deve ter usado o cacau dos Queller para alugar um avião privado. — Paula levantou-se e ajeitou a pistola que tinha à cintura. — Estamos em Valparaíso, Indiana. Achei que querias conhecer o lugar onde nasceste.

Andy já tinha mordido a língua até a deixar em carne viva. Agora, começou a morder o interior da face.

— A cabra desmiolada da tua mãe armava-se demasiado em fina para ser considerada uma presa vulgar. O Edwin conseguiu que a metessem na prisão do condado de Porter. Esteve na solitária o tempo todo, mas o que é que isso importa? Antes disso do que levar uma facada nas costas de uma gaja qualquer só porque lhe disseste que tinha o cu gordo.

O cérebro de Andy não conseguia assimilar tanta informação ao mesmo tempo.

— E a...?

Paula tirou o lenço e meteu-lho bruscamente na boca.

— Desculpa lá, miúda, mas não me quero distrair com as tuas parvoíces. — Pôs-se de joelhos e abriu a algema debaixo da mesa. — Mete o braço direito aqui em baixo.

Andy esticou os dois braços para a base da mesa e Paula fechou as algemas.

— Hum — murmurou Andy, tentando falar. O lenço oprimiu-lhe a garganta. Tentou expulsá-lo com a língua.

— Se a tua mãe fizer o que tem de fazer, não te acontece nada. — Paula tirou um rolo de corda de estendal do saco. Amarrou os seus tornozelos à perna da cadeira. — Isto é para o caso de te lembrares de fugir.

Andy começou a tossir. Quanto mais lutava para expulsar a mordaza, mais se metia para dentro.

— Sabias que o teu tio, aquele que morreu, uma vez tentou enforcar-se com isto? — Voltou a rebuscar no saco de plástico. Tirou uma tesoura nova e abriu o embrulho com os dentes. — Não, imagino que não saibas. Ficou com uma cicatriz no pescoço, aqui. — Apontou para o pescoço com a ponta da tesoura, mesmo por baixo de um grupo de sinais escuros.

Andy desejou-lhe um cancro de pele.

— Dessa vez o Jasper salvou-o. — Paula cortou o extremo da corda. — O Andy tinha de estar sempre a ser salvo. Que curioso que a tua mãe te tivesse posto o nome dele.

Laura não gostava de lhe chamar Andy, como se chamava o seu irmão morto. Fazia uma careta contrariada sempre que tinha de lhe chamar assim e não Andrea.

Paula voltou a verificar as algemas, e depois os nós, para se assegurar de que estavam bem atados.

— Bom... vou mijar. — Meteu a tesoura no bolso de trás. — Não faças nenhuma palermice.

Andy esperou que a porta da casa de banho se fechasse. Depois, procurou alguma palermice que pudesse fazer. O telemóvel continuava sobre a mesa. Não podia usar as mãos, mas sim a cabeça. Tentou empurrar a cadeira para a frente, mas sentiu um ardor tão intenso que uma onda de vômito lhe subiu pela garganta.

A mordaça impedia o refluxo.

Ora bolas.

Percorreu o quarto com o olhar, do chão ao teto. Um balde de gelo e vários copos de plástico em cima da secretária, por baixo da televisão. Várias garrafas de água. Um caixote do lixo. Rodeou com as mãos o pé da mesa e tentou levantá-la. Demasiado pesada. Ainda para mais, ela tinha uma bala enfiada dentro do corpo. Mesmo que conseguisse aguentar a dor e levantar a mesa, cairia de bruços porque tinha os tornozelos atados à cadeira.

Ouviu o autoclismo. Ouviu a água da toneira a correr. Paula saiu com uma toalha nas mãos. Atirou-a para cima da mesa da televisão. Em vez de se dirigir a Andy, sentou-se à beira da cama e pôs-se a ver televisão.

Andy apoiou a testa na mesa. Fechou os olhos. Sentiu que um gemido lhe vibrava na garganta. Tudo aquilo era demasiado para ela. Sufocava-a como um peso insuportável.

Mike era polícia.

A sua mãe era uma testemunha protegida.

O seu pai biológico era o líder de uma seita assassina.

Edwin Van Wees estava morto.

Clara Bellamy...

Ainda lhe ecoava nos ouvidos a pancada surda que tinha posto fim ao grito

de Clara.

O clique, clique, clique, clique do cilindro do revólver.

A bailarina e o advogado tinham cuidado dela durante os seus dois primeiros anos de vida, e não guardava nem uma única lembrança deles.

Ouviu um barulho no corredor.

Sentiu um baque no coração. Levantou a cabeça.

Bateram duas vezes à porta, fez-se silêncio e voltaram a bater.

Paula suspirou.

— A tua mãe acha-se muito esperta, chega antes do previsto.

Desligou a televisão e levou um dedo aos lábios como se Andy pudesse fazer outra coisa a não ser ficar em silêncio.

Paula tinha a pistola na mão quando abriu a porta.

Mãe.

Sem poder evitá-lo, Andy começou a chorar. O alívio que sentiu foi tão grande que achou que o coração lhe ia explodir.

Olharam-se nos olhos.

Laura negou com a cabeça uma só vez, mas Andy não entendeu o que queria dizer.

Não faças nada?

Isto é o fim?

Paula apontou à cara de Laura com a arma.

— Entra. Depressa.

Laura apoiou-se pesadamente na bengala de alumínio ao entrar no quarto. Trazia o casaco sobre os ombros e estava abatida. Parecia frágil, como uma mulher com o dobro da sua idade.

— Estás bem? — perguntou a Andy.

Ela assentiu em silêncio, alarmada com o aspeto de fragilidade da sua mãe. Tinha tido quase uma semana para recuperar das feridas. Estava outra vez doente? A ferida da perna ou o corte da mão tinham infetado?

— Onde é que estão? — Paula pôs-lhe o cano da pistola na nuca. — Os papéis. Onde é que estão?

O olhar de Laura permaneceu cravado em Andy. Era como um raio *laser* que as unia. Andy recordava aquele mesmo olhar de quando estavam no hospital e as enfermeiras a levavam de cadeira de rodas para o bloco operatório, para a sala de raios-X ou para a quimioterapia.

Aquela era a sua mãe. Aquela mulher, aquela desconhecida, sempre tinha

sido a sua mãe.

— Vá lá — disse Paula —, onde é que...?

Laura encolheu o ombro direito e deixou o casaco cair ao chão. Levava o braço esquerdo ao peito, não preso à cintura. Tinha um monte de pastas debaixo do braço. A tala do hospital tinha desaparecido e uma avultada venda elástica envolvia a sua mão. Os dedos inchados espreitavam pela abertura, curvados como a língua de um gato.

Paula tirou-lhe as pastas e abriu-as sobre a mesa, debaixo da televisão. Continuava com a arma apontada a Laura enquanto folheava os documentos, abanando constantemente a cabeça para olhá-la como se temesse que se atirasse a ela.

— Estão todos aqui?

— Estão os suficientes — respondeu Laura sem desviar o olhar de Andy.

O que é que estava a tentar dizer-lhe?

— Abre as pernas. — Paula revistou-a desajeitadamente com a mão, apalpando-lhe o corpo de alto a baixo. — Tira a faixa.

Laura não se mexeu.

— Já! — ordenou Paula num tom de nervosismo que Andy lhe ouvia pela primeira vez.

Estava assustada? Era possível que aquela megera temerária tivesse medo de Laura?

— Tira isso! — repetiu, em tensão, enquanto mudava de postura apoiando o peso do corpo num pé e no outro. — É para hoje, cabra desmiolada.

Com um suspiro, Laura apoiou a bengala na cama. Levou a mão ao pescoço. Encontrou o fecho de velcro e tirou a faixa de tecido que lhe imobilizava o braço com muito cuidado. Manteve a mão vendada afastada do corpo.

— Não tenho nenhum microfone.

Paula levantou-lhe a blusa e passou-lhe um dedo pela cintura.

Laura olhou para a filha nos olhos. Voltou a negar com a cabeça uma só vez.

Porquê?

— Senta-te na cama — ordenou Paula.

— Já tens o que me pediste — replicou Laura num tom sereno, quase com frieza. — Deixa-nos ir embora e mais ninguém ficará ferido.

Paula pôs-lhe o cano da pistola na cara.

— Aqui a única que vai ficar ferida és tu.

Laura assentiu a olhar para Andy, como se estivesse à espera daquilo. Por fim pousou o olhar em Paula.

— Eu fico. Deixa-a ir-se embora.

Não!, quis gritar, mas a voz ficou presa na garganta. Lutou furiosamente para se livrar da mordada. *Não!*

— Senta-te.

Paula empurrou Laura para trás. A sua mãe não se conseguiu equilibrar só com um braço e caiu de lado. Andy viu como o seu rosto se retesava de dor.

A ira apoderou-se dela como uma febre. Começou a rosnar, a bufar, a fazer todo o barulho de que era capaz.

Paula afastou a bengala de alumínio com um pontapé.

— A tua filha vai ver-te morrer.

Laura não disse nada.

— Toma isto. — Paula atirou-lhe o rolo de corda.

Laura apanhou-o com uma mão. Olhou para Andy. Depois voltou a olhar para Paula.

O quê?, quis gritar Andy. *O que é que devo fazer?*

Laura levantou o rolo de corda.

— Para que é isto? Para me assustares?

— É para te atar como um porco e te esventrar.

Esventrar?

Andy encaixou o peito na aresta da mesa e começou a puxar as algemas. A dor era quase insuportável, mas tinha de fazer alguma coisa.

— Para com isto, *Penny*. — Laura deslizou para a beira da cama. — O Nick não ia querer que...

— Que caralho sabes tu do que o Nick quer ou não quer? — Paula tremia de fúria, agarrada à arma com as duas mãos. — Tu, e esse teu sangue-frio, grande filha da puta.

— Fui sua amante seis anos. Tive uma filha dele. — Laura apoiou os pés no chão. — Achas mesmo que ele ia querer que a sua filha presenciasse o assassinato da própria mãe?

— Devia dar-te um tiro e já está — replicou Paula. — Vês o meu olho? Vês o que me fizeste?

— A verdade é que estou bastante orgulhosa disso.

Paula bateu-lhe na cara com a pistola. Ouviu-se um barulho surdo. Andy

sentiu um choque no estômago ao ver que Laura lutava para se manter direita.

Paula levantou de novo a arma.

Andy fechou os olhos com força, mas ouviu o horrível ranger do metal ao atingir o osso. Estava outra vez na quinta. Edwin tinha morrido. Clara gritava e depois...

Clique, clique, clique, clique.

O cilindro do revólver a rodar.

Abriu os olhos.

— Filha da puta. — Paula voltou a bater a Laura na cara. A pele estava rasgada. Sangrava da boca.

Mãe! O seu grito ouviu-se como um grunhido. *Mãe!*

— Isto vai de mal a pior — disse Paula. — Acalma-te.

Mãe!, gritou Andy. Olhou para Laura e depois para a pistola. Depois, outra vez para Laura.

Pensa!

Porque é que Paula ameaçava esventrá-la? Porque é que não tinha disparado a Clara na quinta? Porque é que não lhes tinha já dado um tiro?

Aquele *clique, clique* que tinha ouvido na quinta era o barulho que Paula tinha feito ao comprovar se restavam cartuchos no revólver.

Estava sem balas.

Mãe! Sacudiu a cadeira tão violentamente que começou de novo a sangrar da ferida. Sentiu a mesa a espetar-se no peito. Rodou os pulsos tentando levantar as mãos para que a sua mãe as visse.

Olha para mim!, tentou dizer-lhe forçando as cordas vogais para chamar a sua atenção.

Laura foi vítima de mais uma pancada. Inclinou a cabeça, atordoada pela tarefa.

Mãe! Sacudiu a mesa ainda com mais força. Tinha os pulsos em carne viva. Mexeu as mãos freneticamente, tentando atrair o olhar de Laura.

— Vá lá, miúda — disse Paula. — A única coisa que vais conseguir é cair da cadeira.

Andy grunhiu e sacudiu as mãos com tanta força que ficou com as algemas encastradas na pele.

Olha para mim!

Com penosa lentidão, Laura reparou por fim nas mãos da sua filha.

Quatro dedos levantados à esquerda. Só um na direita.

O mesmo número de dedos que Laura tinha mostrado a Jonah Helsing no restaurante.

Por isso é que ainda não apertaste o gatilho. Porque só te resta uma bala.

Enquanto Laura olhava para ela, Andy levantou o polegar da mão esquerda.

Seis dedos.

Seis balas.

A pistola estava descarregada.

Laura ergueu-se na cama.

A sua recuperação repentina apanhou Paula desprevenida. Era mesmo aquilo de que Laura estava a precisar.

Pegou na pistola com a mão direita, virou a esquerda no ar e desferiu-lhe uma pancada em plena traqueia.

Tudo parou.

Nenhuma das duas se mexeu.

O punho de Laura continuava colado ao pescoço de Paula.

Paula agarrava-se com força ao braço de Laura.

Um relógio fazia tiquetaque em algum ponto do quarto.

Andy ouviu uma espécie de gorgolejar.

Laura afastou a mão ferida.

Um fio vermelho correu sobre o colarinho da camisa de Paula. Tinha a garganta aberta, a pele ostentava uma ferida em forma de meia-lua.

O sangue pingava da lâmina de barbear que Laura segurava entre os dedos.

Se fizeres mal à minha filha, corto-te o pescoço.

Por isso é que sua mãe não tinha posto a tala. Precisava de ter os dedos livres para segurar a lâmina e espetá-la na garganta de Paula.

Paula tossiu, expulsando um jato de sangue pela boca. Estava a tremer, desta vez não de medo, mas sim de pura ira.

Laura inclinou-se para ela. Sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido.

A raiva cintilou nos seus olhos como uma vela. Paula voltou a tossir. Os seus lábios tremeram. Os dedos. As pálpebras.

Andy apoiou a testa sobre a mesa, alheia à carnificina que estava a acontecer à sua volta. A violência súbita já não a impressionava. Por fim entendia a expressão serena no rosto da sua mãe ao matar Jonah Helsing.

Já tinha visto tudo aquilo antes.

UM MÊS DEPOIS

*Senti uma fenda na Mente —
Como o Cérebro a se rasgar —
Tentei uni-lo — Ponto por Ponto—
Mas foi impossível de encaixar.*

*Lutei para unir a ideia de trás
com a ideia da frente —
Mas a Sequência rolou em silêncio
como um Novelo pelo Pavimento.*

Emily Dickinson

Epílogo

Laura Oliver estava sentada num banco de madeira em frente da Penitenciária Federal de Maryland. O complexo assemelhava-se a uma escola secundária de grande tamanho. O recinto contíguo, pelo contrário, parecia-se mais com um acampamento de verão para crianças. Segurança mínima e criminosos de colarinho branco na sua maioria, condenados à prisão por defraudarem fundos de investimento ou esquecerem-se de pagar impostos durante décadas. Havia campos de ténis e de basquetebol e duas pistas de atletismo. A vedação exterior não parecia incontornável. As torres de vigilância não abundavam. Muitos dos presos tinham licença para saírem durante o dia para irem trabalhar nas fábricas dos arredores.

Dada a gravidade dos seus crimes, Nick não devia estar ali. Mas sempre gostara de estar em lugares cujo acesso lhe estava vedado. Embora tivesse sido condenado por homicídio em primeiro grau pela morte de Alexandra Maplecroft e por conspiração por utilizar uma arma de destruição em massa na sua tentativa de explodir a Bolsa de Nova Iorque, o júri não só decidira não o condenar à morte, como lhe concedera a possibilidade de usufruir da liberdade condicional. Provavelmente graças a isso, tinha conseguido que o enviassem para aquela espécie de clube de campo. O aborrecimento era a principal preocupação dos presos que habitavam os módulos de telhado azulado réplicas do edifício principal.

Laura conhecia bem o aborrecimento da vida na prisão, mas não tinha vivido num ambiente tão exclusivo como Nick. Fruto do seu acordo judicial, tinha cumprido a sua sentença de dois anos de prisão na solitária. Ao princípio, pensou que fosse enlouquecer. Lamentou-se amargamente, chorou e até fez um teclado na estrutura da cama onde tocava notas que só ela conseguia ouvir. Depois, à medida que a gravidez avançava, foi sendo

vencida pelo esgotamento. Quando não dormia dedicava-se a ler. E quando não estava a ler esperava pacientemente pela hora das refeições ou, com o olhar no teto, mantinha longas conversas com Andrew que já nunca teriam pessoalmente.

Consigo ser forte. Consigo mudar isto. Consigo sair daqui.

Chorava a perda dos seus irmãos: Andrew, que morrerá; Jasper, perdido na sua própria avareza. Chorava a perda de Nick, porque o amara durante seis anos e sentia a ausência desse amor como se de um membro amputado se tratasse. Depois, quando Andrea nasceu, chorou também a ausência da sua filha.

Permitiram-lhe tê-la nos braços só uma vez antes de Edwin e Clara a levarem. Tinha perdido muitas coisas, mas perder o primeiro ano e meio da vida de Andy era a sua única ferida que nunca sararia.

Tirou um lenço de papel do bolso. Limpou os olhos. Virou a cara e ali estava Andy, a caminhar para o banco. A sua filha linda tinha os ombros muito erguidos, a cabeça bem alta. Aquela fuga pela estrada tinha-a mudado em muitos sentidos, e Laura não ainda estava acostumada. Durante muito tempo, vivera angustiada por a sua filha ter herdado todas as suas fraquezas. Agora, pelo contrário, percebia que também lhe tinha transmitido a sua resiliência.

— Tinhas razão — disse Andy ao sentar-se ao seu lado. — As casas de banho estavam nojentas.

Laura passou-lhe o braço pelos ombros e beijou-a na cabeça mesmo antes de ela se afastar.

— Mãe...

O seu tom irritado, tão normal, encheu Laura de prazer. Andy queixava-se de que a protegia demasiado desde que tinha tido alta do hospital. Desconhecia que Laura se refreava em grande medida. Se pudesse, tê-la-ia sentado no seu colo para lhe ler uma história.

Agora que sabia a verdade (ou, pelo menos, parte da verdade, a parte que ela lhe queria revelar), Andy pedia-lhe constantemente para lhe contar histórias.

— Ontem falei com as filhas da Clara — disse Andy. — Encontraram um centro especializado para pessoas com Alzheimer. Um bom lugar. Não é uma clínica lar, é antes uma espécie de comunidade. Dizem que já não pergunta tanto pelo Edwin.

Laura esfregou-lhe o ombro e tentou engolir os seus ciúmes.

— Ainda bem. Fico contente.

— Estou nervosa — disse. — E tu? Estás nervosa?

Laura abanou a cabeça negativamente, embora não tivesse a certeza.

— É um alívio já não ter o gesso — disse dobrando a mão. — A minha filha está sã e salva. O meu ex-marido voltou a falar comigo. Resumindo e concluindo, acho que tenho muitas coisas pelas quais estar feliz.

— Bem, é a isso que eu chamo uma grande finta.

Laura riu-se, surpreendida e um pouco sobressaltada por as coisas que Andy antigamente só dizia para os seus botões estarem a vir finalmente ao de cima.

— Pode ser que esteja um pouco nervosa. Foi o meu primeiro amor.

— Quase te mantou de pancada. Isso não é amor.

As Polaroids.

Andy era a primeira pessoa que lhe dizia a verdade a respeito daquela sova.

— Tens razão, querida. Não era amor. No fim já não era.

Andy apertou os lábios e pareceu hesitar. Não sabia se queria saber tudo a respeito do seu pai biológico, ou se preferia não saber absolutamente nada.

— Como é que foi a última vez que o viste?

Laura não teve de se esforçar muito para relembrar a sua comparência em tribunal como testemunha.

— Estava aterrorizada. Ele defendeu-se a si próprio no julgamento, de maneira que tinha direito a interrogar as testemunhas em audiência pública.

— Nick sempre se achava mais inteligente do que os outros. — Foram seis dias seguidos de interrogatório. O juiz pedia-me constantemente para falar mais alto porque quase só tinha um fio de voz. Sentia-me tão impotente... E depois olhava para o júri e via que não estava a acreditar na sua atuação. As vigarices são assim: requerem tempo. Os embusteiros observam e estudam as vítimas até descobrirem o que é que lhes falta, e então convencem-nas de que eles são os únicos capazes de preencherem aquele vazio.

— O que é que te faltava? — perguntou Andy.

Laura franziu os lábios. Tinha decidido poupar a filha aos pormenores dos abusos sexuais aos quais Martin a tinha submetido. Nos dias bons, até conseguia convencer-se a si própria de que o seu silêncio era pelo bem de Andy e não pelo seu próprio bem.

— Eu acabava de fazer dezassete anos quando o Andrew trouxe o Nick para casa. Tinha passado quase a vida inteira sentada ao piano, sozinha. Só ia ao colégio algumas horas, depois estudei com um preceptor e depois... — A sua voz apagou-se. — Tinha tanta vontade de que alguém me prestasse atenção... — Encolheu os ombros. — Olhando agora para trás, parece ridículo, mas foi a única coisa que ele teve de fazer para eu cair que nem uma patinha: reparar em mim.

— Era lá que ias quando desaparecias aos fins de semana? — perguntou Andy, esquecendo-se momentaneamente de Nick. — Como daquela vez que foste ao Museu Tubman e me trouxeste uma esfera de vidro com neve?

— Tinha de me reunir com o agente do WitSec, o programa de segurança para testemunhas protegidas.

— Sei o que é o WitSec. — Andy revirou os olhos. Desde a sua longa fuga pela estrada, considerava-se uma perita no sistema de justiça penal.

Laura sorriu enquanto lhe acariciava o cabelo.

— Estive quinze anos em liberdade condicional. O meu primeiro agente era muito mais descontraído do que o Mike, mas ainda assim tinha de lá ir de vez em quando.

— Cá para mim não gostas muito do Mike.

— Ele não confia em mim porque sou uma delinquente e eu não confio nele porque é polícia.

Andy deu um pontapé no chão com a biqueira do sapato. Era evidente que ainda estava a tentar reconciliar o passado sórdido de Laura com a imagem que sempre tivera da sua mãe. Ou talvez estivesse a tentar fazer as pazes com a sua própria consciência.

— Não podes contar ao Mike aquilo que se passou — lembrou-lhe Laura. — Tivemos muita sorte por ele não ter descoberto.

Andy assentiu, mas continuou muda. Já não parecia sentir-se culpada por ter matado o homem que conheciam como o *Encapuzado*, mas, tal como Laura, não se tinha perdoado por ter posto a vida de Gordon em perigo.

Na noite em que fugiu de casa, Laura tinha ficado sentada no chão do seu escritório ao lado do cadáver do *Encapuzado* à espera de que a polícia deitasse a porta abaixo e a prendesse.

No entanto, tinha ouvido vários homens aos gritos no jardim da frente.

Ao abrir a porta, encontrou Mike deitado de barriga para cima no chão. Meia dúzia de polícias apontava-lhe com as suas armas. Alguém,

provavelmente o *Encapuzado*, o tinha deixado inconsciente. Fora bem feito por andar a espiolar o seu jardim. Se Laura quisesse que os *marshals* interviessem no caso de Jonah Helsinger, ela própria teria ligado a Mike.

Mas não devia ser muito dura com Mike, se não a tinham prendido nessa noite devia-se unicamente a ele.

A mensagem de texto que Andy enviou era bastante ambígua:

419 Seaborne Avenue homem armado perigo iminente p.f. depressa.

Se Laura tinha jeito para alguma coisa era para fingir. Disse aos polícias que se tinha assustado ao ver um homem a espreitar pela janela, que não fazia ideia de que esse homem era Mike, que não sabia quem lhe tinha batido e que ignorava porque queriam entrar em sua casa, mas que sabia que tinha direito legal a impedir a entrada.

A única razão para terem acreditado nela foi porque Mike estava demasiado aturdido para a contrariar. A ambulância levou-o ao hospital e ela, Laura, esperou que amanhecesse para ligar a Gordon. Depois, esperaram juntos que anoitecesse para tirarem o cadáver de casa e deitá-lo ao rio.

Esse era o único erro que Andy não se conseguia perdoar. Matara o *Encapuzado* em legítima defesa. Mas o facto de Gordon ter de intervir para ocultar o seu crime era muito difícil de assumir.

Laura tentou aliviar a sua consciência pesada.

— Querida, o teu pai não se arrepende de nada. Disse-to mais de uma vez. Aquilo que fez foi mau, mas fê-lo por uma razão justa.

— Poderia ter problemas.

— Não os terá se todos mantivermos a boca fechada. Tens de te lembrar de que o Mike não te andava a seguir porque te queria proteger de algum perigo. Queria ver aquilo que andavas a tramar porque pensava que eu estava a infringir a lei. — Laura apertou-lhe a mão. — Está tudo bem se nos mantivermos unidos. Acredita em mim. Eu sei livrar-me de um crime.

Andy olhou-a um instante e desviou o olhar. Agora, os seus silêncios tinham significado. Já não eram um sintoma da sua indecisão. Normalmente, prenunciavam uma pergunta de difícil resposta.

Laura conteve a respiração e esperou.

Finalmente, a sua filha ia perguntar-lhe por Paula. Porque é que a tinha matado em vez de lhe tirar a pistola descarregada. Aquilo que lhe tinha sussurrado ao ouvido enquanto exalava os últimos suspiros. Porque é que lhe tinha pedido a ela para dizer à polícia que estava inconsciente no momento da

morte de Paula.

— Na arrecadação só havia uma mala — disse Andy.

Laura deixou sair o ar contido. O seu cérebro demorou um pouco a pôr termo à ansiedade e encontrar a resposta adequada.

— Achas que era a única arrecadação?

A sua filha franziu as sobrancelhas.

— O dinheiro é da tua família?

— É das casas seguras, das carrinhas. Eu não aceitaria o dinheiro dos Queller.

— A Paula disse a mesma coisa.

Laura voltou a conter a respiração.

— Mas esse também não é dinheiro sujo, dinheiro manchado de sangue? — insistiu Andy.

— É.

Tinha tentado convencer-se de que aquele dinheiro era diferente. Justificava-se a si própria argumentando que tinha direito de ficar com ele porque se sentia aterrorizada por Jasper poder persegui-la. O *nécessaire* escondido dentro do sofá. As arrecadações. Os documentos falsos pelos quais pagou ao mesmo falsificador de Toronto que fabricou as credenciais de Alexandra Maplecroft. Todas as suas atitudes obedeciam ao temor de que Jasper descobrisse onde se escondia.

E todos os seus temores eram injustificados, porque Andy tinha razão: era óbvio que Jasper não se importava minimamente com aqueles papéis. A fraude tinha prescrito há anos segundo a legislação de Illinois, e o seu pedido de desculpa público tinha-o feito subir nas sondagens para as eleições presidenciais.

Andy continuava a esgravatar com a biqueira do sapato na terra.

— Porque é que desististe?

Laura quase se começou a rir. Há tanto tempo que não lhe faziam aquela pergunta que a primeira coisa em que pensou foi: *Porque é que desisti de quê?*

— Em resumo, a resposta é que desisti por causa do Nick — disse. — Mas não é assim tão simples.

— Temos tempo, podes explicar-me demoradamente.

Laura achava que não tinha horas de vida suficientes para uma explicação tão longa, mas ainda assim tentou:

— Quando se toca música clássica, é preciso tocar as notas tal e qual como estão escritas. Há que praticar constantemente porque se perde a dinâmica, ou seja, a forma própria de expressar as notas. Embora se deixe de praticar só durante uns dias, os dedos perdem destreza. Manter essa destreza requer muito tempo. Tempo que nos afasta de outras coisas.

— Do Nick, por exemplo.

— Do Nick, por exemplo — respondeu Laura. — Nunca me pediu expressamente para desistir, mas costumava fazer comentários sobre outras coisas que podíamos estar a fazer juntos. De modo que, quando deixei a música clássica pensei que era algo que eu tinha decidido, quando na realidade foi ele quem me meteu essa ideia na cabeça.

— E depois tocaste *jazz*?

Laura sentiu que sorria. Adorava *jazz*. E apesar do tempo decorrido continuava sem conseguir ouvi-lo: era demasiado doloroso.

— No *jazz*, as notas têm menos importância, o importante é a expressão melódica. Menos ensaios, maior emoção. Na música clássica há uma parede entre ti e o público. O *jazz* é uma viagem partilhada. Não queres deixar o palco assim que o concerto acaba. E do ponto de vista técnico, o toque é completamente diferente.

— O toque?

— A forma de carregar nas teclas. A velocidade, a profundidade. É algo difícil de expressar com palavras, mas, na realidade, é aquilo que define a tua maneira de interpretar. Eu adoro fazer parte de algo tão transbordante de energia. Se soubesse o que era tocar *jazz*, não teria optado pela clássica. E o Nick também viu isso, inclusive antes de mim.

— Então também te convenceu a deixares o *jazz*?

— A decisão foi minha — respondeu Laura, porque era a verdade. Fora tudo decisão sua. — Depois comecei a trabalhar em estúdio e encontrei a forma de também adorar isso, e o Nick começou a zangar-se outra vez e... — encolheu os ombros. — Limitar-te a vida, é isso que fazem os homens como o Nick. Afastam-te de tudo aquilo que amas para que te concentres só neles — disse, e sentiu a necessidade de acrescentar: — Se os deixares.

Andy distraíra-se. Mike Falcone estava a sair do carro. Vinha de fato e gravata. No seu bonito rosto desenhava-se um sorriso enquanto se aproximava. Laura tentou ignorar a súbita animação que advertiu na sua filha. Mike era simpático, sabia rir-se de si próprio, e havia algo nele que a tirava

do sério.

Carisma.

— Que coincidência — disse Andy quando o polícia se aproximou o suficiente.

Ele apontou a orelha.

— Desculpe, não ouço. Ainda tenho um testículo alojado no canal auditivo.

Andy riu-se e Laura sentiu que o seu estômago encolhia.

— Um lindo dia para visitar um tarado — comentou ele.

— Não sejas tão duro contigo mesmo — brincou Andy com um sorriso espontâneo e descontraído que Laura não conhecia. — Está tudo bem com as tuas três irmãs mais velhas?

— Essa parte era verdadeira.

— E o teu pai?

— Isso também — respondeu ele. — Importas-te de me explicar como é que acabaste em casa da Paula Kunde? Era a inimiga número um da tua mãe.

Laura sentiu que Andy se contraía. Ela também se enervava sempre que recordava que Andy tinha ouvido a sua conversa com o *Encapuzado*. Jamais se perdoaria por ter mandado a sua filha para a boca do lobo.

Ainda assim, Andy conservou o aprumo e limitou-se a encolher os ombros.

— E os maços de notas que levavas nos bolsos? — insistiu ele. — Deram-nos muitos quebra-cabeças.

Andy sorriu, encolhendo os ombros outra vez.

Laura esperou, mas só sentiu uma intensa atração sexual entre os dois.

— Nervosa? — perguntou-lhe Mike.

— Porque é que havia de estar?

Ele encolheu os ombros.

— Não é todos os dias que nos reencontramos com um tipo que mandámos para a prisão para o resto da vida.

— Ele foi para a prisão sozinho. São vocês, grandes idiotas, que o deixam voltar a comparecer perante o júri para pedir a condicional.

— Isso não é coisa minha. — Mike apontou para a cicatriz rosada que tinha na têmpora, onde lhe tinham batido. — Continuas sem saber quem é que me deixou KO no teu jardim?

— Como é que sabes que não fui eu?

Laura sorriu porque ele também sorria.

Mike esboçou uma reverência, dando-se por vencido, e apontou para a prisão.

— As senhoras primeiro.

Caminharam à sua frente para a entrada de visitas. Laura contemplou o alto edifício, com as suas janelas de vidro reforçado protegidas com barrotes. Nick estava ali dentro e estava à espera dela. Sentiu uma espécie de tremor, após dias de incerteza. Estava preparada para aquilo?

Tinha escolha?

Endireitou os ombros quando atravessaram a porta. O guarda que veio ao encontro deles era um tipo enorme. Mais alto do que Mike, a barriga a transbordar por cima do cinto de couro negro. Os seus sapatos chiaram quando os conduziu através do controlo de segurança. Guardaram as malas e os telefones nos cacifos metálicos e, logo de seguida, o guarda levou-os por um longo corredor.

Laura tentou evitar um calafrio. Tinha a sensação de que as paredes se iam estreitando à sua volta. Sempre que uma porta ou uma grade se fechava com estrondo, era como um murro no estômago. Só tinha passado dois anos na prisão, mas a mera a ideia de voltar a estar fechada numa cela, sozinha, produzia-lhe um suor frio.

Ou será que estava a pensar em Nick?

Andy deu-lhe a mão quando chegaram ao final do corredor. Seguiram o guarda até uma saleta mal ventilada. Os monitores mostravam imagens de uma infinidade de câmaras. Seis guardas apetrechados com auscultadores ouviam as conversas que os reclusos mantinham na sala de visitas.

— Agente. — Havia um homem de pé, de costas para a parede. Ao contrário dos outros, vestia fato e gravata. Ele e Mike deram a mão. — Sou o agente Rosenfeld.

— Agente Falcone — afirmou Mike. — Esta é a minha testemunha. E a sua filha.

Rosenfeld cumprimentou-as com uma inclinação de cabeça ao mesmo tempo que tirava um estojo de plástico do bolso.

— Tem de pôr isto nos ouvidos. Estão ligados àquele recetor, com o qual gravaremos tudo aquilo que disserem, tanto a senhora como o recluso.

Laura olhou, carrancuda, para os auscultadores de plástico do estojo.

— Parecem aparelhos auditivos.

— São desenhados assim de propósito. — Rosenfeld tirou os auscultadores

e pousou-os sobre a palma da mão de Laura. — Recolhem as suas palavras através da vibração do osso mandibular. Para que possamos gravar também aquilo que Clayton Morrow disser, tem de estar perto. Na sala de visitas há muito barulho ambiente. E todos os reclusos sabem aproveitar as zonas mortas. Para que a conversa fique registada, tem de se situar a menos de noventa centímetros dele.

— Isso não é um problema.

Laura estava mais preocupada com a sua vaidade. Não queria que Nick pensasse que era uma idosa que precisava de aparelho auditivo.

— Se se sentir ameaçada — prosseguiu Rosenfeld — ou não tiver vontade de continuar, só tem de dizer a frase *Apetece-me uma Coca-cola*. Há uma máquina lá dentro. Ele não vai achar nada de estranho. Diremos ao guarda mais próximo para intervir, mas no caso de o Morrow ter uma navalha ou uma arma...

— Isso não me preocupa. Em todo o caso, usaria as mãos.

Andy engoliu audivelmente em seco.

— Não me vai acontecer nada, querida. É só uma conversa. — Laura pôs os auscultadores. Pareciam pedrinhas. — O que é que ele tem de dizer exatamente? — perguntou a Rosenfeld. — O que é que poderia incriminá-lo?

— Qualquer coisa que o aponte como instigador dos atos cometidos por Paula Evans-Kunde. Bastará que diga que foi ele quem a mandou à quinta. Não precisa de dizer que a mandou matar alguém ou sequestrar a sua filha. Isso é o melhor de tudo. A única coisa que tem de fazer é conseguir que o gravemos a atribuir-se o mérito dos seus atos.

O Nick de outrora atribuiria de boa vontade a si próprio o mérito de tudo, mas Laura ignorava se o atual aprendera a lição.

— A única coisa que posso fazer é tentar.

— Preparados — disse um dos guardas levantando o polegar. — O som chega perfeitamente.

Rosenfeld respondeu-lhe levantando por sua vez o polegar.

— Pronta? — perguntou a Laura.

Ela sentiu um nó na garganta. Sorriu a Andy.

— Sim, pronta.

— A verdade — disse Mike — é que estamos todos um bocadinho nervosos sabendo que vais estar numa sala com esse tipo.

Laura sabia que tentava tirar importância ao assunto.

— Tentaremos que não expluda nada.

Andy soltou uma gargalhada.

— Acompanho-te até à porta — disse Mike. — Não te importas mesmo que a Andy ouça a conversa?

— Claro que não.

Laura apertou a mão da sua filha apesar de sentir uma certa incerteza. Preocupava-a que Nick conseguisse atrair Andy de algum modo. E angustiava-a a sua própria sensatez. Afinal de contas, Nick tinha conseguido apanhá-la nas suas redes em múltiplas ocasiões, e ela só conseguira escapar uma vez.

— Vais sair-te lindamente, mãe. — Andy sorriu-lhe, e o seu sorriso recordou-a tanto o de Nick que Laura ficou sem respiração. — Estou aqui quando acabares. Está bem?

Laura só conseguiu assentir em silêncio.

Mike recuou para que Laura pudesse seguir o guarda por outro longo corredor. Manteve-se a uma certa distância, mas Laura ouvia os seus passos firmes atrás de si. Tocou na parede com os dedos para que as suas mãos parassem de tremer. Sentia um formigueiro no estômago.

Há um mês que se preparava para aquele momento e agora que ali estava sentia-se terrivelmente indefesa.

— Está tudo bem? — perguntou Mike fazendo um esforço evidente para a distrair. — Com a Andy, quero dizer. Está tudo bem?

— Perfeitamente — respondeu ela sem exagerar. — O cirurgião conseguiu extrair a bala quase por completo. Não vai ficar com sequelas duradouras.

Mike não estava a perguntar pela sua saúde física, mas Laura não queria falar de coisas pessoais com um homem que acabava de seduzir descaradamente a sua filha.

— Encontrou um apartamento na cidade. Talvez volte para a universidade.

— Devia ser polícia. Quando andava por aí, na estrada, demonstrou ser uma detetive estupenda.

Laura lançou-lhe um olhar venenoso.

— Prefiro trancá-la na cave antes de deixar a minha filha ser bófia.

Mike riu-se.

— Ela é adorável.

Laura tinha-se esquecido dos auscultadores. Mike estava a falar para que Andy ouvisse. Abriu a boca disposta a colocá-lo no seu lugar, mas parou de

falar ao ouvir um zumbido de conversas longínquas.

Sentiu uma opressão na garganta. Ainda se lembrava do barulho ambiente de uma sala de visitas.

O guarda meteu a chave na fechadura.

— Minha senhora... — Mike despediu-se dela com uma continência e regressou à sala de monitores.

Laura cerrou os dentes quando o guarda abriu a porta. Entrou. O guarda fechou a porta e procurou a chave da porta seguinte.

Sem conseguir evitá-lo, as mãos de Laura começaram a tremer outra vez. Aquilo era o que mais recordava da sua época na prisão: uma série de portas e de grades fechadas à chave, nenhuma das quais ela conseguia abrir sozinha.

Olhou para o teto. Rangeu os dentes com mais força. Via-se de novo na sala do julgamento, com Nick. Estava no estrado, a retorcer as mãos e a tentar não o olhar nos olhos porque sabia que, caso se permitisse essa fraqueza, ir-se-ia abaixo e tudo teria acabado.

Vende-o.

O guarda abriu a porta. O barulho das conversas aumentou. Ouviu risos infantis. Raquetes a bater em bolas de *pingue-pongue*. Tocou nos auscultadores de plástico para se assegurar de que não tinham caído. Porque é que estava tão nervosa? Limpou as mãos às calças de ganga enquanto aguardava de pé junto à grade fechada, a última barreira que a separava de Nick.

Parecia-lhe tudo um erro.

Sentiu vontade de rebobinar o dia e começar de novo. Tinha-se negado a arranjar-se para a ocasião, e agora arrependia-se de ter escolhido umas calças de ganga azuis e uma camisola preta simples. Deveria ter posto uns saltos altos. Deveria ter pintado os cabelos brancos. Deveria ter-se maquilhado com mais esmero. Devia sair dali, mas então a grade abriu-se e, ao virar uma esquina, viu-o.

Estava sentado a uma mesa, ao fundo da sala.

Levantou o queixo em jeito de cumprimento.

Laura fingiu não perceber, fingiu que não lhe tremia o coração, que não lhe vibravam os ossos dentro do corpo.

Estava ali por causa de Andrew, cuja morte devia ter algum significado.

E por causa de Andrea, que por fim tinha conseguido dar rumo à sua vida.

E por si própria, porque queria que Nick soubesse que, finalmente, tinha

conseguído fugir às suas garras.

Entreviu movimentos, fugazes como faíscas, enquanto atravessava sem pressa a espaçosa sala diáfana. Pais com uma farda caqui a pegar nos seus filhos. Casais que falavam baixinho de mãos dadas. Dois advogados a falar em sussurros. Crianças a brincarem num recanto isolado. Duas mesas de pingue-pongue ocupadas por adolescentes de aspeto risonho. Câmaras a cada três metros, microfones que sobressaíam do teto, guardas posicionados junto das portas, a máquina de *Coca-cola*, a saída de emergência.

Nick estava sentado a uns metros de distância. Laura olhou para além dele, incapaz ainda de enfrentar o seu olhar. O seu coração saltou ao ver o piano vertical que havia na parede do fundo. Um Baldwin Hamilton modelo escolar de nogueira. Faltava-lhe a tampa do teclado. As teclas estavam gastas. Deduziu que raramente tocavam. Estava tão abstraída a contemplar o piano que quase não via Nick.

— *Jinx?*

Tinha as mãos juntas sobre a mesa. Estava, coisa estranha, exatamente igual ao que se recordava. Não no julgamento, nem quando tentou estrangulá-la na casa de banho da quinta, mas sim no andar de baixo do barracão. Quando Alexandra Maplecroft ainda estava viva. Quando as bombas ainda não tinham rebentado. Quando desabotoou a parca azul-escura e a beijou na cara.

Suíça.

— Deveria chamar-te Clayton? — perguntou ela, incapaz ainda de olhar para ele de frente.

Ele indicou-lhe que se sentasse do outro lado da mesa.

— Meu amor, tu podes chamar-me como quiseres.

Laura quase se engasgou, envergonhada porque o som suave da sua voz ainda a conseguia comover. Sentou-se. Mediu com o olhar o espaço que os separava. Menos de noventa centímetros, sem dúvida. Juntou as mãos sobre a mesa e por um momento permitiu-se o prazer de olhá-lo na cara.

Continuava a ter uma cara muito bonita.

Um pouco enrugada, sim, mas não demasiado. Conservava toda a sua energia.

Carisma.

— Agora chamas-te Laura? — perguntou com um sorriso satisfeito. Sempre gostara que olhassem para ele de perto. — Por causa da nossa

heroína de Oslo?

— Escolheram ao acaso — mentiu ela, pousando o olhar para além dele, na parede e depois no piano. — O sistema de proteção de testemunhas não te permite impor condições. É pegar ou largar.

Ele mexeu a cabeça como se os detalhes não lhe interessassem.

— Não mudaste nada.

Laura tocou nervosamente no cabelo grisalho.

— Não te envergonhes, meu amor. Favorece-te. Mas é lógico: tu fazias sempre tudo com elegância.

Por fim, olhou-o nos olhos.

Os reflexos dourados da sua íris formavam um desenho tão reconhecível para ela como as estrelas. As suas longas pestanas. O brilho do seu olhar, entre o curioso e o assombrado, como se ela fosse a pessoa mais interessante que tinha conhecido.

— Esta é que é a minha rapariga! — disse.

Laura lutou para se sobrepôr à emoção que se apoderou dela, aquele inexplicável acesso de desejo. Ser-lhe-ia tão fácil cair de novo no seu turbilhão como se tivesse outra vez dezassete anos e o seu coração se escapasse a voar do peito como um balão cheio de ar quente.

Foi ela a primeira a afastar o olhar, a pousá-lo atrás dele, no piano.

Recordou a si própria que do outro lado do corredor, naquela salinha escura, Andy estava a ouvir tudo aquilo que diziam. E também Mike. E o agente Rosenfeld. E os seis guardas com os seus auscultadores e monitores.

Ela já não era uma adolescente solitária. Tinha cinquenta e cinco anos. Era mãe e empresária, tinha sobrevivido a um cancro.

Aquela era a sua vida.

Não Nick.

Pigarreou.

— Tu também estás igual.

— Por aqui não há muito stresse. Planificam tudo por mim. Eu só tenho de aparecer. Mas ainda assim... — Inclinou a cabeça e olhou para a sua orelha. — A idade é o castigo cruel da juventude.

Laura tocou no auscultador e disse, mentindo sem esforço:

— Tantos anos de concertos acabaram por passar a fatura.

Ele estudou atentamente o seu rosto.

— Sim, ouvi falar disso. Algo relacionado com as células nervosas.

Laura compreendeu que estava a pô-la à prova.

— As células ciliadas do ouvido médio. Convertem os sons em sinais elétricos que se encarregam de ativar os nervos. Se não acabarem destruídas pelo estrondo da música, claro.

Nick pareceu aceitar a explicação.

— Diz-me, meu amor, está tudo bem?

— Está tudo bem. E contigo?

— Bom, estou na prisão. Não soubeste o que aconteceu?

— Acho que vi nas notícias.

Ele inclinou-se sobre a mesa.

Laura recuou, como se uma cobra a tivesse assustado.

Nick sorriu. O brilho dos seus olhos converteu-se em labareda.

— Só queria ver se te tinha ficado alguma marca.

Ela levantou a mão esquerda para lhe mostrar a cicatriz que a faca de Jonah Helsingher lhe tinha deixado.

— Um gesto à Maplecroft, hã? — perguntou ele. — Com um pouco mais de sorte do que a dessa pobre velha.

— Preferia que não brincasses sobre a mulher que assassinaste.

O seu riso soou quase triunfante.

— Foi homicídio, não assassinato. Mas, entendo-te perfeitamente.

Laura juntou as mãos por baixo da mesa, obrigando-se fisicamente a recuperar o controlo.

— Imagino que viste o vídeo do restaurante.

— Sim. E a nossa filha. É linda, *Jinx*. É parecida contigo.

O coração de Laura acelerou violentamente. Andy estava a ouvi-los. O que pensaria daquele elogio? Perceberia que Nick era, apesar de tudo, um monstro? Ou a sua lábia torná-lo-ia num ser até certo ponto normal aos olhos da sua filha?

— Soubeste da Paula? — perguntou.

— A Paula? — Ele negou com a cabeça. — Não me diz nada.

As mãos de Laura voltaram a tremer e de novo obrigou-se a parar.

— A *Penny* — disse.

— Ah, sim. A querida *Penny*. Que soldado tão leal. Mas sempre embirrou contigo, não foi? Suponho que é indiferente quão deslumbrante é a personalidade de cada um. Há sempre adversários.

— Odiava-me.

— Sim, com efeito. — Encolheu os ombros. — Julgo que tinha um pouco de ciúmes. Mas para quê falar dos velhos tempos quando estávamos a dar-nos tão bem?

Laura vacilou, tentando encontrar algo para dizer. Não podia continuar assim. Tinha ido ali com um só propósito, e estava-lhe a fugir entre os dedos.

— Sou terapeuta da fala.

— Eu sei.

— Trabalho com pacientes que... — teve de parar para engolir em seco. — Queria ajudar as pessoas. Depois do que fizemos. E, quando estava na prisão, o único livro que tinha era um manual sobre fala...

Nick interrompeu-a com um grunhido.

— Sabes uma coisa? É uma pena, *Jinx*. Antes gostávamos de falar um com o outro, mas mudaste. És tão... — Pareceu procurar o termo adequado. — da classe média.

Laura começou-se a rir porque saltava à vista que Nick pretendia que fizesse o contrário.

— *Sou* da classe média. Queria que a minha filha tivesse uma vida normal.

Queria que a corrigisse, que lhe dissesse que Andy também era filha dele, mas ele respondeu:

— Parece fascinante.

— É, de facto.

— Para além disso, casaste com um tipo negro. Muito cosmopolita da tua parte.

Um tipo negro.

Há um milhão de anos, o agente Danberry usara aquelas mesmas palavras para descrever Donald DeFreeze.

— Divorciaste-te — prosseguiu Nick. — O que é que aconteceu, *Jinx*? Pôs-te os cornos? Foste tu que lhos puseste? Sempre foste caprichosa.

— Não sabia aquilo que tinha — afirmou ela, consciente de que estavam aa ouvi-los numa sala longínqua. — Achava que estar apaixonada significava estar sempre em grande expectativa. Paixão, fúria, discutir e fazer as pazes.

— E não é isso?

Ela negou com a cabeça. Pelo menos aprendera aquilo com Gordon.

— É ir despejar o lixo e poupar para as férias. Assinar as notas do colégio e lembrar-se de comprar leite antes de voltar para casa.

— Acreditas mesmo nisso, *Jinx* Queller? Não tens saudades da emoção?

Da paixão? De foder como loucos?

Laura tentou não corar.

— O amor não te mantém em estado de agitação constante. Dá-te paz.

Ele apoiou a testa na mesa e fingiu risonar.

Ela riu-se sem querer.

Nick abriu um olho e sorriu-lhe.

— Tinha saudades desse som.

Laura olhou para o piano, atrás dele.

— Soube que tiveste cancro da mama.

Ela negou com a cabeça. Não ia falar disso com ele.

— Lembro-me da sensação de meter os teus seios na boca — acrescentou.

— Como gemias e te retorcias quando te lambia no meio das pernas. Alguma vez pensas nisso, *Jinx*? Em como estávamos bem juntos?

Laura olhou-o fixamente. Andy já não a preocupava. O defeito fatal de Nick tinha assomado a sua cara feia. Passava sempre das marcas.

— Como é que consegues suportar isso? — perguntou.

Ele franziu uma sobrancelha. Tinha voltado a captar o seu interesse.

— A culpa, quero dizer — prosseguiu ela. — Por matares pessoas. Por piores tudo isso em andamento.

— *Pessoas*? — perguntou ele, porque o júri tinha-se mostrado dividido a respeito da sua participação no atentado de Chicago. — Diz-me tu, meu amor. O Jonah Helsinger. Chamava-se assim, não era? — Esperou que Laura assentisse em silêncio. — Cortaste-lhe o pescoço, embora na televisão tenham desfocado essa parte.

Ela mordiscou o interior da cara.

— Como é que consegues aguentar? Como é que te sentes por teres matado um rapaz?

Laura permitiu que uma parte minúscula do seu cérebro pensasse no que tinha feito. Era duro. Durante muito tempo, tinha conseguido enfrentar cada dia apagando da sua mente o dia anterior.

— Lembras-te da cara da Laura Juneau? Em Oslo?

Nick fez um gesto afirmativo com a cabeça e de repente ela ficou assombrada por ele ser a única pessoa viva com quem podia falar de um dos acontecimentos fundamentais da sua existência.

— Parecia quase em paz quando apertou o gatilho — disse. — As duas vezes. Lembro-me de que me perguntei como é que o tinha feito. Como é que

tinha conseguido desligar a sua humanidade. Mas acho que aquilo que aconteceu na realidade foi que a ligou e não ao contrário. Achas que faz sentido? Aquilo que ia fazer parecia-lhe bem, não lhe causava qualquer inquietação. Por isso é que parecia tão serena.

Ele voltou a franzir as sobrancelhas e, desta vez, Laura compreendeu que estava à espera que fosse ao cerne da questão.

— Durante um tempo neguei-me a ver o vídeo do restaurante. Depois, por fim, dei-me por vencida e vi-o, e a minha cara tinha exatamente a mesma expressão do que a da Laura. Não achas?

— Sim — respondeu ele. — Eu também reparei.

— Faria qualquer coisa para proteger a minha filha. Qualquer coisa.

— A pobre *Penny* descobriu-o da pior maneira — afirmou Nick e, franzindo as sobrancelhas, esperou pela sua reação.

Laura não mordeu o isco apesar de ainda lhe parecer sentir o sangue quente de Paula a escorrer pela mão.

— Viste o Jasper nas notícias? — perguntou.

Nick riu-se.

— Sim, vi-o a pedir desculpas de cá para lá. Sabes uma coisa? Pode ser uma crueldade, mas gosto que tenha ficado tão gordo.

Laura não se mexeu.

— Imagino que tenha sido uma espécie de reencontro familiar, não foi? Encheste as tuas contas bancárias com o dinheiro procedente dos cofres dos Queller?

Ela não respondeu.

— Para dizer a verdade, é um verdadeiro prazer ver o comandante Jasper pessoalmente sempre que peço a condicional. Explica com tanta eloquência como perdeu a família toda por minha causa...

— Sempre gostou de falar em público.

— Nisso saiu ao Martin, calculo eu — disse Nick. — Surpreendeu-me muito que o Jasper se tornasse liberal. Quase não suportava que o Andrew fosse drogado, mas quando soube que era uma bicha louca... — Passou a mão pelo pescoço como se sentisse a cortá-lo. — Ui, desculpa, recordei-te a *Penny*?

Laura sentiu que ficava com a boca seca. Tinha baixado a guarda e Nick atacou logo.

— Pobre Andrew, sempre tão desesperado — prosseguiu ele. — Deste-lhe

uma boa morte? Valeu a pena escolhê-lo a ele, *Jinx*?

— Rimo-nos de ti — afirmou ela porque sabia que era a maneira mais fácil de o magoar. — Por causa dos envelopes. Lembras-te dos envelopes? Aqueles que dizias que tinha de mandar a todas as delegações do FBI e aos principais jornais?

Nick contraiu o maxilar.

— O Andrew riu-se quando os mencionei. E não é de estranhar. Nunca foste bom a acabar o que começavas, e é uma pena, porque, se tivesses cumprido a tua palavra, o Jasper teria passado uma longa temporada na prisão e tu estarias em liberdade condicional, a escolher móveis com a *Penny*.

— Móveis? — perguntou ele.

— Li as cartas que trocavam.

Nick franziu uma sobancelha.

O diretor da prisão e os agentes que viam o seu correio não se tinham dado conta de nada porque ignoravam o código criptografado.

Ela, pelo contrário, conhecia-o.

Nick tinha-a feito memorizar tudo.

— Continuavas a dar-lhe falsas esperanças. Dizendo-lhe que estariam juntos se encontrasses uma maneira de sair daqui.

Ele encolheu os ombros.

— Palermices que se dizem. Não achava que fosse fazer nada. Sempre foi um pouco louca.

Mike tinha dito que seria assim que um júri veria as coisas. Nick sempre fora precavido, inclusive quando escrevia em código.

Só é paranoia se não tens razão.

— Quando isso tudo começou — disse ela —, não me ocorreu que tu estivesses por trás. — Devia ter cuidado com aquilo que dizia a respeito do *Encapuzado*, porque Mike faria perguntas, mas ainda assim queria que Nick soubesse. — Nem sequer me passou pela cabeça.

Agora foi ele quem contemplou a sala por cima do seu ombro.

— Pensei que era o Jasper — prosseguiu Laura —, que me tinha visto no vídeo do restaurante e vinha atrás de mim. — Fez uma pausa, escolhendo as suas palavras com muito cuidado. — Fiquei petrificada quando ouvi a voz da *Penny* ao telefone, na quinta.

Ele sempre fora bom a ignorar aquilo que não lhe agradava. Apoiou os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos.

— Fala-me da pistola, *Jinx*.

Ela balbuciou, desconcertada pela mudança de assunto.

— Que pistola?

— O revólver que a Laura Juneau encontrou colado com fita adesiva na parte de trás da sanita, aquele que usou para matar o teu pai. — Piscou-lhe um olho. — Como é que chegou a Oslo?

Laura percorreu a sala com o olhar. Olhou para as câmaras presas à parede, os microfones que sobressaíam do teto, os guardas posicionados nas portas. Sentiu os seus nervos crispados.

— Só estamos a ter uma conversa, meu amor — disse Nick. — O que é que te preocupa? Há alguém a ouvir?

Laura apertou os lábios. A mesa contígua à sua tinha ficado vazia. Só se ouvia o bater constante da bola de pingue-pongue a ecoar de um lado para o outro da mesa.

— Meu amor — insistiu ele —, a nossa visita vai acabar assim tão rápido? — Estendeu-lhe as mãos. — Aqui podemo-nos tocar.

Laura olhou fixamente para as suas mãos. Tal como a sua cara, pareciam quase suspensas no tempo.

— Jane?

Sem pensar, esticou as mãos e entrelaçou os dedos com os dele. A ligação foi instantânea: uma ficha a deslizar numa tomada de corrente. O seu coração inflamou-se e quase começou a chorar ao sentir que aquela energia magnética que tão bem conhecia fluía de novo através do seu corpo.

O facto de Nick conseguir desarmá-la com tanta facilidade era desolador.

— Conta-me — disse ele inclinando-se sobre a mesa.

Colou a cara à de Laura e a sala de visitas pareceu desvanecer-se. Laura estava de novo na cozinha, a ler uma revista. Ele entrava, beijava-a sem dizer uma palavra e afastava-se.

— Se falares baixinho — disse Nick —, não te conseguem ouvir.

— Ouvir o quê?

— De onde é que tiraste a pistola, Jane? Aquela que a Laura Juneau usou para matar o teu pai. Eu não ta dei. Não soube nada disso até ela a tirar da mala.

Laura fixou o olhar no piano, por trás dele. Ainda não tinha tocado para Andy. Primeiro, a sua mão ferida tinha-lho impedido, e depois a sua ansiedade.

— Querida — sussurrou ele —, fala-me do revólver.

Laura afastou o olhar do piano. Olhou para as suas mãos entrelaçadas. As suas pareciam envelhecidas, as suas rugas eram mais pronunciadas. Tinha artrite nos dedos. A cicatriz da faca de Jonah Helsinguer continuava vermelha e irritada. A pele de Nick, pelo contrário, estava tão macia como sempre. Laura lembrou-se de como aquelas mãos acariciavam o seu corpo. A delicadeza com que lhe tocavam. As suas carícias íntimas, vagarosas, na curva das costas. Fora o primeiro homem com quem fizera amor. E tinha-lhe tocado como ninguém lhe tocara antes, nem depois.

— Conta-me — disse ele.

Não tinha outro remédio a não ser dar-lhe aquilo que queria. Em voz muito baixa, disse:

— Comprei a pistola em Berlim por oitenta marcos.

Nick sorriu.

— Apanhei... — calou-se, sentindo uma pressão na garganta. Quase sentia o cheiro a fumo do bar clandestino ao qual Nick a mandou. Os motoqueiros a lamberem os lábios. A olharem para ela com lascívia. Tocavam-na. — Apanhei o avião em Berlim Leste, porque lá havia menos medidas de segurança. Levei a pistola para Oslo. Meti-a no saco de papel. Colei-a à parte de trás da sanita para que a Laura Juneau a encontrasse.

Nick sorriu.

— E a boa da Laura não hesitou, hã? Foi magnífico.

— Mandaste a *Penny* à procura dos papéis do Jasper?

Ele tentou afastar-se, mas ela segurou-lhe as mãos.

— Querias os papéis da caixa metálica. Pensavas que podias usá-los para conseguir a condicional. Mandaste a *Penny* procurá-los.

Compreendeu pelo seu sorriso que ele se tinha fartado daquele jogo. Nick retirou as mãos. Cruzou os braços sobre o peito.

Ainda assim, Laura continuou a tentar:

— Sabias aquilo que a *Penny* ia fazer? Sabias que ia sequestrar a minha filha? Tentar matar-me? — Esperou, mas ele não disse nada. — A *Penny* matou o Edwin. E bateu tanto na Clara que lhe partiu o maxilar. Achas bem que ela tenha feito isso, Nick? Era isso que querias?

Ele virou a cabeça. Tirou um fiapo imaginário das suas calças.

Laura sentiu uma opressão no estômago. Sabia a cara com que Nick ficava quando se fechava. O seu plano não tinha funcionado. Os agentes da polícia.

Os auscultadores. Andy à espera do outro lado do corredor. Fora tudo um fracasso porque ela não soubera dosificar a pressão.

Fizera de propósito?

Sabotara tudo porque o poder que Nick continuava a exercer sobre ela era muito intenso?

Olhou para o piano almejando encontrar um jeito para que aquilo funcionasse.

— Ainda tocas? — perguntou Nick.

O seu coração saltou, mas manteve o olhar fixo no piano.

— Não paras de olhar para o piano. — Ele também se virou para o olhar.
— Continuas a tocar?

— Não mo permitem — respondeu tentando não se denunciar, e um nervo tremeu-lhe na pálpebra. — Alguém podia reconhecer o meu timbre e então...

— Terias de ir com a música para outro lado, literalmente — disse, e riu-se da sua própria piada. — Sabias, meu amor, que tenho tido aulas de piano?

— Não me digas — afirmou ela num tom sarcástico, apesar de mal conseguir respirar.

— Há anos que o piano estava a acumular pó na sala de recreio — explicou ele — e algum idiota pediu para o mudarem para aqui para que as crianças o usassem. Inevitavelmente, toda a gente assinou a petição *pelas crianças*. — Fez uma cara de chateado. — Sabes como é exasperante ouvir crianças de três anos a tocar «*Chopsticks*»?

Ela respirou rapidamente.

— Toca algo para mim — disse.

— Não, *Jinxie*. Nada disso. — Levantou-se, chamou o guarda com um sinal e indicou o piano. — A minha amiga quer tocar piano, se for possível.

O guarda encolheu os ombros, mas Laura abanou a cabeça.

— Não, não quero. Não vou tocar.

— Vá lá, minha querida. Sabes que odeio que me digas que não — disse Nick num tom de aparente brincadeira.

Laura sentiu que o antigo temor começava a aparecer. Uma parte dela seria sempre a rapariga assustada que desmaiara na casa de banho.

— Quero ouvir-te tocar outra vez, *Jinx* — insistiu ele. — Fiz-te desistir uma vez. Não te consigo convencer a voltar?

As mãos tremeram-lhe no regaço.

— Não toco desde... desde o que aconteceu em Oslo.

— Por favor — disse Nick, mas as suas palavras não soaram a pedido. Ainda conservava aquela habilidade.

— Não...

Ele contornou a mesa para ficar a seu lado. Desta vez, Laura não se sobressaltou. Agarrou suavemente o braço dela e puxou-a com delicadeza.

— É o mínimo que podes fazer por mim. Prometo não te pedir mais nada.

Laura deixou que a puxasse. Levantou-se e, de má vontade, aproximou-se do piano. Tinha os nervos em franja pela adrenalina. De repente estava aterrorizada.

A sua filha estava a ouvir.

— Vamos, não sejas tímida. — Nick tinha-se posto em frente do guarda para que não a visse. Empurrou-a com tanta força para que se sentasse que Laura sentiu uma pontada de dor no cóccix. — Toca para mim, *Jinx*.

Os seus olhos fecharam-se involuntariamente. Sentiu o estômago oprimido. Aquela bola de medo que durante tanto tempo tinha permanecido em estado latente começava a agitar-se.

— Jane — disse Nick fincando-lhe os dedos nos ombros —, disse para tocares para mim.

Fazendo um esforço, abriu os olhos. Olhou para as teclas. Nick estava bem perto, mas não a tocava. Eram os seus dedos, cravados nos seus ombros, que tinham despertado o seu antigo temor.

— Já! — ordenou ele.

Laura levantou as mãos. Apoiou suavemente os dedos nas teclas, mas não carregou. A cobertura de plástico estava gasta e partida. Assomavam faixas de madeira, como espinhas.

— Algo alegre — disse Nick. — Rápido, antes que me aborreça.

Não ia exercitar os dedos por ele antes de se pôr a tocar. Nem sequer sabia se valia a pena tentar. Pensou em tocar algo expressamente para Andy, algum tema daqueles horríveis grupos juvenis de que tanto gostava. A sua filha passava horas a ver vídeos de *Jinx Queller* no YouTube e a ouvir as versões piratas. E a ela não lhe restava música clássica nos dedos. Lembrou-se então daquele nebuloso bar de Oslo, da sua conversa com Laura Juneau, e de repente compreendeu que as coisas deviam terminar onde tinham começado.

Respirou fundo.

Dedilhou as linhas do baixo com a mão esquerda, tocando notas que lhe eram familiares. Primeiro o Mi menor, depois o Lá, outra vez o Mi menor,

depois baixou a Ré e três Dós seguidos antes de atacar o refrão na tonalidade maior, de Sol a Ré e depois Dó, a sétima e voltou a Mi menor.

Ouviu como a canção ganhava forma dentro da sua cabeça: Ray Manzerek a dominar o baixo esquizofrénico e as partes do piano; a guitarra de Robby Krieger; John Densmore a intervir no fim com a bateria, Jim Morrison a cantar...

Love me two times, baby...

— Fantástico! — exclamou Nick levantando a voz para se fazer ouvir por cima da música.

Love me two times, girl...

Laura deixou que as suas pálpebras fechassem de novo. Atacou as três vigorosas notas da melodia. O tempo era demasiado rápido, mas não se importou. Sentia como o seu coração se preenchia. Aquele, e não Nick, tinha sido o seu primeiro amor. O simples facto de tocar outra vez era uma dádiva. Era indiferente que tivesse os dedos desajeitados e envelhecidos, que se atrasasse na *fermata*. Estava outra vez em Oslo. Tamborilou aquela melodia no bar. Laura Juneau tinha-se apercebido da sua essência camaleónica, fora a primeira pessoa a ver e a apreciar aquela parte do seu ser que estava em constante adaptação.

Se não pode tocar a música que as pessoas valorizam, toca a música que elas adoram.

— Meu amor.

Nick tinha aproximado a boca do seu ouvido.

Laura tentou não estremecer. Sabia desde o princípio que aquilo ia acontecer. Tinha-o sentido a aproximar-se do seu ouvido muitas vezes, primeiro durante os seus seis anos juntos, depois nos seus sonhos e, finalmente, nos seus pesadelos. E tinha rezado para que ele não conseguisse resistir, se ela conseguisse atraí-lo até ao piano.

— Jane. — Acariciou-lhe o pescoço com o polegar. Achava que o piano sufocava a sua voz. — Ainda tens medo de morrer asfixiada?

Fechou os olhos com força. Começou a marcar o ritmo com o pé, acelerou o movimento dos dedos. Era muito simples, na realidade. Daí a beleza daquela canção. Era quase como um jogo de pingue-pongue: as mesmas notas lançadas uma e outra vez para a frente e para trás.

— Lembro-me de uma coisa que disseste sobre o Andrew. Que asfixiar era como ter a cabeça metida num saco bem apertado. Vinte segundos, não é

isso?

Estava a reconhecer que era ele quem tinha mandado o *Encapuzado*. Laura começou a cantarolar a canção, confiando que a vibração do seu maxilar impedisse Mike de ouvir aquilo que dizia.

Yeah, my knees got weak...

— Tiveste medo? — perguntou Nick.

Ela negou com a cabeça e pisou o pedal para amortecer a vibração das cordas.

Last me all through the week...

— Tudo isto é culpa tua, meu amor — disse Nick. — Não vês isso?

Parou de cantarolar. Conhecia a cadência das ameaças de Nick tão bem como as notas daquela canção.

— É culpa tua o facto de ter tido de mandar a *Penny* à quinta.

A sua boca raspava-lhe o ouvido como papel de lixa, mas não se afastou.

— Se me tivesses dado aquilo que queria, o Edwin estaria vivo, a Clara não se teria magoado e a Andrea estaria a salvo. É tudo culpa tua, meu amor, porque não quiseste ouvir-me.

Conspiração.

Laura continuou a tocar apesar de o balão que tinha no coração começar a perder ar. Nick acabava de confessar que fora ele quem mandara Paula. Naquela salinha escura teriam gravado as suas palavras. Os seus dias de boa vida no clube de campo tinham terminado.

Mas ele ainda não tinha acabado.

Os seus lábios tocaram-lhe na ponta da orelha.

— Vou dar-te outra oportunidade, minha querida. Preciso que a nossa filha fale a meu favor. Que diga à comissão de liberdade condicional que quer que o seu paizinho volte para casa. Consegues que faça isso?

Apertou a sua artéria carótida com o polegar, tal como fizera ao estrangulá-la até a deixar inconsciente.

— Ou tenho de te obrigar outra vez a escolher? E desta vez não se trataria do Andrew, mas da tua linda Andrea. Seria horrível para ti perdê-la depois disto tudo. Não quero fazer mal à nossa menina, mas fá-lo-ei.

Ameaças. Intimidação. Extorsão.

Laura continuou a tocar porque Nick nunca sabia quando parar.

— Disse-te que corria este mundo e o outro até te recuperar, meu amor. Não me importo quantas pessoas tenho de mandar, nem quantas pessoas têm

de morrer. Ainda me pertences, *Jinx Queller*. Toda tu me pertences.

Esperou a sua reação sem deixar de pressionar a veia, atento a qualquer sinal revelador de pânico.

Mas Laura não sentia pânico. Sentia euforia. Estava a tocar outra vez. A sua filha estava a ouvi-la. Poderia ter parado naquele instante (Nick já se denunciara), mas não se ia privar do prazer de acabar aquilo que tinha começado. De volta a Lá, depois a Si menor e a Ré, e as três notas em Dó, e depois estava outra vez no Hollywood Bowl. No Carnegie. No Tivoli. No Musikverein. No Hansa Tonstudio. Segurava a sua bebé nos braços. Amava Gordon. Rejeitava-o. Lutava contra o cancro. Mandava Andrea embora. Via a sua filha amadurecer por fim até se tornar numa jovem interessante e cheia de vida. E agarrava-se a ela com todas as suas forças, porque não pensava voltar a renunciar a nada do que amava por causa daquele homem desprezível.

One for tomorrow... one just for today...

Tinha cantarolado muitas vezes a letra da canção quando estava na sua cela. Tinha-a tocado no teclado imaginário da estrutura da cama, tal como a tinha tamborilado sobre o balcão do bar para Laura Juneau. Inclusive naquele momento, com Nick a fazer o papel do diabo junto do seu ombro, permitiu-se o prazer de tocar a melodia até que o brusco *staccato* do final a fez parar inesperadamente.

I'm goin' away.

Pousou as mãos no regaço. Manteve a cabeça agachada.

Fez a pausa dramática do costume e depois...

Aplausos. Assobios. Saltos no chão.

— Fantástico! — gritou Nick, vaidoso pelos aplausos, como se fossem dirigidos a ele. — Esta é que é a minha rapariga, damas e cavalheiros.

Laura levantou-se, afastando-se da sua mão. Passou a seu lado, deixou para trás as mesas e a zona de brincar das crianças, e então percebeu que aquela era a última vez que via o homem que se dizia chamar Nicholas Harp.

Virou-se. Olhou-o nos olhos. Disse:

— Já não estou magoada.

Ouviu-se um último aplauso antes de a sala ficar em silêncio.

— Amor? — O sorriso de Nick escondia uma advertência feroz.

— Não estou magoada — repetiu ela. — Curei-me. A minha filha curou-me. A *minha* filha. O meu marido curou-me. A minha vida sem ti curou-me.

Ele começou a rir-se.

— Muito bem, *Jinx*. Agora vai-te embora. Tens de tomar uma decisão.

— Não — disse com a mesma determinação que tinha demonstrado três décadas antes, na quinta. — Nunca te escolherei a ti. Não me importo com as opções. Não te escolho.

Nick apertou os dentes. Laura sentiu como a sua ira se inflamava.

— Sou maravilhosa — disse-lhe.

Ele riu-se outra vez, mas na realidade não se estava a rir.

— Sou maravilhosa — repetiu ela com os punhos apertados. — Sou maravilhosa porque sou única, porque não há ninguém como eu. — Pôs a mão no coração. — Tenho talento. E sou linda. E espantosa. E encontrei o meu caminho, Nick. E é o caminho correto porque fui eu que o defini.

Nick cruzou os braços. Laura estava a envergonhá-lo.

— Logo falamos desse assunto mais tarde.

— Falamos no inferno.

Laura deu meia-volta. Atravessou o canto, parou perante a grade fechada. As mãos tremiam enquanto esperava que o guarda encontrasse a chave. O tremor subiu-lhe pelos braços, estendeu-se pelo seu tronco, introduziu-se no seu peito. Quando a grade se abriu por fim, os seus dentes batiam.

Atravessou a porta. Mais à frente havia outra, com outra chave.

Os seus dentes tilintavam como castanholas. Olhou pela janela. Mike esperava de pé entre as duas portas fechadas. Parecia preocupado.

Devia está-lo.

Sentiu uma náusea ao perceber o que acabava de acontecer. Nick tinha ameaçado Andy. Tinha-lhe pedido que escolhesse. E ela escolhera. A história repetia-se.

Não quero fazer mal à nossa filha, mas fá-lo-ei.

A porta abriu-se.

— Ameaçou a minha filha — disse a Mike. — Se vier atrás de nós...

— Nós tratamos disso.

— Não — disse Laura. — Eu trato disto. Entendido?

— Caramba! — Mike levantou as mãos. — Faz-me um favor e liga-me primeiro. Tal como me podias ter ligado antes de ires àquele hotel. Ou quando houve o tiroteio no centro comercial. Ou...

— Mantém-no afastado da minha família.

Sentiu um ardor na coluna vertebral, um aviso para ter cuidado. Mike era polícia. Tinham-na absolvido da morte de Paula, mas ela sabia melhor do que

ninguém que as autoridades encontravam sempre um jeito de te lixar a vida se quisessem.

— Mudá-lo-ão para uma prisão de alta segurança — afirmou Mike. — Não poderá escrever cartas, nem receber visitas. Poderá tomar banho uma vez por semana e apanhar ar no pátio uma hora por dia, com sorte.

Laura tirou os auscultadores e pô-los na mão. A euforia da adrenalina começava a diminuir. Os dedos já não tremiam. O seu coração já não estremecia como os bigodes de um gato. Tinha feito aquilo que se tinha proposto fazer ali. Aquilo acabara. Nunca mais teria de ver Nick.

A não ser que ela assim o decidisse.

— Tenho de reconhecer — disse Mike — que pensei que te faltava um parafuso quando me disseste que procurasse uma forma para que mudassem o piano de lugar.

Laura sabia que tinha de lhe agradar.

— Foi um truque engenhoso.

— É a primeira coisa que nos ensinam na academia: um recluso fará qualquer coisa em troca de batatas fritas. — Estava a gabar-se, de peito inchado. Era evidente que aquele jogo lhe dava prazer. — A forma como olhavas para o piano, como uma menina a olhar para um saco de rebuçados! Como soubeste preparar o terreno!

Laura viu Andy através da janela da porta. A sua filha parecia mais velha, mais adulta. Tinha a testa franzida. Estava preocupada.

— Farei o que for preciso para proteger a minha filha — disse a Mike.

— Ocorrem-me dois cadáveres que poderiam confirmá-lo.

Ela virou-se para olhar para ele.

— Pois lembra-te disso se alguma vez te ocorrer convidá-la para sair.

A porta abriu-se.

— Mãe! — Andy lançou-se nos seus braços.

— Estou bem — afirmou, apesar de que não ter a certeza de ser verdade. — Só um pouco nervosa.

— Estiveste ótima. — Mike piscou um olho a Laura como se fossem cúmplices. — Trabalhou como o Tyson. O pugilista, não o da marca de congelados.

Andy sorriu.

Laura afastou o olhar. Não suportava descobrir rastros de Nick na sua filha.

— Preciso de sair daqui — disse a Mike.

Ele fez um sinal ao guarda. Laura quase tropeçou nos sapatos do homem quando voltaram a passar pelo controlo de segurança. Esperou que Andy tirasse a sua mala, o seu telefone e as suas chaves do cacifo.

— Estive a pensar numa coisa — disse Mike, incapaz de permanecer calado. — O bom do Nick não sabia que já tinhas confessado que foste tu quem levou a pistola para Oslo, pois não? Foi por isso que passaste dois anos na prisão. O juiz manteve em segredo essa parte do teu acordo de imunidade. Não queria agravar tensões internacionais. Se os alemães soubessem que uma americana tinha passado uma pistola de contrabando do Leste para o Ocidente com intenção de cometer um assassinato, seria um sarilho dos grandes.

Laura pegou na sua mala e verificou que a sua carteira estava lá dentro.

— De modo que — prosseguiu Mike —, quando lhe disseste sobre a pistola, pensou que te estavas a incriminar. Mas não.

— Obrigada, Mike, por resumires aquilo que acaba de acontecer — afirmou ela, e apertou-lhe a mão. — Agora nós arranjamó-nos sozinhas. Sei que tens muitas coisas para fazer.

— Claro. Tinha pensado em comemorar, talvez com uma garrafa de *pinot*. — Piscou um olho a Laura ao mesmo tempo que estendia a mão a Andy. — Um prazer, como sempre, minha linda.

Laura não pensava ficar ali a ver como a sua filha seduzia um bófia. Seguiu o guarda até à última porta. E por fim, felizmente, estava no exterior, onde não havia fechaduras nem grades.

Respirou uma profunda lufada de ar fresco e reteve-o até que sentiu que os seus pulmões iam rebentar. Os olhos choravam com o brilho do sol. Desejou estar na praia a beber um chá, a ler um livro e a ver a sua filha a brincar entre as ondas.

Andy agarrou-se a ela entrelaçando os seus braços.

— Pronta?

— Conduzes tu?

— Odeias que conduza. Ficas nervosa.

— Uma pessoa acostuma-se a tudo.

Entrou no carro. Ainda tinha a perna dorida pelas feridas do restaurante. Levantando o olhar, contemplou a prisão. Embora naquele lado do edifício não houvesse janelas, não conseguia abstrair-se da impressão de que Nick a estava a observar.

Na realidade, há mais de trinta anos que tinha essa impressão.

Andy saiu do parque de estacionamento de marcha-atrás. Passou pelo portão. Laura só conseguiu relaxar quando por fim entraram na autoestrada. Andy conduzia melhor desde a sua longa viagem por estrada, e só teve de conter um grito de vinte em vinte minutos, em vez de dez em dez.

— Aquilo que disse sobre amar o Gordon — disse —, era a sério. Foi a melhor coisa que alguma vez me aconteceu. Para além de ti. E não percebi a sorte que tinha.

A sua filha assentiu em silêncio. Mas a menininha que rezava para que os seus pais voltassem a ficar juntos já não existia.

— Estás bem, querida? — perguntou Laura. — Incomodou-te ouvir a sua voz ou...?

— Mãe... — Andy olhou pelo retrovisor antes de ultrapassar uma carrinha que circulava devagar. Apoiou o cotovelo na porta e pressionou os dedos nas têmporas.

Laura viu passar as árvores, esbatidas pela velocidade. Vinham-lhe constantemente à cabeça fragmentos da sua conversa com Nick, mas resistia a pensar neles. Se tinha aprendido alguma coisa, era que tinha de seguir sempre em frente. Se parasse, ele apanhá-la-ia.

— Falas como ele — afirmou Andy. E ao ver que a sua mãe não respondia, acrescentou: — Chama-te «querida» e «meu amor», como tu a mim.

— Não falo como ele. Ele é que fala como a minha mãe. — Afastou-lhe suavemente o cabelo para poder ver-lhe a cara. — Ela chamava-me sempre assim. Aquelas palavras faziam com que me sentisse querida. E não ia permitir que Nick me impedisse de dedicá-las a ti.

— *Ela sabia sempre onde estavam todas as tampas dos seus tupperwares* — citou Andy, uma das poucas coisas que, segundo Laura, resumiam a sua mãe na perfeição.

— Na verdade, sabia que o serviço de porcelana procedia dos Queller, onde se tinha fabricado o faqueiro de prata dos Logan e tantas outras coisas sem importância que lhe davam a sensação de que controlava a sua vida — disse, e acrescentou algo do qual tinha tomado consciência há pouco tempo: — A minha mãe foi tão vítima do meu pai como o resto de nós.

— Mas ela era adulta.

— Não a educaram para que se comportasse como tal. Educaram-na para ser a esposa de um homem rico.

Andy pareceu refletir sobre aquela distinção. Laura pensou que não ia fazer outra pergunta, mas disse:

— O que é que disseste à Paula quando estava a morrer?

Há tanto tempo que temia que lhe perguntasse por Paula que precisou de um momento para se recompor.

— Porque é que me perguntas isso agora? Já passou mais de um mês.

A sua filha encolheu os ombros. Mas em vez de mergulhar num dos seus longos silêncios, respondeu:

— Não tinha a certeza se me ias dizer a verdade.

Aparentando não perceber o comentário, Laura disse:

— Quase a mesma coisa que disse ao Nick. Que nos veríamos no inferno.

— A sério?

— Sim.

Não sabia porque é que as últimas palavras que dirigira a Paula acabaram por fazer parte da longa lista de fragmentos de si própria que mantinha escondida dos olhos da sua filha. Talvez fosse porque não queria pôr à prova os limites da nova ambiguidade moral de Andy. Dizer a uma chanfrada que tinha uma lâmina alojada na garganta *Agora já não vais foder com o Nick* não só era mesquinho, mas denotava ciúmes.

Certamente por isso lho tinha dito.

— Preocupa-te aquilo que fiz à Paula? — perguntou.

— Era uma pessoa má. Quero dizer que... enfim, suponho que racionalizando as coisas poderia dizer-se que ainda assim era um ser humano e que talvez houvesse outra forma de resolver a situação, mas é fácil dizer isso quando não é a tua vida que corre perigo.

A tua vida, não a minha, quis dizer Laura, porque ao esconder a lâmina na ligadura da mão tivera consciência de que ia matar Paula Evans por fazer mal à sua filha.

— Antes, na prisão, quando já vinhas embora — disse Andy —, porque é que não lhe disseste sobre os auscultadores? Que tudo aquilo que tinha dito estava gravado? Como uma espécie de *vai-te foder* final.

— Disse o que precisava de dizer — afirmou Laura, mas tratando-se de Nick nunca tinha completamente a certeza.

Tinha-se sentido tão bem ao dizer-lhe aquelas coisas na cara... E, no entanto, agora que estava longe dele, as dúvidas assaltavam-na.

O ioiô, a enrolar-se outra vez.

Andy pareceu disposta a pôr um ponto final na conversa. Ligou o rádio e passou várias emissoras.

— Gostaste da canção que toquei? — perguntou Laura.

— Sim. É um pouco antiga.

Laura levou a mão ao coração, magoada.

— Eu aprendo outra. Diz-me uma.

— Pode ser «*Filthy*»?

— E que tal uma música a sério?

Andy revirou os olhos. Carregou nos botões do sintonizador, decerto à procura de algum som que tivesse a solidez do algodão doce.

— Lamento pelo teu irmão.

Laura teve de fechar as pálpebras para conter as lágrimas que afluíram inesperadamente aos seus olhos.

— Fizeste bem — acrescentou Andy. — Defendeste-o, ficaste ao seu lado. Foi preciso muita coragem.

Laura procurou um lenço e limpou os olhos. Apesar do tempo decorrido, ainda não tinha assimilado tudo.

— Não saí do seu lado. Nem sequer quando estava a negociar o acordo com o FBI.

Andy deixou de mexer no rádio.

— Morreu uns dez minutos depois de eu assinar o acordo — acrescentou Laura. — Foi uma morte muito pacífica. Eu estava a dar-lhe a mão. Pude despedir-me dele.

Andy fungou tentando conter as lágrimas. Sempre fora muito sensível às mudanças de humor de Laura.

— Manteve-se vivo até se assegurar de que estavas a salvo.

Laura voltou a retirar-lhe o cabelo com uma carícia, pondo-lho atrás da orelha.

— É isso que gosto de pensar.

Andy limpou as lágrimas. Deixou o rádio em paz enquanto continuava a conduzir pela estrada quase deserta. Era evidente que estava a pensar em alguma coisa, mas que também preferia guardar os seus pensamentos para si.

Laura apoiou a cabeça e viu passar as árvores, tentando desfrutar daquele agradável silêncio. Desde que Andy tinha regressado, não passava uma só noite sem que acordasse ensopada num suor frio. Não sofria stresse pós-traumático, nem a preocupava que Andy corresse perigo. Rever Nick é que a

aterrorizava. Que o estratagema do piano e os auscultadores não resultassem. Que não caísse na armadilha. E que ela se metesse às cegas numa armadilha dele.

Odiava-o enormemente.

Era esse o problema.

Não se odeia tanto alguém a não ser que em parte se continue a amar essa pessoa. E esses dois extremos tinham estado sempre ligados no ADN de ambos, desde o princípio.

Durante seis anos, apesar de o amar, parte de Laura odiava Nick da forma infantil em que se odeia o que é impossível de controlar. Ele era teimoso, estúpido, e bonito, o que o escudava da carrada de erros que cometia continuamente — repetidamente os mesmos velhos erros; para quê tentar novos quando os velhos lhe serviam às mil maravilhas?

Também era charmoso. Era esse o problema. Enfeitiçava-a. Enfurecia-a. E então tornava a enfeitiçá-la ao ponto de ela não saber se Nick era a serpente ou se era ela a serpente e ele o encantador.

O ioiô, a voltar docilmente à palma da sua mão.

Por conseguinte, Nick oscilava entre o charme e a fúria, magoava as pessoas, e encontrava coisas novas que lhe interessavam mais, deixando as coisas velhas despedaçadas à sua passagem.

Jane era uma dessas coisas partidas e descartadas. Nick mandou-a a Berlim porque estava farto dela. Ao princípio, ela gozou a sua liberdade, mas em pouco tempo sentiu pânico de ele não querer voltar a aceitá-la. Suplicou-lhe, rogou-lhe, fez tudo aquilo que pôde para chamar a sua atenção.

Então Oslo aconteceu.

Então o seu pai e Laura Juneau morreram e, de repente, por magia, o charme de Nick deixou de funcionar, qual elétrico descarrilado, ou comboio sem maquinista. Os erros já não tinham perdão e, um dia, deixou de se fazer vista grossa ao segundo velho erro, e o terceiro velho erro teve consequências terríveis que culminaram no assassinato de Alexandra Maplecroft, no ditar da sentença de morte de Andrew, quase até na perda de outra vida, a sua, na casa de banho da quinta.

Inexplicavelmente, continuava a amá-lo. Talvez o amasse mais ainda, inclusive.

Nick deixara-a viver; era aquilo que dizia enquanto enlouquecia dentro da sua cela. Tinha deixado Paula na quinta para a vigiar. Pensava voltar para ela.

Levá-la para o seu sonhado apartamento na Suíça, um país sem tratado de extradição com os Estados Unidos.

E ela tinha extraído esperança daquele delírio.

Andrew estava morto, Jasper tinha desaparecido da sua vida e ela olhava fixamente para o teto da cela enquanto lhe escorriam as lágrimas pela cara, com o pescoço ainda dorido e os hematomas ainda frescos. O seu ventre ia inchando, e ela amava-o com desespero.

Clayton Morrow. Nicholas Harp. Na sua dor, pouco se importava que fosse um ou outro.

Como é que podia ser tão idiota?

Como é que era capaz de ainda amar alguém que tentara destruí-la?

Enquanto Laura estava com Nick, e esteve definitivamente com ele durante a sua longa queda em desgraça, encolerizavam-se contra o sistema que inquestionavelmente se tinha aproveitado de Andrew, de Robert Juneau, de Paula Evans, William Johnson e Clara Bellamy, de todos aqueles que acabaram por formar o seu pequeno exército. As residências assistidas. Os serviços de emergência. O manicómio. O hospital psiquiátrico. A imundície. O pessoal que negligenciava os pacientes. Os auxiliares que apertavam demais as camisas-de-força. Os enfermeiros que faziam vista grossa. Os médicos que distribuíam os comprimidos. A urina no chão. As fezes nas paredes. Os internos, os colegas prisioneiros, que insultavam, desejavam, batiam, mordiam.

O que mais excitava Nick não era a injustiça, mas sim a primeira centelha da raiva. A novidade de uma causa nova. A oportunidade de aniquilar. O jogo perigoso. O perigo da violência. A promessa da fama. Os seus nomes nas luzes da ribalta. As suas causas justas na boca de crianças em idade escolar a quem são ensinadas lições de mudança quais ladainhas:

A penny, a nickel, a dime, a quarter, a dollar bill...

Por fim, os seus atos tornaram-se do domínio público, mas não como Nick lhes tinha prometido. O depoimento de Jane Queller em tribunal revelou o plano do princípio ao fim. O treino. Os ensaios. As simulações. Jane tinha-se esquecido de quem surgiu a ideia, mas, como acontecia sempre, foi Nick quem se encarregou de disseminá-la entre todos eles, como um incêndio incontrolável que acabou por devorar as suas vidas.

O que Jane escondia, o seu único pecado inconfessável, era que fora ela que tinha ateado aquela primeira fagulha.

Bombas de tinta vermelha.

Todos combinaram que era isso que o saco de papel conteria. Era o plano de Oslo: que Martin Queller ficasse manchado pelo sangue metafórico das suas vítimas aos olhos do mundo inteiro. A célula de Paula infiltrou-se na fábrica das embalagens de tinta, nos arredores de Chicago. Nick entregou as embalagens a Jane quando ela chegou a Oslo.

Mas assim que Nick se foi embora, ela deitou-as para o lixo.

Começou tudo com uma brincadeira. Uma brincadeira que não partiu dela, mas de Laura Juneau. Andrew contou-lhe numa daquelas cartas codificadas que lhe mandava para Berlim:

A pobre Laura disse-me que oxalá encontrasse uma pistola no saco em vez da embalagem de tinta. Pelos vistos tem uma fantasia recorrente: matar o pai com um revólver como aquele que o seu marido usou para matar os seus filhos, e depois matar-se a ela.

Ninguém, nem sequer Andrew, sabia que decidira levar a brincadeira a sério. Comprou o revólver a um motoqueiro alemão naquele bar, o mesmo bar ao qual Nick a mandou mal chegou a Berlim. Aquele no qual temeu sofrer uma violação em grupo. No qual permaneceu exatamente uma hora porque Nick lhe disse que, se se fosse embora um só minuto antes, ele ficaria a saber.

Teve a pistola uma semana inteira sobre a bancada do seu apartamento, à vista, esperando que lha roubassem. Decidiu não a levar para Oslo e finalmente levou-a. Resolveu deixar o hotel e saiu com ela do quarto. Levou-a para a casa de banho das senhoras metida num saco de papel castanho. Colou-a com fita adesiva atrás da sanita como numa cena do *Padrinho*. E foi sentar-se na primeira fila para ouvir a verborreia do seu pai em palco enquanto pedia a Deus que Laura Juneau não tornasse a sua fantasia em realidade.

E também o contrário.

Nick sempre se sentira atraído pelas coisas novas e excitantes. Nada o aborrecia mais do que o previsível. Ela odiava o seu pai, mas não agira unicamente por vingança. Ansiava que Nick lhe prestasse atenção, queria mostrar-lhe que o seu lugar era perto dele. Ansiava que a violenta impressão da sua cumplicidade no assassinato de Laura Juneau fizesse Nick amá-la

outra vez.

E funcionou. E depois deixou de funcionar.

Ela sentiu-se esmagada pela culpa. Nick convenceu-a de que era num erro, e ela convenceu-se a si própria de que tudo teria acontecido da mesma forma sem a intervenção da pistola.

Mas então duvidava...

Era o esquema habitual dos seus seis anos juntos. O puxa e estica constante. O torvelinho. O ioiô. A montanha russa. Ela idolatrava-o e desprezava-o. Nick era o seu ponto fraco. Era a sua perdição. O seu tudo ou nada. Havia tantas formas de descrever aquele minúsculo fragmento de si própria que Nick podia sempre empurrar para a loucura...

Laura só fora capaz de se libertar do seu poder por outras pessoas.

Primeiro por Andrew, depois por Andrea.

Por isso Laura tinha ido à prisão nesse dia: não para castigar Nick, mas para o manter afastado de si. Para que continuasse fechado e ela pudesse ser livre.

Afinal, Laura sempre acreditara convicta e fervorosamente que a única forma de mudar o mundo passava pela sua destruição.

Agradecimentos

Muito obrigada à minha editora, Kate Elton, e à minha equipa na Victoria Sanders and Associates, que inclui, entre outros, Victoria Sanders, Diane Dickensheid, Bernadette Baker-Baughman e Jessica Spivey. São muitas as pessoas da HarperCollins International e da Morrow a quem devo agradecer: Liate Stehlik, Heidi Richter-Ginger, Kaitlin Harri, Chantal Restivo-Alessi, Samantha Hagerbaumer e Julianna Wojcik. O meu agradecimento também se dirige a todas as filiais maravilhosas que visitei no ano passado e aos amigos com os quais partilhei uns dias em Miami. Incluo também Eric Rayman no alinhamento da equipa: obrigada por tudo aquilo que fazes.

O trabalho de documentação deste livro conduziu-me por caminhos muito diversos, alguns dos quais acabei por não incluir no romance. Há, não obstante, inúmeras pessoas que foram cruciais e me ajudaram a entender e espelhar certos estados de espírito e sentimentos. A minha boa amiga e colega Sara Blaedel pôs-me em contacto com Anne Mette Goddokken e Elisabeth Alminde, que me facultaram informação sobre a Noruega. Outra escritora e ótima amiga, Regula Venske, falou-me da Alemanha; lamento muito que só um por cento da conversa fascinante que tivemos em Düsseldorf tenha acabado por fazer parte do relato. Elise Diffie ajudou-me com certas referências culturais. Estou muito grata tanto a Brandon Bush como a Martin Kearns por me permitirem entrever como é a vida de um pianista profissional. O meu mais sincero agradecimento a Sal Towse e Burt Kendall, meus queridos amigos e especialistas em São Francisco.

Sarah Ives e Lisa Palazzolo ganharam os respetivos concursos cujo prémio consistia em que os seus nomes aparecessem no meu próximo livro. Adam Humphrey, espero que estejas a desfrutar do teu galardão.

Ao meu pai: muitíssimo obrigado por tomares conta de mim quando me

debato com a angústia de escrever e de tentar lidar com a vida. E, por fim, graças a DA, meu amor, por também seres ninguém.